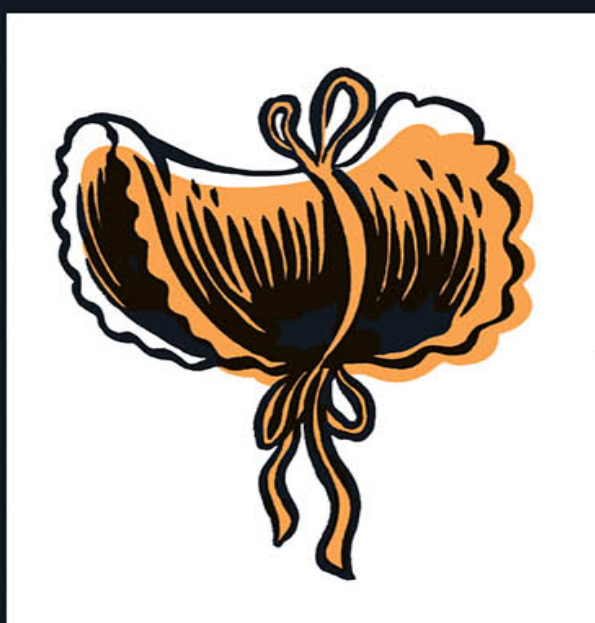
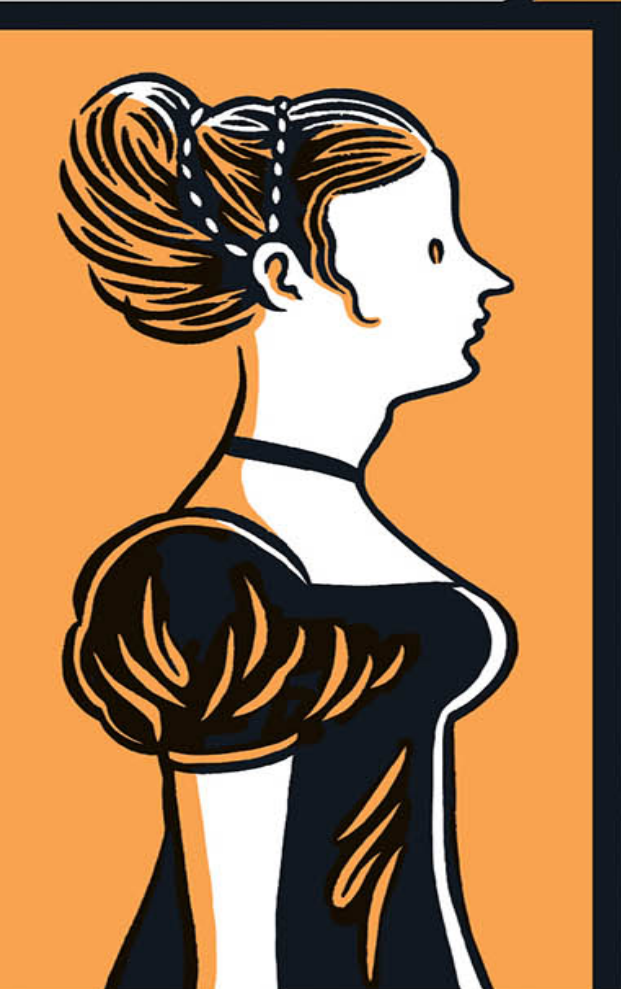




P E N G U I N  C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

JANE AUSTEN

Mansfield Park





MANSFIELD PARK

JANE AUSTEN nasceu em 16 de dezembro de 1775 em Steventon, perto de Basingstoke, no sul da Inglaterra. Sétima filha do pároco local, ali morou até 1801, quando o pai se aposentou e a família se mudou para Bath. Após a morte do pai, em 1805, Jane se mudou com a mãe e a irmã; em 1809, instalou-se com elas em Chawton, perto de Alton, em Hampshire, onde permaneceu, com exceção de algumas viagens a Londres, até maio de 1817, quando se mudou para Winchester, a fim de ficar perto de seu médico. E ali morreu em 18 de julho de 1817.

Extremamente modesta em relação ao próprio talento, definiu seu trabalho para o sobrinho, Edward, como “um pedaço de marfim (cinco centímetros de espessura) que escovo muito bem para produzir pouco efeito depois de muita labuta”. Quando era menina, escrevia contos e paródias de romances populares. Publicou suas obras só depois de muita revisão e viu impressos apenas quatro de seus romances: *Razão e sensibilidade* (1811), *Orgulho e preconceito* (1813), *Mansfield Park* (1814) e *Emma* (1815). Outros dois romances — *A abadia de Northanger* e *Persuasão* — foram publicados postumamente, em 1817, com uma nota biográfica redigida por seu irmão, Henry Austen, que foi o primeiro anúncio formal de sua identidade como autora. Jane Austen escreveu *Persuasão* às pressas, em 1815-6, em função de sua saúde precária. Deixou ainda duas obras anteriores: a novela epistolar *Lady Susan* e o romance inacabado *The Watsons*. Quando faleceu, estava trabalhando em mais um romance, *Sanditon*, do qual sobrevivem fragmentos.

HILDEGARD FEIST é formada em Letras Neolatinas pela antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, cursou Mass Media in Society na American University, em Washington, DC, onde morou em 1969-70, e trabalhou durante quinze anos na extinta Abril Cultural, redigindo e, depois, editando fascículos. Desde 1986, traduziu, sobretudo do inglês, mas também do francês, do espanhol e do italiano, mais de cinquenta livros, a maioria sobre história contemporânea, história da arte e história das religiões e quase todos para a Companhia das Letras. É autora de paradidáticos sobre história da arte, publicados pela Editora Moderna, e de adaptações de clássicos ingleses para o público juvenil, publicadas pela Editora Scipione.

KATHRYN SUTHERLAND é professora de literatura inglesa no St. Anne's College, em Oxford. Publicou vários trabalhos sobre obras de ficção e não ficção do Iluminismo escocês e do Romantismo. Suas edições incluem *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*, de Adam Smith; *Redgauntlet*, *The Bride of Lammermoor*, de Walter Scott, e *A Memoir of Jane Austen and Other Family Recollections*, de James Edward Austen-Leigh, uma coletânea de biografias de Jane Austen escritas por parentes que a conheceram.

TONY TANNER foi membro do King's College, em Cambridge, e professor de literatura inglesa e americana na Universidade de Cambridge. Lecionou nos Estados Unidos e na Europa, por onde viajou muito. Escreveu muitos livros, como *The Reign of Wonder* (1965); *City of Words* (1970); *Contract and Transgression: Adultery and the Novel* (1980); *Jane Austen* (1986); *Scenes of Nature, Signs of Men* (1987); *Venice Desired* (1992); *Henry James and the Art of Non-Fiction* (1995) e *The American Mystery* (2000). Faleceu em dezembro de 1998.

CLAIRE LAMONT foi responsável pelo estabelecimento do texto das obras de Jane Austen lançadas pelo selo Penguin Classics.

JANE AUSTEN

Mansfield Park

Tradução de
HILDEGARD FEIST

Prefácio e notas de
KATHRYN SUTHERLAND

Introdução de
TONY TANNER



Sumário

Os romances de Jane Austen no selo Penguin Classics

Prefácio — Kathryn Sutherland

Introdução — Tony Tanner

Nota sobre o texto

MANSFIELD PARK

Volume I

Volume II

Volume III

Notas

Cronologia

Outras leituras

Em memória de Mary Lascelles
estudiosa de Austen

1900-95

K. S.

Os romances de Jane Austen no selo Penguin Classics

CLAIRE LAMONT

O texto dos romances de Austen lançados pelo selo Penguin Classics baseia-se nas primeiras edições e foi reeditado. O texto de quatro romances baseia-se necessariamente na primeira edição: no caso de *Orgulho e preconceito*, Austen vendeu os direitos autorais ao editor responsável pelo lançamento e não participou da preparação das duas outras edições publicadas durante sua vida; *Emma* não chegou a ter uma segunda edição na Inglaterra enquanto a autora vivia; quanto a *A abadia de Northanger* e *Persuasão*, foram publicados postumamente. Já *Razão e sensibilidade* e *Mansfield Park* tiveram uma segunda edição, da qual Austen participou. Todas as reimpressões desses romances feitas até agora têm como base a segunda edição, mas o selo Penguin Classics retoma o texto da primeira edição de ambos.

Os editores trabalharam com exemplares da primeira edição gentilmente fornecidos pela Bodleian Library, de Oxford. Adotaram uma política de intervenção mínima, limitando-se, basicamente, a corrigir erros de pontuação e falhas que poderiam comprometer o entendimento ou a coerência, mesmo levando em consideração o uso histórico. Ajudou-os nisso toda uma tradição de estudos de Austen. A primeira edição dos romances de Austen que examinou os textos minuciosamente foi *The Novels of Jane Austen*, elaborada por R. W. Chapman (Clarendon, 1923, 5 v.). Essa edição pioneira foi revisada nas várias reimpressões, e todas as edições recentes baseiam-se no texto de Chapman ou lhe devem algo. Os editores da Penguin trabalharam a partir das primeiras edições, mas, ao tomar suas decisões sobre

passagens obscuras e ambíguas, tiveram em mente comentaristas anteriores. O maior deles é R. W. Chapman, mas também houve críticos e leitores comuns que de quando em quando questionavam alguns trechos e sugeriam emendas.

Os romances de Austen foram publicados originalmente em três volumes (com exceção de *A abadia de Northanger* e *Persuasão*, lançados juntos em quatro volumes). Para sinalizar a distribuição original dentro desta edição, o cabeçalho da página à esquerda informa o volume e o número do capítulo da primeira edição e o cabeçalho da página à direita traz o número do capítulo em sequência numérica contínua.

A base bibliográfica desta edição é David Gilson, *A Bibliography of Jane Austen* (Clarendon, 1982).

Prefácio*

KATHRYN SUTHERLAND

FANNY: “*Mas deve ser porque sou diferente dos outros*”.

EDMUND: “*Por que você diz isso?*”.

(v. II, cap. III)

Mansfield Park é o primeiro romance que Jane Austen concebeu, escreveu e publicou em sua maturidade. Teve início em 1813 e foi concluído no verão. Os dois romances publicados anteriormente — *Razão e sensibilidade* em 1811 e *Orgulho e preconceito* em 1813 — foram concebidos na década de 1790, quando a autora tinha vinte e poucos anos. *A abadia de Northanger*, publicada postumamente em 1817, também data dessa época e foi vendido à editora Crosby and Co. em 1803. Enquanto nessas três obras, apesar da postura antijacobina, os críticos detectaram uma nota de humor, espontaneidade e compaixão condizente com suas origens pós-revolucionárias, os escritos maduros de Austen no período da Regência parecem assumir um tom mais contido, sardônico em vez de espirituoso; parecem recomendar cautela e ponderação; parecem até encarnar um espírito implacável. Publicado em 1814, *Mansfield Park* inaugura essa mudança e ainda inspira desconfiança em críticos e leitores que, no entanto, acatam o que acham, ao mesmo tempo, novo e familiar em *Emma* (1815) e *Persuasão* (1817). O programa ideológico do romance mais cerebral e programático de Austen é opressivo e intrigante, insistente e difícil de entender. O status problemático de *Mansfield Park* — equivocadamente rotulado como o romance mais experimental e moderno de Austen ¹ — tem sido racionalizado na melhor tradição literária inglesa: desde muito concorda-se que essa é sua obra mais complexa e profunda e a mais difícil de se gostar.

Relato altamente moralizante de peripécias familiares, *Mansfield Park* gira em torno de poder (e impotência), de dependência (e independência) no âmbito da família. Em alguns sentidos evidentes, parece uma complexa continuação de *Orgulho e preconceito*. A mobilidade social das irmãs Bennet — que vêm a ser um amálgama de comércio e pequena nobreza —, em especial a fácil incorporação de Elizabeth Bennet na aristocracia através do casamento com Darcy, converte em comédia uma integração de poderosos e humildes que na sombria rede de relações de *Mansfield Park* por pouco não acarreta a destruição da própria família. O romance tem início “há cerca de trinta anos”, ou seja, por volta de 1783, quando Sir Thomas Bertram, um baronete, de Mansfield Park, em Northamptonshire, esposa a não muito rica srta. Maria Ward, uma de três irmãs. Em seguida, mostra como as irmãs se distinguem entre si por suas escolhas matrimoniais — em desespero de causa, uma (a mais velha) se casa com um clérigo amigo de Sir Thomas (o reverendo sr. Norris), enquanto a outra (a srta. Frances) elege, para desagrado da família, um tenente da Marinha sem nenhuma perspectiva de sucesso (o sr. Price). Há nessas escolhas uma identidade entre fato e personagem típica do conto de fadas, demonstrando que para as mulheres o casamento é determinante. Também é significativo que, embora *Mansfield Park* seja um estudo do poder patriarcal, as primeiras páginas indicam que o poder será exercido num contexto de ascensão e queda de mulheres. O que nos interessa no desenrolar da trama é a trajetória social e moral da geração seguinte de mulheres, às quais a breve história das irmãs Ward fornece alguns precedentes.

A discussão sobre a ida de Fanny Price, filha da imprudente Fanny Ward, para Mansfield Park enfatiza o grau de integração que ela poderá esperar — até que ponto sua recontextualização erradicará suas “opiniões tacanhas” e suas “maneiras vulgares”, tornando-a igual às primas, as jovens Bertram; e até que ponto sua desigualdade deve ser ao mesmo tempo temida (“se ela tiver mau gênio”, v. I, cap. I) e mantida (“como [...] fazê-la lembrar que não é uma srta. *Bertram*”, v. I, cap. I). Enquanto as três irmãs Ward se distinguiam apenas por suas escolhas matrimoniais, seus filhos devem ser cultural e naturalmente muito diferentes entre si. Os jovens Bertram — Tom e

Edmund, Maria e Julia — são bonitos, inteligentes, socialmente seguros, “crescidos e bem desenvolvidos para a idade” (v. I, cap. II). Fanny Price, a parente pobre de Portsmouth, é miúda, desajeitada e tímida. Já ao encerrar-se o primeiro capítulo, tomamos conhecimento de uma concepção intergeracional de caráter em relação com o ambiente e as circunstâncias e de um projeto calculado, ainda que bem-intencionado, para testar o potencial e os limites da reprogramação individual. Só numa segunda leitura, cientes dos desfechos, descobrimos como a verdade dessas suposições culturais e naturais repousa na sistemática demolição dos preconceitos que estão por trás.

Em *Mansfield Park* a família funciona em termos negativos e irônicos: como espaço constritivo, colocando obstáculos para a realização dos desejos de seus integrantes, e como o que, em sua ausência, constitui a única base da identidade individual. Fanny Price, que representa muitas das dificuldades do leitor com o romance, define-se em termos de uma ausência patológica de identidade familiar: onde quer que esteja, sente saudade. Quando chega a Mansfield Park, é uma tímida criança de dez anos, “com saudade da casa que deixara para trás” (v. I, cap. II); aos dezoito, volta para a família, em Portsmouth, esperando que o reencontro compense a época de abandono: “pareceu-lhe que a volta para casa curaria todas as dores causadas pela separação” (v. III, cap. VI). Quando Fanny por fim entende que não há nada em Portsmouth que possa reconhecer como “casa”, Mansfield Park se torna sua casa. Uma citação de seu poeta favorito, o igualmente tímido e apegado à família William Cowper (“A intensidade com que ele anseia por seu lar”, v. III, cap. XIV), introduz uma mudança de percepção que acaba por fortalecê-la.

Ao voltar para Mansfield com sua nova visão de lar, Fanny já não retoma seu antigo lugar à margem, já não é “a sobrinha estacionária”, mas converte-se no centro em torno do qual se reorganiza tudo que restou da despedaçada família Bertram. Para o primo Edmund ela é “Minha Fanny... minha única irmã... meu único conforto” (v. III, cap. XV); a tia, Lady Bertram, recai na habitual letargia — “Querida Fanny! Agora fico tranquila” (v. III, cap. XV) — e o tio, Sir Thomas, reconhece: “Fanny era realmente a filha que Sir Thomas queria” (v. III,

cap. XVII). Só a tia Norris vê Fanny nesse quadro de relações como “a vilã da história” (v. III, cap. XVI), a energia que lhe dá forma. Ao voltar para a família em ruínas, Fanny finalmente encontra um lar e a felicidade. Encontrar a própria paz em meio a tanto sofrimento soa como uma nota dissonante que a cumplicidade da voz narradora torna ainda mais chocante: “Tenho a satisfação de saber que, nessa época, minha Fanny era feliz, apesar de tudo. Era uma criatura feliz, apesar de tudo que sentia ou pensava que sentia pelo sofrimento dos que a rodeavam” (v. III, cap. XVII). Por que não haveria de ser feliz em meio à dor, se antes sofria em meio à felicidade e à segurança? O romance coloca várias perguntas incômodas, cujo efeito cumulativo consiste em questionar os próprios valores (tradição, estabilidade, privacidade, fidelidade) que o texto parece endossar.

Quando Fanny compreende que voltar para a casa de Portsmouth é, na verdade, exilar-se do verdadeiro lar, sua transformação se completa: ela deixa de ser vítima e se torna o principal expoente da ética de Mansfield. Seu tardio autorreconhecimento é exposto em termos de uma série de aquisições condizentes com o código econômico desse romance familiar. Com as dez libras que ganhou de Sir Thomas Bertram ao partir, Fanny trata de adquirir uma série de coisas para compensar o que lhe desagrada em seu novo ambiente. A primeira delas é um canivete de prata, que compra a amizade de suas irmãs Betsey e Susan, cuja briga pela posse de outro canivete, o pequeno legado de Mary, a irmã falecida, é uma das imagens da vida familiar mais perturbadoras que o romance nos apresenta. Porém é um incidente que Fanny reverte em seu favor: “O gesto surtiu efeito; eliminou uma fonte de desavença e proporcionou-lhe o meio de chegar ao coração de Susan e oferecer a ela mais alguma coisa para amar, mais um foco de interesse” (v. III, cap. IX). Mais tarde, Fanny e Susan apoderam-se de um quarto do andar de cima, onde se refugiam do barulho da casa e onde Fanny tenta recriar a sala leste que tinha em Mansfield, um cantinho para ler e costurar. Ela gasta mais uma parte do presente de Sir Thomas para inscrever-se na biblioteca circulante da cidade a fim de ampliar suas leituras e orientar as leituras de Susan. E isso reforça seu novo e inesperado senso de autoridade pessoal: “Inscreveu-se, admirada de fazer alguma coisa por si mesma,

admirada desse ato em todos os sentidos; poder alugar e escolher livros! E com suas escolhas poder contribuir para o aprimoramento de outra pessoa! Mas assim era”. “A riqueza é dada ao luxo e à ousadia”, a narradora comenta com ironia (v. III, cap. IX). Mais adiante, descobrimos que, desgostosa desde o início com a maneira como a mãe conduz a casa, “tinha tanta dificuldade para engolir os pudins e os guisados de Rebecca” que gasta mais uma parte de seu dinheiro com biscoitos e bolinhos que muitas vezes constituem “sua principal refeição” (v. III, cap. XI).

Definida até então por Mansfield, Fanny é motivada a reproduzir em Portsmouth os mesmos padrões de consumo. É evidente que em Portsmouth há comida suficiente, ainda que de má qualidade; pão e manteiga, queijo quente e carneiro frequentemente se alternam com os detestáveis pudins e guisados. Na verdade, o preparo e o consumo dos alimentos são importantes componentes da vida em Portsmouth, ao contrário do que eram na refinada Mansfield. Mas Fanny assimilou a tal ponto o estilo de Mansfield que, se em Portsmouth parece enjoada para comer, é unicamente por ser “delicada por natureza”: “tendo sido educada em Mansfield, era tarde demais para endurecer em Portsmouth”. Ao comentar “a fome da mente e do corpo” que castiga Fanny (v. III, cap. XI), a narradora talvez se refira menos ao perigo concreto da morte pela fome que à ausência de identificação com o novo ambiente. O que Fanny vivencia em Portsmouth é um senso de dissociação cujos sinais físicos são sintomáticos de um exílio psicológico. De que outra forma explicaríamos a visão surpreendentemente moderna que temos dela nauseada, atenta e, contudo, indiferente ante os esquálidos restos da mesa do chá em Portsmouth?

Ela permanecia sentada num calor opressivo, envolta numa nuvem de poeira em movimento; e seus olhos só conseguiam vagar das paredes marcadas pela cabeça do pai à mesa riscada pelos irmãos, onde estava a louça do chá nunca completamente limpa, as xícaras e pires mal enxugados, o leite com uma mistura de ciscos boiando na superfície meio azulada e o pão com manteiga tornando-se a cada

instante mais gorduroso do que quando saiu das mãos de Rebecca.
(v. III, cap. XV)

O final do século XVIII e o começo do XIX assistiram ao surgimento de uma sociedade de consumo que existe até hoje, e padrões e hábitos de consumo caracterizam de modos sutilmente distintos as principais famílias do romance — os enobrecidos Bertram (e sobretudo a controladora sra. Norris), os elegantes intrusos, os irmãos Henry e Mary Crawford, criados em Londres, e os vulgares Price. Segundo o teórico social Colin Campbell, “pode-se dizer que a dimensão do apego afetivo é mais fundamental para o consumo que qualquer questão de cálculo racional”.² Em *A teoria da classe ociosa* (1899), Thorstein Veblen afirma que o consumo competitivo está tão arraigado na natureza humana que a aquisição de bens como símbolos de status social pode até rivalizar com a compra de artigos de primeira necessidade; em oposição a esse argumento — desde então muito repetido —, Campbell sustenta que as mensagens emitidas pelos consumidores podem ser mais complexas do que supõe uma simples teoria da emulação. Veblen e seus seguidores “não percebem a complexidade dos simbolismos presentes em produtos e serviços ou a complexidade da dimensão pública e social do ato de consumir [...]”. Seria mais realista observar que os consumidores se esforçam para adequar seu consumo ao padrão adotado por um grupo e distingui-lo do padrão adotado por outro grupo”.³ Mais que atos de pura necessidade, utilidade ou emulação, as compras de Fanny, bem como suas preferências alimentares, são sinais urgentes de autoestima. Assim como os biscoitos e bolinhos, o desejo de orientar a irmã Susan reforça a nova condição de Fanny num momento em que suas características dolorosamente adquiridas sofrem forte pressão externa. É o ataque de Portsmouth contra as fronteiras cuidadosamente estabelecidas do eu que obriga Fanny a reconhecer a identificação desse eu com um domicílio específico e a necessidade de suas fronteiras.

O anseio do lar, que no romance de meados da era vitoriana se torna toda uma metafísica do desamparo, é, de fato, um anseio romântico. Embora o encontremos mais comumente nas tribulações e no

progresso dos heróis e heroínas órfãos de Dickens e Charlotte Brontë que estão em busca de instrução, fortuna e laços afetivos, suas raízes estão num anseio de vínculos que remonta à virada do século. (Vale lembrar que os ambientes ficcionais de Jane Eyre e Pip Pirrip, protagonista de *Grandes esperanças*, de Dickens, são contemporâneos do ambiente de Fanny Price.) Fanny é uma heroína romântica, e isso nos surpreende, porque tendemos a pensar no romantismo como um fenômeno tipicamente masculino e poético com o qual Austen pouco tinha a ver. Na intensa subjetividade que é o corolário de seu status de desajustada, em seu uso disciplinado da solidão, em seu gosto por poesia (ela cita Cowper e Walter Scott), em sua generosa contemplação da natureza (“Diante de uma noite como esta, parece impossível haver maldade ou sofrimento no mundo; e certamente haveria menos maldade e sofrimento se prestássemos mais atenção na sublimidade da natureza, se saíssemos mais de nós mesmos, contemplando uma paisagem como esta”, v. I, cap. XI), Fanny é uma legítima contemporânea de Wordsworth e Coleridge. Embora suas impressões não sejam a única chave para o leitor entrar na narrativa, sua aguda sensibilidade — em especial, sua dolorosa percepção da incomunicação entre pessoas isoladas — funciona cada vez mais como o filtro dos acontecimentos (“Eram duas sofredoras solitárias, unidas apenas pela percepção de Fanny”, v. I, cap. XVII).

A força de Fanny, como suas intuições conectivas, provém de fontes românticas — da formação, do uso criativo da memória e do poder que lhe confere o amor dos irmãos, arraigado, assim como a memória e a formação, nos “mesmos hábitos e [nas] mesmas recordações da infância” (v. II, cap. VI). O amor de Fanny por William, seu irmão de sangue, e, depois, por Edmund, seu irmão adotivo, engloba todos os outros vínculos, inclusive os conjugais (“coloca até mesmo os laços conjugais abaixo dos fraternais”, v. II, cap. VI). Como as relações entre irmão e irmã, reais ou idealizadas, dos escritores românticos — de William e Dorothy Wordsworth, de Charles e Mary Lamb, de Byron e Augusta, sua meia-irmã —, esse amor procura defensivamente estribar o social no natural e atenuar o sentimento de desamparo mediante a ideia consoladora de um eu além do eu cuja força está numa origem única.

Se há algum lugar em que Fanny se encaixa confortavelmente, é a antiga sala de aula. Barbara Hardy define a antiga sala de aula — agora a sala leste — como “o arquivo de Mansfield Park”, o centro a partir do qual se “irradiam” os temas do romance. Ali estão as plantas, os livros e os tesouros da infância de Fanny — “seu kit de sobrevivência pessoal”.⁴ Como sede material da memória de Fanny e da memória da casa, a antiga sala de aula é um local romântico, tão carregado de significado e poder restaurador quanto a paisagem acima de Tintern Abbey é para Wordsworth. Aliás, Tintern Abbey encontra um espaço na sala de aula na forma de uma transparência colada na janela. Embora não haja nenhuma indicação clara de que Fanny tivesse lido “Versos escritos algumas milhas acima da abadia de Tintern”, é improvável que uma leitora de poesia tão voraz e atualizada não conhecesse *Baladas líricas*, a coletânea recém-publicada (1798) em que se encontra esse poema de Wordsworth. Num cenário particularmente wordsworthiano, Fanny surpreende Mary Crawford ao discorrer com uma eloquência que não lhe é habitual acerca do poder que a memória exerce sobre a mente: “Se há uma faculdade de nossa natureza que podemos considerar *mais* maravilhosa que as outras, acho que é a memória [...] mas parece que nossa capacidade de lembrar e esquecer curiosamente escapa a nosso entendimento” (v. II, cap. IV). Não só a “desatenta” Mary é implicitamente repreendida, como no contexto da preocupação maior com a procura do próprio lugar no mundo os poderes seletivos da memória de Fanny (que acabam sendo sua maior estratégia de sobrevivência) são expostos a uma sutil ironia. Como sugere Isobel Armstrong, só em termos de esquecer e lembrar é possível transformar a distante Mansfield Park no lar ideal.⁵ O eu de Fanny, heroína romântica, não é imune ao que em alguns pontos parece uma crítica do Romantismo. Não fosse o fato de *O prelúdio* só ter sido publicado em 1850, embora seus treze livros estivessem concluídos por volta de 1805, seria tentador ver na capacidade de Fanny para transformar as dores da presença nas dores da ausência um comentário sobre a alma wordsworthiana “lembrando como se sentia, mas o que sentia/não lembrando...”.⁶

Em sua preocupação com a relação entre instrução, boas maneiras e senso moral, *Mansfield Park* estende as lições da sala de aula às escolhas da vida adulta e, assim, contribui para o contínuo diálogo entre educadoras da época sobre as oportunidades de estudo oferecidas às mulheres. Chamo isso de diálogo, porque os temas debatidos envolvem uma ampla gama de autoras radicais e conservadoras — Catherine Macaulay, Mary Wollstonecraft, Anna Laetitia Barbauld, Hester Chapone e Hannah More — que com frequência diferem em termos de política partidária em oposição a política sexual. Em 1790, a radical Macaulay recomendava aos pais: “Não restrinjam a educação de suas filhas ao que é visto como as partes ornamentais dessa educação”;⁷ e dois anos depois Wollstonecraft lamentava, na mesma veia radical, que, “na educação das mulheres, o cultivo do intelecto é sempre subordinado à aquisição de algum atributo físico”.⁸ Porém, da mesma forma, em *Cartas sobre o aprimoramento da mente* (1773), escritas para uma sobrinha que completava quinze anos, a mais conservadora Chapone reivindica, na oitava carta, “Sobre boas maneiras e talentos”, uma definição rigorosa das prendas femininas e conclui que, considerando a relativa pobreza das oportunidades de experiência oferecidas às mulheres, a leitura “bem escolhida e adequadamente orientada” é ainda mais necessária:

Eu recomendaria estudar principalmente *história*. Não sei de nada tão adequado para entreter e aprimorar ao mesmo tempo ou tão capaz de formar e fortalecer seu discernimento e, dando-lhe uma visão liberal e abrangente da natureza humana, suprir em alguma medida a falta dessa experiência que geralmente alcançamos tarde demais para nos ser de alguma utilidade.⁹

A princípio, pode parecer que Maria e Julia Bertram receberam uma boa instrução: seu currículo de história antiga e moderna, geografia, história natural e astronomia é recomendado por Chapone e pela liberal Barbauld, enquanto a pobre Fanny Price chega a Mansfield Park sabendo apenas “ler, costurar e escrever” (v. I, cap. II). O aprendizado das meninas Bertram consistia em memorizar tabelas, mapas e cronologias — método então em voga (recomendado por

Chapone) —, e a tia Norris elogia sua “memória prodigiosa”. Numa das muitas oposições em cujos termos o romance estabelece sua agenda moral só para depois demoli-la por meio da ironia, a tia Norris prossegue: “Existe muita diferença entre uma memória e outra, assim como em tudo; de modo que vocês devem ser indulgentes e lamentar a deficiência de sua prima” (v. I, cap. II). Mas, como estamos começando a ver, neste romance a memória encerra uma complexa variedade de significados. Por seu estudo da memória *Mansfield Park* se alinha com poetas e educadoras do Romantismo preocupados com o tema.

Em seu tratado *Educação prática* (1798), os radicais Richard e Maria Edgeworth, pai e filha, recomendam em termos seculares que se inculque nas crianças aquele “princípio ativo” (v. III, cap. XVII) cuja ausência na educação das filhas Sir Thomas Bertram mais tarde constata em termos especificamente cristãos. Os Edgeworth chamam a atenção particularmente para os limites da pura memorização de tabelas e cronologias, que constitui um abuso da memória:

Algumas pessoas veem a memória como um depósito em que desde cedo armazenamos fatos; e afirmam que, embora possam parecer inúteis na época em que são armazenados, depois estarão prontos para nos servir [...]. Em educação [...] não basta armazenar conhecimento; é essencial organizar os fatos para serem usados como material que caberá à imaginação ou ao discernimento selecionar e reunir. Nas formas comuns de educação, exerce-se demais o poder da memória retentiva e bem pouco a faculdade da memória episódica. Enquanto as crianças leem a história de reis, batalhas e vitórias, enquanto decoram quadros cronológicos e lições de geografia, sua inventividade e seu raciocínio estão absolutamente passivos; nenhum dos fatos que elas aprendem desse modo é relacionado com circunstâncias da vida real.¹⁰

Há, realmente, uma enorme diferença entre uma memória e outra, e será em termos de uma nova interpretação do conceito de lembrança não como um registro passivo, mas como um processo de discriminação seletivo e ativo, uma “capacidade de lembrar e

esquecer” (como dirá Fanny), que se revelarão os benefícios intelectuais e morais da educação. É essa discriminação — quando e o que recordar, quando e o que esquecer — que assinala a diferença entre educação como aquisição de “prendas”, que as meninas Bertram possuem, e como autoconhecimento, que só Fanny tem. Maria Bertram em especial é um exemplo perfeito de não esquecimento imprudente, e sua tenacidade faz dela uma figura trágica.

O que o relativo desenvolvimento das filhas e da sobrinha deixa cristalinamente claro para Sir Thomas é que, ao longo da vida, somos produtos do que aprendemos na infância — a chave está na criança, não na natureza. De modo geral, o tema da educação traduz a preocupação do período da Regência com aprimoramento, que em outras passagens — na apresentação dos superficiais e hedonistas Crawford e no projeto de reforma de Sotherton — concentra-se em questões de moda e consumo conspícuo e na natureza. Todavia, enquanto os mundanos Crawford serão condenados por seu irresponsável desdém da tradição e seu egoístico desejo de mudança, outra interpretação da palavra inclui o reconhecimento final do valor de Fanny Price, objeto da experiência de aprimoramento empreendida por Sir Thomas. A diferença é moral: enquanto o aprimoramento de Fanny resulta de um conhecimento interior adquirido através do sofrimento, o desejo dos Crawford de aprimorar a paisagem e as perspectivas de determinados integrantes da família Bertram se deve ao tédio e ao capricho.

É tentador atribuir a Fanny Price o status de heroína de um livro de conduta. A personagem feminina é principalmente “reservada e caseira”, afirma Hester Chapone; e, por conseguinte, moças e mulheres devem estudar basicamente o “aprimoramento e o controle do coração”.¹¹ A conservadora Hannah More concorda, propondo em *Restrições ao moderno sistema da educação feminina* (1799) a reforma da “superestrutura das prendas” a partir da “sólida base da humildade cristã”. As meninas devem aprender que “este mundo não é um palco para a exibição de talentos superficiais, mas para o estrito e sóbrio exercício da fortitude, da temperança, da mansidão, da fé, da diligência e da abnegação”.¹² Até a liberal Anna Barbauld, cujas teorias estão entre as mais avançadas, estabelece rígidos limites para

as oportunidades de educação oferecidas às meninas, afirmando que “a melhor maneira de as mulheres adquirirem conhecimento é conversando tranquilamente, no âmbito familiar, com o pai, o irmão ou um amigo e lendo os textos que eles recomendem”.¹³ Parecem os limites dos desejos atendidos de Fanny, que incluem a instrução adquirida junto a um “irmão” compreensivo e solícito, o primo Edmund.

Fanny Price continua intrigando críticos e leitores. Seu perfil psicológico está em sintonia com o debate travado no final do século XVIII e começo do XIX sobre a relação entre a natureza e o condicionamento social nas mulheres (o que hoje chamaríamos de debate sobre sexo e gênero) e os limites aceitáveis da conduta feminina em termos de autoexpressão e autocontrole. Mas se na intensidade e até mesmo na violência de seus sentimentos Fanny pode parecer herdeira de uma tradição feminina romântica e revolucionária, de heroínas como Maria, de Wollstonecraft (*Maria; ou os agravos da mulher*, 1798), é importante notar que ela internaliza e esconde suas exageradas reações emocionais. Sua herança literária mais evidente está arraigada numa feminilidade doméstica idealizada. Como Harriet Byron, em *Sir Charles Grandison* (1754), de Samuel Richardson, ela é adotada por uma família de Northamptonshire e ganha duas “irmãs” e um “irmão” pelo qual se apaixona; como Lucilla Stanley, em *Coelebs à procura de esposa* (1808), de More, ela é um modelo de delicadeza, recato e devoção feminina centrada no lar. Entre suas descendentes figuram Mary Douglas, a sensata heroína de *Casamento* (1818), de Susan Ferrier, que, como Fanny, é um exemplo do poder do condicionamento social redentor; e, mais tarde, aquelas dedicadas boas fadas da classe média presentes na ficção doméstica da era vitoriana, mulheres como Agnes Wickfield, de *David Copperfield* (1849-50), de Dickens, que, autodepreciativa e submissa, conduz o marido-“irmão” a uma vida melhor. Heroína pré-vitoriana, Fanny é descrita como “uma pessoa religiosa e dotada de bons princípios” (v. II, cap. XII), “excessivamente tímida” (v. I, cap. II), calada (v. II, cap. V), com “traços de anjo” (v. III, cap. III), “o modelo perfeito de mulher” (v. III, cap. IV), “que, firme como uma rocha em seus princípios [...] vai fazer dele [Henry Crawford] tudo que quiser” (v. III, cap. IV). Esses são

os ingredientes das heroínas sofredoras de muitos romances do final do século XIX. Mas Fanny não tem nenhum parentesco evidente na obra de Austen, que excepcionalmente não opina sobre ela em suas cartas.

O enigma que é Fanny Price tem a ver com a política oculta do romance e com o tardio reconhecimento de Sir Thomas Bertram de que a chave da “excelência” da sobrinha está em sua “consciência de que nascemos para lutar e sofrer com resignação” (v. III, cap. XVII). Espaço interiorizado minuciosamente mapeado, observadora silenciosa mas atenta de tantos acontecimentos, Fanny chegou a ser vista pelo leitor do final do século XX como a arena psíquica altamente carregada que vem a ser o “outro” lado da história. Em leituras que repolitizam o que as restritivas estratégias domésticas do romance deliberadamente despolitizam, é mais evidente o significado mais amplo de *Mansfield Park* como estudo de uma família em crise num momento histórico específico.

LADY BERTRAM: “Tomara que ele vá às Índias Orientais para me trazer o xale. Acho que vou querer dois xales, Fanny”. (v. II, cap. XIII)

O ano de 1814 assistiu à queda de Paris, à abdicação de Napoleão e, como consequência da vitória sobre a França imperial, à ascendência da Inglaterra na Europa e no cenário mundial. *Mansfield Park* é um dos três principais textos conservadores publicados nesse ano, sendo os outros *Waverley*, romance histórico de Walter Scott, e *A excursão*, longo poema filosófico em versos brancos de Wordsworth. Todos têm a ver com celebração e reconciliação. Como *Mansfield Park*, *A excursão* encontra a salvação nas tradições do cristianismo, numa filosofia do sofrimento e em comunidades isoladas — nas aldeias, não nas cidades inglesas; como *Mansfield Park*, *Waverley* postula um retorno à paz na reconstrução do lar depois das tribulações. Em todos os três, a história pressiona o presente de modo desconcertante; e todos os três tentam substituir considerações históricas por um conjunto de estratégias evasivas que transferem o público e o exterior para o pessoal e o interior: é em termos de uma reavaliação espiritual

e individual, de uma revolução moral, que se desenvolverá uma nova visão da comunidade. Portanto, todos os três representam uma tática desvinculação da história.

Em sua importante reavaliação do contexto político e intelectual da obra de Austen (*Jane Austen and the War of Ideas*, 1975; relançado em 1987), Marilyn Butler aponta *Mansfield Park* como a apologia mais explícita e funcional do conservadorismo na produção da romancista; mais recentemente, porém, Claudia L. Johnson (*Jane Austen: Women, Politics, and the Novel*, 1988) assinala que a proposta do romance é “azedar o mito conservador”.¹⁴ Na visão de Butler, a preocupação com os valores do lar e da família confere ao romance um cunho profundamente burkeano. (Em *Reflexões sobre a revolução em França*, 1790, Edmund Burke argumenta, contra a causa racional da revolução, que o Estado político avançado é um todo orgânico sustentado não pela razão, mas pela lealdade e pelo amor e comandado por um chefe de Estado que funciona como o chefe da família, com a propriedade rural ou o castelo reformado ao longo dos séculos, mas nunca demolido, simbolizando sua força.) Na revisão que Johnson faz dessa interpretação, a falida casa Bertram e a equivocada tirania paternal de Sir Thomas Bertram parodiam a tese de Burke, “questionando a eficácia moral que os burkeanos atribuem a figuras familiares”.¹⁵

O fato de *Mansfield Park* admitir as duas interpretações é uma consequência do aspecto do romance que Butler considera sua falha — ou seja, sua centralização de Fanny Price.¹⁶ Através da política pessoal de memória seletiva adotada por Fanny, a narrativa chama a atenção para as distorções da visão subjetiva, ao mesmo tempo que parece endossá-las. Cabe a Fanny eliminar essas dúvidas e críticas que emergem alhures no texto. Assim como o leitor percebe que ela não pode deixar de ser feliz em meio a tanto sofrimento, também a crença conservadora de Fanny nos valores familiares é confirmada e ao mesmo tempo subvertida no final.

O modo narrativo maduro de Austen, pelo qual uma consciência fictícia central (geralmente a da heroína) é absorvida pela voz da narradora onisciente (uma fusão de narrativas na primeira e na terceira pessoas, que os críticos chamam de “discurso indireto livre”),

é o mais sutil dos métodos. Às vezes, os pensamentos de uma potencial narradora na primeira pessoa se impõem à voz narrativa exterior; outras vezes, um irônico distanciamento atenua os erros da consciência central e o que ela traz no íntimo. Parte do desconcerto que acompanha uma leitura de *Mansfield Park* se deve às convergências e divergências das vozes narrativas onisciente e subjetiva e ao reconhecimento de que, embora se identifiquem com frequência, a voz onisciente também pode contradizer muitas interpretações subjetivas. Isso ajuda a explicar a sensação de muitos leitores de que as conclusões da narrativa não levam em conta consequências no plano humano e que, por mais feliz que seja o final para Fanny, esse é o estudo de relações mais sombrio que Austen nos deixou. Falando por tudo em *Mansfield Park* como acabam por fazer, as silenciosas intromissões de Fanny negam muita coisa.

A natureza inerentemente política da posição de Fanny permite que sua memória seletiva exerça, entre outras funções, a de freio político. Suas reflexões sobre a memória ocorrem durante sua conversa com Mary Crawford na alameda do presbitério. Fanny lembra que três anos antes “tudo que havia aqui era uma sebe rústica [...] ninguém dava nada por ela, ninguém esperava que viesse a ser alguma coisa”. Agora o que há ali é uma bela e útil alameda, cuja rusticidade original logo poderá cair no completo esquecimento — “Que maravilha é a obra do tempo! Que maravilha são as mudanças da mente humana!” (v. II, cap. IV). Como em muitas cenas deste romance ressonante, percebemos que as palavras de Fanny vão além do significado aparente. Elas nos fazem lembrar que seus modos eram “rústicos e canhestros” (v. I, cap. II) e que seus anos em Mansfield podaram (e eliminaram) as marcas de sua origem humilde. O cercado, o plantio da sebe, era uma realidade política em Northamptonshire e em toda a Inglaterra no começo do século XIX.¹⁷ A apropriação legalizada de terras públicas por uns poucos proprietários era uma forma de roubo justificada por melhorias — o cultivo mais intensivo das terras cercadas. Não é absurdo ver em Fanny, arrancada da atmosfera insurrecional de sua classe média baixa em Portsmouth e transplantada para o ambiente organizado e aristocrático de

Mansfield Park, a origem de uma política do cercado mais ampla presente no romance.

Em *Mansfield Park*, cuja premissa é o cercado, anseios e discussões de liberdade ocorrem em contextos simbolicamente restritos e moralmente carregados que predizem seu fracasso — por trás do portão de ferro e no labirinto de Sotherton, bem como no palco criado com a anexação do gabinete particular de Sir Thomas. A ação caminha para o desfecho através de uma série de confinamentos, que enganosamente anunciam futuras resoluções e ao mesmo tempo ilustram cumulativamente o tema principal — o teste e o estabelecimento de limites pessoais e éticos. Além disso, em sua mistificação moral e romântica da economia e da política, *Mansfield Park* pode ser visto como um estudo sobre o significado da família num momento em que se redefinia seu status (e sua relação com a história, com a vida pública).

Em *Mansfield Park*, a família como instituição não é mais questionada que a Igreja anglicana ou qualquer instituição social, porém, como a Igreja, tem suas falhas expostas; e, surpreendentemente para o leitor moderno, que não vê nos Bertram, nos Price e nos Crawford nenhum exemplo convincente de seus acertos, ela é reinvestida de uma quase miraculosa capacidade para ser feliz. No centro da mistificação está a própria Mansfield Park. Os críticos que consideram Sir Thomas um representante ideal ou uma paródia da autoridade paterna burkeana ignoram a ambiguidade de sua riqueza e de sua posição. Sir Thomas é baronete (título hereditário) e membro do Parlamento; mas não sabemos se é o primeiro baronete ou um de uma longa série. A informação de que Mansfield Park é uma “casa moderna” que merece figurar (mas claramente não figura) “em qualquer coleção de gravuras de mansões senhoriais existentes no reino” (v. I, cap. V) e o desejo de Sir Thomas de, através do casamento, estabelecer um parentesco com a família Rushworth, mais antiga, sugerem uma condição social recente e incerta, se não uma riqueza recente, e um desconforto em relação a essa condição. A insegurança de uma família que ainda está se constituindo pode ser a explicação para a estrita formalidade que rege a conduta doméstica de Sir Thomas e para sua particular indignação

com os deslizes morais e financeiros do primogênito. E há o problema da propriedade em Antígua, presumivelmente canavieira e suficientemente valiosa para fazê-lo empreender uma arriscada viagem em tempo de guerra. Como ação historicamente plausível, a viagem às Índias Ocidentais nessa época podia ser perigosa (havia o risco de bloqueios realizados pelos franceses e o “medo de deparar com um corsário francês” (v. II, cap. I), mas nos termos da agenda romântico-econômica do romance é eficaz. Vale observar que outras escritoras utilizam o artifício do pai ausente, tratando de negócios nas Índias Ocidentais, para se estender sobre peripécias amorosas em casa — Elizabeth Inchbald em *Uma história simples* (1791) e Amelia Opie em *Adeline Mowbray* (1804).

O que permanece intrigantemente vago ao longo do romance é a natureza da identidade familiar dos Bertram e a medida em que os detalhes dizem respeito à aparência ou à realidade das coisas. Por isso é difícil interpretar as ameaças à integridade da família. Ela pertence a uma elite proprietária de antiga cepa (como quer parecer), é linearmente organizada e exteriormente forte? Ou é uma família “nova”, dedicada ao comércio, voltada para si mesma, defensiva, ainda procurando situar-se publicamente? A confusão sobre a forma de estabelecer o valor das relações familiares — representativamente, ao longo de gerações, numa perspectiva ampla, ou em termos pessoais e num âmbito fechado — tem a ver com uma confusão mais profunda e instrutiva — entre o histórico e o doméstico — do romance como um todo.

Escrito em tempo de guerra, *Mansfield Park* medita sobre a família e o lugar da família na defesa da nação. Isso explica o peso ideológico da conversação aparentemente pessoal e o arsenal moral aparentemente excessivo que Fanny e Edmund, em particular, utilizam contra as incursões subversivas da moda, da diversão, da irresponsabilidade. Com exceção de um breve respiro em 1802, a Inglaterra lutou contra a França revolucionária e, depois, napoleônica desde 1793 até 1814 — ou seja, durante quase toda a vida adulta de Jane Austen. Rebeliões de operários nas fábricas de Yorkshire e Nottinghamshire, o assassinato do primeiro-ministro (Spencer Perceval), em 1812, a guerra com os Estados Unidos (à qual alude,

possivelmente, Tom Bertram), a campanha napoleônica na Rússia e a Guerra Peninsular compõem o contexto nacional e internacional em que *Mansfield Park* foi escrito. Em 1812-3, Frank Austen, irmão da romancista, recém-promovido a capitão da Marinha, participou de combates nos Açores e no Báltico. Vemos em *Orgulho e preconceito* que o sul da Inglaterra parecia então um acampamento militar, e essa imagem é reforçada não só pelas inúteis tentativas de manter as defesas morais em torno de Mansfield, como pela ida de Fanny para Portsmouth, porto de grande importância estratégica, no canal da Mancha, e a cidade mais fortificada do país nessa época. É no contexto das visitas aos estaleiros recém-ampliados e equipados com as máquinas modernas concebidas por Isambard Brunel, das caminhadas pelas muralhas da cidade, do culto na capela da guarnição que tem lugar o assédio de Henry Crawford ao coração de Fanny. A descrição de edifícios e panoramas de Portsmouth — as evidências de uma cidade dedicada à guerra, exemplo admirável da indústria e da tecnologia moderna — lembra o estilo de um guia turístico e, através dos laços de família da heroína — os anteriores e os renovados —, chama a atenção para a relação entre as defesas nacionais e individuais, morais e militares estabelecida pelo romance.

A maneira como interpretamos essa relação é crucial para muitas coisas e particularmente para as recentes leituras politizadas de *Mansfield Park*, entre as quais as leituras pós-coloniais que influenciaram a apreciação do romance por Edward Said em *Cultura e imperialismo* (1993) e as que foram influenciadas por ela. Desde o início, a posição de Fanny em *Mansfield Park* está vinculada aos negócios de Sir Thomas em Antígua: quando prosperam, ela é levada para morar com os Bertram; quando declinam, ele “não achava nada mau livrar-se das despesas com o sustento da menina e da obrigação de assegurar-lhe o futuro” (v. I, cap. III); mais adiante, é Fanny que questiona o tio sobre a colônia e, em especial, sobre o tráfico negreiro (v. II, cap. III). O teste da estabilidade da família, sinalizado pela ausência de Sir Thomas, parece deslocar para o âmbito doméstico suas dificuldades nos negócios: a crise familiar desencadeada pelo pai ausente absorve a crise financeira do proprietário ausente. A partir daí, o investimento que a comunidade de Mansfield se dispuser a fazer

em Fanny representará a saúde de sua contabilidade e a prosperidade de suas transações. Subsequentemente, vale notar que, se a longa ausência de Sir Thomas facilita amizades e distrações que quase acarretarão a ruína de sua família, a derrocada final ocorre durante os três meses do exílio de Fanny em Portsmouth. Como se reconhecesse que foi a ausência forçada da sobrinha, e não a sua, que precipitou o colapso, Sir Thomas encontra na união de Fanny com Edmund o retorno substancial de seus investimentos e a verdadeira regeneração da família. Investir em Fanny fora proveitoso, afinal:

Farto de parentes ambiciosos e interesseiros, valorizando cada vez mais os bons princípios e o bom temperamento e, sobretudo, ansioso para preservar a felicidade doméstica que lhe restava, avaliara com sincera satisfação a enorme possibilidade de os dois jovens amigos consolarem-se mutuamente de suas respectivas decepções [...]. Fanny era realmente a filha que Sir Thomas queria. Com sua caridade ele acabara proporcionando um excelente conforto para si mesmo. Sua generosidade era regamente compensada, e suas boas intenções em relação a ela faziam jus a essa recompensa. (v. III, cap. XVII)

Significativamente, a retórica do romance não só não ignora o componente econômico da transação metafórica, como até chama a atenção para o aumento dos bens familiares. Troca de valores apenas na aparência, o investimento na família revela, afinal, bom faro para os negócios.

Como entender substituições e deslocamentos que transferem a economia de uma fortuna familiar devida (ao menos em parte) aos canaviais e ao trabalho escravo numa distante ilha das Índias Ocidentais para um investimento aparentemente moral e mais próximo que inclui uma forma sutil de apropriação econômica (até mesmo de escravidão) da “sobrinha estacionária” (v. III, cap. XVII) — primeiro Fanny e depois Susan Price —, bem renovável com o qual a família conta para defender-se de empregados “interesseiros” (v. I, cap. XV)? Uma óbvia tentação é expor a política oculta da história de Fanny com base em seu interesse pela questão do tráfico negreiro. Mas

de que modo interpretar essas supressões: como crítica ou como apoio ao império?

Em 1805 e 1806, Frank Austen, o irmão marinheiro da escritora, realizou duas viagens às Índias Ocidentais, numa das quais visitou Antígua e se horrorizou com o tratamento dispensado aos escravos. Entre os autores favoritos de Fanny (e de Jane Austen) estão os abolicionistas Samuel Johnson e William Cowper. Embora haja divergência entre os críticos sobre a datação exata dos acontecimentos do romance (antes ou depois da lei que aboliu o tráfico negreiro em 1807), a pergunta de Fanny — “Você não me ouviu perguntar [ao tio] sobre o tráfico negreiro ontem à noite?” (v. II, cap. III) — só pode estar relacionada com um fato do momento. Porém o “silêncio sepulcral” que se segue não equivale necessariamente a uma confissão de culpa, como sugere Brian Southam¹⁸ (afinal, Edmund comenta que “seu tio teria gostado que você perguntasse mais sobre o assunto”); talvez se deva apenas ao desinteresse dos outros jovens. Não podemos ver na pergunta uma crítica ao uso (ou mesmo ao comércio) de escravos por parte de Sir Thomas; mas tampouco nos cabe imaginá-lo como antiabolicionista nos anos imediatamente anteriores ou posteriores à lei de 1807. Ao contrário: sendo uma das mais antigas colônias britânicas nas Índias Ocidentais (fundada em 1632), Antígua tinha muito a ganhar com a abolição do tráfico negreiro, que beneficiava colônias mais recentes e mais competitivas, onde as plantações menos exauridas geravam maiores lucros. Isso explica por que muitos parlamentares que tinham interesses nas Índias Ocidentais — entre eles, talvez, o fictício Sir Thomas Bertram — apoiaram a lei da abolição.¹⁹ Abolicionista ou não, o latifundiário Sir Thomas certamente tinha escravos (o trabalho escravo não constava da lei de 1807 e só foi abolido na década de 1830); implicitamente, a fortuna de Mansfield Park continua vinculada ao trabalho escravo, qualquer que seja nossa interpretação da posição final de Fanny.

Já se disse que Fanny está empenhada numa domesticação da política que inclui agenda própria e a consolidação de determinadas posições relativas a classe social e sexo. Contudo, como observa Edward Said, *Mansfield Park* também funciona como uma série de substituições pontuais que indicam outras de suas dimensões

imperiais. Para o leitor pós-colonial a geografia, tanto quanto a classe social e o sexo, implica um espaço político.

Mais claramente que em qualquer outra obra sua, Austen aqui sincroniza a autoridade doméstica e a internacional, mostrando que os valores associados com coisas mais elevadas como organização, lei e decoro devem ter por base o governo e a posse de um território. Possuir e governar Mansfield Park é, a seu ver, possuir e governar uma propriedade imperial em estreita para não dizer inevitável associação com ela. O que garante a tranquilidade doméstica e a atraente harmonia de uma é a produtividade e a disciplina da outra.²⁰

A política espacial do imperialismo não só determina o desenvolvimento do enredo de Austen e o destino de suas personagens, como transforma o próprio *Mansfield Park* “em parte da estrutura de uma empresa imperialista em expansão”.²¹ Podemos dizer que, em sua elevada posição na literatura inglesa, esse romance representa as implicações nacionais e internacionais do que sua dinâmica interna reduz a proporções individuais.

Enquanto Sir Thomas, seu primogênito e William Price viajam pelo mundo, Fanny, que “não consegue montar o mapa da Europa [e] não sabe quais são os principais rios da Rússia” (v. I, cap. II), colhe os frutos do império num espaço restrito. Numa parede da sala leste há “o pequeno esboço de um navio que William enviara do Mediterrâneo havia quatro anos” (v. I, cap. XVI), e sem sair desse espaço íntimo, pessoal, Fanny pode, como Edmund sugere, “viajar pela China” com Lord Macartney (v. I, cap. XVI). Se o impulso para o império está na novidade, em possessões distantes que representam a abertura de novos horizontes, sua justificativa está na domesticação do desconhecido, na transformação do forasteiro em local. Para isso Fanny é treinada. Como mostra seu comportamento no exílio em Portsmouth, cabe-lhe levar coisas boas para casa, fazer da bondade um bem de consumo. O que condiz com o pensamento da ideóloga conservadora (e abolicionista ferrenha) Hannah More, para quem “todo tipo de conhecimento mais adequado ao consumo interno que à

exportação é particularmente adequado para as mulheres”, porque é “mais sensato” e “mais honroso” ser “os possuidores legais de um território interno menor que os turbulentos usurpadores de um império externo mais vasto”.²²

O que Fanny domestica e confina num espaço restrito não precisa ser segredo para o leitor moderno. As leituras (sociopolíticas, pós-coloniais e feministas) que ressaltam as dimensões políticas do romance e com isso revelam ansiedades, inseguranças e segredos perturbadores por trás dos silêncios da família Bertram simplesmente expõem as estratégias de uma filosofia conservadora em cujos termos *Mansfield Park* constrói seu estudo de uma grande família aristocrática num momento de crise e reconstituição, ao iniciar-se uma nova era na história imperial da Inglaterra. Não há mais dúvida de que essa é uma construção conturbada nem de que a autorrenovação se dá através de apropriações de classe e raça. Leitores pós-imperiais, recentemente levados por nosso sentimento de culpa e nossa incerteza a atentar para as insensibilidades do império, podemos ver aqui uma origem de nossa própria ansiedade, porém devemos ter cuidado para não empreender mais uma incursão imperial — agora ao passado — e imaginar que Austen (ou Fanny Price) partilha nossas opiniões sobre essas coisas. As supressões e os deslocamentos do romance são mais complexos.

MARY CRAWFORD: “Se eu tivesse o poder de reviver uma semana de minha existência, seria aquela semana, aquela semana do teatro”. (v. III, cap. v)

Numa carta de 2 de março de 1814 para Cassandra, sua irmã, Austen escreve sobre o progresso de seu irmão Henry na leitura do ainda inédito *Mansfield Park*: “Ele admira H. Crawford — corretamente — como um homem inteligente e agradável”. Três dias depois, continua:

Henry disse que está gostando cada vez mais de meu M. P.; está no 3º volume. Acho que *agora* ele desistiu de prever o final; pelo menos ontem falou que desafiava qualquer um a dizer se H. C. se regeneraria ou esqueceria Fanny em quinze dias. Vou gostar muito

de rever Kean, e revê-lo com você; não encontrei defeito nele; e acho que representou lindamente na cena com Tubal.²³

O fluxo ininterrupto da mensagem, que passa da opinião de Henry Austen sobre Henry Crawford para a opinião da escritora sobre o desempenho do grande ator shakespeariano Edmund Kean no papel de Shylock, em *O mercador de Veneza*, confirma o que o leitor já sabe: Henry Crawford é um ótimo ator e, como sua irmã Mary, está sempre representando, mesmo quando é sincero.

O dilema que o romance coloca deve-se ao fato de que, para o bem ou para o mal, os Bertram são moralmente limitados, enquanto os Crawford são esteticamente determinados — para eles “o mundo inteiro é um palco”. É graças a sua postura estética que são uma imagem alternativa da Inglaterra nos últimos estágios das guerras napoleônicas. Seu mundo é um mundo de gostos cosmopolitas, consumo conspícuo, gratificação pessoal com melhorias, humor e dandismo — a peça de época da Regência.²⁴ Que esse mundo da Regência funciona como uma contraimagem da esfera moral (e militarmente) armada de Fanny, William e Edmund está implícito em duas grandes atuações de Henry — como ator apaixonado por Maria Bertram e, depois, como ator apaixonado por Fanny. Sua participação na produção amadora de *Juras de amor* — interpretando Frederick, filho ilegítimo de Agatha Friburg (papel de Maria) e soldado ansioso para dar baixa — permite-lhe seu primeiro desempenho como apaixonado por Maria; depois, no papel de apaixonado por Fanny, ele leva seu talento dramático para Portsmouth, praça-forte e vitrine do esforço de guerra da Inglaterra. Ao contrário de William Price, que realmente presta serviço militar (“e, ao longo de sete anos, conheceu todo tipo de perigo que o mar e a guerra podem apresentar”, v. II, cap. VI), e de Edmund, que se dedica ao serviço moral, Henry brinca de soldado e de cidadão responsável. Com sua interpretação em *Juras de amor* não só convence a si mesmo, como quase convence Fanny. A determinação com que promove a carreira naval de William Price e assume suas responsabilidades como proprietário em Norfolk dá bem a medida da sinceridade de sua atuação no palco de Portsmouth. Seu estudado interesse em mostrar que “quem manda em minhas terras

sou eu” (v. III, cap. XI) para impressionar Fanny é sério, como a escolha de palavras da narradora deixa claro:

Acabara fazendo mais bem do que esperava [...] e agora podia *congratular-se* por isso com a certeza de que, ao *cumprir* um dever, garantira para si mesmo gratas recordações. [...] Esse relato *tinha em mira* Fanny e *acertou o alvo*. Era um prazer ouvi-lo falar com tanta pertinência; nesse caso, ele *agira* como devia. (grifos meus; v. III, cap. X)

Juras de amor, a livre adaptação que Elizabeth Inchbald fez de *Das Kind der Liebe* (“O filho do amor”, ou “O filho natural”, 1791), comédia do alemão Kotzebue, é o “intertexto” mais complexo de *Mansfield Park*. Sua clara função estrutural e ideológica no romance tem sido tema de numerosas discussões por parte dos críticos. Embora acabe não sendo apresentada, a peça expõe desejos ocultos, dá forma a fantasias informes e determina um comportamento substancial pelo resto da narrativa. Através de um enredo moralizante e sensacionalista de amor ilícito, ilegitimidade e desobediência filial, a peça coloca questões que só podem ser interpretadas como subversivas da ordem e de valores estabelecidos: questões sobre o direito das mulheres de escolherem seus parceiros sexuais (e as consequências das escolhas erradas); sobre o dever do pai para com os filhos; sobre os laços naturais e contratuais no âmbito da família; e sobre direitos inatos a riqueza e posição social. Na vida como na arte, Maria Bertram/Agatha Friburg é a vítima da peça. Contudo, enquanto um implausível final de reconciliação e arrependimento aguarda as personagens-tipo de *Juras de amor*, para a seduzida e abandonada Maria não há essa confortante conclusão. Nenhum dos jovens, nem mesmo Fanny, escapa ao fascínio do teatro, mas os Bertram e os Crawford estão fadados a não se entender por causa de seus diferentes códigos morais e estéticos.

Num romance agora caracterizado por sua aparente capacidade de questionar a própria ideologia, Maria Bertram é implacavelmente sacrificada. Seu irmão Tom, que distribui os papéis da peça, considera-a “a melhor Agatha”, porque Julia “não tem nada de trágico” (v. I,

cap. XIV). Na visita a Sotherton, propriedade de seu noivo, o insípido James Rushworth, Maria pretende desempenhar o papel da anfitriã elegantemente ativa, dona de tudo que avista; mas sua sensação de “confinamento e opressão” ao esbarrar em antiquadas formalidades a faz desempenhar um papel muito diferente. Ignorando o decoro e “a permissão e a proteção do sr. Rushworth”, ela escapa do jardim com Henry Crawford para “ter mais liberdade” (v. I, cap. X). O incidente, como muitos outros no romance, encerra uma alegoria e prenuncia outros acontecimentos — nesse caso, a fuga dos dois para casarem. (Na cena do jardim em Sotherton há a óbvia referência literária a *Paraíso perdido*, de Milton, outro dos intertextos do romance.) Maria exprime sua frustração numa citação — “Não posso sair, como disse o estorninho” (v. I, cap. X) —, aludindo a um incidente de *Uma viagem sentimental através da França e da Itália* (1768), de Laurence Sterne, em que Yorick, o viajante sentimental, ameaçado de ir para a Bastilha, vê num pássaro preso uma imagem de si mesmo. Incidente e alusão se unem para revelar a enorme vulnerabilidade de Maria. Casadoira interesseira, jogando o jogo que ela pensa que entende e para o qual foi treinada desde o nascimento pela educação e pela ansiedade social do pai, o que ela não leva em conta é a força das próprias paixões. Edmund e Sir Thomas também subestimam sua capacidade de sentir (“seus sentimentos não são intensos”, v. I, cap. XII); apenas Tom percebe seu potencial, ao distribuir os papéis. Com sua paixão, suas “feições trágicas” (v. I, cap. XIV) e sua calculada “vingança” (v. II, cap. III), Maria está fadada à autodestruição. Mas ela também é jogada nas profundezas morais do romance e confinada numa definição de feminilidade que os leitores contemporâneos podem ter interpretado como um olhar crítico às heroínas turbulentas dos romances radicais da década de 1790 — heroínas como a Maria de Mary Wollstonecraft, que “só queria viver para amar”, porém se viu “encarcerada pelo casamento”.²⁵

Parte do programa desse romance programático é mostrar que o destino social e moral de Fanny Price e o de Maria Bertram são o inverso da trajetória econômica de suas respectivas mães. Na verdade, estão explícitos em sua crítica recíproca e em seu posicionamento sobre o papel das mulheres na economia moral da família: enquanto

Fanny compensa sua condição de não proprietária com atitudes de estrita propriedade, Maria troca sua condição de proprietária pela impropriedade. Tendo desempenhado os papéis de dona de Sotherton, elegante anfitriã londrina e adúltera, Maria acaba sendo confinada no papel que Mary Crawford, conversando com Edmund, jocosamente imagina para ela: o da vítima sacrificada pela segurança do pai.

“A chegada de seu pai vai ser um acontecimento muito interessante.”

“Sem dúvida, depois de uma ausência tão longa e sujeita a tantos perigos.”

“E também será o primeiro de outros acontecimentos interessantes: o casamento de sua irmã, sua ordenação.”

“De fato.”

“Não se ofenda”, ela prosseguiu, rindo, “mas isso me lembra aqueles antigos heróis pagãos que, depois de realizar grandes façanhas em terra estrangeira, ofereciam sacrifícios aos deuses para agradecer-lhes o feliz retorno.”

“Neste caso, não há sacrifício”, Edmund replicou, com um sorriso sério e olhando novamente para o piano. “A decisão foi dela.” (v. I, cap. XI)

Enquanto o sofrimento redentor de Fanny é recompensado com a união familiar, o destino de Maria é realizar no exílio o ato de expiação da família. A maneira como Fanny vê os acontecimentos acaba invalidando a maneira como vemos a versão de Maria.

O erro de Maria é querer expandir as fronteiras, desafiar o cercado — “Todo local público era novo para Maria” (v. II, cap. III). Mas, ao encontrar apenas meios ilícitos de obter a liberdade, ela é ironicamente compelida a representar um papel arquetipicamente restritivo na reconstituição das sequências da tentação e queda de *Paraíso perdido*. Como Mary Crawford em sua “imprecisão feminina” (v. I, cap. IX), Maria em sua queda representa a velha Eva em oposição à Eva regenerada de Fanny Price. Só Fanny se recusa a deixar o jardim de Sotherton; só Fanny não sucumbe às tentações de Henry Crawford; somos informados de que uma longa ausência do paraíso terrestre de Mansfield Park pode até matá-la (v. III, cap. XI); e, no final,

constatamos que ela é a verdadeira herdeira espiritual da casa e dos jardins, enquanto Maria, Julia e Mary são excluídas de seus prazeres. Como diz Edmund: “Fanny é a única que agiu corretamente desde o início, a única que foi coerente” (v. II, cap. II); e como ela diz a Henry Crawford: “Cada um de nós tem dentro de si um guia melhor do que qualquer pessoa poderia ser; basta escutá-lo” (v. III, cap. XI). Fanny é a única das personagens principais que não cai. Eva resistente, ela aponta o caminho para Edmund voltar ao jardim. Mas, ao contrário de Eva, tem “traços de anjo”, como diz Henry Crawford (v. III, cap. III).

Como apontam vários críticos, em especial a influente Marilyn Butler, Fanny e Edmund chegam perto de propor um cristianismo específico, associado com a ala evangélica progressista da Igreja anglicana. No começo do século XIX, o evangelismo anglicano foi muito importante para a criação de uma ideologia da classe média dominante e conservadora e para proporcionar uma tribuna eficiente às mulheres como defensoras da moral e zeladoras do lar.²⁶ Crucial para o conceito evangélico da vida virtuosa na visão de Hannah More e outros autores era o poder institucional da leitura. Eva revisionista e angelical, Fanny é a heroína de um texto para o qual modelos literários e a leitura de obras literárias são moralmente influentes e socialmente determinantes. Seus livros favoritos estão longe do notório poder de sedução de *Juras de amor* e juntos representam um programa sadio de edificante leitura familiar: os poemas de Cowper, *O ocioso*, de Johnson, e os *Contos*, de Crabbe. Nesse contexto, é preciso levar a sério a releitura de *Paraíso perdido* feita pelo romance. A discutida sequência nos jardins de Sotherton, com sua concepção claramente feminina de valores cristãos e conservadores, constitui uma revisão historicamente específica da cena da tentação na interpretação de Milton, e a própria Fanny é uma seguidora tão fiel dessa agenda que daria orgulho a Hannah More.

Em sua recolonização do espaço do jardim para as mulheres, o influente *Restrições ao moderno sistema da educação feminina* parece autorizar a circumspecta sensibilidade com que Fanny vê o mundo desde a elevação cercada nos jardins de Sotherton e de Mansfield. Escreve More:

Uma mulher vê o mundo, por assim dizer, desde uma elevação no próprio jardim, de onde tem uma visão exata dos arredores, mas não de locais distantes, que é a perspectiva do homem situado num ponto mais alto. As mulheres muitas vezes sentem mais instantaneamente do que conseguem definir. Têm uma capacidade de compreensão intuitiva que lhes foi concedida pela Providência, como os órgãos sensíveis e delicados de alguns animais tímidos, como uma espécie de proteção natural, prevenindo da aproximação do perigo criaturas que com frequência têm de agir defensivamente.²⁷

Nas análises evangélicas de More, mulheres que se encontram numa posição social intermediária, como Fanny, descobrem o próprio poder e a segurança da nação reeducando as decadentes classes superiores e caridosamente dirimindo os protestos das aviltadas classes inferiores. No jardim, a retidão de Fanny é revolucionária em seu potencial para revisar certas avaliações morais em favor das mulheres.

Mas há um preço a pagar. Como outros jardins literários, os de *Mansfield Park* são espaços circunscritos, metonímicos das fronteiras ideológicas presentes no mundo do romance. A resistência de Fanny ao papel de Eva pode salvar Edmund de novo erro, mas para a maioria dos leitores sua união no final do livro é uma solução insatisfatória. Considerando que o valor da família fora posto à prova e não passara no teste; considerando que muitos de seus integrantes falharam e foram afastados, o pacto defensivo de “irmão” e “irmã”, ajudando-se mutuamente “sob a proteção de Mansfield Park”, fornece o mais frágil dos consolos — não menos frágil por sua subsequente adoção como solução narrativa por Dickens, George Eliot e Hardy. Nossa concepção aparentemente moderna da família como instituição vulnerável e desejável tem raízes profundas. Este é um estudo sombrio de relações — sobretudo em sua visão do amor redentor que não vai além daqueles que menos precisam dele.

- 1 Por críticos que tiveram grande impacto sobre a apreciação moderna do romance, como Lionel Trilling, “Jane Austen and *Mansfield Park*”, em seu *The Opposing Self*; Q. D. Leavis, em sua introdução à edição (1957) de Macdonalds Illustrated Classics, reimpressa como “The First Modern Novel in England”, em *Jane Austen, Sense and Sensibility, Pride and Prejudice, and Mansfield Park: A Casebook*, org. de B. C. Southam; e Tony Tanner, em sua introdução à edição da Penguin (1966), reimpressa em seu *Jane Austen* e nesta edição.
- 2 Colin Campbell, *The Romantic Ethic and the Spirit of Modern Consumerism*. Oxford: Basil Blackwell, 1987, p. 48.
- 3 Id., *ibid.*, pp. 50-1.
- 4 Barbara Hardy, “The Objects in *Mansfield Park*”, em *Jane Austen: Bicentenary Essays*, org. de John Halperin. Cambridge: Cambridge University Press, 1975, pp. 185-7.
- 5 Isobel Armstrong, *Mansfield Park*, p. 54.
- 6 Wordsworth, *The Prelude*, Livro 2, versos 335-6.
- 7 Catherine Macaulay, *Letters on Education*. Londres, 1790, p. 49.
- 8 Mary Wollstonecraft, *A Vindication of the Rights of Woman* (1792), org. de Miriam Brody Kramnick. Harmondsworth: Penguin Books, 1975, p. 105.
- 9 Hester Chapone, *Letters on the Improvement of the Mind, Addressed to a Young Lady* (1773), em *The Works of Mrs. Chapone*, 4 v., Londres, 1807, v. 3, pp. 166 e 171.
- 10 Maria e Richard Lovell Edgeworth, *Practical Education*, 2 v., Londres, 1798, v. 1, pp. 345-6.
- 11 Chapone, *Works*, v. 3, carta 4, “On the Regulation of the Heart and Affections”.
- 12 Hannah More, *Strictures on the Modern System of Female Education*, 2 v., Londres, 1799, v. 1, pp. 85 e 149-50.
- 13 Anna Laetitia Barbauld, *Works*, org. de Lucy Aikin, 2 v., Londres, 1825, v. 1, p. xviii.
- 14 Claudia L. Johnson, *Jane Austen: Women, Politics, and the Novel*, p. 97.
- 15 Id., *ibid.*, pp. 99-100.
- 16 Marilyn Butler, *Jane Austen and the War of Ideas*, p. 248.
- 17 Como demonstra John Barrell em *The Idea of Landscape and the Sense of Place 1730-1840: An Approach to the Poetry of John Clare* (Cambridge: Cambridge University Press, 1972), esp. pp. 189-215.
- 18 Brian Southam, “The Silence of the Bertrams: Slavery and the Chronology of *Mansfield Park*”, *Times Literary Supplement*, 17 de fevereiro de 1995, pp. 13-4.
- 19 Thomas Clarkson, *The History of the Rise, Progress, and Accomplishment of the Abolition of the African Slave-Trade by the British Parliament* (2 v., Londres, 1808), obra que Austen conhecia, refere-se ao apoio que alguns parlamentares com interesses nas Índias Ocidentais deram à abolição. Ver v. 2, pp. 551-2. Para uma interpretação recente desse apoio ver Robin Blackburn, *The Overthrow of Colonial Slavery 1776-1848* (Londres e Nova York: Verso, 1988), pp. 304-5.
- 20 Edward W. Said, *Cultura e imperialismo*, trad. Denise Bottmann, São Paulo:

- Companhia de Bolso, 2011, p. 153.
- 21 Id., *ibid.*, p. 165.
- 22 Hannah More, *op. cit.*, v. 2, pp. 3 e 22.
- 23 *Jane Austen's Letters*, org. de Deirdre Le Faye, pp. 256 e 258.
- 24 Para uma análise mais completa de *Mansfield Park* como romance da Regência ver Roger Sales, *Jane Austen and Representations of Regency England*.
- 25 Mary Wollstonecraft, *Maria, or The Wrongs of Woman* (1798), org. de Moira Ferguson, Nova York: Norton and Co., 1975, pp. 142 e 103.
- 26 Marilyn Butler, *Jane Austen and the War of Ideas*, pp. 243 e 284 ss. Mas ver também a análise da religião em *Mansfield Park* em Oliver MacDonagh, *Jane Austen: Real and Imagined Worlds*, pp. 1-19.
- 27 Hannah More, *op. cit.*, v. 2, pp. 25-6.

* Os leitores que ainda não conhecem o livro devem levar em conta que detalhes do enredo serão revelados neste prefácio e na introdução. (N. E.)

Introdução*

TONY TANNER

Em muitos grandes romances há personagens cujo lugar na sociedade não está definido nem garantido. Enjeitados, órfãos, forasteiros, pessoas que vão de um país a outro ou de uma classe social a outra, pessoas que vão dando forma a suas vidas à medida que se deslocam, pessoas que se veem envolvidas em movimentos ou mudanças sobre as quais não têm pleno controle — essas pessoas são frequentadores assíduos do gênero romance. Tom Jones, Julien Sorel (de *O vermelho e o negro*), Becky Sharp (de *A feira das vaidades*), Judas Fawley (de *Judas, o obscuro*), Isabel Archer (de *Retrato de uma senhora*), Paul Morel (de *Filhos e amantes*) ou mesmo Augie March, de Saul Bellow, são personagens que no começo da trama não estão definidas pelo status, pela localização ou pela posição. Não podem pensar (e não pensam) que asseguraram seu lugar na sociedade e — felizmente ou não — acabam assumindo outra identidade social. Ao longo dessas histórias ocorrem escolhas e mudanças. No final, as personagens podem ser recompensadas por sua virtude, como Tom Jones; podem se frustrar em suas ambições, como Judas; ou podem ir para a prisão por causa de seus erros, como Isabel Archer. De qualquer modo, em geral o eu inicialmente indefinido e descompromissado acaba tendo de se definir em função dos acontecimentos. Pode determinar o que vai acontecer, simplesmente permitir que aconteça ou sofrer o que acontece: sua busca de definição pode levá-lo à verdadeira descoberta de si mesmo ou a sua destruição final. Seja qual for o desfecho, essas personagens mudaram. Não estão mais onde estavam; não são mais o que eram. E esse é o caso de Fanny Price, a heroína de *Mansfield Park*.

Fanny começa a vida numa família de classe baixa, em Portsmouth; e acaba sendo efetivamente aceita como a senhora de Mansfield Park.

Inicialmente objeto de caridade, acaba se tornando o esteio indispensável da família Bertram. Com o casamento e o pleno reconhecimento social e familiar, seu eu recebe a devida definição. Não obstante, Fanny Price apresenta poucas das qualidades que geralmente associamos com o herói ou a heroína tradicional. Esperamos que o herói ou a heroína seja vigoroso e cheio de vitalidade: Fanny é frágil e enfermeira. Procuramos no herói ou na heroína espírito aventureiro, audácia, bravura, capacidade de superação, até mesmo imprudência: mas Fanny é tímida, calada, insegura, medrosa, excessivamente vulnerável. Principalmente, talvez, esperamos que o herói ou a heroína seja ativo, enfrente obstáculos, resista à coação, afirme a própria energia; mas Fanny é quase inteiramente passiva. Na verdade, uma das singularidades desse livro singular é a trajetória de uma jovem que triunfa sem fazer nada. Só espera e sofre; e sua promoção, através do casamento, a uma posição social inesperadamente alta, parece premiar não tanto sua vitalidade quanto sua extraordinária imobilidade. É muito estranho; mas essa heroína tem outro traço incomum e ainda menos simpático. Ela nunca erra. Geralmente irônica com suas heroínas, Jane Austen justifica Fanny Price sem restrições. Estamos habituados a ver heróis e heroínas confusos, falíveis, sujeitos a erros. Mas Fanny sempre pensa, sente, fala e age exatamente como deve. Todas as outras personagens do romance, sem exceção, cometem erros — irremediáveis, no caso de algumas. Fanny nunca erra. Nunca dá um passo em falso. Na verdade, mal se arrisca a dar algum passo: como veremos, há uma íntima e importante relação entre sua virtude e sua imobilidade. Essas características incomuns fazem dela uma heroína muito impopular. Até os leitores mais compreensivos geralmente a veem como uma puritana moralista, e não têm faltado críticos mais severos. Kingsley Amis a considera “um monstro de presunção e orgulho”. Não que Jane Austen não criasse heroínas atraentes: Elizabeth Bennet e Emma Woodhouse estão entre as personagens mais queridas da ficção em língua inglesa. Mas ninguém se apaixona por Fanny Price. Então, o que Jane Austen está fazendo nesse livro? Vale a pena responder essa pergunta porque, se Fanny Price é sua heroína menos amada, é discutível que *Mansfield Park* seja seu romance mais profundo (na

verdade, a meu ver, é um dos romances mais profundos do século XIX). E o que essa heroína tão insignificante está fazendo nesse grande livro é uma questão que convém analisar com atenção.

A história, o resumo dos acontecimentos, não sugere profundidade. A mãe de Fanny fez um mau casamento e, depois de alguns anos, encontra-se em sérias dificuldades, com filhos demais e dinheiro de menos. Pede ajuda às duas irmãs, uma das quais se casou muito bem com Sir Thomas Bertram, de Mansfield Park. Decide-se que uma das filhas da sra. Price, Fanny, será criada em Mansfield Park. A narrativa tem início nesse ponto. Fanny vai sofrer muito em sua nova situação. A outra tia, a sra. Norris, é mandona, maldosa e cruel; os primos Tom, Maria e Julia menosprezam ou ignoram Fanny. Lady Bertram é benevolente, mas tão cega e inerte que simplesmente aceita a sobrinha sem pensar nela. Sir Thomas é justo, porém austero e distante. Só Edmund — o irmão caçula de Tom, que será ordenado sacerdote — é atencioso para com a prima, conversa com ela e a ajuda. Sir Thomas viaja a negócios, e surge nesse mundo uma brilhante dupla de Londres: os irmãos Mary e Henry Crawford. Há muito flerte, sobretudo entre Henry e Maria (que já é noiva do sr. Rushworth). Até o íntegro Edmund imagina que está apaixonado pela deslumbrante Mary. A empolgação e a perplexidade culminam quando resolvem montar uma peça — e Sir Thomas volta da viagem.

Depois disso, o tema principal são as relações entre os Crawford e Fanny e Edmund. Henry decide flertar com Fanny, mas se apaixona por ela a ponto de querer esposá-la. Seria um ótimo partido, porém Fanny não só não confia nele como está secretamente apaixonada por Edmund. E tem de resistir com todas as forças para que não a obriguem a casar com Henry: chega a ser despachada para Portsmouth, a fim de que se lembre de como é a pobreza. Entrementes, Edmund pretende declarar-se a Mary, que está dividida entre os sentimentos por ele e o desprezo pela humilde profissão que o rapaz escolheu. Tudo muda quando Henry, cansado da resistência de Fanny, foge com Maria (que agora é a sra. Rushworth). Edmund acha que Mary não ficou suficientemente chocada com esse adultério e entende que se enganou em relação aos Crawford. Só Fanny estava certa: só ela desconfiava das maneiras atraentes dos dois irmãos.

Edmund finalmente se dá conta de que Fanny é a esposa ideal para ele; e, através do casamento, Fanny finalmente conquista uma posição que, no começo, parecia inconquistável. Há algo de Cinderela nessa história: mais sensível e delicada que suas origens humildes levariam a esperar, Fanny por fim é recompensada com o amor do belo príncipe. Também há algo do patinho feio que, na realidade, é um cisne. Mas, naturalmente, a seriedade da história depende da maneira de contá-la; e é improvável que, ao terminar de ler essa obra, alguém reclame que lhe serviram um conto de fadas requentado.

É importante captar o significado das personagens e dos incidentes para compreender o mundo do romance e perceber as diferenças entre a vida em Portsmouth, a vida em Londres e a vida em Mansfield Park. E, quanto a isso, talvez valha a pena lembrar como era a Inglaterra em 1811-3, às vésperas de Waterloo, quando Jane Austen escreveu esse livro. Sabemos que foi um período de grande estabilidade prestes a ceder lugar a uma época de mudanças inimagináveis. Nesse momento, a maioria da população (cerca de 30 milhões) vivia no campo e se dedicava à agricultura: vinte anos depois, a maioria dos ingleses vivia na cidade e trabalhava na indústria; e já se iniciara a grande era da ferrovia. Nos primeiros anos do século XIX, as cidades cresceram rapidamente; completou-se a rede de canais, reconstruíram-se as principais estradas. A Londres da Regência, em especial, desenvolveu-se muito e tornou-se, entre outras coisas, um grande centro de moda. Por outro lado, a Inglaterra de 1813 ainda era predominantemente um país de cidades e vilas provincianas, de rotinas rurais que bem pouco se alteraram com as sete campanhas da Guerra Peninsular contra Napoleão. O primeiro-ministro era Lord Liverpool, que nada tinha de notável, e a política ainda era dominada pela alta aristocracia e pela pequena nobreza rural, havendo um ou outro porta-voz dos comerciantes e industriais. O principal receio era que o “jacobinismo” francês se espalhasse entre os pobres e descontentes. Não havia muita diferença entre conservadores e liberais. Os conservadores em geral se opunham a todo tipo de radicalismo popular e reforma política; eram o partido da Igreja anglicana e se identificavam com tradição, continuidade, ordem e um aristocrático amor à terra. Os liberais estavam um pouco mais próximos do centro financeiro e comercial de

Londres e dos interesses mercantis e queriam algumas reformas no sistema de governo para diminuir o poder dos grandes proprietários rurais. Como a questão da atitude em relação à tradicional vida no campo é importante em Jane Austen, convém citar uma passagem de William Cobbett que revela o surgimento de um tipo novo e errado de proprietário de terra. Cobbett muitas vezes enfatiza

a diferença entre uma pequena nobreza *nascida* e residente no campo, apegada ao solo, conhecida de todos os lavradores desde a infância e com frequência misturando-se com eles naquelas atividades em que toda distinção artificial desaparece, praticando a hospitalidade sem cerimônia, por força do hábito e sem calculismo; e uma pequena nobreza que mora no campo ocasionalmente, não aprecia os prazeres campestres, é estranha nas maneiras, distante e arrogante na conduta, vê o solo apenas em termos de lucro, como mero objeto de especulação, não conhece os trabalhadores que o cultivam, despreza-os e despreza seus interesses e para comandá-los não conta com sua boa vontade, mas com seu medo.

Filha de um clérigo conservador, Jane Austen valorizava o velho estilo de vida rural e também estava ciente da nova atitude em relação à terra — especulativa, aquisitiva, calculista e irreverente. As diferentes posturas das personagens de *Mansfield Park* face à vida no campo mostram muita coisa a seu respeito.

Entretanto, essa época predominantemente rural e pacata também era a época da Revolução Francesa, da Guerra da Independência americana, do início da Revolução Industrial e da primeira geração dos poetas românticos: e Jane Austen por certo não ignorava o que acontecia no mundo a seu redor. Tinha dois irmãos na Marinha; laços de parentesco com Warren Hastings; e uma prima cujo marido foi guilhotinado no Terror. E, embora preferisse a prosa do dr. Johnson, sem dúvida conhecia a obra de Goethe, Wordsworth, Scott, Byron, Southey, Godwin e outros escritores do século XIX. Se aparentemente levou uma vida tranquila no condado de Hampshire, ao mesmo tempo sabia que toda uma série de novas energias e impulsos, novas ideias e influências estavam transformando ou prestes a transformar a

Inglaterra — e, na verdade, todo o mundo ocidental — com uma violência, uma rapidez, uma indiferença que logo fariam seu mundo parecer tão longínquo quanto a era elisabetana. Anos depois, ao ver o primeiro trem rasgar o campo em torno de Rugby, Thomas Arnold comentou: “O feudalismo acabou para sempre”. O estilo de vida feudal, imemorial e estático, ainda se mantinha, mas em breve desapareceria, pois o mundo moderno já estava para nascer. Jane Austen vivia num enclave de tradicional estabilidade rural que, às vésperas de uma fase de mudanças bruscas e incontrolláveis, encolhia a olhos vistos. Acho importante lembrar que, entre outras coisas, *Mansfield Park* é um romance sobre quietude e inquietação, estabilidade e mudança — o móvel e o imóvel.

Qual é, então, o significado mais amplo dos três “mundos” do romance — Mansfield Park, Londres e Portsmouth? Mansfield Park (inspirada em Cottesbrooke) situa-se no condado de Northampton e é efetivamente um baluarte dos velhos valores conservadores rurais. Crescendo nesse mundo e exposta às falhas de seus habitantes, Fanny só percebe realmente o valor simbólico de Mansfield Park quando volta para Portsmouth, sua cidade natal. O contraste destaca claramente os valores diferentes de cada um desses mundos. A casa de Portsmouth é “a morada do barulho, da desordem, da falta absoluta de compostura. Ninguém estava onde devia estar, nada era feito como devia ser”. O pai é um beberrão sujo e grosseiro; a mãe, uma mulher incompetente, injusta e desmazelada. Os filhos são criados da forma errada, já que não recebem educação alguma. Não há verdadeira afeição, delicadeza de sentimentos, harmonia ou coerência na maneira de agir. Como diz William, irmão de Fanny, “aquela casa é um caos”. Não é um antro de depravação, mas é um caos. Nada se faz em prol da ordem e do decoro. Os impulsos nada têm de perverso, mas não são controlados. Nessa casa caótica, Fanny “só pensava em Mansfield, em seus amados moradores, em seus bons hábitos. Tudo o que a rodeava agora era o oposto disso. A elegância, a educação, a regularidade, a harmonia — e, acima de tudo talvez, a paz e a tranquilidade de Mansfield lhe vinham à lembrança em todas as horas do dia justamente por ser o *contrário* do que havia em Portsmouth”. Fanny idealiza Mansfield (a sra. Norris, por exemplo, é muito pior

que qualquer um dos Price); porém está descobrindo o verdadeiro valor simbólico de tudo que Mansfield representa: uma casa onde reina a ordem, onde há pouquíssimo barulho e nenhum movimento desnecessário — onde “nunca se ouviam discussões, vozes alteradas, rompantes intempestivos, passos furiosos”.

Um dado importante é que a questão da verdadeira casa ocorre à heroína durante sua estada em Portsmouth. “Quando estava a caminho de Portsmouth, Fanny gostava de pensar que lá ficava sua casa, gostava de dizer que estava indo para casa; essa palavra sempre lhe fora muito cara; e ainda o era, só que agora se referia a Mansfield. Sua casa agora era *lá*. Portsmouth era Portsmouth; Mansfield era a casa.” É importante, porque, quando o eu disponível finalmente escolhe sua “casa”, identifica-se com determinado estilo de vida e com o papel que nele lhe cabe. Em *Retrato de uma senhora*, por exemplo, Isabel Archer visita várias casas para descobrir se em alguma delas se sentirá “em casa”. A escolha do pequeno e estéril palacete de Osmond é um erro crasso: ao transferir seu afeto do lugar onde nasceu para o lugar onde cresceu, Fanny demonstra sua capacidade de tomar decisões acertadas. Encontrou sua verdadeira “casa” espiritual. Já no começo da história, quando surge uma possibilidade de Fanny ir morar com a sra. Norris, a insensível Lady Bertram lhe diz: “Não vai fazer muita diferença para você morar lá ou aqui”. Mas, quando a casa representa um edifício de valores, como nesse romance, faz toda a diferença. Quando Fanny por fim volta para a mansão, da qual se tornará em breve uma importante guardiã, Jane Austen adequadamente reveste a paisagem de um verde promissor. “Fazia três meses, três meses inteiros, que deixara a mansão; e a mudança era a que ocorre entre o inverno e o verão. Por toda parte avistava gramados e canteiros do mais viçoso verdor; e as árvores, embora ainda não tivessem recuperado todas as folhas, encontravam-se naquele esplêndido momento em que sabemos que está por vir uma beleza maior e em que, se muito se oferece aos olhos, mais ainda se reserva à imaginação.” As possibilidades da paisagem refletem as possibilidades da vida de Fanny.

Como moradia, como instituição, Mansfield pode extrair matéria-prima de Portsmouth e refiná-la — como faz com Fanny e com seu

irmão William (garantindo-lhe uma carreira na Marinha) e como promete fazer com sua irmã Susan. Na verdade, esses novos membros são essenciais para a manutenção da linhagem, já que tantos descendentes do mesmo sangue abandonaram o bom caminho, traíram a confiança da família. Aqui, Jane Austen aparentemente está dizendo que, se não sair para buscar novo potencial no mundo amorfo de Portsmouth, o mundo de Mansfield Park poderá murchar em si mesmo. Porém Londres, o mundo da liberdade, do divertimento e da moda, não possui virtudes redentoras. É lá que Maria adquire hábitos que a levarão ao adultério, à desonra e à exclusão da sociedade. É lá que Julia se envolve com o imprestável sr. Yates. É lá que Tom esbanja sua fortuna e quase perde a vida. Acima de tudo, foi Londres que criou os atraentes Crawford que por pouco não destruíram o mundo de Mansfield Park. Pois, se o que há de melhor em Mansfield aprimora as pessoas, o que há de pior em Londres as perverte.

Significativamente, é durante a ausência de Sir Thomas, o patriarcal guardião de Mansfield, que ocorre a chegada de Mary e Henry Crawford, sugerindo que a ausência do legislador de Mansfield Park torna seu etos vulnerável às forças devastadoras de um mundo novo e urbano. Desde o início os Crawford são identificados com Londres. A sra. Grant teme que se entediem, pois estão muito acostumados com Londres. Na verdade, eles só querem se divertir, e, no mundo rural de Mansfield, seu gosto irresponsável por distrações é um elemento potencialmente perigoso. Assim, Henry Crawford encanta Julia, seduz Maria e tenta conquistar Fanny; e Mary brinca com Tom e fascina Edmund, mas não a ponto de fazê-lo abrir mão de seus elevados princípios e de sua vocação religiosa. Portanto, ambos interferem na vida de todos os jovens responsáveis pela continuidade de Mansfield Park: e, como veremos, só a obstinada tenacidade de Fanny impede a total usurpação e a demolição desse mundo. Os Crawford estão longe de ser vilões — na verdade, Jane Austen os dotou de muitas das qualidades superficiais mais atraentes do livro —, mas eles foram sutilmente corrompidos pela prolongada imersão no mundo amoral e elegante de Londres. (Vale lembrar que essa era a época do Belo Brummel.) Lemos que “Fanny começava a pensar que a influência de Londres era contrária a todos os afetos respeitáveis”. E o que se segue

mostra que estava certa. Através dos Crawford, vemos Londres como um mundo reluzente, empolgante, movimentado, divertido, propício a relacionamentos agradáveis e passageiros; mas também percebemos que é um mundo de falsas aparências, um mundo em que as boas maneiras substituem os princípios morais, um mundo adepto da mentira, da manipulação, da exploração.

Pouco depois da chegada dos Crawford, um pequeno incidente sugere a ameaça que eles representam para Mansfield. Mary relata sua espantosa dificuldade para alugar uma carroça a fim de transportar sua harpa (acessório condizente com a sereia que é; Fanny não sabe tocar nenhum instrumento). Conta em tom de desprezo que se surpreendeu ao descobrir que, por causa da recolha do feno, não havia carroça disponível a nenhum preço e que, na verdade, ao esperar conseguir uma, ofendeu os fazendeiros. Gentilmente, Edmund explica que essa recolha é muito importante para os fazendeiros, que nessa época não podem abrir mão de uma carroça. Mary responde: “Ainda vou entender os costumes daqui; mas, tendo em mente o ditado londrino de que se consegue tudo com dinheiro, fiquei um tanto confusa com a independência de seus costumes”. Grande parte do romance está implícita nesse incidente. Mary vem de um mundo governado pelo dinheiro: não entende os costumes e os valores do campo. Seria capaz de interromper a recolha para satisfazer um capricho. A questão é: os costumes do campo são suficientemente sólidos para resistir a suas maneiras londrinas e a seu código londrino? A pergunta é colocada de outra forma quando a sra. Grant repreende a irmã por sua visão mundana e seu jeito zombeteiro: “Você é tão má quanto seu irmão, Mary; mas vamos curar vocês dois. Mansfield vai curar os dois... e sem enganá-los. Fiquem conosco, e vamos curá-los”. Mansfield pode curar o que Londres estragou? Ou os frutos de Londres acabarão destruindo tudo que Mansfield luta para preservar? Nas relações entre algumas personagens, trava-se uma batalha entre mundos. Sem alegorias simplistas — na verdade, com extrema atenção ao detalhe — Jane Austen concebeu uma história que toca profundamente no passado e no futuro da Inglaterra. E, embora achasse que o futuro pertencia a Londres, permitiu que o mundo de Mansfield triunfasse, e sobre isso refletiremos mais adiante.

Agora vamos ver as diversas personagens à luz de suas relações com Mansfield Park. Podemos agrupá-las da seguinte forma: guardiães, herdeiros e intrusos. Veremos Fanny em separado. Sir Thomas, evidentemente, é o guardião principal. Acredita em “dever”, é justo, benevolente, responsável. Em sua ausência, Mansfield Park se torna um caos: com sua volta, restabelece-se a ordem. É ele que finalmente sinaliza a verdadeira recepção de Fanny, ao ordenar que se acenda a lareira em sua gelada sala leste. Não obstante, praticamente toda a prole se desencaminha, e está claro que ele tem parte da culpa, pois, “embora fosse um pai realmente zeloso, não externava sua afetividade e as inibia com sua aparente frieza”. Pior: comete o erro crasso de confiar a criação das filhas à sra. Norris; por isso se sente aliviado quando ela finalmente deixa Mansfield Park, já que passou a vê-la “como um mal constante, um mal que o acompanharia pelo resto da vida, como se a tivesse tornado parte de si mesmo” — ou seja, como uma espécie de câncer que ele deixou crescer em sua própria família, em sua própria mente. Livre dela, poderá encontrar a paz de espírito. Uma prova de que ampliou seu autoconhecimento é a consciência dos erros que cometeu na educação das filhas. Queria que se destacassem “pela elegância e pelo talento”, mas negligenciou o “efeito moral”. “Queria que fossem boas pessoas, porém se preocupara mais com instrução e refinamento do que com índole; e temia que ninguém nunca lhes tivesse dito que abnegação e humildade poderiam ser-lhes úteis.” Sir Thomas não só é frio e distante, como permite que considerações interesseiras se sobreponham a seu instinto doméstico. Consente no casamento de Maria com o sr. Rushworth porque o rapaz é muito rico, embora muito tolo. Pior: tenta obrigar Fanny a casar com Henry Crawford porque ele é um excelente partido. Sir Thomas não é um cruel tirano; mas carece de uma qualidade importante. Como Fanny reflete, depois de ser pressionada a aceitar Crawford: “Certamente não cabia esperar delicadezas românticas do homem que dera a filha em casamento ao sr. Rushworth”. A consciência do dever é insuficiente, se não há delicadeza. Com sua inflexibilidade repressiva e indelicada, o baronete quase arruína Mansfield Park e só no fim, realmente “farto de parentes ambiciosos e interesseiros”, passa a valorizar “cada vez mais os bons princípios e o

bom temperamento”. Mas também representa os valores de Mansfield, algo que só Fanny aprecia devidamente. Quando Edmund reclama que a casa fica triste com a presença do pai, ela argumenta: “Tudo que ele quer, a meu ver, é o sossego que você mencionou, a tranquilidade no convívio com a família”. Ao defender seu “sossego”, sua “tranquilidade”, Sir Thomas está defendendo valores fundamentais no universo do romance.

Lady Bertram é um arremedo desses valores. É absolutamente inerte, inconsciente, desprovida de vontade própria, incapaz de fazer um mínimo esforço ou de pensar por si mesma. Naturalmente, é uma personagem engraçada: mas também indica que os valores de Mansfield estão se deteriorando. Nunca pensa, nunca se mexe, nunca se importa com nada: amável na medida em que não é maldosa, com toda a sua indolência é inútil como guardiã de Mansfield Park e definitivamente repreensível como mãe. E com sua inércia permite a ascendência da sra. Norris. Em vez de sossego e tranquilidade, representa indiferença e prostração. A sra. Norris é uma das personagens mais marcantes de Jane Austen e uma das mais odiosas da ficção. Considerando-se uma das guardiãs de Mansfield, quase acarreta a destruição da família com seu árido egoísmo e suas descabidas interferências. Malévola e perigosa, é o que mais se aproxima do verdadeiro mal nesse livro. O fato de semelhante criatura exercer tamanha influência em Mansfield depõe contra a guarda da mansão. É ela que promove o desastroso casamento de Maria; é ela que incentiva a arriscada aventura teatral; é ela a responsável pela educação superficial e amoral das srtas. Bertram. E, sobretudo, é ela que persegue Fanny com implacável malevolência e ódio gratuito, como se tivesse instintiva aversão à sinceridade. A sra. Norris adora cuidar de tudo e o faz muitas vezes com crueldade e sempre do jeito errado; sua mesquinha obsequiosidade é tão desprovida de delicadeza e afeto que geralmente acarreta mal-estar ou desastres. Se Lady Bertram representa o tipo errado de sossego, a sra. Norris revela o tipo errado de administração. Demonstra a deterioração de Mansfield Park a demora em banir a sra. Norris: e ela só vai embora quando a presença benfazeja de Fanny por fim se torna predominante na mansão.

Com tais guardiães não surpreende que os legítimos herdeiros se desviem do bom caminho, pois não foram ensinados a respeitar e preservar sua herança. Tom, o primogênito, desperdiça energia em corridas e diversões. Não leva uma vida de “abnegação” e só ao contrair uma doença quase fatal percebe os verdadeiros valores de Mansfield: “Sofrera e aprendera a pensar, duas coisas que até então desconhecia; [...] passou a ser útil ao pai, sensato e sereno, como sempre devia ter sido, e deixou de viver apenas para si mesmo”. Maria e Julia sofrem a má influência da sra. Norris: deixam “muito a desejar em termos de autoconhecimento, generosidade e humildade”. No caso de Maria, a favorita da sra. Norris, o resultado é ainda pior. Mansfield Park significa apenas repressão para sua mente inconstante e seu insensato casamento se deve unicamente a motivos reles. Como Jane Austen deixa claro numa de suas passagens mais amargas e irônicas: “Mentalmente, ela estava pronta; prepararam-na para o matrimônio o ódio ao lar, às restrições e à quietude; a dor do afeto não correspondido, o desprezo pelo homem com quem ia se casar. O resto podia esperar”. É cruel, mas justo que Maria acabe confinada num inferno com a sra. Norris. Julia foge para casar com um homem insignificante, mas talvez consiga reabilitar-se, pois “não recebera uma educação que lhe desse uma ideia exagerada da própria importância”. Edmund é o herdeiro que está mais próximo da perfeição. É muito sincero em seu desejo de abraçar o sacerdócio e dedicar-se a atividades verdadeiramente cristãs. É o único membro da família que se compadece de Fanny e procura educá-la corretamente. É tão sério e religioso quanto Fanny, mas tem muitos defeitos. Ilude-se com as maneiras atraentes dos Crawford; opõe-se ao projeto do teatro, mas acaba concordando em participar; cego para os defeitos de Mary, imagina-se apaixonado por ela. E não só não ajuda Fanny num momento difícil como tenta convencê-la a casar com Henry Crawford. Só depois de muitas tribulações reconhece Fanny como sua verdadeira companheira. Não fosse ela, *todos* os herdeiros teriam se perdido.

Sob muitos aspectos, os intrusos são as personagens mais interessantes do livro, e ao descrevê-los Jane Austen demonstra sua grande perspicácia. Pois, tornando-os atraentes, dotando-os de muitas qualidades sedutoras, ressalta a sutileza da ameaça que representam e

a estreita relação dessa ameaça com características que todos nós apreciamos. (Vários estudiosos consideram Mary Crawford mais parecida com Jane Austen pela inteligência, pela vitalidade e pela capacidade de superação que a tímida Fanny.) Vamos examinar atentamente as qualidades dos Crawfords e ver onde se transformam em defeitos. “Animados e simpáticos”, os dois irmãos logo se tornam o centro de todas as novidades divertidas que acontecem em Mansfield Park na ausência de Sir Thomas. A primeira coisa a destacar é, talvez, que ambos estão associados ao movimento, ao gasto irrestrito de energia. Têm dinheiro e vitalidade suficientes para ignorar limites e limitações. Detestam “sossego” e falta de distrações. Mary revela muito de seu temperamento quando aprende a cavalgar, pois logo está se aventurando a meio galope. O texto sugere que seu gosto por movimento é excessivo: “A srta. Crawford gostava tanto de cavalgar que não conseguia parar”. Como ela própria confessa, só se sente “viva” quando está fazendo alguma coisa. Henry adora caçar e é “avesso a residência fixa e a círculos fechados”. Ambos são cheios de vida, refinados, espirituosos, divertidos. Não gostam de ficar parados mental ou fisicamente. Ativos e destemidos, são definitivamente sedutores, ao menos no início. Então, quais são seus defeitos?

Em termos gerais, podemos dizer que sua energia não se prende a restrições de ordem moral: ambos aproveitam as oportunidades sem se preocupar com princípios morais. Mary, por exemplo, vê o casamento como “um jogo de manobras” e, autêntica londrina, está convencida de que “uma boa renda é a melhor receita de felicidade que conheço”. Mais grave é seu desprezo pela profissão de clérigo: considera-a socialmente insignificante e não acredita que se trate de uma escolha determinada por uma sincera vocação. Atraída por Edmund, recorre a zombarias e lança mão da sedução para procurar afastá-lo de seu nobre ideal. Porém, como não consegue dissuadi-lo, fica furiosa e resolve ser dura com ele. Ponderações de caráter material distorcem seus sentimentos. Na verdade, ela é francamente egoísta e ambiciosa: “Todo mundo tem a obrigação de procurar o melhor para si mesmo”. É capaz de simular afeição e dedicação, mas, como Fanny percebe, é “displicente como mulher e como amiga”. Edmund finalmente se dá conta dessa “displicência” quando Henry foge com Maria, pois Mary

os recrimina apenas pela “loucura” e não pelo grave erro que cometeram. Na verdade, ela tem até algumas ideias para salvar as aparências. Não se importa com realidades fundamentais. Como diz Edmund, isso é “obra do mundo”. Seu último esforço para seduzir Edmund com “um sorriso atrevido, brincalhão”, convidativo mostra-a como a criatura absolutamente mundana que ela de fato é. Mary é magnífica no mundo das aparências, mas não existe como essência moral. Não é uma vilã consciente, mas um produto de seu mundo. Como bem percebe Fanny, tem “uma cabeça equivocada e confusa e sem a menor consciência disso; uma cabeça mergulhada na escuridão e imaginando-se cheia de luz”.

Henry é relativamente “displicente”, e “a imprevidência e o egoísmo decorrentes da prosperidade e do mau exemplo não lhe permitiam enxergar nada além do presente”. Não está “acostumado a analisar os próprios motivos” e vê os outros apenas como potencial “divertimento para sua mente enfastiada”. Também gosta de “mudar de ares e viajar de um lado a outro”. Tem ainda a “mente depravada” e zomba de quem preza a verdadeira virtude. Como Fanny diz para si mesma: “ele não percebe nada que deveria perceber”. Muito interessante é sua atitude em relação a Fanny. Primeiro, ele friamente decide cortejá-la e partir-lhe o coração — por puro divertimento. Depois, percebe que realmente a aprecia, atraído, talvez, por uma profunda sinceridade que até então desconhecia. Sua insistência em esposá-la convence o mundo de sua sinceridade. Mas Fanny tem plena consciência do egoísmo presente nesse amor aparentemente desinteressado. Num plano mais sutil, percebe que, na verdade, ele se diverte no *papel* de pretendente apaixonado e sincero. Ele está representando, embora não se dê conta disso. Seu amor carece de profundidade e persistência, como demonstra a súbita retomada do velho flerte com Maria por mera “curiosidade”. Sua participação no adultério é um retorno a seu verdadeiro eu. Mais adiante voltarei a falar da importância da “representação” nesse romance. Por ora, basta imaginar o que teria sido de Mansfield Park se Fanny e Edmund tivessem sucumbido aos encantos de Henry e Mary Crawford — com toda a energia despropositada, o gosto por movimento sem restrições

morais, a mente corrompida pelo mundo, o coração insincero dos dois irmãos.

É em comparação com os esfuziantes Crawford que devemos avaliar a imobilidade, a quietude, a fraqueza e o retraimento de Fanny. Para entender a fraqueza — quase uma doença (é preciso levantá-la para montar na égua, que nunca anda a meio galope com *ela*) —, devemos ter em mente, como assinala Lionel Trilling, que a tradicional heroína cristã geralmente é enfermiza, frágil, até mesmo moribunda — como em *Clarissa* ou *As asas da pomba*. É uma forma de mostrar que ela não se sente à vontade no mundo, com cujas vorazes energias não tem condições de competir. No caso de Fanny, a fraqueza também indica a exaustão e a tensão decorrentes de seu “heroísmo dos bons princípios”. Ela não é inativa em sua imobilidade: ao contrário, com frequência está se agarrando tenazmente a princípios e valores que outras pessoas a seu redor estão abandonando. Adora a “tranquilidade” reinante nos bons momentos de Mansfield Park. Gosta de ficar sozinha, em silêncio, despercebida, longe de festas. Enquanto Mary é decididamente desinibida, está sempre em seu elemento na arena da sociedade, Fanny se caracteriza pela “timidez natural”. Quando todos reclamam do tédio que se instala na mansão com o retorno de Sir Thomas, ela o defende: “É normal que haja uma espécie de timidez”. Para avaliar as implicações desse comentário devemos ter em mente a pergunta de Jane Austen “O que foi feito da timidez?”, referente a um retraimento genuíno, e não a uma falsa modéstia. A uma abnegação — a um silêncio.

A posição de Fanny em Mansfield Park é ambígua, a princípio. Mary quer saber se “ela já debutou ou não”, se foi apresentada oficialmente à sociedade. E, no sentido mais amplo, a resposta é que, embora frequente a sociedade, Fanny não faz parte dela. Seu cantinho frio na extremidade da casa, onde se refugia para ler, meditar, conversar consigo mesma, constitui uma clara indicação de que, a princípio, ela não é vista como parte integrante da família. De certo modo, ela tem um pouco de artista: fala da importância da literatura, da memória, da imaginação; é a única que realmente admira a natureza. E o mais importante: de certo modo, ela é a suprema consciência da sociedade em que se situa. Como muitas personagens de Henry James, não

participa inteiramente do mundo, mas, em função disso, vê com maior clareza e precisão do que os que participam. Como diz Edmund: “Fanny é a única que agiu corretamente desde o início, a única que foi coerente”. Ela prefere hábitos e costumes a novidades, e sua resoluta imobilidade, conquanto frágil e sitiada, é uma última atitude de resistência à corrosão de impulsos e mudanças desenfreadas. Ela representa as dificuldades que o raciocínio correto e delicado enfrenta num mundo de percepção inadequada e sentimentos sutilmente corrompidos. Todos os seus tropeços e triunfos são mentais e morais. Ela sofre por ser imóvel num mundo em que o prazer parece estar na liberdade e no movimento. Sua justificação só ocorre depois de muito sofrimento: Jane Austen sugere que Fanny tem de passar por todas “as vicissitudes da mente humana”. Porém ela permanece firme. Sua imobilidade, sua recusa ao movimento não indicam teimosia ou temor, mas integridade, convicção sobre sua lúcida avaliação dos acontecimentos. Ela representa a luz interior num mundo de valores decadentes. Como diz para Henry Crawford (que instintivamente lhe pede conselho e aprovação), “cada um de nós tem dentro de si um guia melhor do que qualquer pessoa poderia ser; basta escutá-lo”. Podemos vê-la como uma consciência solitária — ignorada, desprezada, injuriada, às vezes sitiada pelas forças da persuasão mundana, e finalmente reconhecida como a verdadeira mantenedora dos valores representados por Mansfield Park. Sua verdadeira importância se evidencia, quando fica claro que “Fanny era realmente a filha que Sir Thomas queria”. Ela é a legítima herdeira de Mansfield Park.

Naturalmente, as personagens revelam suas qualidades interiores por meio de seus atos, e vale a pena destacar a extraordinária habilidade com que Jane Austen descreve os diversos incidentes para conferir um sutil simbolismo a uma meticulosidade superficial. Ela era extremamente meticulosa e se esmerava na precisão dos detalhes. Por exemplo: verificou se de fato havia sebes em Northamptonshire antes de decidir mencioná-las no romance; sem dúvida utilizou um calendário para não errar nas datas; anotou o nome de todos os navios de sua época, e assim por diante. Mas consegue imprimir significados profundos aos detalhes da pacata vida no campo e,

através deles, expor aspectos cruciais das personagens. Por exemplo, o jogo de cartas no v. II, cap. VII. O jogo se chama “*speculation*”, e os verdadeiros “especuladores” desse mundo se revelam ao longo da partida. Fanny “nunca na vida jogara nem vira jogar *speculation*”. Henry procura envolvê-la, “sugerir-lhe as jogadas, aguçar-lhe a cobiça e endurecer-lhe o coração”, porém, no jogo como na vida, ela resiste. Henry é muito bom nesse jogo e o ensina aos outros, da mesma forma como se imiscui na vida alheia. Mary faz uma jogada audaciosa e imprudente que diz muito de seu temperamento e de sua postura diante da vida. Depois de vencer uma partida “a um preço exorbitante”, ela declara: “Pronto, vou arriscar minha última carta, como uma mulher de fibra. Chega de prudência. Não nasci para ficar sentada sem fazer nada. Se perder o jogo, não será porque não lutei”. Como em tudo, ela prefere a ação à prudência. “Ela ganhou o jogo, mas não recuperou o que pagara para assegurar a vitória.” Essa frase aparentemente simples sugere a essência de Mary Crawford. Ela é uma dessas pessoas que depois de ganhar o jogo descobrem que não valeu a pena jogar. Conquista o mundo ao preço altíssimo de perder a alma. Desperdiça toda a sua energia. É assim que Jane Austen faz um mero carteador refletir aspectos da índole e anseios secretos dos participantes (compare com o uso do carteador numa passagem crucial de *A taça dourada*, de Henry James).

Da mesma forma, poderíamos analisar o simbolismo do momento em que Fanny encontra “o fogo aceso na lareira” de seu cantinho. Ou a maneira sugestiva como Jane Austen explora a questão da cruz e da corrente por ocasião do baile. Fanny está decidida a usar a cruz de âmbar, presente do querido irmão William. (A origem dessa cruz de âmbar é real; está relacionada com as “correntes de ouro e cruces de topázio” que o jovem Charles Austen mandara para as irmãs em 1801 e das quais Jane Austen gostava muito: o simbolismo tem bases firmes na realidade.) A questão é: em que corrente Fanny vai colocar a cruz? Na vistosa corrente que Henry astutamente fez chegar a suas mãos ou na singela corrente que Edmund lhe deu? Persuadida a usar a corrente de Henry (assim como estão tentando convencê-la a aceitá-lo como marido), descobre que felizmente ela não passa pela argola da cruz e, portanto, pode usar a de Edmund com a consciência tranquila. Assim,

ao presidir seu primeiro baile, Fanny leva consigo os dois presentes das duas pessoas que mais ama — e nesse momento se prefigura a situação emocional do fim do romance. Porém os dois episódios mais significativos são a viagem a Sotherton para discutir as “melhorias” na casa de campo do sr. Rushworth e o teatro.

Na época, era muito comum “fazer melhorias” nas propriedades de acordo com princípios do paisagismo e da arquitetura, mas, a partir dessa prática contemporânea, Jane Austen construiu um episódio crucial. Fanny gostaria de ver Sotherton “como sempre foi”, porém Henry Crawford está sempre ávido de “melhorias” (assim como está sempre interferindo no status quo), e o sr. Rushworth lhe pede ajuda. Quando vão a Sotherton, acham a casa opressiva e, tão logo chegam a uma porta aberta para o exterior, “movidos por um impulso, por um desejo de ar fresco e liberdade, todos saíram”. Para entender o que se segue é importante ter em mente a configuração do espaço. Primeiro, há um gramado murado — a natureza domada, organizada, civilizada. Mais além, no entanto, há um “labirinto” — menos refinado, menos contido, mais escuro. A porta não está trancada, e todos entram no bosque sombrio. Aqui, Mary tenta abalar a convicção de Edmund no tocante ao sacerdócio. (Enquanto conversam, eles deixam o “caminho principal” e tomam “umas trilhas sinuosas” — mais uma vez, a ação exterior imita a vida interior.) Aqui, Fanny deseja descansar e senta-se num banco do qual avista o portão de ferro que separa o bosque dos espaços abertos do parque. Esse é um dos momentos mais importantes do romance. Mary não gosta de ficar parada: “‘Eu preciso me mexer’, informou. ‘Ficar parada me cansa’”. E, deixando Fanny imóvel, leva Edmund para o bosque. Então, aparecem Henry Crawford, Maria e o sr. Rushworth. Sempre impaciente com limites e barreiras, Maria quer ir além dos portões e desfrutar a liberdade maior do parque. O portão — imagem perfeita das rígidas restrições impostas pelas convenções da vida civilizada — está trancado. O sr. Rushworth vai buscar a chave. Sendo noivo de Maria, ele é, sob muitos aspectos, a pessoa autorizada a abrir os portões (aqui, há, talvez, uma referência à virgindade, assim como o jardim cercado representa a virgindade na pintura medieval). Todavia, em sua ausência, Henry estabelece com Maria uma

persuasiva e sugestiva conversação de duplo sentido. Quem iria fazer melhorias na propriedade também é quem perturba a vida convencional. Convém acompanhar atentamente todo o diálogo; sobretudo quando Maria reclama que “aquele portão de ferro, aquele valado me dão uma sensação de confinamento e opressão” e Henry responde: “Creio que não seria muito difícil pular o portão com minha ajuda, se realmente quisesse ter mais liberdade e não visse isso como algo proibido”. Aqui se prefigura o adultério — também uma violação dos códigos “de ferro” da sociedade. Fanny alerta para o perigo, mas Maria já está do outro lado do portão, tendo passado ilesa pelas pontas da grade. Mais tarde, as pontas das convenções lhe causarão um dano muito maior. Fanny fica “sozinha novamente”. E assim prossegue. O sr. Rushworth volta e se aborrece ao constatar que o deixaram para trás; Julia aparece, ofegante e irritada; Edmund e Mary continuam em seu caminho “sinuoso” pelo bosque. Só Fanny está parada, em silêncio, sozinha; não se envolve nas perigosas travessuras dos outros, que cedem ao impulso de satisfazer os próprios desejos. Quando todos se reúnem, percebemos que ocorreu um mal irreparável. “Segundo seu relato, tudo que fizeram foi procurar uns aos outros e, quando por fim se reencontraram, já era tarde demais para restabelecer-se a harmonia e para tomarem qualquer decisão sobre as melhorias.” Não fizeram nada de construtivo, mas as sementes da futura desarmonia foram lançadas, pois suas andanças confusas e quase sempre furtivas pelos espaços cada vez mais livres e pelos esconderijos do jardim, do bosque e do parque prenunciam os transtornos mais graves que muitos deles irão provocar. A imobilidade de Fanny é uma pequena demonstração de tenacidade moral, enquanto os outros perambulam arriscadamente.

O teatro está no próprio âmago do romance; na verdade, é tema de uma das passagens mais sutis e profundas da ficção inglesa. Em sua *Memoir*, James Edward Austen-Leigh, sobrinho de Jane Austen, mostra que sua família apreciava as encenações domésticas e de modo algum as desaprovava como no romance. Em *Mansfield Park*, elas são o meio através do qual a autora investiga as profundas implicações da arte de representar para o indivíduo e a sociedade. E sua brilhante utilização do que o “teatro amador” tem de sugestivo e relevante para

a vida moderna justifica plenamente a afirmação de Lionel Trifling: “Jane Austen foi a primeira a retratar a personalidade especificamente moderna e a cultura que lhe dera origem”. Montar um espetáculo teatral na mansão é o cúmulo da liberdade irresponsável que os jovens se permitem na ausência de Sir Thomas (“Agora estavam livres de restrições”). Naturalmente, não vemos nisso nada de mau, muito pelo contrário. Contudo, nos termos do mundo descrito no livro, a tentativa de transformar Mansfield Park em teatro é uma profanação: é como transformar um templo de ordem numa escola de escândalo. Todas as personagens sabem que Sir Thomas não aprovaria, mas Tom derruba as objeções de Edmund, assegurando: “A casa de nosso pai não será prejudicada”. Porém, num sentido mais profundo, Mansfield Park por pouco não é destruída, uma vez que “a vontade de representar havia despertado”. Pois em Mansfield Park é preciso ser fiel a seu melhor eu: e no teatro pode-se experimentar outros eus. Não é possível viver nesses dois lugares.

Talvez seja interessante lembrar a velha objeção platônica à arte de representar. Platão achava impossível ser um bom cidadão e ser ator, porque o simples fato de interpretar uma personagem ignóbil exerce sobre o eu civilizado uma influência degradante e desmoralizante. Ao longo da história há numerosos registros da desconfiança quanto aos insidiosos perigos da arte de representar. Por outro lado, ao menos desde o Romantismo, essa arte e tudo que ela envolve têm despertado crescente interesse; imagina-se que o eu talvez só consiga chegar a uma total compreensão de si mesmo vivendo diferentes papéis e usando diferentes máscaras. Uma das principais convicções dos românticos é que somos muito mais do que nos diz nosso consciente, que cada um de nós é uma multidão de potencialidades praticamente infinitas (“Contenho multidões”, afirma Whitman). Daí o desejo de expandir a vida e a consciência mediante o desempenho de muitos papéis diferentes. Ao “viver um papel”, podemos deparar com uma parte de nós mesmos que desconhecíamos: o palco é o grande local para descobrir essas multidões interiores que Whitman menciona. A leitura também proporciona uma oportunidade de representação vicária. Um dos perigos de tudo isso é, evidentemente, que o eu goste tanto da vida mais rica e intensa que seus vários papéis lhe permitem viver que

acabe por desintegrar-se, que o homem interior desapareça no ator e o rosto se torne a máscara. Certamente interpretar personagens é algo contrário a estabilidade e fixidez; não há limites de ação, nem normas de conduta para o eu fluido. Em vez de ater-se rigidamente a firmes princípios morais, a vida pode se transformar numa série de improvisações sugeridas pelo ambiente do momento.

Quem leva o germe do teatro para Mansfield Park é o sr. Yates, um visitante tolo, habituado a “andar na moda” e “gastar muito”: logo todos os jovens querem atuar ou, como diz Tom, “fazer uma coisa diferente”. Mais uma vez, cabe notar que é na ausência de Sir Thomas que toda uma gama de aptidões e vontades até então reprimidas começa a tentar expressar-se e buscar satisfação. Lady Bertram, naturalmente, não apresenta objeções; a sra. Norris adora a ideia, porque “previa um período de grande atividade que a faria sentir-se importante”. Só Edmund desaprova — e, evidentemente, Fanny. Ambos se recusam a “atuar”. Fanny é particularmente enfática. “Eu não conseguiria interpretar um papel nem que vocês me dessem o mundo inteiro. Não, eu não sei representar.” Henry Crawford é “o melhor ator do elenco” — até Fanny reconhece seu grande talento nesse campo. O problema é que esse talento transborda do teatro para a vida real: fora do palco, ele se dedica a “uma pérfida brincadeira” com os sentimentos de Julia e Maria — esta última exulta com a possibilidade de expressar sua paixão por Henry sob o disfarce da representação. Mary também está perfeitamente à vontade no teatro e acaba contribuindo para finalmente convencer Edmund a participar da encenação. Quando ela provocantemente pergunta: “Qual dos senhores terei o prazer de amar?”, Edmund resiste, mas depois acaba cedendo. Isso tem importantes implicações. Edmund escolheu a profissão de sacerdote — profissão é o papel fixo que escolhemos para desempenhá-lo pela vida afora, com toda a responsabilidade possível. No momento em que aceita interpretar um clérigo fictício que vive uma história de amor, Edmund simbolicamente abandona sua profissão, seu papel na vida. Abdica de seu verdadeiro eu por um impulso passional. E com sua deserção para o lado dos atores Fanny é a única capaz de discernimento, responsabilidade e clarividência. O

resto não preserva seus verdadeiros eus: “e ninguém era dono de si mesmo”, nas palavras de Shakespeare.

Tudo que se relaciona com o teatro prenuncia desarmonia. Primeiro, os “atores” não chegam a um acordo sobre a peça a ser encenada, pois o interesse de cada um se resume em obter um bom papel. Depois, a casa é materialmente desorganizada, sofre alterações para ficar parecida com um teatro de verdade. A peça, *Juras de amor*, embora banal, ocasiona relações estranhas ou perigosas; em especial, Maria interpretando uma mãe abandonada e Henry interpretando seu filho ilegítimo têm a oportunidade de estabelecer uma insidiosa intimidade. Durante os ensaios, desejos reprimidos e duvidosos começam a aflorar, graças à liberdade permitida pela representação. Só Fanny se mantém à margem. Torna-se curiosamente necessária para ouvir reclamações, tomar as falas, assumir as funções de ponto, “juiz e crítico”. E está “em paz consigo mesma” (exceto no momento angustiante em que Mary e Edmund ensaiam a cena de amor em sua presença). E, o mais importante, é a única que *percebe* realmente o que está acontecendo. Percebe, por exemplo, o sofrimento de Julia, as verdadeiras intenções de Henry e Maria, a ilusão de Edmund quanto a Mary. Essa perspicácia é crucial por ser a única existente em Mansfield Park. Até Edmund, dividido “entre seu papel na peça e seu papel na vida real, [...] tampouco reparava em nada”. Só resta Fanny para defender os direitos e a necessidade da lúcida consciência moral. Os outros estão inteiramente entregues a seus papéis; estão cegos por trás das máscaras. Por isso, Fanny às vezes parece puritana; mas temos de entender seu simbolismo. É o que torna tão dramático o final do capítulo XVIII. Por causa da indisposição do dr. Grant pouco antes do primeiro ensaio geral, está faltando uma atriz, a sra. Grant. Desesperados, todos se dirigem a Fanny e tentam convencê-la a simplesmente ler o papel. Até Edmund suplica sua ajuda. Aparentemente, ela também vai se render, por fim, ao teatro. Então, Sir Thomas volta inesperadamente, os atores se dispersam, o teatro cede lugar a Mansfield Park. Parece melodramático, mas temos de pensar que se Sir Thomas não voltasse, Fanny seria obrigada a “representar” e Mansfield Park se transformaria num teatro. Mais uma vez, é preciso entender o sutil simbolismo da situação e ver a

lucidez de Fanny como a única luz na mansão escura; portanto, quando os outros insistem com ela para que desempenhe um papel, devemos entender que a última luz da consciência está prestes a apagar-se. Não se apaga graças à poderosa autoridade da simples presença de Sir Thomas. E, porque não se apaga, porque Fanny resiste, caberá a ela salvar Mansfield Park no final do livro, quando a desordem sugerida pelo teatro degenera em caos moral na vida real.

Mais uma palavra sobre “representação”. Com o retorno de Sir Thomas, todos os vestígios do teatro são eliminados e tudo volta a ser “mesmice e melancolia” — tanto que até Edmund sente falta de “animação”. Só muito tempo depois ele consegue ver a experiência teatral como uma “loucura geral”. Mary, como era de se esperar, relembra-a como seu melhor momento. “Se eu tivesse o poder de reviver uma semana de minha existência, seria aquela semana, aquela semana do teatro.” E Henry, ator supremo, também saboreia a lembrança daquela “semana do teatro”. “Todos nós estávamos cheios de vida. [...] Nunca fui tão feliz.” E essa é a profunda verdade sobre os Crawford: criados no grande palco da vida londrina, só se sentem vivos quando representam um papel. Em si mesmos, em repouso, nada são. Mestres de estilo, comandam com facilidade toda a gama de reações: como outros grandes atores, conseguem simular todos os sentimentos, porque, no fundo, nada sentem. Estão fadados a ser insinceros, porque não têm o dom dos sentimentos sinceros. Nisso, em sua estranha combinação de energia e vazio, são muito modernos. O talento dramático de Henry novamente se destaca em sua corte a Fanny. Ele pega um exemplar de *Henrique viii* (certamente uma brincadeira de Jane Austen, pois ambas as personagens preferem uma pluralidade de mulheres) e, por puro instinto, lê com perfeição *todos* os papéis. “O rei, a rainha, Buckingham, Wolsey, Cromwell: todos ganhavam vida; [...] sempre encontrava as melhores cenas ou as melhores falas de cada personagem; e, se tinha de exprimir dignidade ou orgulho, ternura ou remorso, ou qualquer outro sentimento, fazia-o com a mesma beleza. Era verdadeiramente dramático.” Assim, com seu “jeito para representar”, Henry Crawford revela o que, na verdade, é sua maldição. Pois como quem consegue representar bem todos os papéis há de saber quem realmente é? Como quem consegue

fingir todas as emoções e todos os afetos há de saber o que realmente sente? Henry Crawford “representa com o coração”: infelizmente, também faz o coração representar. Ao tentar conquistar Fanny, talvez esteja desempenhando o papel mais difícil de todos: o de homem sincero. No entanto, apesar de seus genuínos esforços, não persiste, e tem lugar a justificação de Fanny, a mais determinada não atriz. Devemos ter em mente que é só por causa da resistência e da determinação de Fanny que os atores — em todos os sentidos — são banidos de Mansfield Park.

Jane Austen explica numa carta que o tema desse livro é a “ordenação”, e sem dúvida a opção de Edmund pelo sacerdócio é uma questão séria — Mary despreza o clero e tenta levá-lo para o mundo; Fanny admira o clero e dá ao primo todo apoio possível. Mas há outras questões muito importantes. É possível apontar algumas justapondo certos termos abstratos, pois Jane Austen utiliza abstrações com a eficiência, a precisão e o discernimento de um escritor do século XVIII. Há um contraste entre aparência e realidade, entre a elegância dos atraentes Crawfords e a autenticidade da retraída Fanny. Há um conflito entre as alegrias pessoais e os rigores morais. Há a necessidade de distinguir entre “gostoso” e “sensato”, entre “agradável” e “prudente”. Naturalmente, o “dever” é de extrema importância, mas não pode dispensar a “delicadeza”. E, talvez uma lição mais dura, o prazer do “humor” (e quem o aprecia mais que Jane Austen?) não é nada em comparação com a seriedade da sensatez. Como ela afirma numa carta: “Sensatez é melhor que humor e certamente é quem há de rir por último”. Num sentido mais amplo, como assinalam alguns críticos, o livro realmente parece favorável à repressão e à negação, à imobilidade e ao fechamento, à tímida tranquilidade da cautela e da rotina em oposição à empolgação do risco e da mudança. Contudo, se entendemos suas implicações simbólicas, podemos ver que, no que tem de mais profundo, esse é um livro sobre a dificuldade de preservar a verdadeira consciência moral em meio à manipulação da sociedade. Fanny está constantemente sujeita a persuasão, maldade, coerção, oposição. No final do volume I, por pouco não é obrigada a participar do espetáculo teatral. No final do volume II, está sozinha e desolada, pressionada por todo mundo a

aceitar uma situação muito mais fictícia: o casamento com Henry Crawford. Como observa Lionel Trilling, em nossa época tendemos a acreditar que é possível “agir corretamente sem acarretar sofrimento para o eu”, porém Jane Austen sabia que a virtude é uma coisa difícil e a moralidade pode envolver renúncia, sacrifício, solidão e angústia. Tendemos a admirar a energia; mas, voltando a Trilling, Jane Austen tem plena consciência de que, paradoxalmente, “as mesmas energias que definem o eu podem destruí-lo, e a negação de suas próprias energias pode preservá-lo”. A figura fragilizada mas firme de Fanny Price nos mostra que a manutenção dos valores verdadeiros num mundo corrosivo de energias perigosas envolve dor e esforço. Fanny sofre em sua imobilidade. Pela retidão.

O conteúdo não varia muito nos romances de Jane Austen: “Três ou quatro famílias num vilarejo do campo é o material mais indicado”, ela escreveu certa vez. Nem a técnica: observação minuciosa e ironia mordaz num espaço deliberadamente restrito; “um pedaço de marfim (cinco centímetros de espessura) que escovo muito bem”, como ela mesma a definiu. Não obstante, *Mansfield Park* é muito diferente dos romances anteriores no tom, e um ou dois detalhes biográficos podem ajudar a entender essa diferença. Jane Austen escreveu seus três primeiros romances — *Razão e sensibilidade*, *Orgulho e preconceito*, *A abadia de Northanger* — quando tinha vinte e poucos anos e ainda morava feliz em Steventon, sua cidade natal. Contudo, entre 1801 e 1809, a família morou em Bath e depois em Southampton, onde parece que ela já não foi tão feliz. Por fim, em 1809, Jane Austen se mudou com a mãe e a irmã para Chawton, em Hampshire, onde permaneceu até a morte, em 1817. Foi ali que, em 1811, aos 36 anos, começou a escrever *Mansfield Park*, seu primeiro romance completo em mais de doze anos. Nesse ínterim, o pai havia morrido (em 1805) e é quase certo que ela se apaixonou por um homem (chamado Blackall, talvez) que morreu pouco depois do primeiro encontro, aparentemente muito promissor. É possível que, nessa época, ela tenha se conformado com a condição de solteirona e, inevitavelmente, se tornado mais sisuda. As heroínas dos romances anteriores com certeza são mais alegres e mais fortes que as dos últimos; na verdade, não são ameaçadas pelas loucuras e pela torpeza da sociedade em que vivem. Mas Fanny é

fraca, medrosa e sofre ameaças reais; Anne Elliot, em *Persuasão*, segue, como o título sugere, um “conselho” coercivo que quase a priva da felicidade para sempre. É “obrigada a ser prudente”, a sofrer e esperar durante longos anos até reaver o capitão Wentworth. Emma, no romance homônimo, é alegre e forte: mas é egoísta e cruel e comete graves erros de avaliação. Tem de passar por um longo período de aprendizagem para conhecer a si mesma e por muita humilhação salutar para se tornar digna de George Knightley, o homem que a fará feliz. Nenhuma delas encontra a felicidade facilmente, e há muito sofrimento, muita espera até realizar-se, por fim, o feliz casamento. Jane Austen sempre aceitou a tese de que a vida tem de ser definida e vivida dentro de limites: nunca considerou a hipótese de fugir da sociedade para viver à margem, em liberdade. No entanto, parece que cada vez mais se deu conta da dor e do sofrimento envolvidos no que D. W. Harding chama de “a impossibilidade de ser afastado de pessoas reprováveis”. Muitas personagens de seus últimos romances lembram a afirmação de Sartre: “O inferno são os outros”. Ao rever *Orgulho e preconceito*, anos depois, Jane Austen escreveu: “É uma obra luminosa, brilhante, reluzente demais”. Na época de *Mansfield Park*, já não havia no mundo tanta luminosidade, nem tanto brilho, e, embora preserve seu incomparável senso de humor, agora Jane Austen parece mais consciente dos verdadeiros males e dos verdadeiros sofrimentos inerentes à vida em sociedade.

Além de tudo isso, acho que também estava ciente das enormes mudanças que já ocorriam na Inglaterra. Não que se refira especificamente a mudanças sociais: nesse sentido, seu mundo permanece singularmente raso e restrito. Mas parece que ela percebe na psique das pessoas uma alteração crucial que, em pequena escala, reflete uma mudança radical na postura da população. Assim, creio que sua suspeita de um movimento impetuoso, perceptível em *Mansfield Park*, indiretamente sugere sua opinião sobre uma tendência mais ampla. Para justificar essa ideia, recorro a *Sanditon*, o romance que ela estava escrevendo quando morreu. Ao contrário da maioria de seus romances (que geralmente começam com uma informação sobre a posição social de uma personagem ou de uma família), esse fragmento se inicia com um acontecimento dramático. A carruagem

que velozmente transporta um casal em viagem de “negócios” por uma estrada acidentada “capota”. Na pressa, o onipresente espírito comercial se espatifa! A família que ajuda as vítimas é adepta do estável estilo de vida rural. Assim, os Heywood “nunca deixaram sua casa”; sempre foram “estacionários e saudáveis”. Como Fanny, acreditam em “prudência” e “hábito”. Como ela, não se movem. Mas o casal de viajantes trocou sua casa velha, modesta, confortável, situada num vale por uma nova, mais bonita porém muito menos confortável, situada no alto de uma colina. Mudança de domicílio reflete mudança de estilo de vida; e o que os Parker fizeram reflete o que a Inglaterra estava fazendo (há claras indicações de que os fatos são posteriores a Waterloo). Charlotte, uma das filhas dos Heywood, vai passar uma temporada com os Parker em Sanditon e o que vê não é diferente do que Fanny vê. Há um dândi dissoluto e gentil que, como Henry Crawford, “vive demais no mundo para criar raízes”. Há uma confusão, uma lufa-lufa ridícula (e muito engraçada), uma “atividade louca”. Como o alvoroço na ida a Sotherton, há em Sanditon uma correria frenética que leva a autora a comentar com ironia, porém com seriedade: “Agora todo mundo precisa ‘andar em círculo’; talvez se deva atribuir à prevalência do movimento rotatório a zonzeira e os deslizes de muitos”. Podemos entender essa frase como uma crítica mordaz às novas forças que ameaçam os valores estáveis de Mansfield Park.

Mas se Jane Austen percebeu, como esse fragmento deixa claro, que um mundo de vertiginosas mudanças estava prestes a suplantar o mundo de pacata fixidez que ela conhecia, por que deixou o espírito de Mansfield, personificado por Fanny, triunfar sobre as forças da mudança, representadas pelos Crawford? Acho que podemos explicar da seguinte maneira: a um mundo que se entrega aos perigos da atividade irrefletida Jane Austen contrapõe uma imagem dos valores da inatividade cautelosa. Ciente de que a tendência era mais e mais pessoas explorarem as delícias da individualidade, ela queria mostrar que havia muito a dizer sobre o “heroísmo dos bons princípios”. *Mansfield Park* é um livro estoico no sentido de que prefere a imobilidade ao movimento, a solidez à fluidez, a permanência à mudança, a resignação à aventura. Na figura de Fanny, enaltece quem

“luta consigo mesmo” em oposição a quem se compraz com as várias potencialidades do ego. Fanny é uma verdadeira heroína porque num mundo turbulento é mais difícil abster-se de agir do que liberar a energia e ceder aos impulsos. Esse é um ponto da análise final de Sir Thomas, quando ele reconhece “as vantagens de enfrentar dificuldades ainda cedo na vida e ter consciência de que nascemos para lutar e sofrer com resignação”. Fanny tem essa consciência. Mansfield Park tem muitos defeitos e abriga algumas pessoas tolas e torpes. Fanny sofre muito ali. Porém um lugar pode ser mais valioso que seus moradores; e, ademais, como Anne Elliot diz em *Persuasão*, “não se ama menos um lugar porque ali se sofreu”. Como lugar, simbolicamente preserva valores estoicos como controle, estabilidade, resignação. E Jane Austen faz desse lugar uma imagem de serena resistência no início do que seria o século de mudanças mais convulsivo de toda a história da Inglaterra.

Por fim, para sugerir a posição que *Mansfield Park* ocupa na ficção inglesa, proponho uma breve comparação com outra obra escrita sobre a Inglaterra num momento de transição crucial, quase cem anos depois. Refiro-me a *Parade's End*, de Ford Madox Ford. Se o romance de Jane Austen focaliza a Inglaterra do século XVIII prestes a dar passagem ao XIX, a tetralogia de Ford focaliza a Inglaterra do século XIX dando passagem ao XX na época da Primeira Guerra Mundial. Como Jane Austen, Ford retrata um mundo de valores tradicionais infiltrado e minado por tipos modernos — inescrupulosos, ambiciosos, cruéis, egoístas, falsos. E o protagonista, Christopher Tietjens, representa todos os velhos valores estoicos da Inglaterra rural. Como Fanny, ele é maltratado, injuriado, desprezado. No entanto, mesmo sofrendo, exausto e abandonado, ele resiste, como Fanny. Também revela o “heroísmo dos bons princípios” num mundo de crescente oportunismo: “Os princípios são como o mapa de um país — você sabe se está indo para o leste ou para o norte”. Na figura de Tietjens, Ford, como Jane Austen, justifica a passividade e a abstenção. E, como Fanny, Tietjens se fortalece atendo-se à imagem de paz e estabilidade da velha Inglaterra rural — representada por George Herbert, o poeta-sacerdote do século XVII. Em tempo de guerra, ele faz meditações

como esta, extraída de *A Man Could Stand Up* (o terceiro volume da tetralogia):

Mas que chance tinham os campos tranquilos, a santidade anglicana, o pensamento preciso, as sebes cerradas, as terras aráveis que se estendem encosta acima? [...] A terra permanece. [...]

A terra permanece [...] Permanece! [...] No mesmo instante, o chuvoso amanhecer ia revelando; lá, na paróquia de George Herbert [...] como ela se chamava? [...] Como era o nome dela? Que diabo! [...] Entre Salisbury e Wilton [...]. A igreja [..]. Mas ele se recusou a considerar a terra arável, os bosques frondosos, a estrada mais além da igreja que o chuvoso amanhecer ia nesse instante revelando — até que conseguiu lembrar o nome. Ele se recusou a considerar que, provavelmente ainda hoje, a terra [...] produzia [...] santidade anglicana. Tranquilidade!

Jane Austen é uma escritora muito maior, evidentemente. Mas também conhecia uma Inglaterra que estava terminando. Também conhecia a paixão que se transforma em luxúria, a atividade que se torna destrutiva, a energia que resulta na aniquilação de um mundo. E, tanto quanto Ford, valorizava a “tranquilidade” e também sabia que para alcançá-la e preservá-la era preciso ter extraordinária força moral. E é disso que trata *Mansfield Park*.

* Publicada na edição original do selo Penguin Classics de *Mansfield Park*, em 1966. (N. E.)

Nota sobre o texto

As seguintes abreviações foram adotadas nas Notas:

Gilson: GILSON, David. *A Bibliography of Jane Austen*. Oxford: Clarendon, 1982.

Letters: Jane Austen's Letters. Org. de Deirdre Le Faye 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 1995.

MP (1814): *Mansfield Park*. Londres: Thomas Egerton, 1814.

MP (1816): *Mansfield Park*. 2. ed. Londres: John Murray, 1816.

MP (Chapman): *Mansfield Park*. Org. de R. W. Chapman, 3. ed., revista por Mary Lascelles em 1966. Londres: Oxford University Press, 1934.

MP (Kinsley): *Mansfield Park*. Org. de James Kinsley. Londres: Oxford University Press, 1970.

MP (1814)

Thomas Egerton, o editor de *Razão e sensibilidade* e *Orgulho e preconceito*, publicou a primeira edição de *Mansfield Park*. Como no caso de *Razão e sensibilidade*, Jane Austen ficou com o copyright, e Egerton com comissões sobre as vendas. O romance foi anunciado como publicado em *The Star* na segunda-feira, 9 de maio de 1814; outros anúncios apareceram posteriormente ao longo do mês de maio. O exemplar cartonado custava dezoito xelins; nenhuma parte do manuscrito original sobreviveu. R. W. Chapman calcula que a primeira edição teve 1250 exemplares. Em novembro de 1814, todos haviam sido vendidos, com um lucro de, no mínimo, 320 libras (Gilson, pp. 43-9).

MP (1816)

Chapman afirma que “Egerton se revelou um vendedor insatisfatório” e que por causa disso e da má qualidade da primeira edição de *Mansfield Park* Austen confiou a segunda edição a John Murray.¹ Gilson acrescenta que “há também uma possibilidade de que ela estivesse descontente com a atitude de Egerton em relação a *Orgulho e preconceito* (em especial com o lançamento de uma segunda edição desse romance sem seu conhecimento)” (Gilson, p. 59). Em 11 de dezembro de 1815, Austen escreveu a John Murray de Hans Place, a casa de seu irmão Henry em Londres: “Também lhe devolvo *Mansfield Park* pronto para uma 2ª ed.: na medida do possível, creio” (*Letters*, p. 305). Segundo Chapman, ela provavelmente devolveu a Murray uma cópia corrigida da primeira edição, não da segunda. Mas foram feitas importantes alterações de detalhes náuticos no volume III e numerosas modificações de ortografia e pontuação. Nem todas estão em MP (Chapman). A segunda edição de *Mansfield Park*, com 750 exemplares, foi anunciada em *The Morning Post* em 19 de fevereiro de 1816. Austen novamente ficou com o copyright, tendo recusado a oferta de Murray: 450 libras pelo copyright de *Razão e sensibilidade*, *Mansfield Park* e *Emma*. Escrevendo a Murray, em novembro de 1815, Henry Austen disse que sua irmã lucrara mais que essa magra quantia “com uma única e modesta edição de *Mansfield Park* [...] e uma ainda menor de *Razão e sensibilidade*”.² No entanto, ao contrário da primeira edição, que aparentemente logo se esgotou, a segunda não vendeu, e em janeiro de 1820 ainda havia 498 exemplares de *Mansfield Park* (Gilson, pp. 54-60).

EDIÇÕES SUBSEQUENTES

Primeira edição francesa: A primeira tradução integral para o francês recebeu o título de *Le Parc de Mansfield, ou Les Trois Cousines* (Paris, 1816).

Primeira edição americana: Carey and Lea, da Filadélfia, publicou a primeira edição americana em dezembro de 1832 (1250 exemplares).

Edição-padrão do século XIX: Os seis romances foram publicados em tipo pequeno, difícil de ler, na série barata de Bentley (seis xelins o volume) em 1833 (reimpressa em 1866, 1869, 1878-9, 1882). Essas reimpressões usam a segunda edição sem nenhum critério crítico.

Edição Dent: A série em dez volumes (sendo *Mansfield Park* os volumes 5 e 6) que J. M. Dent lançou em setembro de 1892, com uma segunda impressão em novembro de 1892, tem edição e introdução de Reginald Brimley Johnson e é a primeira a considerar o texto do romance. Sobre o *Mansfield Park* de Dent escreve R. Brimley Johnson: “Esta edição utiliza *B* [1816]. Nos poucos casos em que se encontraram erros no texto, recorreu-se a *A* [1814], o que é indicado pelas palavras entre colchetes. Outras discrepâncias em relação ao texto de *B* são explicadas em notas de rodapé”.³ Essa edição traz um prefácio breve (apenas duas páginas) mas precioso, por fornecer detalhes dos impressores de *MP* (1814) e *MP* (1816); além disso, é a primeira que revela preocupação com o texto. É a ancestral das edições Everyman dos romances, que Mary Lascelles revisou em 1966.

MP (Chapman): A primeira edição textual completa dos romances de Austen é a de R. W. Chapman (Clarendon, 1923). Chapman cotejou as duas primeiras edições de *Mansfield Park* e consagrou a segunda (base de todas as reimpressões feitas no século XIX). Em reimpressões posteriores, essa edição sofreu correções e recebeu adendos, destacando-se os que Mary Lascelles fez para a terceira edição, em 1965-6. Durante setenta anos a edição Chapman foi a referência definitiva, e a maioria das edições subsequentes ou se baseou nela (a de James Kinsley, Oxford University Press, em 1970, e, depois, World’s Classics, 1980) ou reconheceu seu débito para com ela (a de Tony Tanner, Penguin, 1966). Mais recentemente, a edição crítica de Claudia L. Johnson (Norton, 1998) concorda com Chapman quanto ao texto da segunda edição, porém rejeita muitas de suas alterações.

Fiel à teoria editorial de sua época, Chapman tomou como base a segunda edição de *Mansfield Park*. Depois, os editores passaram a preferir a primeira forma de um texto por considerá-la a mais fidedigna. Esse argumento tem uma força especial quando aplicado a textos do período de Austen, o chamado período romântico, com sua

alta valorização de primeiras expressões. Contudo, até agora nenhuma edição de *Mansfield Park* se baseou na primeira edição.

A DEFESA DE MP (1814) COMO BASE

“De todas as edições dos romances, a primeira edição de *Mansfield Park* é, de longe, a pior” (MP (Chapman), pp. xi-xii). Há alguma verdade nesse veredito, porém é preciso lembrar que, mais tarde, o próprio Chapman admitiu que a ortografia da primeira edição “provavelmente reflete a prática da autora” (p. xii). MP (1814) inclui formas ortográficas que certamente eram de Austen e que as correções feitas para MP (1816) eliminaram. A pontuação em MP (1814) é mais descuidada que em MP (1816); porém, esse descuido, as excentricidades e variantes ortográficas, os usos gramaticais mais coloquiais podem bem refletir características do manuscrito e da maneira de escrever da autora que o leitor moderno talvez gostasse de recuperar. Em suma, há um frescor e uma liberdade em MP (1814) que se perderam nas “correções” iniciadas em MP (1816) e continuadas por Chapman. Ademais, o veredito de Chapman sobre a má qualidade de MP (1814) é exagerado à luz de incoerências e erros existentes em MP (1816) e de alguma deterioração evidente em relação a MP (1814).

É importante notar que MP (1814) contém algumas leituras bem melhores que MP (1816) e que, sem ter passado pelas “melhorias” de edições e editores subsequentes, em vários casos, oferece leituras mais claras de passagens notoriamente difíceis. De particular interesse para a defesa de MP (1814) é o status das variantes textuais em MP (1816), volume III, tradicionalmente vistas como as melhorias feitas pelos irmãos marinheiros de Austen no tocante a detalhes náuticos.

NOTAS

- 1 R. W. Chapman, “Jane Austen and her Publishers”. *London Mercury*, 22, 1930, p. 341.
- 2 William Austen-Leigh e Richard Arthur Austen-Leigh, *Jane Austen: A Family Record*. Rev. por Deirdre Le Faye, p. 202.
- 3 *Jane Austen's Novels*. Org. de Reginald Brimley Johnson, 10 v., Londres: J. M. Dent and Co., 1892, v. 5, pp. v-vi.

Mansfield Park

VOLUME I

I

Há cerca de trinta anos, a srta. Maria Ward, de Huntingdon, com apenas sete mil libras, teve a sorte de cativar Sir Thomas Bertram, de Mansfield Park, no condado de Northampton, e, assim, tornar-se esposa de um baronete, com direito a todos os confortos de uma bela casa e de uma boa renda. Huntingdon inteira admirou a grandiosidade da união, e o próprio tio da noiva, advogado, admitiu que lhe faltavam no mínimo três mil libras para fazer jus a tanto. A srta. Maria tinha duas irmãs, que seriam beneficiadas com sua ascensão, e alguns conhecidos que achavam a srta. Ward e a srta. Frances tão bonitas quanto ela não hesitavam em afirmar que se casariam igualmente bem. Mas decerto não existem no mundo tantos homens com grandes fortunas para tantas moças bonitas que os merecem. Ao cabo de seis anos, a srta. Ward se viu obrigada a esposar o reverendo sr. Norris, amigo de seu cunhado, que estava longe de ser rico, e a srta. Frances teve ainda menos sorte. Na verdade, a srta. Ward não fez um mau casamento: como Sir Thomas felizmente pôde dar ao amigo o presbitério de Mansfield, o sr. e a sra. Norris iniciaram sua vida conjugal com pouco menos de mil libras por ano. Já a srta. Frances casou-se — para contrariar a família, dizia-se — com um tenente da Marinha sem instrução, sem dinheiro e sem boas relações. Não poderia ter feito pior escolha. Por princípio e por orgulho, pela vontade de sempre agir corretamente e pelo desejo de ver todos a sua volta em situação respeitável, Sir Thomas Bertram bem que gostaria de usar sua influência em benefício da cunhada, mas se viu impedido pela profissão do marido dela¹ e, antes que tivesse tempo de conceber outra maneira de ajudá-los, ocorreu entre as irmãs uma ruptura absoluta. Foi a consequência natural da conduta de cada parte, o desfecho quase sempre resultante de um casamento imprudente. Para evitar reclamações inúteis, a sra. Price só comunicou sua união à

família depois do fato consumado. Lady Bertram, que era uma mulher de sentimentos muito tranquilos e temperamento calmo e indolente, teria se contentado com simplesmente desistir da irmã e não pensar mais no assunto; porém, a enérgica sra. Norris não se deu por satisfeita enquanto não escreveu a Fanny uma carta longa e furiosa, apontando-lhe a insensatez de sua conduta e ameaçando-a com as piores consequências possíveis. Ofendida e indignada, a sra. Price enviou-lhe uma resposta amarga, que incluía todas as irmãs e tecia comentários tão desrespeitosos acerca de Sir Thomas que a sra. Norris não conseguiu guardá-los para si mesma. E essa resposta pôs fim a toda relação entre elas por um tempo considerável.

As três moravam em lugares tão distantes e frequentavam círculos tão diferentes que nos onze anos seguintes praticamente não houve possibilidade de cada uma saber da existência das outras, e Sir Thomas muito se surpreendia toda vez que a sra. Norris lhe contava, irritada, que Fanny tivera mais um filho. Ao fim de onze anos, a sra. Price não podia mais se dar o luxo de ser orgulhosa, de alimentar ressentimentos ou de manter-se afastada de pessoas que poderiam ajudá-la. Com uma família grande e ainda crescendo, com um marido incapacitado para o serviço ativo, mas não para a farra e a bebida, e com uma renda insuficiente para suprir suas necessidades, estava ansiosa para recuperar as amizades que tão impensadamente sacrificara; e escreveu a Lady Bertram uma carta em que falava de sua prole numerosa e de sua falta de quase tudo num tom contrito e pesaroso que haveria de levá-los à reconciliação. Às vésperas de seu nono parto, implorou à irmã e ao cunhado que concordassem em ser padrinhos da criança que estava para nascer e não escondeu que também seriam importantes para a futura manutenção dos oito filhos já existentes. O menino mais velho tinha dez anos, era bom e corajoso e ansiava por conhecer o mundo; mas o que ela podia fazer? Haveria alguma possibilidade de Sir Thomas utilizá-lo em sua propriedade nas Índias Ocidentais? Nenhuma ocupação seria indigna para ele — ou o que Sir Thomas achava de Woolwich? Ou como se poderia mandá-lo para o Oriente?²

A carta não foi inútil. Restabeleceu a paz e a benevolência. Sir Thomas enviou conselhos e declarações de amizade; Lady Bertram

enviou dinheiro e roupas para o bebê; e a sra. Norris escreveu as cartas.

Esses foram os efeitos imediatos, porém o mais importante se deu doze meses depois. A sra. Norris vivia dizendo que não conseguia parar de pensar na coitadinha da irmã e nos sobrinhos e que, embora todos já tivessem feito muito por ela, queria fazer mais: e por fim anunciou que desejava aliviar o fardo e a despesa da pobre sra. Price, livrando-a de um dos integrantes de sua grande prole. “E se todos juntos cuidassem da filha mais velha, uma menina que tinha agora nove anos, estava numa idade que requeria mais atenção do que a pobre mãe podia lhe dar? O trabalho e os gastos que teriam com isso não seriam nada, em comparação com a bondade do gesto.” Lady Bertram concordou de imediato. “Acho que não podemos fazer nada melhor”, declarou; “vamos mandar buscar a criança.”

Sir Thomas não podia consentir tão prontamente e sem nenhuma restrição. Refletiu, hesitou — era uma grande responsabilidade; se não conseguisse dar a devida assistência a uma menina tão crescida, seria uma crueldade tirá-la da própria família. Pensou em seus quatro filhos — em seus dois meninos — em primos apaixonados etc. —; porém, mal abriu a boca para expor suas objeções, a sra. Norris interrompeu-o com um discurso que acabou com todas elas, expostas ou não.

“Meu caro Sir Thomas, eu o compreendo perfeitamente e reconheço a generosidade e a delicadeza de suas ponderações, que de fato estão em harmonia com toda a sua conduta. Concordo inteiramente que quem pega uma criança para acabar de criar tem de fazer o possível por ela; eu seria a última pessoa no mundo a recusar minha pequena contribuição. Como não tenho filhos, de quem eu deveria cuidar, senão dos filhos de minhas irmãs? E estou certa de que o sr. Norris pensa da mesma forma. Mas o senhor sabe que sou uma mulher de poucas palavras. Não vamos deixar de praticar uma boa ação por causa de uma bobagem. Recebendo uma boa educação e sendo apresentada ao mundo como deve ser, a menina com certeza vai se dar bem, sem acarretar gastos para mais ninguém. Uma sobrinha nossa, Sir Thomas, ou, pelo menos, *sua*, teria muitas vantagens em crescer aqui. Não digo que seria tão bonita quanto as primas. Acho mesmo que não. Mas seria apresentada à sociedade em circunstâncias tão

favoráveis que, com toda a probabilidade, conseguiria um bom casamento. O senhor está pensando em seus filhos... mas não sabe que de todas as coisas que existem no mundo essa é a menos provável de acontecer, já que seriam criados juntos, como irmãos? É moralmente impossível. Eu nunca soube de nada parecido. Na verdade, essa é a única maneira segura de evitar esse tipo de relacionamento. Imagine que ela é bonita e que Tom ou Edmund a vê pela primeira vez daqui a sete anos; acho que seria um problema. Só o fato de ela ter crescido longe de nós, na pobreza e no abandono, bastaria para fazer qualquer um de seus queridos filhos apaixonar-se por ela. Mas crie-a com eles desde agora e sempre a verão como uma irmã, ainda que ela tenha a beleza de um anjo.”

“Há muita verdade no que a senhora falou”, Sir Thomas respondeu. “E longe de mim colocar qualquer empecilho a um plano tão condizente com a situação de cada um de nós. Só acho que não devemos agir levianamente e que, para que o que fizermos seja de fato bom para a sra. Price e honroso para nós, precisamos garantir ou comprometer-nos a garantir que, desde agora e de acordo com as circunstâncias, a menina tenha recursos para viver como uma dama, se o casamento que a senhora espera com tanto otimismo não acontecer.”

“Eu entendo perfeitamente”, disse a sra. Norris. “O senhor é muito generoso, muito atencioso, e quanto a isso nunca vamos discordar. Como bem sabe, estou sempre disposta a fazer o possível pelas pessoas que amo; e, embora eu nunca venha a sentir por essa menina a centésima parte do amor que sinto por seus filhos, nem considerá-la, em qualquer aspecto, como minha filha, eu me odiaria se a abandonasse. Ela não é filha de uma irmã? Como poderia deixá-la passar necessidade, se tenho um pedaço de pão para lhe dar? Meu caro Sir Thomas, com todos os meus defeitos, eu tenho um bom coração; e, mesmo sendo pobre, prefiro tirar de meu próprio sustento a cometer uma mesquinha. Portanto, se o senhor não se opõe, amanhã vou escrever para minha irmã e apresentar a proposta; e, assim que tudo se resolver, *eu* me comprometo a trazer a menina; o *senhor* não vai ter nenhum trabalho. Quanto a meu próprio trabalho, eu não me importo, o senhor sabe. Para isso vou mandar Nanny para

Londres, onde ela pode ficar na casa do primo, o seleiro, e dizer que a menina deve ir para lá. Eles podem colocá-la na diligência, aos cuidados de qualquer passageiro confiável. Acho que entre os viajantes sempre há a mulher de um comerciante honrado.”

Exceto quanto à casa do primo de Nanny, Sir Thomas não levantou nenhuma objeção e, tendo sido designado um local de encontro mais respeitável, embora menos econômico, deu-se tudo por resolvido e passou-se a desfrutar os prazeres de um gesto tão generoso. A bem da verdade, as sensações gratificantes não foram as mesmas para todos, pois Sir Thomas estava decidido a ser o verdadeiro e permanente tutor da criança escolhida, e a sra. Norris não tinha a menor intenção de arcar com nenhuma despesa para a manutenção da sobrinha. Em se tratando de caminhar, falar, planejar, ela era a benevolência em pessoa e sabia como ninguém ditar generosidade aos outros; mas, tendo tanto amor ao dinheiro quanto ao comando, também sabia perfeitamente economizar o seu e gastar o dos amigos. Com um rendimento menor do que esperava ter depois de casada, desde o começo determinou-se a fazer economia; e o que inicialmente se deveria à prudência logo se tornou uma opção, o próprio objeto daquela preocupação necessária quando se tem uma prole para sustentar — que não era o caso. Se tivesse filhos, a sra. Norris talvez não conseguisse guardar dinheiro; não os tendo, nada a impedia de ser frugal nem diminuía sua satisfação com o que amealhava todo ano. Aferrada a esse princípio e desprovida de afeto verdadeiro pela irmã, tudo que podia querer era o mérito de propor uma caridade tão dispendiosa e tomar as devidas providências para executá-la; talvez se conhecesse tão pouco que, ao voltar para casa depois dessa conversa, estava feliz, acreditando ser a irmã e a tia mais generosa do mundo.

Quando novamente se tocou no assunto, ela explicou melhor sua posição; e em resposta à calma pergunta de Lady Bertram: “Para onde a menina irá primeiro, minha irmã: para sua casa ou para a nossa?”, Sir Thomas, com alguma surpresa, ouviu-a dizer que absolutamente não tinha condições de ajudar a cuidar da criança. Ele pensara que a menina seria acolhida no presbitério de braços abertos como uma boa companhia para uma tia sem filhos; mas constatou que estava redondamente enganado. A sra. Norris lamentava informar que a

permanência da sobrinha em sua casa, ao menos nas atuais circunstâncias, estava fora de cogitação. Assim exigia a saúde precária do pobre sr. Norris, que não suportaria o barulho de uma criança; se ele se curasse da gota, seria diferente, e ela teria prazer em fazer sua parte, sem se importar com o transtorno; mas agora o pobre sr. Norris ocupava cada instante de seu tempo e certamente se aborreceria com a simples menção desse tema.

“Então é melhor ela vir para nossa casa”, Lady Bertram concluiu com a maior tranquilidade. Depois de uma pausa, Sir Thomas acrescentou com toda a dignidade: “Sim, esta vai ser a casa dela. Vamos nos esforçar para cumprir nosso dever para com nossa sobrinha, que, aqui, pelo menos terá a vantagem de conviver com crianças da idade dela e de estudar com uma professora fixa”.

“Essas considerações são muito importantes, sem dúvida”, a sra. Norris concordou; “e para a srta. Lee tanto faz lecionar para três meninas como para duas: é a mesma coisa. Eu só gostaria de ser mais útil; mas vocês estão vendo que faço tudo que está a meu alcance. Não sou de fugir do trabalho; e Nanny vai buscá-la, o que significa que vou ter de ficar três dias sem minha melhor ajudante. Suponho, minha irmã, que vá instalar a menina no pequeno sótão branco, perto do antigo quarto das crianças. É o melhor lugar para ela, não muito longe das primas e perto da srta. Lee e das empregadas, que podem ajudá-la a se vestir e podem cuidar das roupas dela, pois imagino que você não ache justo esperar que Ellis cuide dela e dos outros. Na verdade, não vejo onde mais você poderia instalá-la.”

Lady Bertram não levantou nenhuma objeção.

“Espero que ela tenha bom gênio”, a sra. Norris prosseguiu, “e reconheça que é muita sorte ter amigos assim.”

“Se ela tiver mau gênio, não poderá ficar aqui, pelo bem de nossos filhos”, Sir Thomas falou. “Porém não há motivo para temer tamanho descalabro. Provavelmente veremos nela muita coisa que vamos querer mudar e temos de nos preparar para muita ignorância, opiniões tacanhas, maneiras vulgares; mas esses defeitos não são irremediáveis, nem perigosos para as outras crianças. Se minhas filhas fossem *mais novas* que ela, a chegada dessa menina seria um problema sério; mas,

como não são, espero que essa convivência não nos dê motivos para temer *por elas* e tenha tudo que possamos desejar *para ela*.”

“É exatamente o que eu penso”, a sra. Norris concordou, “e o que estava dizendo para meu marido hoje de manhã. O simples fato de estar com as primas já vai ser instrutivo para a menina; ainda que a srta. Lee não lhe ensine nada, *elas* vão ensiná-la a ser boazinha e ajuizada.”

“Tomara que ela não atormente minha pobre cachorrinha”, Lady Bertram suspirou. “Acabei de dizer para Julia deixá-la em paz.”

“Vamos ter dificuldade, sra. Norris”, Sir Thomas observou, “com relação à diferença adequada que devemos estabelecer entre as meninas, à medida que forem crescendo; como preservar em minhas filhas a consciência do que são, sem levá-las com isso a desprezar a prima; e como, sem humilhar a menina, fazê-la lembrar que não é uma srta. *Bertram*. Quero que elas sejam boas amigas e de modo algum hei de permitir que minhas filhas tratem a prima com arrogância; mas elas não podem ser iguais. Sua condição, sua fortuna, seus direitos, suas expectativas sempre serão diferentes. Esse é um ponto muito delicado, e a senhora precisa nos ajudar a agir corretamente.”

A sra. Norris colocou-se à inteira disposição do cunhado; e, embora concordasse plenamente com ele quanto à dificuldade apresentada, garantiu-lhe que, juntos, haveriam de superá-la sem problema.

Não foi em vão que a sra. Norris escreveu para a irmã. A sra. Price se surpreendeu com a escolha de uma menina, quando tinha tantos meninos ótimos, porém aceitou a oferta com gratidão, assegurando-lhes que a filha tinha bom gênio, era bem-humorada e nunca lhes daria motivo para mandá-la embora. Também avisou que era uma criança delicada e franzina, mas expressou a esperança de que melhorasse com a mudança de ares. Coitada! Provavelmente pensava que uma mudança de ares faria bem a muitos de seus filhos.

II

A longa viagem transcorreu em segurança, e, em Northampton, a menina foi recebida pela sra. Norris, que estava exultante por ser a primeira a dar-lhe as boas-vindas e por ter a importante missão de conduzi-la a Mansfield Park e pedir a todos que a tratassem com bondade.

Nessa época, Fanny Price¹ tinha dez anos e uma aparência que, se não era das mais cativantes, tampouco chegava a ser desagradável. Era miúda para a idade, um tanto pálida, desprovida de qualquer grande traço de beleza e excessivamente tímida; contudo, embora desajeitada, nada tinha de vulgar e, ao falar, revelava uma voz doce e assumia uma bonita expressão. Sir Thomas e Lady Bertram receberam-na com toda a amabilidade, e, percebendo que era preciso encorajá-la, Sir Thomas se esforçou para ser simpático, mas não conseguiu quebrar o gelo — já Lady Bertram, sem se dar a metade do trabalho, dizendo uma palavra enquanto ele dizia dez, só com a ajuda de um sorriso cordial tornou-se imediatamente a figura menos assustadora.

Todos os jovens estavam em casa e portaram-se muito bem durante a apresentação, com muito bom humor e nenhum constrangimento, principalmente os rapazes, que, com dezessete e dezesseis anos e altos para a idade, eram homens-feitos aos olhos da priminha. As duas meninas não se saíram tão bem por ser mais novas e ter mais medo do pai, que às vezes era descabidamente exigente com elas. Entretanto, estavam tão acostumadas com visitas e elogios que não sofriam de timidez natural e, sentindo-se mais seguras ante a total insegurança da prima, logo estavam examinando as feições e a roupa da recém-chegada com absoluta indiferença.

Formavam uma bela família. Tanto na aparência física quanto na maneira de agir que a educação lhes inculcara, todos esses filhos

lindos, crescidos e bem desenvolvidos para a idade, eram tão diferentes da prima que ninguém diria que as meninas tinham praticamente a mesma idade. Na verdade, havia apenas dois anos entre a caçula e Fanny. Julia Bertram tinha doze; e Maria era um ano mais velha. E a pequena visitante se sentia profundamente infeliz. Com medo de todo mundo, com vergonha de si mesma, com saudade da casa que deixara para trás, não conseguia olhar para ninguém, falava tão baixinho que mal se podia ouvi-la e não parava de chorar. Durante todo o trajeto desde Northampton, a sra. Norris se esforçara para explicar-lhe que havia tido uma sorte extraordinária e por isso devia ser muito grata e comportar-se muito bem; e agora a pobrezinha sofria ainda mais, por pensar que seria uma maldade de sua parte não ser feliz. Além disso, já não conseguia resistir ao cansaço da longa viagem. Inúteis foram as bem-intencionadas condescendências de Sir Thomas e os arrogantes prognósticos da sra. Norris de que ela seria uma boa menina; inúteis foram os sorrisos de Lady Bertram, que inutilmente a fez sentar-se no sofá com ela e a cachorrinha; inútil foi até a torta de groselha que deveria confortá-la: mal conseguiu engolir dois bocados, ela se pôs a chorar e, parecendo ser o sono o melhor remédio, foi levada para a cama.

“Não é um começo muito promissor”, a sra. Norris comentou, quando Fanny deixou a sala. “Depois de tudo que eu falei no caminho, achei que ela fosse se comportar melhor; eu expliquei que muita coisa depende de um bom comportamento desde o início. Espero que ela não faça birra... a coitada da mãe era muito birrenta. Mas temos de ter paciência... é uma criança... e não sei se a tristeza por deixar a família realmente é motivo para repreendê-la; afinal, com todos os defeitos, era a família dela e ela ainda não consegue ver que mudou para melhor; mas em tudo tem de haver moderação.”

Fanny demorou mais do que a sra. Norris imaginava para ambientar-se em Mansfield Park e conformar-se com a separação das pessoas com as quais estava habituada a conviver. Seus sentimentos eram muito intensos, e os outros não os compreendiam suficientemente bem para saber lidar com eles. Ninguém queria magoá-la, mas tampouco se dava o trabalho de tentar confortá-la.

No dia seguinte, as meninas Bertram foram liberadas de seus afazeres para que pudessem distrair a priminha e conhecê-la melhor, porém o tempo que passaram juntas de pouco serviu para uni-las. As duas irmãs se horrorizaram ao descobrir que Fanny só tinha dois cintos e nunca aprendera francês; e, ao perceber que não a impressionaram muito com o duo que tiveram a bondade de tocar, generosamente lhe deram alguns brinquedos de que menos gostavam e a deixaram sozinha, indo dedicar-se à atividade favorita do momento: fazer flores artificiais ou desperdiçar papel dourado.

Onde quer que estivesse — perto ou longe das primas, na sala de aula, na sala de visitas, na alameda —, Fanny estava triste, sempre temerosa de alguma coisa em toda pessoa e em todo lugar. O silêncio de Lady Bertram a desolava, a seriedade de Sir Thomas a apavorava, as repreensões da sra. Norris deixavam-na arrasada. Os primos mais velhos a acabrunhavam com comentários sobre seu tamanho e sua timidez; a srta. Lee se mostrava pasma com sua ignorância; as empregadas caçoavam de suas roupas; e, quando a todas essas mágoas se acrescentava a lembrança dos irmãos, para os quais ela sempre fora importante como parceira nas brincadeiras, professora e babá, seu coraçãozinho se apertava com uma tristeza imensa.

A grandiosidade da casa inspirava-lhe admiração, porém não lhe servia de consolo. Ela não se sentia à vontade nos cômodos espaçosos demais; achava que haveria de quebrar qualquer objeto que tocasse; estava sempre com medo de uma coisa ou outra; com frequência se fechava no quarto para chorar; e, à noite, enquanto na sala comentavam que ela parecia reconhecer sua boa sorte como era de se desejar, chorava os pesares do dia até adormecer. Silenciosa e passiva, nada deixou transparecer durante toda uma semana, até que, um dia, de manhã, o primo Edmund, o mais novo dos rapazes, encontrou-a chorando na escada do sótão.

“Querida priminha”, disse ele com toda a gentileza de um excelente caráter, “o que foi?” E, sentando-se a seu lado, esforçou-se para fazê-la superar a vergonha de ter sido surpreendida nessa situação e convencê-la a falar francamente. “Será que estava doente? Ou alguém se zangara com ela? Ou havia brigado com Maria e com Julia? Ou não estava entendendo alguma parte da lição que ele poderia explicar?”

Em suma, queria que ele fosse buscar alguma coisa ou fazer alguma coisa por ela?” Durante muito tempo, tudo que ouviu em resposta foi “não, não... de jeito nenhum... não, obrigada”; mas insistiu e, quando mencionou a casa que Fanny deixara para trás, descobriu nos soluços redobrados a causa de tamanho sofrimento. E procurou confortá-la.

“Você está com saudade da mamãe, minha querida. O que mostra que é uma boa menina. Mas precisa lembrar que está com parentes e amigos que amam você e desejam sua felicidade. Vamos caminhar no parque; quero que me fale de seus irmãos.”

Enquanto a escutava, Edmund percebeu que, embora Fanny amasse todos os irmãos, havia um em quem pensava mais que nos outros. Era William, do qual mais falava e a quem mais gostaria de ver. William, o primogênito, um ano mais velho que ela, seu companheiro e amigo constante; seu defensor junto à mãe (da qual era o favorito) em todo percalço. “William não queria que ela fosse embora... dissera-lhe que sentiria muita saudade.” “Mas William vai escrever para você, com certeza.” “Ah, sim, ele prometeu, mas avisara que ela teria de escrever primeiro.” “E quando será isso?” Fanny baixou a cabeça e respondeu, hesitante, que “não sabia; não tinha papel”.

“Se o problema é só esse, eu lhe arrumo papel e todo o material necessário, e você pode escrever quando quiser. Escrever para William vai deixá-la feliz?”

“Sim, muito.”

“Então vamos tratar disso agora mesmo. Venha comigo até a sala de desjejum; lá encontraremos tudo que precisamos e ficaremos sozinhos.”

“Mas, primo... a carta vai pelo correio?”

“Sim, pode ficar tranquila; vai junto com as outras; e, sendo franqueada por seu tio, não custará nada a William.”

“Meu tio!”, Fanny exclamou, assustada.

“Sim, quando você me der a carta, vou pedir para papai franquear.”

A menina achou isso uma ousadia, porém não disse mais nada; e os dois foram para a sala de desjejum, onde Edmund preparou o papel, traçando as linhas com a mesma boa vontade que William teria e provavelmente com um pouco mais de precisão. Continuou a seu lado

o tempo todo, para ajudá-la com o canivete ou com a ortografia, conforme a necessidade; e a essas atenções, que a tocaram profundamente, acrescentou uma gentileza que a encantou mais que tudo: escreveu de próprio punho sua expressão de amor ao primo William e enviou-lhe meio guinéu. Fanny se comoveu a tal ponto que quase perdeu a fala, mas com o semblante e algumas palavras sinceras externou plenamente toda a sua gratidão e sua alegria. O primo começou a achá-la interessante e tratou de conversar um pouco mais; com base no que ouviu, concluiu que ela tinha um coração afetuoso e muita vontade de agir corretamente; e pensou que sua situação delicada e sua grande timidez a tornavam merecedora de maior atenção. Nunca a magoara deliberadamente, porém agora percebia que devia tratá-la com mais carinho e esforçar-se para tentar diminuir o medo que os outros lhe inspiravam; com esse objetivo em mente, aconselhou-a a brincar com Maria e Julia e divertir-se o máximo possível.

A partir desse dia, Fanny se sentia cada vez mais à vontade. Descobriu que tinha um amigo e, encorajada pela bondade do primo Edmund, tornou-se mais confiante em relação a todos. Já não achava o ambiente tão estranho e as pessoas tão assustadoras; e, se ainda temia algumas delas, ao menos já conseguia identificar suas peculiaridades e encontrar a melhor maneira de enfrentá-las. Os modos rústicos e canhestros que a princípio perturbaram a tranquilidade de todos e sobretudo dela mesma desapareceram pouco a pouco, e Fanny já não tinha medo do tio nem estremecia tanto ao ouvir a voz da tia Norris. Às vezes as primas até aceitavam sua companhia. Embora a idade e a compleição franzina a impedissem de ser sua parceira constante, seus passatempos eventualmente demandavam a participação de um terceiro elemento, ainda mais útil por ser dócil e prestativo; e, quando a tia lhes perguntava sobre as falhas de Fanny ou o irmão Edmund lhes recomendava que a tratassem com gentileza, as meninas só podiam reconhecer que ela era “boazinha”.

Edmund era sempre amável, e Tom não a submetia a nada pior que o tipo de brincadeira que um rapaz de dezessete anos acha justo fazer com uma criança de dez. Ele estava começando a vida, com a

empolgação e a liberalidade do primogênito que acredita ter nascido para gastar dinheiro e divertir-se. Com relação à priminha adotara uma postura condizente com sua situação e suas prerrogativas: dava-lhe bonitos presentes e ria dela.

À medida que a aparência e o ânimo de Fanny melhoravam, Sir Thomas e a sra. Norris mais exultavam com a própria benevolência; e logo concluíram que, embora estivesse longe de ser inteligente, a sobrinha demonstrava um temperamento maleável e provavelmente não lhes causaria maiores problemas. Não eram os únicos que desdenhavam a capacidade de Fanny. Tudo que a menina sabia era ler, costurar e escrever; e, constatando sua ignorância de muitas coisas que haviam aprendido tempos atrás, Maria e Julia achavam-na prodigiosamente burra e nas primeiras duas ou três semanas viviam levando novas informações à sala. “Mamãezinha querida, imagine que a prima não consegue montar o mapa da Europa...² não sabe quais são os principais rios da Rússia... nunca ouviu falar da Ásia Menor... não sabe qual é a diferença entre aquarela e creiom!... Que coisa esquisita!... Como é que pode existir tanta burrice?”

“Meu bem”, a tia bondosamente explicava, “isso é péssimo, mas você não pode esperar que todo mundo esteja tão adiantado e aprenda com tanta facilidade como você.”

“Mas, titia, ela é muito ignorante! Ontem à noite, perguntamos como é que se vai para a Irlanda; e ela disse que é pela ilha de Wight, que ela chama de *a Ilha*, como se não existisse nenhuma outra ilha no mundo. Eu morreria de vergonha se estivesse na idade dela e ainda fosse tão tapada. Não lembro se algum dia eu não sabia esse monte de coisas das quais ela não tem a menor ideia. Faz tanto tempo que a gente decorou a lista dos reis da Inglaterra em ordem cronológica, com a data em que cada um subiu ao trono e com os principais acontecimentos do reinado de cada um deles.”

“É mesmo”, a outra menina concordava; “e a lista dos imperadores romanos desde Severo; e os deuses da mitologia, e todos os metais, os semimetais, os planetas, os grandes filósofos.”³

“Tudo isso é verdade, minhas queridas, mas vocês têm uma memória prodigiosa, que sua pobre prima provavelmente não tem. Existe muita diferença entre uma memória e outra, assim como em tudo; de modo

que vocês devem ser indulgentes e lamentar a deficiência de sua prima. E não esqueçam: sejam sempre modestas, pois, por muito que já saibam, ainda têm muito que aprender.”

“Sim, eu sei; até completar dezessete anos. Mas ainda não lhe contei uma coisa muito boba e esquisita: Fanny não quer aprender música nem desenho.”

“Realmente, meu bem, é uma coisa muito boba e demonstra falta de talento e de emulação. Mas, tudo somado, não sei se não é melhor assim. Como vocês sabem, graças a mim, seus pais estão fazendo a caridade de criá-la com vocês, mas não é absolutamente necessário que ela seja tão prendada quanto vocês; ao contrário, é muito melhor que exista uma diferença.”

Tais eram os conselhos com os quais a sra. Norris contribuía para formar a mentalidade das sobrinhas; e não surpreende que, apesar de seu promissor talento e de seu precoce saber, elas deixassem muito a desejar em termos de autoconhecimento, generosidade e humildade. À exceção do temperamento, tudo nelas era fruto de uma educação admirável. Sir Thomas não sabia dessa deficiência, porque, embora fosse um pai realmente zeloso, não externava sua afetividade e as inibia com sua aparente frieza.

Lady Bertram não dava a mínima atenção à educação das filhas. Não tinha tempo para isso. Passava o dia no sofá, elegantemente vestida, ocupada com uma costura ou um bordado de pouca serventia e nenhuma beleza, pensando mais na cachorrinha que na prole, com a qual, porém, era muito indulgente, desde que não lhe causasse nenhum transtorno; seguia a orientação do marido nas coisas importantes e a da irmã nas questões de pouca monta. Se tivesse mais tempo para cuidar das meninas, provavelmente o acharia desnecessário, pois elas tinham uma governanta e professores competentes e não precisavam de nada. Quanto às dificuldades de Fanny com o estudo, “só podia dizer que infelizmente algumas pessoas *são* mesmo burras e Fanny devia esforçar-se mais; ela não sabia mais o que fazer; e, tirando a burrice, não via defeito na coitadinha: ao contrário, achava-a muito prestativa e rápida para levar recados e buscar o que ela quisesse”.

Apesar da ignorância e da timidez, Fanny incorporou-se a Mansfield Park e, aprendendo a transferir para o novo lar boa parte do amor que dedicava ao antigo, cresceu entre os primos sem grande infelicidade. Maria e Julia não eram realmente más, e, embora muitas vezes a humilhassem, Fanny dava tão pouca importância a si mesma que não se sentia no direito de ficar magoada.

Mais ou menos na época em que entrou para a família, Lady Bertram, em função da saúde um tanto precária e da enorme indolência, abriu mão da casa em Londres, onde sempre se instalava na primavera, e não saiu mais do campo, não se importando se em decorrência disso o marido tinha maior ou menor conforto quando ia cumprir seus deveres no Parlamento. No campo, as meninas Bertram continuavam exercitando a memória, ensaiando seus duos, crescendo em estatura e feminilidade; e Sir Thomas estava contente com sua aparência, seus modos e suas aptidões. Já havia tido muito aborrecimento com o primogênito, que era imprudente e perdulário, porém de seus outros rebentos só esperava coisas boas. Acreditava que as filhas adornariam o nome Bertram enquanto o portassem e, ao deixá-lo, haveriam de abrilhantá-lo ainda mais com alianças respeitáveis; e não tinha dúvida de que o caráter, o bom senso e a retidão de Edmund resultariam em benefício, honra e felicidade para ele mesmo e para toda a família. Ele ia ser clérigo.

Além de cuidar da própria prole, Sir Thomas ainda procurava fazer o possível pelos filhos da sra. Price; ajudava-a generosamente na educação dos rapazes para que, ao atingir a idade adequada, estivessem preparados para exercer uma profissão; e Fanny, embora estivesse quase totalmente separada da família, exultava ao tomar conhecimento de qualquer gentileza para com eles ou de qualquer coisa que pudesse favorecê-los. Ao longo de muitos anos, só uma vez teve a felicidade de estar com William. Quanto aos outros, nunca mais os viu; parecia que não esperavam ou não queriam tê-la novamente entre eles, ainda que fosse durante uma visita; mas William, tendo decidido ser marinheiro, foi convidado a passar uma semana com a irmã em Northamptonshire antes de partir para o mar. É possível imaginar a intensidade do amor que externaram no encontro, seu prazer em estar juntos, suas horas de alegria e seus momentos de

sérias reflexões; assim como o otimismo e a empolgação inabaláveis de William e o sofrimento de Fanny ao despedirem-se. Felizmente a visita aconteceu na época do Natal, quando Edmund estava lá para consolá-la, falar-lhe das coisas maravilhosas que aguardavam William no exercício da profissão e, assim, convencê-la, pouco a pouco, de que a separação poderia ser de alguma serventia. A amizade de Edmund nunca lhe faltou; sua ida de Eton para Oxford não mudou sua boa índole: ao contrário, só proporcionou oportunidades mais frequentes de demonstrá-la. Sem se gabar de fazer mais que os outros e sem medo de fazer demais, ele estava sempre atento aos interesses e aos sentimentos da prima, esforçando-se para que todos reconhecessem suas qualidades e para que ela mesma conseguisse superar a timidez que as impedia de ser mais evidentes, dando-lhe conselhos, confortando-a e encorajando-a.

Seu apoio não era suficiente para eliminar o atraso de Fanny em relação aos primos, porém suas atenções eram cruciais para ajudá-la a progredir intelectualmente e ampliar-lhe os prazeres. Edmund conhecia sua inteligência, sua facilidade para aprender, seu bom senso e seu gosto pela leitura, que, bem orientada, podia constituir uma instrução em si mesma. A srta. Lee lhe ensinava francês e diariamente a fazia ler uma lição de história,⁴ mas ele recomendava os livros que alegravam suas horas de folga, incentivava seu bom gosto e corrigia suas avaliações; tornava a leitura útil, conversando sobre o que ela lia, e mais atraente, tecendo criteriosos elogios. E por tudo isso Fanny o amava mais que a qualquer pessoa, com exceção de William; seu coração estava dividido entre os dois.

III

O primeiro acontecimento importante na família foi a morte do sr. Norris, que ocorreu quando Fanny tinha uns quinze anos e inevitavelmente acarretou mudanças e novidades. A sra. Norris deixou o presbitério e, depois de morar por algum tempo em Mansfield Park, instalou-se no vilarejo, numa casinha da propriedade de Sir Thomas; procurava consolar-se da perda do marido dizendo a si mesma que passaria muito bem sem ele, e tratava de compensar a redução em seu rendimento, economizando ainda mais.

O presbitério estava destinado a Edmund e, se o reverendo tivesse morrido alguns anos antes, teria sido confiado a um amigo até a ordenação do rapaz. Entretanto, a estroinice de Tom chegara a tal ponto que obrigou o pai a mudar de ideia,¹ para que o irmão mais novo ajudasse a pagar os prazeres do mais velho. Sir Thomas tinha outro presbitério para dar ao caçula, mas, embora essa circunstância de certo modo lhe aliviasse a consciência, não podia deixar de pensar que estava cometendo uma injustiça e tentou de todo modo incutir no primogênito a mesma convicção, na esperança de que produzisse melhores resultados que tudo que havia dito ou feito até então.

“Tenho vergonha de você, Tom”, declarou, com toda a dignidade. “Tenho vergonha do que está me obrigando a fazer e lamento seus sentimentos de irmão. Você roubou de Edmund mais da metade do rendimento que ele deveria ter durante dez, vinte, trinta anos ou, quem sabe, até o fim da vida. No futuro, talvez esteja em meu poder ou no seu, espero, conseguir uma posição melhor para ele; mas não devemos esquecer que ele tem pleno direito de exigir isso de nós e que, na verdade, nada poderá compensar a perda que neste momento suas dívidas lhe infligem.”

Tom ouviu um tanto envergonhado e com alguma tristeza; porém, escapando assim que pôde, logo pensou, com seu egoísmo, que,

primeiro, não tinha a metade das dívidas de alguns de seus amigos; segundo, que o problema não era tão grave como o pai fizera parecer; e, terceiro, que o futuro ocupante do presbitério, fosse quem fosse, provavelmente morreria logo.

Com a morte do sr. Norris, quem assumiu o presbitério de Mansfield foi um certo dr. Grant, homem de quarenta e cinco anos que parecia suficientemente vigoroso para contrariar o prognóstico do sr. Bertram. Mas, “não, ele tinha o pescoço curto, era um tipo apoplético, vivia se empanturrando e não tardaria a ir desta para melhor”.

O novo reverendo era casado com uma mulher cerca de quinze anos mais jovem e não tinha filhos. Os vizinhos os consideraram muito respeitáveis e simpáticos.

Chegara o momento em que Sir Thomas esperava que a cunhada se oferecesse para ficar com a sobrinha, pois, a seu ver, a mudança na vida da sra. Norris e o crescimento de Fanny não só eliminavam qualquer objeção à convivência das duas como tornavam essa convivência desejável. Ademais, com os prejuízos que sofrera recentemente em sua propriedade das Índias Ocidentais e os gastos que lhe acarretava a estroinice do primogênito, ele já não estava em tão boa situação financeira e, portanto, não achava nada mau livrar-se das despesas com o sustento da menina e da obrigação de assegurar-lhe o futuro. Certo de que assim seria, conversou sobre isso com a mulher, que, na primeira oportunidade, calmamente disse à sobrinha: “Então, você vai nos deixar para viver com minha irmã. O que lhe parece?”.

Fanny se surpreendeu tanto que só conseguiu repetir as palavras da tia: “Vou deixá-los?”.

“Sim, minha querida. Por que tanto espanto? Já faz cinco anos que você está conosco, e minha irmã sempre teve a intenção de ficar com você, quando o sr. Norris morresse. Mas você precisa vir me visitar e me ajudar na costura do mesmo jeito.”

Para Fanny a novidade foi tão desagradável quanto inesperada. Ela nunca recebera carinho da tia Norris e não conseguia amá-la.

“Vai ser muito triste ir embora”, suspirou, hesitante.

“Também acho; é natural. Acredito que você não tenha tido muitos aborrecimentos desde que entrou nesta casa.”

“Espero não ser ingrata, titia.”

“Não, meu bem; não creio que seja. Você é uma ótima menina.”

“E nunca mais vou morar aqui?”

“Nunca mais, minha querida; mas pode ter certeza de que estará numa casa confortável. Não vai fazer muita diferença para você morar lá ou aqui.”

Fanny saiu da sala com o coração apertado; achava que mudar de endereço faria, sim, muita diferença; e não sentia nada sequer parecido com alegria ante a perspectiva de morar com a tia. Assim que encontrou Edmund, falou-lhe de sua tristeza.

“Vai acontecer uma coisa que não me agrada nem um pouco”, disse. “Muitas vezes você conseguiu me fazer aceitar coisas que a princípio me desgostavam, mas agora não vai conseguir. Eu vou morar com a tia Norris.”

“É mesmo?”

“É; a tia Bertram acabou de me dizer. Está tudo resolvido. Vou embora de Mansfield Park para morar na casa branca assim que ela for para lá.”

“Bem, eu acharia excelente, se não fosse tão desagradável para você.”

“Primo!”

“Tudo está a seu favor. A titia está sendo sensata em querer você. Está escolhendo uma amiga, uma companhia, exatamente onde deve escolher; e eu acho ótimo que o amor que ela tem ao dinheiro não esteja interferindo. Você vai ser para ela o que deve ser. Tomara que isso não a desgoste muito.”

“Mas me desgosta. Não consigo gostar. Adoro esta casa e tudo que há aqui. Não vou gostar de nada lá. Você sabe que não me sinto bem com ela.”

“Não posso dizer nada quanto ao modo como ela a tratava quando você era criança; mas todos nós recebemos praticamente o mesmo tratamento. Ela nunca soube lidar com crianças. Mas agora você está numa idade em que deve ser bem tratada; acho que ela já está melhorando, e você *há de* ser importante para ela, quando for sua única companhia.”

“Eu nunca hei de ser importante para ninguém.”

“O que a impede?”

“Tudo... minha situação... minha bobeira... minha falta de jeito.”

“De boba e desajeitada você não tem nada, minha querida, acredite em mim; a não ser usar as palavras de forma indevida. Não há motivo no mundo para você não ser importante para quem a conhece. Você tem bom senso, um temperamento dócil, um coração agradecido que nunca poderia receber uma gentileza sem querer retribuir. Não sei de melhores qualificações para uma amiga ou uma companhia.”

“É muita bondade sua”, disse Fanny, enrubescendo com tantos elogios. “Será que um dia vou conseguir mostrar como lhe sou grata por pensar tão bem de mim? Ah, primo, se tenho de ir embora, vou me lembrar de sua bondade até meu último suspiro.”

“Ora essa, o mínimo que eu poderia esperar é ser lembrado logo ali, na casa branca. Você fala como se fosse morar a trezentos quilômetros de distância, e não do outro lado do parque. Mas você continuará sendo uma de nós. Nossas famílias vão se encontrar todos os dias. A única diferença será que, morando com a tia, você vai ter de se manifestar como deve. *Aqui* você sempre pode se esconder atrás de alguém, porque somos muitos; mas, *com ela*, você vai ter de falar o que pensa.”

“Ah, não diga isso.”

“Eu preciso dizer e o digo com prazer. A sra. Norris é muito mais indicada para cuidar de você agora do que minha mãe. Ela gosta de ajudar quem realmente lhe interessa e vai obrigar você a dar o devido valor a suas qualidades naturais.”

“Eu não consigo ver as coisas do mesmo jeito que você”, Fanny suspirou; “mas devo crer que quem está certo é você, e não eu, e lhe sou muito grata por tentar me fazer aceitar o que tem de ser. Se eu conseguisse acreditar que minha tia realmente gosta de mim, acharia maravilhoso me sentir importante para alguém! Eu sei que *aqui* não tenho a menor importância, mas adoro esta casa.”

“Você não está deixando esta casa, embora vá morar em outro lugar. Você continua tendo livre acesso ao parque e aos jardins. Seu fiel coraçãozinho não precisa se assustar com uma mudança puramente nominal. Você vai continuar andando pelos mesmos caminhos,

escolhendo seus livros na mesma biblioteca, olhando para as mesmas pessoas, montando o mesmo cavalo.”

“É verdade. Sim, o velho pônei cinzento, tão querido. Ah, eu tinha tanto medo de cavalgar, ficava tão apavorada, quando me diziam que cavalgar me faria bem... Ah, como eu tremia, toda vez que o titio abria a boca para falar de cavalo... Mas você não mediu esforços para me libertar desses medos e me convencer de que logo acabaria gostando. Você estava certo, e espero que nunca erre em suas profecias.”

“E eu não tenho dúvida de que morar com a sra. Norris vai ser tão bom para sua cabeça quanto cavalgar tem sido bom para sua saúde... e para sua felicidade também.”

Assim se encerrou uma conversa que, em termos práticos, foi totalmente inútil para Fanny, pois a sra. Norris não tinha a menor intenção de levá-la para sua casa. Essa era uma possibilidade que só lhe ocorria como algo que devia a todo custo evitar. Por isso se instalou na casa branca, a menor habitação decente da paróquia de Mansfield, onde tinha espaço suficiente apenas para si mesma, para suas empregadas e para hospedar uma amiga; nunca precisou de quarto de hóspedes no presbitério, porém agora fazia questão desse tipo de aposento, que dizia ser absolutamente necessário. Mas nem todas as suas precauções conseguiram impedir a suposição de que pretendesse fazer algo melhor; ou talvez sua própria insistência na importância do quarto de hóspedes tivesse levado Sir Thomas a imaginar que seria para Fanny. Tudo se esclareceu quando Lady Bertram casualmente comentou com a irmã:

“Creio que não vamos mais precisar da srta. Lee, agora que Fanny vai morar com você.”

A sra. Norris sobressaltou-se. “Morar comigo, minha querida? Do que é que você está falando?”

“Ela não vai morar com você? Eu pensei que você tivesse resolvido isso com Sir Thomas.”

“Eu? Nunca. Nunca falei sobre isso com Sir Thomas nem ele comigo. Fanny morar comigo? Essa é a última coisa no mundo que me passaria pela cabeça ou que qualquer um que realmente nos conhece haveria de esperar. Santo Deus! O que é que eu poderia fazer com

Fanny? Eu, uma pobre viúva desamparada, infeliz, sem a menor serventia, sem ânimo para nada... o que é que eu poderia fazer com uma menina nessa fase de vida, uma menina de quinze anos? Essa é a idade que exige mais atenção, mais cuidados; a idade que põe à prova até os mais entusiásticos. Não é possível que Sir Thomas estivesse contando com isso! Ele é meu amigo. Quem me quer bem nunca iria propor semelhante coisa, com certeza. Por que Sir Thomas falou com você sobre isso?”

“Na verdade, não sei. Deve ter achado que seria melhor assim.”

“Mas o que foi que ele falou? Não pode ter dito que *queria* que eu ficasse com Fanny. Eu sei que, no fundo do coração, ele não iria querer que eu fizesse isso.”

“Não, ele só falou que achava muito provável... e eu também achava. Pensamos que seria um consolo para você. Mas, se não gostou da ideia, não há mais o que dizer. Ela não é um peso para nós.”

“Minha querida irmã! Na triste situação em que me encontro, como é que ela poderia ser um consolo para mim? Sou uma pobre viúva desolada, perdi o melhor marido do mundo, arruinei a saúde cuidando dele, estou arrasada, estou desassossegada, mal tenho com que viver como uma dama e não desonrar a memória do falecido... Que consolo poderia ser para mim um fardo como Fanny? Ainda que quisesse ficar com ela em meu próprio interesse, eu não faria isso, não cometeria tamanha injustiça com a pobre menina. Preciso lidar com minha dor e com minhas dificuldades do jeito que puder.”

“Então você não se importa de morar sozinha?”

“Minha querida irmã! Só me resta a solidão. Espero receber uma amiga em minha casinha de vez em quando; sempre hei de ter uma cama para uma amiga; mas na maior parte do tempo estarei completamente sozinha. Tudo que peço é ter o suficiente para me sustentar.”

“Espero que sua situação não seja tão ruim... apesar dos pesares. Sir Thomas disse que você dispõe de seiscentas libras por ano.”

“Não estou me queixando. Eu sei que não posso mais viver como antes, mas tenho de cortar despesas e aprender a administrar melhor o dinheiro. Sempre fui mão-aberta, mas agora não vou ter vergonha nenhuma de fazer economia. Minha situação mudou tanto quanto

meus rendimentos. Esperava-se do pobre sr. Norris, como pároco, muita coisa que não se pode esperar de mim. Não sei quanto gastamos na cozinha, com tanta gente entrando e saindo. Na casa branca, tenho de ser mais cuidadosa. Tenho de viver de acordo com minhas posses, para não cair na miséria; e admito que gostaria muito de poder fazer mais... de guardar um dinheirinho no fim do ano.”

“Você vai conseguir. Você sempre consegue, não é?”

“Meu objetivo é ser útil aos que vieram depois de mim. É pelo bem de seus filhos que eu gostaria de ser mais rica. Não tenho mais ninguém com quem me preocupar, mas gostaria muito de deixar alguma coisa para eles, alguma coisa que valha a pena.”

“É muita bondade sua, mas não se preocupe com eles. Nada lhes há de faltar, com certeza. Sir Thomas cuidará disso.”

“Ora, você sabe que a fortuna de Sir Thomas vai minguar se a propriedade de Antígua² continuar rendendo tão pouco.”

“Ah, isso logo vai se resolver. Sir Thomas tem escrito sobre isso, eu sei.”

“Bem, minha irmã, só posso dizer que meu único desejo é ser útil para sua família”, a sra. Norris declarou, preparando-se para sair. “Portanto, se Sir Thomas voltar a falar que Fanny vai ficar comigo, você poderá explicar-lhe que, em função de minha saúde e de meu estado de espírito, isso está totalmente fora de cogitação. Além do mais, não tenho uma cama para ela, já que preciso reservar um quarto para uma amiga.”

A parte dessa conversa que Lady Bertram transmitiu ao marido foi suficiente para convencê-lo de que se enganara redondamente em relação às intenções da cunhada e, portanto, não deveria mais tocar no assunto. A sra. Norris o surpreendeu com sua recusa a fazer alguma coisa pela sobrinha que se mostrara tão disposta a adotar, mas, como tomara o cuidado de explicar que tudo que tinha ficaria para os Bertram, Sir Thomas não demorou a acatar uma disposição que, além de ser vantajosa e lisonjeira para eles, ainda lhe permitiria reservar uma quantia maior para o futuro sustento de Fanny.

Fanny logo descobriu que seus temores haviam sido infundados, pois não ia se mudar; e sua felicidade com essa descoberta ajudou Edmund a superar a decepção de saber que o que considerava bom para a

prima não ia acontecer. A sra. Norris tomou posse da casa branca, os Grant se instalaram no presbitério, e por algum tempo a vida em Mansfield seguiu seu curso.

Amistosos e sociáveis, os Grant conquistaram a simpatia da maioria de seus novos conhecidos. Tinham, porém, seus defeitos, e a sra. Norris não tardou a descobri-los. O doutor adorava comer e jantava muito bem diariamente; e a sra. Grant, em vez de procurar saciá-lo sem gastar muito, pagava uma fortuna à cozinheira, como se estivesse em Mansfield Park, e raramente aparecia na cozinha. A sra. Norris se enfurecia ao falar desses e de outros despautérios, como a quantidade de manteiga e de ovos consumida habitualmente naquela casa. “Ninguém gostava tanto de fartura e hospitalidade quanto ela; ninguém tinha tanto horror a mesquinha; *em sua época*, o presbitério dispunha de todo conforto e era absolutamente irreprochável; ela não conseguia entender tal procedimento. Um presbitério provinciano não era lugar para uma senhora de alta classe. Porém a despesa da sra. Norris estava à altura da sra. Grant. Por mais que perguntasse, ela não conseguiu saber se um dia a sra. Grant havia tido mais que cinco mil libras.”

Lady Bertram ouvia sem muito interesse esse tipo de comentário. Não podia discutir economia, mas achava injusto a sra. Grant estar tão bem de vida sem ser bonita e emitia essa opinião quase com a mesma frequência, embora não com a mesma verborragia, com que a sra. Norris discorria sobre a questão financeira.

Fazia cerca de um ano que falavam sobre essas coisas quando ocorreu na família um fato suficientemente importante para ocupar seus pensamentos e sua conversação. Sir Thomas decidiu ir cuidar pessoalmente de seus negócios em Antígua e levou junto o primogênito, esperando assim afastá-lo de más companhias. Calculava que passariam um ano fora.

Só se conformava com afastar-se da família e sobretudo com deixar as filhas justamente na fase mais interessante da vida por estar convencido da necessidade da viagem sob o ponto de vista financeiro e por alimentar a esperança de que ela fosse de utilidade para Tom. Não acreditava que Lady Bertram conseguisse substituí-lo à altura, pois ela mal dava conta das próprias obrigações; porém na vigilância da sra.

Norris e no bom senso de Edmund confiava o bastante para ausentar-se sem medo de que falhassem no cumprimento do dever.

Lady Bertram não gostou nem um pouco de separar-se do marido; mas não temia pela segurança dele nem se preocupava com seu conforto, sendo uma daquelas pessoas que acham que nada é perigoso, difícil ou cansativo para ninguém, só para si mesma.

Maria e Julia tiveram uma reação lamentável, não porque ficaram tristes, mas, ao contrário, porque não sentiram tristeza nenhuma. Não amavam o pai, não tinham nele um amigo, um companheiro, e infelizmente consideraram muito oportuna sua partida. Agora estavam livres de restrições; não pretendiam fazer nada que Sir Thomas reprovaria, mas, afora isso, podiam divertir-se como bem entendessem. Fanny também respirou aliviada, embora, sendo por natureza mais sensível que as primas, recriminasse o que via como ingratidão de sua parte e sofresse por não conseguir sofrer. “Sir Thomas, que fizera tanto por ela e por seus irmãos e que se fora talvez para nunca mais voltar! E ela não derramara uma lágrima sequer na despedida! Que vergonhosa insensibilidade!” Ademais, na manhã do embarque, ele lhe dissera que poderia ver William no inverno seguinte e a encarregara de escrever para o irmão, convidando-o a visitar Mansfield, quando sua esquadra aportasse na Inglaterra. “Foi tão atencioso! Tão bondoso!” E, se apenas tivesse sorrido para ela, se a tivesse chamado de “minha querida Fanny”, toda a sua severidade, toda a sua frieza, teria sido esquecida. Mas ele concluiu seu discurso de um modo que a magoou profundamente: “Se William vier a Mansfield, espero que você consiga convencê-lo de que melhorou um pouco nos muitos anos que transcorreram desde que saiu de sua casa... mas receio que, em alguns aspectos, ele ache que, aos dezesseis anos, você se parece muito com o que era aos dez”. Fanny chorou amargamente por causa disso, quando o tio se foi; e as primas, ao vê-la com os olhos vermelhos, julgaram-na hipócrita.

IV

Ultimamente, Tom Bertram ficava tão pouco tempo em casa que ninguém se importava mais com sua ausência; e Lady Bertram estava pasma, ao ver que os filhos se saíam muito bem sem o pai e que Edmund desempenhava com perfeição funções de Sir Thomas como trincar a carne, tratar com o administrador, escrever ao advogado, lidar com os criados e ainda poupá-la de todo o trabalho, exceto o de cuidar da própria correspondência.

Por fim chegou a notícia de que pai e filho fizeram boa viagem e desembarcaram em Antígua sãos e salvos. Até então, a sra. Norris andara manifestando terríveis pavores e tentando incuti-los em Edmund sempre que o encontrava sozinho; ademais, como esperava ser a primeira a tomar conhecimento de uma grande catástrofe, já havia até ensaiado a maneira de transmiti-la a todos; agora, porém, ante a informação de que os viajantes estavam vivos e inteiros, só lhe restava deixar de lado, ao menos por um tempo, a apreensão e os discursos afetuosos com que pretendia preparar os ânimos.

O inverno veio e se foi, e não houve necessidade deles: as notícias continuavam sendo ótimas; e os afazeres da sra. Norris eram tantos — promover divertimentos para as sobrinhas, ajudá-las a se arrumar, apregoar suas qualidades, procurar futuros maridos para elas, cuidar da própria casa, intrometer-se nos assuntos domésticos da irmã, fiscalizar o esbanjamento da sra. Grant — que não lhe sobrava muito tempo para temer pelos ausentes.

Maria e Julia agora pertenciam ao rol das beldades locais e, como além de bonitas e prendadas, ainda eram naturalmente tranquilas e estudadamente gentis e prestativas, gozavam da estima e da admiração geral dos vizinhos. Conseguiram controlar a vaidade de tal modo que não pareciam nem um pouco vaidosas e não se davam ares de importantes; entretanto, os elogios suscitados por sua conduta,

registrados e transmitidos pela tia, reforçavam sua convicção de que não tinham defeitos.

Lady Bertram não saía com as filhas. Era indolente demais para achar que o prazer de testemunhar seu sucesso e sua alegria compensaria o trabalho de acompanhá-las; assim, o encargo recaiu sobre a irmã, que o aceitou de muito bom grado, pois tão honrosa representação lhe permitia frequentar a sociedade sem dispor de meios próprios para isso.

Fanny também não ia a lugar nenhum; mas gostava de ser útil à tia quando o resto da família saía para se divertir; como a srta. Lee fora embora, agora Lady Bertram só contava com ela para fazer-lhe companhia na noite de um baile ou de uma festa. Fanny conversava com a tia, escutava-a, lia para ela; e a tranquilidade desses serões, a total segurança que experimentava nesses colóquios inteiramente isentos de indelicadeza funcionavam como um bálsamo para sua mente, proporcionando-lhe uma rara trégua em seus temores e constrangimentos. Quanto às alegrias das primas, gostava de ouvir seus relatos, principalmente sobre os bailes e as moças que haviam dançado com Edmund; mas em sua imensa humildade sequer imaginava que um dia pudesse participar de um evento desse tipo. Tudo somado, passou bem o inverno, pois, embora William não tivesse retornado à Inglaterra, confortava-a a firme esperança de sua chegada.

A primavera privou-a de seu querido amigo, o pônei cinzento, e, durante algum tempo, essa perda ameaçou afetar-lhe a saúde, pois, apesar de todos reconhecerem a importância da equitação para sua boa forma física, ninguém tomou providências para que ela voltasse a cavalgar. “Fanny pode montar o cavalo de uma das primas, sempre que estiver disponível”, disseram as tias; mas isso nunca aconteceu, já que Maria e Julia cavalgavam todos os dias e não pretendiam levar sua gentileza ao extremo de sacrificar um prazer. Enquanto passeavam alegremente, nas belas manhãs de abril e maio, Fanny ou ficava o dia inteiro em casa com uma tia, ou andava até esfalfar-se por instigação da outra; Lady Bertram considerava qualquer exercício tão desnecessário para os outros quanto desagradável para si mesma; e a sra. Norris, que caminhava diariamente, achava que todo mundo

devia caminhar tanto quanto ela. Edmund estava ausente nessa época, de modo que o mal demorou um pouco a ser remediado. Ao voltar, tão logo tomou conhecimento da situação e percebeu seus efeitos nocivos, decidiu que só havia uma coisa a fazer: “Fanny precisa ter um cavalo”; e resolutamente se opôs a qualquer argumento que a indolência da mãe sugerisse ou a avareza da tia apresentasse para minimizar o problema. A sra. Norris acreditava que na estrebaria de Mansfield se encontraria um cavalo velho e manso que haveria de servir muitíssimo bem; ou talvez o administrador pudesse ceder um dos seus; ou o dr. Grant de vez em quando pudesse emprestar o pônei que colocara à disposição do correio. Ela achava absolutamente desnecessário e até inadequado que Fanny tivesse seu próprio cavalo, como as primas. Estava certa de que Sir Thomas jamais cogitara em semelhante despropósito e considerava injustificável efetuar tal compra na ausência dele, acarretando mais gastos com a cavalaria num momento em que grande parte dos rendimentos do cunhado era incerta. “Fanny precisa ter um cavalo”, Edmund repetiu. A sra. Norris não conseguia ver a questão sob a mesma luz. Lady Bertram conseguia; concordava inteiramente com o filho quanto à necessidade do cavalo e não tinha dúvida de que o marido também concordaria; só não via motivo para pressa: queria esperar a volta de Sir Thomas, para que ele mesmo cuidasse de tudo. Isso ocorreria em setembro; que mal haveria em esperar só até setembro?

Embora estivesse muito mais aborrecido com a tia, por vê-la tratar Fanny com tanta desconsideração, do que com a mãe, Edmund não podia deixar de prestar mais atenção no que ela dizia e, assim, optou por uma solução que não só eliminaria o risco de Sir Thomas acusá-lo de ter ido longe demais, como permitiria à prima retomar imediatamente os exercícios necessários. Ele tinha três cavalos, e nenhum servia para uma amazona. Dois eram usados na caça, e o terceiro na estrada. Foi esse terceiro que Edmund resolveu trocar por uma boa montaria para uma jovem dama e, sabendo onde encontrá-la, logo concluiu o negócio. A nova égua revelou-se um verdadeiro achado; com um pouco de treino, estava perfeitamente apta a cumprir sua função e tornou-se propriedade quase exclusiva de Fanny. Ela não esperava que outro animal lhe servisse tão bem quanto o velho pônei

cinzento, mas agora experimentava um prazer inteiramente novo ao cavalgar; e a bondade que estava na origem desse prazer inspirava-lhe sentimentos que suas palavras não conseguiam exprimir. A seus olhos, Edmund representava tudo que havia de bom e grandioso, tinha um valor que ninguém mais sabia apreciar e merecia toda a sua gratidão, seu respeito, sua confiança, seu carinho.

Como ele continuava sendo proprietário da égua, nominalmente e de fato, a sra. Norris admitia que a sobrinha a montasse; e, se refletisse sobre a própria objeção, Lady Bertram decerto o perdoaria por não esperar a volta do pai, pois, em setembro, Sir Thomas ainda estava no exterior e não sabia quando haveria de retornar. Justamente quando começou a pensar nisso, surgiram circunstâncias desfavoráveis, e, em face da grande incerteza que pairava sobre os negócios, ele resolveu mandar o primogênito para casa e aguardar sozinho o desfecho da crise. Tom chegou a Mansfield Park são e salvo e com excelentes notícias sobre a saúde do pai; o que para a sra. Norris pouca serventia teve. Certa de que Sir Thomas despachara o filho para poupá-lo de grandes males que estavam por vir, ela sofria com terríveis pressentimentos; essas ideias assombravam-na a tal ponto nas longas noites de outono que diariamente a faziam deixar a triste solidão de sua casinha para refugiar-se na mansão. Entretanto, a retomada dos compromissos de inverno lhe foi benéfica, pois levou-a a acompanhar com tanto gosto os passos da sobrinha mais velha que acabou por acalmar-lhe os nervos. “Se o pobre Sir Thomas nunca mais voltar, há de ser um estranho consolo ver sua querida Maria bem casada”, pensava sempre que estavam na presença de homens ricos e sobretudo quando conheceram um jovem que acabara de herdar uma das maiores propriedades da região.

O sr. Rushworth imediatamente se encantou com a beleza da srta. Bertram e, desejoso de casar-se, logo se imaginou apaixonado. Era um rapaz corpulento, sem outra qualidade além de bom senso, mas, como na aparência e nos modos nada tinha de desagradável, a moça estava contente com sua conquista. Aos vinte e um anos, Maria Bertram começava a sentir-se na obrigação de casar; e, como a união com o sr. Rushworth lhe proporcionaria uma renda maior que a do pai, além de uma casa em Londres, que agora era seu principal objetivo, concluiu,

pelo mesmo critério da obrigação moral, que tinha o evidente dever de esposar o sr. Rushworth, se pudesse. A sra. Norris empenhava-se em promover o enlace por meio de sugestões e artifícios que pudessem torná-lo mais desejável para ambas as partes; e tentando estabelecer uma relação de amizade com a mãe do cavalheiro, que no momento morava com ele; até obrigou Lady Bertram a percorrer dezesseis quilômetros numa estrada esburacada para visitá-la numa manhã. Não demorou muito para se entender com essa senhora. A sra. Rushworth admitiu que queria muito que o filho casasse e declarou que de todas as moças que tinha visto, a srta. Bertram lhe parecia, por suas louváveis qualidades, a mais indicada para fazê-lo feliz. A sra. Norris aceitou o elogio e expressou admiração por tamanha capacidade de reconhecer o mérito. Maria era o orgulho e a alegria de todos — absolutamente impecável —, um anjo; e, com tantos admiradores, tinha de ser exigente em sua escolha; contudo, na medida em que tão pouco tempo de convivência lhe permitia avaliar, a sra. Norris achava que o sr. Rushworth era o rapaz que merecia unir-se a sua sobrinha.

Depois de dançar juntos no número adequado de bailes, os dois jovens corroboraram essas opiniões, e, com a devida comunicação ao ausente Sir Thomas, realizou-se o noivado, para satisfação das respectivas famílias e dos vizinhos em geral, que viam com muito bons olhos o casamento do sr. Rushworth com a srta. Bertram.

O consentimento de Sir Thomas demorou alguns meses para chegar; mas, no meio-tempo, como ninguém duvidava que ele teria o maior prazer com essa união, as duas famílias continuaram se relacionando sem restrições e sem nenhuma tentativa de guardar segredo, apesar de a sra. Norris sempre tocar no assunto como se fosse algo que não devesse mencionar.

Edmund era o único que conseguia ver uma falha em toda a história; nada do que a tia dissesse poderia convencê-lo de que o sr. Rushworth era um noivo desejável. Admitia que cabia à irmã decidir sobre a própria felicidade, mas não gostava nem um pouco de vê-la condicionar a felicidade a um polpudo rendimento; e, quando se encontrava na companhia do futuro cunhado, não conseguia deixar de

pensar: “Se esse homem não tivesse doze mil libras por ano, seria apenas um sujeito muito burro”.

Sir Thomas, porém, exultou com a perspectiva de um enlace tão vantajoso e do qual só ouvia falar bem. Era uma união como devia ser: no mesmo condado e com os mesmos interesses;¹ e ele expressou sua concordância assim que pôde. Só estabeleceu uma condição: que o casamento se realizasse após seu retorno, pelo qual novamente ansiava com impaciência. Escreveu em abril e tinha muita esperança de resolver tudo satisfatoriamente e deixar Antígua antes que o verão chegasse ao fim.

Assim estavam as coisas em julho, e Fanny acabara de completar dezoito anos quando o vilarejo ganhou dois novos moradores: o sr. e a srta. Crawford, irmãos da sra. Grant por parte de mãe. Ambos eram ricos: ele tinha uma bela propriedade em Norfolk; ela, vinte mil libras. A sra. Grant os amava muito quando eram crianças; porém quase não os viu mais depois que se casou e a mãe faleceu, deixando-os aos cuidados de um tio paterno, que ela não conhecia. O almirante e a sra. Crawford proporcionaram um lar aos pequenos órfãos. Embora não concordassem em relação a nada, uniram-se na afeição pelos sobrinhos; ao menos não brigavam por eles, já que cada um tinha seu favorito: o almirante adorava o menino; a sra. Crawford idolatrava a menina; e foi a morte dessa senhora que obrigou sua *protégée* a buscar outro lar, depois de penar por mais alguns meses na casa do tio devasso, convivendo com a amante que ele levava para morar sob o mesmo teto que os sobrinhos. A sra. Grant de bom grado prontificou-se a abrigá-la, pois, tendo a essa altura gastado os recursos habituais das mulheres sem filhos que viviam no campo, enchido sua sala favorita com belos móveis e organizado uma primorosa coleção de plantas e aves, precisava muito de algo diferente. Portanto, aguardava com satisfação a chegada de uma irmã que sempre amara e que agora esperava manter a seu lado até ela se casar; só temia que Mansfield não estivesse à altura de uma jovem acostumada com Londres.

A srta. Crawford, por sua vez, estava apreensiva com o estilo de vida da sra. Grant e o tipo de sociedade que ela frequentava; e foi só depois de tentar inutilmente convencer o irmão a morarem juntos na casa de campo dele que resolveu arriscar-se entre os outros parentes. Avesso a

residência fixa e a círculos fechados, Henry Crawford infelizmente não podia ceder numa questão de tamanha importância, porém fez a gentileza de acompanhar a irmã até Northamptonshire e se prontificou a ir buscá-la sem demora se ela se cansasse do lugar.

O encontro foi muito satisfatório para ambas as partes. A srta. Crawford se viu diante de uma irmã sem falso refinamento e sem rusticidade; de um cunhado com toda a aparência de um cavalheiro; de uma casa confortável e bem equipada. Quanto à sra. Grant, acolheu aqueles jovens tão bem-apegoados com a esperança de amá-los mais que nunca. Mary Crawford era linda; Henry, embora não fosse bonito, tinha uma presença marcante e uma bela postura; os dois eram animados e simpáticos, e a sra. Grant não teve dúvida de que possuíam muitas outras qualidades. Encantou-se com ambos, mas elegeu Mary como sua favorita; e, não tendo motivo para orgulhar-se da própria aparência, exultou com a possibilidade de orgulhar-se da beleza da irmã. Não a esperara chegar para procurar um bom partido para ela; e escolhera Tom Bertram, considerando que uma moça de vinte mil libras, com toda a elegância e todo o refinamento que não poderia deixar de ter, merecia o primogênito do baronete; e, franca e afetuosa como era, menos de três horas depois de receber a irmã, foi tratando de dizer-lhe o que tinha em mente.

A srta. Crawford gostou muito de saber que uma família tão importante morava nas proximidades e não se aborreceu nem um pouco com a solicitude ou com a escolha da sra. Grant. Pretendia casar-se, desde que pudesse casar-se bem, e, tendo visto o sr. Bertram em Londres, achava que sua pessoa condizia com sua posição. Assim, embora levasse o assunto na brincadeira, também o considerava seriamente. Henry logo tomou conhecimento do plano.

“E, agora, vejam só o que me ocorreu para tornar tudo isso perfeito”, a sra. Grant acrescentou. “Como eu adoraria que vocês ficassem aqui, Henry vai casar com a caçula dos Bertram, uma jovem bonita, simpática, bem-humorada e prendada, que há de fazê-lo feliz.”

O rapaz inclinou a cabeça e agradeceu-lhe.

“Minha querida”, disse Mary, “se conseguir convencê-lo, vou exultar por ser irmã de uma pessoa tão competente e só hei de lamentar que você não tenha meia dúzia de filhas para casar. Se

conseguir convencer Henry a se casar, é porque você tem a lábia das francesas. Tudo que uma inglesa sabe fazer já foi feito. Tenho três amigas que morrem de amor por ele; e você não faz ideia do trabalho que elas, as mães delas, mulheres muito inteligentes, minha querida tia e eu tivemos para tentar levá-lo ao casamento; de nada adiantaram nossos argumentos, nossa bajulação, nossas artimanhas! Henry é o namorador mais horrível que se possa imaginar. É melhor as srts. Bertram ficarem longe dele, se não querem que lhes parta o coração.”

“Meu querido irmão, não acredito.”

“Não, eu sei que você é muito boa. É mais compreensiva que Mary. Há de entender as dúvidas da juventude, a inexperiência. Sou cauteloso por natureza e não quero que uma decisão precipitada ponha em risco minha felicidade. Ninguém tem o matrimônio em mais alta conta que eu. Acho que uma esposa é exatamente o que diz o poeta: ‘O *último* e melhor presente do céu’.”²

“Veja como ele se prende a uma palavra, minha irmã; veja como sorri. Eu lhe garanto que ele é detestável; as lições do almirante o estragaram.”

“Eu não me fio no que os jovens dizem sobre o casamento”, a sra. Grant falou. “Se dizem que têm aversão ao casamento, minha conclusão é que ainda não encontraram a pessoa certa.”

O dr. Grant riu e parabenizou a srta. Crawford por não ter aversão à vida conjugal.

“Ah, sim, não me envergonho disso. Por mim, todo mundo se casaria, mas depois de escolher bem; acho que ninguém deve se precipitar, mas seria muito bom casar o mais cedo possível.”

V

A simpatia entre os jovens foi imediata. Todos tinham muitos atrativos, e tudo indicava que estreitariam os laços tão logo permitisse a boa educação. A beleza da srta. Crawford em nada a desmerecia perante as srtas. Bertram. Elas eram bonitas demais para desgostar de outra beldade e ficaram praticamente tão encantadas quanto os irmãos com os olhos negros e vivos, a pele morena e a bela aparência da recém-chegada. Se ela fosse alta, loira e corpulenta, talvez tivessem mais dificuldade; porém, sendo como era, não haveria possibilidade de comparação; a srta. Crawford era meiga e linda, enquanto elas eram as maiores formosuras da região.

Henry não era bonito; à primeira vista, era decididamente feio: moreno e feio; mas também era um afável cavalheiro. No segundo encontro, já não parecia tão feio; certamente o era, mas tinha uma presença tão marcante, dentes tão brancos e tão sólida compleição que logo se esquecia sua fealdade; e, após um terceiro contato, por ocasião de um jantar no presbitério, ninguém mais o achou feio. Na verdade, as irmãs agora o qualificavam como o rapaz mais agradável que já haviam conhecido e estavam fascinadas com ele. Com o noivado de Maria, Julia o considerava propriedade sua e, antes que se completasse uma semana desde que os Crawford puseram o pé em Mansfield, estava prestes a apaixonar-se por ele.

Maria não via as coisas com tanta clareza. Não queria ver ou compreender. “Não haveria mal algum em gostar de um homem tão cativante; todo mundo sabia de sua situação; o sr. Crawford devia se cuidar.” O sr. Crawford não pretendia correr risco; as Bertram eram dignas de sua gentileza e estavam prontas para recebê-lo; e a princípio seu único objetivo era fazê-las gostar dele. Não queria que morressem de amor; contudo, mesmo dotado de sensatez e serenidade suficientes

para ser mais judicioso, ele se permitia grande liberdade nessas questões.

“Gosto muito das srtas. Bertram”, disse à irmã,¹ depois de acompanhar as moças até a carruagem, ao término do referido jantar; “são muito elegantes e simpáticas.”

“São mesmo. E fico feliz de ouvir isso. Mas você gosta mais de Julia.”

“Ah, sim; gosto mais de Julia.”

“De verdade? Todo mundo acha Maria mais bonita.”

“Também acho. Ela leva vantagem nos traços, e prefiro o rosto dela; mas gosto mais de Julia. Maria é mais bonita, sem dúvida; e acho que também é mais simpática; no entanto, sempre vou gostar mais de Julia, porque é o que você quer.”

“Não digo nada, mas sei que, *no fim*, você vai acabar gostando mais dela.”

“Não estou lhe dizendo que gosto mais dela *no começo*?”

“E, ademais, Maria está noiva. Não se esqueça disso, meu querido irmão. Ela já fez sua escolha.”

“De fato; e gosto mais dela por isso. Uma mulher comprometida sempre é mais interessante que uma mulher sem compromisso. Ela está contente consigo mesma. Não tem mais com que se preocupar e acha que pode exercer toda a sua capacidade de agradar sem despertar desconfiança. Uma dama comprometida está absolutamente segura; nada pode prejudicá-la.”

“Bom, quanto a isso... O sr. Rushworth é um rapaz excelente, um ótimo partido para ela.”

“Mas ela não sente nada por ele; é o que *você* acha de sua amiga íntima. *Eu* não concordo. Tenho certeza de que Maria Bertram gosta muito do sr. Rushworth. Vejo isso nos olhos dela, toda vez que alguém menciona o nome do noivo. Penso bem demais de Maria Bertram para imaginar que ela seria capaz de dar sua mão sem dar o coração.”

“Mary, o que podemos fazer?”

“Nada. Falar não adianta. Ele vai acabar sendo enganado.”

“Mas eu não quero que ele seja *enganado*. Quero tudo muito claro e correto.”

“Ora, ele que seja enganado. Vai ser bom para ele. Todo mundo é enganado mais cedo ou mais tarde.”

“Nem sempre quando se trata de casamento, minha querida Mary.”

“Principalmente quando se trata de casamento. Com o devido respeito aos casados, minha cara sra. Grant, não há uma em cem pessoas de ambos os sexos que não tenha se casado enganada. Para onde quer que eu olhe, é isso que *vejo*; e acho que *deve* ser assim, pois creio que esse é o tipo de transação em que as pessoas mais esperam dos outros e são menos honestas com elas mesmas.”

“Ah, Hill Street lhe deu uma visão negativa do matrimônio.”

“Minha pobre tia certamente não tinha muito motivo para adorar a vida de casada; mas, a julgar pelo que tenho observado, esse é um jogo de manobras. Conheço muita gente que se casou com a esperança e a certeza de obter determinada vantagem ou encontrar grandes qualidades no cônjuge, percebeu que havia sido enganada e teve de aguentar justamente o contrário! O que é isso, se não um engano?”

“Minha querida menina, é muita imaginação de sua parte. Desculpe, mas não acredito nisso. Você está vendo as coisas pela metade. Está vendo só o lado ruim e ignorando as compensações. Podemos ter problemas e decepções em todo canto e tendemos a esperar demais; porém, se um projeto de felicidade vai por água abaixo, a natureza humana procura outro; se erramos no primeiro cálculo, nos saímos melhor no segundo; encontramos consolo em algum lugar; e os observadores maldosos, que dão muita importância a pequenas coisas, são mais enganados que os próprios casais.”

“Muito bem, minha irmã! Belo *esprit du corps*! Quando me casar, espero ser tão firme quanto você; e tomara que minhas amigas também sejam. Isso me pouparia muito sofrimento.”

“Você é tão má quanto seu irmão, Mary; mas vamos curar vocês dois. Mansfield vai curar os dois... e sem enganá-los. Fiquem conosco, e vamos curá-los.”

Mesmo não querendo ser curados, os Crawford desejavam ficar. Mary via com muito bons olhos a perspectiva de morar no presbitério durante algum tempo, e Henry estava igualmente disposto a estender a visita. Viajara com a intenção de passar apenas alguns dias com elas, mas agora Mansfield lhe parecia um lugar muito promissor e nada o

chamava em outra parte. A sra. Grant transbordava de alegria com a presença dos irmãos; e o dr. Grant também estava feliz com isso; uma jovem bonita e bem falante como a srta. Crawford sempre é uma companhia agradável para um homem indolente e caseiro; e hospedar o sr. Crawford fornecia-lhe um bom pretexto para tomar clarete diariamente.

A admiração das srtas. Bertram pelo sr. Crawford ultrapassava qualquer coisa que os hábitos da srta. Crawford lhe permitissem sentir. Porém ela reconhecia que os Bertram eram ótimos rapazes, do tipo que não se via com frequência nem mesmo em Londres, e que tinham excelentes modos, particularmente o mais velho. Tom já estivera em Londres muitas vezes, era mais animado e galante que Edmund e, portanto, tinha de ser o favorito; na verdade, o fato de ser o mais velho constituía outro ponto forte. Mary pressentira que *gostaria* mais do primogênito. Como de hábito.

Tom Bertram era realmente encantador; dotado de uma afabilidade que com frequência agrada mais que algumas qualidades mais valiosas, gozava da estima geral; desenvolto e bem-humorado, conhecia muita gente e tinha muita coisa para dizer; e a condição de herdeiro de Mansfield Park e do baronato em nada o desabonava. A srta. Crawford logo percebeu que ele poderia ser um bom partido. E, após minuciosa investigação, concluiu que ele tinha praticamente tudo a seu favor: uma propriedade com oito quilômetros de perímetro; uma casa moderna, espaçosa, tão bem situada e protegida que merecia figurar em qualquer coleção de gravuras de mansões senhoriais existentes no reino² e só precisava de um novo mobiliário; irmãs simpáticas e mãe pacata; e ainda era um rapaz cativante, com a vantagem de ter parado de jogar, graças a uma promessa que fizera ao pai, e de ser o futuro Sir Thomas. Sim, era um bom partido. A srta. Crawford acreditava que o aceitaria; e começou a demonstrar algum interesse pelo cavalo que ele montaria nas corridas de B.

Essas corridas o levariam para longe pouco tempo depois que os jovens se conheceram; e, como ele sempre demorava muitas semanas para voltar, sua paixão acabaria sendo precocemente posta à prova. A família tentou convencer Mary a ir às corridas e até cogitou em

organizar um grande grupo para acompanhá-la, mas, apesar do entusiasmo geral, não se deu nenhum passo nesse sentido.

E *Fanny*? O que estava fazendo e pensando nesse meio-tempo? O que *achava* dos recém-chegados? Poucas moças de dezoito anos seriam convidadas tão raramente a emitir sua opinião. Com seu jeito silencioso e discreto, ela pagou seu tributo de admiração à beleza da srta. Crawford; no entanto, como continuava achando o sr. Crawford feio, apesar de as primas repetidamente dizerem o contrário, nunca o mencionava. E foi isso que despertou atenção. “Estou começando a entender vocês todos, com exceção da srta. Price”, Mary comentou, durante um passeio com os Bertram. “Por favor, ela já debutou ou não?³ Estou confusa. Ela jantou com vocês no presbitério, como se tivesse debutado; mas fala tão pouco que me custa crer que debutou.”

Edmund, a quem a srta. Crawford realmente se dirigia, respondeu: “Acho que entendo o que a senhorita quer dizer; mas não posso falar nada. Minha prima é adulta. Tem a idade e o bom senso de uma mulher, mas não sei se age como quem já debutou”.

“Mas é muito fácil perceber. A diferença é enorme. Em geral, as maneiras e a aparência são totalmente diferentes. Nunca pensei que alguém pudesse se enganar com relação a isso. Uma moça que não debutou está sempre com o mesmo tipo de vestido, só usa toucas modestas, é muito recatada e nunca abre a boca. O senhor pode rir, mas eu lhe garanto que é assim; e, se não há exagero, é assim mesmo que deve ser. As moças devem ser caladas e discretas. O problema é que, depois da apresentação à sociedade, a mudança geralmente é muito brusca. Em pouquíssimo tempo, algumas delas passam do recato ao extremo oposto, à ousadia! Essa é a falha do sistema atual. Ninguém gosta de ver uma moça de dezoito ou dezenove anos pronta para tudo de repente; ainda mais se, um ano atrás, ela mal falava. Sr. Bertram, acho que o *senhor* já percebeu essas mudanças algumas vezes.”

“Creio que sim. Mas isso não vale. Já entendi o que a senhorita está fazendo. Está caçoando de mim e da srta. Anderson.”

“De jeito nenhum! Srta. Anderson? Não sei a quem ou a que o senhor se refere. Estou na mais completa ignorância. Mas vou caçoar do senhor com o maior prazer, se me contar essa história.”

“Ah, a senhorita se saiu muito bem. Devia estar pensando na srta. Anderson, quando descreveu a mudança de algumas moças. E acertou em cheio. Foi exatamente assim. Os Anderson da Baker Street. Falamos deles outro dia. Edmund, você ouviu, quando mencionei Charles Anderson. A circunstância foi precisamente como a senhorita descreveu. Quando Anderson me apresentou à família, uns dois anos atrás, a irmã dele não tinha debutado, e eu não consegui arrancar-lhe uma única palavra. Fiquei sentado na sala durante uma hora, esperando Anderson, sozinho com ela e com uma ou duas meninas; a governanta estava doente ou tinha ido embora; a mãe toda hora entrava e saía com umas cartas na mão; e a moça não abriu a boca nem mesmo por educação, não olhou para mim uma vez sequer e se afastou com uma cara! Só voltei a vê-la um ano depois. Ela havia debutado. Encontrei-a na casa da sra. Holford... e não me lembrava dela. Ela se aproximou, disse que me conhecia, encarou-me de um jeito que me deixou envergonhado, falou e riu até eu ficar sem saber para que lado olhar. Acho que fui o palhaço da vez... e a srta. Crawford evidentemente soube dessa história.”

“E é uma bela história, com mais verdade que motivo de orgulho para a srta. Anderson. Essa é uma falha muito comum. As mães certamente ainda não encontraram a maneira mais adequada de conduzir as filhas. Não sei onde está o erro. Não tenho a pretensão de corrigir ninguém, mas as pessoas erram muito, pelo que vejo.”

“Quem está mostrando ao mundo como *deve* ser a conduta feminina”, Tom galantemente opinou, “está prestando um grande serviço.”

“O erro está muito claro”, disse Edmund, com menos cortesia; “essas moças não receberam uma boa educação. Desde pequenas assimilaram ideias erradas. Sempre se deixam levar pela vaidade... e não são mais recatadas *antes* de aparecer em público que depois.”

“Não sei”, a srta. Crawford declarou, hesitante. “Não posso concordar com o senhor nesse ponto. Creio que esse é o menor dos males. Muito pior é ver, como tenho visto, moças que *não* debutaram dar-se ares e tomar liberdades como se tivessem debutado. *Isso* é pior que qualquer coisa... é revoltante!”

“De fato, *isso* é muito inconveniente”, Tom concordou. “Acaba levando ao erro; a gente fica sem saber o que fazer. A touca modesta e o recato que a senhorita mencionou com muita propriedade já mostram o que se pode esperar; mas, ano passado, a falta dessas coisas me colocou numa terrível enrascada. Em setembro, pouco depois que voltei das Índias Ocidentais, fui passar uma semana em Ramsgate com um amigo... Sneyd... você já me ouviu falar de meu amigo Sneyd, Edmund; os pais e as irmãs dele estavam lá, e eu não os conhecia. Quando chegamos a Albion Place, todos tinham saído; fomos procurá-los e os encontramos no píer. A sra. Sneyd e as duas filhas estavam com várias pessoas. Cumprimentei-as com a devida reverência, e, como a sra. Sneyd estava cercada de homens, resolvi conversar com uma das filhas; caminhei ao lado dela até a casa e procurei ser o mais agradável possível; a moça estava inteiramente à vontade, tão disposta a falar quanto a ouvir. Nem desconfiei que eu poderia estar fazendo alguma coisa errada. As duas irmãs estavam igualmente bem vestidas, usavam véu e levavam sombrinha como qualquer moça; mas depois descobri que havia dado toda a atenção à caçula, que não tinha debutado, e com isso ofendi horivelmente a mais velha. A srta. Augusta não apareceu em lugar nenhum durante seis meses, e a srta. Sneyd, creio, nunca me perdoou.”

“Foi realmente péssimo. Coitada da srta. Sneyd! Eu não tenho irmã caçula, mas fico com pena dela. Ser deixada para trás antes da hora deve ser terrível. Mas a culpa foi toda da mãe. A srta. Augusta devia estar com a governanta. Essas coisas feitas pela metade nunca dão certo. Mas agora quero saber da srta. Price. Ela vai a bailes? Ela janta fora, como jantou na casa de minha irmã?”

“Não”, Edmund respondeu. “Acho que ela nunca foi a um baile. Minha mãe raramente sai, janta fora só com a sra. Grant, e Fanny fica em casa com ela.”

“Ah, então está claro. A srta. Price *não* debutou.”

VI

O sr. Bertram foi para..., e a srta. Crawford tratou de preparar-se para enfrentar um grande vazio em seu círculo de amizades e suportar a falta que ele faria nas reuniões das duas famílias, que agora ocorriam praticamente todos os dias; e, quando todos jantaram juntos em Mansfield Park logo após a partida de Tom, voltou a ocupar seu lugar favorito, quase na ponta da mesa, certa de que sentiria uma triste diferença na troca de anfitrião. Seria algo muito enfadonho, sem dúvida. Ao contrário do irmão, Edmund não teria nada a dizer. A sopa seria tomada em meio ao maior desânimo; o vinho, bebido sem sorrisos nem agradáveis banalidades; e a carne, trinchada sem uma anedota curiosa sobre o assado de outro jantar ou uma história interessante sobre “meu amigo fulano”. Era preciso procurar alguma distração na outra ponta da mesa e no sr. Rushworth, presente no casarão pela primeira vez desde a chegada dos Crawford. Ele tinha ido a um condado vizinho visitar um amigo que acabara de fazer melhorias em sua propriedade¹ e estava com a cabeça cheia de ideias, ansioso para seguir o exemplo; embora não se estendesse sobre o tema, não conseguia falar de outra coisa. Já havia abordado o assunto na sala de visitas e agora o retomava na sala de jantar. Evidentemente, tinha como principal objetivo despertar a atenção de Maria Bertram e ouvir sua opinião; e, conquanto ela assumisse uma postura de superioridade e não demonstrasse o menor interesse em agradá-lo, a menção de Sotherton Court inspirou-lhe uma complacência que a impediu de ser muito rude.

“Eu gostaria que conhecessem Compton”, disse o sr. Rushworth; “é um lugar perfeito! Nunca vi uma reforma tão radical. Eu já não sabia onde estava. *Agora* o acesso à propriedade é um dos mais bonitos do país. A vista da casa é surpreendente. Ontem, quando voltei, Sotherton parecia uma prisão... uma prisão velha e sombria.”

“Ora, que exagero!”, a sra. Norris exclamou. “Uma prisão...! Sotherton Court é o solar antigo mais esplêndido do mundo.”

“Está precisando de melhorias. Nunca vi uma propriedade que precisasse tanto de melhorias; está tão abandonada que não sei o que vou poder fazer com ela.”

“Não admira que o sr. Rushworth pense assim no momento”, a sra. Grant falou para a sra. Norris, com um sorriso; “mas, pode crer, no devido tempo Sotherton vai receber *todas* as melhorias que ele desejar.”

“Eu tenho de fazer alguma coisa, mas não sei o quê”, o sr. Rushworth suspirou. “Espero que um bom amigo me ajude.”

“Acredito que, neste caso, seu melhor amigo seria o sr. Repton”,² Maria calmamente opinou.

“É o que estou pensando. Como ele trabalhou tão bem para Smith, acho que devo contratá-lo já. Ele cobra cinco guinéus por dia.”

“Ainda que cobrasse *dez*, não seria motivo de preocupação para o *senhor*”, disse a sra. Norris. “O custo não é impedimento. Se eu fosse o senhor, não pensaria nos gastos. Eu faria tudo no melhor estilo, o mais bonito possível. Um lugar como Sotherton Court merece tudo que o bom gosto e o dinheiro podem fazer. O senhor tem espaço para trabalhar lá, e a terra vai recompensá-lo muito bem. Se eu tivesse a quinquagésima parte de Sotherton, estaria sempre plantando e reformando, pois adoro isso. Seria ridículo tentar fazer alguma coisa no pedacinho de chão que eu tenho agora. Seria uma piada. Mas, se eu tivesse mais espaço, nada me daria maior prazer que reformar e plantar. Foi assim que fizemos do presbitério um lugar muito diferente do que era quando fomos para lá. Vocês, jovens, talvez não lembrem como era. Mas, se o querido Sir Thomas estivesse aqui, ele poderia lhes falar de nossas melhorias; teríamos feito muito mais, se não fosse a saúde precária do pobre sr. Norris. O coitadinho mal conseguia sair de casa, e *isso* me desanimou tanto que desisti de uma porção de coisas que havia combinado com Sir Thomas. Não fosse isso, teríamos construído o muro do jardim e plantado uma sebe para esconder o cemitério, como fez o dr. Grant. Estávamos sempre fazendo alguma coisa. Foi na primavera, um ano antes de o sr. Norris falecer, que

plantamos o abricoteiro perto do estábulo; e agora é uma bela árvore, bem próxima da perfeição”, completou, dirigindo-se ao dr. Grant.

“Está muito viçoso, sem dúvida”, o reverendo concordou. “A terra é boa; só lamento que a fruta não valha o trabalho de colhê-la.”

“É um *moor park*,³ compramos como *moor park* e custou... quer dizer, foi um presente de Sir Thomas, mas eu vi a nota e sei que custou sete xelins e foi vendido como *moor park*.”

“Enganaram a senhora”, o dr. Grant respondeu. “Esta batata tem tanto gosto de *moor park* quanto a fruta daquela árvore. Na melhor das hipóteses, é uma fruta insípida; mas um bom abricó é uma delícia, e os de meu quintal não são.”

“A verdade”, a sra. Grant falou do outro lado da mesa, fingindo cochichar para a sra. Norris, “é que o dr. Grant não conhece o gosto de nosso abricó em estado natural; acho que nunca experimentou nenhum. É uma fruta ótima e requer poucos cuidados; nossos abricós são grandes e bonitos, e a cozinheira aproveita todos em tortas e geleias.”

A sra. Norris, que começara a enrubescer, acalmou-se, e durante algum tempo as melhorias em Sotherton cederam lugar a outros assuntos. O dr. Grant e a sra. Norris raramente se entendiam; mal se conheceram, já estavam falando em deterioração;⁴ e tinham hábitos muito diferentes.

Depois de uma breve interrupção, o sr. Rushworth recomeçou. “A propriedade de Smith é admirada em toda a região; e não era nada antes de Repton aparecer. Acho que vou contratá-lo.”

“Se eu fosse o senhor, plantaria um belo bosque”, Lady Bertram sugeriu. “É gostoso passear num bosque, quando o tempo está bom.”

O sr. Rushworth queria muito expressar sua aquiescência e dizer algo lisonjeiro; não obstante, entre sua submissão ao gosto da anfitriã e o fato de que tinha em mente a mesma coisa, com o duplo objetivo de demonstrar sua consideração pelo conforto das damas em geral e insinuar que apenas a uma ansiava por agradar, atrapalhou-se todo; e Edmund ficou contente de colocar um ponto final em seu discurso, propondo que tomassem vinho. Porém, o sr. Rushworth, embora não fosse habitualmente loquaz, desejava continuar discorrendo sobre o tema que lhe era tão caro. “Smith não tem muito mais de quarenta

hectares, o que é pouco e torna as melhorias ainda mais surpreendentes. Já em Sotherton, temos bem uns duzentos e oitenta hectares, sem contar as áreas alagadiças, na beira do rio; portanto, acho que, se foi possível fazer tanta coisa em Compton, não há por que me desesperar. A derrubada de duas ou três belas árvores antigas que estavam muito perto da casa resultou numa vista admirável, o que me leva a crer que Repton ou outro paisagista do mesmo quilate certamente derrubaria a alameda em Sotherton;⁵ a alameda que vai da fachada oeste ao topo da colina que a senhorita conhece”, acrescentou, dirigindo-se a Maria. Mas ela achou que era de muito bom tom responder:

“A alameda! Ah, não lembro. Na verdade, sei bem pouco sobre Sotherton.”

Fanny, que estava ao lado de Edmund e diante da srta. Crawford e escutara atentamente, olhou para o primo e comentou em voz baixa:

“Derrubar uma alameda! Que pena! Isso não o faz pensar em Cowper? ‘Vós, alamedas derrubadas, mais uma vez choro vosso destino imerecido’.”⁶

Ele sorriu, ao dizer: “Receio que a alameda esteja com os dias contados, Fanny”.

“Eu gostaria de ver Sotherton como é agora, como sempre foi, antes da derrubada; mas não creio que verei.”

“Você nunca foi lá? Não, claro que não; e infelizmente é muito longe para ir a cavalo. Eu gostaria que você fosse.”

“Ah, não importa. Quando eu for, você me dirá o que mudou.”

“Parece que Sotherton é um solar antigo e grandioso”, a srta. Crawford comentou. “Segue um estilo específico?”

“Foi construído na época elisabetana; é um edifício muito grande e comum; pesadão, mas imponente; e tem muitos cômodos. Está mal localizado. Fica numa das partes mais baixas do terreno, o que é desfavorável para melhorias. Mas há um belo bosque e um riacho, que, acredito, pode ser muito bem aproveitado. Acho que o sr. Rushworth tem toda a razão de querer reformar a propriedade, e o resultado há de ser excelente, com certeza.”

A srta. Crawford escutou atentamente e pensou: “É um homem bem-educado e faz o que pode”.

“Não pretendo influenciar o sr. Rushworth”, ele prosseguiu, “mas, se eu tivesse uma propriedade para reformar, não contrataria um profissional. Eu preferiria fazer minhas próprias escolhas e progredir pouco a pouco, ainda que o resultado não fosse tão maravilhoso quanto eu gostaria. Preferiria conviver com meus próprios erros.”

“Naturalmente, o *senhor* saberia o que fazer... mas não é *meu* caso. Não tenho sensibilidade nem criatividade para isso; vejo as coisas tal como estão diante de mim; e, se tivesse uma propriedade no campo, agradeceria muito a qualquer sr. Repton que se encarregasse de embelezá-la tanto quanto eu pudesse pagar; e só ia querer vê-la depois que o trabalho terminasse.”

“*Eu* adoraria acompanhar o trabalho”, disse Fanny.

“Sim... a senhorita foi educada para isso. Mas eu não; só tive uma experiência desse tipo, com um profissional que não era dos melhores, e foi o suficiente para concluir que reforma *em andamento* é o maior dos transtornos. Três anos atrás, o almirante, meu honrado tio, comprou uma casa de campo em Twickenham para passarmos o verão; minha tia e eu fomos para lá, empolgadas; a casa era muito bonita, mas logo percebemos que precisava de reforma; e durante três meses convivemos com a sujeira e a desordem, sem um caminho de cascalho para passear ou um banco para sentar. Eu teria tudo que fosse possível ter no campo, como bosques, jardins floridos, inúmeros assentos rústicos; mas tudo isso teria de ser feito sem minha participação. Henry é diferente; adora pôr a mão na massa.”

Edmund estava disposto a admirar a srta. Crawford e não gostou nem um pouco de ouvi-la falar do tio tão abertamente. Isso não condizia com seu senso de decoro, e ele ficou em silêncio, até que a animação geral o induziu a deixar de lado a questão.

“Sr. Bertram, por fim tive notícia de minha harpa”, ela falou. “Soube que está segura em Northampton, provavelmente há dez dias, apesar de todas as solenes garantias em contrário.” Edmund expressou satisfação e surpresa. “A verdade é que nossas investigações foram diretas demais; mandamos um criado, fomos pessoalmente; não adianta nada fazer isso a cem quilômetros de Londres... mas hoje de manhã recebemos informações corretas. Um fazendeiro a viu e contou

para o moleiro, e o moleiro contou para o açougueiro, e o genro do açougueiro contou para os fregueses.”

“Fico muito contente; é uma boa notícia, afinal; e espero que não haja mais demora.”

“Ela deve chegar amanhã; mas como o senhor acha que será transportada? Num carro de boi? Numa carroça? Ah, não! Não consegui nada disso no vilarejo. Foi como se eu quisesse um carregador e um carrinho de mão.”

“É difícil alugar um cavalo e uma carroça logo agora, no meio da recolha do feno.”

“Estou perplexa com tamanha dificuldade! Como parecia impossível arrumar um cavalo e uma carroça por aqui, mandei minha empregada procurar; e, como sempre que olho pela janela de meu quarto vejo uma fazenda e sempre passo por alguma quando estou caminhando pela alameda, pensei que bastaria falar para conseguir o que queria; eu já estava até triste por não poder ajudar a todos. Imagine minha surpresa ao descobrir que estava querendo a coisa mais absurda, mais impossível do mundo; que ofendi todos os fazendeiros, todos os trabalhadores, todo o feno da paróquia. Quanto ao administrador do dr. Grant, acho melhor ficar *longe* dele; e meu cunhado, que em geral é um amor de criatura, ficou furioso comigo, quando soube do que andei fazendo.”

“É claro que a senhorita não podia ter pensado nisso antes, mas, quando pensar, precisa levar em conta a importância de recolher o feno. Alugar uma carroça em qualquer época pode não ser tão fácil como a senhorita imagina; nossos fazendeiros já não costumam abrir mão de suas carroças; e, na época da recolha, não podem, de jeito nenhum, dispensar um cavalo.”

“Ainda vou entender os costumes daqui; mas, tendo em mente o ditado londrino de que se consegue tudo com dinheiro, fiquei um tanto confusa com a independência de seus costumes. Mas amanhã vou reaver minha harpa. Henry, que tem um coração de ouro, se ofereceu para ir buscá-la na caleche. Ela não vai ser transportada condignamente?”

Edmund falou que a harpa era seu instrumento favorito e que esperava ouvi-la em breve. Fanny não conhecia o som da harpa e

mostrou-se ansiosa para escutá-lo.

“Vai ser um prazer tocar para ambos”, a srta. Crawford declarou; “pelo menos, enquanto gostarem de ouvir; provavelmente, por muito mais tempo, pois adoro música, e, quando os gostos coincidem, o instrumentista é quem sai ganhando, pois é recompensado de mais de uma forma. Agora, sr. Bertram, se escrever para seu irmão, comunique-lhe que minha harpa chegou, por favor; ele sabe da aflição que isso me causou. E diga-lhe que vou ensaiar minhas músicas mais chorosas para quando ele voltar, em consideração aos sentimentos dele, pois sei que seu cavalo vai perder.”

“Se eu escrever, direi o que a senhorita quiser; mas no momento não vejo motivo para escrever.”

“Claro que não. Acho que nem se estivessem separados há um ano o senhor escreveria para ele, ou ele para o senhor, se pudessem evitar. Nunca vão ver motivo. Que estranhas criaturas são os irmãos! Só escrevem um para o outro em caso de necessidade urgentíssima; e, quando são obrigados a pegar da pena para informar que um cavalo está doente ou um parente morreu, usam o mínimo de palavras possível. Vocês só têm um estilo. Conheço-o perfeitamente. Henry, que em todos os outros aspectos é exatamente como um irmão deve ser, que me ama, me consulta, confia em mim e passa horas conversando comigo, nunca me mandou uma carta com mais de uma página e em geral se limita a escrever: ‘Querida Mary, acabei de chegar. Bath parece lotada e tudo está como sempre. Cordialmente’. Esse é o autêntico estilo masculino; assim é uma carta de irmão.”

“Quando estão longe da família, costumam escrever cartas longas”, Fanny opinou, corando ao pensar em William.

“A srta. Price tem um irmão na Marinha”, Edmund explicou, “cuja excelência como correspondente a faz pensar que a senhorita está sendo muito rigorosa conosco.”

“Ah, na Marinha? A serviço do rei, naturalmente.”

Fanny preferia que Edmund contasse a história, mas, como o primo decididamente se mantivesse em silêncio, viu-se obrigada a descrever a situação do irmão; animou-se ao falar da profissão de William e dos portos estrangeiros que ele visitara; porém, ao mencionar o número de anos que estavam separados, seus olhos se encheram de lágrimas. A

srita. Crawford gentilmente fez votos de que ele em breve fosse promovido.

“A senhorita sabe alguma coisa sobre o comandante de meu primo?”, Edmund perguntou. “Capitão Marshall? Creio que conhece muita gente na Marinha, não?”

“Muita gente, sim, no posto de almirante”, ela respondeu, assumindo ares de grandeza; “mas não nos escalões inferiores. Os capitães podem ser ótimas pessoas, mas não pertencem a nosso *meio*. Eu poderia falar muita coisa sobre vários almirantes, suas bandeiras, seu soldo, suas picuinhas, suas invejas. Mas, em geral, posso assegurar que são desconsiderados e muito maltratados. Claro que, quando eu morava com meu tio, conheci todo um círculo de almirantes. Vi muitos *contras e vices*.”⁷

Edmund ficou sério novamente e limitou-se a comentar: “É uma nobre profissão”.

“Sim, é uma boa profissão em duas circunstâncias: quando se faz fortuna e quando se gasta com cautela. Mas, em suma, não é minha profissão favorita. Nunca *me* seduziu.”

Edmund retomou o assunto da harpa e mais uma vez demonstrou sua alegria ante a perspectiva de ouvi-la tocar.

Entrementes, os outros ainda discorriam sobre melhorias; e a sra. Grant não pôde deixar de se dirigir ao irmão, interrompendo sua conversa com a srita. Julia Bertram: “Meu querido Henry, não tem nada a dizer? Você já fez muitas melhorias, e, pelo que sei, Everingham pode rivalizar com qualquer propriedade existente na Inglaterra. Certamente possui muitas belezas naturais. Eu a achava perfeita do jeito que era, com aquele belo declive e todas aquelas árvores! O que eu não daria para voltar lá!”.

“Muito me agrada ouvir isso”, foi a resposta. “Mas receio que fique um tanto decepcionada. Everingham já não é como você imagina. Em termos de tamanho, é quase nada; você se surpreenderia com sua insignificância; e, quanto às melhorias, havia pouco a fazer; bem pouco... eu gostaria que tivessem me ocupado por muito mais tempo.”

“O senhor gosta desse tipo de coisa?”, Julia perguntou.

“Gosto muito; no entanto, as vantagens naturais do terreno mostravam, até mesmo a um jovem, que havia pouco a fazer, e só atingi a maioria três meses antes de Everingham se tornar o que é hoje. Elaborei meu projeto em Westminster... modifiquei-o um pouco, talvez, em Cambridge e o executei aos vinte e um. Estou quase com inveja do sr. Rushworth, que ainda há de ter tamanha felicidade. A minha acabou logo.”

“Quem é rápido para ver é rápido para decidir e para agir”, Julia sentenciou. “Nunca vai lhe faltar ocupação. Em vez de invejar o sr. Rushworth, poderia ajudá-lo com suas opiniões.”

A sra. Grant ouviu a última frase e calorosamente reforçou a sugestão, convencida de que nenhum julgamento seria tão sábio quanto o do irmão. Maria também apoiou a ideia, declarando que achava infinitamente melhor consultar os amigos e conhecidos desinteressados antes de confiar o trabalho a um profissional. O sr. Rushworth prontamente pediu ajuda ao sr. Crawford, que, depois de depreciar a própria capacidade, como requer o decoro, colocou-se à inteira disposição no que pudesse ser útil. Então o sr. Rushworth propôs que o sr. Crawford lhe desse a honra de ir a Sotherton e passar alguns dias lá. Como se lesse na mente das duas sobrinhas a desaprovação de uma proposta que afastaria o sr. Crawford, a sra. Norris resolveu intervir com uma retificação. “Não pode haver dúvida sobre a boa vontade do sr. Crawford; mas por que ir só ele? Por que não organizamos um pequeno grupo? Também estamos interessados em suas melhorias, meu caro sr. Rushworth; gostaríamos de ouvir a opinião do sr. Crawford sobre sua propriedade e talvez até possamos ajudá-lo. De minha parte, há muito desejo visitar sua boa mãe; e só por não ter meus próprios cavalos é que tenho sido tão desatenciosa; mas agora eu poderia ir e passar algumas horas conversando com a sra. Rushworth, enquanto o resto do grupo caminhasse por lá e resolvesse uma coisa e outra; depois, poderíamos todos jantar aqui mais tarde ou jantar em Sotherton, se sua mãe quisesse, e voltar para casa ao luar. Acho que o sr. Crawford me levaria na caleche com minhas duas sobrinhas, e Edmund poderia ir a cavalo. Quanto a Fanny, ficaria em casa com você, minha irmã.”

Lady Bertram não apresentou nenhuma objeção, e todos os envolvidos no passeio prontamente expressaram sua concordância, à exceção de Edmund, que tudo ouviu e nada falou.

VII

“Bom, Fanny, o que você acha da srta. Crawford *agora?*”, Edmund perguntou no dia seguinte, depois de refletir sobre o tema por algum tempo. “O que achou dela ontem?”

“Eu gostei dela... gostei muito. Gosto de ouvi-la falar. É uma pessoa interessante e tão bonita que tenho grande prazer em olhar para ela.”

“É o rosto expressivo que a torna tão atraente. Um belo jogo fisionômico! Mas você não percebeu nada de errado em tudo que ela falou?”

“Ah, sim. Ela não devia ter falado do tio daquele jeito. Eu fiquei pasma. Um tio com quem ela morou durante tantos anos e que, independentemente dos defeitos que tenha, gosta tanto do irmão dela que o trata como um filho, segundo dizem. Mal pude acreditar!”

“Eu sabia que você ficaria chocada. Foi muito errado... indecoroso.”

“E foi uma ingratidão.”

“Ingratidão é uma palavra forte. Não sei se ela deve *gratidão* ao tio; deve à tia, com certeza; e o respeito à memória da tia é que a leva ao erro. É uma situação delicada. Com sentimentos tão intensos deve ser difícil demonstrar afeto pela sra. Crawford sem lançar uma sombra sobre o almirante. Não sei quem era o maior culpado das desavenças, embora a conduta atual do almirante me leve a crer que fosse ele; mas é natural e bonito que a srta. Crawford absolva a tia inteiramente. Não critico as *opiniões* dela; mas certamente é impróprio expô-las em público.”

“Você não acha”, Fanny começou, após uma breve reflexão, “que essa impropriedade tem a ver com a criação que a sra. Crawford deu à sobrinha? Ela pode ter passado ideias erradas sobre a parte que cabia ao almirante.”

“Bem pensado. Sim, a sobrinha provavelmente herdou as falhas da tia; imagino as dificuldades que teve de enfrentar. Mas acho que a

mudança vai lhe fazer bem. A sra. Grant é exatamente como deve ser. E a srta. Crawford fala do irmão com muito carinho.”

“Sim; só reclamou das cartas muito curtas que ele escreve. Ela quase me fez rir; mas não acredito muito no amor de um irmão que não se dá o trabalho de escrever alguma coisa digna de ser lida quando está longe da irmã. Estou certa de que William *nunca* faria isso comigo, quaisquer que fossem as circunstâncias. E que direito tinha ela de imaginar que você não escreveria cartas longas quando estivesse longe?”

“O direito de uma criatura cheia de vida, tentando aproveitar tudo que possa diverti-la ou divertir os outros; o que é absolutamente aceitável, desde que não envolva mau humor ou grosseria; e disso não há nem sombra nas atitudes da srta. Crawford; ela está longe de ser agressiva, rude ou vulgar. É perfeitamente feminina, a não ser na situação que comentamos. E nesse caso nada a justifica. É bom saber que pensamos da mesma forma.”

Tendo ensinado muitas coisas à prima e conquistado seu afeto, Edmund bem podia fazê-la pensar como ele; apesar de que, nessa época e sobre esse assunto, começava a surgir o perigo de discordância, pois a admiração do jovem pela srta. Crawford poderia levá-lo aonde Fanny não poderia segui-lo. Os atrativos da srta. Crawford em nada diminuíram. E a chegada da harpa contribuiu para realçar-lhe ainda mais a beleza, a graça e o bom humor, pois ela tocava com a maior disposição, com o devido sentimento e o gosto adequado, e sempre dizia algo interessante ao final de cada peça. Edmund ia ao presbitério diariamente para deliciar-se com seu instrumento predileto; a cada manhã assegurava o convite para a manhã seguinte, já que a presença de um ouvinte não desagradava a harpista; e tudo corria bem.

Uma jovem bonita, animada, com uma harpa tão elegante quanto ela, tocando junto à janela que se abria até o chão para um pequeno gramado cercado de viçosos arbustos no esplendor do verão, era suficiente para seduzir o coração de qualquer homem. A estação do ano, o cenário, a atmosfera — tudo era propício a ternos sentimentos. A sra. Grant e seu bastidor tinham alguma utilidade; tudo estava em harmonia; e, como tudo importa quando o amor desponta, até mesmo

a bandeja de sanduíches e o dr. Grant fazendo as honras da casa eram dignos de atenção. Sem analisar a questão e sem perceber o que acontecia, ao cabo de uma semana Edmund estava apaixonado; e, embora não fosse um homem do mundo nem um primogênito, embora não conhecesse as artes da galantaria nem o prazer de conversar sobre banalidades, tornava-se agradável aos olhos da srta. Crawford. Assim pensava ela, conquanto não tivesse imaginado tal possibilidade, nem entendesse bem o que estava ocorrendo; pois o rapaz nada tinha de agradável segundo os critérios usuais, não falava nenhuma tolice, não tecia elogios, emitia opiniões inflexíveis e era tranquilo e simples em suas atenções. Havia um encanto, talvez, em sua sinceridade, sua firmeza, sua integridade, que ela conseguia perceber, embora não tentasse compreendê-lo. Ela não pensava muito nisso; achava-o agradável e gostava de sua companhia; era o bastante por ora.

Fanny não se surpreendia com as visitas diárias do primo ao presbitério; também iria, se pudesse ouvir a harpa sem ter sido convidada e sem que a vissem; tampouco se surpreendia quando, ao término do passeio vespertino, ele acompanhava a sra. Grant e a irmã na volta para casa, enquanto o sr. Crawford se dedicava às Bertram; mas desaprovava a troca e, se Edmund não estava presente para preparar sua mistura de vinho e água, preferia não tomá-la. Achava meio estranho ele passar tantas horas com a srta. Crawford, como se não se importasse mais com o tipo de defeito que havia comentado e do qual *ela* se lembrava, quase sempre que ouvia a moça dizer alguma coisa do mesmo teor; mas assim era. Edmund gostava de lhe falar sobre a srta. Crawford e aparentemente se dava por satisfeito com a cessação das críticas ao almirante; e Fanny hesitava em tocar no assunto, temendo ser mal interpretada. A primeira dor que a srta. Crawford lhe causou foi consequência de uma vontade de aprender a cavalgar que surgiu logo depois de sua chegada a Mansfield, quando viu as jovens amazonas da propriedade, e que começou a concretizar-se quando os laços com Edmund se estreitaram, e ele não só a incentivou, como lhe ofereceu a própria égua, um animal muito manso, a melhor montaria que qualquer estábulo poderia fornecer a uma principiante. Com isso o rapaz não pretendia absolutamente

magoar ou ofender a prima, a quem garantiu que não perderia um só dia de exercício, pois a égua seria usada no presbitério meia hora antes de seu passeio. Longe de melindrar-se ao tomar conhecimento da oferta, Fanny sentiu-se infinitamente grata por ele pedir sua permissão.

A primeira tentativa da srta. Crawford foi realizada com louvor e sem qualquer transtorno para Fanny. Edmund levou a égua até o presbitério, presidiu o exercício e voltou antes de Fanny e o velho cocheiro que a acompanhava em suas cavalgadas solitárias estarem prontos para sair. O exercício do segundo dia não foi tão inocente. A srta. Crawford gostava tanto de cavalgar que não conseguia parar. Ativa, destemida e forte, embora miúda, parecia ter nascido amazona; e as atenções de Edmund, bem como a convicção de já estar superando em muito as mulheres em geral, intensificavam seu prazer a tal ponto que ela não queria mais desmontar. Fanny estava pronta, à espera; a sra. Norris já se punha a repreendê-la por não ter saído; e nem sinal da égua nem sinal de Edmund. Para se livrar da tia e procurar o primo, Fanny saiu.

As casas não eram visíveis entre si, embora menos de um quilômetro as separasse; porém, a uns cinquenta metros da porta, já era possível avistar, do outro lado da estrada, o presbitério com todo o seu entorno; e no prado Fanny imediatamente viu o grupo: Edmund e a srta. Crawford cavalgando lado a lado, o reverendo, a sra. Grant, o sr. Crawford e dois ou três cavaleiros observando. Pareciam felizes e com um objetivo em comum; Fanny ouviu seus risos e suas vozes animadas, porém não se alegrou; ao contrário, sentiu uma dor aguda, pensando que Edmund a esquecera. Não conseguia tirar os olhos do prado, não conseguia deixar de acompanhar o que estava acontecendo. A princípio, a srta. Crawford e seu parceiro trotaram ao redor de todo o campo, que não era pequeno; depois, aparentemente por sugestão dela, passaram para meio galope; e a tímida Fanny ficou perplexa com a desenvoltura da amazona. Ao cabo de alguns minutos, ambos pararam; Edmund se pôs a falar com a srta. Crawford, evidentemente instruindo-a sobre o manejo das rédeas, e segurou-lhe a mão; Fanny viu, ou imaginou o que a vista não alcançava. Não devia se surpreender: afinal, não havia nada mais natural que Edmund ser

prestativo e gentil com qualquer pessoa. No entanto, dizia a si mesma que o sr. Crawford bem podia ter lhe poupado o trabalho; que seria mais bonito e decoroso um irmão encarregar-se dessa tarefa; porém, com todo o seu alardeado coração de ouro e toda a sua suposta habilidade para lidar com cavalos, o sr. Crawford provavelmente não entendia nada do assunto e não era tão bondoso quanto Edmund. Fanny começou a achar que a dupla missão seria penosa para a égua; ela mesma fora esquecida, mas o pobre animal devia ser lembrado.

Suas emoções serenaram um pouco quando o grupo se dispersou e a srta. Crawford, ainda na sela, mas assistida por Edmund, que agora se apeara, passou pelo portão para atravessar a estrada, entrar em Mansfield Park e seguir em sua direção. Temendo que a achassem rude e impaciente, Fanny tratou de ir a seu encontro para não dar essa impressão.

“Querida srta. Price”, disse a srta. Crawford, assim que se aproximou o suficiente para ser ouvida, “vim apresentar minhas desculpas por fazê-la esperar... mas não tenho o que alegar em minha defesa... Eu sabia que tinha passado da hora, que estava agindo muito mal... Por favor, perdoe-me. O egoísmo deve ser sempre perdoado, porque não há esperança de cura.”

A resposta de Fanny foi extremamente polida, e Edmund acrescentou que ela por certo não tinha pressa. “Pois o tempo é mais que suficiente para minha prima ir duas vezes mais longe do que costuma ir”, explicou, “e a senhorita lhe fez um bem, evitando que ela começasse meia hora antes e sofresse mais com o calor, pois ainda não havia tantas nuvens como agora. Espero que a senhorita não esteja cansada de tanto exercício. Eu gostaria que não tivesse de caminhar até sua casa.”

“Descer do cavalo é a única coisa que me cansa”, a srta. Crawford declarou, apeando-se com a ajuda de Edmund. “Eu sou forte. Só me canso quando tenho de fazer o que não gosto. Srta. Price, cedo-lhe a vez de muito má vontade, mas sinceramente lhe desejo um bom passeio e espero que só possa falar bem deste adorável animal, tão lindo e querido.”

O velho cocheiro que aguardava com seu próprio cavalo aproximou-se, levantou Fanny para montar na égua, e ambos se dirigiram a outra

parte da propriedade; ao olhar para trás, ela viu os outros descerem a colina juntos, em direção ao vilarejo, e isso em nada atenuou seu desconforto; tampouco lhe fizeram bem os comentários de seu acompanhante sobre a grande desenvoltura da srta. Crawford, cujo desempenho ele observara quase com o mesmo interesse da srta. Price.

“É uma alegria ver uma dama com tanta disposição para cavalgar!”, o velho exclamou. “E essa monta melhor que todas. Não parecia nem um pinga assustada. Muito diferente da senhorita, quando começou, seis anos atrás. Valha-me Deus! Como a senhorita tremeu, quando Sir Thomas a colocou numa sela pela primeira vez!”

Na sala de visitas, a srta. Crawford também foi enaltecida. As srtas. Bertram elogiaram com enorme satisfação a força e a coragem de que a natureza a dotara, seu prazer em cavalgar, idêntico ao delas, e sua precoce habilidade de amazona, também idêntica à delas.

“Eu tinha certeza de que ela montaria bem”, Julia comentou. “Ela nasceu para isso. É esguia como o irmão.”

“Realmente”, Maria concordou. “E tão animada e decidida quanto ele. Acho que montar bem tem muito a ver com a mente.”

À noite, quando se despediram, Edmund perguntou a Fanny se pretendia cavalgar no dia seguinte.

“Não, não sei; acho que não, se você vai precisar da égua”, foi a resposta.

“Não preciso dela para mim mesmo”, ele explicou, “mas, sempre que você preferir ficar em casa, a srta. Crawford terá mais tempo para cavalgar... a manhã inteira, em suma. Ela quer muito ir até os arredores de Mansfield; a sra. Grant lhe falou das belas vistas que há por lá e que ela sem dúvida vai adorar. Mas qualquer dia é bom para isso. Ela não quer prejudicar você de jeito nenhum. Seria muito errado. *Ela* cavalga por puro prazer; e *você*, por causa da saúde.”

“Não vou cavalgar amanhã, com certeza”, Fanny declarou. “Tenho saído muito ultimamente e quero ficar em casa. Você sabe que já estou bastante forte para caminhar.”

Edmund exultou, o que deve tê-la consolado, e o passeio aos arredores de Mansfield ocorreu na manhã seguinte; todos os jovens participaram, com exceção da srta. Price, e não só gostaram muito na ocasião, como tiveram redobrado prazer em lembrá-lo, à noite. O

sucesso de um projeto desse tipo geralmente leva a outro; e a ida aos arredores do vilarejo inspirou-lhes um passeio diferente, no dia seguinte. Havia muita coisa linda para ver e muitos caminhos arborizados para protegê-los do calor intenso. Sempre há um caminho arborizado para um grupo de jovens. Desse modo transcorreram quatro manhãs seguidas, os Bertram mostrando aos Crawford os lugares mais bonitos da região. E todos correspondiam às expectativas; tudo era alegria e bom humor, o calor incomodando tão somente o bastante para suscitar alegres comentários — até o quarto dia, quando a felicidade de um dos participantes se acabou. Maria Bertram era a pessoa em questão. Edmund e Julia foram convidados para jantar no presbitério, e *ela* foi excluída. A sra. Grant assim agiu de boa-fé, em atenção ao sr. Rushworth, que naquele dia era aguardado na mansão; Maria, porém, ficou profundamente magoada e precisou reunir toda a sua educação para esconder a dor e a raiva até entrarem em casa. Como o sr. Rushworth não apareceu, a mágoa aumentou; e, não lhe restando nem mesmo o consolo de demonstrar seu poder sobre o noivo, ela teve de contentar-se com descarregar seu azedume em cima da mãe, da tia e da prima e tornar o jantar o mais triste possível.

Entre dez e onze horas, Edmund e Julia entraram na sala, revigorados pelo ar fresco da noite, empolgados e felizes, ao contrário das três mulheres que ali estavam, pois Maria mal tirou os olhos do livro e Lady Bertram cochilava; até a sra. Norris, aborrecida com o mau humor da sobrinha, parecia determinada a não abrir a boca, depois que formulou uma ou duas perguntas sobre o jantar e não obteve resposta imediata. Os dois irmãos estavam tão ansiosos para enaltecer a noite e comentar as estrelas que por alguns minutos só pensaram em si mesmos; contudo, em sua primeira pausa, Edmund olhou em torno e perguntou: “Mas onde está Fanny? Já foi dormir?”.

“Não que eu saiba”, a sra. Norris respondeu. “Ainda há pouco ela estava aqui.”

A voz suave no lado oposto da sala, que era muito comprida, informou-lhes que ela estava no sofá. A sra. Norris se pôs a repreendê-la.

“Que coisa feia, Fanny, passar a noite inteira no sofá sem fazer nada. Por que não veio sentar com a gente e se ocupar como nós? Se não tem o que fazer, posso lhe dar uma peça da cesta dos pobres.¹ O morim que foi comprado na semana passada ainda está lá intato. Quase quebrei a coluna para cortá-lo. Você devia aprender a pensar nos outros; e, acredite em mim, é horrível ver uma moça sempre estirada no sofá.”

Antes que o sermão chegasse à metade, Fanny retomou seu lugar à mesa e sua costura; e Julia, que estava muito bem-humorada, graças aos prazeres do dia, defendeu-a: “Devo dizer, titia, que Fanny fica tão pouco no sofá quanto qualquer pessoa desta casa”.

“Parece que você está com dor de cabeça”, Edmund disse à prima, depois de observá-la atentamente.

Ela não podia negar, mas assegurou-lhe que a dor não era intensa.

“Não acredito”, o rapaz replicou. “Conheço você muito bem. Há quanto tempo está com essa dor?”

“Começou um pouco antes do jantar. É o calor.”

“Você saiu com aquele sol?”

“Claro que saiu!”, a sra. Norris exclamou. “Você queria que ela ficasse em casa num dia tão lindo? *Todas* nós saímos. Até sua mãe passou mais de uma hora lá fora.”

“É verdade, meu filho”, confirmou Lady Bertram, que acordara com a dura reprimenda da irmã à sobrinha. “Passei mais de uma hora lá fora. Fiquei quarenta e cinco minutos no jardim, enquanto Fanny colhia rosas, e achei muito agradável, apesar do calor. O caramanchão estava bem fresquinho, mas confesso que tive medo de entrar em casa.”

“Fanny colheu rosas?”

“Sim, e receio que tenham sido as últimas do ano. Coitadinha! Ela estava com muito calor, mas as rosas estavam abertas, não podiam esperar.”

“Não havia outro jeito”, interveio a sra. Norris com voz macia. “Mas eu me pergunto se a dor de cabeça não começou *lá*, minha irmã. Não existe nada pior para a dor de cabeça que ficar se levantando e se abaixando com sol quente. Mas amanhã ela há de estar bem. Por que

você não lhe dá seu vinagre aromático? Sempre me esqueço de encher minha garrafinha.”

“Já lhe dei”, Lady Bertram falou. “Está com ela desde que voltou de sua casa pela segunda vez.”

“O quê?”, Edmund gritou. “Além de colher rosas, ela ainda ficou andando? Andou até sua casa com aquele calor? E por duas vezes? Não admira que esteja com dor de cabeça.”

A sra. Norris estava conversando com Julia e não escutou.

“Deve ter sido demais para ela”, Lady Bertram admitiu. “Mas sua tia queria as rosas, e Fanny foi levá-las.”

“E eram tantas rosas que ela teve de ir duas vezes?”

“Não; mas era preciso colocá-las no quarto de hóspedes para secar; e, infelizmente, Fanny se esqueceu de trancar a porta e trouxe a chave, de modo que teve de voltar lá.”

Edmund levantou-se e se pôs a andar pela sala, dizendo: “E não havia mais ninguém para fazer isso? Foi uma péssima ideia, minha tia”.

“Não me ocorreu nada melhor”, a sra. Norris argumentou, sem poder mais se fingir de surda. “Só se eu mesma tivesse ido; mas não consigo estar em dois lugares ao mesmo tempo; e eu estava conversando com o sr. Green sobre a queijeira de sua mãe, a pedido *dela*, e tinha prometido a John Groom² que escreveria à sra. Jefferies sobre o filho dele, e o coitado estava me esperando fazia já uma meia hora. Acho que ninguém pode me acusar de comodista, mas a verdade é que não consigo fazer tudo ao mesmo tempo. Quanto a Fanny ir até minha casa, não são muito mais que quatrocentos metros, não vejo nada demais. Com frequência faço isso três vezes por dia, de manhã e à tarde, com chuva ou com sol, e nunca falo nada.”

“Eu gostaria que Fanny tivesse a metade de sua energia, minha tia.”

“Se ela persistisse mais no exercício, não se cansaria tão depressa. Já faz tempo que não cavalga, e eu acho que, quando não cavalga, ela devia caminhar. Se tivesse cavalgado, eu não teria pedido isso. Mas pensei que seria bom para ela, depois de ficar lá, abaixada, no meio das roseiras; pois não existe nada tão revigorante quanto uma caminhada depois de uma atividade desse tipo; e não estava muito quente, apesar do sol forte. Cá entre nós, Edmund”, acrescentou,

apontando com a cabeça para a irmã, “foi colhendo rosas e andando de um lado para o outro no jardim que Fanny ficou com dor de cabeça.”

“Receio que sim”, Lady Bertram candidamente concordou. “Receio que a dor de cabeça tenha começado lá, pois o calor estava de matar. Eu mal conseguia aguentar. Quase morri de cansaço, só de ficar sentada, chamando a cachorrinha para ela não ir nos canteiros das flores.”

Edmund não disse mais nada; em silêncio, foi até a outra mesa, onde ainda se encontrava a bandeja do jantar, encheu um cálice de madeira e obrigou Fanny a tomar a maior parte. Ela queria recusar, porém, com as lágrimas resultantes de diversos sentimentos, era mais fácil beber o vinho que falar.

Mais que aborrecido com a mãe e a tia, Edmund estava irritado consigo mesmo. Ter se esquecido da prima parecia-lhe pior que qualquer coisa que as duas senhoras haviam feito. Nada disso teria acontecido se ele tratasse Fanny com a devida consideração; mas durante quatro dias seguidos deixara-a sozinha, sem opção de companhia, sem exercício, sem escapatória para os desmandos das tias. Envergonhado de pensar que por quatro dias seguidos ela não pôde cavalgar, decidiu que isso não voltaria a acontecer, por mais que lhe desgostasse negar um prazer à srta. Crawford.

Fanny foi dormir com o coração tão apertado quanto em sua primeira noite na mansão. Seu estado de espírito provavelmente contribuía para sua indisposição; pois durante dias ela se sentira abandonada e lutara com o dissabor e a inveja. Quando se refugiara no sofá para não ser vista, doía-lhe muito mais a alma que a cabeça; e a súbita mudança ocasionada pela bondade de Edmund deixou-a sem saber onde buscar refúgio para as próprias emoções.

VIII

Fanny voltou a cavalgar na manhã seguinte, e, como fazia menos calor que nos últimos dias, Edmund esperava que os danos causados a sua saúde e a seu prazer logo fossem sanados. Enquanto ela cavalgava, o sr. Rushworth chegou com a mãe, que fora até a mansão para ser gentil e para demonstrar sua civilidade, insistindo na execução do plano da visita a Sotherton que começara a delinear-se quinze dias antes e fora deixado de lado porque ela não estava em casa. Como a sra. Norris e as sobrinhas ficaram muito contentes com a retomada desse assunto, marcou-se uma data para breve e todos concordaram, desde que o sr. Crawford não tivesse outro compromisso; foram as moças que estabeleceram essa condição, pois, apesar de a sra. Norris prontamente adiantar que nada o impediria de juntar-se ao grupo, não queriam tomar a liberdade de decidir por ele nem correr o risco de ir sem ele; no fim, por sugestão de Maria, o sr. Rushworth anunciou que o melhor a fazer era ir até o presbitério e perguntar ao sr. Crawford se estaria livre na quarta-feira.

Entrementes, a sra. Grant e a srta. Crawford chegaram. Como fazia algum tempo que haviam saído e foram até a mansão por outro caminho, não cruzaram com o sr. Rushworth. Mas disseram que ele provavelmente encontraria o sr. Crawford no presbitério. Evidentemente, falou-se do passeio. Na verdade, dificilmente falaria de outra coisa, pois a sra. Norris estava empolgada com a ideia, e a bem-intencionada e polida, loquaz e pomposa sra. Rushworth, para quem só os próprios interesses e os do filho tinham importância, ainda não desistira de pressionar a dona da casa para juntar-se ao grupo. Lady Bertram repetidamente recusou o convite, porém o fez com tanta tranquilidade que a sra. Rushworth interpretou sua recusa como um desejo de ir, e foi preciso a sra. Norris elevar a voz e usar um número maior de palavras para convencê-la da verdade.

“Seria muito cansativo para minha irmã; cansativo demais, eu lhe asseguro, minha cara. Dezesseis quilômetros para ir, outros dezesseis para voltar. Desculpe minha irmã por esta vez e aceite minha companhia e a de nossas queridas meninas. Sotherton é o único lugar que a faria *querer* ir tão longe, mas realmente não é possível. Ela fica com Fanny Price, e tudo vai dar certo; quanto a Edmund, como não está aqui para responder por si mesmo, garanto-lhe que terá o maior prazer em participar do passeio. Ele pode ir a cavalo.”

Sem outra alternativa, só restava à sra. Rushworth lamentar a ausência de Lady Bertram. “Sua senhoria faria muita falta, e ela adoraria ver também a jovem srta. Price, que ainda não conhecia Sotherton, e era uma pena que não pudesse conhecer agora.”

“É muita bondade sua, minha cara”, disse a sra. Norris; “quanto a Fanny, terá muitas oportunidades de conhecer Sotherton. Tem tempo de sobra para isso; e no momento sua ida está fora de cogitação. Lady Bertram não poderia liberá-la.”

“Ah, não... não posso ficar sem Fanny.”

Certa de que todos queriam ir a Sotherton, a sra. Rushworth resolveu convidar também a srta. Crawford; a sra. Grant, que não se dera o trabalho de visitar a sra. Rushworth quando se mudara para Mansfield, polidamente declinou do convite, mas declarou-se feliz pela irmã; e Mary, devidamente pressionada e persuadida, não demorou a aceitar a gentileza. O sr. Rushworth voltou do presbitério muito satisfeito; e Edmund chegou bem a tempo de ser informado sobre o que fora combinado para a quarta-feira, de acompanhar a sra. Rushworth até a carruagem e as outras duas damas até o meio do caminho.

Quando retornou, encontrou a sra. Norris tentando decidir se a inclusão da srta. Crawford no grupo seria desejável e se a caleche do sr. Crawford já não estaria lotada sem ela. As srtas. Bertram riram da ideia, assegurando-lhe que a caleche comportaria quatro pessoas perfeitamente bem, sem contar a boleia, onde caberia mais um passageiro.

“Mas qual é a necessidade de ir na caleche de Henry? Ou por que ir só na dele?”, Edmund perguntou. “Por que não usamos também o cabriolé de minha mãe? Já quando se falou nisso pela primeira vez,

dias atrás, não entendi por que uma visita da família não seria feita com a carruagem da família.”

“O quê?!”, Julia exclamou. “Três pessoas amontoadas no cabriolé com esse tempo, quando podemos ir na caleche? Não, meu querido, de jeito nenhum!”

“Além do mais”, interveio Maria, “eu sei que o sr. Crawford quer nos levar. Depois do que houve no início, ele diria que foi uma promessa.”

“E, meu caro sobrinho”, a sra. Norris acrescentou, “usar *duas* carruagens, quando basta *uma*, é muito trabalho por nada; e, cá entre nós, o cocheiro não gosta das estradas entre Mansfield e Sotherton; ele sempre reclama que são muito estreitas, a carruagem fica arranhada; e você sabe que não vai ser nada bom nosso querido Sir Thomas ver a pintura arranhada.”

“Isso não seria motivo para usar a caleche do sr. Crawford”, Maria argumentou. “Mas a verdade é que Wilcox é um velho burro e não sabe dirigir. Garanto que as estradas estreitas não vão nos causar nenhum problema na quarta-feira.”

“Não vejo inconveniente nenhum em ir na boleia”, Edmund declarou.

“Inconveniente?!”, Maria exclamou. “Eu acho que é o melhor lugar. A vista dali não tem comparação. Provavelmente a srta. Crawford vai querer ir na boleia.”

“Não há por que Fanny não ir com vocês; com certeza haverá lugar para ela.”

“Fanny!”, a sra. Norris repetiu. “Meu caro sobrinho, isso está fora de cogitação. Ela vai ficar com a tia. Eu já expliquei à sra. Rushworth. Ninguém a espera em Sotherton.”

“Acho que seu único motivo para querer que Fanny não vá tem a ver com a senhora mesma, com seu próprio conforto”, Edmund disse à mãe. “Se pudesse dispensá-la, a senhora gostaria que ela ficasse em casa?”

“Claro que não, mas eu *não posso* dispensá-la.”

“Pode, sim, se eu ficar com a senhora, como pretendo.”

Foi um pasmo geral. “Sim”, ele prosseguiu, “não preciso ir e pretendo ficar em casa. Fanny quer muito conhecer Sotherton. Sei que

quer. Não é sempre que ela tem a oportunidade de satisfazer um desejo, e estou certo de que a senhora ficaria contente de lhe conceder esse prazer.”

“Ah, sim, muito contente, se sua tia não tiver nenhuma objeção.”

A sra. Norris tinha na ponta da língua a única objeção que ainda lhe restava: como haviam dito à sra. Rushworth que Fanny não poderia ir, sua chegada inesperada constituiria uma dificuldade incontornável. Seria muito estranho! Seria uma grosseria, seria quase um desrespeito à sra. Rushworth, uma dama tão educada e atenciosa. Não, ela não faria isso. Não tinha nenhuma afeição por Fanny e nenhuma vontade de proporcionar-lhe qualquer prazer, porém *agora* sua objeção se devia mais à defesa dos *próprios* planos que a qualquer outra coisa. Ela havia organizado tudo tão bem que qualquer alteração só poderia ser para pior. Portanto, quando Edmund conseguiu se fazer ouvir e lhe assegurou que não precisava se preocupar com a sra. Rushworth, porque, ao acompanhá-la até a carruagem, aproveitara a oportunidade para dizer que a srta. Price provavelmente faria parte do grupo e fora incumbido de convidá-la, a sra. Norris irritou-se de tal modo que se limitou a resmungar: “Muito bem, se você prefere assim, faça como quiser. Eu não me importo”.

“Acho esquisito você ficar em casa, e não Fanny”, Maria comentou.

“Ela vai lhe agradecer muito, com certeza”, Julia acrescentou, ao mesmo tempo que tratava de sair da sala, pois lhe ocorrera que devia oferecer-se para ficar em casa.

“Fanny vai me agradecer tanto quanto exigir a ocasião”, Edmund respondeu, encerrando o assunto.

Quando soube da novidade, Fanny realmente sentiu mais gratidão que alegria. Gratidão pela bondade e, sobretudo, pela sensibilidade do primo, que, no entanto, nem desconfiava de seu afeto por ele; mas o fato de Edmund renunciar a um prazer por sua causa a desgostava, e conhecer Sotherton sem ele não lhe daria a menor satisfação.

O plano sofreu mais uma alteração, aprovada por todos, quando as duas famílias de Mansfield voltaram a reunir-se. A sra. Grant se ofereceu para fazer companhia a Lady Bertram durante o dia, e o dr. Grant se prontificou a jantar com elas. Lady Bertram adorou a ideia, e as moças novamente se animaram. Edmund também gostou da

solução, que o reincorporava ao grupo; e a sra. Norris achou-a excelente, já a tinha na ponta da língua, estava prestes a propô-la quando a sra. Grant se adiantou.

A quarta-feira amanheceu esplêndida, e, logo após o desjejum, o sr. Crawford chegou com a caleche, conduzindo as duas irmãs; como todos estavam prontos, só restava à sra. Grant apeiar-se e os demais se instalarem. O lugar dos lugares, o posto de honra, estava vago. A que felizarda caberia? Enquanto Maria e Julia tentavam encontrar a melhor maneira de tomá-lo e ao mesmo tempo demonstrar a maior disposição para cedê-lo, a sra. Grant resolveu a questão, dizendo, ao descer do veículo: “Como vocês são cinco, alguém deve ir com Henry; e, Julia, como você falou que gostaria de aprender a guiar os cavalos, creio que é uma boa oportunidade de ter uma aula”.

Feliz Julia! Infeliz Maria! A primeira subiu à boleia num instante; a última se acomodou no interior da caleche, desolada; e todos se afastaram entre os votos de bom passeio das duas damas e os latidos da cachorrinha no colo da dona.

A estrada percorria uma linda paisagem; e Fanny, que nunca fora tão longe em suas cavalgadas, logo se viu em locais que desconhecia e exultou por poder observar tantas novidades e admirar tantas belezas. Em geral não era convidada a participar das conversas nem o desejava. Habitualmente, encontrava melhor companhia nos próprios pensamentos e nas próprias reflexões; e, observando as características dos campos, os ângulos das estradas, as diferenças de solo, o andamento das colheitas, as casas, o gado, as crianças, entretinha-se muito e teria ainda maior prazer com isso se pudesse contar a Edmund o que sentia. Esse era seu único ponto em comum com a jovem a seu lado; exceto na estima a Edmund, ambas diferiam em tudo. A srta. Crawford não tinha o gosto, as ideias, os sentimentos delicados de Fanny; não dava muito valor à natureza, à natureza inanimada; dedicava toda a sua atenção às pessoas; empregava seus talentos em frivolidades e distrações. No entanto, quando olhavam para trás à procura de Edmund, depois de percorrer um bom trecho da estrada, ou quando ele as alcançava numa subida mais íngreme, estavam em consonância e mais de uma vez pronunciaram ao mesmo tempo um “ali está ele”.

Maria não encontrou muito consolo nos primeiros dez quilômetros da viagem; todo o seu panorama se resumia nos dois ocupantes da boleia, sentados lado a lado, conversando alegremente; e ver o expressivo perfil do sr. Crawford sorrindo para Julia ou ouvir a risada da irmã era fonte de uma constante irritação que seu senso de decoro mal conseguia disfarçar. Quando Julia se voltava, era com uma expressão de prazer e, quando falava com elas, era com euforia; “tinha uma esplêndida visão da paisagem, queria que todas pudessem tê-la etc.”; mas apenas uma vez se ofereceu para trocar de lugar com a srta. Crawford, quando chegaram ao topo de uma longa encosta, e não foi muito persuasiva: “A vista daqui é maravilhosa. Eu gostaria de lhe dar meu lugar, mas acho que a senhorita não aceitaria, ainda que eu insistisse”; e, quando a srta. Crawford abriu a boca para responder, já retomavam a velocidade.

Chegando aos arredores de Sotherton, Maria se animou, pois tinha duas cartas na manga, por assim dizer. Tinha sentimentos por Rushworth e por Crawford, e, nas proximidades de Sotherton, preponderaram os primeiros. Ela compartilhava a importância do sr. Rushworth. E foi com imensa alegria que informou à srta. Crawford que “aqueles bosques pertenciam a Sotherton” e casualmente comentou “que agora o sr. Rushworth era dono de tudo que se via em ambos os lados da estrada”; e essa alegria ainda aumentava, à medida que se aproximavam da mansão senhorial, residência ancestral da família, com todos os seus direitos feudais.¹

“Daqui para a frente, a estrada é plana, srta. Crawford; acabou-se o incômodo. O resto do caminho é como deve ser. O sr. Rushworth o arrumou quando herdou a propriedade. O vilarejo começa aqui. Aquelas casinhas são uma desgraça. O pináculo da igreja é muito bonito. Ainda bem que a igreja não fica tão perto do solar como em tantos povoados antigos. Os sinos devem ser um transtorno. Lá está o presbitério; uma casa muito bem arrumada; e eu soube que o reverendo e sua esposa são ótimas pessoas. Aqueles asilos para pobres foram construídos por alguém da família. À direita fica a residência do administrador, um homem muito respeitável. Agora estamos perto do portão; mas ainda temos de percorrer quase um quilômetro e meio para atravessar o parque. Deste lado não é feio, como podemos ver;

há belas árvores, mas a mansão está muito mal localizada. Vamos descer uns oitocentos metros de encosta, e é uma pena, pois não seria um lugar feio, com um acesso melhor.”

A srta. Crawford não demorou a expressar admiração; percebendo os sentimentos de Maria, fez de tudo para intensificar ao máximo sua satisfação. A sra. Norris estava encantada e tagarela; e até Fanny encontrou o que dizer e foi ouvida com complacência. Avidamente, absorvia tudo que estava ao alcance de seus olhos e, quando conseguiu avistar o solar, que classificou como “o tipo de construção que só podia contemplar com respeito”, acrescentou: “E onde fica a alameda? A frente da casa está voltada para o leste, pelo que entendi. Portanto, a alameda devia ficar atrás dela. O sr. Rushworth falou da fachada oeste”.

“Sim, fica exatamente atrás da casa; começa a pequena distância e sobe por uns oitocentos metros até a borda do parque. Daqui já dá para ver alguma coisa... algumas árvores mais distantes. São carvalhos.”

Agora Maria podia falar com segurança sobre o que não conhecia, quando o sr. Rushworth pedira sua opinião, e foi no estado de felicidade e empolgação que a vaidade e o orgulho lhe proporcionavam que deparou com a espaçosa escadaria de pedra da entrada principal.

IX

O sr. Rushworth esperava na porta para receber sua bela dama e os demais visitantes com a devida cortesia. Na sala de visitas, sua mãe os acolheu com a mesma cordialidade, e ambos dispensaram a Maria Bertram todas as atenções que ela poderia desejar. Encerrados os cumprimentos de praxe, a primeira coisa a fazer era comer, e abriram-se as portas dos salões intermediários que os convidados tinham de atravessar para chegar à sala de jantar, onde os aguardava uma refeição farta e elegante. Falou-se muito, comeu-se muito, e tudo correu bem. Depois, considerou-se o objetivo específico do passeio. O sr. Crawford gostaria de percorrer a propriedade como bem lhe aprouvesse? O sr. Rushworth mencionou a charrete. O sr. Crawford sugeriu um veículo que acomodasse mais que duas pessoas. “Privar-se da vantagem de outros olhos e outras opiniões seria pior que renunciar ao prazer do momento.”

A sra. Rushworth sugeriu que usassem também o cabriolé, o que não foi visto como uma melhoria; as moças não sorriram nem disseram nada. Já a proposta seguinte, de mostrar a casa a quem ainda não a conhecia, teve boa acolhida, pois Maria exultou com a exibição do tamanho da mansão, e todos ficaram contentes de fazer alguma coisa.

Assim, o grupo inteiro se levantou e, guiado pela anfitriã, percorreu vários aposentos grandiosos, imensos, providos de vasto mobiliário no estilo de cinquenta anos passados, assoalhos reluzentes, mogno maciço, rico damasco, mármore, dourados e entalhes, sendo cada qual belíssimo a seu modo. Havia grande número de quadros, mas poucos eram realmente bons; retratos de família constituíam a maioria e só tinham algum significado para a dona da casa, que se esforçara para memorizar tudo que a governanta lhe ensinara e agora estava quase tão qualificada quanto ela para mostrar o solar.¹ Nessa ocasião,

dirigia-se basicamente à srta. Crawford e a Fanny, mas cada uma acompanhava suas explicações de modo muito diferente: a srta. Crawford, que tinha visto muitos palacetes e não se impressionara com nenhum, apenas fingia escutar por educação; já Fanny, para quem tudo era quase tão interessante quanto novo, ouvia com absoluta atenção o que a sra. Rushworth dizia sobre a família em outras épocas, sobre sua ascensão e sua grandeza, sobre visitas régias e provas de lealdade, encantada de relacionar determinadas informações com fatos históricos conhecidos ou excitar a imaginação com cenas do passado.

A localização da casa não permitia que de alguns cômodos se tivesse uma visão ampla do exterior, e, enquanto Fanny e outros visitantes seguiam a anfitriã, Henry Crawford olhava pelas janelas muito sério e balançando a cabeça. Os aposentos da fachada oeste davam para um gramado delimitado por altas cercas e portões de ferro que se estendia até o começo da alameda.

Depois de visitar muitos outros cômodos que não deviam ter nenhuma serventia além de contribuir para o imposto da janela² e garantir o emprego das criadas, a sra. Rushworth anunciou: “Agora estamos indo para a capela; na verdade, deveríamos entrar lá pela parte de cima, para vê-la do alto; mas, como somos amigos, vou levá-los por aqui, se me permitem”.

Entraram. A imaginação fizera Fanny esperar algo mais grandioso que uma simples sala espaçosa e oblonga, concebida para a devoção, com nada mais notável ou solene que a profusão de mogno³ e as almofadas de veludo carmesim no parapeito da tribuna da família. “Estou decepcionada”, ela cochichou para Edmund. “Essa não é minha ideia de capela. Aqui não há nada imponente, triste, majestoso. Não há naves laterais, arcos, inscrições, estandartes. Estandartes, primo, ‘inflando ao vento noturno do céu’. Não há sinal de que um ‘monarca escocês dorme aqui embaixo’.”⁴

“Você se esquece de que, ao contrário das velhas capelas de castelos e mosteiros, esta foi construída recentemente e para uso exclusivo da família. Os parentes provavelmente foram enterrados na igreja paroquial. É lá que você deve procurar estandartes e brasões.”

“Foi bobagem minha não pensar em tudo isso; mas estou decepcionada.”

A sra. Rushworth deu início a sua exposição. “Esta capela, tal como estão vendo-a, data do reinado de Jaime II. Antes disso, pelo que sei, os bancos eram de madeira nua; e parece que um simples tecido roxo revestia o púlpito e os assentos da família; mas não há certeza sobre isso. É uma bonita capela e antigamente era usada de manhã e à noite. As orações sempre eram lidas pelo capelão particular, como muitos se lembram. Mas o falecido sr. Rushworth acabou com esse costume.”

“Toda geração faz alguma melhoria”, a srta. Crawford comentou, sorridente, com Edmund.

A anfitriã se afastou para ministrar sua lição ao sr. Crawford; e Edmund, Fanny e a srta. Crawford permaneceram na capela.

“É uma pena que o costume não exista mais”, Fanny lamentou. “Era uma relíquia do passado. Capela e capelão combinam tão bem com uma grande mansão, com a ideia de como devem ser seus moradores! Uma casa inteira unida em oração... que bonito!”

“Realmente!”, a srta. Crawford riu. “Deve fazer muito bem aos patrões obrigarem a coitada da criadagem a deixar de lado o trabalho e o lazer para rezar aqui duas vezes por dia, enquanto eles mesmos vivem inventando desculpas para não vir.”

“Não é *assim* que Fanny imagina uma casa unida em oração”, Edmund protestou. “Se os patrões não participam, o costume é mais danoso que benéfico.”

“De qualquer modo, é melhor deixar os outros à vontade nessas questões. Todo mundo gosta de fazer as coisas como bem entende... gosta de escolher a hora e o tipo de devoção. A obrigação de comparecer, a formalidade, a imposição, o tempo... tudo isso junto é assustador, não agrada a ninguém; e as boas pessoas que se ajoelhavam e bocejavam naquela tribuna teriam dado pulos de alegria ou morrido de inveja se tivessem adivinhado que um dia homens e mulheres poderiam ficar mais dez minutos na cama, quando acordassem com dor de cabeça, e não seriam repreendidos por faltar à capela. O senhor imagina com que má vontade as antigas beldades da casa de Rushworth muitas vezes vinham aqui? As jovens sras. Eleanor e sras. Bridget... empertigadas em aparente devoção, mas com a

cabeça cheia de coisas muito diferentes... principalmente se não valesse a pena olhar para o pobre capelão... e, naquela época, suponho que os clérigos fossem ainda piores que hoje.”

Seguiram-se alguns instantes de silêncio. Fanny corou e olhou para Edmund, irritada demais para falar; e ele precisou acalmar-se para dizer: “Sua vivacidade não lhe permite levar a sério nem mesmo o que é sério. A senhorita nos pintou um quadro engraçado, e não se pode negar que a natureza humana é assim. Às vezes, todos nós temos dificuldade para nos concentrar como gostaríamos; mas, se acha que isso acontece com frequência, ou seja, que é uma fraqueza transformada em hábito por negligência, o que se poderia esperar das devoções particulares dessas pessoas? Será que quem se permite devanear numa capela se concentraria mais num quartinho?”.

“Provavelmente sim. Teria no mínimo dois elementos a seu favor. Haveria menos coisas para distraí-lo e a devoção não seria tão longa.”

“Quem não luta consigo mesmo em *determinada* circunstância encontra o que o distraia em *qualquer* ocasião; e muitas vezes a influência do lugar e do exemplo pode inspirar sentimentos melhores. Porém reconheço que, às vezes, a devoção mais longa requer um esforço muito grande. Seria bom que não fosse assim... mas não saí de Oxford há tanto tempo que tenha esquecido como são as preces na capela.”

Entrementes, o restante do grupo se dispersara, e Julia disse ao sr. Crawford: “Veja só o sr. Rushworth e Maria lado a lado, como se a cerimônia estivesse para começar. Não parece que estão se casando?”.

O sr. Crawford concordou com um sorriso e, aproximando-se de Maria, cochichou-lhe, para que ninguém mais ouvisse: “Não gosto de ver a srta. Bertram tão perto do altar”. A jovem estremeceu e instintivamente se afastou um ou dois passos, porém logo se recompôs, forçou uma risada e perguntou, quase num sussurro, se ele a conduziria ao altar.

“Acho que não tenho jeito para isso”, foi a resposta, acompanhada de um olhar muito significativo.

Juntando-se a eles, Julia deu continuidade à brincadeira.

“É uma pena que o casamento não se realize agora mesmo; se tivéssemos a devida licença, seria a melhor coisa do mundo, já que

estamos todos aqui.” Ela falava e ria despreocupadamente, chamando a atenção dos anfitriões e expondo a irmã aos galantes murmúrios de seu apaixonado, enquanto a sra. Rushworth declarava, com o sorriso adequado e a devida dignidade, que tal acontecimento a faria muito feliz, quando quer que ocorresse.

“Se Edmund já tivesse sido ordenado!”, Julia exclamou, correndo para o lugar onde ele ainda estava com a srta. Crawford e Fanny. “Meu querido, se você já tivesse sido ordenado, poderia celebrar a cerimônia. Que pena que ainda não foi ordenado! O sr. Rushworth e Maria estão prontos para casar.”

Um observador imparcial acharia engraçada a expressão de perplexidade, quase de horror, que essas palavras produziram no semblante da srta. Crawford. Fanny teve dó dela: “Como vai lamentar o que disse há pouco!”, pensou.

“Ordenado!”, a srta. Crawford exclamou. “Mas, então, o senhor vai ser sacerdote?”

“Sim, vou ser ordenado assim que meu pai voltar... provavelmente no Natal.”

Recobrando o ânimo e recompondo as feições, ela se limitou a declarar: “Se soubesse disso, eu teria falado do clero com mais respeito”. E mudou de assunto.

Pouco depois, a capela voltou a mergulhar na paz e no silêncio que ali reinavam o ano inteiro, salvo algumas interrupções. Aborrecida com a irmã, Maria foi a primeira a sair, e todos pareciam achar que haviam se demorado o bastante no local.

Tendo mostrado aos visitantes todo o andar térreo da mansão, a incansável sra. Rushworth já se dirigia à escada para levá-los a conhecer os aposentos do primeiro andar, quando o filho interferiu com uma dúvida sobre o tempo restante. “Pois”, começou ele, com o tipo de proposição evidente que nem sempre as cabeças mais lúcidas conseguem evitar, “se nos demormos *muito* percorrendo a casa, não teremos tempo para o que deve ser feito lá fora. Já passa das duas, e vamos jantar às cinco.”

A sra. Rushworth concordou; a organização do passeio ao exterior prometia ser objeto de acalorado debate, e a sra. Norris já se punha a pensar na combinação de carruagens e cavalos que lhes permitiria

fazer o maior número possível de coisas, quando os jovens depararam com uma porta tentadoramente aberta para uma escada que dava acesso ao gramado, ao arvoredo e a todas as delícias dos jardins, e, movidos por um impulso, por um desejo de ar fresco e liberdade, todos saíram.

“E se começarmos por aqui?”, a sra. Rushworth sugeriu, gentilmente acompanhando o grupo. “É onde temos mais plantas e onde estão os curiosos faisões.”

“Eu me pergunto se não encontraremos ocupação por aqui, antes de irmos mais longe”, o sr. Crawford ponderou, olhando em torno. “Parece bem promissor. Sr. Rushworth, vamos convocar uma assembleia para deliberar neste gramado?”

“James”, disse-lhe a mãe, “acho que o labirinto⁵ é uma novidade para todos. As srtas. Bertram ainda não o conhecem.”

Não houve objeção, mas ninguém parecia disposto a acatar uma ou outra sugestão nem a percorrer qualquer distância. Todos estavam interessados nas plantas e nos faisões e se dispersaram com alegre independência. O sr. Crawford foi o primeiro a afastar-se para examinar o potencial daquela parte da propriedade. O gramado, inteiramente cercado por um muro alto, incluía uma área destinada a jogos de bola e, mais além, um longo terraço sustentado por colunas de ferro que permitia avistar a copa das árvores do labirinto adjacente. Era um bom lugar para uma visão crítica. Maria e o sr. Rushworth logo se aproximaram; pouco depois, quando os outros se dividiram em grupos, Edmund, a srta. Crawford e Fanny, que pareciam ter se reunido com absoluta naturalidade, encontraram os três em animada deliberação e, após tomar conhecimento de suas decepções e dificuldades, seguiram caminho. Os três restantes, a sra. Rushworth, a sra. Norris e Julia, ficaram para trás; pois Julia, cuja boa estrela deixara de brilhar, viu-se obrigada a acompanhar a anfitriã e controlar a impaciência para adequar-se ao ritmo lento da boa senhora; e a tia, tendo encontrado casualmente a governanta, que saíra para dar comida aos faisões, parara para conversar com ela. Pobre Julia, a única dos nove que não estava nem um pouco satisfeita com seu quinhão, sentia-se em estado de penitência e, como bem se pode imaginar, em nada se parecia com aquela moça que viajara na

boleia da caleche. A cortesia que aprendera a praticar como um dever não lhe permitia escapar, e a falta de um autocontrole mais elevado, da justa consideração pelos outros, do conhecimento do próprio coração, do princípio de direito que não fizeram parte essencial de sua educação, transformava o cumprimento desse dever em motivo de infelicidade.

“Que calor insuportável”, a srta. Crawford reclamou, depois que percorreram o terraço de uma ponta a outra e novamente se dirigiam à porta que dava acesso ao labirinto. “Alguém tem alguma coisa contra conforto? Aqui temos um belo bosquezinho, se conseguirmos entrar. Que bom seria, se a porta não estivesse trancada! Mas é claro que está, pois, nessas grandes mansões, os jardineiros são as únicas pessoas que podem ir aonde bem entendem.”

A porta não estava trancada, afinal, e todos transpuseram-na alegremente, deixando para trás a luz intensa do dia. Uma longa escada os conduziu ao labirinto, um bosque com cerca de um hectare que, apesar da preponderância de lariços, loureiros e faias, apesar do traçado excessivamente regular, oferecia sombra e beleza natural, em comparação com o relvado e o terraço. Todos sentiram seu frescor e durante algum tempo limitaram-se a caminhar e admirar. Por fim, a srta. Crawford rompeu o silêncio: “Então o senhor vai ser sacerdote, sr. Bertram. Para mim é uma surpresa”.

“Por quê? A senhorita devia imaginar que eu haveria de exercer alguma profissão e certamente já percebeu que eu não poderia ser advogado, soldado ou marinheiro.”

“Realmente, mas essa nunca me ocorreu. E o senhor sabe que em geral existe um tio ou um avô para deixar uma fortuna para o segundo filho.”

“O que é um costume muito louvável”, Edmund afirmou, “mas não universal. Sou uma das exceções e, *portanto*, preciso fazer alguma coisa.”

“Mas por que o sacerdócio? Eu pensava que esse era sempre o destino do caçula que tinha muitos irmãos para escolherem antes dele.”

“Acha que nunca se escolhe o sacerdócio?”

“*Nunca* é uma palavra terrível. Mas, sim, é o que eu acho, se estamos usando o *nunca* da conversação, que tem o sentido de *infrequente*. O que é que se pode fazer na igreja? Os homens adoram se destacar e podem se destacar em qualquer profissão, menos na igreja. O sacerdote não é nada.”

“O *nada* da conversação deve ter suas gradações, assim como o *nunca*. O sacerdote pode não galgar altas posições no mundo da política ou da moda. Não lhe cabe liderar multidões nem ditar o tom da indumentária. Mas não posso chamar de *nada* uma ocupação que envolve tudo que é de primeira importância para a humanidade, considerada individual ou coletivamente, no plano temporal e no eterno; que tem a guarda da religião e da moral e, por conseguinte, dos costumes resultantes de sua influência. Ninguém aqui pode chamar de *nada* o sacerdócio. Se o homem que o exerce é *nada*, é porque não cumpre corretamente sua missão, porque não lhe dá o devido valor, porque sai de seu caminho para parecer o que não deve.”

“O senhor considera o clérigo mais importante do que se diz ou do que eu entendo. Não vemos muitos reflexos dessa influência e dessa importância na sociedade; e como o sacerdote poderia ser influente e importante, se aparece tão pouco? Dois sermões por semana, supondo que valha a pena ouvi-los e que o pregador tenha o bom senso de usar os textos de Blair e não os seus,⁶ bastam para orientar a conduta e influenciar os costumes de muitos fiéis nos dias restantes? Raramente se vê um sacerdote fora do púlpito.”

“A *senhorita* está falando de Londres. *Eu* estou falando do país inteiro.”

“Acho que a metrópole representa bem o todo.”

“Não a proporção entre virtude e vício no reino, espero. Não é nas cidades grandes que devemos buscar nossa melhor moralidade. Não é lá que as pessoas respeitáveis de qualquer religião têm mais oportunidades de praticar o bem; e certamente não é lá que a influência do clero mais se faz sentir. Um bom pregador é seguido e admirado; mas não é só com belos sermões que um bom sacerdote será útil em sua paróquia e em seu bairro, quando o tamanho da paróquia e do bairro permite aos fiéis conhecer seu caráter pessoal e observar seu comportamento habitual, o que raramente há de ocorrer

em Londres. Lá, os sacerdotes somem nas multidões de paroquianos. A maioria só os conhece como pregadores. E, quanto a influenciar costumes, não me entenda mal, nem pense que os vejo como árbitros da boa educação, regentes do refinamento e da cortesia, mestres de cerimônia da vida. Os *costumes* a que me refiro podem ser chamados de *conduta*, talvez; são resultado de bons princípios; são, em suma, fruto daquelas doutrinas que cabe aos clérigos ensinar e recomendar; e acredito que, sendo ou não sendo como deveria ser, o clero de qualquer lugar determina a conduta do resto da nação.”

“Com certeza”, disse Fanny, séria e gentil.

“Ora, ora”, interveio a srta. Crawford, “o senhor já convenceu a srta. Price.”

“Eu gostaria de poder convencer a senhorita também.”

“Não creio que consiga”, ela retrucou, com um sorriso maroto. “Continuo surpresa com sua intenção de se ordenar. Considero-o capaz de algo melhor. Vamos, mude de ideia. Ainda não é tarde demais. Entre para o mundo das leis.”

“Entrar para o mundo das leis! E a senhorita me diz isso tão tranquilamente quanto me falou para entrar neste bosque.”

“Agora o senhor vai dizer que o mundo das leis é mais emaranhado que este bosque, mas eu me antecipo; lembre-se: eu me antecipei.”

“Nem precisava se apressar, se o objetivo era me impedir de dizer um *bon mot*, pois não sou nem um pouco espirituoso. Sou muito prosaico, muito franco; sou capaz de ficar meia hora pensando numa resposta espirituosa sem atinar com ela.”

Seguiu-se um silêncio geral. Todos estavam pensativos. Fanny foi a primeira a falar: “É incrível, mas parece que a caminhada neste bosque tão agradável está me deixando meio cansada; quando encontrarmos um banco, bem que eu gostaria de me sentar um pouco, se vocês não se opuserem”.

“Ah, priminha querida, quanta desatenção de minha parte!”, Edmund exclamou, oferecendo-lhe o braço. “Espero que não esteja muito cansada”, acrescentou, antes de perguntar à srta. Crawford: “Será que minha outra companheira me daria a honra de aceitar meu outro braço?”.

“Obrigada, mas não estou nem um pouquinho cansada”, ela respondeu, aceitando a oferta mesmo assim. Contente com seu gesto, feliz por sentir seu contato pela primeira vez, Edmund quase se esqueceu de Fanny. “A senhorita mal está se apoiando em mim”, comentou. “Desse jeito não lhe sou de nenhuma serventia. Que diferença de peso entre o braço de uma mulher e o de um homem! Em Oxford, muitas vezes percorri uma rua inteira com um homem apoiado em mim, e, em comparação com ele, a senhorita não pesa mais que uma mosca.”

“Realmente não estou cansada; e quase me admiro, pois acho que já andamos no mínimo um quilômetro e meio neste bosque. Não acha?”

“Nem oitocentos metros”, foi a decidida resposta; pois ele ainda não estava tão apaixonado que avaliasse a distância ou o tempo com a imprecisão feminina.

“Ah, o senhor não está levando em conta as voltas que já demos. Viemos por umas trilhas sinuosas; e o bosque deve ter bem uns oitocentos metros de um extremo a outro, em linha reta, pois ainda não vimos onde termina, desde que saímos do caminho principal.”

“Mas, se a senhorita se lembra, antes de deixarmos o caminho principal, avistamos o extremo do bosque, com o portão de ferro, a uns duzentos metros dali.”

“Ah, eu não entendo nada de distância, mas sei com certeza que o bosque é bem comprido e que não paramos de dar voltas desde que entramos; portanto, quando digo que já andamos um quilômetro e meio, não estou exagerando.”

“Faz exatamente quinze minutos que estamos aqui”, Edmund informou, consultando o relógio. “Acha que andamos a seis quilômetros por hora?”

“Ah, não me venha com seu relógio. Os relógios sempre estão muito adiantados ou muito atrasados. Não me submeto a relógios.”

Com mais alguns passos chegaram ao fim do caminho que haviam mencionado; e, encontrando um banco de bom tamanho, bem sombreado e protegido, de onde avistaram o parque que se estendia para além de um valado,⁷ ali se sentaram.

“Receio que esteja muito cansada, Fanny”, disse Edmund, observando a prima. “Por que não me falou? Exausta desse jeito, você

não vai aproveitar o passeio. Ela se cansa logo com qualquer tipo de exercício, srta. Crawford; menos com a equitação.”

“Então, foi horrível de sua parte permitir que eu me apropriasse do cavalo dela a semana inteira! Estou com vergonha do senhor e de mim mesma, porém isso não vai mais acontecer.”

“A delicadeza e a consideração da senhorita me tornam mais consciente de minha falha. Parece que os interesses de Fanny estão mais seguros em suas mãos que nas minhas.”

“Não me surpreende que ela esteja cansada; pois não existe nada tão cansativo quanto o que fizemos hoje de manhã... visitar um casarão, cômodo por cômodo... forçar a vista e a atenção... ouvir o que não entendemos... admirar o que não tem a menor importância para nós. É a coisa mais enfadonha do mundo, e a srta. Price também achou isso, embora não se tenha dado conta.”

“Logo estarei descansada”, Fanny declarou. “Ficar sentada na sombra, num belo dia, contemplando todo este verde, é o melhor descanso.”

A srta. Crawford levantou-se. “Eu preciso me mexer”, informou. “Ficar parada me cansa. Não aguento mais olhar para além daquele valado. Tenho de ir lá espiar pelo portão de ferro, mesmo que não consiga ver tão bem.”

Edmund também se levantou. “Agora que pode ter uma visão geral do caminho, a senhorita deve estar convencida de que ele não tem um quilômetro e meio, nem oitocentos metros.”

“É uma enorme distância”, ela retrucou; “basta olhar para ver isso.”

Ele ainda tentou argumentar, mas foi inútil. A srta. Crawford não queria calcular, não queria comparar. Apenas sorria e reafirmava sua convicção. O maior grau de coerência racional não teria sido mais cativante, e eles continuaram discutindo com mútua satisfação. Por fim, chegaram a um acordo: procurariam determinar as dimensões do bosque andando um pouco mais. Iriam até um dos extremos, na direção que agora estavam seguindo (pois um caminho reto e verde margeava o valado, mais abaixo); talvez tomassem um atalho, se lhes parecesse interessante; e voltariam logo. Fanny disse que já estava descansada e se prontificou a acompanhá-los, mas eles não lhe permitiram. Edmund instou-a a permanecer onde estava com uma

veemência irresistível, e ela ficou sentada no banco, pensando com prazer na solicitude do primo e lamentando não ser mais forte. Seguiu-os com o olhar até desaparecerem numa vereda e escutou com atenção suas vozes e o ruído de seus passos até sumirem na distância.

X

Quinze, vinte minutos se passaram, e Fanny continuava pensando em Edmund, na srta. Crawford e em si mesma sem que ninguém a interrompesse. Começava a surpreender-se por deixarem-na sozinha tanto tempo e a apurar o ouvido com ansiedade para escutar novamente suas vozes e o ruído de seus passos. Apurava o ouvido e por fim escutou: vozes e passos se aproximavam, mas não eram das pessoas que queria ver, pois logo Maria Bertram, o sr. Rushworth e o sr. Crawford, vindo pelo mesmo caminho que ela percorrera, surgiram a sua frente.

“A srta. Price aqui sozinha!” e “Querida Fanny, como se explica isso?” foram as primeiras saudações. Ela lhes contou o que acontecera. “Coitadinha, que maldade fizeram com você!”, a prima exclamou. “Melhor teria sido ficar conosco.”

Depois, sentando-se entre os dois cavalheiros, retomou a conversa que tinham iniciado antes de chegar ali e discorreu com grande entusiasmo sobre as possibilidades de melhorias. Nada foi decidido, mas Henry Crawford estava cheio de ideias e projetos que, de modo geral, recebiam aprovação imediata, primeiro de Maria e depois do sr. Rushworth, cuja principal função parecia ser ouvir os outros e só abrir a boca para expressar o desejo de que pudessem conhecer a propriedade do amigo Smith.

Momentos depois, observando o portão de ferro, Maria propôs irem até o parque para terem uma visão mais ampla do que pretendiam. Era exatamente o que todos queriam, era a melhor coisa a fazer, era o único procedimento proveitoso, segundo Henry Crawford; e uma colina situada a uns oitocentos metros de distância lhes permitiria ver a casa do alto, ou seja, da posição ideal. Tinham, portanto, de ir até lá, através daquele portão; mas o portão estava trancado. O sr. Rushworth lamentou não estar com a chave; até pensara em levá-la;

nunca mais sairia sem ela; mas nada disso resolveu o problema. Não podiam passar para o outro lado, e, como Maria desejava ardentemente transpor aquele portão, o sr. Rushworth resolveu buscar a chave. E lá se foi.

“Agora que estamos tão longe da casa, é o melhor que temos a fazer, sem dúvida”, disse o sr. Crawford.

“Sim, é o que temos de fazer. Mas, sinceramente, o senhor não acha tudo isto pior do que esperava?”

“Não; muito pelo contrário. Acho tudo isto melhor, mais grandioso, mais completo em termos de estilo, embora o estilo talvez não seja o ideal. E, para falar a verdade”, acrescentou, baixando a voz, “não creio que voltarei a ver Sotherton com o mesmo prazer que sinto agora. Não creio que isto aqui estará mais bonito no próximo verão.”

Após alguns instantes de embaraço, a jovem argumentou: “Sendo um homem do mundo, o senhor só pode ver com os olhos do mundo. Se outras pessoas acharem que Sotherton ficou mais bonita, tenho certeza de que o senhor também há de achar”.

“Infelizmente, em certas coisas não sou o homem do mundo que deveria ser. Meus sentimentos não são tão passageiros nem minhas lembranças são tão fáceis de controlar como os dos homens do mundo.”

Seguiu-se um breve silêncio. Maria recomeçou: “Parece que o senhor gostou muito de conduzir os cavalos, hoje de manhã. Fiquei contente de vê-lo tão alegre. O senhor e Julia riram pelo caminho inteiro”.

“É mesmo? É, creio que sim; mas não me lembro. Ah, eu estava contando para ela umas histórias ridículas de um velho irlandês que era cavaliário de meu tio. Sua irmã adora rir.”

“Deve achá-la mais divertida que eu.”

“Acho mais fácil diverti-la”, ele replicou, “e, conseqüentemente, considero-a uma companhia mais agradável”, acrescentou, sorrindo. “Eu não conseguiria divertir *a senhorita* com histórias de irlandeses ao longo de dezesseis quilômetros.”

“Naturalmente, sou tão animada quanto Julia, porém no momento tenho mais em que pensar.”

“Sem dúvida; e há situações em que muita animação é sinal de insensibilidade. Mas com perspectivas tão boas não há por que não se

animar. A senhorita tem um risonho panorama pela frente.”

“Está falando no sentido literal ou figurado? No sentido literal, suponho. Sim, com certeza; brilha o sol, o parque parece cheio de vida. Mas infelizmente aquele portão de ferro, aquele valado me dão uma sensação de confinamento e opressão. Não posso sair, como disse o estorninho.”¹ Enquanto falava, ela se dirigiu ao portão; ele a seguiu. “O sr. Rushworth está demorando muito para trazer a chave!”

“E por nada no mundo a senhorita sairia sem a chave e sem a permissão e a proteção do sr. Rushworth; não fosse assim, creio que não seria muito difícil pular o portão com minha ajuda, se realmente quisesse ter mais liberdade e não visse isso como algo proibido.”

“Proibido! Que bobagem! É claro que posso fazer isso e vou fazer. O sr. Rushworth vai chegar a qualquer momento; não devemos ir tão longe que não nos veja.”

“Ou, se formos, a srta. Price terá a bondade de dizer a ele que vá nos encontrar no carvalhal, lá perto da colina.”

Considerando tudo isso muito errado, Fanny bem que tentou impedi-los. “Maria, você vai se machucar”, argumentou; “com certeza vai se machucar nas pontas da grade; vai rasgar o vestido; vai correr o risco de cair no valado. É melhor não ir.”

Contudo, quando acabou de dizer isso, a prima já estava do outro lado do portão e, sorrindo, feliz com o sucesso, falou: “Obrigada, querida, mas eu e meu vestido estamos sãos e salvos; portanto, até mais ver”.

Fanny ficou sozinha novamente e, agora, sem nenhum sentimento prazeroso, pois estava triste com quase tudo que tinha presenciado, pasma com Maria e furiosa com o sr. Crawford. Tomando um caminho sinuoso e, em sua opinião, desarrazoado para chegar à colina, eles logo sumiram de vista, e por mais alguns minutos ela permaneceu em absoluta e silenciosa solidão. Parecia ter todo o pequeno bosque para si mesma. Pensaria que Edmund e a srta. Crawford tinham ido embora, se não achasse impossível que o primo a esquecesse dessa forma.

Mais uma vez, despertou de suas sombrias reflexões com o repentino ruído de passos que se aproximavam rapidamente pelo caminho principal. Esperava ver o sr. Rushworth, porém quem surgiu diante

dela foi Julia, que, afogueada e ofegante, visivelmente decepcionada, perguntou: “Onde estão os outros? Pensei que Maria e o sr. Crawford estivessem com você”.

Fanny explicou.

“Que belo truque, francamente! Não os vejo em lugar nenhum”, reclamou, correndo os olhos pelo parque. “Mas não podem ter ido muito longe, e acho que sou bem capaz de pular aquele portão sem a ajuda de ninguém.”

“Mas o sr. Rushworth já está vindo com a chave. Espere.”

“Ah, não. Não aguento mais essa família. Ainda há pouco me livrei daquela mãe horrível. Eu lá, pagando meus pecados, e você aqui, sentada, tranquila e feliz! Queria ver se estivesse em meu lugar; mas você sempre dá um jeito de escapar dessas enrascadas.”

Foi um comentário extremamente injusto, porém Fanny preferiu ignorá-lo; sabia que Julia era impulsiva, mas tinha certeza de que sua irritação logo passaria; portanto, decidiu não dar atenção a seu mau humor e apenas perguntar-lhe se não tinha visto o sr. Rushworth.

“Vi, vi, sim. Estava correndo como se fosse uma questão de vida ou morte e mal parou para dizer aonde ia e onde vocês estavam.”

“É uma pena que tenha tido tanto trabalho por nada.”

“Isso é problema da srta. Maria. Eu é que não tenho de pagar pelos pecados *dela*. Não consegui fugir da mãe, porque titia, maçante, estava às voltas com a governanta, mas do filho eu posso escapar.”

E ela imediatamente pulou a cerca e se afastou, sem dar ouvidos à prima, que ainda lhe perguntou se tinha visto a srta. Crawford e Edmund. Fanny ficou sozinha mais uma vez e agora estava tão apreensiva com a iminente chegada do sr. Rushworth que já não pensava tanto na longa ausência dos outros dois jovens. Sentia-se humilhada, menosprezada, infeliz demais para contar o que acontecera. Ele apareceu cinco minutos depois que Julia sumira de vista e, embora Fanny se esforçasse para relatar-lhe o episódio da melhor maneira possível, mostrou-se profundamente aborrecido ao saber do que ocorrera. Sem dizer nada, visivelmente surpreso e contrariado, dirigiu-se ao portão e parou, como se não soubesse o que fazer.

“Eles preferiram que eu ficasse aqui; minha prima Maria me encarregou de lhe pedir que vá encontrá-los naquela colina ou ali perto.”

“Não vou a lugar nenhum”, ele resmungou, irritado. “Não estou vendo nem sombra deles. Quando eu chegar lá, já terão ido a outro lugar. Já andei bastante.”

E sentou-se, carrancudo, ao lado de Fanny.

“Eu sinto muito”, ela murmurou. “É lamentável”, acrescentou, sem conseguir encontrar nada mais adequado para dizer.

“Bem que podiam ter me esperado”, o sr. Rushworth falou, após um instante de silêncio.

“Maria pensou que o senhor fosse encontrá-la.”

“Eu não teria de ir encontrá-la, se ela tivesse me esperado.”

Não havia como negar isso, e Fanny se manteve calada. Depois de mais uma pausa, ele prosseguiu: “A senhorita também é grande admiradora do sr. Crawford, como algumas pessoas? Não vejo nele nada de especial”.

“Eu não o acho bonito.”

“Bonito? Quem acharia bonito um sujeito tão baixinho? Ele não tem mais que um metro e setenta. Talvez nem chegue a isso. E é mesmo muito feio. Em minha opinião, esses Crawford não nos acrescentam nada. Passamos muito bem sem eles.”

Fanny suspirou, sem saber como contradizê-lo.

“Se eu tivesse alegado alguma dificuldade para ir buscar a chave, ainda teriam uma desculpa, mas fui no mesmo instante em que ela manifestou a vontade de conhecer o parque.”

“O senhor foi extremamente gentil, sem dúvida, e estou certa de que apressou o passo o mais que pôde; mas daqui até a casa, até dentro da casa, há uma boa distância; e quem está esperando não consegue calcular bem o tempo; meio minuto parece que são cinco.”

O sr. Rushworth se levantou e novamente se dirigiu ao portão, resmungando “por que não estava com a chave naquele momento?”. Julgando perceber em sua postura um indício de distensão, Fanny arriscou mais uma tentativa: “É uma pena que não vá encontrá-los. Eles acharam que daquele ponto do parque poderiam ver melhor a

casa e agora devem estar discutindo as possíveis reformas, mas não podem decidir nada sem o senhor”.

E constatou que tinha mais habilidade para afastar uma pessoa que para retê-la a seu lado, pois convenceu-o plenamente. “Já que a senhorita pensa assim, então eu vou”, disse ele. “Seria bobagem trazer a chave para nada.” E, abrindo o portão, lá se foi, sem cerimônia.

Agora Fanny só pensava nos dois jovens que a haviam deixado sozinha tanto tempo atrás e, presa de crescente impaciência, resolveu procurá-los. Seguiu em suas pegadas junto ao valado e acabava de tomar outro caminho quando novamente escutou a voz e o riso da srta. Crawford, cada vez mais perto, e, após dobrar algumas curvas, encontrou-os. Ao voltar do parque para o labirinto, pouco depois que a deixaram, avistaram um portão lateral, que não estava trancado; por ali entraram e, indo ter à alameda que Fanny passara a manhã inteira desejando percorrer, sentaram-se à sombra das árvores. Essa era sua história. Era evidente que passaram o tempo de maneira agradável e não perceberam a longa duração de sua ausência. O melhor consolo para Fanny foi saber que Edmund sentira muito sua falta e teria voltado para buscá-la se ela já não estivesse tão cansada; mas não foi suficiente para curar a dor de uma hora inteira de abandono, embora ele tivesse dito que se afastariam só por alguns minutos, nem para eliminar sua curiosidade sobre o que conversaram durante tanto tempo; e, assim, quando de comum acordo decidiram voltar para casa, ela estava decepcionada e deprimida por causa de tudo isso.

Antes que começassem a subir a escada do terraço, a sra. Rushworth e a sra. Norris apareceram no alto, prontas para visitar o labirinto, uma hora e meia depois que eles tinham saído. Os afazeres da sra. Norris não lhe permitiram ser mais rápida. Se até então suas sobrinhas enfrentaram desagradáveis contratempos, ela só havia tido prazer: após discorrer amavelmente sobre o tema dos faisões, a governanta a levava para a leiteria, onde lhe contou tudo sobre as vacas e lhe deu a receita de um célebre queijo cremoso; depois que Julia saíra, encontraram o jardineiro, o que proporcionou à sra. Norris a oportunidade de esclarecê-lo sobre a doença de seu neto, convencendo-o de que era uma sezão, e de prometer-lhe um amuleto;

em troca, o bom homem lhe mostrou seu melhor viveiro de plantas e presenteou-a com uma espécie de urze muito curiosa.

Todos entraram na casa, dispostos a passar o tempo no maior ócio possível, refestelados nos sofás, conversando, folheando a *Quarterly Review*,² enquanto aguardavam o retorno dos demais e a hora do jantar. As duas irmãs e os dois cavalheiros demoraram para chegar, seu semblante indicando que o passeio não havia sido nem muito agradável nem proveitoso para o objetivo do dia. Segundo seu relato, tudo que fizeram foi procurar uns aos outros e, quando por fim se reencontraram, já era tarde demais para restabelecer-se a harmonia e para tomarem qualquer decisão sobre as melhorias. Olhando para Julia e o sr. Rushworth, Fanny percebeu que não era a única insatisfeita dos três: eles também tinham a tristeza estampada no rosto. O sr. Crawford e Maria estavam bem mais animados, e pareceu-lhe que durante o jantar ele se esforçou de modo especial para desfazer ressentimentos e restaurar o bom humor geral.

Mal terminaram de comer, tomaram chá e café, pois os dezesseis quilômetros que ainda tinham de percorrer na volta para casa não lhes permitia perder tempo; aliás, desde o momento em que se sentaram à mesa, uma rápida sucessão de ninharias ocupou-os sem cessar até a chegada da caleche, e, depois de obter da governanta uns ovos de faisão e um queijo e de desmanchar-se em polidos agradecimentos à anfitriã, a irrequieta sra. Norris estava pronta para partir. Nesse instante, o sr. Crawford se aproximou de Julia e disse: “Espero não perder minha companheira de viagem, a não ser que ela esteja com medo do friozinho da noite num lugar tão exposto”. Julia não esperava o convite, mas aceitou-o de bom grado, e tudo indicava que seu dia terminaria quase tão bem como havia começado. Maria tinha outra coisa em mente e ficou ligeiramente desapontada, porém sua convicção de ser a preferida confortou-a e lhe permitiu receber como devia as últimas atenções do sr. Rushworth. Por sua vez, ele estava radiante com esse arranjo, pois certamente lhe agradava mais ajudá-la a entrar na caleche que a subir à boleia.

“Acho que você teve um ótimo dia, Fanny”, a sra. Norris comentou, quando atravessavam o parque. “Só alegria, do princípio ao fim! Você deve estar muito agradecida a sua tia Bertram e a mim, por termos

conseguido que participasse do passeio. Teve um belo dia, repleto de diversões!”

Maria estava suficientemente aborrecida para dizer com todas as letras: “Parece que *a senhora* também se saiu muito bem. Tem no colo um monte de coisas boas, e esta cesta, aqui no meio do banco, não para de me bater no cotovelo, sem dó nem piedade”.

“É só uma linda urze, minha querida, que aquele velho jardineiro me obrigou a trazer; mas, se está incomodando você, eu a levo no colo. Fanny, pegue este pacote... tenha muito cuidado... não deixe cair; é um queijo cremoso, igualzinho ao que comemos no jantar. A boa sra. Whitaker fez questão absoluta de me dar um queijo feito por ela. Recusei o quanto pude, até perceber que a pobre velha estava a ponto de chorar; e sei que minha irmã vai adorar. A sra. Whitaker é um amor! Ela ficou chocada quando lhe perguntei se a criadagem podia tomar vinho na refeição; e demitiu duas empregadas porque estavam de vestido branco. Cuidado com o queijo, Fanny. Agora posso muito bem dar conta do outro pacote e da cesta.”

“O que mais a senhora andou esmolando?”, Maria perguntou, mais animada com os elogios a Sotherton.

“Esmolando, querida? Nada, só quatro ovos daqueles lindos faisões, que a sra. Whitaker me forçou a aceitar, sem admitir recusa. Ela falou que, como eu moro sozinha, umas criaturas vivas dessa espécie vão ser uma distração para mim; e vão mesmo, com certeza. Vou ver se a moça que cuida do galinheiro tem uma galinha disponível para chocá-los, e, se eles vingarem, vou levá-los para minha casa e pedir uma gaiola emprestada; há de ser um grande prazer para mim cuidar deles, em minhas horas de solidão. E, se tudo der certo, sua mãe vai ganhar alguns.”

Era uma bela noite, amena e tranquila, e a serenidade da natureza tornava a viagem extremamente agradável; no entanto, quando a sra. Norris parou de falar, o silêncio se instalou na caleche. Todos estavam exaustos — e a maioria ainda se esforçava mentalmente para determinar se o dia lhes proporcionara mais prazer ou sofrimento.

XI

Apesar de todos os seus inconvenientes, o dia em Sotherton inspirou às irmãs Bertram sentimentos muito mais agradáveis que os produzidos pelas cartas de Antígua que logo chegaram a Mansfield. Era muito mais prazeroso pensar em Henry Crawford que no pai; e pensar que dentro de alguns meses Sir Thomas estaria de volta à Inglaterra era um indigesto exercício que essas cartas lhes impunham.

Novembro era o mês fatídico de seu retorno. Sir Thomas escreveu sobre isso com tanta determinação quanto lhe permitiam a experiência e a ansiedade. Como estava prestes a concluir os negócios que o levaram a viajar, pretendia embarcar em setembro e esperava abraçar sua amada família no início de novembro.

Maria era mais digna de pena que Julia, pois, com a volta do pai, a pessoa que mais se preocupava com sua felicidade, se uniria ao homem de quem, segundo decidira, dependeria essa felicidade. Era uma perspectiva bem sombria, e só lhe restava envolvê-la numa névoa e esperar ver algo diferente quando a névoa se dissipasse. Dificilmente seria em *princípios* de novembro, pois sempre ocorriam atrasos, uma travessia complicada, *alguma coisa*; essa *alguma coisa* favorável que conforta quem fecha os olhos para olhar ou o entendimento para raciocinar. Provavelmente seria, no mínimo, em meados de novembro; faltavam três meses para meados de novembro. Três meses significavam treze semanas. Muita coisa poderia acontecer em treze semanas.

Sir Thomas ficaria profundamente magoado se desconfiasse da metade do que as filhas sentiam em relação a seu retorno e dificilmente o consolaria saber do interesse que sua volta suscitava em outra jovem. A srta. Crawford tomou conhecimento da novidade quando foi a Mansfield Park com o irmão; e, embora parecesse demonstrar alegria por mera delicadeza e expressasse seus sentimentos

num sóbrio “parabéns”, ouviu tudo com muita atenção. A sra. Norris relatou detalhes das cartas, e não se tocou mais no assunto; contudo, depois do chá, enquanto as jovens srtas. Bertram, o sr. Rushworth e Henry Crawford se ocupavam das velas sobre o piano, a srta. Crawford, que estava diante da janela, contemplando o entardecer na companhia de Edmund e Fanny, subitamente retomou a questão, ao voltar-se para comentar: “O sr. Rushworth parece muito feliz! Está pensando em novembro”.

Edmund também olhou para o sr. Rushworth, mas não abriu a boca.

“A chegada de seu pai vai ser um acontecimento muito interessante.”

“Sem dúvida, depois de uma ausência tão longa e sujeita a tantos perigos.”

“E também será o primeiro de outros acontecimentos interessantes: o casamento de sua irmã, sua ordenação.”

“De fato.”

“Não se ofenda”, ela prosseguiu, rindo, “mas isso me lembra aqueles antigos heróis pagãos que, depois de realizar grandes façanhas em terra estrangeira, ofereciam sacrifícios aos deuses para agradecer-lhes o feliz retorno.”

“Neste caso, não há sacrifício”, Edmund replicou, com um sorriso sério e olhando novamente para o piano. “A decisão foi dela.”

“Ah, sim, eu sei. Eu estava brincando. Ela não fez mais do que qualquer outra moça faria; e tenho certeza de que há de ser muito feliz. Trata-se de outro sacrifício, que, naturalmente, o senhor não entende.”

“Eu lhe asseguro que minha ordenação é fruto de uma decisão tão livre quanto a de Maria.”

“É uma sorte que sua vocação e a conveniência de seu pai se casem tão bem. Eu soube que um belo presbitério o espera, aqui por perto.”

“E a senhorita acha que isso pesou em minha decisão.”

“Mas eu tenho certeza que não”, interveio Fanny.

“Obrigado, Fanny, mas você disse mais do que eu poderia dizer. Ao contrário, o fato de saber que meu futuro está garantido pesou, sim. E não acho isso errado. Eu não tinha nenhuma aversão natural que precisasse superar e não hei de ser um clérigo pior só porque sei que terei os meios de subsistência necessários para começar a vida. Estou

em boas mãos. Acho que fiz a escolha certa; até porque meu pai é consciencioso demais para me deixar tomar o rumo errado. Isso pesou em minha decisão, sem dúvida; mas não tenho de que me envergonhar.”

“É a mesma coisa que o filho de um almirante entrar para a Marinha ou o filho de um general entrar para o Exército”, Fanny argumentou, após um breve silêncio. “Ninguém vê mal nisso. Ninguém se surpreende por eles preferirem uma profissão em que mais amigos possam ajudá-los nem desconfia que sejam menos sinceros do que parecem.”

“Não, minha cara srta. Price, e por bons motivos. A profissão de marinheiro ou a de soldado se justifica por si mesma. Tem tudo a seu favor: heroísmo, perigo, dinamismo, garbo. Soldados e marinheiros sempre são aceitos na sociedade. Não há nada de surpreendente em ser soldado ou marinheiro.”

“Mas a senhorita acha meio duvidosos os motivos de quem opta pelo sacerdócio com a certeza de um futuro garantido”, Edmund rebateu. “A seu ver, só a mais completa incerteza em relação ao futuro justificaria a ordenação.”

“Imagine! Ordenar-se sem ter um presbitério! Não, isso é loucura!”

“E como a Igreja se manteria se ninguém se ordenasse, tendo ou não um presbitério? Não, não vou lhe perguntar isso, porque a senhorita certamente não saberá o que responder. Mas vejo em seu argumento um ponto a favor do clérigo. Já que ele não pode se deixar levar pela tentação, pelo desejo de recompensa, por todos aqueles sentimentos que a senhorita considera tão elevados e tão decisivos para a escolha da profissão de soldado e marinheiro; já que heroísmo, burburinho, garbo não o seduzem, não se deveria desconfiar tanto da sinceridade ou das boas intenções de sua escolha.”

“Ah, ele sem dúvida é muito sincero em preferir um salário garantido à obrigação de trabalhar para ganhar o pão; e tem as melhores intenções de passar o resto da vida fazendo nada além de comer, beber e engordar. Indolência, sr. Bertram. Indolência e comodismo... a falta de ambições louváveis, de amor à boa companhia, de vontade de se esforçar para ser agradável é o que leva os homens ao sacerdócio. Um sacerdote só tem de ser desleixado e

egoísta... ler o jornal, observar o tempo e brigar com a mulher. Deixa todo o trabalho para o assistente e resume sua ocupação em comer.”

“Existem sacerdotes assim, sem dúvida; mas não creio que sejam tão numerosos a ponto de justificar a generalização dessas características. Desconfio que essa crítica irrestrita e, se me permite, corriqueira não expressa sua própria opinião, mas a de pessoas preconceituosas que a senhorita se acostumou a ouvir. É impossível que por sua própria observação tenha chegado a um grande conhecimento do clero. Deve ter conhecido pessoalmente pouquíssimos homens desse grupo que condena com tanta veemência. A senhorita está falando do que ouviu dizer à mesa de seu tio.”

“Só estou repetindo o que me parece ser a opinião geral; e a opinião geral quase sempre é correta. *Eu mesma* não tenho muito conhecimento da vida familiar dos clérigos, mas tanta gente a conhece que não nos faltam informações.”

“Onde qualquer grupo de homens instruídos de qualquer religião é condenado indiscriminadamente, deve haver falta de informação ou (Edmund sorriu) de outra coisa. Pode ser que os únicos sacerdotes que seu tio almirante e os colegas dele conheciam fossem os capelães, dos quais, bons ou maus, preferiam manter distância.”

“Pobre William! Encontrou a bondade em pessoa no capelão do *Antuérpia*”, foi o terno comentário de Fanny, em perfeita consonância com seus sentimentos, embora não com o teor da conversação.

“Sou tão pouco inclinada a acatar as opiniões de meu tio que me custa imaginar...”, a srta. Crawford replicou. “E, já que o senhor insiste, devo dizer que, sendo atualmente hóspede de meu cunhado, o dr. Grant, tenho a possibilidade de ver como são os sacerdotes. O dr. Grant é muito gentil e atencioso comigo, é um verdadeiro cavalheiro, um homem culto, inteligente, muito respeitável, e geralmente prega bons sermões; mas *eu* também vejo nele um bon-vivant indolente e egoísta, que exige ser consultado em todas as circunstâncias, que não move uma palha para ajudar quem quer que seja e que descarrega o mau humor em sua excelente esposa quando a cozinheira faz alguma asneira. Para falar a verdade, Henry e eu fomos praticamente obrigados a sair ainda há pouco porque o ganso estava mal passado,

ele não conseguiu comer e se irritou. A coitadinha de minha irmã teve de ficar lá e aguentar.”

“Não me surpreendo com sua desaprovação. Esse é um péssimo defeito, agravado pelo mau hábito da autocomplacência; e ver sua irmã sofrer com isso deve ser muito doloroso para a senhorita. Fanny, fomos derrotados nesse ponto. Não temos como defender o dr. Grant.”

“Não”, Fanny concordou, “mas nem por isso vamos deixar de defender o sacerdócio; porque, em qualquer profissão que exercesse, o dr. Grant teria o mesmo gênio, que... que não é dos melhores; e, como na Marinha ou no Exército comandaria um número de pessoas muito maior do que na paróquia, acho que faria mais gente infeliz como marinheiro ou soldado do que como sacerdote. Além do mais, imagino que os possíveis defeitos do dr. Grant correriam maior risco de agravar-se numa ocupação mais ativa e mundana, em que ele tivesse menos tempo e menos obrigação... em que não tivesse de procurar conhecer a si mesmo ou, pelo menos, não precisasse se dedicar com tanta *frequência* a esse tipo de conhecimento do qual, como sacerdote, não pode escapar. Não é possível que um homem... sensato como o dr. Grant semanalmente ensine aos outros o que devem fazer, vá à igreja duas vezes todo domingo, pregue excelentes sermões e não se torne uma pessoa melhor. Tudo isso deve levá-lo a refletir, e não tenho dúvida de que, sendo clérigo, ele se esforça mais para controlar-se do que se tivesse outra ocupação.”

“Não podemos provar o contrário, por certo... mas desejo à srta. Price um destino melhor que ser a esposa de um homem cuja amabilidade dependa dos próprios sermões; pois, mesmo que, aos domingos, ele consiga ficar de bom humor em função de sua prédica, será muito desagradável ter de aguentar suas brigas por causa de gansos mal passados desde segunda-feira cedo até sábado à noite.”

“Acho que o homem capaz de brigar com Fanny será imune a qualquer sermão”, Edmund argumentou afetuosamente.

Fanny se aproximou mais da janela; a srta. Crawford só teve tempo de dizer, num tom amável: “Imagino que a srta. Price esteja mais habituada a merecer elogios que a recebê-los”, antes de correr para o piano, atendendo ao convite das irmãs Bertram para participar da

interpretação de uma canção; Edmund seguiu-a com os olhos, extasiado com suas numerosas virtudes, admirando-lhe desde as maneiras gentis até o passo leve e gracioso.

“Isso é que é bom humor”, ele comentou. “Esse é o tipo de temperamento incapaz de magoar quem quer que seja! Que jeito bonito de andar! E como ela se prontifica a fazer a vontade dos outros assim que a chamam!”, exclamou. “É uma pena que tenha ficado em tais mãos!”, acrescentou, após um momento de reflexão.

Fanny concordou e teve o prazer de vê-lo permanecer a seu lado, junto à janela, apesar da esperada canção; e de vê-lo, como ela, olhar para fora, onde tudo que havia de solene, de confortante, de encantador se revelava no esplendor de uma noite sem nuvens em contraste com o vulto negro das árvores. Fanny expressou o que sentia: “Isto é harmonia! Isto é paz! Isto é o que deixa para trás toda a pintura e toda a música; isto é o que só a poesia pode tentar descrever. Isto é o que pode afastar toda preocupação e levar o coração ao êxtase! Diante de uma noite como esta, parece impossível haver maldade ou sofrimento no mundo; e certamente haveria menos maldade e sofrimento se prestássemos mais atenção na sublimidade da natureza, se saíssemos mais de nós mesmos, contemplando uma paisagem como esta”.

“Gosto de ver seu entusiasmo, Fanny. É uma linda noite, e tenho pena das pessoas que não aprenderam a sentir o que você sente... que não aprenderam, desde cedo, a amar a natureza. Elas não sabem o que estão perdendo.”

“Foi *você* que me ensinou a pensar nisso e a sentir o que sinto.”

“Tive uma boa aluna. Lá está Arcturus, com todo o seu brilho.”

“Sim. E a urso. Eu gostaria de ver Cassiopeia.”¹

“Para isso temos de ir até o gramado. Está com medo?”

“De jeito nenhum. Faz muito tempo que não contemplamos as estrelas.”

“Realmente. Não sei por quê.” Teve início a canção. “Vamos esperar que terminem de cantar”, Edmund sugeriu, dando as costas para a janela; e, à medida que a canção avançava, Fanny percebeu, mortificada, que ele também avançava, aproximando-se pouco a

pouco do piano até que, quando a execução chegou ao fim, estava perto das cantoras, pedindo-lhes bis.

Fanny permaneceu sozinha junto à janela, suspirando, até que a sra. Norris a repreendeu por correr o risco de pegar um resfriado.

XII

Sir Thomas chegaria em novembro, mas o primogênito voltaria antes dessa data para honrar seus compromissos. Ao aproximar-se o mês de setembro, Tom enviou notícias através de duas cartas: a primeira, endereçada ao guarda-caça, e a segunda, a Edmund; e, no final de agosto, ele chegou, disposto a novamente mostrar-se alegre, simpático e galante de acordo com a ocasião ou com os caprichos da srta. Crawford, a falar das corridas, de Weymouth, de festas e de amigos — temas que, seis semanas antes, ela talvez escutasse com algum interesse, mas que agora, por força da comparação, só serviam para dar-lhe a plena convicção de que preferia o caçula.

Era uma pena, e a srta. Crawford lamentava sinceramente; mas era assim; e agora que já não pensava em esposar o primogênito, ela nem sequer se animava a mostrar-lhe seus atrativos, limitando-se àqueles que os direitos fundamentais da beleza consciente exigiam; com sua longa ausência, durante a qual não teve outro objetivo além do prazer nem outro juiz além da própria vontade, Tom deixara bem claro que não sentia nada por Mary; e sua indiferença era plenamente correspondida, pois, ainda que ele já fosse o proprietário de Mansfield Park, um perfeito Sir Thomas da cabeça aos pés, como acabaria sendo no devido tempo, ela não poderia aceitá-lo.

A temporada e os compromissos que obrigaram Tom Bertram a voltar para Mansfield levaram Henry Crawford para Norfolk. Everingham não podia prescindir de sua presença no início de setembro. Ele se demoraria por lá quinze dias; quinze dias de enfado que deveriam ser suficientes para que as jovens Bertram se pusessem em guarda e para que, mesmo invejando a irmã, Julia admitisse a absoluta necessidade de desconfiar das atenções do rapaz e desejar que ele não retornasse; quinze dias de lazer nos intervalos das caçadas e do sono que seriam suficientes para convencer o cavalheiro a prolongar

sua ausência, se ele estivesse acostumado a analisar os próprios motivos e a refletir sobre as possíveis consequências de sua vaidade; mas a imprevidência e o egoísmo decorrentes da prosperidade e do mau exemplo não lhe permitiam enxergar nada além do presente. Bonitas, inteligentes e sedutoras, as duas irmãs constituíam um divertimento para sua mente enfastiada; e, como não encontrasse em Norfolk nada que se igualasse aos prazeres sociais de Mansfield, ele de bom grado retornou na data prevista, e de bom grado o receberam as moças com as quais pretendia continuar brincando.

Restrita às atenções do sr. Rushworth, condenada a escutar os relatos repetitivos e minuciosos de suas atividades diárias, boas ou más, seus louvores aos próprios cachorros, sua inveja dos vizinhos, suas dúvidas quanto às qualificações desses vizinhos¹ e sua preocupação com os caçadores furtivos — temas que só com algum talento da parte do expositor ou algum afeto da parte da ouvinte poderiam despertar o interesse feminino —, Maria sentira muita falta do sr. Crawford. Sem compromisso e sem ocupação, Julia se achava no direito de sentir sua falta ainda mais. Cada uma acreditava ser a favorita: Julia por causa das insinuações da sra. Grant, que tendia a confundir desejo com realidade; e Maria por causa das insinuações do próprio sr. Crawford. Tudo voltou a ser como antes; sempre animado e simpático com ambas para não perder terreno com nenhuma das duas, ele procurava ser coerente, constante, solícito e caloroso na medida adequada para não chamar a atenção geral.

Fanny era a única que não estava gostando dessa situação; desde a visita a Sotherton, não conseguia ver o sr. Crawford com uma das primas sem que se pusesse a observá-los e quase sempre se surpreendia ou se escandalizava com alguma coisa; e, se estivesse tão segura do próprio julgamento nessas circunstâncias quanto em todas as outras, se tivesse certeza de ver claro e julgar honestamente, teria feito importantes comunicações a seu confidente habitual. Mas, como não era o caso, apenas arriscou uma insinuação que não foi compreendida: “Para mim foi uma surpresa o sr. Crawford voltar tão cedo, depois de ter ficado aqui sete semanas inteiras; pois eu pensava que ele gostava tanto de mudar de ares e viajar de um lado a outro que sempre

encontraria motivo para ir mais longe. Ele está acostumado com lugares mais divertidos que Mansfield”.

“O que depõe a favor dele e por certo agrada à irmã”, disse Edmund. “Ela não gosta dessa inquietação.”

“Minhas primas estão encantadas com ele!”

“Ele sabe agradar as mulheres. Parece que a sra. Grant desconfia de uma preferência por Julia; nunca percebi nada nesse sentido, mas gostaria que assim fosse. Ele não tem nenhum defeito que um relacionamento sério não consiga eliminar.”

“Se Maria não estivesse noiva, eu até diria que ele a admira mais que a Julia”, Fanny observou.

“O que talvez demonstre que ele gosta mais de Julia do que você imagina; pois creio que muitos rapazes, antes de se decidir, são mais atenciosos com a irmã ou a amiga íntima da moça que ocupa seus pensamentos do que com a própria moça. Crawford tem bom senso suficiente para ir embora, se achasse que corre algum perigo com Maria; quanto a ela, estou tranquilo, pois já percebi que seus sentimentos não são intensos.”

Fanny concluiu que se enganara e que devia mudar sua maneira de pensar; mas, apesar de toda a sua submissão a Edmund, apesar de todos os olhares e alusões que pareciam confirmar sua impressão de que Julia era a eleita do sr. Crawford, nem sempre sabia o que pensar. Uma noite, tomou conhecimento das esperanças e dos sentimentos da tia Norris, bem como dos sentimentos da sra. Rushworth, em relação a esse assunto e a um ponto semelhante e muito se surpreendeu; melhor teria sido não ouvir nada disso, enquanto os outros jovens dançavam e ela, muito contra a vontade, estava sentada entre as duas senhoras junto à lareira, ansiando pela volta do primo mais velho, seu único parceiro em potencial. Era seu primeiro baile, embora sem os preparativos ou o esplendor do primeiro baile de muitas moças, pois a ideia ocorrera naquela mesma tarde, quando se descobriu a presença de um violinista na ala dos criados e surgiu a possibilidade de formar cinco pares com a ajuda da sra. Grant e de um novo amigo de Tom que acabava de chegar. Havia sido, porém, um feliz acontecimento para Fanny, que tivera a oportunidade de dançar quatro vezes, e doía-lhe perder até mesmo um quarto de hora. Enquanto esperava, olhando

ora para os dançarinos, ora para a porta, teve de ouvir o seguinte diálogo.

“Acho que em breve voltaremos a ver carinhas felizes por aqui”, a sra. Norris comentou, observando o sr. Rushworth e Maria, que formavam par pela segunda vez.

“Realmente”, a outra senhora concordou com um sorriso afetado e altivo. “Agora é bom olhar para eles, e acho uma pena terem de se separar. Os jovens nessa situação deveriam ser liberados das formalidades habituais. Muito me admira que meu filho não tenha proposto isso.”

“Acho que propôs, sim. O sr. Rushworth nunca descuida de nada. Mas a querida Maria tem um senso de decoro muito rígido, tem aquela verdadeira delicadeza que raramente se vê hoje em dia, aquela vontade de evitar atenções excessivas! Minha cara senhora, olhe só para ela neste momento... está com uma expressão tão diferente em relação às duas últimas danças!”

Maria realmente parecia feliz, os olhos brilhando de prazer, e falava com grande entusiasmo, pois Julia e seu par, o sr. Crawford, estavam perto dela; e os quatro formavam um grupo compacto. Fanny não se lembrava de sua expressão anterior, pois estava dançando com Edmund e não pensara na prima.

“É uma satisfação enorme ver os jovens tão felizes, tão bem entrosados, tão como devem ser!”, a sra. Norris prosseguiu. “Sir Thomas vai ficar encantado. E o que me diz de mais um noivado? O sr. Rushworth deu o bom exemplo, e essas coisas são contagiosas.”

A sra. Rushworth, que só tinha olhos para o filho, não encontrou resposta. “O outro par. Não está vendo os sinais?”

“Ah, sim... a srta. Julia e o sr. Crawford. Sim, de fato, um belo par. Qual é a renda dele?”

“Quatro mil por ano.”

“Muito bom. Quem não tem mais, deve se contentar com o que tem. Quatro mil por ano é uma bela renda, e ele parece um rapaz fino, sensato; espero que a srta. Julia seja muito feliz.”

“Ainda não está nada resolvido. Só falamos disso entre amigos. Mas tenho quase certeza de que *assim será*. Ele se mostra cada vez mais atencioso.”

Fanny não pôde continuar ouvindo. Durante algum tempo, parou de escutar, pois viu Tom entrar e pensou que ele talvez lhe desse a grande honra de tirá-la para dançar. O rapaz se aproximou de seu pequeno círculo, mas, em vez de propor-lhe uma dança, puxou uma cadeira, sentou-se a seu lado e se pôs a falar de um cavalo doente e da opinião do cavaleiro, com o qual acabara de conversar. Fanny se deu conta de que seu desejo não seria atendido e, em sua modéstia, pensou que fora desarrazoado de sua parte esperar tanto. Encerrado o assunto do cavalo, ele pegou um jornal que estava na mesa e, enquanto corria os olhos pelas letras impressas, disse languidamente: “Se quiser dançar, estou a suas ordens”. Com maior civilidade ainda ela declinou do convite; não queria dançar. “Que bom”, ele disse num tom mais animado, jogando o jornal na mesa. “Estou morto de cansaço. Não sei como aguentam dançar tanto. *Todos* eles devem estar apaixonados para se divertir com essa bobagem... e imagino que estejam. Olhe só quantos pares de apaixonados... com exceção de Yates e a sra. Grant. E, cá entre nós, a pobre mulher também deve estar querendo que alguém se apaixone por ela. A vida dela com o reverendo deve ser um tédio sem fim”, concluiu com uma careta maliciosa, voltando-se para a cadeira do reverendo, mas então constatou que estavam muito perto um do outro e mudou de expressão e de assunto tão bruscamente que Fanny teve de fazer esforço para não rir, apesar de tudo. “Que coisa esquisita está acontecendo na América!² O que o senhor acha, dr. Grant? Sempre recorro ao senhor para saber o que devo pensar sobre situações desse tipo.”

“Tom, meu querido, já que não está dançando, espero que não veja nenhum inconveniente em jogar conosco”, a tia disse pouco depois e, levantando-se em seguida, aproximou-se para reforçar a proposta e explicar num sussurro: “Queremos formar uma mesa com a sra. Rushworth. Sua mãe bem que gostaria de participar, mas não pode largar a franja que está fazendo. Agora, você, eu e o dr. Grant somos suficientes; *nós* só apostamos meia coroa, mas você pode apostar meio guinéu com *ele*”.

“Seria um grande prazer”, o rapaz respondeu, levantando-se rapidamente. “Mas neste exato momento o que eu quero é dançar.

Vamos, Fanny”, acrescentou, segurando a mão da prima; “vamos logo, senão a música termina.”

Fanny se deixou levar de bom grado, embora não conseguisse sentir muita gratidão por ele, nem fosse capaz de estabelecer a diferença que o primo certamente estabelecia entre o egoísmo de outra pessoa e o próprio.

“Era só o que me faltava!”, ele exclamou, indignado, enquanto se afastavam. “Querer que eu fique duas horas preso numa mesa de jogo com ela e o dr. Grant, que vivem brigando, e com aquela velha abelhuda que entende tanto de uíste quanto de álgebra. Eu gostaria que minha boa tia fosse um pouco menos intrometida! E me pediu daquele jeito, sem a menor cerimônia, na frente de todo mundo, para não me dar a possibilidade de recusar! *Isso* é o que eu mais odeio. O que mais me irrita é fingir que está me pedindo, fingir que me dá liberdade de escolha e, ao mesmo tempo, falar de um modo que me obriga a fazer o que ela quer... seja lá o que for! Se eu não tivesse tido a feliz ideia de me levantar para dançar com você, não teria conseguido escapar. Isso é péssimo. Mas, quando minha tia mete uma ideia na cabeça, não há o que fazer.”

XIII

O honorável John Yates, esse novo amigo de Tom Bertram, não tinha muitas qualidades que o recomendassem, além de andar na moda, gastar muito e ser o caçula de um lorde com relativa independência financeira; e Sir Thomas provavelmente acharia indesejável sua presença em Mansfield. Os dois rapazes se conheceram em Weymouth, onde ao longo de dez dias frequentaram o mesmo círculo social, e sua amizade, se é que se poderia chamar de amizade, comprovou-se e consolidou-se com o convite do sr. Bertram ao sr. Yates para visitar Mansfield e a promessa do sr. Yates de que o faria assim que possível; e ele apareceu antes do que se esperava, por causa da repentina dissolução de um grande grupo ao qual se juntara, na casa de outro amigo, quando saiu de Weymouth. Chegou nas asas da desilusão e com a cabeça cheia de arte dramática, pois tratava-se de um grupo teatral; e, faltando apenas dois dias para a apresentação da peça em que desempenharia um papel, a morte repentina de um parente próximo da família arruinou o projeto e dispersou os atores. Estar tão perto da felicidade, tão perto da fama, tão perto do longo parágrafo de louvor ao teatro amador de Ecclesford, morada do honorável Lord Ravenshaw, na Cornualha, que certamente teria imortalizado todo o grupo ao menos por um ano! — estar tão perto e perder tudo foi um duro golpe, e o sr. Yates não conseguia falar de outra coisa. Ecclesford e seu teatro, com seus preparativos e figurinos, seus ensaios e brincadeiras, eram um tema inesgotável para ele, e vangloriar-se do passado era a única coisa que lhe servia de consolo.

Felizmente para ele, o amor ao teatro é tão comum, a vontade de atuar é tão grande entre os jovens em geral que ninguém se cansava de escutá-lo. Da primeira distribuição dos papéis ao epílogo, tudo era fascinante, e poucos se recusariam a participar de um projeto semelhante ou hesitariam em pôr à prova seu talento. A peça que iam

encenar era *Juras de amor*,¹ e o sr. Yates seria o conde Cassel. “Um papel pequeno”, explicou, “que não era de meu agrado e que eu não voltaria a aceitar; mas resolvi não criar problemas. Lord Ravenshaw e o duque já tinham se apoderado dos únicos papéis que valiam a pena antes de eu chegar a Ecclesford; Lord Ravenshaw até se prontificou a me ceder a parte dele, mas não aceitei, é claro. Era uma pena que se enganasse tanto em relação à própria capacidade, pois não estava absolutamente à altura do barão! Um homenzinho de voz fraca que em dez minutos já ficava rouco! Teria sido um desastre; mas eu estava decidido a não criar problemas. Sir Henry achava que o duque não servia para fazer Frederick, mas era porque queria o papel, que, afinal, estava com o menos ruim dos dois. Fiquei pasmo com a incompetência de Sir Henry. Ainda bem que a força da peça não dependia dele. Nossa Agatha era inimitável, e muitos acharam o duque excelente. E, tudo somado, o espetáculo teria sido uma beleza.”

“Foi realmente uma pena” e “Lamento muito pelo senhor” foram os amáveis comentários da atenta plateia.

“Não adianta chorar, mas com certeza a pobre viúva não poderia ter morrido em pior momento; e é impossível não querer que tivessem esperado três dias para dar a notícia. Só três dias. E, como a velha era só uma avó e morava a mais de trezentos quilômetros dali, esperar não teria sido tão horrível e até chegou a ser sugerido, que eu sei; mas Lord Ravenshaw, que eu considero um dos homens mais corretos da Inglaterra, não quis nem ouvir falar nisso.”

“Uma pequena farsa em lugar da comédia”, disse Tom. “*Juras de amor* acabou, e Lord e Lady Ravenshaw ficaram sozinhos para encenar *Minha avó*.² Enfim, a herança há de ser um consolo para *ele*; e, cá entre nós, talvez ele já estivesse temendo por seu prestígio e seus pulmões no papel do barão e não se importasse de sair de cena; e acho que, para compensar Yates, deveríamos criar um teatrinho aqui em Mansfield e pedir a ele que seja nosso diretor.”

Embora fosse fruto do momento, essa ideia não morreu com o momento; pois a vontade de representar havia despertado entre eles, e ninguém a sentia mais intensamente que Tom Bertram, que agora era o dono da casa e, com tempo livre suficiente para ver algo de bom em quase toda novidade, com seu temperamento vivaz e seu gosto pela

comédia, reunia os requisitos necessários para abraçar essa novidade de atuar. A ideia ressurgiu mais de uma vez. “Ah, se tivéssemos o teatro e os cenários de Ecclesford para tentar montar alguma coisa.” As irmãs lhe faziam coro; e Henry Crawford, que, com toda a sua extensa lista de prazeres, ainda não experimentara a satisfação de representar, estava empolgadíssimo. “Acho que sou louco o bastante para interpretar qualquer personagem que um escritor já concebeu, de Shylock ou Ricardo III ao herói cantante de uma farsa com seu casaco escarlate e seu chapéu de três bicos”, falou. “Eu me sinto capaz de desempenhar todo e qualquer papel, de declamar, esbravejar, suspirar, cabriolar em qualquer tragédia ou comédia em língua inglesa. Vamos fazer alguma coisa. Ainda que seja a metade de uma peça... um ato... uma cena. O que nos impede? Não essas carinhas, com certeza”, disse, olhando para as irmãs Bertram. “Quanto ao teatro, o que significa um teatro? Só queremos nos divertir. Qualquer sala desta casa serve para isso.”

“Precisamos de uma cortina”, Tom observou. “Alguns metros de pano verde devem ser suficientes.”

“Ah, são”, o sr. Yates concordou. “Um ou dois bastidores, uma porta e outra, três ou quatro cenários pintados bastam para o que nos propomos. Um simples divertimento entre amigos não requer mais que isso.”

“Acho que vamos ter de nos contentar com *menos*”, Maria alertou. “Não dispomos de tanto tempo, e podem surgir outras dificuldades. Acho que devemos acatar as opiniões do sr. Crawford e ter como nosso objetivo a *representação*, não o *teatro*. Muitos trechos de nossas melhores peças independem de cenário.”

“Ah, não!”, exclamou Edmund, que começava a assustar-se com o que ouvia. “Não vamos fazer nada pela metade. Se vamos representar, que seja num teatro completo, com plateia, camarote, galeria, e que seja uma peça inteira, do princípio ao fim; pode ser uma peça alemã,³ não importa qual, com uma farsa curta, cheia de peripécias, encerrando a função, e um número de dança e uma canção entre os atos. Se não for para fazer melhor que Ecclesford, então não vamos fazer nada.”

“Ora, não seja ranzinza”, Julia falou. “Ninguém gosta mais de teatro que você nem foi mais longe para ver uma peça.”

“É verdade, para ver bons desempenhos, bons atores experientes; mas eu não iria daqui até a sala ao lado para ver os toscos esforços de quem não foi treinado para representar... um bando de rapazes e moças tentando superar todas as desvantagens da educação e do decoro.”

Após um breve silêncio, a discussão prosseguiu com o mesmo entusiasmo, cada um demonstrando ainda mais vontade de atuar e descobrindo nos outros o mesmo desejo; e, embora as únicas conclusões a que chegaram fossem que Tom Bertram preferia uma comédia e suas irmãs e Henry Crawford, uma tragédia e que nada no mundo seria mais fácil que encontrar uma peça que agradasse a todos, a resolução de montar um espetáculo, qualquer que fosse, parecia tão firme que Edmund se alarmou. Ele estava decidido a impedir a execução do projeto, se pudesse, embora sua mãe, que igualmente ouvia a conversa travada à mesa, não manifestasse a menor desaprovação.

A mesma noite lhe proporcionou uma oportunidade de testar sua influência. Maria, Julia, Henry Crawford e o sr. Yates estavam na sala de bilhar. Tom os deixou lá e voltou para a sala de visitas, onde encontrou Edmund pensativo, de pé junto à lareira, Lady Bertram sentada no sofá, a pequena distância, e Fanny ao lado dela, ocupada com sua costura. “Acho que não existe no mundo uma mesa de bilhar tão horrível como a nossa!”, ele exclamou. “Não aguento mais isso. Nunca mais vou chegar perto dela. Mas descobri uma coisa boa. É o espaço ideal para o teatro, com a forma e as dimensões adequadas; e em cinco minutos podemos estabelecer uma comunicação entre as portas do fundo, simplesmente levando a estante para o gabinete do papai; é o melhor que poderíamos desejar. E o gabinete do papai há de ser um excelente camarim. Até parece que está ali ao lado de propósito.”

“Você não está falando sério sobre essa história de teatro, está?”, Edmund perguntou, quando o irmão se aproximou da lareira.

“Como não? Nunca falei mais sério na vida, pode crer. Por que o espanto?”

“Acho isso muito errado. Teatro caseiro *em geral* é malvisto; em *nosso* caso específico, seria uma insensatez. Mais que insensatez: seria uma demonstração de insensibilidade em relação a nosso pai, já que ele está ausente e exposto a perigos constantes; e seria uma imprudência em relação a Maria, que se encontra numa situação muito delicada, extremamente delicada, considerando o conjunto.”

“Você leva tudo muito a sério! Até parece que vamos representar três vezes por semana e convidar todo mundo para nos ver até nosso pai voltar. Mas não é nada disso. Só queremos nos divertir um pouco, fazer uma coisa diferente para quebrar a rotina. Não precisamos de plateia nem de publicidade. Confie em nós: vamos escolher uma peça sem nada de excepcional; e conversarmos no idioma elegante de um autor respeitável não me parece mais daninho ou mais perigoso que falarmos com nossas próprias palavras. Não tenho receio nem dúvida. E, quanto à ausência do papai, acho que é um motivo, e não um impedimento, pois a mamãe está vivendo um período de ansiedade, na expectativa da volta dele, e, se pudermos distraí-la e animá-la nas próximas semanas, teremos empregado muito bem nosso tempo, e ele será da mesma opinião. É um período de *muita* ansiedade para ela.”

A essas palavras, ambos olharam para a mãe. Mergulhada num canto do sofá, Lady Bertram era a própria imagem da saúde, da abastança, do conforto, da tranquilidade, e cochilava, enquanto Fanny terminava de resolver as dificuldades de sua costura.

Edmund sorriu e balançou a cabeça.

“Ah, não é bem assim!”, Tom exclamou e, soltando uma sonora gargalhada, jogou-se numa cadeira. “Ansiedade, querida mamãe? Que nada!”

“O que aconteceu?”, Lady Bertram perguntou, no tom hesitante de quem não acordou inteiramente. “Eu não estava dormindo.”

“Ora, mamãe... não... Ninguém achou que a senhora... Bom, Edmund”, Tom prosseguiu, retomando o assunto, a postura e a voz de antes, enquanto Lady Bertram mais uma vez se punha a cochilar. “Mas *garanto*: não vai fazer mal nenhum.”

“Não posso concordar com você... Tenho certeza de que nosso pai não vai gostar nem um pouco.”

“E eu tenho certeza do contrário. Nosso pai gosta de ver os jovens exercitarem o talento e os incentiva a isso mais que ninguém. Ele tem verdadeira paixão por tudo que se relaciona com a arte de representar e procurou incuti-la em nós, quando éramos crianças. Quantas vezes choramos sobre o cadáver de Júlio César e recitamos ‘Ser ou não ser’ nesta mesma sala, e ele adorou! E houve um ano em que declamamos ‘Meu nome era Norval’⁴ todas as noites, na época do Natal.”

“Era muito diferente. Será que você não percebe a diferença? Nosso pai queria que falássemos bem, porque ainda éramos estudantes, mas nunca iria querer que as filhas adultas fizessem teatro. Ele tem um senso de decoro muito rígido.”

“Eu sei de tudo isso”, Tom respondeu, irritado. “Conheço nosso pai tão bem quanto você e não vou permitir que as filhas dele façam nada que o aborreça. Cuide de seus assuntos, meu irmão, que do resto da família cuido eu.”

“Se você está mesmo decidido a encenar uma peça”, Edmund insistiu, “espero que seja modesto e discreto; e acho que não deveria tentar montar um teatro. Seria tomar liberdades indesculpáveis com a casa de nosso pai na ausência dele.”

“Eu assumo a responsabilidade por tudo isso”, Tom declarou resolutamente. “A casa de nosso pai não será prejudicada. Tenho tanto interesse em zelar por esta casa quanto você; e com relação às alterações que sugeri ainda há pouco, como tirar uma estante, abrir uma porta ou mesmo usar a sala de bilhar por uma semana para outra coisa que não é bilhar, você também poderia pensar que nosso pai não gostaria que passássemos mais tempo nesta sala e menos na sala de desjejum do que passávamos antes de ele partir, ou que ficássemos mudando de um lado para o outro o piano de nossas irmãs. Que absurdo!”

“A novidade, se não é errada em si mesma, é errada por acarretar gastos.”

“Ah, sim, gastos enormes! Tudo somado, deve custar umas vinte libras. Precisamos de alguma coisa parecida com um teatro, sem dúvida; mas será tudo muito simples; uma cortina verde, algum trabalhinho de carpintaria... e pronto; e, como Christopher Jackson pode se encarregar da carpintaria aqui mesmo, não faz sentido falar

em despesas; e, com Jackson ocupado, teremos o beneplácito de Sir Thomas. Não pense que só você nesta casa tem capacidade de ver e julgar. Não participe do espetáculo, se não lhe agrada, mas não queira impor sua vontade a todo mundo.”

“Minha participação no espetáculo está absolutamente fora de cogitação”, Edmund falou.

E, vendo Tom deixar a sala, só lhe restou sentar-se junto à lareira e atizar o fogo, pensativo e macambúzio.

Fanny, que ouvira toda a conversa e partilhava a opinião de Edmund, agora se arriscou a dizer, ansiosa para proporcionar-lhe algum consolo: “Talvez não consigam encontrar uma peça que agrade a todos. Parece que seus irmãos têm gostos muito diferentes”.

“Não conto com isso. Se persistirem no projeto, vão encontrar alguma coisa... vou conversar com minhas irmãs e tentar dissuadi-las; é tudo que posso fazer.”

“A tia Norris há de apoiá-lo.”

“Acredito que sim; mas ela não exerce tanta influência sobre meus irmãos que possa ser útil neste caso; e, se não puder convencê-los, vou deixar as coisas seguirem seu rumo, sem recorrer a ela. Briga de família é uma desgraça; não vamos fazer nada que possa semear a discórdia.”

Na manhã seguinte, Edmund teve a oportunidade de conversar com as irmãs, e elas se mostraram tão surdas a seus conselhos, tão refratárias a seus argumentos, tão decididas a defender a causa do prazer quanto Tom. A mãe não colocou objeções ao projeto, e eles não temiam a desaprovação do pai. Não podia haver mal nenhum no que já fora feito em tantas casas respeitáveis com a participação de tantas senhoras dignas da maior consideração; e seria o cúmulo do escrúpulo ver algo de censurável num projeto como o deles, que envolvia apenas irmãos e amigos íntimos e nunca chegaria ao conhecimento de ninguém. Julia *parecia* disposta a admitir que a situação de Maria talvez exigisse um pouco mais de tato e cautela, porém a *dela* não... *ela* estava livre; e Maria evidentemente acreditava que, em função do noivado, estava muito acima de qualquer restrição e era menos obrigada que Julia a consultar os pais. Edmund tinha poucas esperanças, mas ainda insistia no assunto, quando Henry

Crawford entrou na sala, vindo do presbitério, e anunciou: “Nosso teatro está completo, srta. Bertram. Não falta ninguém... Minha irmã deseja e espera ser aceita na companhia e ficará muito contente com o papel de uma aia velha ou de uma dócil confidente que as senhoritas não queiram representar”.

Maria lançou a Edmund um olhar que significava: “E agora, o que me diz? Será possível que estamos errados, se Mary Crawford pensa exatamente como nós?”. E Edmund se manteve em silêncio, vendo-se obrigado a reconhecer que o teatro com seu fascínio podia seduzir até mesmo uma mente genial; e o amor com seu engenho levou-o a fixar-se mais no teor delicado e gentil da mensagem que em qualquer outra coisa.

O projeto avançou. Edmund constatou que sua oposição era inútil e que se enganara, ao imaginar que a sra. Norris se oporia. Todas as objeções que ela apresentou foram anuladas em cinco minutos por Tom e Maria, que exerciam absoluto poder sobre a tia. E, como as providências a serem tomadas acarretariam pouquíssimos gastos para os demais e nenhum para ela mesma; como previa um período de grande atividade que a faria sentir-se importante e ainda lhe proporcionaria a vantagem imediata de ser obrigada a deixar sua própria casa, onde havia morado às próprias custas durante um mês, e instalar-se na casa da irmã, para dedicar todas as horas do dia ao serviço dos sobrinhos, a sra. Norris estava encantada com o projeto.

XIV

Fanny chegara mais perto da verdade do que Edmund imaginara. Encontrar uma peça que agradasse a todos não era nada fácil; o carpinteiro havia recebido suas encomendas, tomado suas medidas, apontado e resolvido pelo menos duas séries de dificuldades e já estava trabalhando, depois de demonstrar com absoluta clareza a necessidade de ampliar o projeto e aumentar os gastos, e ainda não se encontrara a peça ideal. Outros preparativos estavam em curso. Um enorme rolo de tecido verde chegara de Northampton, fora cortado pela sra. Norris (que, graças a sua imensa habilidade, conseguira economizar quase um metro) e já estava sendo transformado em cortina pelas empregadas, e ainda faltava a peça; e, como dois ou três dias transcorreram dessa maneira, Edmund até começava a acreditar que nunca achariam nada que lhes servisse.

Com efeito, havia tanta coisa para fazer, tanta gente para agradar, tantos atores reclamando bons papéis, tanta necessidade de encontrar uma peça que fosse, ao mesmo tempo, tragédia e comédia, que a possibilidade de acordo parecia tão remota quanto em qualquer objetivo que a juventude persegue com ardor.

A favor da tragédia estavam Maria e Julia Bertram, Henry Crawford e o sr. Yates; a favor da comédia, Tom Bertram, e não estava sozinho, pois era evidente que, embora se abstinhasse polidamente de expressar sua preferência, Mary Crawford o apoiava; mas ele parecia ter determinação e poder suficientes para não precisar de aliados; e, afora essa grande e irreconciliável diferença, queriam uma trama com poucas personagens, todas importantes, e três papéis femininos de destaque. Todas as melhores peças foram examinadas e rejeitadas. *Hamlet*, *Macbeth*, *Otelo*, *Douglas*, *O jogador* não tinham nada que contentasse nem mesmo os trágicos; e *Os rivais*, *A escola da maledicência*, *A roda da fortuna*, *O herdeiro legítimo*¹ e muitos outros

títulos esbarraram em objeções ainda mais veementes e também foram descartados. Em toda peça que se propunha alguém sempre via um inconveniente, e um lado ou outro repetia sem cessar: “Ah, não, *essa* não serve. Não vamos fazer tragédia empolada. Personagens demais. Nenhum papel feminino que preste. Qualquer coisa, menos *isso*, meu caro Tom. Não temos atores suficientes. Ninguém vai querer esse papel. Pura palhaçada do começo ao fim. *Essa* até que serviria, se não fossem os papéis secundários. Se *querem* saber minha opinião, sempre achei essa peça a mais insípida da língua inglesa. Longe de mim levantar objeções, eu gostaria muito de ajudar, mas acho que não poderíamos escolher nada pior”.

Fanny observava e escutava, divertindo-se com o egoísmo que, mais ou menos disfarçado, parecia governá-los e perguntando-se como haveria de acabar tudo aquilo. Para sua própria satisfação, até desejava que encenassem alguma coisa, pois nunca assistira a uma peça, mas considerações de maior importância impediam a execução do projeto.

“Assim não vai dar certo”, Tom Bertram por fim admitiu. “Só estamos perdendo tempo. Temos de tomar uma decisão. Temos de escolher alguma coisa, seja lá o que for. Não podemos ser tão exigentes. Algumas personagens a mais não devem nos assustar. Podemos fazer *dois* papéis. Temos de ser um pouco menos pretensiosos. Se um papel é insignificante, maior é nosso mérito em tirar algum partido dele. Não vou mais apresentar empecilhos. Vou aceitar o papel que vocês resolverem me dar, desde que seja cômico. Tem de ser cômico, é minha única condição.”

E pela quinta vez propôs *O herdeiro legítimo*, ainda sem saber ao certo se preferia desempenhar Lord Duberley ou o dr. Pangloss, e esforçou-se, sem sucesso, para convencer os outros de que a trama incluía algumas personagens trágicas.

O silêncio que se seguiu a esse esforço infrutífero foi rompido pelo mesmo Tom, que, folheando um dos muitos volumes de obras teatrais que estavam sobre a mesa, exclamou de repente: “*Juras de amor!* Se serviu para os Ravenshaw, deve servir para nós também! Como é que não pensamos nisso antes? Algo me diz que é precisamente o que queremos. O que vocês acham? Tem dois importantes papéis trágicos

para Yates e Crawford e o mordomo versejador para mim... se ninguém mais o quiser... um papelzinho insignificante, mas o tipo de coisa que não me desagrada, e, como eu já falei, aceito qualquer papel e estou decidido a dar o melhor de mim. E, quanto ao resto, qualquer um pode fazer. São só o conde Cassel e Anhalt”.

Todos acataram a sugestão. Já estavam cansados de tanta indecisão e concordaram que de todas as peças propostas até o momento essa parecia a mais indicada. O sr. Yates estava exultante; desejava muito representar o barão em Ecclesford, invejara as vociferações de Lord Ravenshaw e as declamara sozinho no quarto. Esbravejar na pele do barão Wildenhaim era o auge de sua ambição teatral, e, como ele ainda tinha a vantagem de saber de cor metade das cenas, ofereceu-se com grande entusiasmo para desempenhar o papel. Mas, justiça lhe seja feita, não tentou impor sua vontade, pois, lembrando que Frederick também tinha algumas falas altissonantes, manifestou igual disposição para encarnar essa personagem. Henry Crawford se prontificou a fazer qualquer um dos dois. Ficaria plenamente satisfeito com o que sr. Yates não escolhesse; e seguiu-se uma breve troca de cumprimentos. Interessada em interpretar Agatha, Maria se encarregou de resolver o problema, argumentando que estatura e porte eram elementos decisivos e que, sendo o mais alto, o sr. Yates lhe parecia mais indicado para fazer o barão. Todos reconheceram que tinha razão, os dois rapazes aceitaram seus respectivos papéis, e ela garantiu para si o Frederick que desejava. Três atores já estavam definidos; Maria explicou que o sr. Rushworth faria o que lhe pedissem; e então Julia, que tinha tanto interesse em Agatha quanto a irmã, mostrou-se preocupada com a srta. Crawford.

“Não estamos agindo bem com os ausentes”, começou. “As personagens femininas não são suficientes. Maria e eu temos Amelia e Agatha, mas não há nada para sua irmã, sr. Crawford.”

O sr. Crawford preferia que não se pensasse nisso; estava certo de que Mary não tinha vontade de atuar, só o faria se fosse necessário e não gostaria que cogitassem em sua participação. Porém Tom Bertram imediatamente afiançou que o papel de Amelia cabia, sob todos os aspectos, à srta. Crawford, se ela o aceitasse. “Pertence a ela tão naturalmente quanto o de Agatha a qualquer uma de minhas irmãs. E

não será um sacrifício para nenhuma das duas, já que é um papel cômico.”

Seguiu-se um breve silêncio. As irmãs pareciam ansiosas; pois cada uma se considerava a mais adequada para interpretar Agatha e esperava que os outros a convidassem insistentemente. Henry Crawford, que nesse meio-tempo corria os olhos pelo primeiro ato com aparente indiferença, resolveu a questão: “Eu tenho de implorar à srta. *Julia* Bertram que não faça o papel de Agatha, pois acabaria com toda a minha solenidade. A senhorita não deve fazê-lo, não deve... (voltando-se para ela) Eu não conseguiria encarar sua expressão angustiada, seu rosto pálido. Eu fatalmente me lembraria das muitas risadas que demos juntos, e Frederick com sua mochila seria obrigado a sair de cena”.

Tudo isso foi dito com graça e delicadeza; mas Julia se ateve ao conteúdo, sem atentar na forma. Percebeu num olhar de Henry a Maria a confirmação da ofensa contra sua pessoa; tratava-se de um plano — de um conluio; ela foi preterida, e a irmã, escolhida; o sorriso de triunfo que Maria tentava reprimir mostrava bem o entendimento entre ambos; e, antes que Julia conseguisse se controlar o bastante para falar, o irmão também se opôs a sua participação, argumentando: “Ah, sim, Maria deve fazer Agatha. Maria será a melhor Agatha. Julia acha que prefere a tragédia, mas não creio que se sairia bem nesse gênero. Ela não tem nada de trágico. Não parece trágica. Não tem feições trágicas, anda depressa demais, fala rápido demais e não conseguiria ficar séria o tempo todo. É melhor ela fazer a mulher do camponês; é melhor, Julia. Eu lhe garanto que é um ótimo papel. A velha senhora contrabalança a benevolência exagerada do marido com um bocado de humor. Você vai ser a mulher do camponês”.

“A mulher do camponês!”, o sr. Yates exclamou. “Mas o que é que você está dizendo? O papel mais trivial, mais insignificante, mais insípido... sem uma única fala aceitável. Sua irmã nesse papel! É uma ofensa! Em Ecclesford, quem ia fazer esse papel era a governanta. Todos nós concordamos que não poderíamos oferecê-lo a mais ninguém. Um pouco mais de justiça, senhor diretor, por favor. Você não merece o cargo, se não é capaz de apreciar os talentos de sua companhia.”

“Com relação a *isso*, meu bom amigo, enquanto eu e minha companhia não tivermos realmente atuado, estamos no campo das conjecturas; mas eu não tive a intenção de ofender Julia. Não podemos ter duas Agathas e precisamos de uma mulher do camponês; e sei que estou lhe dando um exemplo de modéstia, ao me contentar com o velho mordomo. Se o papel é insignificante, maior é o mérito dela em lhe dar algum destaque; e, se ela tem tanta ojeriza a tudo que é humorístico, que troque de papel e fique com as falas do camponês: *ele* é bem solene e patético. Isso não vai alterar o desenrolar da trama; e, quanto ao camponês, se ele ficar com as falas da mulher, eu o farei com todo o prazer.”

“Apesar de toda a sua simpatia pela mulher do camponês”, disse Henry Crawford, “não há como tornar esse papel digno de sua irmã, e não podemos abusar da bondade dela. Não podemos *permitir* que ela o aceite. Não podemos deixá-la à mercê da própria complacência. Ela tem de usar seu talento em Amelia. Amelia é uma personagem mais difícil de ser bem interpretada que Agatha. A meu ver, é a personagem mais difícil de toda a peça. É preciso muita habilidade, muita delicadeza para lhe dar graça e candura na medida certa. Tenho visto boas atrizes falharem nesse papel. Na verdade, candura é uma coisa rara entre as atrizes profissionais. Requer uma delicadeza de sentimentos que elas não têm. Requer uma dama... uma Julia Bertram. A senhorita *aceita* o papel?”, perguntou, voltando-se para ela com uma expressão ansiosa e suplicante que a aquietou um pouco; mas, enquanto ela hesitava, sem saber o que responder, o irmão novamente interveio a favor da srta. Crawford.

“Não, não, Julia não pode ser Amelia. Ela não tem nada a ver com Amelia. Não ia gostar desse papel. E não o faria bem. É muito alta, muito robusta. Amelia tem de ser uma moça miúda e magrinha, saltitante como uma menina. É a personagem ideal para a srta. Crawford e só para a srta. Crawford. Ela tem o físico adequado para o papel e sem dúvida há de interpretá-lo admiravelmente bem.”

Sem lhe dar atenção, Henry Crawford continuou suplicando: “A senhorita precisa nos ajudar, não pode negar-nos esse favor. Depois que estudar o papel, vai ver que lhe assenta como uma luva. A tragédia pode ser sua preferida, mas a comédia prefere a senhorita. A

senhorita vai ter de me visitar na prisão com uma cesta de comida; não vai se recusar a me visitar na prisão, não é? Já a imagino entrando com a cesta”.

Sua voz surtiu efeito. Julia novamente hesitou. Mas e se ele só estivesse tentando apaziguá-la para que relevasse a afronta anterior? Julia não confiava nele. A ofensa havia sido muito clara. E se tudo não passasse de uma pérfida brincadeira? Julia olhou com desconfiança para a irmã; a expressão de Maria lhe daria a resposta; se estivesse aborrecida e assustada... mas o que viu foi serenidade e satisfação e bem sabia que, nesse caso, Maria só podia estar feliz a suas custas. Assim, subitamente indignada, com a voz trêmula, Julia falou para o sr. Crawford: “Parece que o senhor não tem medo de perder a compostura quando eu entrar com a cesta de comida... embora se pudesse imaginar... mas só como Agatha eu seria tão irresistível!”. E calou-se. Henry Crawford parecia desconcertado, como se não soubesse o que dizer. Tom Bertram recomeçou:

“A srta. Crawford tem de ser Amelia. Será uma excelente Amelia.”

“Não se preocupe: *eu* não quero ser Amelia”, Julia gritou, furiosa. “Se não é para fazer Agatha, não faço ninguém; e, quanto a Amelia, acho que é a personagem mais horrível do mundo. Detesto essa mocinha odiosa, petulante, fingida, descarada. Nunca gostei de comédia, e essa é uma comédia da pior espécie.” E, dito isso, saiu às pressas da sala, deixando uns e outros envergonhados, mas despertando compaixão unicamente em Fanny, que tudo ouvira e sentia muita pena dessa criatura torturada pelo *ciúme*.

Um breve silêncio seguiu-se a sua saída; porém Tom logo retomou *Juras de amor*, pondo-se a folhear a peça sofregamente para tentar definir o cenário com a ajuda do sr. Yates, enquanto Maria e Henry Crawford conversavam em voz baixa, e a frase com que ela iniciou o diálogo — “Eu abriria mão do papel com a maior boa vontade, mas, se eu provavelmente o farei muito mal, *Julia* com certeza o faria pior” — recebia todos os cumprimentos desejados.

Algun tempo depois, completou-se a dissolução do grupo: Tom e o sr. Yates se afastaram para dar continuidade a suas deliberações na sala que começava a ser chamada de *O teatro*; e Maria resolveu ir até

o presbitério para oferecer à srta. Crawford o papel de Amelia. E Fanny ficou sozinha.

A primeira coisa que fez foi pegar o volume deixado sobre a mesa e tratar de ler a peça da qual tanto ouvira falar. A curiosidade levou-a a percorrer o texto com uma avidez que de quando em quando cedia lugar ao espanto: escolherem essa obra na presente circunstância — e para ser encenada em família! Agatha e Amelia pareciam-lhe, cada qual a seu modo, totalmente impróprias para uma representação caseira; a situação de uma e a linguagem da outra eram tão inadequadas a qualquer mulher de recato que Fanny chegou à conclusão de que as primas não sabiam bem o que estavam fazendo e desejou que as reprimendas de Edmund logo lhes abrissem os olhos.

XV

A srta. Crawford prontamente aceitou o papel, e, pouco depois de Maria retornar do presbitério, o sr. Rushworth chegou, o que resultou na escalação de mais um ator. Ofereceram-lhe o conde Cassel e Anhalt; sem saber qual escolher, ele pediu a opinião da noiva e, quando entendeu a diferença entre as duas personagens e lembrou que assistira à peça em Londres e achara Anhalt muito bobo, decidiu-se pelo conde. Maria aprovou a decisão, pois, quanto menos ele tivesse de decorar, melhor seria; e, embora não partilhasse seu desejo de que o conde e Agatha contracenassem e não tivesse muita paciência para vê-lo virar página por página na esperança de encontrar um diálogo entre ambos, amavelmente se encarregou de encurtar todas as suas falas passíveis de cortes e mostrou-lhe a necessidade de caprichar no figurino e escolher bem as cores. O sr. Rushworth gostou da ideia de apresentar-se todo engalanado, embora fingisse não se importar com isso, e estava ocupado demais em imaginar como ficaria com tantos atavios para pensar nos outros, para tirar qualquer uma das conclusões que Maria previra ou para aborrecer-se como ela pensara.

Tudo isso fora acertado sem o conhecimento de Edmund; ele passara o dia fora e, ao voltar para casa, antes do jantar, deparou com uma acalorada discussão entre Tom, Maria e o sr. Yates; assim que o viu entrar, o sr. Rushworth se adiantou, muito empolgado, para comunicar-lhe a boa nova:

“Encontramos a peça. *Juras de amor*. Eu vou fazer o conde Cassel e entro em cena primeiro com uma roupa azul e uma capa de cetim cor-de-rosa, depois com um belo traje de caçador... não sei se vou gostar.”

Fanny seguia Edmund com os olhos e, ao vê-lo mudar de expressão sob o efeito dessas palavras, avaliou o que ele estaria sentindo, e seu coração bateu mais forte.

“*Juras de amor!*”, ele se limitou a exclamar, num tom de profunda perplexidade, e olhou para os irmãos, esperando que desmentissem a informação.

“Isso mesmo”, o sr. Yates confirmou. “Depois de muita discussão e muitas dificuldades, descobrimos que não existe nada tão perfeito para nós, nada tão irreprochável quanto *Juras de amor*. Não sei como não pensamos nisso antes. Fui de uma burrice abominável, pois não me dei conta de que podemos aproveitar o que vi em Ecclesford; e é sempre bom ter alguma coisa que sirva de modelo! Já distribuímos quase todos os papéis.”

“Inclusive os femininos?”, Edmund perguntou, muito sério e olhando para Maria.

Ela corou ao responder: “Vou fazer o papel que era de Lady Ravenshaw, e (fitando-o com mais ousadia) a srta. Crawford ficou com Amelia”.

“Não pensei que entre *nós* fosse tão fácil encontrar atores para esse tipo de peça”, Edmund comentou, contrariado, e foi sentar-se perto da lareira, onde já estavam a mãe, a tia e a prima.

O sr. Rushworth aproximou-se para anunciar: “Eu entro em cena três vezes e tenho quarenta e duas falas. Nada mal, hein? Mas não estou gostando muito dos trajes que vou ter de usar. Acho que não vou me reconhecer de roupa azul e capa de cetim cor-de-rosa”.

Edmund não soube o que dizer. Minutos depois, Tom Bertram deixou a sala para atender o carpinteiro, que tinha algumas dúvidas para resolver; o sr. Yates o acompanhou, e o sr. Rushworth não demorou a segui-los. Edmund aproveitou a oportunidade para declarar: “Não posso falar o que penso dessa peça na frente do sr. Yates sem ser grosseiro com os amigos dele em Ecclesford. Mas agora, minha querida Maria, eu tenho de lhe dizer que acho essa peça totalmente imprópria para uma encenação familiar e espero que você desista de participar. Imagino que *vai* desistir, quando a tiver lido com toda a atenção. Leia só o primeiro ato em voz alta para sua mãe ou sua tia e veja se consegue aprová-la. Tenho certeza de que não será necessário submeter sua conduta ao julgamento de *seu pai*”.

“Nossos pontos de vista são muito diferentes”, Maria replicou. “Eu lhe garanto que conheço bem a peça e, com alguns cortes que

naturalmente serão feitos, não vejo nela nada de impróprio; e não sou a *única* moça que considera *Juras de amor* perfeitamente adequada para uma encenação familiar.”

“Lamento muito”, foi a resposta. “Mas, neste caso, é *você* que deve apontar o caminho. É *você* que deve dar o exemplo. Se os outros estão errados, cabe a você corrigi-los e mostrar-lhes o que é a verdadeira delicadeza. Em tudo que se refere a decoro, *sua* conduta tem de ser lei para os demais.”

Essa afirmação de sua importância surtiu algum efeito, pois ninguém gostava mais de apontar o caminho que Maria; e, mais bem-humorada, ela falou: “Eu lhe agradeço muito; sei que você tem as melhores intenções... mas ainda acho que leva tudo muito a sério; e nesse caso não sou eu que vou pregar sermão a ninguém. *Isso*, sim, seria uma tremenda falta de decoro”.

“Você acha mesmo que semelhante ideia me passou pela cabeça? Não... sua conduta será o único sermão... diga que, depois de examinar o papel, você percebeu que não poderia fazê-lo, que ele exige mais dedicação e segurança do que você pensa que tem. Diga isso com firmeza, e será mais que suficiente. Quem tem discernimento vai entender seu motivo. A peça será abandonada, e sua delicadeza receberá os devidos louvores.”

“Não represente nada impróprio, meu bem”, Lady Bertram recomendou. “Sir Thomas não iria gostar. Fanny, toque a sineta. É hora de jantar. Julia já deve estar pronta.”

“Tenho certeza de que Sir Thomas não iria gostar, mamãe”, interveio Edmund, antecipando-se à prima.

“Está ouvindo, meu bem?”

“Se eu abrir mão do papel”, Maria recomeçou com renovado ardor, “Julia certamente vai fazê-lo.”

“O quê? Mesmo sabendo o motivo?”, Edmund esbravejou.

“Ah, ela deve achar que, por causa da diferença entre nós... da diferença entre minha situação e a dela... não precisa ser tão cuidadosa quanto eu. Tenho certeza de que ela vai usar esse argumento. Não. Sinto muito, mas não posso voltar atrás. Muita coisa já foi resolvida; seria uma grande decepção para todo mundo. Tom

ficaria furioso; e, se formos exigentes demais, nunca vamos montar peça nenhuma.”

“Eu ia dizer a mesma coisa”, declarou a sra. Norris. “Se ficarem encontrando defeito em toda peça, não vão encenar nenhuma... e os preparativos vão ser dinheiro jogado fora... o que seria uma vergonha para todos nós. Não conheço a peça, mas, como diz Maria, se tem alguma coisa um pouco picante, e a maioria tem, é fácil cortar. Não precisamos ser tão escrupulosos, Edmund. Como o sr. Rushworth também vai participar, não há mal nenhum. Eu só lamento que Tom não soubesse o que queria quando os carpinteiros começaram a trabalhar, pois eles perderam meio dia com aquelas portas laterais. Mas a cortina vai ser um bom negócio. As empregadas estão fazendo um excelente trabalho, e acho que vamos conseguir devolver algumas dezenas de argolas. Não há necessidade de colocá-las tão perto umas das outras. Espero ter alguma serventia para evitar desperdício e aproveitar tudo ao máximo. É sempre bom que uma pessoa sensata oriente os jovens. Eu me esqueci de contar a Tom uma coisa que aconteceu hoje. Fui cuidar do galinheiro e, ao sair de lá, vi Dick Jackson caminhando na direção da entrada de serviço com duas tábuas nas mãos; o fato é que a mãe o mandou levar um recado para o pai, e o pai, por sua vez, o mandou buscar as tábuas, das quais precisava muito. Entendi o que isso significava, pois nesse exato momento o sino estava chamando os empregados para almoçar; e, como odeio gente interesseira... os Jackson são muito interesseiros, eu sempre disse isso... o tipo de gente que pega tudo que pode... eu falei sem rodeios para o menino, um molecote de dez anos, que devia ter vergonha na cara: ‘*Eu* levo as tábuas para seu pai, e você volte já para sua casa’. O menino ficou bobo e foi embora sem abrir a boca, pois acredito que fui taxativa; e acho que depois disso ele vai parar de rondar a casa por um tempo... odeio cobiça... e seu pai é tão bom para essa família, mantém esse homem ocupado o ano inteiro!”

Ninguém se deu o trabalho de responder; os outros logo voltaram, e Edmund percebeu que só lhe restava a satisfação de ter se esforçado para corrigi-los.

O jantar transcorreu num clima tenso. A sra. Norris relatou novamente sua vitória sobre Dick Jackson, mas ninguém falou muito

da peça nem dos preparativos, pois a desaprovação de Edmund pesava até mesmo sobre Tom, embora ele não o admitisse. Maria, sem o estimulante apoio de Henry Crawford, achou melhor não tocar no assunto. O sr. Yates, que tentava ser agradável a Julia, descobriu que sua tristeza era menos impenetrável se ele se abstivesse de lamentar seu afastamento da companhia; e o sr. Rushworth, que só pensava no próprio papel e nos próprios trajes, logo esgotou ambos os temas.

Mas só por uma hora ou duas não falaram no teatro; tinham muita coisa para resolver; e, assim que foram para a sala de visitas, Tom, Maria e o sr. Yates, encorajados pelos espíritos da noite, reuniram-se em torno de uma mesa à parte, abriram seu exemplar de *Juras de amor* e estavam prestes a mergulhar fundo na peça quando chegaram o sr. e a srta. Crawford, que, apesar do adiantado da hora, da escuridão e do mau tempo, não puderam deixar de ir e foram recebidos com gratidão e alegria.

“E, então, em que pé estamos?”, “O que vocês decidiram” e “Ah, não podemos fazer nada sem vocês”, seguiram-se às primeiras saudações; e Henry Crawford logo se sentou à mesa com os outros três, enquanto Mary se dirigia a Lady Bertram para apresentar-lhe seus amáveis cumprimentos. “Quero felicitá-la pela escolha da peça”, disse ela, “pois, embora a senhora tenha aguentado tudo isso com uma paciência admirável, estou certa de que deve estar cansada de nossas discussões e nossas dificuldades. Os atores podem estar contentes, mas os observadores devem estar infinitamente agradecidos por se ter tomado uma decisão; e por isso me congratulo sinceramente com a senhora, com a sra. Norris e com todo mundo que se encontra na mesma situação”, concluiu, ignorando Fanny e lançando a Edmund um olhar meio temeroso, meio maroto.

Lady Bertram agradeceu polidamente, mas Edmund permaneceu em silêncio. Não havia como negar que era apenas um observador. Depois de conversar por alguns minutos com o grupo sentado junto à lareira, a srta. Crawford voltou-se para o grupo sentado ao redor da mesa e ali ficou de pé, aparentemente interessada em sua discussão, até que, como se de repente se lembrasse de algo muito importante, falou: “Meus bons amigos, eu sei que vocês estão aí tentando decidir como devem ser essas casinhas e essas tabernas, por dentro e por fora... mas

digam, por favor, qual será meu destino. Quem vai fazer Anhalt? Qual dos senhores terei o prazer de amar?”.

Durante alguns segundos ninguém abriu a boca; e por fim muitos falaram ao mesmo tempo para revelar a triste verdade: ainda não tinham um Anhalt. “O sr. Rushworth vai ser o conde Cassel, mas ninguém ficou com Anhalt.”

“Eu tive a possibilidade de escolher, e achei que gostaria mais de fazer o conde... apesar de que não me agrada muito o figurino rebuscado que vou ter de usar”, o sr. Rushworth informou.

“O senhor fez uma ótima escolha, sem dúvida”, a srta. Crawford lhe assegurou, mais animada. “Anhalt é um papel difícil.”

“O *conde* tem quarenta e duas falas”, o sr. Rushworth retrucou; “não é pouca coisa.”

“Não estou nem um pouco surpresa por não termos um Anhalt”, a srta. Crawford comentou após um breve silêncio. “Amelia está tendo o que merece. Uma moça tão atirada assusta os homens.”

“Eu gostaria muito de fazer Anhalt”, disse Tom, “mas infelizmente ele e o mordomo estão em cena ao mesmo tempo. Mas eu não desisto... vou ver o que é possível fazer... vou reestudar a questão.”

“Seu irmão deveria ficar com o papel”, o sr. Yates sugeriu em voz baixa. “Você não acha?”

“*Eu* é que não vou pedir isso para ele”, Tom retorquiu com frieza e determinação.

A srta. Crawford mudou de assunto e pouco depois voltou para o grupo junto à lareira. “Eles não precisam de mim”, suspirou, sentando-se. “Eu só os atrapalho, só os obrigo a me darem respostas gentis. Sr. Edmund Bertram, já que não vai participar, pode ser um conselheiro imparcial, e, portanto, recorro *ao senhor*. Como vamos conseguir um Anhalt? Será que alguém poderia fazer dois papéis? O que o senhor acha?”

“Acho que devem escolher outra peça”, ele calmamente respondeu.

“*Eu* não tenho nada contra”, ela replicou; “pois, embora não me desagrade o papel de Amelia, se tiver um bom coadjuvante... quer dizer, se tudo correr bem... não quero criar problema... mas como *naquela mesa* resolveram não ouvir seu conselho... (olhando em torno)... certamente não o aceitarão.”

Edmund permaneceu calado.

“Creio que, se *algum* papel pudesse convencê-lo a participar da encenação, seria o de Anhalt”, ela acrescentou num tom jocoso, após uma breve pausa; “pois, não sei se o senhor sabe, trata-se de um sacerdote.”

“Essa circunstância absolutamente não me convenceria, pois eu lamentaria tornar a personagem ridícula com minha péssima atuação. Deve ser difícil não fazer de Anhalt um pregador solene e formal, e quem escolhe essa profissão é, talvez, a última pessoa que se prestaria a viver um clérigo no palco.”

Em silêncio, ressentida e embaraçada, a srta. Crawford levou sua cadeira para mais perto da mesa do chá e passou a dar atenção à sra. Norris.

“Fanny”, Tom Bertram chamou desde a outra mesa, onde a acalorada discussão prosseguia sem cessar, “precisamos de seus préstimos.”

Num instante, Fanny se pôs de pé, certa de que a mandariam levar algum recado ou buscar alguma coisa, pois não perderam o hábito de confiar-lhe esse tipo de serviço, apesar dos esforços de Edmund.

“Ah, não precisava se levantar. Não queremos que você faça nada, *por enquanto*. Só queremos que participe de nossa montagem. Você tem de ser a mulher do camponês.”

“Eu!”, ela exclamou, apavorada, e sentou-se novamente. “Por favor, não me peçam isso. Eu não conseguiria interpretar um papel nem que vocês me dessem o mundo inteiro. Não, eu não sei representar.”

“Mas você tem de aceitar. Não se assuste: é um papelzinho insignificante, com meia dúzia de falas; e, se ninguém escutar uma palavra do que você disser, não tem a menor importância. Você até pode ficar encolhidinha num canto, desde que fique no palco.”

“Se a senhorita está com medo de meia dúzia de falas, não sei o que faria com um papel como o meu”, o sr. Rushworth comentou. “Tenho quarenta e duas falas para decorar.”

“Decorar não me dá medo”, Fanny explicou, horrorizada por ser a única das pessoas presentes que estava falando nesse momento e por sentir-se alvo de quase todos os olhares; “mas é que eu não sei mesmo representar.”

“Sabe, sim; você sabe o suficiente para *nós*. Decore seu papel, que lhe ensinamos o resto. Você só tem duas cenas, e, como eu vou ser o camponês, posso lhe dar as deixas e orientá-la; garanto que você vai se sair muito bem.”

“Não, não, de jeito nenhum. Você nem imagina. Seria absolutamente impossível. Se eu aceitasse, só iria desapontá-lo.”

“Bobagem! Não seja tão acanhada. Você vai se sair muito bem. Pode contar com toda a nossa complacência. Ninguém aqui está atrás de perfeição. Com um vestido marrom, um avental branco e uma touca, além de umas rugas e uns pés de galinha que vamos providenciar, você será uma perfeita velhinha.”

“Não me peça isso, por favor”, Fanny gritou, agitadíssima, enrubescendo cada vez mais e olhando aflita para Edmund, que a observava com carinho, mas se limitou a dirigir-lhe um sorriso encorajador, para não exasperar o irmão com sua interferência. A súplica da pobre moça não surtiu efeito sobre Tom, que apenas repetiu o que havia dito; e agora não estava sozinho, pois Maria, o sr. Crawford e o sr. Yates lhe faziam coro com uma insistência que, embora mais gentil ou mais cerimoniosa que a dele, angustiou-a ainda mais; e, antes que Fanny tivesse tempo para respirar, a sra. Norris acabou de arrasá-la, sussurrando-lhe num tom irritado e audível: “Quanto barulho por nada... Que vergonha, criar tanta dificuldade para fazer um pequenino favor a seus primos... E eles são tão bons com você! Aceite logo o papel, e vamos encerrar esse assunto”.

“Não insista, titia”, Edmund interveio. “Não é justo forçá-la dessa maneira. A senhora está vendo que ela não quer participar da peça. Vamos deixá-la decidir livremente como todos nós. Podemos confiar no bom senso de Fanny. Não insista mais.”

“Não vou mais insistir”, a sra. Norris rebateu, rispidamente, “mas acho que é muita teimosia, é muita ingratidão não fazer o que a tia e os primos querem... é muita ingratidão, realmente, considerando quem ela é e o que ela é.”

Edmund estava furioso demais para responder; porém, a srta. Crawford, olhando, atônita, primeiro para a sra. Norris e depois para Fanny, cujas lágrimas começavam a transbordar, de imediato anunciou com alguma sutileza: “Não quero mais ficar *aqui*; está quente demais

para mim”, e levou sua cadeira para o lado oposto da mesa, para perto de Fanny, cochichando-lhe, enquanto se sentava: “Não fique triste, minha querida srta. Price... as coisas não vão bem... estão todos mal-humorados, implicando uns com os outros”; e atenciosamente continuou falando com ela e esforçando-se para animá-la, apesar do próprio desânimo. Com um simples olhar dirigido ao irmão impediu que o grupo do teatro voltasse a insistir, e com sua demonstração de bons sentimentos, praticamente isentos de segundas intenções, não tardou a recuperar os poucos pontos que perdera no conceito de Edmund.

Fanny não lhe dedicava grande estima, porém agradeceu-lhe a bondade; e quando, depois de manifestar interesse por sua costura, expressar o desejo de costurar tão bem e pedir-lhe o molde; depois de dizer que a srta. Price provavelmente estava se preparando para sua *apresentação* à sociedade, o que decerto ocorreria no casamento da prima, a srta. Crawford lhe perguntou se recebera notícias de seu irmão marinheiro, contou-lhe que tinha muita curiosidade de conhecê-lo e que o imaginava como um belo rapaz e aconselhou-a a providenciar um retrato de William antes que ele partisse novamente, Fanny se sentiu lisonjeada e não pôde deixar de ouvir e responder com mais entusiasmo do que pretendia.

A discussão sobre a peça prosseguia, e Tom Bertram interrompeu a conversa entre as duas moças para comunicar à srta. Crawford, com infinito pesar, que não poderia fazer o papel de Anhalt e o do mordomo; que tentara de todos os modos conciliá-los e não conseguira; que tinha de desistir. “Mas não vai ser difícil encontrar quem o faça”, acrescentou. “Só temos de espalhar a notícia; e, depois, escolher. Agora mesmo eu poderia mencionar pelo menos seis rapazes, num raio de dez quilômetros, que estão loucos para participar de nossa companhia, e um ou dois não fariam feio. Eu não teria medo de apostar num dos Oliver ou em Charles Maddox. Tom Oliver é muito inteligente; e Charles Maddox é um cavalheiro; portanto, amanhã de manhã vou pegar meu cavalo para ir até Stoke conversar com um deles.”

Enquanto o irmão falava, Maria olhava, apreensiva, para Edmund, esperando que ele se opusesse a essa ampliação do projeto, tão

contrária a tudo que haviam prometido inicialmente; mas Edmund se manteve em silêncio. Depois de refletir por um instante, a srta. Crawford calmamente declarou: “Quanto a mim, não pretendo apresentar objeção ao que todos considerarem aceitável. Será que já vi algum desses senhores? Ah, sim, o sr. Charles Maddox jantou na casa de minha irmã ainda outro dia; não jantou, Henry? Um rapaz de aparência bem tranquila. Eu me lembro dele. Fale com ele, por favor, pois para mim será menos desagradável que contracenar com um perfeito desconhecido”.

Charles Maddox seria o escolhido. Tom reafirmou sua resolução de ir procurá-lo na manhã seguinte; e, embora Julia, que mal abrira a boca até então, observasse com sarcasmo, olhando primeiramente para Maria e depois para Edmund, que “o Teatro Amador de Mansfield animaria muitíssimo toda a vizinhança”, Edmund ainda se manteve em silêncio, o rosto sério demonstrando o que sentia.

“Não estou muito empolgada com essa peça”, a srta. Crawford cochichou para Fanny, depois de uma breve reflexão; “e pretendo informar ao sr. Maddox que vou cortar algumas falas *dele* e muitas das *minhas*, antes de começarmos a ensaiar. Vai ser muito desagradável; e nem de longe é o que eu esperava.”

XVI

A srta. Crawford não conseguiu fazer a srta. Price esquecer realmente o que acontecera. Quando a reunião terminou, Fanny foi para o quarto com a cabeça fervilhando, os nervos ainda abalados em função do assédio tão público e tão insistente do primo Tom, o ânimo arrasado pela dura reprimenda da tia. Ver-se posta em evidência daquela maneira, descobrir que aquilo era apenas o prelúdio de uma coisa infinitamente pior, ser intimada a fazer algo tão impossível como representar, e depois ouvir a acusação de teimosia e ingratidão, reforçada pela alusão a sua dependência da família — tudo isso tinha sido doloroso demais no momento em que ocorrera para doer-lhe menos na lembrança, agora que estava sozinha e, ainda por cima, temia que o assunto voltasse à baila no dia seguinte. A srta. Crawford só a protegera naquela ocasião; e se Tom e Maria voltassem a pressioná-la com sua autoritária insistência e Edmund não estivesse em casa — o que ela faria? Fanny adormeceu antes de encontrar uma resposta, e, de manhã, quando acordou, a pergunta não lhe parecia menos angustiante. Como o pequeno sótão branco onde dormia desde que chegara a Mansfield Park se revelasse incapaz de sugerir-lhe alguma solução, ela se vestiu e foi para um aposento mais espaçoso, que lhe permitia andar de um lado para o outro enquanto refletia e que praticamente se tornara sua propriedade havia já algum tempo. Era a antiga sala de aula, assim chamada até as jovens Bertram abolirem essa denominação e o uso que a justificava. Ali a srta. Lee havia morado; ali elas leram e escreveram, falaram e riram, até a professora ir embora, fazia três anos. A sala perdeu a função e só não ficou completamente abandonada porque Fanny entrava para cuidar de suas plantas ou pegar um de seus livros, que guardava ali por falta de espaço em seu quartinho no andar de cima; e pouco a pouco, à medida que apreciava mais e mais o conforto que esse cômodo lhe

proporcionava, passou a considerá-lo parte de seus domínios e a ocupá-lo por mais tempo; e, como não encontrasse oposição, acabou por apoderar-se dele tão naturalmente que agora todos o viam como propriedade sua. Reconheciam que a sala leste, como era chamada desde que Maria Bertram completara dezesseis anos, agora pertencia a Fanny quase tanto quanto o sótão branco; as exíguas dimensões de um tornavam tão razoável a ocupação da outra que as irmãs Bertram, cujos aposentos eram muito superiores, como exigia seu senso de superioridade, aprovavam inteiramente; e a sra. Norris, tendo decretado que nunca se acenderia a lareira só para Fanny, aceitou a contragosto que ela usasse um cômodo que ninguém mais queria, embora os termos em que às vezes se referia a esse favor dessem a entender que se tratava do melhor lugar da casa.

A localização da antiga sala de aula era tão favorável que, mesmo sem fogo na lareira, Fanny a achava perfeitamente habitável em muitas manhãs, desde o início da primavera até o final do outono; e, no inverno, esperava que o frio não a expulsasse, enquanto houvesse um raio de sol. Ali encontrava enorme conforto em suas horas de lazer. Ali se refugiava quando ocorria algo desagradável, e imediatamente se consolava com alguma atividade ou alguma reflexão. Ali tinha suas plantas, seus livros — que colecionava desde que ganhara seu primeiro xelim —, sua escrivainha, seus habilidosos trabalhos de caridade; e, quando não queria fazer nada, quando só conseguia devanear, bastava-lhe contemplar qualquer um dos objetos a seu redor para lembrar-se de algo interessante. Cada um desses objetos era para ela um amigo ou a fazia pensar num amigo; e, embora por vezes tivesse sofrido muito, embora seus motivos com frequência tivessem sido mal interpretados, seus sentimentos, desconsiderados e sua inteligência, subestimada, embora ela tivesse conhecido as dores da tirania, da zombaria e do abandono, quase sempre seus dissabores levaram a algo consolador: tia Bertram a defendera, a srta. Lee a encorajara ou, o que era ainda mais comum ou mais importante, o querido Edmund agira como seu defensor e amigo; apoiara sua causa ou explicara seu intuito, pedira-lhe para não chorar ou lhe dera alguma prova de afeição que tornara suas lágrimas deliciosas; e com o tempo tudo isso se misturara tão harmoniosamente

que cada aflição do passado tinha algum encanto. Fanny gostava muito da antiga sala de aula e não trocava seus móveis nem pelos mais bonitos da mansão, apesar de serem muito simples e exibirem as marcas dos maus-tratos infligidos pelas crianças; o que ali havia de mais elegante e decorativo eram: um escabelo desbotado feito por Julia e tosco demais para ficar na sala de visitas; três transparências que remontavam a uma época de verdadeira coqueluche por esse tipo de estampa e foram coladas na parte inferior da vidraça, com a abadia Tintern entre uma caverna na Itália e um lago enluarado em Cumberland; uma coleção de silhuetas da família que, consideradas indignas de qualquer outro lugar da casa, estavam sobre a lareira; e, pregado na parede, o pequeno esboço de um navio que William enviara do Mediterrâneo havia quatro anos, com a inscrição HMS* *Antuérpia* em letras tão grandes quanto o mastro principal.

Agora Fanny se dirigia para esse ninho confortante, na esperança de que lhe apaziguasse a mente agitada e cheia de dúvidas e lhe permitisse captar algum conselho de Edmund, contemplando sua silhueta, ou receber um sopro de energia, arejando os gerânios. Mas não lhe bastaria afastar os temores em relação à própria perseverança, pois agora estava indecisa quanto ao que *devia fazer*, e caminhar pela sala só aumentava sua indecisão. Era *justo* recusar o que lhe pediram com tanta insistência, o que desejavam com tanto ardor? Recusar o que podia ser essencial para a realização de um projeto tão caro a quem ela devia sempre procurar agradar? Não era maldade, egoísmo, medo de se expor? E a opinião de Edmund, sua certeza da desaprovação de Sir Thomas constituíam justificativa suficiente para essa recusa? Representar era algo tão assustador que a fazia desconfiar da autenticidade e da pureza dos próprios escrúpulos; ela olhou em torno, e o direito dos primos a sua complacência parecia confirmar-se em cada um dos muitos presentes que lhe haviam dado. A mesa entre as janelas estava coberta de caixas de costura e estojos de bordado que ganhara deles, sobretudo de Tom, em várias ocasiões; e o tamanho da dívida que todas essas gratas lembranças representavam deixou-a ainda mais confusa. Uma batida na porta interrompeu seus esforços para tentar identificar seu dever, e seu gentil “pode entrar” conduziu a

sua presença a pessoa a quem ela costumava expor todas as suas dúvidas. Seus olhos brilharam ao ver Edmund.

“Posso falar com você um instante?”, ele perguntou.

“Sim, claro.”

“Quero lhe pedir um conselho. Preciso saber sua opinião.”

“Minha opinião!”, ela exclamou, estremecendo e, ao mesmo tempo, exultando com tal deferência.

“Sim, seu conselho e sua opinião. Não sei o que fazer. Essa história do teatro está ficando cada vez pior. Eles escolheram a pior peça possível; e agora, para completar, vão pedir a ajuda de um rapaz que mal conhecemos. Isso é o fim de toda a privacidade, de todo o decoro que discutimos no começo. Não sei de nada que deponha contra Charles Maddox, mas é inaceitável a intimidade excessiva que vai resultar da inclusão dele no grupo... *mais* que a intimidade... a familiaridade. Não consigo pensar nisso sem me irritar... e o mal me parece tão grande que é preciso evitá-lo, *se possível*. Você não acha?”

“Sim, mas o que se há de fazer? Seu irmão está tão decidido!”

“Só há *uma* solução: é eu aceitar o papel de Anhalt. Só assim Tom vai sossegar.”

Fanny permaneceu em silêncio.

“Não que eu queira”, Edmund prosseguiu. “Ninguém quer parecer *incoerente*. Como me opus ao projeto desde o início, é absurdo concordar em participar *agora*, quando estão passando dos limites em todos os aspectos; mas não vejo outra alternativa. E você?”

“Também não vejo”, ela respondeu lentamente. “Não de imediato... mas...”

“Mas o quê? Parece que você não concorda comigo. Pense um pouco. Talvez não esteja vendo com a mesma clareza que eu os problemas que *podem* surgir, os transtornos que *sempre* surgem, quando um rapaz é recebido desse modo... participa da vida da família... tem permissão para vir a qualquer hora... é colocado numa posição que elimina todas as barreiras. Basta pensar nas liberdades que cada ensaio pode criar. Tudo isso é péssimo! Ponha-se no lugar da srta. Crawford. Imagine o que seria contracenar com um estranho. Ela está numa situação lamentável e tem plena consciência disso. Ontem à noite ouvi o bastante do que ela lhe disse para entender sua relutância

em atuar com um desconhecido; e como ela provavelmente esperava outra coisa, quando se comprometeu a fazer o papel... talvez por não ter estudado o assunto com mais atenção para saber do que se tratava... submetê-la a isso seria falta de generosidade, seria realmente errado. Temos de respeitar os sentimentos da srta. Crawford. Não lhe parece? Você está em dúvida.”

“Eu sinto muito pela srta. Crawford, mas lamento ainda mais por você, que acabou sendo obrigado a fazer uma coisa que não aprova e que acredita que vai desagradar a titio. Há de ser uma vitória para os outros!”

“Eles não terão muito motivo para celebrar essa vitória, quando virem o mau ator que sou. Mas com certeza há de ser uma vitória, e só me cabe enfrentá-la. Por outro lado, se com isso eu conseguir impedir que a notícia se espalhe, que a exposição se prolongue e que nossa loucura ultrapasse os limites, vou me dar por bem pago. Em minha atual situação, não tenho a menor influência sobre eles, não posso fazer nada; eu os ofendi, e eles não vão me escutar; mas com essa concessão espero devolver-lhes o bom humor e convencê-los a restringir a representação a um círculo bem menor do que têm em mente. Vai ser um ganho concreto. Meu objetivo é restringir o espetáculo à sra. Rushworth e aos Grant. Você não acha que vale a pena?”

“Sim, esse é um ponto importante.”

“Mas você ainda não aprova. Pode sugerir outra maneira de eu me tornar útil?”

“Não, não me ocorre nada.”

“Então diga que me aprova. Não me sinto bem sem sua aprovação.”

“Ah, primo!”

“Se você está contra mim, tenho de desconfiar de mim mesmo... e no entanto... Tom não pode ficar andando por aí, procurando alguém que concorde em participar da peça... seja lá quem for, desde que pareça um cavalheiro. Achei que *você* entenderia melhor os sentimentos da srta. Crawford.”

“Ela vai ficar muito contente, sem dúvida. Vai se sentir aliviada”, disse Fanny, tentando demonstrar algum entusiasmo.

“A srta. Crawford nunca me pareceu tão amável como ontem à noite, quando estava falando com você. O que a tornou merecedora de toda a minha boa vontade.”

“Ela *foi* muito gentil, realmente; e estou feliz que tenha sido poupada...”

Fanny não concluiu sua generosa efusão. A consciência a fez parar no meio da frase, porém Edmund estava satisfeito.

“Pretendo ir até lá logo depois do café da manhã”, ele anunciou, “e tenho certeza de que ficarão muito contentes. E agora, minha querida, não vou mais incomodá-la. Você deve estar querendo ler. Mas eu não conseguiria descansar enquanto não falasse com você e tomasse uma decisão. Dormindo ou acordado, passei a noite inteira com esse assunto na cabeça. É um problema... mas com certeza estou tornando-o menor do que poderia ser. Se Tom já levantou, vou falar com ele agora mesmo e resolver a questão; assim, quando nos reunirmos para o café da manhã, estaremos todos de muito bom humor ante a perspectiva de fazermos papel de bobo em conjunto e com tamanha unanimidade. Enquanto isso, acho que *você* vai viajar pela China. Como é que está sua leitura de Lord Macartney?”,¹ perguntou, abrindo um livro que estava sobre a mesa e depois pegando outros. “E aqui temos os *Contos* de Crabbe² e *O ocioso*,³ se você se cansar do grande livro. Admiro muito seu cantinho; e, assim que eu sair daqui, você vai tirar da cabeça toda essa bobagem de teatro e sentar-se confortavelmente a sua mesa. Mas não fique muito tempo neste frio.”

Edmund foi embora; mas Fanny não poderia ler, nem viajar pela China, nem encontrar sossego. Ele lhe dera a notícia mais extraordinária, mais inconcebível, mais desagradável; e ela não conseguia pensar em outra coisa. Representar! Depois de todas aquelas objeções — tão justas e tão públicas! Depois que ela o ouviu falar, e viu sua expressão, e compreendeu seus sentimentos. Seria possível? Quanta incoerência! Edmund não estaria enganando a si mesmo? Não estaria errado? Ah, tudo isso era obra da srta. Crawford. Fanny percebera a influência dela em cada frase e estava angustiada. As dúvidas e os temores sobre sua própria conduta que a haviam afligido tanto e que adormeceram enquanto o escutava agora lhe

pareciam quase insignificantes. Uma ansiedade mais profunda as superara. As coisas deviam seguir seu curso; pouco lhe importava como tudo isso terminaria. Os primos podiam insistir, mas dificilmente a magoariam. Ela já não estava a seu alcance; e se enfim tivesse de ceder... paciência... *agora* tudo era sofrimento.

* His Majesty Ship, literalmente “navio de Sua Majestade”. (N. T.)

XVII

Foi por certo um dia de triunfo para Tom e Maria. Não esperavam tamanha vitória sobre o bom senso do irmão e estavam encantados. Já não encontrariam empecilhos para executar seu caro projeto e com toda a alegria dos desejos realizados felicitaram-se em segredo pela fraqueza, pelo ciúme a que atribuíam a reviravolta. Venceram. Edmund podia manter sua seriedade, podia dizer que não gostava do projeto em geral e desaprovava a peça em particular, mas representaria, e tão somente o egoísmo o levara a isso. Edmund descera daquele pedestal de moralidade em que permanecera até então, e os irmãos exultaram com sua descida.

Mas se comportaram muito bem *com ele* ao receber a notícia, toda a expressão de seu contentamento resumindo-se a uns poucos vincos nos cantos da boca, e deram a entender que essa decisão os livrara da intromissão de Charles Maddox, como se tivessem sido obrigados a aceitá-lo. “O que mais queriam era ater-se ao círculo familiar. Não ficariam à vontade na presença de um estranho”; e, quando Edmund, aproveitando a deixa, insinuou que gostaria de uma plateia reduzida, mostraram-se dispostos a prometer qualquer coisa na euforia do momento. Tudo era satisfação e encorajamento. A sra. Norris se ofereceu para fazer o traje de Edmund, o sr. Yates lhe garantiu que a última cena de Anhalt com o barão admitia muita ação e muita ênfase, e o sr. Rushworth se prontificou a contar suas falas.

“Pode ser que, agora, *Fanny* resolva nos ajudar”, disse Tom. “Talvez você consiga convencê-la.”

“Não; ela está decidida. Não vai participar, com certeza.”

“Ah, tudo bem.” E não se tocou mais no assunto; porém *Fanny* novamente sentiu que corria perigo, e sua indiferença ao perigo começava a falhar.

A novidade não suscitou menos sorrisos no presbitério que na mansão; a srta. Crawford ficou radiante, e o entusiasmo com que imediatamente retomou o tema só poderia produzir um efeito sobre Edmund. “Ele estava certo em respeitar tais sentimentos; estava feliz com sua decisão.” E a manhã transcorreu entre doces porém frágeis alegrias. De tudo isso resultou uma vantagem para Fanny: a pedido da srta. Crawford, a sra. Grant concordara, com seu bom humor habitual, em interpretar o papel que fora oferecido à srta. Price; e esse foi o único acontecimento do dia que lhe proporcionou algum prazer; e também foi motivo de tristeza, pois ela o devia à srta. Crawford; os amáveis esforços da srta. Crawford demandavam sua gratidão; e do mérito da srta. Crawford em empenhar-se tanto falou-se com grande admiração. Fanny estava salva; mas, nesse caso, não havia relação entre paz e segurança. Nunca estivera tão longe da paz de espírito. Não achava que agira mal, porém estava inquieta no tocante a todo o resto. O coração e a razão desaprovavam a decisão de Edmund; ela não conseguia desculpar-lhe a falta de firmeza e sofria por vê-lo tão feliz apesar disso. Estava inquieta, atormentada pelo ciúme. A alegria da srta. Crawford parecia-lhe um insulto, e muito lhe custava responder calmamente a suas expressões de amizade. Todos a seu redor estavam contentes e atarefados, sentiam-se competentes e importantes; cada um deles tinha um interesse, um papel, um traje, uma cena favorita, amigos e aliados; todos se ocupavam com consultas e comparações ou se divertiam com as ideias engraçadas que propunham. Só ela estava triste e se sentia insignificante; não participava de nada; podia ir ou ficar, colocar-se bem no meio do alarido ou recolher-se à solidão da sala leste, e ninguém perceberia. Quase chegava a pensar que qualquer coisa seria preferível a isso. A sra. Grant era uma pessoa importante; todos louvavam sua bondade; respeitavam seu gosto e seu tempo; precisavam de sua presença; procuravam-na, cumulavam-na de atenções e de elogios; e Fanny a princípio correu o risco de invejar o papel que ela aceitara. Mas depois de muito refletir passou a alimentar melhores sentimentos; reconheceu que a sra. Grant merecia um respeito que *ela* mesma nunca inspiraria e concluiu que, ainda que se tornasse objeto da maior

deferência, jamais poderia aderir tranquilamente a um projeto que, só em consideração ao tio, devia condenar em todos os aspectos.

Seu coração não era o único que estava triste, como ela não demorou a perceber. Julia também estava sofrendo, mas com uma parcela de culpa.

Henry Crawford havia brincado com seus sentimentos; porém, Julia permitira e até procurara as atenções do rapaz, embora seu ciúme da irmã fosse tão fundamentado que deveria tê-la feito desistir; e agora que se vira obrigada a admitir a preferência dele por Maria, aceitou o fato sem se preocupar com a situação da irmã nem tentar aquietar o coração. Ou ficava sozinha em solitário silêncio, tão séria que nada poderia despertar-lhe a curiosidade e nenhum gracejo a faria rir; ou se dignava a receber as atenções do sr. Yates, conversava com ele com uma alegria forçada e caçoava do desempenho dos outros.

Depois da afronta, durante um dia ou dois Henry Crawford até se esforçara para desagrá-la com o habitual repertório de galanteios e lisonjas, mas não com empenho suficiente para insistir após algumas recusas; e, como estava tão ocupado com a peça que não lhe sobrava tempo para nada mais que um namorico, acabou por ver o episódio como um oportuno acontecimento que discretamente pôs fim a uma situação que poderia levar outras pessoas, além da sra. Grant, a acalantar esperanças. A sra. Grant não gostava nem um pouco de ver Julia excluída do elenco, sozinha num canto, menosprezada; mas, como sua felicidade não estava em jogo, como Henry devia saber, melhor que ninguém, o que o faria feliz e lhe assegurara com o sorriso mais persuasivo do mundo que nem ele nem Julia jamais pensaram seriamente em namorar, só lhe restou repetir suas advertências em relação a Maria, implorar ao irmão que não se arriscasse a perder a paz de espírito por causa de uma admiração excessiva e participar alegremente de qualquer coisa que desse prazer aos jovens em geral e, em especial, às duas criaturas que ela tanto amava.

“Muito me admira que Julia não esteja apaixonada por Henry”, foi o comentário que fez a Mary.

“Eu acho que está”, foi a fria resposta. “Acho que as duas irmãs estão.”

“As duas! Não, não pode ser. Não diga isso a ele. Pense no sr. Rushworth.”

“Você devia mandar Maria Bertram pensar no sr. Rushworth. Talvez fosse bom para *ela*. Eu penso muito nos bens do sr. Rushworth e gostaria que estivessem em outras mãos... mas nunca penso *nele*. Um homem com tamanho patrimônio poderia representar o condado; poderia se dar o luxo de não ter nenhuma profissão e representar o condado.”

“Acredito que *logo* ele estará no Parlamento. Quando Sir Thomas chegar, creio que o indicará como representante de algum burgo, mas até agora ninguém o encaminhou nesse sentido.”

“Sir Thomas vai fazer muita coisa quando voltar”, Mary falou após um instante de silêncio. “Você se lembra da ode ao tabaco de Hawkins Browne numa imitação de Pope?¹ ‘Bendita folha, cujos aromáticos vapores conferem modéstia aos causídicos, bom senso aos clérigos.’ Vou parodiar esses versos: Bendito cavaleiro, cuja aparência ditatorial confere riqueza aos filhos, bom senso a Rushworth. Não é assim, sra. Grant? Parece que tudo depende da volta de Sir Thomas.”

“Quando o vir com a família, você vai perceber que a importância dele é muito justa e razoável, eu lhe garanto. Não acho que passamos tão bem sem ele. Sir Thomas tem uma postura séria e digna, bem adequada ao chefe de uma família como aquela, e mantém todo mundo no devido lugar. Lady Bertram parece ainda mais insignificante na ausência do marido; e só ele consegue controlar a sra. Norris. Mas não imagine que Maria Bertram gosta de Henry. Tenho certeza de que *Julia* não gosta, pois, se gostasse, não teria flertado com o sr. Yates ontem à noite; e, embora ele e Maria sejam bons amigos, acredito que ela gosta demais de Sotherton para ser inconstante.”

“Eu não aposto muito no sr. Rushworth, se Henry resolver entrar em ação antes de assinarem os papéis.”

“Se você pensa assim, temos de fazer alguma coisa; quando a peça terminar, vamos falar com ele seriamente e descobrir o que pretende; e, se não pretende nada, vamos afastá-lo daqui por um tempo, por mais que o amemos.”

Julia estava *realmente* sofrendo, embora a sra. Grant não notasse, embora sua dor passasse despercebida aos olhos de muitos integrantes

de sua própria família. Ela havia amado, ainda amava e suportava todo o sofrimento que a perda de uma esperança alentadora, conquanto irracional, aliada a uma forte sensação de injustiça, é capaz de infligir a um temperamento apaixonado e altivo. Com o coração partido e cheio de raiva, só na raiva ela conseguia encontrar consolo. A irmã, com quem sempre se dera bem, era agora sua maior inimiga; as duas se afastaram; e Julia esperava que o namoro com Henry Crawford tivesse um triste fim, que Maria fosse punida por agir tão mal com ela e com o sr. Rushworth. Nenhuma falha grave de caráter, nenhuma grande divergência de opinião as impedia de ser boas amigas enquanto seus interesses coincidiam; contudo, nas circunstâncias em que se encontravam, faltavam-lhes amor ou princípios suficientes para torná-las generosas ou justas, para incutir-lhes sentimentos de honra ou compaixão. Maria celebrava seu triunfo e perseguia seu objetivo sem se preocupar com Julia; e Julia acreditava que a preferência de Henry Crawford por Maria acabaria por suscitar ciúme e provocar um escândalo.

Fanny percebeu isso e teve pena da prima, porém não havia companheirismo entre elas. Julia não falava sobre seus sentimentos, e Fanny não tomava a liberdade de perguntar nada. Eram duas sofredoras solitárias, unidas apenas pela percepção de Fanny.

Os irmãos e a tia não davam atenção à tristeza de Julia, nem atinavam com sua verdadeira causa porque tinham muito em que pensar. Estavam totalmente envolvidos com outras questões. Tom se dedicava de corpo e alma a seu projeto e só conseguia ver o que se relacionava com o teatro. Edmund, dividido entre seu papel na peça e seu papel na vida real, entre os atrativos da srta. Crawford e a própria conduta, entre amor e coerência, tampouco reparava em nada; e a sra. Norris estava tão ocupada em organizar uma coisa e outra, resolver pequenos problemas do elenco, supervisionar a confecção dos vários trajes, desdobrando-se para fazer uma economia que ninguém lhe agradecia, e, com prazer e integridade, poupar meia coroa cá e lá para o cunhado ausente, que não lhe sobrava tempo para vigiar os atos das sobrinhas ou velar pela felicidade delas.

XVIII

Tudo corria normalmente, tudo avançava: teatro, atores, atrizes, trajes; no entanto, apesar de não surgirem grandes empecilhos, dias depois Fanny constatou que nem tudo era divertimento para os participantes do projeto e não percebia neles a mesma unanimidade, o mesmo prazer que a princípio lhe haviam sido quase insuportáveis. Todos começavam a ter aborrecimentos. Edmund tinha vários. Contrariando totalmente *seu* parecer, contratou-se um cenógrafo da capital que já se pusera a trabalhar, o que significava um considerável aumento dos gastos e, o que era pior, chamava atenção para a empreitada; e, em vez de seguir seus conselhos e manter a representação no âmbito doméstico, seu irmão convidava toda família que encontrava. Tom começava a preocupar-se com a lentidão do cenógrafo e a sentir a tortura da espera. Tinha decorado seu papel — aliás, *seus* papéis, pois se encarregara de todos que podia conjugar com o do mordomo — e estava ansioso para entrar em cena; e a cada dia que passava sem ter o que fazer achava cada vez mais insignificantes todos os seus papéis reunidos e lamentava não ter escolhido outra peça.

Sempre boa ouvinte — e com frequência a única ouvinte disponível —, Fanny era quem escutava seus queixumes. Sabia que todos abominavam a declamação do sr. Yates; que o sr. Yates estava decepcionado com Henry Crawford; que Tom Bertram falava tão rápido que ninguém entendia nada; que a sra. Grant estragava tudo com suas risadas; que Edmund ainda não tinha decorado sua parte; e que era horrível contracenar com o sr. Rushworth, que precisava de ponto para cada fala. Sabia ainda que o sr. Rushworth, que, como os demais, também lhe expunha seus problemas, raramente conseguia alguém para ensaiar com ele; e temia ouvir outras lamúrias do pobre rapaz, pois lhe parecia evidente que Maria o evitava de todos os

modos e repetia sua primeira cena com o sr. Crawford muitas vezes e sem necessidade. Assim, longe de ver todos satisfeitos e se divertindo, Fanny descobriu que cada um deles queria algo que não tinha e era motivo de descontentamento para os outros. Todos reclamavam do próprio papel, que era longo demais ou curto demais; ninguém prestava a devida atenção; ninguém se lembrava de que lado devia entrar em cena; ninguém, a não ser o queixoso, seguia as instruções.

Fanny também estava se divertindo com a peça; Henry Crawford representava bem, e era um prazer para ela assistir ao ensaio do primeiro ato, apesar dos sentimentos que lhe provocavam algumas falas de Maria, que, aliás, igualmente representava bem — até demais. Depois de um ou dois ensaios, toda a plateia da companhia se resumia em Fanny, que, ora como ponto, ora como espectadora, geralmente era muito útil. O sr. Crawford lhe parecia o melhor ator do elenco; tinha mais segurança que Edmund, mais discernimento que Tom, mais talento e bom gosto que o sr. Yates. Ela não o apreciava como pessoa, porém tinha de admitir que era o melhor ator, e quanto a isso poucos discordavam. Na verdade, o sr. Yates o considerava insípido — e finalmente chegou o dia em que o sr. Rushworth disse para Fanny com uma expressão sombria: “O que pode haver de extraordinário em tudo isso? Não consigo admirá-lo; e, cá entre nós, acho ridículo um baixinho vulgar dar-se ares de grande ator”.

A partir desse momento, voltou a sentir ciúme, e Maria, cada vez mais esperançosa em relação a Crawford, nada fez para tranquilizá-lo; e as probabilidades de que algum dia o sr. Rushworth acabasse de decorar suas quarenta e duas falas diminuíram sensivelmente. Quanto a fazer qualquer coisa *aceitável* com essas falas, ninguém tinha a menor esperança, a não ser a sra. Rushworth, que lamentava não lhe terem confiado um papel mais importante e decidira ir a Mansfield quando os ensaios tivessem avançado o bastante para incluir todas as cenas do filho; porém, os outros só desejavam que ele se lembrasse da deixa e de sua primeira frase e seguisse o ponto no tocante ao resto. A compassiva e bondosa Fanny se esforçou muito para ensiná-lo a decorar, utilizando todos os recursos de que dispunha, orientando-o como podia, sugerindo-lhe técnicas mnemônicas e até memorizando palavra por palavra de seu papel, mas não obteve grandes progressos.

Certamente estava tensa, ansiosa, apreensiva; porém todas essas sensações incômodas, bem como o fato de constantemente requisitarem seu tempo e sua atenção, permitiam-lhe ocupar-se e ser útil, além de encontrar companheiros de infortúnio; permitiam-lhe abrir mão de seus momentos de lazer e exercer sua compaixão. Suas sombrias previsões revelaram-se infundadas. Ela às vezes era útil a todos; e estava em paz consigo mesma.

Ainda havia muito traje para costurar, e Fanny precisava ajudar; a sra. Norris evidentemente achava que ela estava se divertindo tanto quanto os outros, pois lhe dizia: “Tudo isso é muito interessante, mas você não pode ficar andando por aí desse jeito, vendo tudo que se passa. Preciso de você. Eu me matei de trabalhar, mal consigo ficar de pé, para fazer a capa do sr. Rushworth sem ter de comprar mais cetim; e agora você vai me dar uma mão: junte as partes. Só faltam três costuras, que você pode fazer num piscar de olhos. Seria ótimo, se eu só tivesse de executar ordens. *Você* está numa situação melhor que a minha, eu lhe garanto, mas, se ninguém fizesse mais que *você*, não iríamos muito longe”.

Fanny aceitou o trabalho tranquilamente, sem tentar se defender; porém a bondosa tia Bertram se interpôs:

“Não admira, minha irmã, que a pobrezinha esteja tão maravilhada; tudo isso é novidade para ela, você sabe. Nós também gostávamos muito de teatro... e eu ainda gosto; e, assim que tiver um tempinho, vou dar uma espiada nos ensaios. Sobre o que é a peça, Fanny? Você ainda não me contou.”

“Por favor, não lhe pergunte nada agora; ela não é uma dessas pessoas que conseguem falar e trabalhar ao mesmo tempo. A peça é sobre juras de amor.”

“Parece que amanhã à noite vão ensaiar três atos”, Fanny informou à tia Bertram; “é uma oportunidade para a senhora ver todos os atores em cena.”

“É melhor você esperar a cortina”, disse a sra. Norris; “eles vão colocar a cortina daqui a um dia ou dois... não faz muito sentido apresentar uma peça sem cortina... e, se não me engano, a cortina aberta vai formar um belo drapeado.”

Lady Bertram parecia resignada a esperar. Fanny não partilhava a fleuma da tia; pensava muito no dia seguinte, pois, se os três atos fossem ensaiados, Edmund e a srta. Crawford atuariam juntos pela primeira vez; o terceiro ato incluía uma cena entre eles que lhe despertava especial interesse, bem como vontade e medo de ver como a interpretariam. O tema era o amor — o cavalheiro descrevia um casamento por amor e a dama faria algo bem próximo de uma declaração de amor.

Fanny tinha lido e relido essa cena muitas vezes com tristeza e espanto e aguardava sua representação como se fosse um grande acontecimento. Não acreditava que a tivessem ensaiado, nem mesmo a sós.

O dia seguinte chegou, os planos para a noite se mantinham, e Fanny continuava inquieta. Trabalhava zelosamente sob a orientação da tia, porém seu zelo e seu silêncio escondiam seu alheamento e sua ansiedade; e por volta do meio-dia ela decidiu refugiar-se com sua tarefa na sala leste não só para esquivar-se de mais um ensaio do primeiro ato que Henry Crawford acabava de propor e que lhe parecia desnecessário, mas também para ficar sozinha e não ter de olhar para o sr. Rushworth. Ao atravessar o saguão, viu de relance as duas senhoras que chegavam do presbitério, mas nem por isso mudou de ideia, e durante um quarto de hora trabalhou e refletiu na sala leste sem ser incomodada, até que uma leve batida na porta precedeu a entrada da srta. Crawford.

“Estou certa?... Ah, sim, é a sala leste. Minha querida srta. Price, desculpe, mas eu vim até aqui para implorar sua ajuda.”

Muito surpresa, Fanny, como dona da sala, recebeu-a com toda a cortesia e olhou com preocupação para a grade reluzente de sua lareira inativa.

“Obrigada... estou aquecida, bem aquecida. Por favor, deixe-me ficar um pouco aqui e lhe dizer minhas falas no terceiro ato. Eu trouxe meu exemplar e vou lhe agradecer *muito* se tiver a bondade de ensaiar comigo! Eu vim aqui hoje para ensaiar com Edmund... só nós dois... antes do ensaio geral, logo mais à noite, porém não o encontrei; e, *mesmo* que o encontrasse, não poderia repassar o texto com *ele*, pois

ainda estou meio hesitante em algumas falas... A senhorita me faz esse favor?”

Fanny amavelmente se prontificou a ajudá-la, mas a voz com que lhe ofereceu seus préstimos não era muito firme.

“Já leu o trecho a que me refiro?”, a srta. Crawford prosseguiu, abrindo seu exemplar. “É este aqui. A princípio, não dei muita importância... mas depois...! Veja só *esta* fala, e *esta*, e *esta*. Como é que vou olhá-lo de frente e dizer essas coisas? A senhorita seria capaz? Bom, ele é seu primo, o que faz toda a diferença. A senhorita precisa ensaiar comigo, eu preciso imaginar que *a senhorita* é ele e ir me acostumando pouco a pouco. Às vezes a senhorita *se parece* com *ele*.”

“Ah, é? Vou fazer o possível com toda a boa vontade... mas tenho de *ler* o papel, pois não sei tudo de cor.”

“Não sabe *nada* de cor, suponho. Vai precisar do livro, é claro. Vamos lá. Precisamos de duas cadeiras para a senhorita colocá-las na frente do palco. Estas... são ótimas para uma sala de aula, mas não para um teatro, eu diria; muito mais adequadas para menininhas se sentarem e ficarem batendo os pés enquanto aprendem uma lição. O que sua governanta e seu tio diriam, se as vissem usadas para essa finalidade? Sir Thomas não gostaria nem um pouco de nos ver ensaiando pela casa inteira. Yates está esbravejando na sala de jantar. Ouvi a voz dele, quando subi a escada; Agatha e Frederick, incansáveis como sempre, estão no palco, ensaiando sem parar. Se não ficarem *perfeitos*, será uma *surpresa* para mim. Por falar nisso, dei uma espiada cinco minutos atrás e foi justamente num dos momentos em que eles se esforçam para não se abraçar, e o sr. Rushworth estava comigo. Acho que ficou meio chocado e, para desviar a atenção dele, cochichei: ‘Nossa Agatha será excelente; ela tem algo de *maternal* no jeito e é completamente *maternal* na expressão e na voz’. Não fiz bem? Ele se animou no mesmo instante. Agora vamos ver meu solilóquio.”

A srta. Crawford começou, e Fanny se pôs a ler as falas do primo com toda a modéstia, ciente de que estava substituindo-o, porém com uma fisionomia e uma voz tão genuinamente femininas que jamais convenceria no papel de homem. Com um Anhalt desses, a srta. Crawford teve coragem suficiente, e elas estavam na metade da cena

quando uma batida na porta as interrompeu e a entrada de Edmund no momento seguinte acabou com o ensaio.

Surpresa, acanhamento e prazer estamparam-se nos três rostos ante esse encontro inesperado; e, como Edmund estava ali pelo mesmo motivo da srta. Crawford, provavelmente o acanhamento e o prazer não seriam apenas momentâneos para *ambos*. Ele também tinha seu exemplar de *Juras de amor* e fora procurar Fanny para pedir-lhe que o ajudasse a preparar-se para o ensaio geral, sem saber que a srta. Crawford havia chegado; e foram intensas sua alegria e sua empolgação por se verem assim reunidos, trocando ideias, elogiando os bons préstimos da srta. Price.

Fanny não podia partilhar tamanho entusiasmo. Esmorecida ante o contentamento de ambos, sentia-se praticamente inexistente para eles, e não lhe servia de consolo pensar que foram buscar sua ajuda. Agora iam ensaiar juntos. Edmund sugeriu, insistiu, suplicou até que a dama, que já não estava muito relutante a princípio, não pôde mais se recusar; e só precisavam de Fanny para lembrar-lhes as falas e observá-los. Na verdade, investiram-na das funções de juiz e crítico e rogaram-lhe que as exercesse e apontasse os erros; mas todos os seus sentimentos se rebelaram contra isso: ela não podia, não queria, não ousaria tentar; ainda que estivesse habilitada a criticar, sua consciência a impediria de expressar desaprovação. A situação como um todo a afetava demais para lhe permitir ser honesta e segura em relação aos detalhes. Lembrar-lhes as falas teria de ser suficiente; e às vezes era *mais* que suficiente; pois ela nem sempre conseguia prestar atenção no texto. Observando-os, esquecia-se de si mesma; e numa ocasião, impressionada com o crescente ardor de Edmund, fechara o livro e se voltara justamente quando ele precisava de ajuda. Atribuíram sua falha ao cansaço, agradeceram-lhe e se declararam condoídos; porém ela merecia que se condoessem *mais* do que poderiam imaginar. Enfim a cena terminou, e Fanny se esforçou para acrescentar seu elogio aos mútuos cumprimentos de ambos; e, quando se viu novamente sozinha e recordou o que se passara, não teve dúvida de que interpretariam seus papéis com uma espontaneidade e uma emoção que lhes valeriam aplausos e tornariam o espetáculo muito doloroso para ela. No

entanto, qualquer que fosse o resultado, logo mais ela teria de reviver a provação.

O primeiro ensaio geral dos três primeiros atos ocorreria à noite; a sra. Grant e os Crawford prometeram chegar depois do jantar; e todos os envolvidos estavam ansiosos para subir ao palco. Todos pareciam felizes em função do grande acontecimento; Tom não cabia em si com tamanho progresso, Edmund estava de bom humor desde o ensaio da manhã, e os pequenos aborrecimentos aparentemente se dissiparam. Todos estavam atentos e impacientes; as damas logo se puseram a caminho, os cavalheiros logo as seguiram, e, com exceção de Lady Bertram, da sra. Norris e de Julia, todos se encontravam no teatro antes da hora marcada e, tendo iluminado o local na medida do possível, pois os trabalhos não haviam sido concluídos, só esperavam a sra. Grant e os Crawford para dar início ao ensaio.

Não tiveram de esperar muito pelos Crawford, porém a sra. Grant não apareceu. Não pôde ir. O dr. Grant, alegando uma indisposição na qual sua bela cunhada não acreditou, precisava da esposa.

“O dr. Grant está doente”, a srta. Crawford anunciou com falsa solenidade. “Está doente desde que não provou do faisão. Disse que estava duro, mandou tirar o prato e está sofrendo até agora.”

Que decepção! Era realmente uma pena não poderem contar com a sra. Grant. Por suas maneiras agradáveis e sua alegre docilidade a boa senhora era sempre valiosa para eles, mas *agora* era absolutamente necessária. Sem ela não podiam representar, não podiam ensaiar a contento. A noite estava perdida. O que fazer? Tom, o camponês, desesperou-se. Após um momento de perplexidade, alguns olhos se voltaram para Fanny, e uma ou duas vozes disseram: “Se a srta. Price tivesse a bondade de *ler* o papel”. Imediatamente todos se puseram a implorar-lhe, inclusive Edmund: “Leia, Fanny, se não for *muito* desagradável para você”.

Porém ela relutava. Não conseguia nem pensar em semelhante coisa. Por que não pediam isso à srta. Crawford? Ou por que ela decidira assistir ao ensaio, em vez de recolher-se em seu quarto, onde estaria mais segura? Sabia que ficaria triste e irritada; sabia que devia guardar distância. Estava recebendo o merecido castigo.

“A senhorita só tem de *ler* o papel”, Henry Crawford frisou, num tom suplicante.

“E eu acredito que ela já decorou palavra por palavra”, Maria acrescentou, “pois outro dia corrigiu a sra. Grant vinte vezes. Fanny, tenho certeza de que você sabe o papel de cor.”

Fanny não podia *negar*, e, como todos insistiam, como Edmund lhe pedia com uma expressão de carinhosa confiança em sua boa natureza, ela teve de ceder. Com isso deixou todo mundo feliz e, enquanto os outros se preparavam para começar, ficou sozinha com os tremores de um coração palpitante.

E realmente começaram; ensaiavam já por algum tempo, tão envolvidos no próprio vozerio que não escutaram um barulho incomum na outra parte da mansão, quando a porta da sala se escancarou, Julia apareceu, espavorida, e exclamou: “O papai chegou! Acabou de entrar!”.

VOLUME II

I

Como descrever a consternação geral? Para a maioria foi um momento de terror absoluto. Sir Thomas chegara! A convicção foi imediata. Não havia esperança de que se tratasse de brincadeira ou de engano. O semblante de Julia constituía a prova cabal de que estavam diante de um fato inegável; e, depois dos primeiros sobressaltos e das primeiras exclamações, ninguém abriu a boca por alguns segundos; todos se entreolhavam, perplexos, e para quase todos a chegada de Sir Thomas era a coisa mais indesejada, mais inoportuna, mais assustadora que poderia acontecer! Para o sr. Yates podia ser apenas uma interrupção desagradável nas atividades da noite, e para o sr. Rushworth podia ser uma bênção, mas os outros se sentiam arrasados sob o peso da autorrecriação e de um medo indefinido e se perguntavam: “O que vai ser de nós? O que havemos de fazer?”. O silêncio era terrível; e terrível era a confirmação presente nos ruídos de portas que se abriam e de passos que se aproximavam.

Julia foi a primeira que se moveu. O ciúme e a amargura ficaram para trás: o egoísmo se dissipou ante a causa comum; porém, quando ela percebeu, ao entrar, que Frederick escutava, enlevado, a narrativa de Agatha e apertava-lhe a mão sobre o coração, e, um segundo depois, constatou que, apesar do espanto produzido por suas palavras, o sr. Crawford se mantinha na mesma posição, segurando a mão de sua irmã, seu coração ferido encheu-se novamente de dor, e, tão enrubescida quanto estava pálida pouco antes, ela deixou a sala, dizendo: “Não preciso ter medo de meu pai”.

Sua saída despertou os outros; os dois irmãos deram um passo à frente, sentindo a necessidade de fazer alguma coisa. Só precisaram trocar umas palavras. A situação não admitia divergência de opiniões; tinham de ir imediatamente para a sala de visitas. Maria os acompanhou, mostrando-se a mais corajosa dos três; pois a mesma

circunstância que afastara Julia servia-lhe de alento. O fato de Henry Crawford segurar sua mão nesse momento, um momento tão decisivo e importante, valia séculos de dúvida e ansiedade. Constituíra, a seu ver, uma prova da mais firme determinação e lhe incutia ânimo para enfrentar o pai. Os três saíram, sem dar a menor atenção ao sr. Rushworth, que perguntava, ansioso: “Eu também devo ir? Não é melhor eu ir também? Não seria bom eu ir também?”; contudo, mal cruzaram a soleira da porta, Henry Crawford se encarregou de responder ao rapaz e, encorajando-o por todos os meios a ir logo apresentar seus cumprimentos ao dono da casa, apressou-se com prazer em fazê-lo acompanhar os demais.

Fanny ficou sozinha com os Crawford e o sr. Yates. Totalmente ignorada pelos primos, humilde demais para acreditar que tivesse tanto direito ao afeto de Sir Thomas quanto eles, contentou-se em ficar para trás e ter algum tempo para respirar. Estava muito mais abalada e temerosa que os outros, pois, em função de sua índole, nem mesmo a inocência conseguia livrá-la do sofrimento. Sentia-se prestes a desmaiar: todo o seu velho medo do tio voltava a assombrá-la, mas ainda havia lugar para a compaixão por ele e por quase todo o grupo, que agora teria de justificar-se, e, sobretudo, para uma indescritível preocupação com Edmund. Tendo encontrado um lugar para sentar-se, Fanny ali ficou, toda trêmula, atormentada por esses terríveis pensamentos, enquanto os outros três, sem qualquer constrangimento, expressavam sua irritação, lamentando essa chegada imprevista e prematura como se fosse o mais funesto dos acontecimentos e impiedosamente desejando que o pobre Sir Thomas tivesse demorado o dobro do tempo na viagem ou ainda estivesse em Antígua.

Os Crawford eram mais veementes que o sr. Yates, pois conheciam melhor a família e conseguiam prever com maior clareza os problemas que estavam por vir. Tinham certeza de que a peça iria por água abaixo, que dentro de instantes o projeto inevitavelmente ruiria; já o sr. Yates considerava tudo isso uma interrupção passageira, um pequeno desastre, e até sugeriu retomarem o ensaio depois do chá, quando teria acabado o alvoroço com a chegada de Sir Thomas e nada o impediria de se distrair. Os irmãos riram dessa ideia; e, concordando que deviam sair discretamente e deixar a família a sós,

propuseram ao sr. Yates que os acompanhasse e passasse a noite no presbitério. Porém, como nunca tivera em alta conta os direitos paternos ou a intimidade da família, o sr. Yates não viu necessidade disso; assim, agradeceu-lhes e falou que “preferia ficar para gentilmente apresentar seus cumprimentos ao velho cavalheiro e que, em sua opinião, a debandada geral seria uma injustiça para com os outros”.

Fanny estava começando a recompor-se e a pensar que sua demora em juntar-se aos primos poderia ser interpretada como falta de respeito, quando se resolveu essa questão, e, encarregada de transmitir as desculpas dos Crawford, que já se preparavam para sair, deixou a sala para cumprir o temível dever de comparecer à presença do tio.

Logo se viu à porta da sala de visitas e, depois de aguardar um instante, na expectativa de algo que sabia que não ia acontecer, na expectativa de uma coragem que nunca tivera diante de uma porta fechada, girou a maçaneta, desesperada, e deparou com as luzes acesas e toda a família reunida. Ao entrar, ouviu o próprio nome. Nesse momento, Sir Thomas olhava em torno e perguntava: “Mas onde está Fanny? Por que minha pequena Fanny não está aqui?”; e, ao vê-la, aproximou-se com uma bondade que a surpreendeu e emocionou, chamando-a de sua querida Fanny, beijando-a afetuosamente e comentando, com evidente prazer, como ela havia crescido! Fanny não sabia o que pensar, nem para onde olhar. Estava perplexa. Nunca na vida ele a tratara com *tanto* carinho. Parecia mudado; falava depressa, em função da alegria, e tudo que havia de apavorante em sua seriedade como que se dissolvia em ternura. Ele a levou mais para perto da luz e fitou-a novamente; perguntou-lhe de sua saúde e em seguida corrigiu-se, observando que sua boa aparência tornava *desnecessária* essa pergunta. E o delicado rubor que substituíra a palidez de seu rosto o convenceu dos progressos de sua saúde e de sua beleza. Depois, ele quis saber de sua família, sobretudo de William, e foi tão gentil que Fanny se repreendeu por amá-lo tão pouco e por considerar seu retorno uma desgraça; e, quando reuniu coragem suficiente para olhá-lo de frente e constatou que o tio emagrecera, que trazia no semblante as marcas do cansaço e da longa exposição ao sol,

enteneceu-se ainda mais e lamentou o insuspeitado aborrecimento que provavelmente o aguardava.

Sir Thomas era o mais animado dos presentes, que, por sua sugestão, agora estavam sentados diante da lareira. Cabia-lhe o pleno uso da palavra; e o prazer de estar em casa, no seio da família, após uma separação tão longa, tornava-o excepcionalmente comunicativo e loquaz, disposto a contar tudo sobre sua viagem e responder toda pergunta dos filhos antes mesmo que a formassem. Os negócios em Antígua haviam prosperado rapidamente, e ele desembarcara em Liverpool, tendo realizado sua travessia num navio particular, em vez de aguardar o paquete; e, sentado ao lado de Lady Bertram, de bom grado relatava com detalhes seus atos, suas chegadas e partidas, olhando com sincera satisfação para os rostos a seu redor, interrompendo-se mais de uma vez para comentar sua sorte em encontrá-los todos em casa, apesar de seu retorno inopinado, todos reunidos exatamente como desejava, porém não se atrevera a esperar. E não se esqueceu do sr. Rushworth, a quem acolheu amistosamente, com um caloroso aperto de mãos, e a quem incluiu, com redobrada deferência, entre as criaturas relacionadas mais intimamente com Mansfield. Não via nada desagradável na aparência do sr. Rushworth e já estava gostando dele.

Ninguém no grupo o escutava com um prazer tão puro e ininterrupto quanto sua esposa, que estava realmente muito feliz com sua volta e cujos sentimentos se intensificaram tanto com sua repentina chegada que a fizeram experimentar a coisa mais parecida com emoção que ela experimentara nos últimos vinte anos. Ela *quase* se empolgara durante alguns minutos e continuava tão animada que deixou seu trabalho de lado, afastou a cachorrinha e dedicou ao marido toda a sua atenção e todo o resto do sofá. Não tinha nenhuma preocupação que lhe estragasse o prazer; na ausência de Sir Thomas, preencheria seu tempo de maneira irreprochável; fizera muita tapeçaria e muitos metros de franja; e com a mesma segurança responderia pela boa conduta e pelas proveitosas atividades de todos os jovens. Estava tão feliz de rever o marido, de escutá-lo, de preencher os ouvidos e a mente com suas narrativas que se deu conta de que sentira muita saudade dele e não conseguiria suportar uma ausência mais longa.

A felicidade da sra. Norris nem de longe poderia comparar-se com a da irmã. Não que a amedrontasse muito a desaprovação de Sir Thomas quando descobrisse o que estava ocorrendo na mansão, pois seu discernimento se embotara a tal ponto que, exceto pela instintiva precaução com que escondera a capa de cetim cor-de-rosa do sr. Rushworth quando o cunhado entrou, ela não demonstrara o menor receio; mas estava aborrecida com a *forma* desse retorno, que não lhe deixara nada para fazer. Em vez de mandar chamá-la para que o recebesse, para que fosse a primeira pessoa da família a vê-lo, para que espalhasse a boa-nova pela casa, Sir Thomas, talvez por ter razoável confiança nos nervos da esposa e dos filhos, não buscara outro confidente além do mordomo e praticamente de imediato o seguira até a sala de visitas. A sra. Norris sentiu-se destituída de uma função que esperava cumprir e que consistia em anunciar a chegada ou a morte do cunhado; e agora tentava mostrar-se atarefada sem ter o que fazer e se esforçava para parecer importante, quando tudo que se queria era sossego e silêncio. Se concordasse em comer alguma coisa, Sir Thomas lhe daria ocasião para importunar a governanta com suas ordens incômodas e instar os lacaios a que se apressassem; mas ele resolutamente se recusou a jantar; não comeria nada até a hora do chá; preferia esperar o chá. A sra. Norris continuou sugerindo algo diferente e, no momento mais interessante da viagem de volta, quando o medo de deparar com um corsário francês¹ estava no auge, interrompeu a história para lhe propor uma sopa. “Com certeza, meu caro cunhado, um prato de sopa seria melhor que um chá. Tome um prato de sopa.”

Sir Thomas não se irritou. “A senhora vive se preocupando com todo mundo, minha cara sra. Norris”, respondeu. “Mas eu só quero mesmo um chá.”

“Bom, então, Lady Bertram, acho melhor a senhora mandar servirem logo esse chá e apressar Baddeley, que hoje me parece meio lerdo.” Ela lavrou um tento, e a narrativa prosseguiu.

Por fim se fez silêncio. Não tendo mais nada muito empolgante para relatar, Sir Thomas agora se limitava a olhar ao redor, fitando com satisfação ora um, ora outro integrante de sua amada família; mas o silêncio não foi longo; em sua euforia, Lady Bertram se tornou loquaz,

e o que não sentiram seus filhos, ao ouvi-la dizer: “Como imagina que os jovens andaram se divertindo ultimamente, meu marido? Representando. Todos nós andamos muito ocupados com teatro”.

“Ora essa! E o que estavam representando?”

“Ah, eles vão lhe contar tudo.”

“Vamos contar *tudo* logo mais”, Tom rapidamente acrescentou com fingida indiferença; “não vale a pena aborrecer o papai com isso agora. O senhor vai saber de tudo amanhã. Na semana passada, só para fazer alguma coisa e distrair a mamãe, tentamos montar umas cenas... nada de especial. Tem chovido muito, desde o começo do mês, e ficamos praticamente trancados em casa, dias a fio. Desde 3 de outubro não ponho a mão numa arma. Até então ainda consegui caçar, mas depois não foi possível. No dia 10, estive no bosque de Mansfield, e Edmund foi lá para as matas de Easton, e nós dois juntos trouxemos uma dúzia de peças, mas cada um poderia ter abatido seis vezes mais; porém respeitamos seus faisões, papai, eu lhe garanto. Creio que o senhor não vai achar seus bosques menos providos que antes. Nunca na vida vi tanto faisão no bosque de Mansfield como neste ano. Espero que em breve o senhor possa ir lá caçar.”

Por ora o perigo se afastara, e Fanny respirou aliviada; contudo, quando serviram o chá e Sir Thomas se levantou e declarou que não podia mais esperar para rever seu cantinho predileto, a inquietação voltou a reinar. Ele saiu antes que alguém tivesse tempo de prepará-lo para a mudança que lá encontraria, e a sua saída seguiu-se um instante de silêncio e temor. Edmund foi o primeiro a falar:

“Temos de fazer alguma coisa.”

“Está na hora de pensarmos em nossas visitas”, disse Maria, tendo ainda na mão a sensação do contato com o peito de Henry Crawford e pouco se preocupando com o resto. “Onde você deixou a srta. Crawford, Fanny?”

Fanny informou que os dois irmãos tinham ido embora e transmitiu suas desculpas.

“Então o coitado do Yates está sozinho”, Tom deduziu. “Vou buscá-lo. Ele pode nos ajudar, quando o papai souber de tudo.”

E foi para o teatro, chegando bem a tempo de presenciar o primeiro encontro do pai com o amigo. Sir Thomas se surpreendera muito ao

deparar com velas acesas em seu gabinete, além de outros sinais de utilização recente, e com vários móveis fora de lugar. Surpreendera-se em especial com a remoção da estante que ficava diante da porta, porém, mal começou a tentar entender tudo isso, escutou uma voz desconhecida e se espantou ainda mais. Alguém estava falando muito alto na sala de bilhar — *mais* que falando, na verdade: quase gritando. Ele foi até a porta, contente por poder estabelecer comunicação imediata com o aposento vizinho, abriu-a e se viu num palco de teatro, diante de um jovem que esbravejava como se quisesse derrubá-lo. No momento em que Yates, ao encarar Sir Thomas, teve o melhor de todos os sobressaltos que, encarnando sua personagem, tivera nos ensaios, Tom Bertram entrou pelo lado oposto e nunca precisou se esforçar tanto para manter a compostura. O semblante sério do pai, visivelmente estupefato de pisar num palco pela primeira vez na vida, e a gradativa metamorfose do apaixonado barão Wildenhaim no cortês e afável sr. Yates, que, com uma reverência, pedia desculpas a Sir Thomas Bertram, constituíam um espetáculo de tal magnitude, uma amostra tão extraordinária da verdadeira arte dramática que ele não perderia por nada. Muito provavelmente seria a última cena a ter lugar nesse palco; mas com certeza não haveria outra melhor. O teatro fecharia com chave de ouro.

Mas não havia tempo para divertir-se com cenas engraçadas. Era preciso aproximar-se e proceder às apresentações, o que Tom, muito envergonhado, fez na medida do possível. Sir Thomas recebeu o sr. Yates com toda a aparência de cordialidade que seu papel exigia, porém não teve o menor prazer em conhecê-lo e tampouco gostou da maneira como o conhecera. O que sabia sobre a família e as relações do sr. Yates era suficiente para tornar extremamente indesejada sua apresentação como um “amigo especial”, mais um dos cem amigos especiais do filho; e só mesmo a felicidade que a volta ao lar lhe proporcionava e a paciência que essa felicidade lhe permitia ter o impediram de enfurecer-se por se ver assim desnorteado na própria casa, participando de um ridículo espetáculo teatral e sendo obrigado, num momento tão inoportuno, a apertar a mão de um rapaz que sem dúvida desaprovava e que, pela despreocupada indiferença, pela

tagarelice no decorrer dos primeiros cinco minutos, parecia estar mais à vontade que ele.

Tom adivinhou seus pensamentos e, desejando muito que o pai se mantivesse suficientemente calmo para expô-los apenas em parte, começou a ver com maior clareza que ele talvez tivesse motivo para se sentir ofendido, para correr os olhos pelo teto e pelas paredes, para tentar demonstrar nada mais que uma compreensível curiosidade quando perguntou sobre o paradeiro da mesa de bilhar. Bastaram alguns minutos para ambas as partes experimentarem essas desagradáveis sensações; e, tendo Sir Thomas conseguido, com certo esforço, pronunciar algumas palavras de aprovação, quando um ansioso sr. Yates quis saber o que achava das modificações, os três cavalheiros foram para a sala de visitas, e uns e outros notaram que o dono da casa estava mais sisudo.

“Estou vindo do teatro de vocês”, ele informou tranquilamente, enquanto se sentava. “Entrei lá sem querer. Como fica bem ao lado de meu gabinete... mas foi realmente uma surpresa em todos os aspectos, pois eu nem de longe imaginava que vocês estivessem levando tão a sério essa história de representar. Parece que fizeram um bom trabalho, pelo que consegui avaliar à luz das velas; meu amigo Christopher Jackson está de parabéns.” Dito isso, teria mudado de assunto e tomado seu chá em paz, abordando questões mais amenas; porém o sr. Yates, que não tinha discernimento bastante para perceber sua intenção, nem era suficientemente delicado ou discreto para juntar-se aos outros e deixá-lo conduzir a conversa com um mínimo de intromissões, insistiu no tema do teatro, atormentando-o com perguntas e comentários, e lhe relatou toda a frustração que sofrera em Ecclesford. Sir Thomas ouviu educadamente, mas encontrou no relato muitos elementos que feriam seu conceito de decoro e confirmavam sua má impressão acerca do sr. Yates; e, no fim, tudo que conseguiu fazer para manifestar-lhe alguma solidariedade foi inclinar um pouco a cabeça.

“Foi por *isso* que resolvemos representar”, Tom explicou, depois de refletir por um instante. “Meu amigo Yates trouxe o germe de Ecclesford, e ele se espalhou, como sói acontecer... e o contágio foi mais rápido provavelmente porque o *senhor* tantas vezes nos

incentivou a declamar. Foi como pisar novamente em terreno conhecido.”

O sr. Yates retomou a palavra assim que pôde e contou a Sir Thomas o que haviam feito e o que estavam fazendo; descreveu-lhe a gradativa ampliação do projeto, a feliz solução das primeiras dificuldades e a promissora situação atual; e relatou tudo isso com um entusiasmo tão cego que o impediu não só de perceber o constrangimento, as mudanças de expressão, a inquietação, os pigarros, o nervosismo da maioria de seus amigos, como de ver realmente o rosto que estava bem diante de seus olhos — de ver Sir Thomas franzir a testa morena ao fitar as filhas e, por mais tempo, Edmund, que sentiu no coração a reprimenda contida no olhar do pai. Não menos intensamente a sentiu Fanny, que levara sua cadeira para trás do sofá onde a tia estava e ali escondida assistia a tudo. Nunca imaginara que um dia veria o primo ser repreendido dessa forma; e sofria ainda mais por admitir que, de certo modo, a repreensão era merecida. O olhar de Sir Thomas dizia: “Eu confiava em seu bom senso, Edmund; o que aconteceu?”. Ela se ajoelhou mentalmente diante do tio, o peito dilatado com as palavras que não ousava pronunciar: “Ah, não olhe assim para *ele*. Olhe assim para todos, menos para *ele*!”.

O sr. Yates ainda estava falando. “Na verdade, Sir Thomas, o senhor nos surpreendeu no meio de um ensaio. Pretendíamos ensaiar os três primeiros atos, e acho que não estávamos indo mal. Agora o elenco está desfalcado, os Crawford já foram embora e não podemos fazer nada; mas, se o senhor nos der a honra de sua presença amanhã à noite, creio que não vai se decepcionar. Contamos com sua benevolência, pois somos jovens amadores; contamos com sua benevolência.”

“Terão minha benevolência”, Sir Thomas declarou solenemente, “mas não haverá outro ensaio.” E, com um sorriso, acrescentou: “Voltei para ser feliz e benevolente”. Depois, dirigindo-se a todos ou a ninguém, comentou tranquilamente: “As últimas cartas que recebi de Mansfield mencionavam o sr. e a srta. Crawford. São uma boa companhia?”.

Tom era o único que tinha uma resposta pronta e, como não nutria especial simpatia por nenhum dos dois, não sentia ciúme de nenhum

dos dois no amor ou no teatro, foi muito generoso em relação a ambos: “O sr. Crawford é um rapaz muito simpático, com toda a postura de um cavalheiro; e a irmã é uma jovem encantadora, bonita, elegante, animada”.

O sr. Rushworth não conseguiu se manter em silêncio. “Eu não diria que ele não tem a postura de um cavalheiro, apesar dos pesares; mas você devia esclarecer que ele não tem mais de um metro e setenta, para seu pai não pensar que se trata de um rapaz bem-apessoado.”

Sir Thomas não entendeu muito bem e olhou com algum espanto para o futuro genro.

“Se me permitem dizer o que eu acho”, o sr. Rushworth continuou, “é muito desagradável ensaiar o tempo todo. Tudo que é demais enjoa. Já não gosto tanto de representar como gostava no começo. Acho muito melhor ficarmos confortavelmente sentados, só nós, sem fazer nada.”

Sir Thomas olhou para ele novamente e falou, com um sorriso de aprovação: “Fico contente de saber que temos a mesma opinião sobre isso. Fico sinceramente satisfeito. Que eu seja cauteloso e perspicaz e tenha muitos escrúpulos que meus filhos não têm é perfeitamente natural; que meu apreço pela tranquilidade doméstica, por um lar que exclui prazeres ruidosos, seja muito maior que o deles também é perfeitamente natural. Mas pensar assim em sua fase da vida é um ponto a favor do senhor e de todos que o cercam; e eu sei muito bem como é importante ter um aliado desse peso”.

Sir Thomas pretendia expressar a opinião do sr. Rushworth em termos mais refinados do que os que lhe ocorreram no momento. Sabia que não estava diante de nenhum gênio; mas queria destacar o valor de um jovem sensato e equilibrado, cujas ideias eram melhores do que sua elocução permitia avaliar. Para muitos dos presentes foi impossível não sorrir. O sr. Rushworth estava pasmo com tantos elogios; porém, mostrando-se muito feliz com a boa opinião de Sir Thomas e mal conseguindo dizer alguma coisa, fez o possível para preservar essa boa opinião por mais tempo.

II

A primeira coisa que Edmund pretendia fazer na manhã seguinte era conversar com o pai a sós e colocá-lo a par do projeto do teatro, defendendo sua participação na medida em que, agora mais calmo, considerasse seus motivos justificáveis e reconhecendo com perfeita candura que sua concessão produzira poucos resultados, o que o levava a duvidar do próprio discernimento. Ao explicar-se, procurou não dizer nada desagradável sobre os outros; mas entre eles havia apenas uma pessoa cuja conduta não precisava de defesa ou de desculpa. “Todos nós erramos, em maior ou menor grau”, admitiu; “todos nós, menos Fanny. Fanny é a única que agiu corretamente desde o início, a única que foi coerente. Ela sempre foi contra a ideia do teatro. Nunca deixou de pensar no senhor. Fez exatamente o que o senhor gostaria que ela fizesse.”

Sir Thomas julgou o projeto impróprio para esse grupo nesse momento com o rigor que o filho imaginara; e, como o que sentia era intenso demais para expressar-se com palavras, apenas apertou a mão de Edmund, desejando ardentemente desfazer a impressão desagradável e esquecer que o haviam esquecido tão logo retirassem da casa todo objeto que o fizesse lembrar e restabelecessem a normalidade. Não repreendeu o restante da prole: preferia acreditar que todos tinham consciência do próprio erro a correr o risco de investigar. O cancelamento do projeto, com a imediata suspensão dos preparativos, parecia-lhe uma boa reprimenda.

Mas havia uma pessoa na casa que ele não podia deixar inteirar-se de sua opinião simplesmente através de sua conduta. Assim, deu a entender que esperava da cunhada uma atitude capaz de evitar o que seu bom senso por certo desaprovava. Os jovens haviam sido inconsequentes ao conceber o projeto; poderiam ter pensado melhor; mas eram jovens, e, com exceção de Edmund, imaturos; e, portanto,

saber que a sra. Norris concordara com as decisões erradas dos sobrinhos e apoiara seus divertimentos perigosos o surpreendia mais que o fato de terem tomado essas decisões e organizado esses divertimentos. A sra. Norris ficou desconcertada e, por um instante, sem saber o que dizer, pois tinha vergonha de confessar que não vira nada da impropriedade tão flagrante para Sir Thomas e jamais admitiria que sua influência era insuficiente, que todas as suas palavras teriam sido inúteis. Assim, tratou de mudar de assunto o mais rápido possível, conduzindo a conversa para um terreno mais seguro. Fizera muita coisa digna de elogio; zelara pelos interesses e pelo bem-estar da família *em geral*; esfalfara-se em numerosas caminhadas apressadas, que lhe impuseram o sacrifício de abandonar o conforto de seu lar; muitas vezes aconselhara Lady Bertram e Edmund a serem mais parcimoniosos e desconfiados, e seus excelentes conselhos resultaram em considerável economia e no desmascaramento de maus empregados. Porém seu maior trunfo estava em Sotherton. Sua maior defesa, sua maior glória era ter estabelecido relações com os Rushworth. *Nesse ponto* ela fora insuperável. Atribuía a si mesma todo o mérito de ter levado a admiração do sr. Rushworth por Maria a traduzir-se em algo de concreto. “Se eu não tivesse me mexido, se não tivesse feito questão de ser apresentada à mãe dele, se não tivesse convencido minha irmã a visitá-la, estou certa de que, assim como estou aqui sentada, nada disso teria acontecido... pois o sr. Rushworth é o tipo de rapaz amável e modesto que precisa de muito encorajamento, e muitas moças o agarrariam, se cruzássemos os braços. Mas não deixei pedra sobre pedra. Eu moveria céus e terra para convencer minha irmã e por fim a convenci. O senhor sabe que distância nos separa de Sotherton; era pleno inverno, e as estradas estavam praticamente intransitáveis; mas eu a convenci.”

“Eu sei que a senhora tem grande influência sobre Lady Bertram e seus filhos, e muito me admira que não a...”

“Meu caro Sir Thomas, se tivesse visto o estado das estradas naquele dia! Eu pensei que nunca chegaríamos lá, apesar de nossos quatro cavalos; e o velho cocheiro, coitado, é tão bonzinho e gosta tanto de nós que fez questão de nos levar, apesar de mal conseguir se aguentar

na boleia por causa do reumatismo que eu vinha tratando desde o dia de são Miguel. Acabei resolvendo o problema; mas, no inverno, ele ainda estava péssimo... e naquele dia fazia tanto frio que, antes de sairmos, fui até o quarto dele para aconselhá-lo a não se arriscar: ele estava colocando a peruca... e então eu falei: ‘Cocheiro, é melhor você não ir; sua patroa e eu estaremos bem seguras; você sabe que Stephen tem mão firme, e ultimamente Charles conduziu os cavalos tantas vezes que não vejo motivo para medo’. Mas logo percebi que não ia adiantar; ele estava decidido a ir, e, como detesto ser maçante e mandona, não falei mais nada; mas meu coração ficava apertado a cada solavanco; e naquelas estradinhas horrorosas dos arredores de Stoke, com todas aquelas pedras cobertas de gelo e de neve, a situação piorou muito, o senhor nem imagina, e eu sofri muito por ele. E pelos cavalos! Como se esfalfavam os coitadinhos! O senhor sabe que eu sempre tenho pena dos cavalos. E, quando chegamos à colina de Sandcroft, o que o senhor acha que aconteceu? O senhor vai rir de mim... mas eu desci e fui a pé. Fui mesmo. Isso pode não ter feito grande diferença, mas já foi alguma coisa, e eu não aguentava mais ficar lá sentada, com todo o conforto, enquanto os pobres animais me carregavam ladeira acima. Peguei um tremendo resfriado, mas não me importei. Alcancei meu objetivo com a visita.”

“Espero que essas novas relações sejam dignas do esforço que foi feito para estabelecê-las. Não vejo nada de especial nas maneiras do sr. Rushworth, mas, ontem à noite, gostei da opinião dele sobre *determinado* assunto... gostei de saber que ele decididamente prefere a tranquilidade de uma reunião familiar ao rebuliço de uma representação teatral. Como se poderia desejar.”

“Realmente, e, quanto mais o senhor o conhecer, mais há de estimá-lo. Ele não é brilhante, mas tem mil qualidades! E respeita tanto o senhor que riem de mim por causa disso, achando que eu sou a responsável. ‘Se o sr. Rushworth fosse seu filho, sra. Norris, talvez não tivesse maior respeito por Sir Thomas’, a sra. Grant me falou outro dia.”

Sir Thomas desistiu, derrotado por suas evasivas, desarmado por suas lisonjas; e teve de contentar-se com a convicção de que, quando o

prazer das criaturas que ela amava estava em jogo, a bondade às vezes prevalecia sobre o discernimento.

A manhã foi movimentada para ele. As conversas com a família ocuparam uma pequena parcela de seu tempo. Ele precisava reassumir suas funções habituais na vida de Mansfield, falar com o administrador e o mordomo, examinar e avaliar, e, nos intervalos, percorrer os estábulos, os jardins, as plantações mais próximas; ativo e metódico como era, não só conseguira fazer tudo isso antes de retomar seu lugar de dono da casa à mesa do almoço, como ordenara ao carpinteiro que tirasse o que havia colocado na sala de bilhar e demitira o cenógrafo horas atrás, de modo que, para sua satisfação, agora o homem deveria estar pelo menos em Northampton. O cenógrafo fora embora depois de arruinar o assoalho de uma sala, estragar todas as esponjas do cocheiro e transformar cinco empregados em criaturas ociosas e descontentes; e Sir Thomas tinha a esperança de que um dia ou dois bastassem para eliminar todo vestígio do que acontecera, inclusive para destruir todos os exemplares de *Juras de amor* existentes na mansão, pois estava queimando os que encontrava.

O sr. Yates começava a entender suas intenções, embora estivesse longe de entender o motivo. Passara quase toda a manhã caçando no bosque de Mansfield com Tom, que aproveitara a oportunidade para lhe pedir desculpas pelas esquisitices do pai e explicar-lhe o que deveriam esperar. Ficou muito aborrecido, como se poderia imaginar. Decepcionar-se pela segunda vez da mesma forma era o cúmulo do azar; e ele estava tão indignado que, se não fosse por delicadeza para com o amigo e a irmã caçula do amigo, certamente repreenderia o baronete por seu procedimento absurdo e o convenceria a ser um pouco mais razoável. Acreditava nisso piamente, enquanto estava no bosque e no caminho de volta à mansão; porém, quando se sentou à mesa com os outros, alguma coisa em Sir Thomas o fez considerar mais prudente aceitar seu modo de agir e não tentar acabar com aquela insensatez. Conhecera muitos pais desagradáveis e se impressionara muitas vezes com os problemas que criavam, porém nunca na vida tinha visto um pai tão incompreensivelmente apegado à moral, tão abominavelmente tirânico como Sir Thomas. Só por amor

a seus filhos era possível suportá-lo, e só por causa da bela Julia o sr. Yates ainda pretendia ficar mais alguns dias sob seu teto.

A noite transcorreu em aparente tranquilidade, embora todos estivessem aborrecidos; e a música que o anfitrião pediu para as filhas tocarem ajudou a esconder a falta de verdadeira harmonia. Maria estava tensa. Considerava extremamente importante que Crawford não demorasse mais para declarar-se e lamentava que mais um dia chegasse ao fim sem ter dado nenhum passo nesse sentido. Ficara à espera dele durante a manhã inteira e ainda à noite o esperava. O sr. Rushworth saíra logo cedo para levar a grande notícia a Sotherton; e ela desejava ardentemente que tudo se esclarecesse para poupar-lhe o trabalho de voltar. Mas os moradores da mansão não viram ninguém do presbitério — absolutamente ninguém —, e todo sinal de vida que receberam daquele lado foi um amável bilhete de felicitação que a sra. Grant enviou a Lady Bertram. Esse foi o primeiro dia, ao longo de muitas semanas, em que as duas famílias permaneceram totalmente afastadas. Desde o começo de agosto, nunca se passaram vinte e quatro horas sem que se reunissem por um motivo ou outro. Foi um dia de tristeza e ansiedade; e o dia seguinte, embora diferisse quanto ao tipo de problema, não foi melhor. A breves instantes de febril alegria seguiram-se horas de intenso sofrimento. Henry Crawford reapareceu, acompanhado pelo dr. Grant, que estava ansioso para cumprimentar Sir Thomas; os dois chegaram de manhã cedo e foram conduzidos à sala de desjejum, onde se encontrava a maior parte da família. O dono da casa não tardou a entrar, e Maria assistiu, com prazer e nervosismo, à apresentação do amado ao pai. O que sentia era indefinível, não só nesse momento como minutos depois, quando ouviu Henry Crawford, que se instalara a seu lado, perguntar em voz baixa a Tom se retomariam a peça após a grata interrupção (lançando um olhar gentil a Sir Thomas) e assegurar-lhe que, nesse caso, estaria em Mansfield a qualquer hora que o grupo determinasse; agora ele precisava ir avistar-se com seu tio em Bath; mas, se havia alguma possibilidade de retomar *Juras de amor*, cumpriria sua obrigação, desmarcaria outros compromissos, explicaria ao tio que teria de partir imediatamente, se requisitassem seus préstimos. Não seria por *sua* causa que desistiriam da peça.

“Esteja eu onde estiver... em Bath, em Norfolk, em Londres, em York... virei correndo de qualquer lugar da Inglaterra, assim que me chamarem”, declarou.

Ainda bem que nesse instante cabia a Tom responder, e não à irmã. E ele prontamente falou, com toda a naturalidade: “É uma pena que você tenha de partir... mas, quanto à peça, *acabou-se*... (olhando significativamente para o pai). O cenógrafo foi despachado ontem, e amanhã não terá sobrado muita coisa de nosso teatro. Desde o começo eu sabia que seria assim. Ainda é cedo para ir a Bath. Você não vai encontrar ninguém por lá”.

“Meu tio sempre vai nesta época.”

“E quando você vai?”

“Pretendo chegar a Banbury ainda hoje.”

“Que estábulos você usa em Bath?”, foi a pergunta seguinte, e, enquanto os dois discorriam sobre esse assunto, Maria, que não carecia de orgulho nem de determinação, preparava-se com relativa calma para intervir na conversa.

Logo o sr. Crawford lhe dirigiu a palavra, repetindo muito do que já havia dito, porém num tom mais doce e com expressões de pesar mais veementes. Mas de que serviam suas expressões ou seu tom? Ele ia embora; e, se não partia por vontade própria, era por vontade própria que pretendia ficar longe, pois, com exceção das obrigações para com o tio, estabelecia livremente todos os seus compromissos. Podia falar em necessidade, porém ela sabia de sua independência. A mão que apertara a sua sobre o coração! A mão e o coração agora estavam igualmente imóveis e passivos! Sua coragem a sustentava, mas sua dor era atroz. Maria não teve de ouvir por muito tempo um discurso que os atos contradiziam, nem precisou mais esconder o tumulto de seus sentimentos sob as normas do decoro; pois logo as formalidades sociais desviaram a atenção do sr. Crawford, e pouco durou a visita de despedida (assim se devia chamá-la). Ele foi embora; tocara sua mão pela última vez, fizera-lhe a última reverência; só lhe restava buscar consolo na solidão. Henry Crawford fora embora — saíra de sua casa e, ao cabo de duas horas, deixaria a paróquia; e assim ruíam todas as esperanças que sua egoística vaidade suscitara em Maria e Julia Bertram.

Julia exultou com sua partida. Começava a detestar sua presença; e estava suficientemente tranquila para considerar-se vingada com o fracasso de Maria em conquistá-lo. Não precisava acrescentar escândalo ao abandono. Podia até sentir pena da irmã, agora que Henry Crawford se fora.

Fanny também exultou, porém com maior pureza de sentimentos, quando soube da novidade, durante o almoço; pareceu-lhe uma bênção. Os outros a comentaram com pesar e louvaram os méritos de Henry Crawford em diferentes níveis de emoção, que iam da estima sincera mas parcial de Edmund à indiferença de Lady Bertram, que apenas repetia as fórmulas de praxe. A sra. Norris se pôs a olhar em torno, mal acreditando que a paixão do rapaz por Julia tivesse resultado em nada e temendo não ter se empenhado o suficiente para incentivá-la; mas, com tanta coisa para fazer, como poderia concretizar todos os seus desejos, mesmo sendo tão *ativa*?

Um ou dois dias depois, o sr. Yates também foi embora. Sir Thomas tinha o maior interesse em sua partida, pois queria ficar a sós com a família, e, se a presença de um estranho melhor que o sr. Yates seria incômoda, a desse jovem frívolo e arrogante, ocioso e perdulário, era abominável sob todos os aspectos. Maçante por si só, como amigo de Tom e admirador de Julia ele se tornava ofensivo. Sir Thomas se mostrara indiferente tanto à partida quanto à permanência do sr. Crawford; mas foi com genuína satisfação que acompanhou o sr. Yates até a porta e lhe desejou boa viagem. O rapaz aguardara para ver a destruição de tudo que haviam feito para montar o espetáculo, a remoção de tudo que se relacionava com a peça, o restabelecimento da sobriedade que caracterizava a mansão; e, ao despedir-se dele, Sir Thomas esperava ver-se livre do pior elemento associado com o projeto, da última pessoa que inevitavelmente lhe lembraria a existência de tal projeto.

A sra. Norris se encarregou de tirar de sua frente um objeto que poderia aborrecê-lo. A cortina cuja confecção ela supervisionara com tanto talento e tanto sucesso foi para sua casa, onde, por coincidência, havia grande necessidade de um tecido verde.

III

O retorno de Sir Thomas acarretou notável mudança nos hábitos da família, independentemente de *Juras de amor*. Sob seu governo Mansfield era um lugar muito diferente. Alguns membros de seu círculo se foram, outros se entristeceram, e tudo era mesmice e melancolia, em comparação com o passado; um grupo taciturno que raramente se animava. Havia pouco contato com o presbitério. Avesso a intimidades em geral, Sir Thomas estava atualmente pouco propenso ao convívio social, exceto com uma família. Os Rushworth eram os únicos que ele podia admitir em seu espaço doméstico.

Edmund não se surpreendia com a atitude do pai e só lamentava a exclusão dos Grant. “Mas eles têm direito”, comentou com Fanny. “É como se formassem parte da família... como se fossem nossos parentes. Eu gostaria que meu pai lhes agradecesse as atenções que tiveram para com minha mãe e minhas irmãs enquanto ele estava fora. Receio que se sintam desprezados. Mas a verdade é que meu pai mal os conhece. Não fazia nem um ano que chegaram aqui quando ele viajou. Se os conhecesse melhor, haveria de apreciá-los como merecem, pois são realmente o tipo de gente que lhe agrada. Às vezes, falta um pouco de animação nesta casa; minhas irmãs parecem tristes, e Tom não está feliz. Os Grant nos trariam um pouco de alegria e tornariam nossas noites mais divertidas, até mesmo para meu pai.”

“Você acha?”, Fanny perguntou. “Em minha opinião, o titio não gostaria de ter mais *ninguém* aqui. Tudo que ele quer, a meu ver, é o sossego que você mencionou, a tranquilidade no convívio com a família. E não me parece que estamos mais sérios que antes de seu pai viajar. Pelo que eu me lembro, sempre fomos mais ou menos assim. Nunca rimos muito na presença dele; ou, se há alguma diferença, creio que é só a que geralmente resulta de uma ausência prolongada. É normal que haja uma espécie de timidez. Mas, se bem me lembro,

nossas noites não eram divertidas, a não ser quando titio estava em Londres. Parece que as noites dos jovens nunca são divertidas quando os mais velhos estão em casa.”

“Você tem razão”, foi a resposta, após uma breve reflexão. “Nossas noites não mudaram em nada; só voltaram a ser como antes. A animação é que era novidade. Que forte impressão umas poucas semanas podem causar! Eu me sinto como se nunca tivesse sido diferente.”

“Acho que sou mais séria que os outros. Para mim as noites não são compridas. Gosto de ouvir o titio falar das Índias Ocidentais. Eu poderia escutá-lo durante horas. Acho mais interessante que muitas outras coisas... mas deve ser porque sou diferente dos outros.”

“Por que você diz isso? (sorrindo). Quer que lhe digam que você é diferente dos outros só porque é sensata e discreta? Mas algum dia você me viu elogiar alguém? Se quer elogio, procure meu pai. Vai ficar satisfeita. Pergunte a seu tio o que ele acha; vai ouvir elogios suficientes, dirigidos basicamente a sua aparência; mas você deve acreditar que ele vai acabar vendo também sua beleza interior.”

Essas palavras constituíam uma novidade tão grande para Fanny que a deixaram totalmente desconcertada.

“Seu tio acha você muito bonita, minha querida... verdade seja dita. Qualquer um, menos eu, daria maior importância a isso; e qualquer uma, menos você, se magoaria por ainda não ter sido considerada muito bonita; mas a verdade é que seu tio nunca admirou você até agora... e agora admira. Sua pele melhorou muito! E você ganhou um belo semblante! E um porte... Não, não se acanhe... ele é seu tio. O que será de você, se não consegue suportar a admiração de um tio? É um prazer olhar para você, e trate de se acostumar com isso. Aceite o fato de que está se tornando uma linda mulher.”

“Ah, não fale assim, não fale assim”, Fanny pediu, mais angustiada do que ele poderia imaginar. Ao ver sua aflição, Edmund tratou de encerrar o assunto, limitando-se a acrescentar, num tom mais sério: “Seu tio quer se orgulhar de você em todos os aspectos; e eu só gostaria que conversasse mais com ele. Você fica muito calada quando nos reunimos à noite”.

“Mas eu tenho conversado com ele mais que antes. Com certeza. Você não me ouviu perguntar sobre o tráfico negreiro¹ ontem à noite?”

“Ouvi... e esperava que você fizesse mais perguntas. Seu tio teria gostado que você perguntasse mais sobre o assunto.”

“E bem que eu estava morrendo de vontade de perguntar... mas com aquele silêncio sepulcral...! E, como minhas primas ficaram ali sentadas sem abrir a boca e sem demonstrar o mínimo interesse pelo assunto, eu não... achei que podia dar a impressão de querer aparecer às custas delas, mostrando uma curiosidade e um prazer que ele talvez preferisse ver nas próprias filhas.”

“A srta. Crawford acertou em cheio quando comentou, um dia desses, que você tem tanto medo de chamar atenção e despertar elogios quanto outras mulheres de passarem despercebidas. Estávamos falando de você, no presbitério, e ela disse exatamente isso. Ela é muito perspicaz. Não conheço ninguém capaz de discernir tão bem um caráter. Numa mulher tão jovem isso é extraordinário! Ela certamente compreende você melhor do que a maioria das pessoas que a conhecem há mais tempo; e a partir de algumas insinuações, de alguns comentários que às vezes ela deixa escapar, acredito que poderia definir *muita* gente com a mesma precisão, se a delicadeza não a impedisse. Eu gostaria de saber o que ela acha de meu pai! Deve admirá-lo como um homem bem-apesoado, um perfeito cavalheiro, digno, coerente; mas, como até agora o viu tão pouco, talvez se sinta meio intimidada com a sisudez dele. Se se conhecessem melhor, tenho certeza de que gostariam um do outro. Meu pai adoraria a vivacidade dela... e a srta. Crawford apreciaria as qualidades dele. Eu gostaria que se encontrassem com mais frequência! Espero que ela não pense que meu pai a vê com antipatia.”

“Ela sabe que conquistou a estima de todos vocês e, portanto, não há de ter esse receio”, Fanny replicou, com um suspiro. “Assim como não há de criticar Sir Thomas por querer ficar sozinho com a família ao voltar da viagem, pois esse é um desejo muito natural. Acredito que daqui a algum tempo estaremos nos reunindo novamente como antes, só que em outra época do ano.”

“É a primeira vez que ela passa o mês de outubro no campo desde que era menina. Eu não chamaria Tunbridge ou Cheltenham* de campo; e novembro é ainda pior; já percebi que a sra. Grant teme que ela ache Mansfield muito sem graça, quando chegar o inverno.”

Fanny poderia dizer muita coisa, porém era mais seguro não dizer nada, não pronunciar uma só palavra sobre as qualidades, os talentos, a vivacidade, a importância, os amigos da srta. Crawford, pois algum comentário aparentemente desairoso poderia revelar seus verdadeiros sentimentos. Ademais, a lisonjeira opinião da srta. Crawford a seu respeito merecia, no mínimo, gratidão e tolerância, e ela tratou de mudar de assunto.

“Parece que amanhã titio vai almoçar em Sotherton; você e Tom também. Vai ficar pouca gente na mansão. Espero que titio continue gostando do sr. Rushworth.”

“Impossível. Ele vai gostar menos, depois dessa visita, que deve durar bem umas cinco horas. Estou com medo de um dia tão enfadonho e, principalmente, da impressão que vai deixar em meu pai. Ele não pode mais continuar se enganando. Sinto muito por todos e daria qualquer coisa para que Rushworth e Maria nunca tivessem se conhecido.”

Quanto a isso, a decepção de Sir Thomas era iminente. Nem toda a sua boa vontade para com o sr. Rushworth nem toda a deferência do sr. Rushworth para com ele conseguiriam evitar a descoberta da verdade: que o sr. Rushworth era um rapaz medíocre, tão ignorante nos negócios quanto nos livros, sem opiniões firmes e sem muita consciência de si mesmo.

O baronete esperava outro tipo de genro e, preocupado com Maria, tentou entender os sentimentos da filha. Não precisou observar muito para perceber que indiferença recíproca era a melhor coisa que ambos poderiam sentir. Maria era desatenciosa e fria com o noivo. Não gostava dele, não conseguia gostar. Sir Thomas resolveu falar seriamente com ela. Por mais vantajosa que fosse a união, por mais longo e público que fosse o noivado, não valia a pena sacrificar sua felicidade. Talvez ela tivesse se precipitado quando aceitou o sr. Rushworth após tão breve convivência e estivesse arrependida agora que o conhecia melhor.

Sir Thomas dirigiu-se à filha com solene benevolência; falou-lhe de seus temores, perguntou-lhe o que pretendia, suplicou-lhe que fosse franca e sincera e garantiu-lhe que enfrentaria qualquer inconveniente e desfaria o compromisso se a perspectiva do casamento a angustiava. Agiria em seu nome e lhe devolveria a liberdade. Maria lutou consigo mesma por um momento, enquanto o escutava, mas só por um momento, pois, quando ele terminou, conseguiu responder de imediato, com determinação e aparente serenidade. Agradeceu-lhe a atenção e a bondade, porém lhe assegurou que estava redondamente enganado se pensava que ela tinha o menor desejo de romper o noivado ou que seus sentimentos haviam mudado. Declarou que apreciava imensamente o caráter e as qualidades do sr. Rushworth e não tinha dúvida de que seria feliz a seu lado.

Sir Thomas se deu por satisfeito; talvez satisfeito demais para insistir no assunto, como seu bom senso exigiria em outras circunstâncias. Não poderia desfazer esse compromisso sem sofrimento; e assim raciocinou. O sr. Rushworth era jovem o bastante para evoluir; tinha de evoluir e evoluiria em boa companhia; e, se Maria afirmava com tanta segurança e certamente sem a cegueira do amor que seria feliz a seu lado, devia acreditar nela. Seus sentimentos provavelmente não eram intensos; ele nunca imaginara que fossem; mas nem por isso sua felicidade seria menor; e, se ela se conformasse com um marido que nada tinha de notável e brilhante, todo o resto sem dúvida estaria a seu favor. Uma jovem de boa índole que não se casa por amor geralmente é ainda mais apegada à família de origem; e a proximidade entre Sotherton e Mansfield naturalmente constituiria uma grande tentação e com toda a probabilidade daria ensejo aos mais gratos e inocentes prazeres. Assim raciocinava o baronete, contente por evitar o constrangimento de uma ruptura, o espanto, os comentários, as críticas que inevitavelmente se seguiriam; contente por assegurar-se de um casamento que o tornaria mais respeitável e influente; e muito contente por descobrir que a disposição de sua filha era das mais favoráveis ao projeto.

A conversa foi tão satisfatória para Maria quanto para Sir Thomas. Ela estava radiante por ter garantido seu futuro de maneira irreversível, reafirmado seu compromisso com Sotherton e afastado a

possibilidade de Crawford governar seus atos e destruir seus planos; e, assim, retirou-se, orgulhosa e resoluta, decidida apenas a ser mais cautelosa com Rushworth para que o pai não voltasse a desconfiar dela.

Se essa conversa tivesse ocorrido nos três ou quatro dias que se seguiram à partida de Henry Crawford, quando Maria ainda não havia serenado seus sentimentos, ainda não perdera toda a esperança em relação a ele, ainda não resolvera suportar o rival dele, a resposta talvez fosse diferente; mas, depois de três ou quatro dias, durante os quais não houve retorno nem carta nem mensagem nem sinal de um coração enternecido nem perspectiva de qualquer benefício resultante da separação, ela estava suficientemente tranquila para buscar todo o conforto que o orgulho e a vingança pudessem proporcionar.

Henry Crawford destruíra sua felicidade, mas não saberia disso; não destruiria sua reputação, sua aparência, sua prosperidade. Não teria motivo para imaginá-la chorando por *ele* no isolamento de Mansfield, rejeitando Sotherton e Londres, independência e esplendor por causa *dele*. Independência era mais necessário que nunca; e sua falta em Mansfield se tornava ainda mais penosa. Era cada vez mais difícil para Maria suportar as restrições impostas pelo pai. A liberdade que tivera em sua ausência agora lhe era essencial. Ela precisava escapar do pai e de Mansfield o quanto antes e procurar consolo para seu coração ferido na riqueza, na posição social, no bulício do mundo. Estava firmemente decidida e não mudaria de ideia.

Nesse estado de espírito, toda demora, mesmo a demora decorrente de muitos preparativos, seria um suplício; e o sr. Rushworth também estava impaciente para casar. Mentalmente, ela estava pronta; prepararam-na para o matrimônio o ódio ao lar, às restrições e à quietude; a dor do afeto não correspondido, o desprezo pelo homem com quem ia se casar. O resto podia esperar. A aquisição de novas carruagens e novos móveis podia esperar até a primavera em Londres, onde seu gosto teria maior probabilidade de prevalecer.

Os protagonistas estando de acordo quanto a isso, logo se constatou que algumas semanas seriam suficientes para tomar as providências necessárias.

A sra. Rushworth estava disposta a sair de cena e ceder lugar à felizarda que seu querido filho escolhera; e no começo de novembro mudou-se para Bath com a criada, o lacaio, a carruagem e todo o decoro adequado a uma viúva rica, para enaltecer as maravilhas de Sotherton em suas reuniões noturnas, deliciando-se tanto ao lembrá-las durante um animado carteadado quanto se deliciara ao desfrutá-las de fato; e, antes que o mês chegasse ao meio, realizaram-se as bodas e Sotherton ganhou nova dona.

Foi uma cerimônia muito bonita. A noiva estava elegantemente vestida; as duas damas de honra usavam trajes mais modestos, como tinha de ser; o pai a conduziu ao altar; a mãe levava os saís na mão para o caso de emocionar-se demais; a tia se esforçou para chorar; e o dr. Grant presidiu o ritual de maneira admirável. Ao comentar o acontecimento, os vizinhos encontraram uma única falha para apontar: a carruagem que transportou os noivos e Julia desde a igreja até Sotherton era a mesma que o sr. Rushworth vinha usando já havia um ano. Quanto ao resto, a etiqueta resistira ao mais rigoroso escrutínio.

Cerimônia encerrada, os noivos partiram. Sir Thomas estava ansioso como um pai deve estar e realmente sentia muito da comoção que Lady Bertram temera sentir, mas por sorte conseguira evitar. A sra. Norris, exultante por poder contribuir para que tudo corresse bem, por passar o dia na mansão, confortando a irmã e brindando à saúde do sr. e da sra. Rushworth com algumas taças a mais, era toda alegria e prazer, pois promovera aquela união, cuidara de tudo, e ninguém, ao vê-la tão segura de seu triunfo, imaginaria que um dia ela tivesse ouvido falar de infelicidade conjugal ou a julgaria dotada de um mínimo de sensibilidade para compreender o caráter da sobrinha que crescera diante de seus olhos.

O jovem casal pretendia ir a Brighton dentro de alguns dias e lá alugar uma casa por algumas semanas. Todo local público era novo para Maria, e Brighton é praticamente tão divertida no inverno quanto no verão. Quando esgotassem as novidades, seria a hora de irem para Londres, o objetivo maior.

Julia ficaria com eles em Brighton. Não sendo mais rivais, as duas irmãs voltaram a entender-se quase tão bem como antes; e a amizade

entre ambas era suficiente para que sua convivência nesse momento lhes proporcionasse enorme prazer. Ter outra companhia além do sr. Rushworth era de extrema importância para Maria, e Julia estava tão ávida de novidades e distrações quanto ela, embora talvez não se esforçasse tanto para obtê-las e conseguisse suportar melhor uma posição secundária.

Sua partida acarretou mais uma grande mudança em Mansfield, um vazio que só o tempo conseguiria preencher. O círculo familiar se reduziu consideravelmente, e, embora as irmãs pouco tivessem contribuído para animá-lo no passado recente, todos lamentavam sua ausência. Até sua mãe sentia sua falta — e muito mais a sentia sua prima, que vagava pelo casarão e pensava em ambas com um carinho e uma tristeza que elas nunca fizeram muito por merecer.

* Estações de águas respectivamente no sudeste e no oeste da Inglaterra. (N. T.)

IV

A importância de Fanny aumentou depois que as primas partiram. Sendo agora a única jovem da sala, a única remanescente dessa interessante ala familiar na qual até então ocupara um humilde terceiro lugar, ela não podia deixar de atrair mais olhares, mais atenções, mais gentilezas que nunca; e a pergunta “Onde está Fanny?” era feita com frequência, ainda que ninguém precisasse de seus préstimos.

Sua importância aumentou não só na mansão, mas também no presbitério. Na casa onde estivera, quando muito, duas vezes por ano desde a morte do sr. Norris, agora ela era uma bem-vinda convidada; e, nos tristes dias cinzentos de novembro, uma grata companhia para Mary Crawford. Suas visitas, que começaram por acaso, repetiam-se por solicitação. Ansiosa para proporcionar alguma distração à irmã, a sra. Grant facilmente enganava a si mesma, convencendo-se de que, com seus insistentes convites, prestava um inestimável favor a Fanny e lhe oferecia grandes oportunidades de aprimoramento.

Um dia, quando se dirigia ao vilarejo para cumprir uma incumbência que tia Norris lhe confiara, Fanny foi surpreendida por uma forte chuva nas imediações do presbitério e, como alguém da casa a viu tentando abrigar-se sob o que restava da fronde de um carvalho, foi obrigada a entrar, apesar de sua relutância. Bem que recusara o convite de uma gentil empregada; mas, quando o próprio dr. Grant saiu com um guarda-chuva, não teve outra alternativa além de ficar muito envergonhada e entrar na casa o mais rápido possível; e a pobre srta. Crawford, que até então contemplava com tristeza aquela chuva desoladora e lamentava o fracasso de seu plano de exercitar-se durante a manhã e a exclusão de qualquer possibilidade de nas vinte e quatro horas seguintes ver uma única criatura além das que ali moravam, exultou com o ruído da movimentação na porta da

frente e a presença da srta. Price, encharcada, no vestíbulo. E teve de reconhecer o valor de um acontecimento num dia chuvoso no campo. Imediatamente recobrou o ânimo e desdobrou-se para ser útil; e, ao constatar que Fanny estava mais molhada do que admitira a princípio, tratou de providenciar-lhe uma roupa seca; depois de ser forçada a aceitar todas essas atenções, a deixar que patroas e empregadas a assistissem e servissem, Fanny ainda precisaria esperar a chuva parar; assim, ao descer a escada, instalou-se na sala e com isso proporcionou à srta. Crawford uma distração que talvez a mantivesse bem-humorada até a hora de vestir-se para almoçar.

As duas irmãs foram tão boas e simpáticas que Fanny apreciaria muito a visita, se não pensasse que estava incomodando e se acreditasse que o tempo melhoraria ao cabo de uma hora, o que lhe pouparia a vergonha de ouvir o dr. Grant anunciar que ia tirar a carruagem e os cavalos para levá-la para casa. Quanto à preocupação que sua ausência pudesse causar na mansão, não havia o que temer; pois só as tias sabiam de sua saída, e ela sabia que não estariam apreensivas e que o lugar que a tia Norris imaginasse como seu abrigo durante a chuva seria o mesmo em que a tia Bertram a imaginaria abrigada.

O tempo começava a melhorar quando Fanny viu uma harpa na sala e fez algumas perguntas sobre o instrumento, acabando por deixar claro que gostaria muito de ouvi-lo e que, inacreditavelmente, ainda não o escutara. O que lhe parecia muito simples e natural, pois praticamente não fora ao presbitério, nem tivera motivo para ir, desde que a harpa chegara a Mansfield; no entanto, lembrando que se tratava de um desejo antigo, a srta. Crawford lamentou a própria desatenção e prontificou-se, com toda a solicitude: “Posso tocar para a senhorita agora? O que gostaria de ouvir?”.

E imediatamente se pôs a tocar; contente por ter uma nova ouvinte, e uma ouvinte que se mostrava tão agradecida, tão encantada com sua execução, e não desprovida de bom gosto. A srta. Crawford tocou até que a srta. Price, voltando o olhar para a janela e constatando a evidente melhoria do tempo, deu a entender que tinha de ir embora.

“Espere mais um pouco”, a harpista pediu. “Vamos ver se essa melhoria se mantém. Não é bom sair correndo assim que a chuva

para. Aquelas nuvens parecem assustadoras.”

“Mas já estão longe”, Fanny replicou. “Eu estava observando-as. A chuva veio do sul.”

“Sul, norte... eu conheço bem uma nuvem negra; e a senhorita não deve ir embora debaixo dessa ameaça. Além do mais, ainda quero tocar uma coisa... uma música muito bonita... a predileta de seu primo Edmund. A senhorita tem de ouvir a música predileta de seu primo.”

Fanny se sentiu obrigada a ficar e, embora não precisasse dessa frase para pensar em Edmund, ao ouvir seu nome lembrou-se dele mais vivamente e o imaginou sentado nessa mesma sala, talvez no mesmo lugar onde ela agora se encontrava, ouvindo com ininterrupto prazer sua peça favorita, executada, segundo lhe parecia, com grande desenvoltura e emoção; e, apesar de também apreciá-la e de estar contente por gostar do que o primo gostava, estava mais impaciente para ir embora quando a música terminou do que antes; e, como acabou por demonstrar essa impaciência, foi convidada com tanta amabilidade a visitá-los mais vezes, a passar para cumprimentá-los sempre que pudesse, a voltar para ouvir a harpista, que teve de prometer que o faria, se não houvesse objeção em casa.

Assim nasceu o tipo de intimidade que se estabeleceu entre elas nos primeiros quinze dias da ausência das irmãs Bertram, que se devia sobretudo ao desejo de novidade da srta. Crawford e que não correspondia exatamente aos sentimentos de Fanny. A cada dois ou três dias ela ia ao presbitério, como se estivesse fascinada; ficava inquieta quando não ia; e, na verdade, não gostava da srta. Crawford, não pensava como ela, não achava que devesse agradecer-lhe por buscar sua companhia agora que não tinha ninguém; e só uma vez ou outra se divertia ao ouvi-la, embora as observações jocosas que a faziam rir contrariassem seus princípios, pois geralmente se referiam a pessoas ou temas que, a seu ver, mereciam respeito. Não obstante, ia visitá-la, e, como o tempo estava excepcionalmente ameno para essa época do ano, durante meia hora passeavam pela alameda da sra. Grant; às vezes sentavam-se num banco, agora quase desabrigado, e ali ficavam até que, bem no meio de um comentário de Fanny sobre as delícias de um outono tão longo, uma súbita lufada de vento frio

derrubava sobre elas as últimas folhas amarelas que restavam e as obrigava a levantar-se de um salto e caminhar para aquecer-se.

“É bonito aqui... muito bonito”, Fanny disse um dia, quando estavam assim sentadas, contemplando a paisagem. “Sempre que venho aqui, fico encantada com tanto viço, tanta beleza. Três anos atrás, tudo que havia aqui era uma sebe rústica¹ na borda do terreno; ninguém dava nada por ela, ninguém esperava que viesse a ser alguma coisa; e agora é uma alameda, e seria difícil julgar se vale mais pelo conforto que proporciona ou pela beleza que oferece; ao cabo de três anos, talvez nos esqueçamos... ou quase nos esqueçamos de como era antes. Que maravilha é a obra do tempo! Que maravilha são as mudanças da mente humana!” E, seguindo nessa linha de pensamento, logo depois acrescentou: “Se há uma faculdade de nossa natureza que podemos considerar *mais* maravilhosa que as outras, acho que é a memória.² Parece que no poder, nas falhas, nas disparidades da memória existe alguma coisa mais incompreensível que em qualquer outra de nossas faculdades. A memória é, às vezes, tão tenaz, tão prestativa, tão obediente... e, outras vezes, tão confusa, tão frágil... e, ainda outras, tão tirânica, tão incontrollável! Somos um milagre em todos os sentidos, com certeza... mas parece que nossa capacidade de lembrar e esquecer curiosamente escapa a nosso entendimento”.

Impassível e desatenta, a srta. Crawford não teve o que dizer; e, percebendo isso, Fanny tratou de abordar um tema que poderia interessar-lhe.

“Pode parecer petulância de minha parte elogiar, mas tenho de admirar o bom gosto da sra. Grant em tudo isto. O traçado da alameda é tão simples, tão agradável... tão despretensioso!”

“Realmente”, a srta. Crawford concordou com indiferença. “É perfeito para um lugar como este. *Aqui*, ninguém se preocupa com espaço... e cá entre nós, até vir para Mansfield, nunca imaginei que um pároco de aldeia quisesse ter uma alameda ou qualquer coisa do gênero.”

“Que alegria ver essas árvores sempre-verdes viçosas!”, Fanny exclamou. “O jardineiro de meu tio vive dizendo que a terra daqui é melhor que a dele; e deve ser mesmo, a julgar pelo viço dos loureiros e das sempre-verdes em geral. Sempre-verdes! Tão lindas, tão úteis, tão

maravilhosas! Que extraordinária variedade existe na natureza! Sabemos que em alguns países a árvore que perde as folhas é a que estabelece a variedade, mas nem por isso é menos surpreendente que a mesma terra e o mesmo sol alimentem plantas com diferentes regras básicas de existência. A senhorita deve achar que estou empolgada demais; mas, quando saio de casa, principalmente quando me sento ao ar livre, fico propensa a esses arroubos de admiração. Basta pousar os olhos no produto mais comum da natureza para dar asas à imaginação.”

“Para falar a verdade”, a srta. Crawford respondeu, “eu sou mais ou menos como o famoso doge³ na corte de Luís XIV; e posso afirmar que, mais espantoso que esta alameda, é o fato de eu estar aqui. Se alguém tivesse me dito um ano atrás que hoje eu estaria morando aqui, estaria passando meses e meses aqui, como tenho passado, eu não teria acreditado! Faz quase cinco meses que estou aqui! E esses foram os cinco meses mais tranquilos de toda a minha vida.”

“Tranquilos *demais* para seu gosto, suponho.”

“É o que eu deveria achar, *em teoria*, mas”, e seus olhos brilharam, “tudo somado, nunca passei um verão tão feliz. E no entanto...”, com um ar mais pensativo e em voz mais baixa, “não há como saber aonde isso pode me levar.”

Fanny sentiu o coração bater mais rápido e se absteve de pensar ou perguntar o que quer que fosse. Mais animada, a srta. Crawford logo prosseguiu:

“Vejo que me acostumei a viver no campo melhor do que esperava. Pode até ser gostoso passar *meio* ano no campo, em determinadas circunstâncias... pode ser muito gostoso. Uma casa elegante, de bom tamanho, no centro do círculo familiar... muita convivência com a parentela... frequentar a alta sociedade local... gozar de mais prestígio, talvez, que pessoas mais ricas e só deixar de lado tantos divertimentos para ter um tête-à-tête com a criatura que é para nós a mais amável do mundo. Não há nada de assustador nisso, não é, srta. Price? Não há por que invejar a nova sra. Rushworth com uma casa como aquela.”

“Invejar a sra. Rushworth!” foi tudo que Fanny se atreveu a dizer.

“Não, não vamos cometer essa grosseria; não sejamos severas com a sra. Rushworth, pois estou ansiosa para dever a ela muitas horas alegres, brilhantes, felizes. Espero irmos muito a Sotherton no ano que vem. Um casamento como o dela é uma bênção para todos, pois um dos primeiros prazeres da esposa do sr. Rushworth certamente será encher a casa e dar os melhores bailes da região.”

Fanny se manteve em silêncio; e a srta. Crawford retomou suas reflexões até que, de repente, erguendo os olhos após alguns minutos, exclamou: “Ah, lá está ele!”. Mas não era o sr. Rushworth, e sim Edmund, que caminhava com a sra. Grant. “Minha irmã e o sr. Bertram... ainda bem que seu primo mais velho viajou, porque, assim, ele pode voltar a ser o sr. Bertram. Sr. *Edmund* Bertram me parece tão formal, tão lamentável, tão coisa-de-irmão-caçula que acho detestável.”

“Temos opiniões muito diferentes!”, foi a vez de Fanny exclamar. “Para mim o sr. Bertram é tão frio, tão vazio... tão desprovido de calor e de personalidade! Indica um cavalheiro; só isso. Mas Edmund é um nome nobre. Um nome que sugere heroísmo, fama... nome de reis, príncipes, cavaleiros; nome imbuído do espírito da cavalaria e de afetos verdadeiros.”

“Admito que é um bom nome e acho ótimo *Lord* Edmund ou *Sir* Edmund; mas basta associá-lo com a frieza devastadora de um ‘senhor’ para que sr. Edmund não seja mais que sr. John ou sr. Thomas.⁴ Bom, vamos ao encontro deles? Podemos nos livrar de um sermão sobre o perigo de estarmos aqui sentadas a céu aberto nesta época do ano se nos levantarmos antes que comecem.”

Edmund ficou feliz de encontrá-las. Era a primeira vez que as via juntas desde o início dessa intimidade da qual tomara conhecimento com grande satisfação. Uma amizade entre duas pessoas que ele tanto amava era exatamente o que poderia desejar; e, justiça seja feita a seu discernimento de enamorado, não lhe passava pela cabeça que Fanny fosse a única ou a maior beneficiária dessa amizade.

“E, então, não vai nos repreender por nossa imprudência?”, a srta. Crawford perguntou. “Por que acha que ficamos aqui sentadas? Foi só para o senhor nos passar uma descompostura e nos implorar para nunca mais fazermos isso.”

“Talvez eu repreendesse”, Edmund respondeu, “se uma de vocês estivesse aqui sozinha; mas posso bem relevar uma falta conjunta.”

“Elas não devem estar aqui há muito tempo”, a sra. Grant observou, “pois, quando subi para pegar meu xale, espiei pela janela da escada e as vi caminhando.”

“E realmente”, Edmund prosseguiu, “o tempo está tão bom que sentar aqui fora por alguns minutos não chega a ser uma imprudência. Nosso clima nem sempre acompanha o calendário. Às vezes podemos tomar maiores liberdades em novembro que em maio.”

“Palavra de honra, vocês dois são os amigos mais decepcionantes e insensíveis que já tive!”, a srta. Crawford exclamou. “É impossível deixá-los apreensivos sequer por um instante. Vocês não têm ideia do que sofremos, do frio que sentimos! Mas faz tempo que considero o sr. Bertram uma das pessoas mais difíceis de se abalar com a mínima insensatez que uma mulher possa cometer. Desde o começo nunca esperei muita coisa *dele*; mas da senhora, sra. Grant, minha irmã, minha própria irmã, eu esperava que se preocupasse um pouquinho comigo.”

“Não se iluda, minha querida Mary. Não há a menor possibilidade de você me comover. Minhas preocupações são de outra ordem; e, se eu tivesse o poder de mudar o tempo, teria mandado um bom e frio vento leste soprar em vocês sem parar... Robert *quer* deixar umas plantas fora porque as noites são amenas, e eu sei muito bem que o tempo vai mudar de repente, uma geada forte vai pegar todo mundo de surpresa (pelo menos Robert), e eu vou perdê-las; e o pior é que a cozinheira acabou de me informar que o peru que eu pretendia guardar para domingo, porque é quando o dr. Grant o saboreia com mais gosto, depois das fadigas do dia, só aguenta até depois de amanhã. Como você vê, tenho razão de reclamar; e acho que o tempo está abafado demais para esta época do ano.”

“As doçuras da vida doméstica no campo!”, a srta. Crawford comentou com ironia. “Recomende-me ao viveirista e ao avicultor.”

“Minha querida criança, recomende o dr. Grant para o decanato de Westminster ou de St. Paul, e eu ficarei tão contente com seu viveirista e seu avicultor quanto você. Não temos esses profissionais aqui em Mansfield. O que você quer que eu faça?”

“Ah, você não pode fazer mais do que já faz; aguenta tantos aborrecimentos e nunca perde a paciência.”

“Obrigada... mas não há como fugir desses pequenos contratempos, onde quer que moremos; e, quando você estiver morando em Londres e eu for visitá-la, acho que também vou vê-la às voltas com seus aborrecimentos, apesar do viveirista e do avicultor... ou talvez por causa deles. Você vai lamentar amargamente o desinteresse, a falta de pontualidade, os preços exorbitantes, as trapaças dessa gente.”

“Eu quero ser rica bastante para não lamentar ou sentir nada parecido. Uma boa renda é a melhor receita de felicidade que conheço. E com certeza há de me garantir toda a parte do mirto e do peru.”⁵

“A senhorita quer ser muito rica”, disse Edmund, com uma expressão que, aos olhos de Fanny, era extremamente séria.

“Claro. O senhor não quer? Não é o que todos nós queremos?”

“Não posso querer uma coisa que não está a meu alcance. A srta. Crawford pode escolher seu grau de riqueza. Só precisa determinar o número de milhares de libras por ano e sem dúvida as terá. Eu só não quero ser pobre.”

“Com moderação e economia, adequando as necessidades ao rendimento, e por aí afora. Eu entendo... é um objetivo condizente com uma pessoa de sua idade, pouco endinheirada e mal relacionada. O que o *senhor* pode querer, além de uma renda razoável? Não tem muito tempo pela frente; e sua parentela não tem condições de ajudá-lo nem de humilhá-lo com a própria riqueza e a própria importância. Seja honesto e pobre, vá em frente... mas não hei de invejá-lo; creio que nem vou respeitá-lo. Tenho muito mais respeito por quem é honesto e rico.”

“Seu grau de respeito pela honestidade, na riqueza ou na pobreza, não me preocupa. Não pretendo ser pobre. Sou contra a pobreza. Só espero que a senhorita não despreze uma honestidade situada num meio-termo entre esses dois extremos.”

“Mas eu a desprezo, se ela não está onde poderia estar. Tenho de desprezar o que se contenta com a obscuridade, quando poderia estar numa posição de destaque.”

“Mas como se daria isso? Como minha honestidade poderia estar numa posição de destaque?”

Não era uma pergunta fácil de responder e provocou um “Ah!” que se estendeu até a bela jovem encontrar o que dizer: “O senhor deveria estar no Parlamento, ou devia ter ido para o Exército dez anos atrás”.

“Isso não vem ao caso agora; e, quanto a estar no Parlamento, creio que preciso esperar a convocação de uma assembleia representativa de filhos mais novos que dispõem de poucos recursos. Não, srta. Crawford”, ele acrescentou, num tom mais sério, “*existem* posições de destaque que eu gostaria de alcançar e sofreria muito se não visse possibilidade de alcançá-las... mas são de outra espécie.”

Fanny se entristeceu ao ver a expressão de constrangimento com que o primo pronunciou essas palavras e a atitude aparentemente constrangida com que a srta. Crawford respondeu; e, incapaz de dar a devida atenção à sra. Grant, que caminhava a seu lado, decidiu ir para casa e só esperava reunir coragem suficiente para anunciar sua decisão quando ouviu o grande relógio da mansão soar três badaladas; então se deu conta de que estivera ausente por mais tempo que de hábito e resolveu afastar-se sem demora. Enquanto começava a despedir-se com absoluta determinação, Edmund lembrou que tinha ido até o presbitério para buscá-la, pois sua mãe perguntara por ela.

Ainda mais impaciente para afastar-se, Fanny se pôs a caminho, sem ao menos esperar pelo primo; porém todos se apressaram e acompanharam-na até o presbitério, por onde tinham obrigatoriamente de passar. O dr. Grant estava no saguão, e, quando pararam para cumprimentá-lo, Fanny percebeu que Edmund *realmente* fora buscá-la. Ele também estava se despedindo. Ela só podia ser-lhe grata. O reverendo o convidou para comer carneiro no dia seguinte; e Fanny mal teve tempo para sentimentos desagradáveis, pois, de repente, a sra. Grant se voltou para ela e pediu que lhes desse o prazer de sua companhia. Diante de uma atenção tão rara, de uma circunstância tão excepcional em sua vida, Fanny ficou surpresa e confusa e, enquanto gaguejava seus agradecimentos e murmurava que “não sabia se poderia aceitar”, olhava para o primo, à espera de ajuda e conselho. Mas Edmund, encantado por vê-la tão feliz e certo de que sua mãe, a única pessoa que poderia colocar alguma objeção, não criaria a menor dificuldade para dispensá-la, aconselhou-a a aceitar o convite; e, embora Fanny, apesar desse encorajamento, não ousasse

fazer uso de tamanha independência, decidiu-se que, se nada houvesse em contrário, a sra. Grant podia esperá-la.

“E já sabem o que vamos comer”, disse a sra. Grant, sorrindo. “O peru... e lhes garanto que é um belo peru; pois, meu caro”, prosseguiu, voltando-se para o marido, “a cozinheira insiste em fazer peru amanhã.”

“Muito bem, muito bem”, replicou o reverendo. “Tanto melhor. Fico contente de saber que temos uma coisa tão boa em casa. Mas a srta. Price e o sr. Edmund Bertram vão correr o risco. Ninguém aqui quer saber qual é o cardápio. O que temos em mente é um encontro entre amigos, não uma comida fantástica. Peru, ganso, pernil de carneiro... o que você e sua cozinheira decidirem fazer.”

Os primos tomaram o rumo da mansão; e, exceto alguns comentários sobre esse compromisso, do qual Edmund falou com grande satisfação, considerando-o particularmente desejável para o aprofundamento da amizade que com tanto prazer via surgir, foi uma caminhada silenciosa, pois, tendo esgotado esse assunto, ele não se mostrou disposto a iniciar outro e se encerrou em seus pensamentos.

V

“Mas por que a sra. Grant convidou Fanny?”, Lady Bertram estranhou. “Como é que ela foi ter a ideia de convidar Fanny? Ela nunca jantou lá. Não posso dispensá-la e tenho certeza de que ela não quer ir. Fanny, você não quer ir, quer?”

“Se a senhora pergunta desse jeito”, Edmund protestou, antes que a prima respondesse, “Fanny só pode dizer que não; mas tenho certeza, minha querida mãe, de que ela gostaria de ir; não vejo motivo para ela não ir.”

“Não consigo entender por que a sra. Grant resolveu convidá-la. Nunca a convidou. Convidou suas irmãs, uma vez ou outra, mas nunca convidou Fanny.”

“Se a senhora precisa de mim”, Fanny começou, abnegadamente.

“Mas o papai vai ficar com a senhora.”

“Claro que vai.”

“Então, pergunte o que ele acha disso.”

“Boa ideia. Vou perguntar. Assim que Sir Thomas chegar, vou perguntar se posso dispensar Fanny.”

“Como quiser, mamãe; mas estou interessado em saber o que meu pai acha *certo*: aceitar ou não aceitar o convite; acredito que, como se trata de um *primeiro* convite tanto da parte da sra. Grant quanto da parte de Fanny, ele vai dizer que foi certo aceitá-lo.”

“Não sei. Vamos perguntar a ele. Mas ele vai ficar muito surpreso com esse convite da sra. Grant a Fanny.”

Não havia mais nada a dizer na ausência de Sir Thomas; porém, como envolvia seu conforto no dia seguinte, o assunto era tão crucial para Lady Bertram que, meia hora depois, quando ele chegou da plantação e passou por ali, a caminho de seus aposentos, ela o chamou: “Espere um instante... Tenho uma coisa para lhe contar”.

Falou no tom calmo e langoroso de sempre, pois nunca se dava o trabalho de elevar a voz, mas nem por isso deixava de ser ouvida; e Sir Thomas, que estava prestes a fechar a porta, voltou atrás. Lady Bertram começou seu relato; e Fanny imediatamente saiu da sala; pois escutar uma conversa com seu tio que girava em torno de sua pessoa era mais do que seus nervos poderiam suportar. Estava ansiosa — talvez mais do que deveria estar —, pois o que importava, afinal, se saísse ou ficasse? Contudo, se o tio demorasse muito para decidir, dirigindo-lhe olhares severos enquanto ponderava, e acabasse por tomar uma decisão contrária a sua vontade, era bem possível que ela não conseguisse parecer adequadamente submissa e indiferente. Até o momento, sua causa ia bem. Lady Bertram dera início a sua exposição, dizendo: “Tenho de lhe contar uma coisa que vai surpreendê-lo. A sra. Grant convidou Fanny para jantar!”.

“Bom”, o baronete murmurou, como se esperasse algo mais para se surpreender.

“Edmund quer que ela vá. Mas eu posso dispensá-la?”

“Ela vai chegar atrasada”, Sir Thomas comentou, consultando o relógio; “mas qual é o problema?”

Edmund se viu obrigado a interferir para preencher as lacunas no relato da mãe; quando terminou, ela acrescentou: “É muito estranho! A sra. Grant nunca a convidou”.¹

“Mas não é natural que a sra. Grant queira proporcionar à irmã uma companhia agradável?”, Edmund perguntou.

“Nada mais natural”, Sir Thomas respondeu, depois de uma breve reflexão; “ainda que não existisse uma irmã, não haveria nada mais natural, em minha opinião. A gentileza da sra. Grant com a srta. Price, com a sobrinha de Lady Bertram, não requer explicação. O que me surpreende é essa gentileza ocorrer pela *primeira* vez. Fanny fez muito bem de dar uma resposta condicional. Agiu como devia. Mas, concluindo que ela quer ir, pois os jovens gostam de estar juntos, não vejo motivo para negar-lhe esse prazer.”

“Mas eu posso dispensá-la?”

“Na verdade, acho que sim.”

“Ela sempre faz o chá quando minha irmã não está.”

“Tente convencer sua irmã a passar o dia conosco; além disso, vou ficar em casa.”

“Muito bem. Então, Fanny pode ir, Edmund.”

Fanny logo tomou conhecimento da boa notícia. A caminho de seus aposentos, Edmund bateu na porta do quarto da prima.

“Bom, tudo se resolveu a contento e sem a menor hesitação por parte de seu tio. Ele foi taxativo. Você deve ir.”

“Obrigada. Estou *muito* feliz”, Fanny respondeu instintivamente, porém, depois que se despediu dele e fechou a porta, não pôde deixar de se perguntar: “Mas por que eu estaria feliz? Não sei que vou ver ou escutar alguma coisa que há de me magoar?”.

No entanto, apesar dessa convicção, estava feliz. Um compromisso que poderia ser tão simples para outras pessoas era novo e importante para Fanny, pois, à exceção do dia em Sotherton, ela praticamente nunca jantara fora; e, embora houvesse menos de um quilômetro para percorrer e só três pessoas para visitar, ainda era jantar fora, e todas as pequenas preocupações com os preparativos constituíam, por si só, um divertimento. Ela nunca recebera demonstrações de simpatia nem assistência daqueles que deveriam compreender seus sentimentos e orientar seu gosto; pois Lady Bertram nunca pensava em ser útil a ninguém, e a sra. Norris, quando chegou no dia seguinte, a pedido de Sir Thomas, estava de péssimo humor e parecia interessada unicamente em reduzir ao mínimo possível o prazer presente e futuro da sobrinha.

“Você tem muita sorte de ser tratada com tanta atenção e tamanha complacência! Deveria agradecer muito a sra. Grant por pensar em você e a sua tia por deixá-la ir e deveria ver isso como algo extraordinário; pois espero que esteja ciente de que não há o menor motivo para você participar de reuniões sociais ou para jantar fora; e não pense que isso vai se repetir. A sra. Grant não a convidou em consideração a *você*, mas em consideração a seu tio, a sua tia e a mim. Se ela não achasse que nos deve a gentileza de dar um pouco de atenção a você, essa ideia nunca lhe passaria pela cabeça; e você pode ter certeza de que não seria convidada se sua prima Julia estivesse em casa.”

A sra. Norris destruíra tão habilmente a delicadeza da sra. Grant para com Fanny que, vendo-se na obrigação de dizer alguma coisa, a pobrezinha só conseguiu balbuciar que estava muito agradecida a Lady Bertram por tê-la dispensado e que adiantaria ao máximo as costuras da noite para que a tia não sentisse falta de seus préstimos.

“Ah, pode ter certeza de que sua tia há de passar muito bem sem você; do contrário, não a dispensaria. *Eu* estarei aqui, de modo que não precisa se preocupar com ela. E espero que você tenha um dia muito *agradável* e ache tudo *delicioso*. Mas devo observar que cinco é o pior número para compor uma mesa; e muito me espanta que uma senhora tão *elegante* como a sra. Grant não tenha pensado nisso! E ainda mais com aquela mesa enorme, que enche a sala daquele jeito pavoroso! Se o doutor tivesse se contentado com a mesa que deixei lá quando saí, como qualquer criatura sensata teria se contentado, em vez de comprar aquela mesa absurda, maior, bem maior que a mesa daqui... teria sido infinitamente melhor! E ele seria muito mais respeitado! Pois ninguém respeita quem quer ser mais do que é. Lembre-se *disso*, Fanny. Cinco, apenas cinco em torno daquela mesa! Mas com certeza vão servir comida suficiente para dez.”

A sra. Norris tomou fôlego e prosseguiu.

“E diante da estultice, da insensatez das pessoas que tentam parecer mais do que são, acho que devo lhe dar um conselho, agora que você vai a uma reunião social sem nós; eu imploro: não queira aparecer, não fique falando e opinando como se fosse uma de suas primas... como se fosse a querida sra. Rushworth ou Julia. Isso nunca fica bem, acredite. Lembre-se: onde você estiver, seja a mais humilde, seja a última; e, embora a srta. Crawford de certo modo esteja em casa, lá no presbitério, você não está. E, quanto à hora de voltar para casa, você deve esperar a decisão de Edmund. Ele é quem deve resolver isso.”

“Sim, senhora; eu não pensaria em agir de outra forma.”

“E, se chover, o que acho muitíssimo provável, pois nunca na vida vi tamanha ameaça de chuva... você deve se arranjar da melhor maneira possível e não esperar que a carruagem vá buscá-la. Com certeza não vou para casa hoje à noite, e, portanto, a carruagem não há de sair

por minha causa; portanto, prepare-se para o que pode acontecer e leve o que for necessário.”

Fanny achou tudo isso perfeitamente razoável. Colocava seu direito ao conforto no mesmo patamar baixíssimo em que a sra. Norris o situava; e, pouco depois, quando Sir Thomas abriu a porta e perguntou: “Fanny, para que hora você quer a carruagem?”, surpreendeu-se a tal ponto que não conseguiu falar.

“Meu querido Sir Thomas!”, a sra. Norris exclamou, rubra de raiva. “Fanny pode ir andando.”

“Ir andando!”, ele repetiu, indignado, num tom irretorquível, e aproximou-se. “Minha sobrinha ir andando para um jantar nesta época do ano! Quatro e vinte está bom para você?”

“Está, sim, senhor”, Fanny respondeu humildemente, sentindo-se quase como uma criminoso perante a sra. Norris; e, não suportando permanecer perto dela com o que poderia parecer uma atitude de triunfo, tratou de deixar a sala, junto com o tio, mas, antes de sair, teve tempo suficiente para ouvir as seguintes palavras, proferidas com raiva:

“Não há a menor necessidade disso! É muita bondade! Mas Edmund também vai... é verdade... é por causa de Edmund. Eu percebi que ele estava rouco, quinta-feira à noite.”

Porém Fanny não se abalou. Sabia que a carruagem era para ela, só para ela; e, quando ficou sozinha, derramou lágrimas de gratidão por ser tratada com tanta consideração pelo tio, não obstante os argumentos da tia.

O cocheiro se apresentou no momento exato; um minuto depois, o cavalheiro desceu, e, como a dama, com medo de se atrasar, aguardara por muitos minutos na sala de visitas, Sir Thomas se despediu de ambos na hora marcada, como exigia sua pontualidade.

“Agora, deixe-me olhar para você, Fanny”, Edmund falou, com o sorriso terno de um irmão afetuoso, “e lhe dizer o que eu acho; pelo que consigo ver nesta luz, você está muito bonita. Que roupa é essa?”

“É o vestido novo que o titio teve a bondade de me dar para ir ao casamento de minha prima. Espero que não seja vistoso demais para a ocasião, mas pensei que devia usá-lo logo e talvez não tivesse outra oportunidade, no inverno. Espero que não me ache rebuscada.”

“Uma mulher nunca fica rebuscada quando está toda de branco. Não, não vejo nenhum rebuscamento em você; nada que não seja perfeitamente adequado. O vestido é muito bonito. Gosto desses pontinhos brilhantes. A srta. Crawford não tem um vestido parecido?”

Ao aproximar-se do presbitério, passaram perto do estábulo e da cocheira.

“Veja só!”, Edmund exclamou. “Uma carruagem! Temos companhia! Quem será?” E, baixando o vidro lateral para enxergar melhor: “É Crawford! É a caleche de Crawford, com certeza! Olhe lá os dois criados dele, colocando-a no lugar de antes. Ele está aqui, naturalmente. Que surpresa! Vou ficar muito contente de vê-lo”.

Fanny não teve oportunidade nem tempo de explicar que seus sentimentos eram muito diferentes; porém a perspectiva de ser observada por mais uma pessoa, e por essa pessoa específica, intensificou consideravelmente o temor com que cumpriu o terrível ritual da entrada na sala.

O sr. Crawford realmente estava lá, pois chegara a tempo de arrumar-se para o jantar; e os sorrisos, as expressões de alegria das três pessoas que o rodeavam mostravam como era bem-vinda sua repentina decisão de passar alguns dias no presbitério, ao encerrar sua estadia em Bath. Seu encontro com Edmund foi dos mais cordiais; e, à exceção de Fanny, todos estavam radiantes; mas até para ela sua presença poderia ser vantajosa, pois lhe permitiria permanecer em silêncio e passar despercebida, como desejava ardentemente. E não demorou a perceber que assim seria; pois, embora tivesse de admitir, como exigia seu senso de decoro e não obstante as opiniões da tia Norris, que era a principal dama presente e devia aceitar todas as pequenas atenções decorrentes dessa circunstância, deparou, à mesa, com uma conversa que fluía prazerosamente e não requeria sua participação — havia tanta coisa a ser dita sobre Bath entre o irmão e a irmã, sobre caçada entre os dois rapazes, sobre política entre o sr. Crawford e o dr. Grant e sobre tudo ao mesmo tempo entre o sr. Crawford e a sra. Grant que ela se viu ante a esplêndida perspectiva de só escutar em silêncio e passar o tempo de modo muito agradável. Não podia felicitar o cavalheiro recém-chegado por considerar a

possibilidade de estender sua estada em Mansfield e mandar buscar seus caçadores em Norfolk, ideia que, sugerida pelo dr. Grant, endossada por Edmund e calorosamente aplaudida pelas duas irmãs, logo o dominou e até o levou a desejar que Fanny o ajudasse a decidir. Consultada em relação às probabilidades de bom tempo, ela respondeu com todo o laconismo e toda a indiferença que a civilidade permitia. Não queria que o sr. Crawford ficasse e preferia que não lhe dirigisse a palavra.

Sua presença a fazia pensar muito nas primas ausentes, sobretudo em Maria; porém nenhuma lembrança embaraçosa abalava o bom humor do rapaz. Ali estava ele mais uma vez, no mesmo lugar onde tudo ocorrera, e aparentemente tão desejoso de ficar e ser feliz sem as irmãs Bertram como se não tivesse conhecido Mansfield em outras circunstâncias. Limitou-se a mencioná-las vagamente até que todos se reuniram na sala de visitas e, enquanto Edmund e o dr. Grant discutiam um tema que parecia interessar-lhes muito e a sra. Grant se ocupava à mesa do chá, tornou-se mais específico, conversando com a outra irmã. Com um sorriso significativo, que fez Fanny odiá-lo, comentou: “Então! Rushworth e sua bela esposa estão em Brighton, pelo que sei... Que felizardo!”.

“Sim, há quinze dias que estão lá... não é, srta. Price? E Julia foi com eles.”

“E o sr. Yates não deve estar longe, imagino.”

“O sr. Yates!... Ah, não temos notícia do sr. Yates. Não creio que se fale muito dele nas cartas que chegam a Mansfield Park; não é, srta. Price? Acho que minha amiga Julia tem juízo bastante para não aborrecer o pai com um assunto como o sr. Yates.”

“Pobre Rushworth, com suas quarenta e duas falas!”, Crawford prosseguiu. “Nunca vamos esquecê-las. Coitado!... Parece que estou vendo-o... tão esforçado, tão desesperado. Bom, creio que a encantadora Maria nunca há de querer ouvi-lo declamar suas quarenta e duas falas.” E acrescentou com uma seriedade momentânea: “Ela é muito boa para ele... boa demais”. E, adotando um tom gentil e galante, dirigiu-se a Fanny: “A senhorita era a melhor amiga do sr. Rushworth. Nunca vamos esquecer sua bondade, sua paciência, sua inesgotável paciência em tentar fazê-lo aprender o

papel... tentar dar a ele o cérebro que a natureza lhe negou... incutir-lhe um pouco da inteligência que a senhorita tem de sobra! *Ele* podia não ter sensibilidade suficiente para avaliar sua bondade, mas eu me atrevo a afirmar que todos nós a admiramos”.

Fanny corou e se manteve calada.

“Foi um sonho, um sonho delicioso!”, Crawford exclamou, depois de refletir por alguns instantes. “Sempre vou me lembrar de nosso teatro com imenso prazer. Havia tanto interesse, tanto entusiasmo, tanta energia! Todos nós nos sentimos assim. Todos nós estávamos cheios de vida. Havia atividade, esperança, solicitude, empolgação para todas as horas do dia. Sempre surgia uma pequena objeção, uma pequena dúvida, um pequeno receio para superar. Nunca fui tão feliz.”

Silenciosamente indignada, Fanny repetiu consigo mesma: “Nunca foi tão feliz!... Nunca foi tão feliz, fazendo o que o senhor deve saber que era injustificável! Nunca foi tão feliz, agindo de forma tão vergonhosa, tão insensível! Ah, que mente depravada!”.

“Não tivemos sorte, srta. Price”, ele continuou, em voz baixa para que Edmund não o escutasse e sem imaginar o que ela estava sentindo; “não tivemos sorte, com certeza. Só precisávamos de mais uma semana, uma única semana. Acho que, se pudéssemos controlar os acontecimentos... se Mansfield Park detivesse o comando dos ventos por uma ou duas semanas na época do equinócio, teria sido diferente. Não haveríamos de querer pôr em risco a segurança de Sir Thomas com uma tremenda borrasca... bastaria um vento contrário, soprando sem parar, ou uma calmaria. Acho, srta. Price, que uma semana de calmaria no Atlântico teria sido ótimo para nós.”

Ele parecia decidido a arrancar-lhe uma resposta; e Fanny, desviando o olhar, declarou num tom mais firme que o habitual: “*Eu* não teria atrasado o retorno dele um dia sequer. A total desaprovação de meu tio a tudo aquilo me fez ver que as coisas tinham ido longe demais”.

Era a primeira vez que Fanny falava tanto com o sr. Crawford e a primeira vez que se dirigia a alguém com tanta raiva; e, quando concluiu seu discurso, estava trêmula e enrubescida com a própria ousadia. Ele estava surpreso; contudo, depois de refletir por alguns momentos, respondeu num tom mais calmo e mais sério, como se expressasse sua verdadeira convicção: “Creio que a senhorita tem

razão. Foi mais agradável que prudente. Estávamos ficando barulhentos demais”. E tratou de mudar o rumo da conversa, porém obteve respostas tão tímidas e relutantes que não conseguia avançar em nenhum assunto.

A srta. Crawford, que vinha observando o dr. Grant e Edmund, comentou: “Aqueles senhores devem estar discutindo um tema muito interessante”.

“O mais interessante do mundo”, seu irmão respondeu. “Como ganhar dinheiro... como transformar uma boa renda numa renda ainda melhor. O dr. Grant está falando sobre o presbitério que Bertram vai assumir em breve. Eu soube que ele vai se ordenar dentro de algumas semanas. Estavam falando sobre isso, na sala de jantar. É bom saber que Bertram vai levar uma vida confortável. Vai ter uma bela renda para esbanjar sem se esforçar muito para ganhá-la. Nada menos que setecentas libras por ano, segundo entendi. Setecentas libras por ano para um irmão mais novo é um bom dinheiro; e, como naturalmente ele vai continuar morando com os pais, há de gastar tudo com seus *menus plaisirs*;² e imagino que todo o seu sacrifício se resumirá em pregar um sermão no Natal e outro na Páscoa.”

A srta. Crawford riu, tentando sufocar seus sentimentos, e falou: “Acho muito engraçada a facilidade com que as pessoas avaliam a abundância de quem tem muito menos que elas. Você ficaria desorientado se tivesse de limitar seus *menus plaisirs* a setecentas libras por ano”.

“Pode ser; mas tudo isso é relativo. Direito de berço e hábito devem resolver a questão. Bertram certamente está muito bem para um caçula, mesmo sendo o caçula de um baronete. Quando estiver com vinte e quatro ou vinte e cinco anos, terá setecentas libras por ano sem precisar fazer nada para isso.”

A srta. Crawford *poderia* dizer que havia algo a fazer para isso, algo a sofrer para isso, algo a considerar com seriedade; mas controlou-se e deixou passar; e tentou aparentar calma e indiferença quando os dois cavalheiros se aproximaram, pouco depois.

“Bertram”, disse Henry Crawford, “faço questão de vir a Mansfield escutar seu primeiro sermão. Só para encorajar um jovem principiante. Quando será isso? Srta. Price, não vai me ajudar a

encorajar seu primo? Não vai prometer que estará presente, com os olhos fixos nele o tempo inteiro... como eu... para não perder uma única palavra ou para registrar uma frase de rara beleza? Vamos levar papel e lápis. Quando será isso? Você tem de predicar em Mansfield para Sir Thomas e Lady Bertram poderem ouvi-lo.”

“Pretendo ficar longe de você enquanto puder”, Edmund respondeu; “pois é bem provável que me deixe sem jeito, e eu lamentaria muito que justamente você, e não qualquer outro, fizesse isso.”

“Será que ele não percebe?”, Fanny pensou. “Não, ele não percebe nada que deveria perceber.”

Agora que todos estavam reunidos e os mais tagarelas se entretinham mutuamente, ela ficou em paz; e, como depois do chá se formou uma mesa de uíste — por iniciativa da atenciosa sra. Grant com a finalidade (que ninguém deveria mencionar) de distrair o marido — e a srta. Crawford se pôs a tocar harpa, tudo que Fanny tinha a fazer era ouvir e desfrutar sua tranquilidade, perturbada de quando em quando por uma pergunta ou um comentário do sr. Crawford que não podia deixar de responder. A srta. Crawford estava aborrecida demais para querer qualquer coisa além da música. Com ela se confortava e distraía a amiga.

A notícia de que a ordenação de Edmund, que esperava ser algo incerto e longínquo, ocorreria em breve teve o efeito de um golpe que apenas fora adiado e agora a enchia de raiva e vergonha. Ela estava furiosa. Acreditara ter mais influência. Começara a pensar nele — assim achava — com grande consideração, com objetivos quase definidos; porém agora o trataria com a mesma frieza com que era tratada. Parecia-lhe evidente que Edmund não tinha sérias intenções, não lhe dedicava verdadeiro afeto, contentava-se com uma situação que, devia saber, ela nunca aceitaria. Ela aprenderia a ser-lhe indiferente. Aceitaria suas atenções como uma distração momentânea. Se *ele* conseguia controlar dessa forma os próprios sentimentos, *ela* também controlaria os seus, para que não a fizessem sofrer.

VI

Na manhã seguinte, Henry Crawford já havia decidido passar mais quinze dias em Mansfield; assim, mandou buscar seus cavalos de caça, escreveu algumas linhas para explicar-se com o almirante e, depois de selar o envelope e largá-lo na mesa, voltou-se para a irmã; então, vendo que mais ninguém da família estava por perto, disse, com um sorriso: “E como você acha que pretendo me divertir, quando não estiver caçando? Já estou muito velho para sair mais de três vezes por semana; mas tenho um plano para os outros dias. E qual você acha que é?”.

“Caminhar e cavalgar comigo, por certo.”

“Não exatamente, apesar de que vou gostar muito de fazer as duas coisas, mas com elas estaria exercitando só o corpo, e preciso cuidar da mente. Além disso, seria tudo recreação e prazer, sem a saudável participação do trabalho, e eu não gosto de comer o pão do ócio. Não; meu plano é fazer Fanny Price se apaixonar por mim.”

“Fanny Price! Que loucura! Não, não. Você tem de se dar por satisfeito com as primas dela.”

“Mas não posso me dar por satisfeito sem Fanny Price, sem abrir uma brechinha no coração de Fanny Price. Parece que vocês não perceberam como ela merece atenção. Ontem à noite, quando falamos sobre ela, tive a impressão de que nenhum de vocês notou a fantástica mudança que ocorreu na aparência dessa moça. Claro, vocês a veem todo dia e, portanto, não se dão conta disso, mas eu lhe digo que ela mudou muito desde o outono. No outono, era só uma moça quietinha, recatada, nem feia nem bonita; agora está absolutamente linda. Eu a achava desbotada e desenxabida; mas aquela pele macia, que tantas vezes fica corada, como ontem, é de uma beleza indiscutível; e, pelo que observei, os olhos e a boca são capazes de muita expressividade, quando ela tem alguma coisa para expressar. E

ainda... o porte, as maneiras, tudo melhorou incrivelmente! Ela deve ter crescido pelo menos cinco centímetros desde outubro.”

“Bobagem! Você só está dizendo isso porque não havia nenhuma mulher alta para estabelecer uma comparação, porque ela estava de vestido novo e porque você nunca a tinha visto tão bem-arrumada. Ela é a mesma que era em outubro, acredite em mim. A verdade é que você sempre tem de prestar atenção em alguma moça e, naquela ocasião, não havia outra. Eu sempre a achei bonita... não linda... mas *bonitinha*, como se diz; de um tipo de beleza que a gente aprende a apreciar com o tempo. Os olhos deveriam ser mais escuros, mas o sorriso é meigo; agora, com relação a uma fantástica mudança, acho que tudo se resume num vestido melhorzinho e na falta de outra moça para chamar sua atenção; portanto, você nunca vai me convencer de que decidiu cortejá-la por causa da beleza dela ou por causa de qualquer outra coisa além de sua ociosidade e sua insensatez.”

Ele se limitou a sorrir, em resposta a essa acusação, e, pouco depois, falou: “Não sei o que pensar da srta. Fanny. Não a entendo. Não sei o que ela pretendia ontem. Como ela é? Sisuda? Esquisita? Pudica? Por que se encolheu toda e ficou olhando para mim com tanta seriedade? Mal consegui lhe arrancar uma palavra ou outra. Nunca na vida passei tanto tempo ao lado de uma moça... tentando conversar... sem o menor sucesso! Nunca conheci uma moça que me olhasse com tanta seriedade! Tenho de resolver esse problema. O olhar dela diz: ‘Não vou gostar de você; estou decidida a não gostar de você’. E eu digo que ela vai gostar de mim”.

“Que bobo! E é isso o que ela tem de atraente! É isso... o fato de não estar interessada em você... que dá a ela uma pele tão macia e a torna tão alta, tão encantadora, tão graciosa! Espero que não a magoe; um *amórico* talvez a anime e lhe faça bem, mas não vá além disso, porque ela é uma pessoa muito boa e sensível.”

“Só vai durar quinze dias”, Henry replicou; “e, se quinze dias conseguem matá-la, ela deve ser irremediavelmente frágil. Não, não vou fazer nenhum mal à pobrezinha. Só quero que ela me olhe com simpatia, que sorria para mim, que core por minha causa, que reserve uma cadeira para mim onde quer que estejamos, que fique contente quando eu me sentar ao lado dela e lhe dirigir a palavra; quero que

pense como eu penso, que se interesse por minhas coisas e por meus prazeres, que procure me segurar por mais tempo em Mansfield, que acredite que será infeliz para sempre quando eu for embora. É tudo que eu quero.”

“A modéstia em pessoa!”, Mary exclamou. “Não posso mais ter escrúpulos. Bom, não faltarão oportunidades para você tentar conquistá-la, já que vai vê-la com frequência.”

E, sem procurar mais adverti-lo, abandonou Fanny à própria sorte; a uma sorte que poderia ser pior do que ela merecia, se seu coração não estivesse protegido de uma forma da qual a srta. Crawford sequer desconfiava; pois, embora existam moças de dezoito anos tão inconquistáveis (ou não se escreveria sobre elas) que não há talento, atenção, galanteio que consiga convencê-las a amar a despeito do bom senso, não creio que Fanny fosse uma delas, nem imagino que, com uma natureza tão terna e sensível, conseguisse escapar ilesa da corte (ainda que essa corte durasse apenas quinze dias) de um homem como Crawford, apesar da má impressão que tinha dele, se seu coração já não tivesse dono. Apesar de toda a proteção que o amor por um e a desestima por outro podiam proporcionar à paz de espírito que estava sendo atacada, as contínuas atenções que Fanny recebia — contínuas, porém não incômodas e cada vez mais adequadas a seu caráter gentil e delicado — logo a obrigaram a detestá-lo menos que antes. Ela não esqueceu o passado, de modo algum, nem mudou de opinião a seu respeito; mas reconhecia suas qualidades, achava-o divertido e, diante de sua refinada e impecável amabilidade, não conseguia tratá-lo com descortesia.

Bastaram alguns dias para ele alcançar seu objetivo; e, ao fim desses poucos dias, surgiram circunstâncias favoráveis a seu intuito de agradá-la, pois proporcionaram a Fanny um grau de felicidade que a predispunha a agradar-se de todo mundo. Ela acabara de saber que William, seu irmão, seu querido irmão, que ficara ausente por tanto tempo, estava na Inglaterra. Recebera uma carta dele, apenas algumas linhas escritas às pressas, quando o navio cruzava o canal da Mancha, e enviadas a Portsmouth no primeiro barco que deixou o *Antuérpia*, ancorado em Spithead;¹ e, quando Crawford entrou com o jornal na mão, certo de que seria o primeiro a dar a notícia, encontrou-a

tremendo de alegria por causa dessa carta e ouvindo, radiante e agradecida, o gentil convite que o tio calmamente ditava em resposta.

Foi só na véspera que Crawford se inteirou do assunto; só então tomou conhecimento da existência desse irmão e do fato de que ele estava nesse navio, mas o interesse despertado pela novidade foi suficientemente intenso para fazê-lo decidir que, em sua próxima ida a Londres, procuraria descobrir a data provável em que o *Antuérpia* retornaria do Mediterrâneo etc.; e sua boa sorte na manhã seguinte, quando se pôs a ler notícias relacionadas com navegação, parecia a recompensa por sua habilidade em descobrir esse modo de agradá-la, bem como por sua respeitosa atenção para com o almirante, a quem não deixara faltar, durante muitos anos, o jornal tido como o mais bem informado sobre as atividades marítimas. Porém chegou tarde demais. Todos aqueles belos sentimentos que acompanham uma primeira reação e que ele esperava suscitar já haviam sido suscitados. Mas Fanny lhe agradeceu a intenção, a generosidade da intenção, e expressou sua gratidão efusivamente, pois, no arrebuo de seu amor por William, conseguia superar sua habitual timidez.

Esse querido William em breve estaria com eles. Não havia dúvida de que obteria permissão para isso, pois ainda era apenas aspirante; e, como seus pais, que moravam em Portsmouth, por certo já o teriam visto, talvez até diariamente, ele poderia, com toda a justiça, dedicar suas férias à irmã, sua melhor correspondente ao longo de sete anos, e ao tio, a pessoa que mais contribuíra para seu progresso; assim, em resposta à resposta de Fanny, escreveu-lhe o mais rápido possível, comunicando a data de sua chegada; e, dez dias depois da empolgação provocada pelo primeiro convite para jantar fora que ela recebera, dominou-a por completo uma empolgação de natureza mais elevada, que a fazia aguardar no saguão, no corredor, na escada, sempre atenta ao primeiro ruído da carruagem que lhe traria o irmão.

Felizmente o escutou quando aguardava desse modo e, não havendo formalidade nem timidez que adiasse o momento do encontro, recebeu-o tão logo ele entrou na casa, e os primeiros minutos de intensa emoção não sofreram interrupção nem tiveram testemunhas, a menos que se incluíssem nessa categoria os criados ocupados em abrir as portas. Era exatamente o que Sir Thomas e Edmund queriam, como

demonstrou a presteza com que recomendaram à sra. Norris que, ao ouvir os ruídos da chegada, não corresse para o saguão, mas permanecesse onde estava.

William e Fanny logo apareceram; e Sir Thomas teve o prazer de acolher seu protegido, certamente um rapaz muito diferente do menino que equipara sete anos antes, um jovem de expressão sincera e amável, de maneiras francas e espontâneas, porém sensíveis e respeitosas; e sua amizade por ele se fortaleceu.

Fanny demorou muito tempo para recuperar-se da emoção dessa hora, dos últimos trinta minutos de espera e dos primeiros trinta minutos de alegria; precisou de mais algum tempo para sentir-se realmente feliz, para superar a decepção ante a grande mudança operada no irmão, para ver nele o mesmo William de sempre e falar-lhe como seu coração desejava havia muitos anos. Esse momento surgiu aos poucos, graças ao afeto que ele lhe demonstrava e que, embora fosse tão intenso quanto o seu, era muito menos contido pela educação e pela timidez. Fanny era o primeiro objeto do amor de William, um amor que, com seu temperamento mais intenso e mais ousado, ele expressava tão naturalmente quanto sentia. No dia seguinte, passearam juntos com genuíno prazer; e toda manhã retomavam uma conversa que Sir Thomas observava com satisfação.

Exceto nos momentos de singular alegria que toda demonstração evidente ou inesperada da consideração de Edmund para com ela suscitara nos últimos meses, Fanny nunca havia sido tão feliz como nessas conversas sem barreiras nem receios, em pé de igualdade com o irmão e amigo, que lhe abria seu coração, falava-lhe de suas esperanças e seus temores, seus projetos e suas preocupações com a promoção desde muito desejada, a duras penas merecida e devidamente apreciada; que podia dar-lhe informações detalhadas sobre o pai e a mãe, os irmãos e as irmãs, dos quais ela raramente tinha notícias; que se interessava por todos os confortos e todas as pequenas mazelas da vida que ela levava em Mansfield; que de bom grado acatava a opinião dela sobre cada integrante da família, à exceção da tia Norris, da qual tinha uma visão menos escrupulosa e mais negativa; e com quem (talvez o maior prazer de todos) ela podia relembrar todo o mal e todo o bem dos primeiros anos da existência

de ambos, toda dor e toda alegria que viveram juntos. Eis uma vantagem que fortalece o amor e coloca até mesmo os laços conjugais abaixo dos fraternais. Os filhos da mesma família, do mesmo sangue, com os mesmos hábitos e as mesmas recordações da infância têm a sua disposição uma fonte de felicidade que nenhum relacionamento posterior consegue proporcionar; e só uma longa separação, contrária à natureza, só um divórcio que nenhum vínculo subsequente justifica poderá lançar no esquecimento esses preciosos resquícios dos primeiros afetos. Com muita frequência, infelizmente, é assim. O amor fraterno, que às vezes é quase tudo, às vezes é pior que nada. Mas em William e Fanny Price era ainda um sentimento em toda a plenitude, em todo o frescor, que nenhum conflito de interesses corrompera, que nenhum outro afeto arrefecera e que o tempo e a ausência só faziam crescer.

Um amor tão bonito os engrandecia aos olhos de todos que tinham sensibilidade suficiente para apreciar algo de bom. Henry Crawford estava tão impressionado quanto os outros. Admirava a calorosa e franca ternura que levava o jovem marinheiro a dizer, apontando a cabeça da irmã: “Sabe, estou começando a gostar dessa moda esquisita; mas, quando me contaram que se usava isso na Inglaterra, não consegui acreditar; e, quando a sra. Brown e as outras mulheres apareceram com esse penteado lá no Comissariado,² em Gibraltar, achei que tinham ficado loucas; mas Fanny me faz aceitar qualquer coisa”. E via, com grande admiração, o rubor que tingia as faces de Fanny, o brilho que reluzia em seus olhos, o profundo interesse, a enorme atenção com que ela ouvia o irmão descrever os iminentes perigos ou as cenas terríveis que ocorriam no mar.

Era um quadro que Henry Crawford tinha condições morais de apreciar. Os atrativos de Fanny cresciam — cresciam em dobro —, pois a sensibilidade que embelezava sua tez e iluminava seu semblante era uma atração em si mesma. Já não lhe restavam dúvidas sobre a capacidade de seu coração. Fanny tinha sentimentos, sentimentos verdadeiros. Seria maravilhoso ser amado por essa moça, despertar os primeiros ardores de sua alma jovem e pura! Ele estava mais interessado do que previra. Não lhe bastariam quinze dias. Sua estada teria um tempo indeterminado.

Sir Thomas muitas vezes convidava William a contar-lhe suas aventuras. Divertia-se com seus relatos, mas tinha como principal objetivo entender o narrador, conhecer o sobrinho por meio de suas histórias; e escutava com grande satisfação os detalhes simples, claros, empolgantes, nos quais via uma prova de bons princípios, competência profissional, energia, coragem, entusiasmo — tudo que merecia ou prometia um belo futuro. Apesar de jovem, William já tinha visto muita coisa na vida. Estivera no Mediterrâneo, nas Índias Ocidentais, novamente no Mediterrâneo; muitas vezes desembarcara em terra firme, com a permissão de seu comandante; e, ao longo de sete anos, conhecera todo tipo de perigo que o mar e a guerra podem apresentar. Com toda essa bagagem tinha o direito de ser ouvido; e, embora a sra. Norris ficasse andando pela sala, perturbando todo mundo, procurando dois pedaços de linha ou um botão de camisa bem no meio da narrativa de um naufrágio ou de uma batalha, todos ouviam atentamente; até mesmo Lady Bertram se emocionava com o relato dessas terríveis peripécias e, às vezes, erguia os olhos de seu trabalho para comentar: “Ai, que horror! Não sei como alguém pode querer ir para o mar”.

Já Henry Crawford tinha outra opinião. Sempre quis ir para o mar, sempre quis ver, fazer, vivenciar tudo que William descrevia. Sentia o coração inflamar-se, a imaginação alçar voo; e respeitava imensamente um rapaz que, antes de completar vinte anos, passara por tamanhas dificuldades e dera tantas provas de firmeza. A glória do heroísmo, da competência, do esforço, da tenacidade fazia seus hábitos egoísticos parecerem vergonhosos; como ele gostaria de ser um William Price, um indivíduo que se distinguia e se empenhava com tanta dignidade e tanto entusiasmo para obter fortuna e prestígio!

Seu desejo era mais intenso que constante. Despertou-o de seu devaneio retrospectivo e pesaroso uma pergunta de Edmund sobre sua intenção de ir caçar no dia seguinte; e ele se deu conta de que também era bom ser um homem rico, com cavalos e cavaleiros a seu dispor. Sob determinado aspecto era até melhor, pois lhe permitia dispensar favores a quem lhe interessava agradar. Sempre animado, corajoso e curioso por tudo, William expressou a vontade de caçar; e Crawford se prontificou a providenciar-lhe montaria sem inconveniente para si

mesmo, pois só teria de eliminar alguns escrúpulos de Sir Thomas, que sabia melhor que o sobrinho o valor de tal préstimo, e alguns receios de Fanny. Ela temia pelo irmão; absolutamente não a convencia tudo que ele dizia sobre sua prática da equitação em vários países, sobre sua participação em cavalgadas por terrenos difíceis, sobre os potros e burros xucros que havia montado ou sobre as muitas quedas terríveis das quais escapara por um triz; não acreditava em sua capacidade de manejar um cavalo robusto e veloz numa caça à raposa; e, até vê-lo voltar são e salvo, sem acidente nem demérito, não conseguiu acalmar-se nem sentir a gratidão que o sr. Crawford tencionava inspirar-lhe quando ofereceu o cavalo a William. No entanto, ao constatar que o irmão não sofrera nenhum dano, admitiu que se tratara de uma gentileza e até recompensou o proprietário do cavalo com um sorriso, quando ele recuperou a posse do animal e imediatamente, com grande cordialidade e de modo irrecusável, colocou-o à inteira disposição do visitante durante toda a sua permanência em Northamptonshire.

VII

Nessa época, a convivência entre as duas famílias estava mais perto de voltar a ser o que havia sido no outono do que qualquer um de seus respectivos membros imaginara. O retorno de Henry Crawford e a chegada de William Price contribuíram muito para isso, porém muito se devia também à boa vontade de Sir Thomas para com as tentativas de aproximação por parte dos moradores do presbitério. Livre das preocupações que a princípio o acabrunhavam, agora ele tinha condições de apreciar os Grant e seus jovens hóspedes a ponto de achar que valia a pena visitá-los; e, embora estivesse infinitamente acima de tramas ou conluíus com o objetivo de conseguir um casamento vantajoso para qualquer um de seus entes mais queridos, não obstante as aparentes possibilidades, e desdenhasse como uma fraqueza sua perspicácia nesse campo, não pôde deixar de notar, com um ar de altivez e displicência, as atenções especiais do sr. Crawford para com sua sobrinha e não hesitava (conquanto inconscientemente) em anuir aos convites que se deviam a esse motivo.

Entretanto, a presteza com que concordou em jantar no presbitério, quando por fim se arriscaram a convidá-lo, depois de muito discutir se valia a pena dar esse passo, “porque Sir Thomas parecia tão pouco disposto a aceitar e Lady Bertram era tão indolente!”, deveu-se unicamente a sua educação e a sua benevolência e não tinha nada a ver com o sr. Crawford, exceto na medida em que ele fazia parte de um grupo agradável; pois foi durante essa visita que o baronete começou a pensar que qualquer indivíduo afeito a frívolas observações *pensaria* que o sr. Crawford era admirador de Fanny Price.

Todos acharam a reunião prazerosa, com uma boa proporção entre os que adoram falar e os que preferem ouvir; e o jantar em si foi elegante e farto, bem de acordo com o estilo dos Grant e com os hábitos de todos, de maneira que não impressionou ninguém, a não

ser a sra. Norris, que não conseguia ver com bons olhos aquela mesa enorme coberta de pratos, achava impossível que alguns deles não estivessem frios e se sentia mal sempre que os criados passavam por trás de sua cadeira.

Após a refeição, decidiu-se formar uma mesa de uíste, por prévia determinação da sra. Grant e da srta. Crawford; e, como ainda sobraria gente o bastante para um carteadado sem parceiros, propôs-se jogar *speculation*; ¹ todos concordaram, até porque não lhes restava alternativa, como sói acontecer em tais ocasiões. Lady Bertram se viu na difícil situação de ter de escolher entre as duas possibilidades e hesitou. Felizmente o marido estava por perto.

“O que devo fazer, Sir Thomas? Uíste ou *speculation*: qual será mais divertido?”

Ele refletiu por um instante e recomendou *speculation*. Preferia o uíste, e talvez não lhe agradasse tê-la como parceira.

“Muito bem”, sua senhoria respondeu, satisfeita. “*Speculation*, por favor, sra. Grant. Não sei nada sobre esse jogo, mas Fanny pode me ensinar.”

Assustada, Fanny declarou que partilhava a mesma ignorância, pois nunca na vida jogara nem vira jogar *speculation*; e Lady Bertram novamente ficou indecisa; porém, como todos lhe asseguraram que não havia nada mais fácil, que esse era o carteadado mais fácil do mundo, e como Henry Crawford pediu permissão para sentar-se entre sua senhoria e a srta. Price e ensinar a ambas, resolveu-se o problema; Sir Thomas, a sra. Norris e os Grant compuseram a mesa de maior dignidade e superioridade intelectual, e os seis restantes, orientados pela srta. Crawford, formaram a outra mesa. Foi uma solução excelente para Henry Crawford, que ficou perto de Fanny e se viu ocupadíssimo, tendo de manejar as cartas de duas pessoas, além das próprias, pois, embora Fanny demorasse apenas três minutos para dominar as regras do jogo, ele ainda precisava sugerir-lhe as jogadas, aguçá-lhe a cobiça e endurecer-lhe o coração, o que apresentava certa dificuldade, sobretudo quando se tratava de competir com William; e ainda teve de zelar, durante toda a noite, pelo prestígio de Lady Bertram, sendo bastante rápido para impedi-la de olhar as cartas no

início de cada rodada e dizendo-lhe o que fazer com elas até o final de cada mão.

Estava bem-humorado, agia com desenvoltura, destacava-se em todas as jogadas que exigiam habilidade, rapidez e a alegre impudência condizente com esse tipo de carteados; e a mesa redonda contrastava animadamente com a sobriedade, a disciplina e o silêncio da outra mesa.

Por duas vezes Sir Thomas quis saber se sua esposa estava se divertindo e tendo sucesso, mas nada conseguiu, pois nenhuma pausa durou o tempo que seus modos comedidos demandavam; só pôde satisfazer sua curiosidade quando, terminada a primeira partida de desempate, a sra. Grant se levantou e foi dar parabéns a Lady Bertram.

“Espero que a senhora esteja gostando do jogo.”

“Ah, sim, querida. É muito divertido. E muito esquisito. Não sei do que se trata. Nunca posso ver as cartas; e o sr. Crawford faz tudo.”

“Bertram”, Crawford começou instantes depois, aproveitando um pequeno arrefecimento no entusiasmo dos jogadores, “ainda não lhe contei o que me aconteceu ontem, depois que nos separamos.” Os dois tinham ido caçar e estavam no meio de uma boa corrida, a alguma distância de Mansfield, quando Crawford percebeu que uma ferradura de seu cavalo se soltara e teve de voltar. “Eu lhe contei que me perdi depois de passar por aquela velha casa de fazenda, cercada de teixos, porque detesto perguntar; mas não lhe contei que, com minha sorte de sempre... pois nunca erro sem sair ganhando... acabei chegando a um lugar que eu estava curioso para conhecer. Depois de descer uma tremenda ribanceira, eu me vi no meio de um vilarejo solitário, que se estendia entre suaves encostas; diante de mim, um riacho que eu teria de atravessar; a minha direita, uma igreja no alto de um outeiro... uma igreja surpreendentemente grande e bonita para aquele povoado... e, a poucos metros dali, o único casarão mais ou menos digno de um cavalheiro... provavelmente o presbitério. Eu estava, em suma, em Thornton Lacey.”

“É o que parece”, disse Edmund. “Mas para que lado você foi, depois que passou pela fazenda de Sewell?”

“Eu não respondo perguntas irrelevantes e insidiosas; mas, ainda que respondesse todas que você conseguisse formular no espaço de uma hora, você não teria como provar que *não* era Thornton Lacey... pois era, com certeza.”

“Você perguntou para alguém?”

“Não; eu nunca pergunto. Mas *falei* para um homem que estava consertando uma sebe que era Thornton Lacey e ele concordou.

“Você tem boa memória. Eu não me lembro de ter lhe contado tanta coisa sobre esse lugar.”

Thornton Lacey era o nome do vilarejo onde se situava o presbitério que logo seria de Edmund; a srta. Crawford tinha conhecimento disso, e seu interesse pela negociação para comprar o valete de William Price aumentou.

“E o que você achou do que viu?”, Edmund quis saber.

“Eu gostei muito. Você é um sujeito de sorte. Aquela casa vai precisar de pelo menos cinco anos de trabalho para se tornar habitável.”

“Não, não, não está tão mal assim. Vamos ter de mexer no pátio, concordo; mas me parece que é só isso. A casa não é ruim; e, quando o pátio sair dali, a entrada vai melhorar muito.”

“Vai ter de plantar umas árvores naquele espaço do pátio para esconder a oficina do ferreiro. A casa precisa ficar de frente para o leste, e não para o norte... a entrada e os cômodos principais têm de ficar naquele lado, onde a vista é muito bonita; dá para fazer isso, com certeza. É ali que deve ser a entrada... onde hoje é o jardim. Você deve plantar um jardim novo no que é hoje os fundos da casa; o que vai dar a ela o melhor aspecto do mundo... com aquele declive para o sudeste. Parece que o terreno foi feito para isso. Andei uns cinquenta metros, entre a igreja e a casa, para estudar o assunto; e vi que é possível. Nada mais fácil. Os prados que estão mais além do lugar onde *vai* ficar o jardim e se estendem para o nordeste, ou seja, para a estrada que corta o vilarejo, devem formar um todo com o lugar do jardim *atual*, naturalmente; são muito bonitos, salpicados de árvores. Fazem parte do presbitério, suponho. Se não, você deve comprá-los. E o riacho... é preciso fazer alguma coisa com aquele riacho; mas ainda não sei bem o quê. Tenho duas ou três ideias.”

“Eu também tenho duas ou três ideias”, Edmund replicou; “e uma delas é que pretendo pôr em prática só uma pequenina parte de seus planos para Thornton Lacey. Devo me contentar com menos enfeite e menos beleza. Acho que a casa com tudo que a cerca pode se tornar bem confortável e perfeitamente digna de um cavalheiro sem grandes gastos; é suficiente para mim; e espero que seja suficiente para todas as pessoas que se importam comigo.”

Ligeiramente desconfiada e aborrecida com o tom de voz e o olhar furtivo com que ele expressou sua esperança, a srta. Crawford tratou de concluir logo a negociação com William Price, adquirindo o valete a um preço exorbitante, e declarou: “Pronto, vou arriscar minha última carta, como uma mulher de fibra. Chega de prudência. Não nasci para ficar sentada sem fazer nada. Se perder o jogo, não será porque não lutei”.

Ela ganhou o jogo, mas não recuperou o que pagara para assegurar a vitória. Seguiu-se outra rodada, e Crawford voltou a falar de Thornton Lacey.

“Meu projeto pode não ser o melhor; não tive muito tempo para pensar; mas você precisa fazer muita coisa. O lugar merece, e você não vai se contentar com menos do que ele pode oferecer. (Desculpe, a senhora não pode olhar as cartas. Deixe-as quietinhas, aqui em frente.) O lugar merece, Bertram. Você disse que pode torná-lo digno de um cavalheiro. É só acabar com o pátio, pois, tirando esse tremendo inconveniente, nunca vi uma casa desse tipo que parecesse tão digna de um cavalheiro, tão superior a um simples presbitério, tão acima de algumas centenas de libras por ano. Não é um amontoado de quatinhos, com tantos tetos quanto janelas... nem está espremida nos limites estreitos de uma pequena propriedade rural... é uma casa de paredes sólidas, espaçosa, com toda a aparência de uma mansão, onde se imagina que uma antiga e respeitável família de camponeses esteja morando há gerações, há pelo menos dois séculos, e tenha hoje uma despesa anual de duas a três mil libras.” A srta. Crawford ouviu, e Edmund concordou. “Portanto, você pode torná-la perfeitamente digna de um cavalheiro, se fizer alguma coisa. Mas ela tem potencial para muito mais. (Deixe-me ver, Mary; Lady Bertram oferece doze pela dama; não, não, doze é mais do que vale. Lady Bertram *não*

oferece doze. Ela não tem nada a dizer. Continue, continue.) Com algumas das melhorias que eu sugeri... não estou dizendo para seguir meu projeto, embora eu duvide muito que alguém apresente um melhor... ela vai ganhar requinte. Vai se tornar uma verdadeira *mansão*. Melhorias bem pensadas podem transformar a simples residência de um cavalheiro na residência de um homem educado, refinado, moderno, bem relacionado. Tudo isso é possível; e aquela casa ganha uma aparência que vai fazer todo mundo que passar pela estrada concluir que seu dono é o grande proprietário de terras da paróquia; até porque não existe ali nenhuma casa de um autêntico fidalgo rural para disputar o título; uma circunstância que, cá entre nós, contribui para valorizá-la em termos de privilégio e independência financeira. Você também pensa assim, espero... (voltando-se para Fanny com uma voz mais suave). A senhorita já esteve lá?”

Fanny rapidamente respondeu que não e tentou esconder seu interesse pelo assunto, dando grande atenção ao irmão, que regateava uma carta e tentava engambelá-la; porém Crawford prosseguiu: “Não, não se desfaça da dama. Custou-lhe caro, e seu irmão não está oferecendo nem a metade do valor. Não, não, senhor, tire a mão... tire a mão. Sua irmã não quer se desfazer da dama. Ela está decidida. A senhorita vai ganhar essa partida (voltando-se novamente para ela); vai ganhar, com certeza”.

“E Fanny preferia que William ganhasse”, disse Edmund, sorrindo para a prima. “Coitadinha! Queria tanto se deixar enganar!”

“Sr. Bertram”, a srta. Crawford começou, instantes depois, “o senhor sabe que Henry entende muito de melhorias; não faça nada em Thornton Lacey sem a ajuda dele. Pense como ele foi útil em Sotherton! Pense nas coisas grandiosas que foram feitas lá graças a nossa visita, num dia quente de agosto, quando percorremos toda a propriedade e vimos o gênio de meu irmão se inflamar. Fomos, voltamos; e o que se fez lá é indescritível!”

Fanny olhou para Crawford por um momento com uma expressão mais que séria, até mesmo de reprovação; porém, desviou o olhar assim que ele a fitou. Um tanto constrangido, Crawford balançou a cabeça e disse para a irmã: “Não posso afirmar que foi feita muita

coisa em Sotherton; mas o dia estava quente, e ficamos desnorteados, procurando uns aos outros”. Pouco depois, com um murmurinho generalizado encobrindo suas palavras, dirigiu-se em voz baixa a Fanny: “Eu lamentaria que minha capacidade de *projetista* fosse avaliada em função daquele dia em Sotherton. Hoje tenho outra visão das coisas. Não pense que sou como parecia ser então”.

A palavra Sotherton chamou a atenção da sra. Norris, que, graças à boa vaza resultante de uma excelente jogada sua e de Sir Thomas contra os Grant, poderosos adversários, desfrutava, nesse exato momento, um merecido descanso. “Sotherton!”, ela exclamou, muito bem-humorada. “Sim, é realmente uma mansão, e lá passamos um dia maravilhoso. William, você está mesmo sem sorte; mas, da próxima vez que vier, espero que os queridos Rushworth estejam em casa, pois tenho certeza de que irão recebê-lo muito bem. Seus primos não são do tipo que esquece os parentes, e o sr. Rushworth é amabilíssimo. Agora eles estão em Brighton... numa das melhores casas de lá, como a bela fortuna do sr. Rushworth lhes permite. Não sei a distância exata, mas, quando você for para Portsmouth, pode ir até lá cumprimentá-los, se não for muito longe; e levar umas coisinhas que quero mandar para suas primas.”

“Seria um prazer, titia... mas Brighton fica perto de Beachey Head; se eu pudesse ir tão longe, não creio que seria bem-vindo num lugar tão chique... afinal, sou um pobre aspirante.”

A sra. Norris abriu a boca para assegurar-lhe que podia contar com uma recepção calorosa, porém Sir Thomas a interrompeu, dizendo com autoridade: “Não o aconselho a ir até Brighton, William, pois acredito que em breve vocês poderão se reunir em circunstâncias mais adequadas, se bem que minhas filhas ficariam contentes de ver os primos em qualquer lugar; e você vai encontrar no sr. Rushworth um homem sinceramente disposto a acolher todos os nossos parentes como se fossem dele”.

“Eu gostaria mais de encontrar nele o secretário particular do ministro da Marinha”, William respondeu em voz baixa, para os outros não ouvirem, e encerrou-se o assunto.

Até então Sir Thomas não percebera nada de estranho no sr. Crawford; contudo, quando a mesa de uíste se desfez, após a segunda

partida de desempate, e o dr. Grant e a sra. Norris se puseram a discutir a última jogada, começou a observar a outra mesa e constatou que sua sobrinha era alvo de atenções, ou melhor, de intenções bastante claras.

Henry Crawford expunha, empolgado, mais um projeto para Thornton Lacey e, não conseguindo despertar o interesse de Edmund, passou a detalhá-lo para sua bela vizinha com grande seriedade. Seu plano consistia em alugar a casa no inverno para ter seu próprio canto nas proximidades; e não para utilizá-la apenas durante a temporada de caça, embora *esse* fosse um fator importante, sem dúvida, pois estava ciente de que, apesar da enorme bondade do dr. Grant, era impossível que ele e seus cavalos não constituíssem um estorvo; mas sua afeição àquelas cercanias não estava condicionada a um divertimento ou a uma estação do ano: seu desejo era ter ali um cantinho só seu, aonde pudesse ir a qualquer momento, onde pudesse passar todos os feriados do ano e continuar cultivando e *aprimorando* aquela amizade com a família de Mansfield Park que a cada dia se tornava mais preciosa para ele. Sir Thomas ouviu e não se ofendeu. Não havia desrespeito nas palavras do rapaz; e Fanny as escutava com uma postura tão adequada e modesta, tão serena e fria que não havia o que censurar-lhe. Ela falava pouco, assentia cá e lá e não demonstrava a menor vontade de apropriar-se de qualquer parte do cumprimento ou de incentivar todo aquele entusiasmo por Northamptonshire. Ao perceber que o baronete o observava, Henry Crawford dirigiu-se a ele, discorrendo sobre o mesmo assunto num tom mais trivial, porém ainda com sentimento.

“Quero ser seu vizinho, como o senhor deve ter me ouvido dizer à srta. Price. Posso contar com sua aprovação? Posso esperar que não use sua influência sobre seu filho para fazê-lo recusar esse tipo de inquilino?”

Sir Thomas inclinou-se polidamente e respondeu: “É a única circunstância em que eu *não* gostaria de tê-lo como vizinho permanente; mas espero e acredito que Edmund ocupará sua casa em Thornton Lacey. Estou falando demais, meu filho?”.

Edmund precisou, primeiramente, saber do que se tratava, porém, ao entender a pergunta, declarou sem hesitar:

“Nunca pensei morar em outro lugar, meu pai. Mas, Crawford, se recuso você como inquilino, venha me ver como amigo. Metade da casa é sua no inverno; e vamos ampliar os estábulos de acordo com seu projeto e fazer todas as melhorias que lhe ocorram durante a primavera.”

“Vamos sair perdendo”, Sir Thomas prosseguiu. “Quando Edmund for embora, ainda que seja para morar a pouco mais de doze quilômetros daqui, o círculo familiar vai se reduzir; porém muito me desagradaria que um filho meu se contentasse com menos. É perfeitamente natural que não tenha pensado muito no assunto, sr. Crawford. Mas uma paróquia tem necessidades e exigências que só um clérigo residente pode conhecer e nenhum substituto temporário consegue satisfazer na mesma medida. Edmund poderia cumprir suas obrigações em Thornton, ou seja, ler orações e pregar, sem abrir mão de Mansfield Park; poderia ir, todo domingo, a uma casa nominalmente habitada e celebrar o ofício; poderia ser o clérigo de Thornton Lacey por três ou quatro horas no sétimo dia da semana, se isso lhe bastasse. Mas não basta. Ele sabe que a natureza humana precisa de mais lições que as transmitidas por um sermão semanal; sabe que, se não vive entre seus paroquianos e demonstra, com sua atenção constante, que é protetor e amigo de todos, faz muito pouco pelo bem dos outros ou por seu próprio bem.”

O sr. Crawford concordou com um gesto.

“Eu repito”, o baronete acrescentou, “que Thornton Lacey é a única casa das redondezas que eu *não* gostaria de ver ocupada pelo sr. Crawford.”

O sr. Crawford agradeceu com um gesto.

“Meu pai sem dúvida sabe qual é o dever de um pároco”, Edmund falou. “Esperamos que o filho demonstre que *também* sabe.”

Qualquer que fosse o efeito da pequena arenga de Sir Thomas sobre o sr. Crawford, ela suscitou sensações incômodas em duas outras pessoas que o escutavam atentamente: a srta. Crawford e Fanny. Uma delas, não tendo até então compreendido que em breve Thornton seria a residência de Edmund, refletia, de olhos baixos, sobre o que significaria *não* ver o primo diariamente; e a outra, arrancada das agradáveis fantasias que acalentara ao ouvir a descrição feita pelo

irmão, já não podendo, em sua imagem de um futuro Thornton, excluir a igreja, eliminar o clérigo e reter apenas a residência respeitável, elegante, modernizada e ocasional de um homem financeiramente independente, com franca má vontade considerava Sir Thomas o destruidor de tudo isso e sofria ainda mais por causa da involuntária paciência que o caráter e a postura do baronete exigiam e por não ousar extravasar sua raiva numa única tentativa de ridicularizar a situação.

Todo o prazer que tivera com a partida de *speculation* desaparecera. Estava na hora de abandonar o carteador, se iam prevalecer os sermões; e ela ficou contente com o término do jogo, pois agora poderia recobrar o ânimo, mudando de lugar e de companhia.

A maior parte do grupo reuniu-se junto à lareira, esperando o fim da noite. William e Fanny se mantiveram à distância. Continuaram sentados à mesa agora deserta, conversando à vontade sem pensar nos outros, até que alguns começaram a pensar neles. Henry Crawford foi o primeiro a voltar a cadeira naquela direção para observá-los em silêncio por alguns minutos, enquanto era observado por Sir Thomas, que, em pé, conversava com o dr. Grant.

“Hoje é dia de baile em Portsmouth”, disse William. “Talvez eu fosse, se estivesse lá.”

“Você não gostaria de estar em Portsmouth?”

“Não; não gostaria. Vou ter bastante tempo para ficar em Portsmouth e para dançar quando não estiver com você. E não sei se seria bom ir ao baile, porque é muito possível que eu não arrumasse par. As moças de Portsmouth torcem o nariz para todo mundo que não tem patente de oficial. Aspirante é praticamente o mesmo que nada. É *nada*, na verdade. Você se lembra das srtas. Gregory; elas cresceram e são muito bonitas, mas quase não falam comigo, porque um tenente está fazendo a corte a Lucy.”

“Que vergonha! Mas não dê importância. (Com o rosto corado de indignação.) Não vale a pena. Não é nada contra *você*; até os grandes almirantes passaram por isso, em maior ou menor grau, no começo da carreira. Procure ver isso como uma das dificuldades que todo marinheiro tem de enfrentar... como o mau tempo e a vida dura... porém com a vantagem de que um dia vai acabar; um dia você não vai

ter de aguentar nada parecido. Quando você for tenente! Pense, William: quando você for tenente, não vai se importar com esse tipo de bobagem.”

“Estou começando a achar que nunca vou ser tenente. Todo mundo é promovido, menos eu.”

“Ah, meu querido, não fale assim, não desanime. O titio não diz nada, mas sei que há de fazer tudo que puder para conseguir sua promoção. Ele sabe, tão bem quanto você, como isso é importante.”

Ao perceber que o tio estava mais perto do que imaginara, ela se interrompeu; e ambos acharam melhor mudar de assunto.

“Você gosta de dançar, Fanny?”

“Muito... só que me canso logo.”

“Eu gostaria de levá-la a um baile e ver você dançar. Nunca há bailes em Northampton? Eu queria vê-la dançar e dançaria com você, se você *quisesse*, pois ninguém saberia quem sou, e eu gostaria de ser seu par mais uma vez. Dançamos juntos muitas vezes quando o realejo tocava na rua, lembra? Eu danço bem, a minha maneira, mas você é melhor.” E, voltando-se para o tio, que agora estava a seu lado: “Fanny não é boa dançarina?”.

Assustada com uma pergunta tão inaudita, Fanny não sabia para onde olhar nem como preparar-se para ouvir a resposta. Um severo reproche, ou pelo menos a mais fria expressão de indiferença haveria de entristecer o irmão e de arrasá-la. No entanto, tudo que escutou foi: “Lamento informar que não sei. Nunca vi Fanny dançar, desde que ela era pequena; mas acredito que, quando a virmos, concordaremos que se conduz como uma dama; e pode ser que em breve tenhamos oportunidade de confirmar isso”.

“Eu tive o prazer de ver sua irmã dançar, sr. Price”, interveio Henry Crawford, inclinando-se para a frente, “e me comprometo a responder satisfatoriamente toda pergunta que o senhor fizer sobre o assunto. Mas creio (vendo a aflição de Fanny) que deve ser em outra ocasião. *Uma* das pessoas presentes não gosta de ouvir falar da srta. Price.”

Ele realmente a vira dançar uma vez e bem que gostaria de descrevê-la deslizando com serenidade, leveza e elegância, num ritmo admirável; mas por nada no mundo conseguiria dizer como Fanny

dançara, pois, embora tivesse certeza de sua presença no baile, não se lembrava de nada que se referisse a ela.

Não obstante, passou por admirador de sua dança; e Sir Thomas, que não ficou nem um pouco aborrecido com isso, prolongou a conversa sobre dança em geral, pondo-se a relatar os bailes de Antígua e a escutar tudo que o sobrinho podia lhe dizer sobre os diferentes estilos de dança que havia observado; e nisso se entreteve de tal modo que não ouviu anunciar a chegada da carruagem, da qual tomou conhecimento mediante a afobação da sra. Norris.

“Vamos, Fanny. O que é que você está fazendo? Vamos. Não vê que sua tia está saindo? Rápido, rápido. Não vou deixar o velho Wilcox esperando. Você tem de pensar sempre no cocheiro e nos cavalos. Meu caro Sir Thomas, combinamos que a carruagem viria buscar o senhor, Edmund e William.”

Sir Thomas não podia discordar, pois fora exatamente isso que determinara e havia informado à esposa e à cunhada; porém, a sra. Norris parecia ter esquecido esse detalhe e agia como se fosse a autora do arranjo.

O último sentimento que Fanny levou da visita foi decepção; pois o xale que Edmund discretamente recebia das mãos da criada para colocar nos ombros da prima foi arrebatado pelo sr. Crawford num gesto vistoso que ela se viu obrigada a agradecer-lhe.

VIII

O desejo de William de ver Fanny dançar causou em seu tio uma impressão mais que momentânea. A esperança de uma oportunidade não fora mencionada para cair no esquecimento. Sir Thomas continuava firmemente decidido a satisfazer um anseio tão bonito, a contentar quem mais desejasse ver Fanny dançar e a comprazer aos jovens em geral; e, tendo refletido sobre o assunto e tomado sua decisão com calma e independência, informou o resultado no dia seguinte, durante o desjejum, quando, depois de lembrar e elogiar o que o sobrinho dissera, acrescentou: “Não quero que você vá embora de Northamptonshire sem lhe dar essa alegria. Terei muito gosto em vê-lo dançar com sua irmã. Você falou dos bailes em Northampton. Seus primos foram a alguns; mas agora não nos convém ir. Seria cansativo demais para sua tia. Não vamos pensar num baile em Northampton. Um baile aqui em casa seria mais adequado, e se...”.

“Ah, meu caro Sir Thomas”, interrompeu a sra. Norris. “Eu sabia o que estava por vir. Sabia o que o senhor ia dizer. Se a querida Julia estivesse aqui, ou se a queridíssima sra. Rushworth estivesse em Sotherton, haveria motivo, haveria ocasião para o senhor se sentir tentado a organizar um baile para os jovens em Mansfield. Eu sei que se sentiria. Se elas estivessem em casa para abrilhantar o baile, vocês teriam um baile já no Natal. Agradeça a seu tio, William, agradeça a seu tio.”

“Minhas filhas têm seus divertimentos em Brighton”, Sir Thomas replicou com grande seriedade; “e espero que estejam muito felizes; mas o baile que pretendo oferecer em Mansfield será para os primos delas. Se estivéssemos todos juntos, sem dúvida nossa satisfação seria mais completa, porém a ausência de alguns não deve impedir a distração dos outros.”

A sra. Norris não tinha mais nada a dizer. Viu a determinação estampada no rosto do cunhado e precisou de alguns momentos de silêncio para superar o espanto e controlar a irritação. Um baile em tais circunstâncias! Sem a presença das filhas! Sem consultá-la! Mas não demorou a encontrar consolo. *Ela* deveria cuidar de tudo; Lady Bertram naturalmente seria poupada de todo esforço; tudo recairia sobre *ela*. Ela teria de fazer as honras da noite e, pensando nisso, recuperou bom humor suficiente para juntar-se aos demais antes que acabassem de exprimir sua alegria e seus agradecimentos.

Edmund, William e Fanny, cada qual a seu modo, expressavam com o semblante e com palavras toda a gratidão e todo o prazer que o baile prometido lhes inspirava e que correspondiam exatamente à expectativa de Sir Thomas. Edmund exultava com a felicidade dos primos. O pai nunca concedera um favor ou fizera uma gentileza que lhe desse maior satisfação.

Lady Bertram estava absolutamente imóvel e contente e não apresentou objeção. Sir Thomas lhe garantiu que não teria muito trabalho, e ela declarou “que não tinha medo do trabalho; na verdade, acreditava que não haveria nenhum”.

A sra. Norris se prontificou a dar sugestões sobre as salas que lhe pareciam mais adequadas, porém constatou que essa questão já fora resolvida; e, quando se dispôs a conjecturar sobre a data, descobriu que já fora marcada. Sir Thomas esboçara um plano para o grande acontecimento; e, tão logo a cunhada se dignou a ouvi-lo, passou a ler sua lista das famílias a ser convidadas, calculando que, dado o breve intervalo entre o convite e o evento, conseguiria reunir jovens suficientes para formar doze ou catorze pares; por fim, explicou com detalhes as ponderações que o levaram a escolher o dia 22 como o mais indicado. William tinha de apresentar-se em Portsmouth no dia 24; portanto, sua visita a Mansfield se encerraria no dia 22; marcar o baile para antes disso seria uma imprudência, considerando o pouco tempo que tinham pela frente. Vendo-se obrigada a concordar, a sra. Norris falou que pensara a mesma coisa e que também ia propor o dia 22 como o mais adequado de todos.

O baile era agora assunto resolvido, e, antes do anoitecer, todos os prováveis participantes já haviam tomado conhecimento da novidade.

Os convites foram enviados com urgência, e naquela noite muitas moças foram se deitar com a cabeça cheia de alegres preocupações. Fanny era uma delas, porém muitas de suas preocupações superavam a alegria; sendo jovem, inexperiente, com poucas possibilidades de escolha e nenhuma confiança no próprio gosto, angustiava-se com o “como se vestiria”; e seu único adorno, uma linda cruz de âmbar¹ que William lhe trouxera da Sicília, era motivo de imensa aflição, pois só tinha uma fita para colocá-la; já a usara desse modo uma vez, porém seria adequado fazê-lo numa ocasião em que todas as moças decerto se apresentariam com ricas joias? Por outro lado, não usá-la? William queria ter-lhe comprado também uma corrente de ouro, mas a compra ultrapassava seus recursos; portanto, não usar a cruz poderia magoá-lo. Essas deprimentes considerações bastaram para desanimá-la até mesmo ante a perspectiva de um baile organizado basicamente em sua homenagem.

Entrementes, os preparativos prosseguiram. Lady Bertram continuava sentada em seu sofá, sem que nada a incomodasse. Recebia a governanta algumas vezes e apressava a camareira que lhe costurava um vestido novo; Sir Thomas dava ordens, e a sra. Norris corria de um lado para o outro, porém ela não se abalava; como havia previsto, “o evento não envolvia trabalho algum”.

Edmund estava particularmente preocupado com dois acontecimentos iminentes que determinariam seu destino: ordenação e matrimônio; acontecimentos tão momentosos que o baile, ao qual um deles logo se seguiria, parecia menos importante a seus olhos que aos olhos de todos os moradores da mansão. No dia 23, ele ia para a casa de um amigo, nas proximidades de Peterborough, e ambos seriam ordenados na semana do Natal. Assim se decidiria metade de seu destino; já a outra metade não seria tão fácil de assegurar. Seus deveres estariam definidos, mas a esposa que iria partilhar, incentivar e recompensar o cumprimento desses deveres talvez ainda fosse inacessível. Ele sabia o que queria, mas nem sempre sabia ao certo o que a srta. Crawford queria. Havia alguns pontos em que discordavam, havia ocasiões em que ela não parecia propensa a aceitá-lo, e, embora acreditasse em seu afeto — tanto que estava decidido (praticamente decidido) a obter uma resposta dentro de um prazo bem

curto, tão logo resolvesse uma variedade de assuntos e soubesse o que poderia oferecer-lhe —, Edmund vivia momentos de grande ansiedade e muitas dúvidas em relação ao desfecho. Às vezes tinha certeza de que a srta. Crawford o estimava, pois para isso apontava uma longa série de sinais alentadores; e achava-a tão perfeita em seu afeto desinteressado como em todo o resto. Outras vezes, porém, a dúvida e o medo se imiscuíam nas esperanças, e, quando ele pensava na declarada aversão de Mary à privacidade e ao isolamento, em sua franca preferência pela vida londrina — o que poderia esperar, além de uma firme recusa? A menos que houvesse uma aceitação ainda mais reprovável, por exigir um sacrifício de seus deveres que sua consciência não permitiria.

Tudo dependia de uma única pergunta. Ela o amava suficientemente para abrir mão de coisas que até então considerava essenciais? Amava-o suficientemente para deixar de ver essas coisas como essenciais? E a resposta a essa pergunta, que ele repetia para si mesmo sem cessar, geralmente era um “sim”, porém às vezes era um “não”.

A srta. Crawford partiria em breve, e em função dessa circunstância o “não” e o “sim” ultimamente se alternavam. Edmund viu seus olhos brilharem, quando ela mencionou a carta da amiga querida que a convidava para passar uma longa temporada em Londres e a gentileza de Henry, que se comprometeu a permanecer em Mansfield até janeiro para conduzi-la à capital; ouviu-a falar do prazer dessa viagem com uma animação que continha um “não” em todos os tons de voz. Mas isso ocorrera no primeiro dia do planejamento da viagem, na primeira hora da explosão de alegria, quando ela só pensava nos amigos que ia visitar. Depois, ele a ouviu expressar-se de outra forma — com outros sentimentos — sentimentos mais contraditórios; ouviu-a dizer à sra. Grant que partiria com tristeza, que começava a acreditar que nem os amigos nem os prazeres que a esperavam em Londres valiam os que deixaria para trás e que, embora achasse que devia ir e soubesse que se divertiria na capital, já estava ansiosa para voltar. Não haveria um “sim” em tudo isso?

Com tanta coisa para considerar, organizar e reorganizar, Edmund não podia estar muito interessado na noite que o restante da família aguardava com impaciência. Independentemente da satisfação que

proporcionaria aos primos, essa noite não tinha para ele maior importância que qualquer outra reunião das duas famílias poderia ter. Em cada reunião ele esperava receber mais uma confirmação do afeto da srta. Crawford, porém o torvelinho de um salão de baile talvez não fosse particularmente propício ao incitamento ou à expressão de sentimentos sérios. Convidá-la para as duas primeiras danças era tudo que podia fazer pela própria felicidade e o único preparativo que tinha em mente, apesar de tudo que ocorria a seu redor, da manhã à noite.

Quinta-feira era o dia do baile; e na quarta de manhã, ainda indecisa quanto ao traje, Fanny resolveu pedir conselho às mais esclarecidas, ou seja, à sra. Grant e à irmã, cujo reconhecido bom gosto certamente contribuiria para deixá-la impecável; e, como Edmund e William tinham ido para Northampton e o sr. Crawford não deveria estar em casa, dirigiu-se ao presbitério sem muito receio de não poder conversar em particular com as duas; a privacidade dessa conversa era uma condição importantíssima, pois estava envergonhada da própria preocupação.

A alguns metros do presbitério, encontrou a srta. Crawford, que acabava de sair para ir visitá-la; e, como teve a impressão de que, embora se prontificasse, por mera educação, a voltar atrás, a amiga não queria perder o passeio, expôs logo o problema e acrescentou que, se ela tivesse a bondade de dar sua opinião, poderiam tentar solucioná-lo ali fora mesmo. A srta. Crawford se mostrou encantada com o pedido e depois de refletir por um instante sugeriu, agora mais cordialmente, que fossem até o presbitério e subissem para seu quarto, onde poderiam conversar à vontade, sem incomodar os Grant, que estavam na sala. Era exatamente o que Fanny desejava; e, muito agradecida por tão pronta e generosa atenção, acompanhou-a porta adentro e escada acima; e logo estavam ambas mergulhadas no assunto. Contenta por ter sido consultada, a srta. Crawford valeu-se de todo o seu critério e seu bom gosto para facilitar as coisas com suas sugestões e tornar tudo mais agradável com seu encorajamento. E então, resolvida a questão do vestido, perguntou: “E o que a senhorita vai pôr no pescoço? Não vai usar a cruz de seu irmão?”. Enquanto falava, abria um pequeno embrulho, que já tinha em mãos quando se encontraram no caminho. Fanny expressou seus desejos e suas dúvidas

com relação a esse ponto: não sabia se usava a cruz ou não. Em resposta, a amiga colocou a sua frente uma caixinha de joias e convidou-a a escolher entre várias correntes de ouro. Era esse o embrulho que levava consigo, o motivo de sua ida à mansão; e agora, com a maior gentileza, instava-a a escolher uma corrente para a cruz e a guardá-la como lembrança, utilizando todos os argumentos possíveis para eliminar os escrúpulos que, a princípio, fizeram Fanny recuar, horrorizada.

“Está vendo que tenho uma boa coleção”, comentou; “é muito mais do que já usei ou pretendo usar. E nenhuma é nova. O que estou lhe dando é apenas uma joia velha. Desculpe-me por tomar essa liberdade e aceite, por favor.”

Fanny ainda hesitou. O presente era valioso demais. Porém, a srta. Crawford insistiu e, mencionando todos os elementos envolvidos — William, a cruz, o baile, ela mesma —, defendeu a oferta com tanto carinho e tanto empenho que acabou por alcançar seu objetivo. Fanny se viu obrigada a ceder para não ser acusada de orgulhosa, insensível ou tacaña; e, tendo com modesta relutância concordado, tratou de fazer sua escolha. Olhou, olhou, procurando distinguir a peça menos valiosa; e enfim se decidiu por uma que parecia exigir sua atenção mais que as outras. Era de ouro lindamente trabalhado, e, embora achasse que uma corrente mais simples seria mais adequada a seu propósito, escolheu-a na esperança de que fosse a que a amiga menos queria conservar. A srta. Crawford aprovou a decisão com um sorriso e apressou-se em completar o presente, colocando a joia em seu pescoço e fazendo-a ver como lhe ficava bem.

Fanny não teve objeção quanto a isso; na verdade, estava radiante com uma aquisição tão oportuna, apesar dos escrúpulos que ainda lhe restavam. Talvez preferisse dever gratidão a outra pessoa. Mas era um sentimento ignóbil. A srta. Crawford se antecipara a seus desejos com uma delicadeza que constituía a prova de uma verdadeira amizade. “Sempre que usar esta corrente, vou me lembrar da senhorita e de sua bondade”, Fanny declarou.

“Deve se lembrar de mais alguém quando a usar”, a srta. Crawford replicou. “Deve pensar em Henry, pois foi o primeiro a escolhê-la. Foi ele que me deu essa joia, e com ela eu transfiro para a senhorita a

obrigação de recordar o primeiro autor do presente. Há de ser uma lembrança de família. Ao pensar na irmã, a senhorita deve pensar também no irmão.”

Surpresa e confusa, Fanny teve vontade de devolver a corrente no mesmo instante. Aceitar um presente que fora dado a outra pessoa — por um irmão — impossível! — não podia ser! — e, com uma ansiedade e um constrangimento que muito divertiram sua companheira, depositou a joia na caixa, mostrando-se decidida a escolher outra ou não aceitar nenhuma. A srta. Crawford comentou consigo mesma que nunca havia visto uma consciência tão íntegra. “Do que tem medo, minha querida?”, perguntou, rindo. “Acha que Henry vai dizer que a corrente me pertence e que a senhorita se apropriou dela desonestamente? Ou imagina que vai ficar muito orgulhoso de ver em seu lindo pescoço um enfeite que comprou há três anos, antes de saber que existia no mundo um pescoço como esse? Ou será que”, acrescentou, com um ar brejeiro, “a senhorita desconfia de uma conspiração entre nós e acha que estou agindo com o conhecimento e a pedido dele?”

Fanny enrubesceu intensamente e negou.

“Então”, a srta. Crawford prosseguiu, mais séria, porém sem lhe dar crédito, “para me convencer de que não está desconfiada de nenhuma artimanha e não vê mal algum em receber um presente, como sempre pensei, pegue a corrente e não diga mais nada. O fato de eu tê-la ganhado de meu irmão não deve influir em sua decisão de aceitá-la, assim como não influi na minha de abrir mão dela. Henry vive me dando uma coisa e outra. Já me deu tantos presentes que perdi a conta, e nem ele mesmo se lembra. Quanto a esta corrente, acho que não a usei nem meia dúzia de vezes; é muito bonita... mas nunca me lembro dela; a senhorita tinha toda a liberdade de escolher qualquer joia de minha caixa e escolheu justamente esta, que eu mesma teria escolhido, pois prefiro vê-la em seu pescoço. Não diga mais nada, por favor. Uma ninharia dessas não vale tantas palavras.”

Fanny não se atreveu a continuar opondo resistência e por fim aceitou a oferta, reiterando seus agradecimentos, porém com menor alegria, pois viu nos olhos da srta. Crawford uma expressão que não lhe agradava.

Não podia ser insensível à mudança no comportamento do sr. Crawford. Fazia tempo que a notara. Evidentemente, ele tentava agradá-la; era galante; era atencioso; era como havia sido com suas primas; decerto queria tirá-la de seu sossego, como tirara as outras duas; e se estivesse envolvido na história da corrente? Fanny não podia ter certeza de que não estava, pois, se era complacente como irmã, a srta. Crawford era displicente como mulher e como amiga.

Refletindo, duvidando, sentindo que a posse do que tanto desejara não lhe proporcionava grande satisfação, voltou para casa; e as preocupações que a acompanharam no caminho de ida não diminuíram, apenas se modificaram.

IX

Ao chegar à mansão, Fanny subiu imediatamente para colocar aquele ganho inesperado, aquele bem duvidoso, numa de suas caixas prediletas, que ficavam na sala leste, onde guardava todos os seus pequenos tesouros; no entanto, quando abriu a porta, qual não foi sua surpresa ao deparar com o primo Edmund, escrevendo à mesa! Era uma cena absolutamente inédita e tão deliciosa quanto extraordinária.

“Fanny”, ele começou, levantando-se e pondo a pena de lado, para aproximar-se com algo na mão, “desculpe-me por estar aqui. Vim procurar você e, depois de esperar um pouco, resolvi usar seu tinteiro para lhe expor o motivo de minha visita. Você vai ler as primeiras linhas do bilhete; mas agora posso lhe explicar pessoalmente: eu vim lhe pedir que aceite este pequeno mimo... uma corrente para a cruz de William. Devia estar em seu poder há uma semana, mas acontece que meu irmão demorou alguns dias para chegar a Londres; e só agora a recebi em Northampton. Espero que lhe agrade. Procurei levar em conta a simplicidade de seu gosto, mas de qualquer modo sei que você vai entender minha intenção e ver nesta pequena lembrança o que ela realmente é: uma prova de amor de um de seus amigos mais antigos.”

Dito isso, Edmund saiu às pressas, antes que Fanny, dominada por mil sensações de dor e prazer, conseguisse pronunciar uma só palavra; porém logo, impelida por um soberano desejo, ela chamou: “Ah, primo, espere um instante, por favor”.

Ele voltou atrás.

“Não vou nem tentar agradecer”, ela falou, muito agitada; “agradecer está fora de cogitação. O que sinto é muito mais do que sou capaz de expressar. Pensar em mim dessa maneira foi de uma bondade que...”

“Se isso é tudo que você tem a dizer...” Ele sorriu e começou a afastar-se.

“Não, não é. Preciso lhe perguntar uma coisa.”

Quase inconscientemente, ela abriu o pacote que acabara de receber e, vendo numa bela caixinha de joalheria uma discreta corrente de ouro, perfeita em sua singela elegância, exclamou: “Ah, é linda! Exatamente o que eu queria! A única joia que eu sempre quis ter. Vai combinar muito bem com minha cruz. Foi feita para ser usada com ela. E chega em muito boa hora. Ah, primo, você não imagina como chega em boa hora”.

“Minha querida, você é sensível demais a esse tipo de coisa. Estou contente que tenha gostado da corrente e que ela tenha chegado a tempo; mas você está exagerando no agradecimento. Acredite: meu maior prazer é contribuir para lhe dar prazer. Não: posso declarar com toda a segurança que para mim não existe prazer tão completo, tão puro. Sem o menor senão.”

Com tantas expressões de afeto Fanny bem poderia passar uma hora inteira em absoluto silêncio; porém Edmund, depois de esperar um instante, obrigou-a a descer das nuvens em que pairava, dizendo: “Mas o que é que você queria me perguntar?”.

Era sobre a outra corrente, que ela agora estava impaciente para devolver e esperava que o primo aprovasse sua decisão. Relatou-lhe sua recente visita ao presbitério, e toda a sua alegria se esvaeceu, pois Edmund ficou tão impressionado com a circunstância, tão encantado com o gesto da srta. Crawford, tão radiante com tamanha coincidência de procedimento que Fanny só teve de admitir a superioridade de *um* prazer maior para ele, conquanto não isento de senões. Demorou algum tempo para obter sua atenção e seu parecer; ele devaneava entre ternas reflexões, apenas pronunciando cá e lá palavras de louvor; no entanto, quando despertou e compreendeu, opôs-se decididamente ao que ela pretendia fazer.

“Devolver a corrente! Não, minha querida, nem pense nisso. Você a magoaria profundamente. Não há nada mais desagradável que receber de volta um presente que se deu com a esperança de contribuir para a alegria de um amigo. Por que negar a ela uma satisfação da qual se mostrou tão merecedora?”

“Se fosse um presente comprado para mim”, Fanny argumentou, “eu não pensaria em devolver; mas a srta. Crawford ganhou a

corrente do irmão e, portanto, não parece razoável imaginar que prefira conservá-la, já que não tenho necessidade dela?”

“A srta. Crawford não precisa saber que você não tem necessidade dela, ou que não a quer; e o fato de ser um presente do irmão não faz a menor diferença, pois, como não impediu a oferta nem a aceitação, também não deve impedir que você fique com ela. Sem dúvida é mais bonita que a corrente que lhe dei e mais adequada a um salão de baile.”

“Não, não é mais bonita, de jeito nenhum; e para o que tenho em mente não é muito adequada. A corrente que você me deu combina muito melhor com a cruz de William.”

“Por uma noite, só por uma noite, se é um sacrifício para você... Tenho certeza de que, depois de refletir sobre isso, você vai fazer esse sacrifício para não magoar uma pessoa tão preocupada com seu bem-estar. As atenções da srta. Crawford para com você têm sido... não mais do que você merece... eu sou a última pessoa que acharia isso... mas têm sido constantes; e retribuí-las com o que tem toda a *aparência* de ingratidão, embora não tenha o *significado*, como bem sei, é contrário a sua natureza. Use a corrente dela amanhã à noite, como prometeu, e guarde a minha para ocasiões mais comuns, pois não a encomendei expressamente para o baile. Esse é meu conselho. Eu não gostaria de ver nem sombra de frieza entre as duas pessoas cuja intimidade venho observando com a maior satisfação e cuja índole é tão semelhante em termos de generosidade e delicadeza que as pequeninas diferenças decorrentes basicamente das circunstâncias não chegam a constituir impedimento para uma perfeita amizade. Eu não gostaria de ver nem sombra de frieza”, repetiu, baixando um pouco a voz, “entre as duas criaturas que mais amo no mundo.”

E com essas palavras se afastou. Fanny ficou sozinha para acalmar-se como podia. Era uma das duas criaturas que ele mais amava; devia servir-lhe de alento. Mas a outra! A primeira! Edmund nunca falara disso tão abertamente e, embora não tivesse acrescentado nada ao que ela desde muito percebera, desferiu-lhe um duro golpe, pois revelara suas convicções e seus planos. Estava decidido. Esposaria a srta. Crawford. Foi um golpe, apesar de esperado; e Fanny teve de repetir várias vezes que era uma das criaturas que ele mais amava para sentir

o efeito dessa declaração. Se acreditasse que a srta. Crawford o merecia — ah, como seria diferente! — seria muito mais suportável! Mas ele estava enganado; atribuía-lhe qualidades que ela não possuía; já não via seus defeitos, que eram os mesmos de sempre. Só depois de derramar muitas lágrimas por causa dessa ilusão, Fanny conseguiu acalmar-se; e só rezando com fervor pela felicidade do primo, conseguiu encontrar algum alívio para sua tristeza.

Julgava-se na obrigação de tentar superar tudo que era excessivo, tudo que beirava o egoísmo em seu afeto por ele. Chamar isso de perda, decepção, seria presunção; pois faltavam-lhe palavras suficientemente fortes para satisfazer a própria humildade. Pensar nele como a srta. Crawford podia pensar seria loucura. Em nenhuma circunstância Edmund podia ser para ela algo mais que um amigo, um amigo querido. Por que lhe ocorria essa ideia tão reprovável, tão inadmissível, que nunca deveria sequer ter tocado as bordas de sua imaginação? Ela se esforçaria para ser racional, conquistar o direito de julgar o caráter da srta. Crawford e merecer o privilégio de dedicar ao primo verdadeira afeição com a mente serena e o coração puro.

Tinha todo o heroísmo dos bons princípios e estava decidida a cumprir seu dever; no entanto, tendo também muitos sentimentos próprios da juventude e de sua natureza, não admira que, depois de tomar todas essas resoluções sobre autocontrole, pegou o bilhete que ele começara a escrever como se fosse um tesouro que superava todas as suas expectativas, leu, com a mais terna emoção, as seguintes palavras: “Minha queridíssima Fanny, você precisa me fazer o favor de aceitar...”, e guardou-o com a corrente, como a parte mais preciosa do presente. Essa foi a única coisa parecida com uma carta que já recebera dele; talvez não recebesse outra; não poderia receber outra tão gratificante pela ocasião e pelo estilo. O mais insigne escritor nunca fizera brotar de sua pena duas linhas tão apreciadas; o mais apaixonado dos biógrafos nunca realizara descobertas tão bem-vindas. O amor de uma mulher é mais ardente que o de um biógrafo. Para ela, a própria caligrafia, independentemente do conteúdo, é uma bênção. Nunca uma criatura humana desenhara letras como as de Edmund! Esse exemplar, embora escrito às pressas, não tinha falhas; e

a escolha das três primeiras palavras — “Minha queridíssima Fanny” — era tão perfeita que ela poderia contemplá-las para sempre.

Tendo ordenado seus pensamentos e confortado seu coração com essa feliz mescla de razão e fraqueza, conseguiu, no devido tempo, descer e retomar seus afazeres habituais ao lado da tia Bertram e cumprir suas habituais obrigações sem aparentar desânimo.

Chegou a quinta-feira predestinada à esperança e à alegria; e começou para Fanny de maneira mais auspiciosa que muitos dias difíceis, pois, logo após o desjejum, William recebeu um amistoso bilhete do sr. Crawford, informando que, como precisava ir a Londres na manhã seguinte e lá permanecer por alguns dias, estava à procura de um companheiro de viagem e esperava que o amigo aceitasse um lugar em sua carruagem, se resolvesse partir de Mansfield meio dia antes do previsto; queria chegar à capital a tempo de jantar com o tio e o convidava a jantar com ele na casa do almirante. William exultou com a proposta, adorou a ideia de viajar em carruagem expressa,¹ puxada por quatro cavalos, ao lado de um amigo tão bem-humorado e afável, e não em meio a despachos oficiais; e manifestou seu regozijo de todo modo que a imaginação lhe sugeriu. Fanny também exultou, mas por outro motivo: o plano original era que, na noite seguinte, o irmão partiria de Northampton na mala-posta, o que não lhe permitiria repousar nem por uma hora antes de tomar a diligência para Portsmouth; e, ao saber que a viagem seria bem menos cansativa, ela ficou contente demais para pensar em outra coisa, embora a oferta do sr. Crawford lhe roubasse muitas horas da presença de William. Sir Thomas aprovou a proposta por outra razão. Achava que a apresentação do sobrinho ao almirante Crawford poderia ser útil. Acreditava que o almirante era influente. Tudo somado, tratava-se de uma mensagem de alegria. E graças a ela Fanny se manteve animada durante grande parte da manhã, a iminente partida do autor do bilhete contribuindo para sua satisfação.

Quanto ao baile, agora tão próximo, suas inquietudes e apreensões eram de tal ordem que a impediam de rejubilar-se como deveria ou como imaginariam as muitas jovens que aguardavam o mesmo acontecimento em situações mais confortáveis, porém com menor interesse, com menor prazer e sem a empolgação da novidade. A srta.

Price, que a metade dos convidados conhecia só de nome, agora faria sua primeira aparição pública e devia ser vista como a rainha da noite. Quem estaria mais feliz que a srta. Price? Contudo, a srta. Price não fora treinada para o papel de *debutante*; e, se soubesse que significado se atribuía a esse baile, sua satisfação diminuiria e seus temores de errar e estar em evidência aumentariam consideravelmente. Dançar sem atrair muitos olhares e sem se cansar demais, ter forças e parceiros suficientes para metade da noite, dançar um pouco com Edmund e não muito com o sr. Crawford, ver William divertir-se e conseguir manter distância da tia Norris era toda a sua ambição e, aparentemente, sua máxima possibilidade de ser feliz. Sendo essas suas maiores esperanças, nem sempre poderiam prevalecer; e, no decurso da longa manhã que passou basicamente na companhia das tias, ela muitas vezes esteve sob a influência de perspectivas bem menos otimistas. Decidido a fazer de seu último dia uma ininterrupta sucessão de divertimentos, William fora caçar narcejas; Edmund também saíra, e a prima tinha motivos de sobra para imaginar que estava no presbitério; sozinha para suportar as reclamações da sra. Norris, que estava furiosa porque a governanta resolvera cuidar do jantar por conta própria e de quem, ao contrário da governanta, *ela* não tinha como escapar, Fanny se exauriu a tal ponto que acabou por relacionar todos os males com o baile e, quando recebeu ordem de se vestir, dirigiu-se a seu quarto, lânguida e triste como se lhe tivessem interdito o acesso à felicidade.

Ao subir a escada lentamente, pensou na véspera; foi mais ou menos nessa hora que voltara do presbitério e encontrara Edmund na sala leste. “Ah, se o encontrasse hoje também!”, exclamou consigo mesma, num terno devaneio.

“Fanny”, disse uma voz ali perto. Ela estremeceu, olhou para cima e, do outro lado do patamar que acabava de alcançar, viu Edmund em pessoa, no outro lanço da escada. Ele se aproximou. “Você parece cansada. Deve ter andado demais.”

“Não, nem saí.”

“Então, deve ter se cansado dentro de casa, o que é pior. Seria melhor ter saído.”

Fanny, que não gostava de se queixar, achou mais fácil não responder; e ocorreu-lhe que, embora a fitasse com o carinho de sempre, ele realmente já não via seu semblante. Parecia desanimado; provavelmente sofrera alguma contrariedade sem relação com ela. Subiram juntos, pois seus quartos se situavam no mesmo andar.

“Estou vindo da casa do dr. Grant”, ele informou. “Você deve imaginar por que fui até lá.” Diante de seu ar constrangido, Fanny só pôde imaginar algo tão doloroso que a deixou sem palavras. “Eu queria convidar a srta. Crawford para as duas primeiras danças”, foi a explicação que se seguiu e que a trouxe de volta à vida, permitindo-lhe pronunciar alguma coisa parecida com uma pergunta sobre o resultado da visita, pois era evidente que ele aguardava seu comentário.

“Sim”, Edmund respondeu; “ela aceitou o convite; mas (com um sorriso forçado) falou que deve ser a última vez que dança comigo. Não falou a sério. Acho, espero, tenho certeza de que não falou a sério... mas não gostei de ouvir. Ela disse que nunca dançou com um clérigo e nunca *vai* dançar. Eu preferia que não houvesse baile nenhum justamente... isto é, nesta semana, hoje... vou embora amanhã.”

Fanny se esforçou para dizer: “Lamento muito que você tenha se aborrecido. Hoje deveria ser um dia de festa. É o que meu tio tem em mente”.

“Ah, sim, sim, e será um dia de festa. Vai dar tudo certo. É só um aborrecimento passageiro. Na verdade, não é que eu ache o baile fora de hora... O que importa? Mas”, continuou, baixando a voz e segurando-a pela mão, “você sabe o que tudo isso significa. Você está vendo como é; e poderia me explicar, talvez melhor do que eu poderia lhe explicar, por que estou aborrecido. Preciso me abrir com você. Você é boa ouvinte. Fiquei magoado com a atitude dela, agora de manhã, e não estou conseguindo superar isso. Sei que ela é de natureza tão meiga e irrepreensível quanto você, mas a influência de antigas companhias a faz parecer... às vezes dá um tom errado a sua conversação, a suas opiniões. Ela não pensa nada de mau, mas fala... fala brincando... e, embora eu saiba que é brincadeira, isso me dói até o fundo da alma.”

“Efeito da educação”, Fanny comentou gentilmente.

Edmund teve de concordar. “Sim, aqueles tios! Estragaram uma excelente cabeça! Pois às vezes, eu admito, parece que é mais que atitude; parece que a cabeça foi corrompida.”

Percebendo que ele queria saber sua opinião, Fanny declarou, depois de refletir por um instante: “Se você só precisa de mim como ouvinte, farei de tudo para lhe ser útil; mas não tenho capacidade para aconselhar. Não me peça conselho. Não tenho competência para isso”.

“Você tem toda a razão de recusar essa função, mas não precisa ter medo. É um assunto sobre o qual eu nunca pediria conselho. É o tipo de assunto sobre o qual ninguém deveria pedir conselho; acho que pouca gente pede e só quando está procurando um pretexto para agir contra a própria consciência. Só quero conversar com você.”

“Mais uma coisa. Desculpe a liberdade... mas tenha cuidado com o *que* vai me dizer. Não me diga nada de que possa se arrepender depois. Pode chegar o dia em...”

Ela corou, enquanto pronunciava essas palavras.

“Minha querida!”, Edmund exclamou, beijando-lhe a mão quase com o mesmo ardor com que beijara a mão da srta. Crawford. “Sempre tão atenciosa! Mas não precisa se preocupar. Nunca vai chegar o dia. Nunca vai chegar esse dia que você tem em mente. Estou começando a achar que é muito improvável que chegue; as possibilidades diminuem sem parar. E mesmo que chegue... não há nada que você ou eu possamos ter medo de lembrar, pois nunca vou me envergonhar de meus escrúpulos; e, se eles desaparecerem, será em função de mudanças que só haverão de enaltecê-la, quando pensarmos nos antigos defeitos de nossa amiga. Você é a única criatura na face da terra a quem eu diria o que disse; mas você sempre soube o que penso dela; você é testemunha de que nunca fui cego. Quantas vezes conversamos sobre os pequenos erros que ela cometeu! Não se preocupe comigo. Praticamente desisti de qualquer ideia séria em relação a ela; mas devo ser mesmo um idiota, se, qualquer que seja meu futuro, eu pensar em sua bondade e em sua compreensão sem a mais sincera gratidão.”

Foram palavras suficientes para impressionar uma jovem de dezoito anos. Para inspirar-lhe sentimentos mais alegres do que os que Fanny

havia tido recentemente; e ela respondeu, mais animada: “Sim, primo, estou convencida de que *você* seria incapaz de outra coisa, embora alguns talvez não fossem. Não posso ter medo de ouvir o que você queira dizer. Não se cale. Diga-me o que quiser”.

Agora estavam no segundo andar, e a presença de uma criada os impediu de continuar conversando. Para alívio de Fanny, a conversa se encerrou no melhor momento, talvez; se ele falasse por mais cinco minutos, certamente descartaria todos os defeitos da srta. Crawford e sua própria tristeza. Porém, nessas circunstâncias, despediram-se com expressões de afeto e gratidão da parte dele e caras emoções da parte dela. Fazia horas que Fanny não sentia nada parecido. Desde que se esvaecera a primeira alegria proporcionada pelo bilhete do sr. Crawford para William, seu estado de espírito era totalmente oposto; nada a confortava, nada lhe incutia esperança. Agora tudo lhe sorria. A boa sorte de William lhe veio à mente e parecia mais valiosa que a princípio. O baile também — toda uma noite de festa a aguardava! Agora estava realmente animada! E começou a vestir-se com grande parte da empolgação que precede um baile. Tudo corria bem; não desgostou da própria aparência; e, quando chegou o momento de decidir entre as duas correntes, sua boa sorte parecia completa, pois a que a srta. Crawford lhe dera não passava pela argola da cruz. Resolvera usá-la para agradar Edmund, porém era grossa demais. Portanto, tinha de usar a corrente que ganhara do primo; e, depois de juntar-lhe a cruz, unindo, com deliciosas sensações, essas lembranças das duas criaturas que mais amava, esses objetos tão queridos, feitos um para o outro por tudo que havia de real e de imaginário; depois de colocá-los no pescoço, de ver e sentir como estavam repletos de William e Edmund, conseguiu, sem o menor esforço, usar também a corrente da srta. Crawford. Admitiu que era justo fazê-lo. a srta. Crawford tinha esse direito; e, como não interferia com direitos mais poderosos, com a bondade mais sincera de outra pessoa, ela o reconhecia até mesmo com prazer. A corrente da srta. Crawford realmente ficou muito bem em seu pescoço; e Fanny por fim deixou o quarto, contente consigo mesma e com tudo que a envolvia.

A tia Bertram lembrou-se dela nessa ocasião com uma consideração inusitada. Pensou que, ao arrumar-se para o baile, Fanny talvez

gostasse de contar com uma ajuda melhor que a da empregada do segundo andar; assim, quando acabou de se vestir, mandou-lhe sua própria camareira, que, naturalmente, chegou tarde demais para ter alguma serventia. A sra. Chapman chegou ao sótão no exato momento em que a srta. Price saía do quarto, inteiramente vestida, e elas só tiveram de trocar cumprimentos; mas Fanny deu à atenção da tia quase a mesma importância que Lady Bertram ou a sra. Chapman poderiam dar.

X

Os tios estavam na sala de visitas quando Fanny desceu. Sir Thomas observou-a com atenção e teve o prazer de constatar que ela estava muito elegante e particularmente bonita. Em sua presença, limitou-se a elogiar o bom gosto e a discrição do vestido, mas, quando ela deixou a sala, pouco depois, falou de sua beleza em termos muito lisonjeiros.

“Realmente”, Lady Bertram concordou; “ela está linda. Mandeí Chapman ajudá-la.”

“Linda!”, exclamou a sra. Norris. “Ah, sim, não lhe faltam motivos para estar linda, já que teve o privilégio de crescer no seio desta família e a vantagem de poder aprender boas maneiras com as primas. Pense, meu caro cunhado, nas extraordinárias vantagens que o senhor e eu pudemos proporcionar a ela. O vestido que chamou sua atenção é o que o senhor generosamente lhe deu quando a querida sra. Rushworth casou. O que teria sido dela se não a tivéssemos acolhido?”

Sir Thomas não falou nada; porém, quando se sentaram à mesa, os olhares dos dois rapazes lhe mostraram que poderia retomar o assunto com mais sucesso, depois que as damas se afastassem. Fanny percebeu a aprovação; e a consciência da própria beleza tornou-a ainda mais bonita. Estava feliz por vários motivos e logo ficaria ainda mais feliz, pois, quando saía da sala com as tias, Edmund, que mantinha a porta aberta para elas passarem, disse-lhe: “Você precisa dançar comigo; reserve duas danças para mim; as que você quiser, menos as duas primeiras”. Era tudo que ela desejava. Nunca na vida estivera tão perto de uma intensa alegria. Já não se surpreendia com a empolgação das primas num dia de baile; achava tudo maravilhoso e se pôs a praticar alguns passos, enquanto a tia Norris se ocupava em remanejar e arruinar o esplêndido fogo que o mordomo acendera.

Seguiu-se meia hora que em outras circunstâncias teria sido no mínimo tediosa, porém a felicidade de Fanny prevaleceu. Bastava pensar na conversa com Edmund; e o que lhe importava a inquietação da sra. Norris? Que importância tinham os bocejos de Lady Bertram?

Os cavalheiros se aproximaram, e logo depois teve início a doce expectativa pela chegada das carruagens; todos conversavam e riam numa atmosfera alegre e descontraída e em cada momento havia prazer e esperança. Fanny percebia que Edmund se esforçava para mostrar-se animado, mas era delicioso ver seus esforços coroados de êxito.

Quando as carruagens realmente chegaram e os convidados começaram realmente a reunir-se, ela já não estava tão contente; a presença de tantos desconhecidos a fez recolher-se em si mesma e, além da solene formalidade do primeiro grande círculo, que as maneiras de Sir Thomas ou de Lady Bertram em nada contribuíam para eliminar, aguardava-a algo pior. Fanny foi apresentada pelo tio a uns e outros, obrigada a falar, a fazer reverências, a falar de novo. Nunca fora submetida a um dever tão penoso e toda vez que o cumpria olhava para William, que circulava com desenvoltura pela sala, e desejava estar a seu lado.

A chegada dos Grant e dos Crawford produziu uma oportuna reviravolta. Diante de seu jeito afável e comunicativo, os convidados logo deixaram de lado a rigidez: formaram pequenos grupos e ficaram inteiramente à vontade. Fanny sentiu a diferença e, livre das fadigas da civilidade, voltaria a ser muito feliz, se conseguisse impedir que seus olhos pousassem alternadamente em Edmund e Mary Crawford. Achou-a encantadora — como haveria de acabar tudo isso? Suas reflexões foram interrompidas quando ela se deu conta da presença do sr. Crawford, e seus pensamentos mudaram de rumo quando ele a convidou para as duas primeiras danças. Sua felicidade nesse instante tinha vários matizes. Garantir um parceiro para as primeiras danças era essencial, pois o baile estava prestes a começar, e Fanny sabia tão pouco dos próprios méritos que acreditava que, se o sr. Crawford não a tivesse convidado, seria a última que alguém pensaria em tirar para dançar e só arrumaria um par depois de muita busca, muito trabalho e muita interferência, o que seria terrível; entretanto, não gostou da

maneira algo ostensiva com que ele formulou o convite, e o olhar que ele lançou à corrente da irmã — com um sorriso — Fanny julgou ver um sorriso — a fez corar e entristeceu-a. E, embora não houvesse um segundo olhar para perturbá-la, embora o sr. Crawford não demonstrasse ter outra intenção além de ser-lhe agradável, ela não conseguia superar o embaraço; ao contrário, sentia-o aumentar na medida em que o imaginava visível e só recuperou a compostura quando o rapaz se afastou para falar com outra pessoa. Então, pouco a pouco, pôde desfrutar a genuína satisfação de ter um parceiro, um parceiro voluntário, antes de começarem a dançar.

Quando todos se dirigiam ao salão de baile, viu-se, pela primeira vez, ao lado da srta. Crawford, que imediatamente olhou para o mesmo objeto que atraía a atenção do irmão, sorriu e mencionou o tema, porém, ansiosa para encerrar o assunto, Fanny se apressou a explicar a origem da segunda corrente. A srta. Crawford ouviu; e esqueceu todos os cumprimentos, todas as insinuações que pretendia fazer; sentiu apenas uma coisa; e, seus olhos brilhantes demonstrando que podiam brilhar ainda mais, perguntou, com imenso prazer: “Ah, sim? Foi Edmund? É bem próprio dele. Nenhum outro homem teria pensado nisso. Não tenho palavras para expressar minha admiração”. E olhou em torno, como se desejasse dizer-lhe isso. Mas ele estava acompanhando um grupo de senhoras que deixava a sala; e, como a sra. Grant se aproximou e tomou o braço de cada uma, as três seguiram os outros convidados.

Fanny estava com o coração apertado, porém não teve tempo de pensar nos sentimentos da srta. Crawford. Entraram no salão de baile; os violinos tocavam, e sua inquietação não lhe permitia pensar em nada sério. Precisava observar os preparativos e ver como teria de proceder.

Minutos depois, Sir Thomas se acercou, perguntou-lhe se tinha par e “Sim, senhor; é o sr. Crawford” foi exatamente o que desejava ouvir. O sr. Crawford não estava longe; Sir Thomas conduziu-o até a sobrinha, dizendo algo que a fez entender que cabia a *ela* abrir o baile; uma ideia que nunca lhe ocorrera. Sempre que pensara nas minúcias da noite, imaginara que Edmund e a srta. Crawford abririam o baile; tinha tanta certeza disso que, embora o *tio* afirmasse o

contrário, não conseguiu conter uma exclamação de surpresa, uma alusão à própria incompetência, até mesmo uma súplica para que a dispensasse. Ir de encontro a uma decisão do baronete mostrava bem a gravidade da situação; ela se apavorara a tal ponto com a primeira sugestão que conseguiu encará-lo e exprimir sua esperança de que as coisas se resolvessem de outra maneira; porém de nada adiantou; Sir Thomas sorriu, procurou encorajá-la e, com tanta seriedade e determinação que ela não se atreveu a pronunciar mais uma só palavra, decretou: “É assim que deve ser, querida”; no momento seguinte, o sr. Crawford a conduziu à extremidade do salão, onde aguardaram que os demais dançarinos se agrupassem aos pares e se juntassem a eles.

Fanny mal acreditava. Ser colocada acima de tantas jovens elegantes! Era muita honra. Receber o mesmo tratamento dado às primas! E seus pensamentos voaram para as primas ausentes com o mais sincero e terno pesar por não estarem ali para tomar seus lugares no salão e participar de um acontecimento que lhes daria imenso prazer. Quantas vezes as ouvira suspirar por um baile em casa como se fosse a maior das felicidades! E estavam longe justamente quando esse desejo se realizava — e *ela* abria o baile — e com o sr. Crawford! Esperava que não lhe invejassem tamanha honra *agora*, mas, quando lembrou como estavam as coisas no outono, o que tinham sido uns para os outros, quando dançaram naquela mesma casa, não conseguia entender a presente situação.

O baile teve início. Para Fanny foi mais uma honra que uma felicidade, ao menos na primeira dança; seu par estava de excelente humor e tentou contagiá-la, porém ela estava assustada demais para divertir-se e só relaxou quando se convenceu de que já não a observavam. No entanto, jovem, bonita e gentil, era graciosa até mesmo em sua falta de jeito, e entre os presentes havia poucos que não se dispunham a elogiá-la. Ela era atraente, era modesta, era a sobrinha de Sir Thomas e, logo se diria, era admirada pelo sr. Crawford. Não precisava de mais nada para gozar da simpatia geral. O próprio baronete acompanhava sua dança com enorme satisfação; estava orgulhoso da sobrinha e, sem atribuir toda a sua beleza a sua transferência para Mansfield, como a sra. Norris aparentemente

acreditava, estava contente consigo mesmo por ter lhe proporcionado todo o resto; a ele Fanny devia sua educação e suas boas maneiras.

A srta. Crawford leu grande parte dos pensamentos de Sir Thomas e, desejosa de agradá-lo, apesar das opiniões negativas que ele tinha a seu respeito, aproveitou a primeira oportunidade para acercar-se e dizer-lhe algo lisonjeiro sobre Fanny. Ele recebeu o caloroso elogio da maneira desejada, acrescentou-lhe outros tantos na medida em que a descrição, a cortesia e o discurso enfadonho permitiam e certamente se saiu melhor que sua esposa, quando, avistando-a num sofá bem próximo, antes de começar a dançar, Mary resolveu cumprimentá-la pela elegância da srta. Price.

“Ah, sim, ela está muito bem”, Lady Bertram placidamente respondeu. “Com a colaboração de Chapman. Mande Chapman ajudá-la.” Estava contente por ver que admiravam Fanny, mas também estava tão encantada consigo mesma por ter mandado Chapman ajudá-la que não conseguia tirar essa ideia da cabeça.

A srta. Crawford conhecia a sra. Norris suficientemente bem para achar que *não* gostaria de ouvir elogios à sobrinha; assim, tão logo teve ocasião, exclamou: “Ah, minha senhora, que falta nos fazem hoje a querida sra. Rushworth e Julia!”; e a sra. Norris recompensou-a com todos os sorrisos e palavras amáveis que lhe permitiam as muitas ocupações que impunha a si mesma, como organizar mesas de jogo, dar sugestões ao cunhado e levar as acompanhantes das jovens convidadas para uma parte mais confortável do salão.

Em seu afã de agradar, a srta. Crawford acabou constrangendo Fanny. Pretendia proporcionar uma grata emoção a seu coraçãozinho e infundir-lhe a deliciosa consciência da própria importância e, interpretando erroneamente seu rubor e julgando-se na obrigação de agir dessa forma, aproximou-se dela, após as duas primeiras danças, para lhe dizer, com um olhar significativo: “Talvez *a senhorita* possa me contar por que meu irmão vai a Londres amanhã. Ele falou que tem um assunto para resolver por lá, mas não explicou o que é. É a primeira vez que não confia em mim! Mas é a isso que todos nós chegamos. Todos somos suplantados, mais cedo ou mais tarde. Agora, tenho de recorrer à senhorita para obter informação. Por favor, o que Henry vai fazer lá?”.

Fanny declarou sua ignorância com toda a firmeza que o embaraço lhe permitia.

“Pois bem”, a srta. Crawford retrucou, rindo, “devo imaginar que é puramente pelo prazer de viajar com seu irmão e falar da senhorita durante o trajeto.”

Fanny ficou confusa, mas era a confusão do descontentamento; a srta. Crawford se perguntou por que ela não sorria e concluiu que ou estava muito ansiosa ou era mesmo esquisita; só não pensou que poderia ser insensível às atenções de Henry. No decurso da noite, Fanny se divertiu muito, porém as atenções de Henry pouco tiveram a ver com isso. Preferia que ele *não* voltasse a convidá-la tão cedo e que não tivesse de suspeitar que a finalidade de suas investigações junto à sra. Norris sobre a hora da ceia fosse garantir um lugar ao lado dela nessa parte da noite. Mas não havia como evitar; ele demonstrava claramente seu interesse, embora não o fizesse de modo desagradável, indelicado ou ostensivo; e às vezes, quando falava de William, era muito amável e revelava uma cordialidade digna de elogio. Não obstante, suas atenções em nada contribuíam para a alegria de Fanny. Ela estava feliz porque, ao olhar para William, via-o divertir-se muito e porque, de quando em quando, podia ouvi-lo falar de suas parceiras; estava feliz de saber-se admirada; e estava feliz com a perspectiva de duas danças com Edmund, se bem que ainda tivesse de esperar, pois era tão requisitada que esse compromisso indefinido era continuamente adiado. Estava feliz até mesmo quando as duas danças tiveram lugar; não porque ele demonstrasse grande animação ou usasse alguma daquelas expressões de terna galantaria com que a brindara pela manhã. Edmund estava acabrunhado, e a felicidade de Fanny se devia à certeza de ser a amiga em quem ele podia encontrar repouso. “Estou farto de tanta civilidade”, o primo desabafou. “Passei a noite inteira conversando sem parar e sem ter nada para dizer. Mas com *você* posso ficar em paz. Você não precisa conversar. Vamos nos dar o luxo do silêncio.” Fanny mal conseguiu exprimir sua concordância. Tinha de respeitar um cansaço que provavelmente se devia, em grande parte, aos sentimentos que ele revelara pela manhã, e executaram suas duas danças com tanta calma e tanta seriedade que

nenhum observador pensaria que Sir Thomas havia criado uma esposa para o filho caçula.

A noite não foi muito prazerosa para Edmund. A srta. Crawford estava contente quando dançaram juntos pela primeira vez, porém essa alegria não lhe fez bem; ao contrário, mais o abateu que o animou; e depois — ele se sentira impelido a procurá-la novamente — ela o magoou com a maneira como se referiu à profissão de sua escolha. Conversaram, ficaram em silêncio; ele argumentou, ela caçoou; e por fim se afastaram mutuamente aborrecidos. Sem conseguir abster-se de observá-los, Fanny viu o suficiente para estar razoavelmente satisfeita. Era cruel ser feliz quando o primo estava sofrendo. No entanto, a certeza de que ele sofria inevitavelmente lhe proporcionava alguma felicidade.

Quando as duas danças terminaram, ela não tinha mais vontade nem condições de continuar dançando; e, como a tinha visto ofegante, com a mão no peito, praticamente caminhando em meio aos pares já bem menos numerosos, Sir Thomas ordenou-lhe que se sentasse. A partir desse momento, o sr. Crawford também permaneceu sentado.

“Coitadinha!”, William exclamou, acercando-se e abanando-a com o leque de seu par como se quisesse devolver-lhe a vida. “Já está tão cansada! E a festa mal começou. Espero que dure mais umas duas horas. Não entendo por que você logo se cansa!”

“Logo! Meu bom amigo”, interveio Sir Thomas, mostrando-lhe o relógio com todo o tato necessário, “são três horas, e sua irmã não está acostumada a ficar acordada até tão tarde.”

“Então, Fanny, você não deve se levantar de manhã, antes de eu ir embora. Durma quanto puder e não se preocupe comigo.”

“Ah, William!”

“O quê? Ela pretendia se levantar antes de você partir?”

“Ah, sim, senhor”, Fanny respondeu, deixando a cadeira para aproximar-se do tio. “Preciso tomar o desjejum com ele. Vai ser a última vez, a última manhã.”

“É melhor não fazer isso. Ele tem de estar pronto para partir às nove e meia. Sr. Crawford, creio que virá buscá-lo às nove e meia, não?”

Porém Fanny insistiu tanto e com tantas lágrimas nos olhos que o tio não pôde negar-lhe esse gosto; e com um indulgente “está bem” deu-

lhe sua permissão.

“Sim, às nove e meia”, Crawford disse a William, que já se afastava. “E serei pontual, pois não tenho uma irmã carinhosa que se levante por mim.” E, num tom mais baixo, acrescentou, dirigindo-se a Fanny: “Só tenho uma casa vazia para deixar para trás. Amanhã seu irmão vai descobrir que minhas ideias sobre o tempo são muito diferentes das dele”.

Após breve reflexão, Sir Thomas convidou Crawford para tomar o desjejum na mansão, em vez de comer sozinho; ele também estaria presente, e a presteza com que o rapaz aceitou o convite o convenceu de que — tinha de confessar a si mesmo — as suspeitas às quais o baile em grande parte se devia eram bem fundadas. O sr. Crawford estava apaixonado por Fanny. E ele previa com satisfação o que iria acontecer. A sobrinha não lhe agradeceu o que acabara de fazer. Esperava ficar a sós com William na última manhã. Seria um inefável prazer. Contudo, embora seus desejos fossem frustrados, ela não reclamou. Ao contrário, estava tão pouco acostumada a ser consultada ou a ver qualquer coisa acontecer como queria que agora tendia mais a admirar-se e exultar por ter imposto sua vontade até então que a lamentar-se pelo que se seguiu.

Pouco depois, Sir Thomas voltou a contrariá-la, aconselhando-a a ir deitar-se imediatamente. “Aconselhar” foi o termo que utilizou, mas era o conselho do poder absoluto, de modo que ela teve de levantar-se e, com a cordial despedida do sr. Crawford, afastar-se em silêncio; ainda parou na porta, como a Dama de Branhholm Hall,¹ “por um instante, não mais”, para contemplar a grata cena e ver pela última vez os cinco ou seis pares decididos que continuavam dançando; e então subiu lentamente a escada principal, perseguida pela música incessante, cheia de esperanças e temores, aquecida pela sopa e pelo vinho quente, exausta, com os pés doloridos, inquieta, agitada e, apesar de tudo, convencida de que baile era realmente algo delicioso.

Quando a mandou deitar-se, Sir Thomas talvez não estivesse pensando apenas em sua saúde. Talvez lhe ocorresse que o sr. Crawford passara bastante tempo ao lado dela, ou que poderia recomendá-la como esposa mostrando sua docilidade.

XI

O baile chegou ao fim, e o desjejum também logo terminou; deu-se o último beijo, e William partiu. O sr. Crawford foi muito pontual, como havia anunciado; e a refeição foi breve e prazerosa.

Tendo olhado para o irmão até o último instante, Fanny voltou para a sala de desjejum com o coração apertado, lamentando a triste mudança; e o tio gentilmente a deixou chorar em paz, imaginando, talvez, que seu terno entusiasmo despertasse ante a cadeira vazia de cada um dos jovens e seus sentimentos se dividissem entre os ossos e a sobra de mostarda no prato de William e as cascas de ovo no prato do sr. Crawford. Ela se sentou e chorou *con amore*, como Sir Thomas esperava, mas *con amore* fraterno, e não de outro tipo. William se fora, e agora lhe parecia que havia desperdiçado a metade de sua visita com inquietudes fúteis e preocupações egoístas que nada tinham a ver com ele.

Fanny era dotada de um temperamento que não lhe permitia pensar na tia Norris, na tristeza de sua modesta casinha, sem se repreender por não ter lhe dado a devida atenção na última vez que estivera com ela; e possuía sentimentos que não lhe permitiam perdoar a si mesma por não ter feito, dito e pensado tudo que o irmão merecia ao longo daquela quinzena.

Foi um dia pesado, melancólico. Pouco depois do segundo desjejum, Edmund se despediu, montou seu cavalo e partiu para Peterborough, onde ficaria uma semana; todos se foram. Da noite passada restavam apenas lembranças, que ela não tinha com quem partilhar. Tentou conversar com Lady Bertram; precisava falar sobre o baile com alguém, mas a tia tinha visto tão pouco do que acontecera e tinha tão pouca curiosidade que a tentativa fracassou. Lady Bertram não prestara atenção no vestido de ninguém, nem no lugar de ninguém à mesa; só se ocupara de si mesma. “Não conseguia lembrar o que lhe

disseram sobre uma das jovens Maddox ou o comentário de Lady Prescott a respeito de Fanny; não sabia ao certo se o coronel Harrison se referira ao sr. Crawford ou a William quando afirmou que era o rapaz mais garboso do salão; alguém lhe cochichou alguma coisa, ela se esquecera de perguntar a Sir Thomas o que poderia ser.” E essas foram suas frases mais longas e mais claras; o resto não passou de lânguidos “Sim... sim... Muito bem... Ah, é? Eu não vi *isso*... Não consigo distinguir um do outro”. Foi horrível. Só foi melhor do que teriam sido as respostas bruscas da sra. Norris; mas, como ela tinha ido para casa com toda a geleia que sobrara para cuidar de uma empregada doente, a paz reinava na mansão, embora isso fosse tudo de que seus moradores poderiam se orgulhar.

A noite foi tão pesada quanto o dia. “Não sei qual é meu problema!”, Lady Bertram exclamou, quando a criada tirou a mesa do chá. “Estou me sentindo uma tonta. Deve ser porque ontem fiquei acordada até tarde. Fanny, faça alguma coisa para eu não dormir. Não consigo costurar. Vá buscar o baralho... Estou me sentindo uma tonta.”

Fanny foi buscar o baralho e jogou *cribbage* com a tia até a hora de dormir; e, como Sir Thomas estava lendo, não se ouvia outra coisa na sala além da contagem do jogo. “E com *essa* são trinta e um, quatro na mão e oito no descarte. É sua vez de dar as cartas; quer que eu dê?” Fanny pensava e repensava na diferença que vinte e quatro horas produziram na sala e em toda aquela parte da casa. Na véspera, havia esperança e sorrisos, animação e movimento, bulha e brilho na sala e em toda parte. Agora tudo era langor e solidão.

Uma boa noite de descanso a reanimou. No dia seguinte, ela conseguiu pensar em William com mais alegria, e, como de manhã teve a oportunidade de falar com a sra. Grant e a srta. Crawford sobre a noite de quinta-feira em bom estilo, com todos os retoques sugeridos pela imaginação e todos os risos provocados pelas brincadeiras que são tão essenciais ao recordar-se um baile, não teve de esforçar-se muito para retomar sua disposição habitual e aceitar facilmente a tranquilidade reinante no resto da semana.

Agora formavam um grupo menor do que ela já havia visto ali durante um dia inteiro, e *aquele* de quem basicamente dependiam o

bem-estar e a animação de toda reunião familiar e de toda refeição em família havia partido. Mas era preciso aprender a suportar isso. Logo ele iria embora para sempre; e ela era muito grata por poder estar agora na mesma sala com o tio, ouvir sua voz, escutar suas perguntas e até respondê-las sem se sentir tão infeliz como antes.

“Nossos dois rapazes estão fazendo falta”, Sir Thomas comentou nos dois primeiros dias, quando formaram seu pequeno círculo, depois do jantar; e, em consideração aos olhos marejados de Fanny, no primeiro dia não disse mais nada, apenas brindou à saúde de ambos; mas no segundo dia foi um pouco além. Elogiou William e expressou a esperança de que fosse promovido. “E há motivos para supor”, acrescentou, “que nos visite com mais frequência. Quanto a Edmund, temos de nos acostumar a viver sem ele. Este é seu último inverno entre nós.” “É mesmo”, Lady Bertram confirmou, “mas eu queria que ele não fosse embora. Acho que todos vão embora. Eu queria que ficassem em casa.”

Esse desejo se referia sobretudo a Julia, que acabara de pedir permissão para ir a Londres com Maria, e, como Sir Thomas achara melhor para ambas as filhas conceder essa permissão, Lady Bertram, embora não tivesse feito nada para impedi-lo, lamentava o consequente adiamento do retorno de Julia, que teria lugar nessa época. O baronete precisou usar uma série de sensatos argumentos para convencê-la a aceitar a alteração. Tudo que um pai atencioso *deveria* sentir foi exposto para confortá-la; e tudo que uma mãe afetuosa *deve* sentir ao concorrer para o prazer dos filhos foi atribuído a sua natureza. A tudo Lady Bertram assentiu com um calmo “Sim” e, depois de refletir em silêncio por um quarto de hora, espontaneamente observou: “Estive pensando... e estou muito contente por termos ficado com Fanny, pois, agora que os outros se foram, percebemos o bem que ela nos faz”.

Sir Thomas imediatamente endossou e reforçou o elogio: “É verdade. Mostramos a Fanny que a consideramos uma boa moça, elogiando-a em sua presença... agora ela é uma companhia preciosa. Se fomos bons para *ela*, agora ela é necessária para *nós*”.

“Realmente”, Lady Bertram concordou. “E é um consolo pensar que sempre a teremos conosco.”

O marido esboçou um sorriso, olhou para a sobrinha e, após um instante, falou, muito sério: “Espero que ela só nos deixe quando for convidada a viver em outro lar onde possa ser mais feliz que aqui”.

“E não é muito provável que isso aconteça. Quem haveria de convidá-la? Maria ficaria muito contente de recebê-la em Sotherton de vez em quando, mas não pensaria em convidá-la para morar lá... e acredito que Fanny está melhor aqui... e, além do mais, não posso abrir mão dela.”

A semana que transcorria tão tranquilamente na mansão tinha um caráter muito diferente no presbitério. Pelo menos às jovens das duas famílias inspirava sentimentos bem distintos. O que era serenidade e bem-estar para Fanny era tédio e irritação para Mary. Isso se devia, em parte, à diferença de temperamento e de hábitos — uma tão fácil de se contentar, a outra tão pouco acostumada a sofrer; porém ainda mais se poderia atribuir à diferença de circunstâncias. Em alguns pontos interessantes, elas eram exatamente o oposto uma da outra. Para Fanny a ausência de Edmund constituía um alívio pela causa e pela finalidade. Para Mary era um tormento sob todos os aspectos. Ela sentia falta de sua companhia todos os dias, praticamente todas as horas; e só se exasperava ao pensar no motivo que o levara a partir. Ele não podia ter imaginado nada melhor para tornar-se mais importante a seus olhos que esse afastamento de uma semana, que, ocorrendo justamente quando seu irmão estava fora e William Price também partira, completava a dissolução de um grupo que havia sido tão animado. Ela sentia isso profundamente. Agora eram um trio miserável, confinado entre quatro paredes por uma sucessão de chuvas e nevadas, sem nada para fazer e sem nenhuma novidade para esperar. Embora estivesse furiosa com Edmund por manter-se fiel aos próprios princípios e segui-los à risca sem se importar com ela (ficara tão furiosa que nem pareciam amigos quando se despediram depois do baile), não conseguia deixar de pensar nele constantemente, refletindo sobre seus méritos e sua afeição e suspirando pelos encontros quase diários que haviam tido nos últimos tempos. Sua ausência era desnecessariamente longa. Ele não devia ter planejado essa ausência tão longa; não devia ter partido por uma semana quando faltava tão pouco para ela deixar Mansfield. Então se pôs a culpar a si mesma.

Lamentava ter se exaltado tanto em sua última conversa. Temia ter usado expressões duras, até desdenhosas, ao falar do clero; e *isso* não estava certo. Era grosseiro; era errado. Desejava de todo o coração nunca ter pronunciado essas palavras.

Seus dissabores não terminaram junto com a semana. Tudo era muito difícil e piorou ainda mais quando a sexta-feira chegou e Edmund não apareceu; quando o sábado chegou e nada de Edmund; quando o domingo chegou e, num breve colóquio com a outra família, ela soube que Edmund escrevera, comunicando que tinha adiado seu retorno, pois prometera demorar-se mais alguns dias com o amigo!

Se antes ficara impaciente e pesarosa, se se arrependera do que havia dito e temera tê-lo magoado profundamente, agora a impaciência, o pesar, o medo eram dez vezes mais intensos. E ainda tinha de lutar com uma emoção que lhe era totalmente nova: ciúme. O sr. Owen, o amigo de Edmund, tinha irmãs. Talvez ele as achasse atraentes. De qualquer modo, sua ausência num momento em que, de acordo com todos os planos anteriores, ela partiria para Londres tinha um significado insuportável. Se Henry tivesse voltado ao cabo de três ou quatro dias, como previra, agora ela estaria deixando Mansfield. Precisava conversar com Fanny e tentar descobrir mais alguma coisa. Não podia continuar vivendo nessa angústia solitária; e rumou para a mansão, enfrentando as dificuldades de uma caminhada que considerara insuperáveis uma semana antes na esperança de obter mais alguma informação e ao menos ouvir o nome dele.

A primeira meia hora foi tempo perdido, pois Fanny estava com a tia, e, se não podia lhe falar a sós, a srta. Crawford nada podia esperar. Mas finalmente Lady Bertram saiu da sala, e então, quase de imediato, a srta. Crawford começou, controlando a voz na medida do possível: “Como está se sentindo com essa longa ausência de seu primo Edmund? A *senhorita* deve ser quem mais sofre, já que é a única pessoa jovem da casa. Deve sentir muita falta dele. Não se surpreende que ele demore tanto a voltar?”.

“Não sei”, Fanny respondeu, hesitante. “Sim... eu não esperava por isso.”

“Pode ser que ele sempre demore a voltar mais do que diz. É assim com todos os rapazes.”

“Não foi assim com ele, quando visitou o sr. Owen pela primeira vez.”

“Agora ele deve ter achado a casa mais aconchegante. Ele é um rapaz muito... muito simpático, e lamento não poder vê-lo novamente, antes de ir para Londres; é o que vai acontecer, sem dúvida. Henry deve chegar a qualquer momento, e então nada mais me prenderá a Mansfield. Eu gostaria de vê-lo mais uma vez, confesso. Mas transmita-lhe meus respeitos. Sim... ‘respeitos’ está bem. Não lhe parece que falta uma palavra em nossa língua... uma palavra entre ‘respeitos’ e... e ‘amor’... para designar o tipo de convivência amistosa que tivemos? Uma convivência de tantos meses! Mas ‘respeitos’ basta neste caso. A carta dele era longa? Ele conta o que tem feito? É o Natal que o retém por lá?”

“Ouvi só uma parte da carta; ele a mandou para o titio... mas acho que era bem curta; na verdade, eram apenas algumas linhas. Tudo que ouvi foi que o amigo insistiu para ele ficar mais tempo e ele concordou. *Poucos* dias mais ou *alguns* dias mais, não sei ao certo.”

“Ah! Se ele escreveu para o pai... Pensei que tivesse escrito para Lady Bertram ou para a senhorita. Mas, se ele escreveu para o pai, não admira que fosse conciso. Quem iria se estender numa carta para Sir Thomas? Se fosse para a senhorita, ele teria dado mais detalhes. Teria falado de bailes e festas. Teria feito uma descrição de tudo e de todos. Quantas são as jovens Owen?”

“Três.”

“Elas gostam de música?”

“Não sei. Nunca ouvi nada sobre isso.”

“Essa é a primeira coisa”, a srta. Crawford prosseguiu, tentando demonstrar alegria e despreocupação, “que toda mulher que toca um instrumento quer saber a respeito de outra. Mas é bobagem fazer perguntas sobre mocinhas... sobre três irmãs que mal se tornaram adultas; pois, sem que ninguém nos diga, sabemos exatamente como elas são... todas muito prendadas e simpáticas e *uma* muito bonita. Toda família tem uma beldade. É bem comum. Duas tocam piano, uma toca harpa... e todas cantam... ou cantariam, se tivessem aprendido... ou cantam mesmo sem ter aprendido... ou algo assim.”

“Não sei nada sobre as jovens Owen”, Fanny calmamente replicou.

“Não sabe nada e se importa ainda menos, como se diz. Nunca um tom de voz expressou indiferença com maior clareza. Quem haveria de se importar com alguém que não conhece? Bom, quando seu primo voltar, vai encontrar muito silêncio em Mansfield: todos os barulhentos terão ido embora. Seu irmão, o meu e eu. Não me agrada deixar a sra. Grant, agora que está chegando o dia de partir. Ela não quer que eu vá.”

Fanny se sentiu na obrigação de dizer alguma coisa: “Não tenha dúvida de que muita gente vai sentir sua falta. Vão ter muita saudade da senhorita”.

A srta. Crawford fitou-a como se quisesse ver ou ouvir algo mais e riu: “Ah, sim, tanta saudade quanto de um barulho incômodo que termina; ou seja, faz uma grande diferença. Mas não estou procurando consolo; não precisa me elogiar. Se alguém tiver saudade de mim, há de demonstrar. Quem quiser me ver há de me encontrar. Não vou para nenhum lugar indefinido, distante ou inacessível”.

Agora Fanny não abriu a boca, e a srta. Crawford ficou desapontada, pois esperava ouvir de quem supostamente a conhecia bem uma agradável confirmação de sua importância; e de novo se entristeceu.

“As jovens Owen...”, recomeçou pouco depois. “Imagine uma delas morando em Thornton Lacey; como a senhorita se sentiria? Coisas mais estranhas já aconteceram. Acho que elas estão tentando conseguir isso. E fazem muito bem, pois ficariam em ótima situação. Não me surpreendo, nem as critico. Todo mundo tem a obrigação de procurar o melhor para si mesmo. O filho de Sir Thomas Bertram é alguém; e tem a mesma profissão dos Owen. O pai delas é clérigo, o irmão delas é clérigo, todos são clérigos. Edmund é propriedade legal deles, pertence-lhes por direito. Você não diz nada, Fanny... srta. Price... a senhorita não diz nada. Mas, cá entre nós, não é o que se espera?”

“Não”, Fanny respondeu, resoluta. “Decididamente, não é o que eu espero.”

“Decididamente!”, a srta. Crawford exclamou. “Muito me admira. Mas acho que a senhorita sabe exatamente... sempre imagino que...”

talvez a senhorita não acredite que algum dia ele venha a se casar... ou que se case logo.”

“Não, eu não acredito”, disse Fanny docemente, esperando não estar errada nem na convicção nem na declaração.

Sua interlocutora fitou-a atentamente e, animando-se com o rubor que seu olhar provocou, falou: “Ele está melhor assim”; e mudou de assunto.

XII

Muito mais tranquila depois dessa conversa, a srta. Crawford voltou para casa com disposição suficiente para enfrentar mais uma semana de mau tempo na companhia do mesmo grupinho, se necessário fosse; contudo, como naquela noite seu irmão chegou de Londres com a alegria de sempre, ou maior que a de sempre, isso não foi necessário. A recusa de Henry a contar-lhe o que tinha ido fazer na capital foi motivo de diversão; um dia antes poderia tê-la irritado, porém agora era uma deliciosa brincadeira e a levava a desconfiar que ele escondia algo planejado para proporcionar-lhe uma grata surpresa. E o dia seguinte *realmente* lhe proporcionou uma surpresa. Henry informou que ia visitar os Bertram para saber como estavam e voltaria em dez minutos; entretanto, ausentou-se por mais de uma hora; e, quando a irmã, que o esperara para passearem juntos no jardim, finalmente o encontrou na curva do caminho e, muito impaciente, perguntou: “Meu querido, onde você esteve esse tempo todo?”, ele respondeu que esteve conversando com Lady Bertram e Fanny.

“Uma hora e meia conversando com elas!”, Mary espantou-se.

Mas era apenas o começo da surpresa.

“Sim”, disse o rapaz, tomando-a pelo braço e caminhando com ela como se não soubesse onde se encontrava. “Eu não conseguia sair de lá... Fanny estava tão linda! Estou decidido. Firmemente decidido. Será que você vai se surpreender? Não... você já deve ter percebido que estou firmemente decidido a me casar com Fanny Price.”

A surpresa se completou, pois, apesar do que a conduta de Henry poderia sugerir, Mary nem sequer imaginara que ele tivesse tais intenções; e demonstrou tão claramente seu espanto que o obrigou a repetir o que dissera com mais veemência e maior formalidade. Uma vez convencida de sua determinação, acolheu bem a ideia. Até gostou da surpresa. Encontrava-se num estado de espírito que lhe permitia

comprazer-se de uma aliança com a família Bertram e não se desagradar do casamento do irmão com alguém de condição ligeiramente inferior.

“Pois é”, Henry concluiu, muito seguro. “Fui bem fisgado. Você sabe com que frívolas intenções comecei... mas elas acabam aqui. Progredi um bocado... e me gabo disso... na afeição dela; quanto à minha, tenho certeza absoluta.”

“Que felizarda!”, Mary exclamou, tão logo conseguiu falar. “Que bom partido para ela! Meu querido, este é meu *primeiro* sentimento; mas o *segundo*, que exponho com a mesma sinceridade, é que aprovo sua escolha do fundo do coração e espero que você tenha toda a felicidade que lhe desejo. Você vai ter uma esposinha meiga, agradecida e dedicada. Como você merece. Que partido incrível ela arranjou! A sra. Norris vive dizendo que ela tem muita sorte; o que haverá de dizer agora? Uma alegria para toda a família, realmente! E ela tem alguns amigos *verdadeiros* na mansão. Vão exultar! Mas conte-me tudo. Não pare de falar. Quando começou a pensar nela seriamente?”

Era impossível responder essa pergunta, mas foi delicioso ouvi-la. “Como o doce mal dele se apoderou”¹ Henry não saberia explicar; e, antes que exprimisse o mesmo sentimento pela terceira vez, mudando um pouco as palavras, Mary o interrompeu, ansiosa: “Ah, meu querido, e por isso você foi a Londres! Para tratar desse assunto! Resolveu consultar o almirante, antes de tomar sua decisão”.

Ele negou terminantemente. Conhecia muito bem o tio para saber que não convinha consultá-lo sobre um projeto matrimonial. O almirante odiava casamento e o considerava imperdoável num jovem financeiramente independente.

“Quando conhecer Fanny”, Henry prosseguiu, “ele vai ficar encantado. Ela é o tipo de mulher que acaba com os preconceitos de um homem como o almirante, porque é o tipo de mulher que ele pensa que não existe no mundo. É o que ele despreveria como uma impossibilidade... se conseguisse expor suas ideias numa linguagem delicada. Mas, enquanto não estiver tudo resolvido... definitivamente resolvido, ele não vai saber de nada. E você está redondamente enganada. Ainda não descobriu o que fui fazer em Londres!”

“Bom, estou satisfeita. Já sei de quem se trata e não tenho pressa nenhuma de saber o resto. Fanny Price... É maravilhoso... realmente maravilhoso... que Mansfield tenha feito tanto por... que *você* tenha encontrado seu destino em Mansfield! Mas tem razão: não poderia fazer melhor escolha. Não existe moça melhor no mundo; e você não está atrás de fortuna; quanto à família, é ótima. Os Bertram são uma das famílias mais importantes desta região, sem dúvida. Ela é sobrinha de Sir Thomas Bertram; é o que basta para o mundo. Mas continue, continue. Conte mais. Quais são seus planos? Ela está ciente da própria felicidade?”

“Não.”

“O que você está esperando?”

“Estou esperando... uma oportunidade. Ela não é como as primas; mas acho que meu pedido não será em vão.”

“Ah, não, claro que não. Ainda que você não fosse tão atraente... ainda que ela já não estivesse apaixonada por você... e duvido muito que não esteja... você estaria seguro. A delicadeza e a gratidão do caráter dela a fariam aceitá-lo de imediato. Não creio, sinceramente, que ela se casaria com você *sem* amor; se existe no mundo uma moça capaz de não se deixar levar pela ambição, acho que é ela; mas peça-lhe que o ame, e ela nunca vai ter coragem de se recusar.”

Assim que a ansiedade lhe permitiu calar-se, Mary teve tanto prazer em ouvi-lo quanto Henry em lhe contar tudo; e seguiu-se uma conversa que suscitou em ambos praticamente o mesmo grau de interesse, embora ele na verdade não tivesse nada para relatar além das próprias sensações, nada para descrever além dos encantos de Fanny. A beleza, as maneiras graciosas, o bom coração de Fanny foram o tema inesgotável. Ele enalteceu com ardor a delicadeza, o recato, a doçura de Fanny, aquela doçura que o homem considera uma parte tão essencial do valor de toda mulher que, conquanto às vezes ame quem não a tem, nunca acredita que falte à amada. Henry tinha bons motivos para confiar no temperamento de Fanny e elogiá-lo. Com frequência o vira posto à prova. Haveria alguém na família, com exceção de Edmund, que de um modo ou de outro não abusasse constantemente de sua paciência? Seus afetos eram visivelmente intensos. Vê-la com o irmão! Haveria prova mais encantadora de que

o calor de seu coração se igualava a sua delicadeza? Haveria maior encorajamento para quem aspirava a seu amor? Ademais, Fanny possuía uma inteligência penetrante e viva; e suas maneiras refletiam o recato e o requinte de sua mente. E isso não era tudo. Henry Crawford tinha sensatez suficiente para perceber a importância dos bons princípios numa esposa, embora estivesse tão pouco habituado com reflexões sérias que não sabia como chamá-los; porém, ao afirmar que a conduta serena e constante de Fanny, seu elevado senso de honra e sua observância do decoro constituíam para qualquer homem garantias de que podia ter absoluta confiança em sua fidelidade e em sua integridade, expressava o que lhe inspirara a convicção de que ela era uma pessoa religiosa e dotada de bons princípios.

“Posso confiar inteiramente nela”, acrescentou. “E é *isso* que eu quero.”

Certa de que tão alto conceito não superava o merecimento de Fanny Price, Mary exultou com as perspectivas que se abriam para a amiga.

“Quanto mais penso”, falou, “mais me convenço de que você está agindo como deve; e, embora eu nunca imaginasse que Fanny Price seria a moça capaz de conquistar você, agora tenho certeza de que ela é a que vai fazê-lo feliz. Sua péssima intenção de perturbar a paz da coitadinha acabou levando a uma decisão inteligente. Vocês dois vão encontrar nisso sua felicidade.”

“Foi muita maldade de minha parte contra uma criatura como ela! Mas eu ainda não a conhecia. E ela não vai lamentar a hora em que tive aquela ideia. Hei de fazê-la feliz, feliz como ela nunca foi nem viu alguém ser. Não quero tirá-la de Northamptonshire. Vou deixar Everingham e alugar uma casa por aqui... Stanwix Lodge, talvez. Pretendo arrendar Everingham por sete anos. Basta eu abrir a boca para encontrar um ótimo inquilino. Agora mesmo eu poderia mencionar três pessoas que aceitariam minhas condições e me agradeceriam.”

“Ah!”, Mary exclamou. “Morar em Northamptonshire! Que bom! Ficaremos todos juntos.”

Mal acabou de falar, arrependeu-se e desejou não ter dito isso; mas não tinha por que se sentir constrangida, pois Henry só a via como

hóspede do presbitério, e sua única reação foi convidá-la da maneira mais gentil a ficar em sua casa e alegar que tinha maiores direitos sobre ela.

“Você precisa nos dar mais que a metade de seu tempo”, argumentou. “Não posso admitir que a sra. Grant tenha os mesmos direitos que Fanny e eu sobre você. Fanny vai ser sua irmã!”

Mary só teve de agradecer e assegurar-lhe que assim seria, porém agora estava firmemente decidida a não ser hóspede do irmão ou da irmã por muitos meses.

“Vocês vão morar parte do ano em Londres, parte em Northamptonshire?”

“Vamos.”

“Está certo; e, em Londres, naturalmente, vão ter sua própria casa, não vão ficar com o almirante. Meu querido, que bom você se afastar do almirante antes de estragar suas maneiras no contato com as dele, antes de contrair qualquer uma das absurdas opiniões dele, antes de aprender a prolongar a permanência à mesa como se fosse a melhor coisa da vida! Você não percebe isso porque está cego de admiração por ele; mas acredito que casar logo pode ser sua salvação. Vê-lo ficar parecido com o almirante em palavras ou atos, em aparência ou gestos me partiria o coração.”

“Quanto a isso discordamos. O almirante tem seus defeitos, mas é um homem boníssimo e tem sido mais que um pai para mim. Poucos pais teriam me deixado tão à vontade. Não predisponha Fanny contra ele. Preciso que se amem.”

Mary se absteve de exprimir o que pensava, ou seja, que não poderia haver no mundo duas pessoas mais diferentes em termos de caráter e de modos; o tempo lhe mostraria isso; mas não conseguiu omitir a seguinte reflexão sobre o almirante: “Tenho Fanny Price em tão alta conta que, se me passasse pela cabeça que a próxima sra. Crawford teria metade dos motivos de minha pobre tia para detestar esse nome, eu impediria o casamento, se pudesse; mas conheço você, sei que a mulher que você amar será a mais feliz das mulheres e que, mesmo que você deixe de amá-la, continuará tratando-a com a generosidade e a boa educação de um cavalheiro”.

A impossibilidade de não fazer tudo no mundo para tornar Fanny Price feliz, a impossibilidade de deixar de amar Fanny Price constituíram o fundamento da eloquente resposta.

“Se você a tivesse visto hoje de manhã”, ele prosseguiu, “cumprindo com inefável doçura e paciência as estúpidas ordens da tia, costurando com ela e para ela, corando lindamente quando se debruçava sobre o trabalho, depois voltando para sua cadeira para terminar de escrever um bilhete que tinha começado a mando daquela boba, e tudo isso com tanta gentileza, tanta simplicidade, como se fosse natural não ter um momento para si mesma, o cabelo bem arrumado como sempre, e um cachinho que lhe caía na testa e que de vez em quando ela punha para trás, enquanto escrevia, e, no meio de tudo isso, ainda falando cá e lá comigo ou me escutando como se gostasse de ouvir o que eu dizia. Se a tivesse visto, não cogitaria na possibilidade de um dia ela não ser mais a dona de meu coração.”

“Fico muito feliz de vê-lo tão apaixonado, meu querido!”, Mary exclamou, sorridente. “É uma alegria enorme para mim. Mas o que a sra. Rushworth e Julia irão dizer?”

“Não me importa o que elas digam ou pensem. Agora vão ver que tipo de mulher é capaz de me conquistar, de conquistar um homem sensato. Espero que essa descoberta lhes seja útil. Agora vão ver a prima receber o tratamento que merece, e espero que se envergonhem do descaso e da grosseria abominável com que sempre a trataram. Vão ficar furiosas”, acrescentou, após um instante de silêncio e num tom mais frio. “A sra. Rushworth vai ficar possessa. Há de ser uma pílula amarga para ela; e, como toda pílula amarga, há de ter um momento de gosto ruim e depois será engolida e esquecida; pois não tenho a pretensão de imaginar que os sentimentos dela durem mais que os de outras mulheres, embora *eu* os inspire. Sim, minha Fanny vai perceber a cada dia, a cada hora, a diferença na atitude de todos que se aproximarem dela; e será a plenitude de minha felicidade saber que isso se deve a mim, que lhe dou a merecida importância. Agora ela depende dos outros, está desamparada, sem amigos, desprezada, esquecida.”

“Não, não por todos; não está esquecida por todos; não está sem amigos nem esquecida. O primo Edmund nunca a esquece.”

“Edmund... Sim, creio que... de modo geral... Edmund é bom para ela; Sir Thomas também, do jeito dele, mas é o jeito de um tio rico, arrogante, pomposo, arbitrário. O que os dois juntos podem fazer por ela, o que *fazem* pela felicidade, pelo bem-estar, pela honra e pela dignidade dela comparado com o que eu *vou* fazer?”

XIII

Na manhã seguinte, Henry Crawford voltou a Mansfield Park e chegou uma hora antes do que qualquer visita costumava chegar. As damas estavam na sala de desjejum, e, para sua sorte, Lady Bertram já ia se retirando quando ele entrou. Estava quase na porta e, como detestava fazer o menor esforço em vão, saiu, depois de recebê-lo educadamente, pronunciar algumas palavras sobre ser aguardada e dirigir à empregada um “Avisar Sir Thomas”.

Exultante, Henry cumprimentou-a com uma reverência, esperou que ela se afastasse e, sem perder mais um segundo, imediatamente se voltou para Fanny, tirou umas cartas do bolso e disse: “Agradeço imensamente a qualquer criatura que me proporcione uma oportunidade de vê-la a sós. Tenho desejado isso mais do que a senhorita pode imaginar. Sabendo como são seus sentimentos de irmã, eu não gostaria que qualquer outra pessoa da casa estivesse presente para ouvir a notícia que lhe trago em primeira mão. Ele conseguiu. Seu irmão é tenente. Tenho a infinita satisfação de parabenizá-la pela promoção dele. O anúncio está aqui, nestas cartas que acabei de receber. Talvez a senhorita as queira ler”.

Fanny ficou sem fala, mas Henry não precisava que ela falasse. Bastava-lhe ver a expressão de seus olhos, a mudança na cor de seu rosto, a evolução de seus sentimentos, suas dúvidas, sua confusão, sua felicidade. Ela pegou as cartas. A primeira era do almirante, que, em poucas palavras, informava ao sobrinho que alcançara o objetivo — a promoção do jovem Price — e lhe encaminhava outras duas cartas: a do secretário do ministro da Marinha a um amigo a quem recorrera para tratar do caso; e a desse amigo para ele, comunicando que Sua Senhoria tivera grande prazer em atender à recomendação de Sir Charles, que Sir Charles ficara encantado com a oportunidade de demonstrar seu apreço pelo almirante Crawford e que a promoção do

sr. William Price a segundo-tenente da chalupa *HMS Tordo* era motivo de alegria num amplo círculo de pessoas importantes.

Enquanto Fanny segurava essas cartas com as mãos trêmulas, correndo os olhos de uma para outra, sentindo o coração transbordar de emoção, Crawford continuou com sincero entusiasmo a expressar seu interesse pelo grande acontecimento.

“Não vou falar de minha felicidade”, disse, “que é imensa, pois só estou pensando na sua. Em comparação com a senhorita, quem tem o direito de estar feliz? Quase me odiei por ser o primeiro a tomar conhecimento do que a senhorita deveria saber antes de todo mundo. Mas não perdi um segundo sequer. O correio chegou tarde hoje de manhã, mas depois disso não houve atraso. Não vou tentar descrever minha impaciência, minha ansiedade, minha empolgação com essa história; minha profunda tristeza, minha cruel decepção por não ter conseguido resolvê-la, quando estava em Londres! Fiquei lá, dias e dias, esperando a solução, pois só mesmo uma coisa tão crucial para mim me manteria afastado de Mansfield por tanto tempo. Mas, embora meu tio abraçasse minha causa com todo o ardor que eu poderia desejar e imediatamente se desdobrasse para ajudar, enfrentamos dificuldades devidas à ausência de um amigo e aos compromissos de outro; não aguentei mais esperar e parti na segunda-feira, sabendo que deixava o caso em boas mãos e confiando que não teria de ver chegarem muitos correios até receber cartas como essas. Meu tio, que é o melhor homem do mundo, não mediu esforços, como eu previa, depois de conhecer seu irmão. Ficou encantado com ele. Ontem, preferi não lhe contar *o quanto* ele ficou encantado e não repeti nem a metade dos elogios que fez a William. Adiei esse relato até poder comprovar que os elogios eram de um amigo, e o dia de hoje me trouxe essa comprovação. *Agora* posso dizer que nem eu mesmo esperava que William Price despertasse maior interesse, inspirasse votos mais calorosos e recebesse elogios mais entusiásticos do que os que meu tio espontaneamente lhe dedicou, depois da tarde que passaram juntos.”

“Então foi *o senhor* que fez tudo isso?”, Fanny perguntou. “Santo Deus! Foi muita bondade! O senhor realmente... foi a pedido *seu*...

desculpe, estou confusa. O almirante Crawford se empenhou? Como foi isso? Estou pasma.”

Henry teve o maior prazer em explicar, começando por um estágio anterior e demorando-se mais no que havia feito. Realizara sua última viagem a Londres com o único objetivo de apresentar William na Hill Street e convencer o almirante a exercer toda influência possível para obter a promoção. Era esse o assunto que tinha ido resolver. Não dissera nada a ninguém; não pronunciara uma única palavra sobre isso, nem mesmo para Mary; enquanto aguardava o resultado, não quis partilhar seus sentimentos com ninguém, mas era esse o assunto que tinha ido resolver; e falava da própria solicitude com tanta empolgação, usava termos tão veementes, repetia tanto *o mais profundo interesse, duplos motivos, ideias e anseios inefáveis* que Fanny não seria insensível a essa torrente, se conseguisse prestar atenção; mas estava tão feliz e ainda tão atônita que mal o escutava, inclusive quando ele se referia a seu irmão; por fim, aproveitando uma pausa, exclamou: “Foi muita bondade sua! Ah, sr. Crawford, somos imensamente gratos ao senhor. Querido William!”. E, levantando-se de um salto, rapidamente se dirigiu para a porta. “Vou contar para o titio”, anunciou. “Ele precisa saber disso quanto antes.” Porém Henry não lhe permitiu. Não iria perder a ótima oportunidade e estava impaciente demais. Alcançou-a num instante. “Não podia sair, tinha de conceder-lhe mais cinco minutos”, e tomou-a pela mão, reconduziu-a a sua cadeira e estava no meio de mais uma explanação quando ela atinou com o motivo pelo qual a detivera. Ao perceber que ele pretendia fazê-la acreditar que lhe inspirara sentimentos até então desconhecidos e que todo o seu empenho em ajudar William se devia a seu enorme e incomparável amor por ela, angustiou-se a tal ponto que por alguns segundos não conseguiu falar. Via tudo isso como uma tolice, uma frivolidade, uma galantaria que só visavam a iludi-la nesse momento; sentia-se tratada de maneira imprópria, indigna e imerecida; mas sabia que era típico de Henry e estava inteiramente de acordo com o que já tinha visto; e não se permitiria demonstrar nem a metade de seu desprazer, porque lhe devia um favor que nenhuma indelicadeza da parte dele poderia invalidar. Enquanto seu coração ainda saltava de alegria e gratidão por causa de William, nenhuma

ofensa que lhe fosse dirigida poderia magoá-la; e, depois de retirar a mão por duas vezes e por duas vezes tentar inutilmente desvencilhar-se, levantou-se e, muito agitada, limitou-se a dizer: “Não, sr. Crawford; não, por favor. Peça-lhe que não continue. Não gosto desse tipo de conversa. Preciso ir. Não aguento isso”. Mas ele continuou falando, descrevendo seu amor, solicitando retribuição e, por fim, em palavras tão claras que só podiam ter um significado, até mesmo para *ela*, oferecendo sua pessoa, sua mão, sua fortuna, tudo que tinha para que o aceitasse. Era isso; havia dito. Ainda mais atônita e confusa, sem saber se devia levá-lo a sério, Fanny mal conseguia se manter em pé. Ele cobrava uma resposta.

“Não, não, não”, ela gritou, escondendo o rosto. “Tudo isso é absurdo. Não me torture. Não posso ouvir mais nada. Não tenho palavras para lhe dizer como agradeço sua bondade para com William; mas não quero, não suporto, não preciso ouvir isso... Não, não, não pense em mim. Mas o senhor *não* está pensando em mim. Eu sei que tudo isso não significa nada.”

Ela se soltou, e nesse instante ouviram Sir Thomas falando com uma empregada, enquanto se dirigia à sala onde estavam. Não havia mais tempo para promessas ou súplicas; deixá-la ir num momento em que o recato de Fanny parecia constituir o único obstáculo para a felicidade que o confiante Henry buscava era uma cruel necessidade. Ela saiu correndo pela porta oposta à que o tio cruzaria e já andava de um lado a outro, na sala leste, em meio à maior confusão de sentimentos contraditórios, enquanto o baronete se desmanchava em cumprimentos e desculpas e ainda não se inteirara da boa-nova que o visitante fora comunicar.

Fanny estava emocionada, pensativa, trêmula, agitada, feliz, aflita, imensamente agradecida, absolutamente furiosa. Tudo isso era incrível! Indesculpável, incompreensível! Mas, com os hábitos que tinha, Henry era incapaz de fazer qualquer coisa sem uma dose de maldade. Depois de torná-la a mais ditosa das criaturas, insultou-a — ela não sabia o que dizer, não sabia como classificar, como entender tal atitude. Não queria levá-lo a sério, e, no entanto, o que poderia desculpar suas palavras e propostas, se não fossem apenas uma brincadeira?

Mas William era tenente. *Esse* era um fato consumado. Ela só pensaria nisso e esqueceria todo o resto. O sr. Crawford certamente não lhe falaria mais naqueles termos: devia ter percebido que a aborrecera; e, nesse caso, como ela lhe seria grata e o estimaria por sua amizade para com William!

Fanny se limitou a caminhar da sala leste ao topo da grande escadaria até assegurar-se de que o sr. Crawford fora embora; só então resolveu descer, conversar com o tio, partilhar sua alegria, suas informações e suas conjecturas sobre o provável destino do irmão. Sir Thomas estava tão feliz quanto ela poderia desejar, além de muito afável e comunicativo; e conversar sobre William foi tão confortante que Fanny se sentiu como se nada a tivesse importunado até tomar conhecimento de que o sr. Crawford prometera jantar na mansão nesse mesmo dia. Era uma notícia muito desagradável, pois, embora *ele* talvez não desse a menor importância ao que havia acontecido, para ela seria penoso tornar a vê-lo.

Fanny procurou superar essa contrariedade; à medida que se aproximava a hora do jantar, esforçou-se muito para sentir-se e agir como de hábito; mas foi impossível não demonstrar timidez e constrangimento quando o visitante entrou na sala. Nunca lhe passara pela cabeça que, no mesmo dia em que soubera da promoção de William, uma série de circunstâncias concorreria para provocar-lhe tantas sensações dolorosas.

O sr. Crawford não só entrou na sala como logo se aproximou dela para entregar-lhe um bilhete da irmã. Fanny não conseguiu fitá-lo, porém não percebeu em sua voz nenhum vestígio do desatino que ele cometera pela manhã. Contente por ter alguma coisa para fazer, abriu o bilhete e, enquanto o lia, percebeu, com satisfação, que o alvoroço da tia Norris, que também tinha ido jantar na mansão, de certo modo lhe servia de anteparo.

Querida Fanny, pois agora posso chamá-la sempre assim, para infinito alívio de uma língua que tem tropeçado num srta. Price pelo menos durante as últimas seis semanas. Não posso deixar de mandar-lhe através de meu irmão algumas linhas de felicitações e, com a maior alegria, dar-lhe meu consentimento e minha aprovação. Vá em frente,

minha querida, e não tenha medo; não haverá dificuldades dignas desse nome. Suponho que a garantia de meu consentimento signifique alguma coisa; portanto, pode dedicar-lhe seus mais doces sorrisos ao longo desta noite e devolvê-lo para mim mais feliz do que quando saiu daqui.

Afetuosamente,

M. C.

Não eram expressões que pudessem fazer-lhe bem, pois, embora sua leitura apressada e inquieta não lhe permitisse entender com clareza o objetivo da srta. Crawford, era evidente que ela pretendia felicitá-la pelo amor do irmão e que até *parecia* acreditar que se tratava de amor verdadeiro. Fanny não sabia o que fazer nem o que pensar. Angustiava-se com a ideia de que fosse verdadeiro; estava perplexa e inquieta. Ficava tensa toda vez que o sr. Crawford lhe dirigia a palavra, o que ocorria com demasiada frequência; e em sua voz e em suas maneiras notava uma grande diferença quando ele lhe falava e quando se dirigia aos demais. Já não teve paz durante a refeição e mal conseguiu comer alguma coisa; e sentiu tamanha vergonha que desejou sumir, com medo da interpretação do visitante, quando Sir Thomas, muito bem-humorado, comentou que a alegria lhe tirara o apetite; pois, embora por nada no mundo ousasse olhar para a direita, onde o sr. Crawford se encontrava, sentiu que os olhos *dele* imediatamente se voltaram para ela.

Permaneceu mais calada que nunca. Praticamente não abriu a boca, nem mesmo quando a conversa girava em torno de William, pois sua promoção também estava relacionada com a pessoa à direita, e essa relação era dolorosa.

Teve a impressão de que Lady Bertram se demorava à mesa mais que de hábito e começou a desesperar-se, temendo que nunca se levantasse; mas por fim todos foram para a sala de visitas, e ela pôde refletir à vontade, enquanto as tias continuavam comentando a seu próprio modo a promoção de William.

A sra. Norris parecia tão encantada com a economia que isso representaria para Sir Thomas quanto com o fato em si. “Agora William conseguiria se manter, o que faria uma enorme diferença para

o tio, pois não se sabia quanto já lhe custara; e, na verdade, faria alguma diferença também para *ela*. Estava muito contente de ter dado ao sobrinho o que lhe dera na despedida; estava muito contente de ter tido condições, sem nenhum transtorno material justamente naquela ocasião, de dar-lhe algo considerável;¹ isto é, considerável para *ela*, com *seus* recursos limitados, pois agora seria útil para ajudá-lo a mobiliar a cabine. Sabia que ele teria alguns gastos, que teria de comprar muitas coisas, apesar de que seus pais certamente o orientariam no sentido de adquirir tudo muito barato, porém estava muito contente de ter contribuído com uma pequena quantia.”

“Estou contente que você lhe tenha dado algo considerável”, disse Lady Bertram com toda a calma e sem a menor desconfiança, “pois *eu* lhe dei apenas dez libras.”

“Ora essa!”, a sra. Norris exclamou, enrubescendo. “Então ele saiu daqui com os bolsos cheios! E ainda viajou de graça para Londres!”

“Sir Thomas falou que dez libras seriam suficientes.”

Nem um pouco disposta a discutir se seriam suficientes ou não, a sra. Norris preferiu abordar outro aspecto da questão.

“É incrível o que os jovens custam aos amigos”, começou. “Quanto custa criá-los e encaminhá-los na vida! Eles não pensam nisso, não pensam no que os pais, os tios e as tias gastam com eles ao longo de um ano. Os filhos de minha irmã Price, por exemplo: ninguém acreditaria no que todos juntos custam por ano a Sir Thomas, sem falar no que *eu* faço por eles.”

“É verdade, minha irmã. Mas coitadinhos! Não têm culpa; e você sabe que isso não faz muita diferença para Sir Thomas. Fanny, William não pode se esquecer de meu xale, se ele for para as Índias Orientais; e eu quero encomendar mais umas coisas que vale a pena comprar. Tomara que ele vá às Índias Orientais para me trazer o xale. Acho que vou querer dois xales, Fanny.”

Entrementes, Fanny só dizia alguma coisa quando não podia evitar e se esforçava para entender os intuitos do sr. e da srta. Crawford. Exceto as palavras e a atitude dele, tudo no mundo levava a crer que *não* eram sinceros. Tudo que havia de natural, provável, razoável indicava isso; todos os hábitos e as ideias de ambos, ademais de seus próprios deméritos. Como *ela* poderia despertar um afeto verdadeiro

num homem que já havia conhecido, fascinado e cortejado tantas mulheres infinitamente superiores a ela; que parecia pouco inclinado a fortes impressões, mesmo quando alguém se desdobrava para agradá-lo; que era tão leviano, tão descuidado, tão insensível nesse campo; que era tudo para todos e não considerava ninguém essencial para ele? E, além disso, seria possível imaginar que, com todas as suas ideias mundanas acerca do matrimônio, a srta. Crawford estivesse incentivando qualquer coisa séria nesse sentido? Nada seria mais contrário à natureza de ambos. Fanny se envergonhava de suas dúvidas. Tudo era possível, menos um sentimento verdadeiro ou uma aprovação sincera desse sentimento por parte da irmã. Fanny estava plenamente convencida disso quando Sir Thomas e o sr. Crawford se aproximaram. A dificuldade estava em manter a convicção depois que o sr. Crawford entrou na sala e lhe lançou um ou dois olhares cujo significado ela não conseguiu decifrar; se tivessem partido de qualquer outro homem, diria que significavam algo muito sério, muito intenso. Mas ainda tentava acreditar que esses olhares eram idênticos aos que ele tantas vezes dirigira a suas primas e a outras cinquenta mulheres.

Pensou que ele queria lhe falar em particular. Imaginou que procurava fazê-lo todas as vezes que Sir Thomas saía da sala ou conversava com a sra. Norris e não lhe deu oportunidade.

Por fim — era um por fim para a inquietação de Fanny, embora não fosse tão tarde —, ele anunciou que estava na hora de ir embora; mas no momento seguinte anulou o alívio proporcionado por esse anúncio, pois se voltou para perguntar-lhe: “A senhorita não vai mandar nada para Mary? Nenhuma resposta? Ela vai ficar decepcionada, se não receber nada. Por favor, escreva para ela, ainda que seja só uma linha”.

“Ah, sim, claro”, Fanny concordou, levantando-se prontamente, com a pressa que deriva do constrangimento e da vontade de afastar-se. “Vou escrever agora mesmo.”

E foi até a mesa onde costumava escrever as mensagens da tia e munuiu-se do material necessário, sem ter a menor ideia do que haveria de dizer. Havia lido o bilhete da srta. Crawford apenas uma vez e achava muito desagradável dar uma resposta a algo que não entendera perfeitamente. Sem nenhuma prática nesse tipo de correspondência,

hesitaria muito, tomada de escrúpulos e temores no tocante ao estilo; mas não tinha tempo para isso; precisava escrever alguma coisa imediatamente e, decidida a deixar bem claro que não esperava nada de concreto, escreveu, com a mão trêmula e o ânimo vacilante:

Muito lhe agradeço, querida srta. Crawford, suas amáveis felicitações, na medida em que se referem a meu adorado William. Quanto ao restante, sei que nada significa, mas sou tão incompetente para esse tipo de coisa que espero que me desculpe por lhe pedir que não pense mais nisso. Conheço o sr. Crawford bastante bem para entender seu modo de agir; se ele também me entendesse, agiria de outra forma. Não sei o que escrever, porém a senhorita me faria um grande favor se nunca mais tocasse nesse assunto. Com meus agradecimentos por ter me honrado com sua mensagem, continuo sendo, querida srta. Crawford etc. etc.

O final era praticamente ininteligível, pois ela se apavorara ainda mais, ao ver que o sr. Crawford se aproximava com o pretexto de pegar o bilhete.

“Não pense que quero apressá-la”, ele murmurou, percebendo seu espantoso nervosismo. “Não pense que quero isso. Não se apresse, por favor.”

“Ah, obrigada; já terminei... termino num instante... eu lhe agradeço muito... se tiver a gentileza de entregá-lo à srta. Crawford.”

Estendeu-lhe o bilhete, obrigando-o a pegá-lo; e como, desviando o olhar, imediatamente foi para perto da lareira, onde se sentou com os demais, ele não poderia fazer outra coisa a não ser retirar-se.

Fanny nunca tivera um dia tão agitado, tão cheio de tristeza e de alegria; mas felizmente a alegria não era do tipo que acaba junto com o dia, pois cada dia lhe devolveria a certeza da promoção de William, enquanto a tristeza não haveria de retornar. Não tinha dúvida de que seu bilhete estava muito mal escrito, que a linguagem daria vergonha a uma criança, pois sua aflição não lhe permitira trabalhar a forma; porém mostraria a ambos que as atenções do sr. Crawford não a iludiam nem a lisonjeavam.

VOLUME III

I

Ao despertar na manhã seguinte, Fanny de modo algum esquecera o sr. Crawford; mas lembrava o conteúdo do bilhete que escrevera e sentia-se tão otimista quanto a seu efeito como na noite anterior. Ah, se o sr. Crawford fosse embora! Era seu maior desejo; que fosse embora e levasse a irmã junto, como pretendia, já que para isso voltara a Mansfield. Ela não conseguia imaginar por que isso ainda não acontecera, pois a srta. Crawford certamente não queria prolongar sua estadia no presbitério. Na véspera, Fanny tivera a esperança de ouvi-lo mencionar a data da partida, porém ele só se referiu à viagem como algo que ocorreria em breve.

Estando tão segura sobre o efeito de seu bilhete, muito se admirou quando casualmente viu o sr. Crawford dirigir-se à mansão na mesma hora matutina do dia anterior. Pensou que o assunto que o trazia talvez não tivesse nenhuma relação com ela, mas, na medida do possível, evitaria encontrá-lo; e, como já estava subindo a escada, decidiu ficar no andar de cima durante toda a visita, a menos que a chamassem; porém não corria grande risco de solicitarem seus préstimos, já que a sra. Norris ainda estava na casa.

Muito agitada, trêmula, temendo ser requisitada a qualquer momento, permaneceu por algum tempo sentada, atenta a todos os ruídos; entretanto, como não ouviu passos aproximando-se da sala leste, pouco a pouco se acalmou, conseguiu ocupar-se e até imaginar que não teria de saber o que o sr. Crawford fora fazer na mansão.

Quase meia hora depois, já bem mais tranquila, ouviu passos, passos pesados, passos raros nessa parte da casa: os passos do tio; conhecia-os tão bem quanto sua voz; muitas vezes estremecera ao ouvi-los e novamente se pôs a tremer ante a perspectiva de que ele ia falar-lhe, qualquer que fosse o assunto. Foi realmente Sir Thomas que abriu a porta e perguntou se podia entrar. O terror que suas eventuais visitas a

essa sala antigamente lhe causaram ressurgiu, como se agora ele fosse de novo argui-la em francês e inglês.

Não obstante, recebeu-o com toda a gentileza, ofereceu-lhe uma cadeira e tentou se mostrar honrada com sua presença; e, tensa como estava, esqueceu as deficiências do aposento, até que, detendo-se tão logo entrou, ele perguntou, muito surpreso: “Por que a lareira está apagada?”.

Lá fora, a neve cobria a terra; e Fanny estava enrolada num xale. Ela hesitou.

“Não estou com frio... nunca fico muito tempo aqui, nesta época do ano.”

“Mas... a lareira geralmente está acesa?”

“Não, senhor.”

“Não pode ser; alguma coisa está errada. Pensei que você tivesse todo o conforto nesta sala. Sei que em seu quarto você não pode ter lareira. Mas, aqui, trata-se de um grave mal-entendido que é preciso corrigir. Você não pode ficar... nem meia hora por dia sem aquecimento. Você não é uma pessoa forte. Está gelada. Sua tia certamente não sabe disso.”

Fanny preferia permanecer em silêncio; porém, sendo obrigada a falar, para fazer justiça à tia que mais amava murmurou alguma coisa em que se distinguiam as palavras “minha tia Norris”.

“Entendo”, disse Sir Thomas, sem querer ouvir mais nada. “Entendo. Sua tia Norris sempre defendeu muito sabiamente a ideia de criar os jovens sem grandes regalias; mas em tudo tem de haver moderação. O fato de ser robusta naturalmente influi em sua opinião sobre as necessidades dos outros. E, por outro motivo, posso entender perfeitamente. Conheço a posição dela. O princípio é bom em si, mas pode ter sido levado longe demais, e creio que em seu caso realmente foi. Sei que, em alguns aspectos, às vezes se estabelece uma diferença absurda; mas sei também que você não guarda ressentimento por isso. Seu discernimento a impede de ter uma visão parcial das coisas e de julgá-las com parcialidade. Considere o passado como um todo, levando em conta o momento, as pessoas, as probabilidades, e você vai perceber que quem a educou e preparou para a vida medíocre que *parecia* ser seu destino foram justamente as pessoas que mais lhe

queriam bem. Elas agiram com boa intenção, ainda que todos os seus cuidados se revelem inúteis; e, acredite, todas as vantagens da riqueza serão duplicadas pelas pequenas privações e restrições que lhe impuseram. Tenho certeza de que você não vai me decepcionar, nunca vai deixar de tratar sua tia Norris com o devido respeito e a devida atenção. Mas chega de falar sobre isso. Sente-se, minha querida. Preciso lhe dizer uma coisa; não vou me demorar.”

Os olhos baixos, o rubor cobrindo-lhe as faces, ela obedeceu. Sir Thomas permaneceu em silêncio por um instante e depois, tentando reprimir um sorriso, prosseguiu:

“Talvez você não saiba que recebi uma visita agora de manhã. Eu estava em meu gabinete, pouco depois de tomar o desjejum, quando o sr. Crawford chegou. Você deve saber o que o trouxe aqui.”

Fanny enrubesceu mais e mais; e o tio, percebendo que seu embaraço não lhe permitia falar nem fitá-lo, também desviou o olhar e se pôs a descrever a visita do sr. Crawford.

O sr. Crawford tinha ido à mansão para declarar-se apaixonado por Fanny, propor-lhe casamento e implorar o consentimento do baronete, que parecia estar no lugar dos pais dela; e fez isso tão bem, de forma tão correta, com tanta franqueza, tanta generosidade, que, certo de que as próprias respostas e observações haviam sido perfeitamente adequadas à ocasião, Sir Thomas teve imenso prazer em fornecer detalhes da conversa e, ignorando o que se passava na cabeça da sobrinha, imaginou que com esses detalhes lhe proporcionava uma satisfação ainda maior que a sua. Assim, falou durante alguns minutos, sem que Fanny se atrevesse a interrompê-lo. Ela nem queria interrompê-lo. Estava muito confusa. Mudara de posição e, com os olhos fitos atentamente numa das janelas, ouvia-o num estado de profunda inquietação e desalento. O tio se calou por um momento e, antes que ela se desse realmente conta de sua breve pausa, levantou-se e disse: “E agora, tendo cumprido uma parte de minha obrigação, tendo lhe mostrado que tudo isso se assenta numa base suficientemente firme, posso executar o restante, pedindo-lhe que desça comigo... pois, embora me pareça que não fui uma companhia desagradável, devo admitir que lhe agradará mais ouvir a pessoa que

está lá embaixo. O sr. Crawford, como você talvez imagine, ainda está aqui. Está em meu gabinete, esperando você”.

O olhar, o estremecimento, a exclamação que essas palavras produziram em Fanny surpreenderam Sir Thomas, e qual não foi seu espanto quando ela explicou: “Ah, não, senhor, não posso, realmente não posso. O sr. Crawford devia saber... ele tem de saber que... ontem eu disse o bastante para convencê-lo... ele tocou nesse assunto ontem... e eu deixei bem claro que não estava gostando da conversa e que não poderia lhe retribuir”.

“Não entendo”, o baronete murmurou, sentando-se novamente. “Não pode lhe retribuir! O que significa isso? Eu sei que ele conversou com você ontem e, pelo que entendi, recebeu todo o encorajamento para prosseguir que uma jovem sensata poderia dar. Gostei muito da maneira como você se comportou na ocasião: demonstrou um discernimento digno de elogios. Mas agora que ele se declarou como se espera de um rapaz honrado... que escrúpulos você tem *agora*?”

“O senhor está enganado”, Fanny rebateu, levada pelo nervosismo do momento. “O senhor está redondamente enganado. Como o sr. Crawford poderia dizer semelhante coisa? Eu não o encorajei... Ao contrário, eu disse... não lembro as palavras exatas... mas tenho certeza de que disse que não queria escutá-lo, que a conversa me desagradava sob todos os aspectos, e lhe supliquei que nunca mais falasse comigo daquele jeito. Tenho certeza de que eu disse tudo isso e mais alguma coisa; e teria dito ainda mais... se tivesse certeza de que ele falava a sério, mas eu não quis... não suportaria... atribuir a suas palavras um significado que talvez não tivessem. Achei que, com *ele*, não adiantaria nada.”

Ela não pôde prosseguir; estava quase sem fôlego.

“Devo entender”, Sir Thomas começou, após alguns instantes de silêncio, “que você está *recusando* o sr. Crawford?”

“Sim, senhor.”

“Recusando-o?”

“Sim, senhor.”

“Recusando o sr. Crawford! Com que justificativa? Por qual razão?”

“Eu... eu não gosto dele o bastante para me casar com ele.”

“É muito estranho!”, o baronete exclamou, a voz tranquila não escondendo o descontentamento. “Há alguma coisa em tudo isso que não consigo entender. Um rapaz quer lhe fazer a corte; um rapaz que tem tudo para recomendá-lo: não só uma boa posição social, fortuna e caráter, mas também uma afabilidade fora do comum, uma conversação prazerosa para todos. E você não o conheceu ontem; já faz algum tempo que o conhece. Além disso, a irmã dele é sua amiga íntima; e creio que o que *ele* fez por seu irmão deveria ser recomendação suficiente para você, se não houvesse outra. Sabe-se lá quando eu obteria a promoção de William com minha influência. Ele já a obteve.”

“Sim”, disse Fanny, num fio de voz, voltando os olhos para baixo, envergonhada; diante do quadro que o tio lhe pintara, quase sentia vergonha de si mesma por não gostar do sr. Crawford.

“Você deve ter percebido”, Sir Thomas prosseguiu, “deve ter notado há algum tempo certas particularidades na atitude do sr. Crawford para com você. Não pode ter se surpreendido com essa proposta. Certamente percebeu as atenções dele; e, embora sempre as recebesse com todo o decoro... não tenho nada a criticar quanto a isso... nunca me pareceu que lhe desagradassem. Estou meio propenso a concluir que você não sabe bem o que sente.”

“Ah, eu sei, senhor; sei, sim. As atenções dele sempre foram... o que eu não queria.”

O baronete fitou-a, ainda mais perplexo. “Não consigo entender. Isso requer uma explicação. Você é tão jovem, praticamente não conhece outro rapaz... será possível que seu coração...?”

Ele se interrompeu e olhou-a fixamente. Viu um *não* formar-se em seus lábios, embora não fosse pronunciado; viu seu rosto tornar-se escarlate. Mas isso, numa moça tão recatada, podia ser perfeitamente compatível com inocência; e, resolvendo mostrar-se ao menos satisfeito, ele se apressou a concluir: “Não, não, eu sei que está fora de cogitação... é impossível. Bom, não há mais nada a dizer”.

E durante alguns minutos realmente não disse nada. Mergulhou em profundas reflexões. Fanny também refletiu profundamente, tentando fortalecer-se e preparar-se para novas perguntas. Preferia morrer a

confessar a verdade e esperava que a breve reflexão a ajudasse a encontrar forças para não se trair.

“Independentemente do interesse que a *escolha* do sr. Crawford parecia justificar”, o tio recomeçou com toda a calma, “acho bem louvável essa vontade de casar cedo. Sou a favor de casar cedo, desde que se disponha dos recursos necessários; se dependesse de mim, todo rapaz com renda suficiente se casaria assim que completasse vinte e quatro anos. Estou tão seguro disso que me dói pensar como é pouco provável que meu filho mais velho, seu primo, o sr. Bertram, se case logo; no momento, pelo que vejo, o matrimônio não está nos planos dele. Eu gostaria que ele fosse mais inclinado a se estabelecer.” Aqui olhou para Fanny. “Já Edmund, a julgar por seu temperamento e seus hábitos, parece-me muito mais propenso a casar cedo que o irmão. Na verdade, acho até que ele já encontrou a mulher que poderia amar; o que, sem sombra de dúvida, não é o caso de meu filho mais velho. Estou certo? Você concorda comigo, minha querida?”

“Sim, senhor.”

Fanny respondeu em voz baixa, mas com serenidade, e Sir Thomas se tranquilizou no tocante aos primos. Porém o fato de seus temores se dissiparem não teve nenhuma serventia para a sobrinha, cuja atitude inexplicável só o aborreceu ainda mais; de repente, ele se levantou e se pôs a andar pela sala (com a testa franzida, Fanny imaginou, já que não se atrevia a erguer os olhos), até que, num tom autoritário, perguntou: “Você tem algum motivo para fazer tão mau juízo do caráter do sr. Crawford?”.

“Não, senhor.”

Bem que ela gostaria de acrescentar: “Mas tenho para fazer mau juízo dos princípios dele”; porém desanimou ante a tenebrosa perspectiva de uma discussão, uma explicação, uma incapacidade para convencê-lo. Sua péssima opinião sobre o sr. Crawford devia-se basicamente a observações que, em consideração às primas, jamais exporia ao tio. Maria e Julia, principalmente Maria, estavam tão envolvidas na má conduta do rapaz que ela não poderia dizer o que pensava sobre o caráter dele sem traí-las. Tinha a esperança de que para um homem como o tio, tão perspicaz, tão honrado, tão bom,

bastaria tomar conhecimento de sua decidida *aversão* ao sr. Crawford. Para sua infinita tristeza descobriu que não era assim.

Sir Thomas se aproximou da mesa à qual ela estava sentada, toda trêmula e tensa, e, num tom frio e severo, declarou: “Estou vendo que não adianta falar com você. É melhor colocarmos um ponto final nesta conversa constrangedora. Não posso deixar o sr. Crawford esperando por mais tempo. Portanto, como me sinto na obrigação de dizer o que acho de sua conduta, só vou acrescentar... que você frustrou todas as minhas expectativas e revelou um caráter que é em tudo o oposto do que eu imaginava. Pois, desde que voltei de viagem, formei uma opinião muito favorável a seu respeito, como acredito ter demonstrado com minha atitude. Pensei que você estivesse livre da teimosia, do convencimento, de toda propensão a esse espírito de independência que predomina hoje em dia, inclusive nas moças, e que nelas é mais revoltante que qualquer outra falha. Mas agora você me mostrou que pode ser voluntariosa, pode fazer birra, pode e quer decidir por si mesma, sem qualquer consideração ou deferência por aqueles que certamente têm direito de orientá-la, sem ao menos lhes perguntar o que acham. Você se mostrou muito, muito diferente de tudo que eu tinha imaginado. Parece que, nesta ocasião, você não parou um instante para pensar na vantagem ou desvantagem de sua família... de seus pais... seus irmãos. Para *você* não significa nada o que *eles* poderiam ganhar com essa união, a alegria que teriam em vê-la bem casada. Você só pensa em si mesma; e, como não sente pelo sr. Crawford exatamente o que uma imaginação jovem, inflamada, julga ser necessário para a felicidade, resolve recusá-lo no ato, sem pedir um tempinho para pensar... um pouco mais de tempo para analisar friamente a proposta, para examinar seus sentimentos... e, num acesso de loucura, está jogando fora uma oportunidade de fazer um excelente casamento, que talvez não se repita nunca mais. Aí está um rapaz sensato, honrado, digno, íntegro, equilibrado, fino, rico, apaixonado por você, pedindo sua mão com a maior generosidade, o maior desprendimento... E escute o que lhe digo: é bem possível que nos próximos dezoito anos de sua vida você não encontre um homem com a metade da fortuna ou a décima parte dos méritos do sr. Crawford. Eu daria a ele uma de minhas filhas com todo o prazer. Maria está

muito bem casada... mas, se o sr. Crawford me pedisse a mão de Julia, minha satisfação em concedê-la seria maior do que quando concedi a mão de Maria ao sr. Rushworth”. E, após uma breve pausa: “E muito me espantaria se uma de minhas filhas recebesse uma proposta de casamento que lhe proporcionasse a *metade* das vantagens *dessa* e a recusasse imediatamente, peremptoriamente, sem ao menos ter a delicadeza de me consultar. Muito me espantaria e me magoaria. Seria uma grave desobediência, um flagrante desrespeito. Não posso julgar *você* pela mesma lei. Você não me deve a obediência de uma filha. Mas, se seu coração não a considera culpada de *ingratidão*...”.

Ele se calou. Apesar de furioso, resolveu não insistir no assunto, pois a essa altura Fanny chorava amargamente. Estava arrasada com aquele retrato de si mesma, com aquelas acusações tão pesadas, tão numerosas, tão terríveis! Voluntariosa, obstinada, egoísta, ingrata. Era assim que o tio a via. Ela lhe frustrara as expectativas; caíra em seu conceito. O que seria dela?

“Lamento muito”, Fanny balbuciou em meio às lágrimas. “Lamento muito, sinceramente.”

“Lamenta muito! Sim, espero que lamente; é bem provável que tenha motivo para lamentar por muito tempo a decisão que tomou hoje.”

“Se eu pudesse agir de outra forma”, ela falou, com mais um grande esforço; “mas tenho certeza absoluta de que nunca o faria feliz e viveria numa eterna infelicidade.”

Seguiu-se outra explosão de lágrimas; no entanto, apesar dessa explosão e apesar da lúgubre palavra — *infelicidade* — que a desencadeara, o baronete começou a pensar que um pouco de condescendência, uma ligeira alteração de tom poderia contribuir para mudar esse quadro; e que as súplicas pessoais do rapaz também poderiam surtir bom resultado. Sabia que ela era muito tímida e medrosa; e não lhe parecia improvável que um pouco de tempo, um pouco de insistência, um pouco de paciência e um pouco de impaciência, uma criteriosa mistura de tudo isso por parte do pretendente poderia produzir o efeito habitual. Se o cavalheiro perseverasse, se amasse o bastante para perseverar — Sir Thomas voltou a acalentar esperanças; e, reconfortado por essas reflexões, disse, devidamente sério, porém menos irritado: “Bom, filha, enxugue

as lágrimas; não precisa chorar; não adianta nada chorar. Agora você vai descer comigo. O sr. Crawford já esperou demais. Você precisa lhe dar sua resposta; não podemos querer que ele se contente com menos; e só você pode lhe explicar a razão desse mal-entendido, pois está claro que infelizmente ele interpretou seus sentimentos da maneira errada. Eu não posso fazer isso”.

Fanny, porém, mostrou-se tão relutante, tão aflita com a ideia de acompanhá-lo que, depois de refletir por alguns segundos, ele achou melhor ceder. Em função disso, suas esperanças com relação aos dois jovens sofreram um ligeiro esmorecimento; contudo, ao olhar para a sobrinha, ao ver o triste estado em que as lágrimas deixaram seu rosto, pensou que talvez houvesse tanto a perder quanto a ganhar com um encontro nesse momento. Assim, pronunciando algumas palavras sem nenhum sentido especial, saiu da sala, e a pobre moça ficou sozinha, entregue ao pranto e aos mais tormentosos sentimentos.

Sua cabeça estava na maior confusão. Passado, presente, futuro, tudo era terrível. Porém a fúria do tio era o que mais a fazia sofrer. Egoísta e ingrata! Dar-lhe essa impressão! Seria infeliz para sempre. Não tinha ninguém para tomar seu partido, aconselhá-la, falar por ela. Seu único amigo estava ausente. Ele poderia aplacar o pai; mas todos, talvez todos, a julgariam egoísta e ingrata. A acusação se repetiria muitas vezes; ela teria de escutá-la, de vê-la, de saber que estaria sempre na mente de todos que a rodeavam. Estava ressentida com o sr. Crawford; mas, se ele realmente a amava, se também sofria! Infortúnio por todo lado.

Cerca de quinze minutos depois, Sir Thomas voltou. Fanny quase desmaiou, porém, ouvindo-o falar calmamente, sem severidade, sem reprimenda, pouco a pouco recobrou algum alento. Encontrou conforto tanto nas palavras quanto na maneira como ele lhe relatou: “O sr. Crawford já foi embora; acabou de sair. Não preciso repetir o que aconteceu. Não vou descrever o que ele sentiu porque não quero acrescentar nada ao que você deve estar sentindo. Basta dizer que ele se conduziu com muita generosidade, como um perfeito cavalheiro, e confirmou o excelente conceito em que tenho sua inteligência, seu coração, seu temperamento. Depois que lhe contei como você estava

sofrendo, com a maior delicadeza ele imediatamente parou de insistir para vê-la”.

Nesse ponto, Fanny, que erguera os olhos, baixou-os de novo. “Evidentemente”, o baronete prosseguiu, “era de se esperar que pedisse para conversar com você em particular, ainda que por cinco minutos; um pedido muito natural, justo demais para ser negado. Porém não definimos o dia; talvez amanhã, ou quando você estiver mais tranquila. Por ora, você só tem de se acalmar. Pare de chorar; já está ficando exausta. Se, como quero crer, desejar mostrar alguma consideração por mim, não vai se entregar a essas emoções, mas vai se esforçar para raciocinar e recuperar o ânimo. Eu a aconselho a sair, o ar fresco lhe fará bem; saia, caminhe pelo cascalho durante uma hora; você vai ter a alameda só para si mesma, o que há de ser muito bom para respirar e exercitar-se à vontade. E (voltando-se novamente por um instante) não vou falar nada sobre o que aconteceu; não vou contar nem para sua tia Bertram. Não há motivo para espalhar essa decepção; você também não diga nada.”

Era uma ordem para ser cumprida com imensa alegria; um gesto de bondade que tocou o coração de Fanny. Poupá-la aos intermináveis reproches da tia Norris! Ela era toda gratidão. Qualquer coisa seria mais suportável que tais reproches. Até ver o sr. Crawford seria menos devastador.

Ela não demorou a sair, como Sir Thomas recomendara, e seguiu seu conselho, na medida do possível; parou de chorar, tentou com todo o empenho recuperar o ânimo e fortalecer-se mentalmente. Queria provar ao tio que desejava seu bem-estar e procurava reconquistar seu apreço; e ele lhe dera mais um poderoso motivo para esforçar-se, anunciando que não contaria nada a ninguém. Não despertar desconfiança com a aparência ou a postura era agora o objetivo que Fanny pretendia alcançar; e sentia-se capaz de quase tudo que pudesse salvá-la da tia Norris.

Ficou pasma, realmente pasma, quando, ao voltar da caminhada, entrou na sala leste e a primeira coisa que viu foi o fogo aceso na lareira. Fogo! Parecia demais; conceder-lhe tamanha regalia justamente nesse momento inspirou-lhe profunda e até dolorosa gratidão. Ela se admirou que Sir Thomas encontrasse tempo para

pensar nesse pequeno detalhe; mas, graças à espontânea informação da empregada que foi cuidar do fogo, logo descobriu que assim seria diariamente. Ordens do patrão.

“Eu teria de ser muito má para ser ingrata!”, exclamou consigo mesma. “Deus me livre de ser ingrata!”

Até a hora do jantar, não viu o baronete nem a sra. Norris. A atitude do tio para com ela foi praticamente a mesma de sempre; Fanny tinha certeza de que ele não pretendia tratá-la de outra maneira e de que sua própria consciência é que a levava a imaginar alguma alteração; porém a sra. Norris logo se pôs a repreendê-la: o simples fato de ter saído sem o conhecimento dela rendeu um sermão tão longo e desagradável que só reforçou sua convicção de que devia agradecer muito a bondade que a livrara do mesmo espírito crítico numa questão mais momentosa.

“Se eu soubesse que você ia sair, a teria mandado ir até minha casa para transmitir umas ordens a Nanny”, a sra. Norris resmungou; “como não sabia, fui obrigada a ir até lá, o que representou um enorme inconveniente para mim. Perdi um tempo precioso, e você teria me poupado o trabalho, se tivesse tido a delicadeza de nos informar que ia sair. Acho que passear pela alameda ou andar até minha casa não faria a menor diferença para você.”

“Recomendei a alameda por ser o lugar mais seco”, interveio Sir Thomas.

“Ah!”, a sra. Norris exclamou, hesitando por um instante; “foi muita bondade sua, mas o senhor não sabe como o caminho até minha casa é seco. Fanny teria dado um passeio tão agradável quanto na alameda, com a vantagem de fazer algo de útil, prestando um favor à tia: é tudo culpa dela. Se tivesse dito que ia sair... mas há alguma coisa errada com ela, eu já percebi... ela gosta de agir por conta própria; não gosta que lhe deem ordens; vai passear sozinha sempre que pode; com certeza tem uma propensão ao segredo, à independência, à insensatez, que eu a aconselharia a superar.”

Sir Thomas achou que nada poderia ser mais injusto que essa avaliação do caráter de Fanny, embora pouco antes tivesse emitido a mesma opinião, e procurou mudar de assunto, o que só conseguiu após várias tentativas; pois a sra. Norris carecia de discernimento

suficiente para perceber, agora ou em qualquer ocasião, que ele tinha Fanny em alta conta e estava longe de querer ver os méritos dos filhos realçados pela depreciação das qualidades da sobrinha. A sra. Norris continuou falando *com* Fanny e passou a metade do jantar reclamando de sua caminhada secreta.

A refeição chegou ao fim, e a noite prometia ser mais tranquila e agradável do que Fanny poderia esperar, depois daquela manhã tão tempestuosa; em primeiro lugar, acreditava que agira corretamente, que seu julgamento não a induzira ao erro; podia responder pela pureza de suas intenções; em segundo lugar, tinha a esperança de que o tio já não estivesse tão aborrecido e o estivesse ainda menos quando refletisse sobre o tema com maior imparcialidade e reconhecesse, como um homem bom devia reconhecer, que casar sem amor era uma desgraça, uma vilania imperdoável, um mal irreparável.

Quando a conversa que deveria ter na manhã seguinte terminasse, ela só poderia exultar com o encerramento desse assunto; e, depois que o sr. Crawford partisse, teria a satisfação de ver que logo tudo seria como se nunca se tivesse tocado nesse assunto. Não acreditava, não podia acreditar que o sr. Crawford sofresse durante muito tempo por causa do afeto que lhe dedicava; não era esse tipo de homem. Em Londres, não tardaria a encontrar a cura. Em Londres, logo aprenderia a surpreender-se com sua paixão e a agradecer-lhe a sensatez que o poupava de graves consequências.

Enquanto Fanny se ocupava em acalantar essas esperanças, o tio foi chamado a outro aposento e deixou a sala, pouco depois do chá; um fato trivial demais para despertar-lhe interesse, e ela não pensou nisso, até que o mordomo reapareceu, dez minutos mais tarde, para lhe comunicar: “Sir Thomas deseja falar com a senhorita no gabinete dele”. Então lhe ocorreu o que poderia estar acontecendo; uma suspeita cruzou-lhe a mente e tirou-lhe a cor das faces; ela se levantou de imediato, pronta para obedecer, porém a sra. Norris a deteve: “Espere! O que você está pensando? Aonde você vai? Não precisa ter tanta pressa. Acredite: a conversa não é com você; acredite: é comigo; (olhando para o mordomo) mas você sempre tem de tomar a dianteira. O que Sir Thomas haveria de querer com você? Foi a mim

que ele mandou chamar, Baddeley; estou indo. Foi a mim, Baddeley, com certeza; Sir Thomas quer falar comigo, não com a srta. Price”.

Mas Baddeley se manteve irredutível: “Não, senhora, é com a srta. Price; não tenho dúvida de que é com a srta. Price”. E o leve sorriso que acompanhou essas palavras significava: “Não creio que *a senhora* tenha alguma serventia nesse caso”.

Muito contrariada, a sra. Norris teve de acalmar-se para retomar seu trabalho; e Fanny saiu da sala, muito agitada, para, no momento seguinte, ver-se a sós com o sr. Crawford, como temia.

II

A conversa não foi tão breve nem tão conclusiva quanto a dama pretendia. O cavalheiro não se rendeu facilmente. Mostrou-se tão disposto a perseverar quanto Sir Thomas poderia desejar. E a vaidade o levava, em primeiro lugar, a pensar que ela o amava, embora talvez não soubesse; e, em segundo lugar, quando finalmente se viu forçado a admitir que ela conhecia muito bem os próprios sentimentos, convenceu-o de que, com o tempo, conseguiria transformar esses sentimentos no que tanto almejava.

Estava apaixonado, muito apaixonado; e essa paixão, atuando num temperamento vivo e otimista, mais ardoroso que delicado, fazia-o dar maior importância ao afeto dela, porque lhe era negado, e o incitava a conquistar a glória, bem como a felicidade, de obrigar Fanny a amá-lo.

Não perderia a esperança; não desistiria. Tinha bons motivos para acreditar numa afeição duradoura; sabia que a amada possuía todas as qualidades que justificavam as mais ardentes esperanças de ser feliz para sempre a seu lado; a maneira como ela se conduzia nesse instante, demonstrando o desprendimento e a delicadeza de seu caráter (qualidades que ele considerava raríssimas), só podia intensificar-lhe todos os desejos e confirmar-lhe todas as resoluções. Ele não sabia que ia assediar um coração já comprometido. *Disso* nem sequer desconfiava. Pensava que ela nunca se ocupara desse assunto o bastante para correr perigo; que fora protegida pela juventude, uma juventude de espírito tão encantadora quanto a do físico; que por ser tão recatada não entendera suas atenções e que ainda estava aturdida com aquela corte repentina, inteiramente inesperada, e com a novidade de uma situação que nunca imaginara.

Não seria lógico concluir que, quando fosse compreendido, obteria a vitória? Sem sombra de dúvida. Um amor como o seu, num homem

como ele, e com perseverança, tinha de ser retribuído e em curto prazo; e a ideia de que a obrigaria a amá-lo dentro de pouco tempo o empolgava a tal ponto que não lhe importava ainda não ser amado. Um pequeno obstáculo a superar não constituía problema para Henry Crawford. Ao contrário: era um estímulo. Ele sempre conquistara corações com excessiva facilidade. A situação atual era nova e instigante.

Mas para Fanny, que durante toda a vida esbarrara em demasiadas oposições para ver algum encanto nesse tipo de coisa, tudo isso era incompreensível. Parecia-lhe evidente que ele pretendia perseverar, e como o conseguia, depois de ouvi-la explicar-se nos termos que se sentira forçada a utilizar, era algo que escapava a seu entendimento. Explicara-lhe que não o amava, não podia amá-lo, tinha certeza de que nunca o amaria, que seus sentimentos não mudariam, que o tema lhe era doloroso, que tinha de implorar-lhe que não voltasse a abordá-lo, que a deixasse ir naquele instante e considerasse o assunto encerrado para sempre. E, pressionada ainda mais, acrescentara que, em sua opinião, ambos eram tão diferentes que não existia a menor possibilidade de afeto recíproco; eram incompatíveis entre si por natureza, educação e hábitos. Dissera tudo isso com toda a sinceridade; mas não foi suficiente, pois ele negou haver qualquer incompatibilidade em seus temperamentos ou qualquer empecilho a seu bom entrosamento; e declarou categoricamente que continuaria amando-a e não perderia a esperança!

Fanny sabia muito bem o que queria, porém não sabia avaliar a maneira como expressava sua vontade. Não percebia até que ponto sua irremediável gentileza escondia sua firme determinação. Com sua timidez, sua gratidão, sua doçura, imprimia uma conotação de renúncia a toda manifestação de indiferença; parecia infligir a si mesma tanto sofrimento quanto a ele. O sr. Crawford não era mais o sr. Crawford que, como o admirador clandestino, insidioso, traiçoeiro de Maria Bertram, ela abominara, odiara ver, detestara ouvir, julgara desprovido de quaisquer qualidades e mal reconhecera que podia ser uma pessoa agradável. Agora era o sr. Crawford que lhe declarava um amor ardente e desinteressado; cujos sentimentos aparentemente se tornaram tudo que era honrado e correto; cuja concepção da

felicidade estava relacionada com um casamento por amor; que lhe falava de seus méritos, descrevendo e redescrivendo o afeto que lhe dedicava, provando, na medida em que é possível prová-lo com palavras, com o tom e a atitude de um homem de talento, que nela encontrara a doçura e a bondade que buscava; e, para completar, agora era o sr. Crawford que conseguira a promoção de William!

Ocorrera uma transformação; as pretensões se justificavam. Ela o desprezara com toda a dignidade da virtude ofendida no bosque de Sotherton ou no teatro de Mansfield Park; mas agora ele tinha direitos que demandavam outro tipo de tratamento. Ela devia ser cortês e compassiva. Devia sentir-se honrada e, pensando em si mesma ou no irmão, devia estar profundamente agradecida. Em função de tudo isso, mostrou-se tão condolente e inquieta e entremeou sua recusa com palavras tão expressivas de gratidão e solicitude que para um temperamento vaidoso e confiante como o de Crawford a autenticidade ou pelo menos o grau de sua indiferença bem podia ser discutível; e, ao término da entrevista, quando ele declarou que seria constante em seu afeto e não esmoreceria, não o achou tão irracional quanto o julgava.

Foi com relutância que ele a deixou ir, porém sem nenhuma demonstração de desespero que desmentisse suas palavras ou lhe desse a esperança de que fosse menos imponderado do que dizia.

Agora ela estava irritada. Só podia indignar-se com uma pertinácia tão egoísta e mesquinha. Mais uma vez deparava com aquela falta de delicadeza e consideração pelos outros que achara tão chocante e repulsiva. Mais uma vez deparava com traços do caráter do mesmo sr. Crawford que tanto reprovava. Como ele era insensível e desumano quando o próprio prazer estava em jogo! E, infelizmente, como carecia de princípios para compensar com o senso de dever as deficiências do coração! Ainda que o coração de Fanny estivesse livre — como talvez devesse estar —, ele nunca poderia conquistá-lo.

Assim pensava Fanny com honestidade e tristeza, sentada diante da lareira, aquela enorme concessão, aquele luxo que era um fogo ardendo na sala leste; também meditava sobre o passado e o presente, perguntava-se o que ainda estaria por vir e, em seu desassossego, só conseguia ver com clareza sua convicção de que nunca, em quaisquer

circunstâncias, poderia amar o sr. Crawford e sua felicidade de poder sentar-se diante de uma lareira acesa e refletir.

Sir Thomas foi obrigado ou se obrigou a esperar até o dia seguinte para saber o que ocorrera entre os dois jovens. Então recebeu o sr. Crawford e ouviu seu relato. O primeiro sentimento foi de decepção; esperava algo melhor; pensava que uma hora de súplicas de um rapaz como Crawford deveria produzir uma alteração maior numa moça de caráter tão dócil como Fanny; porém logo encontrou consolo na determinação, no otimismo e na perseverança do apaixonado pretendente; e, vendo o principal interessado tão seguro do sucesso, não demorou a acreditar que tudo daria certo.

De sua parte, não omitiu gentilezas, cumprimentos ou gestos de boa vontade que pudessem contribuir para o êxito do plano. Enalteceu a constância do sr. Crawford, elogiou Fanny e afirmou que aquela união ainda era a mais desejável do mundo. O sr. Crawford sempre seria bem-vindo em Mansfield Park, cabendo-lhe estabelecer a frequência de suas visitas, no presente ou no futuro, de acordo com seu critério e seus sentimentos. Toda a família, todos os amigos da sobrinha seriam da mesma opinião, teriam o mesmo desejo; todos que a amavam tenderiam para o mesmo lado.

Tudo que pudesse encorajar foi dito, todo encorajamento foi recebido com gratidão e alegria, e os dois cavalheiros se despediram como grandes amigos.

Convencido de que agora o caso estava muito bem encaminhado, Sir Thomas decidiu não importunar mais a sobrinha nem interferir abertamente. Acreditava que agir com benevolência seria a melhor maneira de convencer um temperamento como o dela. As súplicas partiriam de um só lado. A paciência da família, de cujos desejos ela não poderia ter dúvidas, contribuiria muito para o bom andamento do plano. Assim, com base nesse princípio, Sir Thomas aproveitou a primeira ocasião para dizer-lhe com uma seriedade que pretendia ser irresistível: “Bom, Fanny, estive com o sr. Crawford, e ele me contou como estão as coisas entre vocês. É um rapaz extraordinário, e qualquer que seja o desfecho, você deve saber que inspirou um afeto incomum; apesar de que, sendo tão jovem e conhecendo tão pouco a natureza efêmera e inconstante do amor em geral, você não pode se

impressionar tanto quanto eu com o que há de maravilhoso numa perseverança desse tipo, que não esmorece nem mesmo com tanto desencorajamento. Para ele tudo é uma questão de sentimento; ele não pretende ter nenhum mérito por isso; talvez nem possa pretender. Mas, como escolheu tão bem, sua constância merece respeito. Se a escolha fosse menos irreprochável, eu condenaria tamanha perseverança”.

“Eu realmente”, Fanny respondeu, “sinto muito que o sr. Crawford continue a... eu sei que ele está me dando uma grande honra e me sinto injustamente honrada, mas tenho certeza absoluta, e já disse isso a ele, de que nunca poderei...”

“Minha querida”, o tio a interrompeu, “não há motivo para isso. Sei de seus sentimentos, assim como você deve saber de meus desejos e meus desgostos. Não há nada mais a dizer ou fazer. Você não terá nada a temer, nada que a preocupe. Não há de imaginar que eu seria capaz de obrigá-la a casar contra a vontade. Sua felicidade e sua conveniência é tudo que me interessa; só lhe peço que seja compreensiva com os esforços do sr. Crawford para convencê-la de que não são incompatíveis com as dele. Ele age por sua conta e risco. Você está em terreno seguro. Prometi que você o receberá sempre que nos visitar, como se nada disso tivesse acontecido. Você o receberá em nossa presença, como antes, e ficará com ele quanto puder, afastando toda lembrança desagradável. Como ele deve partir em breve, você não terá de fazer esse pequeno sacrifício muitas vezes. O futuro é incerto. E agora, minha querida, vamos dar esse assunto por encerrado.”

A partida anunciada foi a única coisa em que Fanny conseguiu pensar com muita satisfação. Mas também se sensibilizou com as palavras bondosas e a atitude benevolente do tio; e, ao considerar que ele desconhecia grande parte da verdade, concluiu que não tinha o direito de surpreender-se com a linha de conduta que adotara. Certamente não cabia esperar delicadezas românticas do homem que dera a filha em casamento ao sr. Rushworth. Ela devia cumprir seu dever e confiar que isso se tornaria mais fácil com o tempo.

Embora tivesse apenas dezoito anos, não acreditava que os sentimentos do sr. Crawford perdurassem para sempre; ao contrário,

imaginava que, desencorajando-o com firmeza e constância, acabaria por colocar um ponto final nessa história. Quanto tempo calculava que teria de esperar por isso é algo que não nos diz respeito. Não seria justo tentar descobrir o valor que uma jovem atribui às próprias qualidades.

Apesar de ter decidido não tocar mais no assunto, Sir Thomas novamente se viu obrigado a abordá-lo para comunicar a Fanny que era preciso levá-lo ao conhecimento das tias; medida que evitaria, se pudesse, mas que se impunha porque, ao contrário dele, o sr. Crawford não estava disposto a guardar segredo, não pretendia esconder nada. No presbitério, onde gostava de conversar sobre o futuro com as irmãs, todos já sabiam; e seria um prazer para ele ter pessoas bem informadas acompanhando o bom andamento de seu projeto. Quando soube disso, o baronete sentiu a necessidade de contar tudo à esposa e à cunhada sem mais demora; porém temia a reação da sra. Norris quase tanto quanto a própria Fanny. Abominava o zelo equivocado mas bem-intencionado dessa senhora. Na verdade, não estava longe de classificá-la como uma daquelas criaturas bem-intencionadas que vivem cometendo equívocos muito desagradáveis.

A sra. Norris, porém, tranquilizou-o. Ele ordenou que fosse paciente com a sobrinha e não lhe dissesse uma palavra sobre o assunto; ela não só prometeu que assim faria, como cumpriu a promessa. Apenas demonstrou maior hostilidade. Estava furiosa, muito furiosa; porém o que mais a enfurecia era o fato de Fanny ter recebido essa proposta, e não o de tê-la recusado. Era uma ofensa, uma afronta a Julia, que deveria ser a eleita do sr. Crawford; e, independentemente disso, ela não gostava de Fanny, porque não lhe dava suficiente atenção; e considerava imerecida a ascensão de alguém que sempre tentara rebaixar.

Na ocasião, Sir Thomas admirou-lhe a discrição mais do que devia; e Fanny ficou-lhe muito grata por limitar-se a mostrar sua indignação sem verbalizá-la.

Lady Bertram viu as coisas de outra forma. Durante a vida inteira sempre foi uma beldade, e uma beldade abastada; e beleza e riqueza era tudo que lhe inspirava respeito. Portanto, ao saber que Fanny tinha sido pedida em casamento por um homem rico, passou a ter

uma opinião muito melhor sobre ela. Convenceu-se de que Fanny era muito bonita, algo de que duvidava até então, e faria um casamento muito vantajoso; e até sentiu uma espécie de orgulho por poder chamá-la de sobrinha.

“Pois bem, Fanny”, começou, assim que, pouco depois, ficaram a sós (na verdade, chegara muito perto da impaciência para ficar a sós com ela e se expressava com extraordinária animação); “pois bem, Fanny, hoje de manhã tive uma agradável surpresa. Vou dizer isso *uma vez só*, eu falei para Sir Thomas, uma vez só, e pronto. Eu a felicito, querida sobrinha.” E, fitando-a com complacência, acrescentou: “Hum... Somos uma bela família, realmente”.

Fanny corou e, a princípio, ficou sem palavras; mas logo, esperando tocá-la em seu ponto fraco, respondeu:

“Querida tia, *a senhora* não desejaria que eu agisse de outro modo, com certeza. Não há de querer que eu me case; pois sentiria minha falta, não é? Sim, tenho certeza de que sentiria muito minha falta.”

“Não, minha querida, eu nem pensaria nisso, diante de uma proposta como a que você recebeu. Eu poderia passar muito bem sem você, se você se casasse com um homem da posição do sr. Crawford. E você deve estar ciente de que toda moça tem obrigação de aceitar uma proposta irretocável como essa.”

Foi praticamente a única regra de conduta, o único conselho que a tia lhe deu no decorrer de oito anos e meio. E Fanny se manteve em silêncio. Percebeu que seria inútil discutir. Se a tia não pensava como ela, de nada adiantaria tentar fazê-la compreender. Lady Bertram estava tagarela.

“Vou lhe dizer uma coisa”, prosseguiu. “Aposto que ele se apaixonou por você no baile; tenho certeza de que tudo começou naquela noite. Você estava deslumbrante. Todo mundo falou isso. Sir Thomas falou isso. Fico feliz de ter mandado Chapman ajudá-la. Vou dizer a Sir Thomas que aposto que tudo começou naquela noite.” E, na mesma linha de pensamento, pouco depois acrescentou: “E vou lhe dizer uma coisa... e é mais do que fiz por Maria... na próxima cria da cachorrinha, vou lhe dar um filhote”.

III

Edmund saberia de muitas novidades, ao retornar. Teria muitas surpresas. A primeira não foi a menos interessante: tão logo entrou no vilarejo, avistou Henry Crawford passeando com a irmã. Calculava que já estariam longe. Prolongara sua ausência por mais de quinze dias propositalmente, para evitar a srta. Crawford. Voltava a Mansfield num estado de espírito que o predispunha a melancólicas reminiscências e ternas reflexões, quando deparou com a bela jovem, de braço dado com o irmão; e foi acolhido inquestionavelmente como amigo pela mulher que, dois segundos antes, imaginara estar a mais de cem quilômetros dali e ainda mais longe, muito mais longe dele em termos de sentimentos do que qualquer distância poderia expressar.

Foi recebido como nunca se atreveria a esperar, se imaginasse que tornaria a vê-la. Considerando o motivo de sua viagem, não esperava mais que uma demonstração de contentamento e algumas palavras simples e amáveis. Foi o bastante para confortar-lhe o coração e levá-lo para casa numa disposição mais propícia à plena apreciação das outras gratas surpresas que o aguardavam.

Logo soube da promoção de William, com todos os detalhes; e, como tinha no peito aquela dose secreta de conforto contribuindo para sua alegria, encontrou na novidade uma fonte de deliciosas sensações e ininterrupta animação durante o jantar.

Após a refeição, quando ficou a sós com o pai, inteirou-se da história de Fanny; e foi informado de todos os grandes acontecimentos dos últimos quinze dias e do atual estado de coisas em Mansfield.

Fanny desconfiou do que estava ocorrendo. Eles se demoraram na sala de jantar mais que de hábito, o que lhe inspirou a certeza de que conversavam sobre ela; e, quando enfim o chá os tirou de lá, o que a expôs mais uma vez ao olhar de Edmund, sentiu-se terrivelmente culpada. Ele se aproximou, sentou-se a seu lado e apertou-lhe a mão

carinhosamente; nesse momento, Fanny pensou que, se não estivesse ocupada com o chá, trairia sua emoção com algum excesso imperdoável.

Mas com esse gesto Edmund não pretendia expressar-lhe a aprovação irrestrita, o encorajamento incondicional que ela esperava. Pretendia, sim, dizer-lhe que partilhava seus interesses e a estimava ainda mais, depois do que acabara de saber. Na verdade, estava totalmente do lado do pai com relação a esse assunto. Não se surpreendera tanto quanto o baronete com sua recusa a Crawford, porque, longe de pensar que ela sentisse pelo rapaz algo como uma simpatia especial, sempre achara o contrário e imaginava que a proposta a pegara desprevenida; porém, como Sir Thomas, considerava a união altamente desejável. Acreditava que tudo depunha a favor dessa aliança e, conquanto admirasse a prima pelo que fizera em função de sua atual indiferença e a enaltecesse em termos mais enfáticos do que Sir Thomas endossaria, esperava de todo o coração e com toda a confiança que os dois jovens se casassem e que, uma vez unidos por um afeto mútuo, constatassem que combinavam tão bem que só podiam ser felizes juntos, como agora começava a crer. Crawford se precipitara. Não lhe dera tempo para se afeiçoar. Fizera tudo ao contrário do que devia. No entanto, com talentos como os dele e uma natureza como a dela, Edmund confiava que tudo levaria a uma feliz conclusão. Entrementes, percebeu o embaraço de Fanny com clareza suficiente para abster-se escrupulosamente de embaraçá-la ainda mais com palavras, olhares ou gestos.

Crawford apareceu no dia seguinte, e, em consideração ao retorno do filho, Sir Thomas se sentiu mais que autorizado a convidá-lo para jantar; na verdade, era uma gentileza necessária. O visitante, naturalmente, aceitou o convite, e Edmund teve a oportunidade de observar como procedia com Fanny e até que ponto ela o encorajava com suas atitudes; e verificou que o encorajava tão pouco (toda possibilidade de encorajamento repousava em seu desconcerto; se não havia esperança em seu desassossego, não havia em mais nada) que quase se espantou com a perseverança do amigo. Fanny merecia tudo isso; merecia toda a paciência, todo o esforço; mas ele não se julgava

capaz de persistir na corte a qualquer mulher se não o alentasse algo mais do que conseguia divisar nos olhos da prima. Queria muito que Crawford visse mais claro; e essa foi a conclusão mais animadora a que chegou depois de tudo que observara antes, durante e após o jantar.

Ao longo da noite, surgiram algumas circunstâncias que lhe pareceram mais promissoras. Quando os dois rapazes entraram na sala de visitas, Lady Bertram e Fanny estavam tão concentradas em sua costura, tão quietas como se nada mais lhes importasse. Edmund não pôde deixar de comentar a profunda tranquilidade que ambas aparentavam.

“Não ficamos em silêncio o tempo todo”, sua mãe replicou. “Fanny estava lendo para mim e só fechou o livro quando ouviu vocês se aproximarem.” E realmente havia sobre a mesa um livro que parecia ter sido fechado pouco antes; um volume de Shakespeare. “Ela sempre lê esses livros para mim; e estava no meio de uma fala daquele homem... como é o nome dele, Fanny?... quando ouvimos seus passos.”

Crawford pegou o volume. “Conceda-me o prazer de concluir a leitura dessa fala”, pediu. “Eu a localizo num instante.” E, abrindo o livro ao sabor das folhas, não demorou a localizá-la, ou melhor, errou por uma página ou duas, mas chegou suficientemente perto para satisfazer sua anfitriã, que, ao escutar o nome do cardeal Wolsey, confirmou que se tratava da fala em questão.¹ Fanny não se oferecera para ajudá-lo; não pronunciara uma única sílaba a favor ou contra. Voltava toda a sua atenção para a costura; parecia determinada a não se interessar por mais nada. Porém gostava demais de leitura. Não conseguiu abstrair-se por cinco minutos sequer; teve de ouvir; ele lia maravilhosamente bem, e ela se deleitava com uma boa leitura. Fazia muito tempo que estava habituada a ouvir *boas* leituras; o tio lia bem; os primos igualmente; Edmund lia muito bem; mas a leitura do sr. Crawford tinha uma perfeição, uma expressividade que até então lhe eram desconhecidas. O rei, a rainha, Buckingham, Wolsey, Cromwell: todos ganhavam vida; pois com o maior talento, a maior habilidade para saltar algumas passagens e atinar com outras, sempre encontrava as melhores cenas ou as melhores falas de cada personagem; e, se

tinha de exprimir dignidade ou orgulho, ternura ou remorso, ou qualquer outro sentimento, fazia-o com a mesma beleza. Era verdadeiramente dramático. Sua atuação revelara a Fanny o prazer que uma peça poderia proporcionar, e agora sua leitura lhe trazia à lembrança essa atuação; e talvez a tornasse mais prazerosa, por ser inesperada e por não haver o inconveniente de vê-lo no palco com a srta. Bertram.

Edmund observava seu crescente interesse, constatando com satisfação que pouco a pouco ela abandonou a costura que a princípio parecia ocupá-la por inteiro; que a costura lhe caiu das mãos, enquanto ela escutava, imóvel; e, por fim, que os olhos que tão cuidadosamente o evitaram durante todo o dia voltaram-se para Crawford e fixaram-se nele por alguns momentos, até que atraíram os olhos dele, e então o livro se fechou, e o encanto se rompeu. Fanny se encolheu novamente, e corou, e retomou a costura com o empenho de sempre; mas Edmund viu o suficiente para animar-se quanto às possibilidades do amigo e, ao agradecer-lhe a leitura, julgou expressar também os sentimentos secretos da prima.

“Essa deve ser uma de suas peças prediletas”, comentou. “Você lê como se a conhecesse bem.”

“Creio que será minha favorita, a partir de agora”, foi a resposta. “Mas acho que não leio Shakespeare desde meus quinze anos. Uma vez vi *Henrique viii*. Ou alguém que viu me falou a respeito. Não me lembro bem. Mas a gente acaba conhecendo Shakespeare sem saber como. Faz parte da natureza de todo inglês. As ideias, a beleza de Shakespeare estão tão difundidas pelo mundo que as encontramos em todo lugar e instintivamente nos tornamos íntimos dele. Nenhum homem dotado de alguma inteligência consegue ler um bom trecho de qualquer uma de suas peças sem entender de imediato o que ele quer dizer.”

“Realmente, desde a mais tenra infância todos nós nos familiarizamos com Shakespeare, até certo ponto”, Edmund concordou. “Todo mundo cita suas passagens mais famosas; elas estão na metade dos livros que lemos, e todos nós falamos a língua de Shakespeare, usamos seus símiles e suas descrições; mas daí a entendê-lo de fato, como você mostrou que entende, há uma grande diferença.

Conhecer uma passagem ou outra é bastante comum; conhecê-lo a fundo talvez não seja raro; mas lê-lo bem, em voz alta, requer um talento extraordinário.”

“Sinto-me honrado, meu senhor”, disse Crawford, com uma reverência e falsa solenidade.

Ambos olharam para Fanny, desejando arrancar-lhe uma palavra elogiosa, mas sem esperança de obtê-la. Sua atenção constituíra seu elogio: deviam contentar-se com *isso*.

Lady Bertram também expressou sua admiração em termos calorosos: “Foi como se estivéssemos no teatro. Eu gostaria que Sir Thomas tivesse escutado”.

Crawford exultou. Se Lady Bertram, com toda a sua incompetência, todo o seu langor, conseguia sentir isso, imaginar o que a sobrinha, tão culta e emotiva, teria sentido era animador.

“O senhor tem muito jeito para representar, com certeza”, Lady Bertram acrescentou, pouco depois. “Eu acredito que em algum momento vá ter um teatro em sua casa de Norfolk. Isto é, quando estiver morando lá. Acredito mesmo. Acho que vai construir um teatro em sua casa de Norfolk.”

“A senhora acha?”, ele falou prontamente. “Não, não, isso não vai acontecer. A senhora está muito enganada. Nada de teatro em Everingham! Ah, não!” E olhou para Fanny com um sorriso expressivo que evidentemente significava: “Essa dama nunca há de admitir um teatro em Everingham”.

Edmund viu tudo isso e viu a prima tão decidida a *não* ver quanto a deixar claro que o que fora dito lhe bastava para entender todo o sentido da resposta; e considerou favorável essa percepção tão rápida do cumprimento, essa compreensão tão imediata da insinuação.

A leitura em voz alta² foi o tema da conversa por mais algum tempo. Os dois rapazes eram os únicos que falavam; de pé junto à lareira, discorriam sobre o descaso habitual, a total desatenção do sistema escolar vigente para com o desenvolvimento dessa habilidade nos meninos e sobre a consequência natural — embora em alguns casos assumisse proporções quase inaturais — que era o grau de ignorância e inépcia de muitos homens, até mesmo de homens sensíveis e instruídos, ao ver-se, de repente, na necessidade de ler em voz alta,

como ambos haviam constatado em várias ocasiões; e citavam exemplos de disparates e fracassos, apontando as causas secundárias — falta de domínio da voz, de modulação e ênfase adequadas, de previsão e discernimento — e a causa primeira: falta de atenção e de costume desde cedo; e Fanny mais uma vez ouvia com grande interesse.

“Mesmo em minha profissão”, disse Edmund, com um sorriso, “bem pouco se estuda a arte da leitura. Bem pouco se cultiva um estilo claro e uma boa dicção. E no passado era muito pior. Hoje em dia encontramos em toda parte um desejo de progresso; mas, a julgar pelo desempenho, a maioria dos que foram ordenados há vinte, trinta, quarenta anos devia achar que ler era uma coisa e pregar era outra. Hoje em dia é diferente. Considera-se a questão com mais critério. Sabe-se que clareza e energia podem pesar na pregação das verdades mais substanciais; além disso, observa-se mais, há mais gosto pelo assunto, mais conhecimento, mais senso crítico que antes; em toda congregação há uma proporção maior dos que entendem um pouco da matéria e têm condições de julgar e criticar.”

Edmund já havia celebrado um ofício desde sua ordenação; e, ao saber disso, Crawford lhe fez uma série de perguntas sobre seus sentimentos e sua atuação; e, como as fez com amistosa solicitude e vivo interesse, sem aquele espírito de zombaria ou aquele ar de levandade que tanto desagradavam Fanny, Edmund teve sincero prazer em responder; e mais contente ficou quando Crawford pediu sua opinião sobre a maneira como determinadas passagens do ofício deviam ser lidas e expôs o que pensava sobre isso, demonstrando que já havia refletido sobre o tema e refletido com discernimento. Esse seria o caminho para chegar ao coração de Fanny. Nem toda a galantaria, toda a inteligência, toda a boa índole juntas conseguiriam conquistá-la; ou pelo menos não a conquistariam tão cedo, sem a ajuda de sentimentos, emoções e seriedade no trato de assuntos sérios.

“Nossa liturgia”, Crawford comentou, “tem belezas que nem mesmo uma leitura descuidada é capaz de destruir; mas também tem redundâncias e repetições que requerem uma boa leitura para passar despercebidas. Eu, pelo menos, confesso que nem sempre presto a atenção que deveria prestar (e olhou para Fanny); que, em dezenove

de vinte vezes, fico pensando como se deveria ler determinada oração e desejando lê-la... A senhorita disse alguma coisa?”, perguntou em voz mais baixa, aproximando-se, ansioso, de Fanny; e, quando ela respondeu: “Não”, acrescentou: “Tem certeza de que não disse nada? Vi seus lábios se moverem. Imaginei que fosse me dizer que eu *deveria* prestar mais atenção e não *deixar* meus pensamentos divagarem. Não era isso que ia me dizer?”.

“Não, realmente, o senhor sabe muito bem qual é sua obrigação; não precisa que eu... mesmo supondo...”

Ela se interrompeu, percebendo que ficaria numa situação embaraçosa, e nem mesmo alguns minutos de súplicas e espera conseguiram persuadi-la a pronunciar mais uma só palavra. Crawford voltou para seu lugar e continuou, como se não tivesse ocorrido a doce interrupção:

“Um sermão bem pregado é ainda mais raro que uma oração bem lida. Um bom sermão não é algo excepcional. É mais difícil falar bem do que escrever bem; ou seja, as regras e as artimanhas da redação são estudadas com maior frequência. Um ótimo sermão, muito bem pregado, é um prazer extraordinário. Sempre escuto um sermão desses com a maior admiração, o maior respeito e muita vontade de me ordenar e pregar. A eloquência do púlpito, quando é realmente eloquência, tem alguma coisa digna do mais alto elogio. O pregador que consegue tocar e afetar uma multidão tão heterogênea de ouvintes sobre temas limitados e tão repetidos ao longo do tempo que se desgastaram; que consegue dizer algo novo e impressionante, algo que desperta atenção sem ofender o bom gosto ou cansar a sensibilidade dos ouvintes, é um homem que, em sua função pública, nunca se poderia enaltecer demais. Eu gostaria de ser esse homem.”

Edmund riu.

“Gostaria, sim. Nunca na vida ouvi um bom pregador sem uma espécie de inveja. Mas eu precisaria de uma plateia londrina. Eu só conseguiria pregar para gente instruída; gente capaz de apreciar meu texto. E não sei se gostaria de pregar com muita frequência; uma vez ou outra, talvez, uma vez ou duas na primavera, depois de me fazer esperar ansiosamente por meia dúzia de domingos; mas não sempre; não seria bom.”

Nesse momento, Fanny, que não podia deixar de escutar, involuntariamente balançou a cabeça; Crawford se aproximou de imediato, puxou uma cadeira e sentou-se a seu lado para implorar que lhe explicasse o significado de seu gesto; ao perceber que o amigo ia realizar um ataque completo, valendo-se de todo um arsenal de olhares e sussurros, Edmund refugiou-se num canto com a maior discrição possível, voltou as costas para a sala e pegou um jornal, desejando sinceramente que a querida priminha fosse persuadida a explicar aquele movimento da cabeça para a satisfação de seu apaixonado pretendente; e com todo o zelo esforçou-se para encobrir os murmúrios da conversa com murmúrios próprios sobre os vários anúncios de “Esplêndida propriedade no sul do País de Gales”, “Aos pais e tutores” e “Cavalo com vasta experiência em caçada”.

Entrementes, irritada consigo mesma por não ter permanecido tão imóvel quanto silenciosa e profundamente magoada com as manobras de Edmund, Fanny tentava por todos os meios de sua natureza modesta e gentil repelir o sr. Crawford e esquivar-se aos olhares e às perguntas que ele lhe dirigia; e o rapaz, inabalável, insistia em ambos.

“O que aquele gesto queria dizer? O que pretendia exprimir? Desaprovação, imagino. Mas de quê? Falei alguma coisa que a desagradasse? Acha que fui inconveniente, leviano, irreverente? Digame se fui. Quero que me corrija. Não, não, eu suplico; deixe o trabalho de lado por um instante. O que aquele gesto queria dizer?”

Em vão ela pediu duas vezes: “Por favor, não... por favor, sr. Crawford”; em vão tentou afastar-se. Sempre em voz baixa, sempre ansioso, sempre muito próximo, ele repetia as mesmas perguntas. Fanny estava cada vez mais tensa e aborrecida.

“Será possível? O senhor me surpreende... Estou pasma... como pode...?”

“Eu a surpreendo? A senhorita está pasma? Não entendeu alguma coisa de minha súplica? Pois já lhe explico tudo que me leva a insistir desse modo, tudo que me interessa em suas expressões e em seus atos, tudo que me desperta curiosidade. Não precisa mais pasmar.”

A contragosto, ela não conseguiu evitar um sorriso, porém se manteve calada.

“A senhorita balançou a cabeça, quando eu falei que não gostaria de assumir os deveres de um clérigo para sempre. Sim, foi a palavra que usei. Sempre. Não tenho medo dessa palavra. Posso soletrar, ler, escrever essa palavra diante de qualquer pessoa. Não vejo nela nada de assustador. Pensou que eu visse?”

“Talvez”, Fanny respondeu, vencida pelo cansaço. “Talvez eu pensasse que era uma pena o senhor nem sempre se conhecer tão bem como parecia se conhecer naquele momento.”

Encantado por fazê-la falar a qualquer preço, Crawford estava decidido a alimentar a conversa; e a pobre Fanny, que esperara silenciá-lo com uma reprimenda tão severa, constatou com tristeza que se enganara e que só ocorrera a troca de um objeto de curiosidade por outro e de um amontoado de palavras por outro. Ele sempre teria alguma coisa para implorar-lhe que explicasse. A oportunidade era excelente. Nunca se apresentara outra igual desde que ele a vira no gabinete do tio; talvez nunca voltasse a apresentar-se outra igual antes de sua partida. O fato de Lady Bertram estar no outro lado da mesa não significava nada, pois sempre se podia esperar que estivesse cochilando; e os anúncios de Edmund eram de primeira utilidade.

“Bom”, disse Crawford, após uma série de perguntas rápidas e respostas relutantes, “estou mais feliz que antes, porque agora entendo melhor o juízo que faz de mim. A senhorita acha que sou volúvel... que me deixo levar facilmente pelo capricho do momento... que me deixo tentar facilmente... e facilmente me desinteresso. Se é o que acha, não admira que... Mas veremos. Não é com palavras que vou conseguir convencê-la de que está sendo injusta comigo; não é afirmando que meus afetos são constantes. Minha conduta falará por mim... a ausência, a distância, o tempo *falarão* por mim. Provarão que, se existe alguém que a mereça, esse alguém sou eu. A senhorita é infinitamente superior a mim; sei de *tudo* isso. Nunca pensei que qualidades como as suas existissem nesse grau em qualquer criatura humana. A senhorita tem traços de anjo, superiores ao que... superiores não só ao que se vê, porque nunca se vê nada parecido... mas superiores ao que se pode imaginar. Mesmo assim, eu não tenho medo. Não é por igualdade de mérito que alguém poderá conquistá-la. Isso está fora de cogitação. Quem melhor reconhece e mais venera

seus méritos, quem a ama com maior fervor é quem tem mais direito de ser correspondido. É nisso que deposito minha confiança. Eu tenho esse direito e por isso a mereço; e a conheço bastante bem para saber que posso alimentar as mais ardentes esperanças quando a convencer de que meu amor é exatamente como o declaro... Sim, minha querida, minha doce Fanny... Não (vendo-a recuar, aborrecida), perdoe-me. Talvez eu ainda não tenha o direito... mas de que outra maneira hei de chamá-la? Acha que a chamo de outro modo em minha imaginação? Não, é em 'Fanny' que penso o dia inteiro; é com 'Fanny' que sonho toda a noite. A senhorita imprimiu tanta doçura a esse nome que agora nada mais poderia descrevê-la."

Fanny não conseguiria permanecer sentada por mais tempo, sem tentar escapar, apesar da oposição que por certo teria de enfrentar, se não tivesse escutado o ruído do socorro que se aproximava, aquele ruído que desde muito aguardava e se perguntava por que demorava tanto.

O cortejo solene de serviçais que, encabeçados por Baddeley, traziam a louça do chá, a chaleira e os bolos fez sua aparição e libertou-a da dolorosa prisão na qual estava de corpo e alma confinada.

Edmund não lamentou nem um pouco ser readmitido no grupo dos que podiam falar e ouvir. No entanto, embora achasse que a conversa havia sido longa demais e percebesse na prima um rubor de irritação, preferiu acreditar que o amigo tirara algum proveito de tanto falar e se fazer ouvir.

IV

Tendo concluído que cabia exclusivamente a Fanny decidir se falariam sobre Crawford ou não, Edmund resolveu não tocar no assunto, a menos que ela tomasse a iniciativa; contudo, um dia ou dois depois de mútuo silêncio a esse respeito, o pai o induziu a mudar de ideia e tentar usar sua influência a favor do amigo.

Crawford marcou uma data bem próxima para sua partida; e Sir Thomas pensou que se deveria fazer mais um esforço para ajudá-lo antes que deixasse Mansfield e infundir-lhe toda a esperança possível para sustentar suas declarações e suas juras de amor constante.

O baronete desejava ardentemente que o caráter do rapaz fosse perfeito nesse ponto. Desejava que ele fosse um modelo de constância; e imaginava que a melhor maneira de realizar esse desejo era não colocá-lo à prova durante muito tempo.

Edmund prontamente se deixou convencer a intervir na questão; queria saber o que a prima sentia. Fanny se habituara a consultá-lo em toda dificuldade, e ele a amava demais para suportar que agora lhe negasse sua confiança; esperava ser-lhe útil, achava que devia ser-lhe útil, pois a quem mais ela poderia abrir o coração? Se não precisava de conselho, devia precisar do conforto da confidência. Estava arredia, silenciosa, reservada; e isso não era normal; ele tinha de mudar esse quadro e acreditava que ela não esperava outra coisa.

“Vou falar com ela, meu pai; vou aproveitar a primeira oportunidade para conversar com ela a sós” foi o resultado de tais reflexões; e, quando Sir Thomas lhe informou que naquele instante Fanny estava passeando pela alameda, imediatamente foi a seu encontro.

“Vim passear com você”, anunciou. “Posso? (tomando-a pelo braço) Faz muito tempo que não damos um passeio agradável.”

Ela concordou mais com o olhar que com palavras. Estava desalentada.

“Mas, para dar um passeio agradável”, ele prosseguiu, “não basta caminhar juntos por este cascalho. Você precisa falar comigo. Eu sei que está preocupada com alguma coisa. Sei o que está pensando. Você não pode achar que eu não saiba. Será que vou ouvir isso de todo mundo, menos da própria Fanny?”

Ao mesmo tempo apreensiva e descorçoada, ela respondeu: “Se já ouviu isso de todo mundo, não tenho mais nada para lhe dizer”.

“Com relação aos fatos, talvez não; mas com relação aos sentimentos... Só você pode me falar dos sentimentos. Mas não é obrigada. Se não quer falar, eu entendo. Pensei que poderia ser um alívio.”

“Acho que nossas opiniões são muito diferentes para que eu sinta algum alívio, falando de meus sentimentos.”

“Você acha que temos opiniões diferentes? Não me parece. Se compararmos nossas opiniões, vamos ver que coincidem como sempre coincidiram. Mas vamos aos fatos... considero a proposta de Crawford extremamente vantajosa e desejável, desde que você lhe retribua o afeto. Considero muito natural que toda a sua família deseje que você lhe retribua; no entanto, se isso é impossível, você fez bem em recusá-lo. Discordamos quanto a isso?”

“Ah, não! Mas eu pensei que você fosse me repreender. Pensei que estivesse contra mim. Que alívio!”

“Você já teria encontrado esse alívio, se o tivesse procurado. Mas como pôde imaginar que eu estivesse contra você? Como pôde pensar que eu defenderia um casamento sem amor? Ainda que eu não me preocupasse com isso, como pôde imaginar que não me preocuparia agora que *sua* felicidade estava em jogo?”

“O titio não concorda comigo, e eu sei que ele conversou sobre isso com você.”

“Até o momento, acho que você está absolutamente certa. Posso lamentar, posso me surpreender... não, *isso* não, pois você não teve tempo de se apaixonar; mas acho que está absolutamente certa. Será que pode haver alguma dúvida sobre isso? Seria vergonhoso duvidarmos. Você não o ama... não se justificaria aceitá-lo.”

Fazia muitos dias que Fanny não se sentia tão tranquila.

“Até agora sua conduta tem sido impecável; e quem acha que você deveria ter agido de outra forma está muito enganado. Mas o assunto não se encerra aí. Crawford não sente por você um afeto como qualquer outro; ele persevera com a esperança de inspirar aquela estima que você ainda não lhe tem. E isso, bem sabemos, é obra do tempo. Mas (com um sorriso carinhoso) deixe que ele acabe conseguindo. Você já demonstrou que é uma pessoa íntegra e desinteressada; mostre que também é agradecida e tem bom coração; e então será o modelo perfeito de mulher que sempre acreditei que seria.”

“Ah, nunca! Nunca, nunca, nunca ele vai conseguir.” E Fanny disse isso com uma veemência que deixou o primo perplexo e que a fez corar, quando caiu em si, viu a expressão do rosto de Edmund e ouviu sua resposta: “Nunca...! Quanta determinação! Quanta segurança! Você não é assim. Seu eu racional não é assim”.

“Quer dizer”, ela se corrigiu, desolada, “eu *acho* que nunca, na medida em que é possível prever o futuro... acho que nunca vou retribuir o afeto dele.”

“Pois eu espero coisas melhores. Sei muito bem, sei mais que Crawford, que o homem que pretender conquistar seu amor... desde que você tenha conhecimento das intenções dele... vai ter de se esforçar muito, pois todos os seus afetos, todos os seus hábitos mais antigos estão em formação de combate; e, antes de tentar ganhar seu coração, ele vai precisar libertá-lo de todos os laços que o prendem a coisas animadas e inanimadas, que se fortaleceram ao longo de tantos anos e que hoje se estreitam consideravelmente à simples ideia de separação. Sei que o medo de ter de deixar Mansfield vai fazer você se armar contra ele. Eu gostaria que ele não tivesse se sentido obrigado a lhe contar o que pretendia. Gostaria que ele a conhecesse tão bem quanto eu. Acho que, juntos, teríamos conquistado você. Com meus conhecimentos teóricos e os conhecimentos práticos de Crawford não haveríamos de falhar. Ele devia ter seguido meus planos. Mas espero que, mostrando... como acredito piamente... que pela constância de seu afeto ele é digno de você, o tempo acabe por recompensá-lo. Não creio que você não tenha *vontade* de amá-lo... a vontade natural da

gratidão. Você deve ter esse tipo de sentimento. Deve lamentar a própria indiferença.”

“Nós não combinamos em nada”, Fanny explicou, evitando uma resposta direta; “divergimos tanto em termos de interesses e estilo de vida que considero impossível chegarmos a ser razoavelmente felizes juntos, ainda que eu *conseguisse* amá-lo. Nunca existiram duas pessoas mais diferentes. Não temos um único gosto em comum. Seríamos infelizes.”

“Você está enganada. A diferença não é tão grande. Vocês são até bem parecidos. Vocês *têm* gostos em comum. Têm gostos em comum no que se refere à moral e à literatura. Têm bom coração, bons sentimentos; e quem o ouviu ler, quem viu você escutando a leitura de Shakespeare, naquela noite, iria pensar que não foram feitos um para o outro? Você se esquece de si mesma: reconheço que seus temperamentos são muito diferentes. Ele é divertido e você é séria; tanto melhor: ele haverá de animá-la. Por natureza, você tende a esmorecer com facilidade e a imaginar que os problemas são maiores do que realmente são. A jovialidade dele vai contrabalançar essa tendência. Ele não vê problema em coisa alguma; e há de ajudá-la sempre com seu bom humor, sua alegria. O fato de vocês serem tão diferentes não diminui em nada a probabilidade de serem felizes juntos: nem pense nisso. Ao contrário, acho bastante favorável. Estou plenamente convencido de que é melhor ter temperamentos diferentes; diferentes no grau de animação, no modo de agir, na preferência pela companhia de muita gente ou de poucas pessoas, na propensão a falar ou ficar quieto, a ser sério ou ser risonho. Tenho absoluta convicção de que certo contraste nesse aspecto contribui para a felicidade conjugal. Sem extremos, naturalmente; e uma semelhança muito grande nesses pontos seria o meio mais seguro de chegar a um extremo. Um ligeiro contraste é a melhor salvaguarda das boas maneiras e da boa conduta.”

Fanny percebeu muito bem o rumo que os pensamentos do primo tomaram nesse instante. Ele estava novamente sob o domínio da srta. Crawford. Desde que chegara, falava sobre ela com grande entusiasmo. Não iria mais evitá-la. Ainda na véspera jantara no presbitério.

Depois de deixá-lo entregue a seus gratos pensamentos por alguns minutos, Fanny decidiu retomar o assunto sr. Crawford: “Não é só em termos de *temperamento* que o considero totalmente incompatível comigo; embora eu ache que em relação a *isso* a diferença entre nós é muito grande, infinitamente grande; a animação dele muitas vezes me faz mal... porém existe outra coisa que me desagrada ainda mais. Devo dizer que não posso aprovar o caráter dele. Não penso bem dele desde a época da peça. Naquela ocasião, a meu ver, ele foi muito inconveniente e insensível, posso falar disso agora porque já acabou... foi muito grosseiro com o pobre sr. Rushworth; parece que não se importava nem um pouco de expô-lo ao ridículo ou magoá-lo, dedicando a Maria atenções que... em suma, na época da peça, ele me deixou uma impressão que nunca vai se apagar”.

“Minha querida”, Edmund replicou, mal conseguindo escutá-la até o fim, “nenhum de nós deve ser julgado pelo que fez durante aquela loucura geral. Detesto me lembrar de tudo aquilo. Maria errou, Crawford errou, todos nós erramos; mas ninguém errou tanto quanto eu. Em comparação comigo, todos foram impecáveis. Eu fiz papel de bobo com plena consciência.”

“Como espectadora, posso ter visto mais que você; e acho que algumas vezes o sr. Rushworth teve muito ciúme.”

“É bem possível. É natural. Nada poderia ser mais estapafúrdio que aquele projeto. Fico com vergonha de pensar que Maria se prestou a tudo aquilo; mas, se aceitou o papel, não devemos nos surpreender com os outros.”

“Ou muito me engano, ou antes da peça Julia acreditava que o sr. Crawford a estava cortejando.”

“Julia! Alguém me disse que ele estava apaixonado por Julia, mas nunca vi nada nesse sentido. E, sem menosprezar as boas qualidades de minhas irmãs, acho bem possível que uma delas ou ambas quisessem tanto conquistar a admiração de Crawford que acabassem demonstrando esse desejo mais abertamente do que a prudência recomenda. Lembro que apreciavam muito a companhia dele; e com esse encorajamento um homem como Crawford, tão cheio de vida e talvez um pouco inconsequente, podia ser levado a... Nada importante resultaria disso, porque está claro que ele não tinha essa

pretensão; estava guardando o coração para você. E devo dizer que com isso ele subiu muito em meu conceito. Isso depõe em favor dele; mostra que dá o devido valor a essa bênção que é a felicidade doméstica e o afeto puro. Mostra que o tio não o estragou. Mostra, em suma, tudo que eu queria acreditar que ele era e temia que não fosse.”

“Estou convencida de que ele não pensa em coisas sérias como deveria.”

“É melhor você dizer que ele nunca tinha pensado em coisas sérias, pois me parece que é o caso. Como poderia ser de outra forma, com a educação que recebeu e o mentor que teve? Com tantos fatores desfavoráveis, não é prodigioso que ambos sejam como são? Reconheço que até agora Crawford sempre se deixou guiar demais pelos *sentimentos*. Felizmente, esses sentimentos em geral eram bons. Você vai fornecer o resto; e ele tem muita sorte de se apaixonar por uma criatura como você... por uma mulher que, firme como uma rocha em seus princípios, tem um caráter delicado que em tudo os recomenda. Ele foi muito feliz na escolha da companheira. E vai fazer você feliz, eu sei que vai; mas você vai fazer dele tudo que quiser.”

“Eu não aceitaria essa tarefa!”, Fanny exclamou, amedrontada. “Não assumiria tamanha responsabilidade!”

“Acredita que não seria capaz, como sempre! Imagina que seria demais para você! Bom, talvez eu não consiga convencê-la a mudar sua maneira de pensar, mas acredito que você mesma vai acabar se convencendo. Desejo sinceramente que seja assim. Tenho muito interesse no sucesso de Crawford. Depois de sua felicidade, a dele é a que mais desejo. Você sabe quanto o estimo.”

Fanny sabia tão bem disso que não tinha nada a dizer; e por uns cinquenta metros caminharam calados e pensativos. Edmund foi o primeiro a romper o silêncio:

“A maneira como ela falou sobre isso ontem me deixou muito contente; até porque eu não esperava que ela tivesse uma visão tão imparcial desse assunto. Eu sei que ela gosta muito de você, mas temia que não a julgasse tão digna do irmão como você merece e lamentasse que ele não tivesse se apaixonado por uma mulher de posição ou fortuna. Eu temia a influência daquelas máximas mundanas que ela

está acostumada a ouvir. Mas não foi assim. Ela falou de você exatamente como devia falar. Deseja esse casamento tanto quanto seu tio ou quanto eu. Conversamos muito sobre isso. Eu não pretendia tocar no assunto, embora estivesse ansioso para saber o que ela achava... mas não fazia nem cinco minutos que eu estava lá quando ela começou a falar com toda aquela franqueza, aquela doçura que lhe é peculiar, aquela vivacidade, aquela espontaneidade que formam parte de sua natureza. A sra. Grant riu de sua rapidez.”

“A sra. Grant estava presente?”

“Sim; encontrei as duas juntas quando cheguei lá; e ainda estávamos falando sobre você quando Crawford e o dr. Grant apareceram.”

“Há mais de uma semana que não vejo a srta. Crawford.”

“Sim, e ela lamenta; mas reconhece que talvez seja melhor assim. Mas você vai vê-la, antes de ela ir embora. Ela está furiosa com você; prepare-se. Diz que está furiosa, mas imagine o que é essa fúria. É a tristeza, a decepção de uma irmã que acha que o irmão tem direito a tudo que deseja. Ela está magoada, como você estaria, se fosse com William; mas lhe quer bem de todo o coração.”

“Eu sabia que ela ia ficar furiosa comigo.”

“Minha querida”, disse Edmund, apertando-lhe o braço para aproximá-la mais dele, “não se atormente com isso. Ela está mais furiosa da boca para fora que de verdade. O coração dela foi feito para o amor e a bondade, não para ressentimentos. Eu queria que você tivesse ouvido os elogios que ela lhe fez; queria que você tivesse visto a expressão dela, quando falou que você *devia* ser a esposa de Henry. E reparei que ela sempre se referiu a você como ‘Fanny’, o que nunca tinha feito até então; e o fez com uma cordialidade fraternal.”

“E a sra. Grant... disse... falou... ficou lá o tempo todo?”

“Sim, e concordou plenamente com a irmã. A surpresa com sua recusa parece que foi imensa. Parece que elas não conseguem entender que você tenha recusado um homem como Henry Crawford. Eu defendi você o melhor que pude; mas, para falar a verdade, pelo jeito como elas veem as coisas... assim que for possível você vai ter de mudar sua maneira de agir para provar que está em seu juízo perfeito; só isso poderá satisfazê-las. Mas estou aborrecendo você. Terminei. Não fuja de mim.”

“Eu *acho*”, Fanny começou, depois de refletir por alguns instantes, “que toda mulher deveria admitir a possibilidade de um homem não ser aceito, não ser amado por alguma mulher, por mais atraente que muitas o considerem. Ainda que ele tenha toda a perfeição do mundo, nenhuma mulher que por acaso lhe inspire afeição tem necessariamente de aceitá-lo. No entanto, mesmo supondo que seja assim, mesmo admitindo que o sr. Crawford tenha todos os direitos que as irmãs lhe atribuem, como eu poderia estar preparada para corresponder a seus sentimentos? Fui pega totalmente de surpresa. Não me passou pela cabeça que a maneira como ele me tratava tivesse algum significado especial; e não creio que eu devesse me obrigar a amá-lo, só porque, na falta do que fazer, ele estava me dando atenção. Em minha situação, seria o cúmulo da vaidade criar expectativas em relação ao sr. Crawford. As irmãs dele, que o têm em tão alta conta, certamente eram da mesma opinião, supondo que ele não tivesse sérias intenções a meu respeito. Portanto, como poderia eu... estar apaixonada por ele no momento em que se declarou apaixonado por mim? Como poderia eu ter um afeto pronto para lhe oferecer, assim que ele o solicitasse? As irmãs dele deviam pensar em mim também, não só nele. Quanto maiores são os méritos do sr. Crawford, menos deveria eu sequer pensar nele. E... temos uma visão muito diferente da natureza feminina, se, como tudo isso parece indicar, elas conseguem imaginar uma mulher capaz de corresponder tão prontamente a um afeto.”

“Minha querida, agora eu sei a verdade. Sei que essa é a verdade; e esses sentimentos são bem dignos de você. Eu já os tinha atribuído a você. Acho que eu já tinha entendido. Agora você me deu a mesma explicação que tomei a liberdade de dar em seu nome a sua amiga e à sra. Grant, e ambas ficaram muito satisfeitas, apesar de sua boa amiga ter relutado um pouco em aceitar, por causa do amor que tem por Henry. Eu lhes disse que de todas as criaturas humanas você é a que sente mais a força do hábito e menos o impacto da novidade; e que a própria novidade das atenções de Crawford era um ponto contra ele. Que o fato de constituírem novidade e serem tão recentes era desfavorável; que você não conseguia tolerar nada a que não estivesse habituada; e falei muitas outras coisas para lhes dar uma ideia de seu

caráter. A srta. Crawford nos fez rir com seus planos para encorajar o irmão. Ela disse que pretende incentivá-lo a não perder a esperança de ser amado um dia e de ver suas atenções bem acolhidas depois de uns dez anos de casamento feliz.”

Fanny esboçou com dificuldade o devido sorriso. Estava revoltada. Temia ter agido mal, ter falado demais, ter exagerado nos cuidados que julgara necessários, ter se protegido de um perigo para expor-se a outro; e ouvir mais uma reafirmação da vivacidade da srta. Crawford nesse instante e relacionada com esse assunto só piorou a situação.

Vendo cansaço e angústia em seu rosto, Edmund imediatamente resolveu encerrar a discussão e não mencionar mais o nome de Crawford, a menos que estivesse relacionado com algo *agradável* a ela. Com base nisso, pouco depois comentou: “Eles vão embora segunda-feira. Portanto, você vai ver sua amiga amanhã ou domingo, com certeza. Eles realmente se vão segunda-feira! E por pouco não fiquei em Lessingby até esse dia! Quase prometi ficar lá. Que diferença teria feito! Talvez eu lamentasse pelo resto da vida aqueles cinco ou seis dias a mais em Lessingby.”

“Você quase ficou lá?”

“Quase. Insistiram tão amavelmente que quase fiquei. Se tivesse recebido uma carta de Mansfield para saber como vocês estavam, com certeza eu teria ficado; mas durante quinze dias não tive notícia do que acontecia aqui e achei que já fazia bastante tempo que estava ausente.”

“A estadia deve ter sido agradável.”

“Sim, foi; quer dizer, teria sido melhor, se meu estado de espírito ajudasse. Todos foram muito simpáticos. Mas duvido que pensem a mesma coisa de mim. Levei comigo um desassossego que só desapareceu quando me vi novamente em Mansfield.”

“As jovens Owen... você gostou delas, não?”

“Muito. São simpáticas, bem-humoradas, sem a menor afetação. Eu é que não sei mais lidar com mulheres comuns. Moças bem-humoradas e sem afetação não servem para um homem que está acostumado a lidar com mulheres sensatas. São duas categorias distintas. Você e a srta. Crawford me tornaram exigente demais.”

Apesar de tudo, Fanny ainda estava agoniada e abatida; Edmund percebeu que não conseguiria animá-la com palavras e, desistindo de tentar, conduziu-a para casa com a afetuosa autoridade de um privilegiado guardião.

V

Agora Edmund acreditava saber tudo que Fanny pudesse dizer ou sugerir acerca de seus sentimentos e estava satisfeito. Como havia previsto, Crawford se precipitara, e era preciso dar tempo ao tempo para que, primeiro, ela se familiarizasse com a ideia e, depois, passasse a achá-la agradável. Quando se acostumassem a pensar que ele a amava, não demoraria muito a retribuir seu amor.

Edmund transmitiu ao pai essa opinião, fruto da conversa que tivera com a prima; e recomendou-lhe que não tocasse mais no assunto com ela, não tentasse mais influenciá-la ou persuadi-la; as atenções de Crawford e as ponderações naturais de Fanny se encarregariam de tudo.

Sir Thomas prometeu que assim faria. Acreditava que o filho lhe dera uma descrição correta da disposição da sobrinha; supunha que ela tivesse todos aqueles sentimentos, porém lamentava muito que os *tivesse*; pois, menos confiante no futuro que Edmund, temia que, se Fanny precisava de tanto tempo para se acostumar com a ideia, quando por fim se convencesse a receber de bom grado a corte do rapaz, ele já não estivesse interessado em fazê-la. Entretanto, só lhe restava aceitar tranquilamente e esperar pelo melhor.

A prometida visita de “sua amiga”, como Edmund chamava a srta. Crawford, constituía para Fanny uma terrível ameaça, uma fonte de constante pavor. Como irmã, tão parcial e irritada, tão pouco escrupulosa no que dizia e, por outro lado, tão triunfante e segura, ela era, sob todos os aspectos, causa de dolorosa apreensão. Enfrentar seu descontentamento, sua perspicácia, sua felicidade, era algo assustador; e poder contar com a presença de outras pessoas por ocasião do encontro era tudo que a confortava. A fim de evitar um ataque repentino, Fanny procurava não se afastar de Lady Bertram, guardava distância da sala leste e não caminhava sozinha pela alameda.

Teve êxito. Estava a salvo com a tia na sala de desjejum, quando a srta. Crawford chegou; e, superada a primeira dificuldade, vendo que, na expressão e nas palavras da visitante, não havia todas as segundas intenções que imaginara, passou a esperar que não tivesse de suportar nada pior que meia hora de relativa inquietação. Era esperar demais. A srta. Crawford não era escrava das circunstâncias. Estava decidida a conversar com ela a sós e não demorou a dizer-lhe em voz baixa: “Preciso falar com você em particular”; palavras que Fanny sentiu percorrerem todo o seu ser, todas as suas artérias, todos os seus nervos. Não podia recusar-se. Ao contrário, habituada à submissão imediata, levantou-se praticamente no mesmo instante e levou “sua amiga” para fora da sala. Assim agiu com profundo pesar, mas ciente de que era inevitável.

Mal entraram no saguão, a srta. Crawford não se conteve. Balançou a cabeça, fitou Fanny com um ar de afetuosa reprovação e tomou-lhe a mão; parecia incapaz de adiar a conversa por mais tempo. No entanto, limitou-se a dizer: “Pobre criatura! Não sei quando vou parar de repreendê-la”; e foi suficientemente discreta para guardar o restante até o momento em que tivessem a certeza de estar a sós entre quatro paredes. Fanny conduziu-a escada acima para seu cantinho, que agora estava sempre confortável, porém abriu a porta com o coração apertado, sentindo que a aguardava a cena mais angustiante que já tivera lugar ali. Contudo, o golpe que estava prestes a atingi-la foi suspenso, ao menos por ora, pois, de repente, a srta. Crawford mudou de ideia, sob a forte impressão que lhe causou o retorno à sala leste.

“Ah!”, exclamou, subitamente animada. “Estou aqui de novo? A sala leste. Estive aqui só uma vez!” E, depois de parar para olhar em torno e, aparentemente, recordar tudo que ocorrera naquela ocasião, prosseguiu: “Só uma vez. Lembra? Vim ensaiar. Seu primo também veio. Você era a plateia e o ponto. Um ensaio delicioso. Nunca vou esquecer. Estávamos bem aqui, nesta parte da sala: seu primo, eu, as cadeiras. Ah, por que esse tipo de coisa tem de acabar?”.

Para sorte de Fanny, não esperava resposta. Estava inteiramente voltada para si mesma, imersa em doces recordações.

“A cena que ensaiamos era muito especial! O tema era tão... tão... como direi? Ele ia falar sobre casamento e me aconselhar a casar.

Parece que o estou vendo, concentrado em aparentar a compostura e a calma de Anhalt ao longo daquelas duas falas.¹ ‘Quando dois corações em harmonia se unem em matrimônio, pode chamar-se a vida conjugal de vida feliz.’ Creio que nunca hei de esquecer o semblante, a voz de Edmund, ao pronunciar essas palavras. Que curioso termos de representar justamente essa cena! Se eu tivesse o poder de reviver uma semana de minha existência, seria aquela semana, aquela semana do teatro. Não importa o que diga: seria *aquela*; pois em nenhuma outra fui tão feliz. Um caráter tão firme dobrar-se daquele jeito! Ah, não tenho como expressar tamanho prazer. Mas, infelizmente, tudo acabou naquela mesma noite. Aquela mesma noite trouxe de volta o importuno de seu tio. Coitado do Sir Thomas! Alguém ficou contente de vê-lo? Mas agora eu não falaria dele com desrespeito, apesar de que o odiei por muitas semanas. Não: agora eu lhe faço justiça. Ele é exatamente o que o chefe de uma família como essa deve ser. Em minha sensata melancolia, acredito que hoje amo todos vocês.” Tendo dito isso, com um grau de ternura e convicção que Fanny nunca tinha visto nela e que lhe pareceu muito adequado, afastou-se por um instante, a fim de recobrar-se. “Fiquei meio perturbada quando entrei aqui, como você pode perceber”, explicou, com um sorriso maroto, “mas já passou; vamos nos sentar confortavelmente; quanto a repreender você, como eu pretendia, não tenho coragem, agora que chegou o momento.” E, abraçando-a carinhosamente: “Doce e bondosa Fanny! Quando penso que esta é a última vez que a vejo, pois não sei por quanto tempo... não consigo fazer outra coisa além de gostar muito de você”.

Fanny se comoveu. Não esperava nada disso e raramente conseguia resistir à melancólica influência da palavra “última”. E se pôs a chorar como se dedicasse à srta. Crawford uma afeição muito maior do que poderia dedicar; e, ainda mais enternecida diante de tanta emoção, a srta. Crawford estreitou o abraço e disse: “Detesto ter de deixá-la. Aonde eu vou, não hei de encontrar ninguém tão amável como você. Quem falou que não vamos ser irmãs? Sei que vamos. Sinto que nascemos para ser parentes; e essas lágrimas me mostram que você sente a mesma coisa, minha querida”.

Fanny se conteve e respondeu apenas em parte: “Mas você só vai trocar um grupo de amigos por outro. Vai ficar com uma amiga muito especial”.

“Sim, é verdade. A sra. Fraser é minha grande amiga há anos. Mas não estou com a menor vontade de ir ficar com ela. Só consigo pensar nos amigos que estou deixando para trás; em minha excelente irmã, em você, nos Bertram. Vocês têm mais *coração* do que muita gente que se encontra pelo mundo. Vocês me inspiram absoluta confiança, o que não é nada comum no trato com as pessoas. Eu queria ter combinado com a sra. Fraser de ir para lá depois da Páscoa, uma época melhor para a visita... mas agora não posso voltar atrás. E de lá tenho de ir para a casa da irmã dela, Lady Stornaway, que, das duas, era a mais ligada a mim; mas não me preocupei muito com ela nos últimos três anos.”

Depois desse discurso, as duas moças permaneceram caladas por alguns minutos, cada qual entregue às próprias reflexões. Fanny meditava sobre os vários tipos de amizade que existem no mundo; Mary, sobre algo menos filosófico. Foi a primeira a romper o silêncio.

“Eu me lembro muito bem do dia em que decidi vir aqui e saí procurando o caminho da sala leste, sem ter a menor ideia de onde ficava! Eu me lembro muito bem do que estava pensando, ao subir a escada, ao ver a sala, ao ver você, sentada à mesa, trabalhando; e me lembro do espanto de seu primo, quando abriu a porta e deparou comigo! E seu tio havia de voltar justamente naquela noite! Nunca aconteceu nada parecido.”

Seguiu-se mais um breve devaneio; depois, balançando a cabeça, a srta. Crawford disparou:

“Ora, você está muito distraída! Espero que esteja pensando em alguém que vive pensando em você. Ah, quem me dera levá-la por um instante até nosso círculo em Londres só para você ver o que acham de seu poder sobre Henry! Ah, a inveja, a raiva de dezenas e dezenas! O espanto, a incredulidade que vão demonstrar, quando souberem o que você fez! Mas, com relação a guardar segredo, Henry é como o herói de um romance antigo, exultante com os próprios grillhões. Você devia ir a Londres para aprender a apreciar sua conquista. Se visse como o cortejam e como me cortejam por causa dele! Agora, tenho

plena consciência de que a sra. Fraser não vai me receber com a boa vontade de sempre por causa dessa situação com você. Quando souber a verdade, ela vai querer que eu volte para Northamptonshire; pois está louca para casar uma filha do primeiro casamento do sr. Fraser, e para casá-la com Henry. Ah, tem feito de tudo para fisgá-lo! Você aqui, inocente e tranquila, nem imagina a *sensação* que vai causar, a curiosidade para conhecê-la, as perguntas intermináveis que terei de responder! A coitadinha da Margaret Fraser vai ficar atrás de mim, querendo saber como são seus olhos e seus dentes, como você arruma o cabelo, quem fabrica seus sapatos. Eu gostaria que Margaret se casasse, pelo bem de minha pobre amiga, pois acho que os Fraser são tão infelizes quanto a maioria dos casais. Mas, na época, parecia a união ideal. Estávamos encantados. Janet só podia aceitá-lo: não tinha nada; e ele era rico, mas logo se revelou mal-humorado e *exigente*; e quer que uma jovem, uma linda jovem de vinte e cinco anos, seja ponderada como ele. E minha amiga não sabe lidar com ele; não sabe tirar proveito da situação. Vivem irritados um com o outro; o que, para não dizer coisa pior, denota péssima educação. Na casa deles, vou me lembrar com respeito do tipo de relacionamento conjugal que vi no presbitério de Mansfield. Até o dr. Grant demonstra absoluta confiança na esposa e certa consideração pelas opiniões dela, o que leva a crer que *existe* afeto entre eles; mas não vou ver nada disso entre os Fraser. Mansfield há de ficar para sempre em minha lembrança. Minha irmã como esposa, Sir Thomas como marido são meus modelos de perfeição. A pobre Janet foi lamentavelmente enganada; e não fez nada de errado; não casou sem pensar, não foi imprevidente. Passou três dias refletindo sobre a proposta, pedindo conselhos a todos que valia a pena consultar; principalmente a minha falecida tia, cujo conhecimento do mundo fazia os jovens de seu círculo terem alto apreço por seu parecer, com toda a justiça; e ela se pronunciou a favor do sr. Fraser. Realmente, nada garante a felicidade conjugal! Não posso dizer o mesmo de minha amiga Flora, que rompeu com um ótimo rapaz da guarda real por causa daquele horrendo Lord Stornaway, que tem tanta inteligência quanto o sr. Rushworth, uma aparência muito pior e péssimo caráter. Na época, *fiquei* em dúvida sobre o acerto da escolha, pois ele não tem sequer

um ar de cavalheiro; agora estou convencida de que foi um erro. Aliás, Flora Ross morria de amor por Henry, no inverno em que debutou. Mas, se eu fosse lhe falar de todas as mulheres que sei que se apaixonaram por ele, não acabaria nunca. Só você, insensível, consegue pensar nele com indiferença. Mas será que é tão insensível quanto parece? Não, não, estou vendo que não é.”

Com efeito, Fanny corou tanto nesse momento que poderia justificar a suspeita de uma cabeça predisposta.

“Excelente criatura! Não vou apoquentá-la. Tudo há de seguir seu curso. Mas, querida, você tem de admitir que a proposta não a pegou tão desprevenida quanto seu primo imagina. Não é possível que já não tivesse pensado no assunto, que não tivesse ideia do que poderia ser. Você devia ter percebido que ele tentava agradá-la, cumulando-a de atenções. Ele não se dedicou inteiramente a você, no baile? E, antes do baile, a corrente! Ah, você a recebeu exatamente como ele queria. Você tinha plena consciência do que significava. Eu me lembro perfeitamente.”

“Quer dizer que seu irmão já sabia da corrente? Ah, não é justo!”

“Sabia! Foi tudo obra dele, ideia dele. Tenho vergonha de confessar que não me ocorreu nada parecido; mas adorei ajudar, pelo bem de vocês dois.”

“Na ocasião, eu tive certo medo disso; pois alguma coisa em sua expressão me assustou... mas não a princípio... a princípio eu não desconfiava de nada, absolutamente nada! Isso é tão verdadeiro como o fato de eu estar aqui sentada. E, se tivesse desconfiado, nada me teria feito aceitar a corrente. Quanto ao comportamento de seu irmão, evidentemente percebi algo de especial; faz pouco tempo que percebi isso, talvez duas ou três semanas; mas pensei que não significava nada, que era só o jeito dele; e não imaginei nem desejei que ele tivesse sérias intenções a meu respeito. Acompanhei com atenção o que se passou entre seu irmão e uma pessoa desta família no verão e no outono. Sou muito quieta, mas não sou cega. Não pude deixar de ver que o sr. Crawford se permitia galantarias que não queriam dizer absolutamente nada.”

“Ah, não posso negar. Ele era muito namorador e pouco se importava com o estrago que pudesse fazer no coração das moças.

Muitas vezes eu o repreendi por isso, mas é o único defeito que ele tem; e devo notar que os sentimentos de pouquíssimas jovens merecem consideração. E, depois, a glória de conquistar alguém que já esteve na mira de tantas; a glória de poder acertar as contas em nome de nosso sexo! Ah, com certeza não é próprio da natureza feminina recusar tamanho triunfo.”

Fanny balançou a cabeça. “Não posso pensar bem de um homem que brinca com os sentimentos das mulheres; e que com frequência pode ter causado muito mais sofrimento do que quem está de fora consegue avaliar.”

“Eu não o defendo. Deixo-o inteiramente a sua mercê; e, quando ele a levar para Everingham, não me importa que você o repreenda quanto quiser. Mas vou lhe dizer uma coisa: esse defeito, essa queda para fazer as moças se apaixonarem por ele, não é, nem de longe, tão perigoso para a felicidade de uma esposa como a tendência, que ele nunca teve, de também se apaixonar. E eu acredito sinceramente que ele sente por você o que nunca sentiu por mulher alguma; que a ama de todo o coração e há de amá-la para sempre. Se existe um homem capaz de amar para sempre, é Henry.”

Fanny não pôde evitar um leve sorriso, porém não falou nada.

“Não me lembro de tê-lo visto mais feliz”, Mary prosseguiu, “do que quando obteve a promoção de seu irmão.”

E com isso tocou o coração de Fanny.

“Ah, sim. Foi muita bondade dele!”

“Eu sei que ele se esforçou muito, pois sei a quem precisou recorrer. O almirante detesta ter trabalho e odeia pedir favor; e há tantas petições de jovens para atender que, sem amizades, sem empenho, não se chega a nada. William deve estar muito feliz! Eu gostaria de vê-lo.”

A pobre Fanny se viu no mais angustiante de seus estados mentais. A lembrança do que fora feito por William sempre constituía o principal obstáculo a qualquer tomada de posição contra o sr. Crawford; e sobre isso ela refletiu em silêncio, até o momento em que Mary, que de início a observara com satisfação e depois se dedicara a pensar em outra coisa, de repente lhe chamou a atenção: “Eu gostaria de passar o dia inteiro aqui conversando com você, mas não podemos esquecer as senhoras que estão lá embaixo; portanto, adeus, minha querida,

minha amável, minha excelente Fanny; quero me despedir de você aqui, antes da despedida formal na sala de desjejum. E me despeço desejando um feliz reencontro e esperando que, na ocasião, as circunstâncias nos permitam abrir o coração uma para a outra sem qualquer reserva”.

Um caloroso abraço e alguma comoção acompanharam essas palavras.

“Logo vou ver seu primo em Londres; ele diz que não demora a ir para lá; e Sir Thomas deve ir na primavera, eu acho; com certeza vou encontrar muitas vezes seu primo mais velho, os Rushworth, Julia, todos, menos você. Tenho de lhe pedir dois favores: um é que não deixe de escrever para mim. E o outro é que visite a sra. Grant com frequência e procure compensar minha falta.”

Fanny preferia que ao menos o primeiro desses favores não lhe fosse pedido; mas não podia recusar-se a escrever e até concordou em fazê-lo com mais presteza do que seu discernimento permitia. Não tinha como resistir a tamanha manifestação de afeto. Tendia pela própria natureza a valorizar um tratamento afetuoso e, como até então o recebera tão poucas vezes, mais valorizava o que a srta. Crawford lhe dispensava. Além disso, era-lhe grata por ter tornado a conversa muito menos penosa do que imaginara em seus temores.

Acabou; e ela escapou sem reprimendas e sem interrogatório. Ainda era a única dona de seu segredo; e, enquanto o fosse, julgava-se capaz de conformar-se com praticamente tudo.

À noite, ocorreu outra despedida. Henry Crawford foi visitá-los; e, com o ânimo já abalado, Fanny se enterneceu por alguns momentos, pois ele parecia estar sofrendo — tanto que, ao contrário de sua conduta habitual, praticamente não abriu a boca. Sua desolação era evidente, e ela se condeou, embora desejasse voltar a vê-lo só como o marido de outra mulher.

Chegada a hora do adeus, ele lhe tomou a mão, o que não lhe poderia ser negado, porém não disse nada, ou nada que ela escutasse; e, quando deixou a sala, Fanny ficou contente com aquele gesto de amizade.

Na manhã seguinte, os Crawford foram embora.

VI

Depois que o sr. Crawford partiu, Sir Thomas passou a acalentar grandes esperanças de que a sobrinha sentisse saudade dele e lamentasse ter perdido aquelas atenções que, na época, considerara um mal. Agora ela sabia o que era ser importante para alguém; provara o gosto dessa importância em sua forma mais lisonjeira; e o baronete esperava que o retorno à nulidade lhe suscitasse um salutar arrependimento. Observava-a com essa ideia em mente; mas não saberia dizer com que grau de sucesso. Não conseguia perceber qualquer alteração em seu estado de espírito. Ela era sempre tão dócil e retraída que suas emoções escapavam à percepção do tio. Sir Thomas não a compreendia; estava convencido disso; e, assim, recorreu ao filho para descobrir até que ponto a presente situação a afetava e se ela estava mais ou menos feliz do que antes.

Edmund não notou nenhum sinal de arrependimento e achou pouco razoável imaginar que três ou quatro dias bastassem para produzir esse efeito.

O que mais o surpreendeu foi constatar que a irmã de Crawford, a amiga e companheira que significara tanto para Fanny, não lhe deixara saudade. Parecia-lhe estranho a prima falar *dela* tão raramente e ter tão pouco a dizer sobre a tristeza que a separação lhe tivesse causado.

Infelizmente, era essa irmã, essa amiga e companheira que agora tirava o sossego de Fanny. Se conseguisse acreditar que o futuro de Mary estava tão desvinculado de Mansfield quanto desejava que estivesse o de Henry; se conseguisse ter esperança de que ela demoraria a voltar tanto quanto pensava que ele demoraria, estaria tranquila; contudo, quanto mais recordava, quanto mais observava, mais se convencia de que agora as circunstâncias eram mais favoráveis que nunca ao casamento da srta. Crawford com Edmund. Da parte

dele, a inclinação era mais forte; da parte dela, menos ambígua. As objeções e os escrúpulos decorrentes da integridade dele aparentemente se dissiparam, ninguém saberia dizer como; e as dúvidas e hesitações resultantes da ambição dela também se esvaeceram, e também sem motivo evidente. A única explicação seria um afeto crescente. Os bons sentimentos do rapaz e os maus sentimentos da moça se rendiam ao amor, e esse amor haveria de uní-los. Edmund pretendia ir à capital tão logo se resolvesse uma questão relacionada com Thornton Lacey, o que deveria ocorrer dentro de uns quinze dias; falava dessa viagem com prazer; e, depois que a encontrasse, não poderia haver dúvida quanto ao resto. Ele faria o pedido, e ela aceitaria; no entanto, havia ainda maus sentimentos que tornavam essa perspectiva muito dolorosa para Fanny, independentemente, assim acreditava, de sua pessoa.

Na última conversa que tiveram, a srta. Crawford, apesar de algumas demonstrações de carinho e amabilidade, continuou sendo a srta. Crawford, continuou tendo uma cabeça equivocada e confusa e sem a menor consciência disso; uma cabeça mergulhada na escuridão e imaginando-se cheia de luz. Talvez amasse Edmund, mas só por isso poderia merecê-lo. Fanny não acreditava que tivessem outro sentimento em comum; e os mais velhos e mais sábios a perdoariam por não ver muita possibilidade de a srta. Crawford se emendar no futuro, por pensar que, se a influência de Edmund nessa fase inicial fizera tão pouco para esclarecê-la e orientá-la, todos os seus esforços resultariam em nada mesmo após anos de vida conjugal.

A experiência talvez esperasse mais de qualquer jovem em tais circunstâncias e a imparcialidade talvez não negasse à srta. Crawford aquela parte da natureza feminina que a levaria a adotar como suas as opiniões do homem que ela amava e respeitava. Porém Fanny estava convencida de que seria assim, sofria muito por causa dessas convicções e não conseguia falar da srta. Crawford sem angustiar-se.

Entrementes, Sir Thomas se mantinha esperançoso e atento; por tudo que sabia da natureza humana, ainda se considerava no direito de esperar que a perda do poder e da importância produzisse forte efeito no ânimo da sobrinha e lhe despertasse o desejo ardente de voltar a receber as atenções do apaixonado; e logo encontrou uma boa

explicação para o fato de ainda não ter visto tudo isso acontecer de maneira cabal e indubitável: a perspectiva de uma visita que por si só bastava para animar a pessoa que estava observando. William, o mais feliz dos tenentes, por ser o mais novato, obtivera dez dias de licença, que dedicaria a Northamptonshire, e em breve chegaria para exibir sua felicidade e descrever seu uniforme.

Adoraria exibir também o uniforme, mas um costume cruel proibia seu uso fora do trabalho. Portanto, o uniforme ficou em Portsmouth, e Edmund pensou que, antes de Fanny ter a oportunidade de vê-lo, todo o seu frescor e toda a empolgação de seu usuário teriam murchado. Ele estaria reduzido a um símbolo de desonra; pois o que pode ser mais descabido ou mais insignificante que o uniforme de um tenente que permanece nesse posto por um ano ou dois, enquanto outros são promovidos a capitão? Assim refletia Edmund, até o pai começar a lhe falar de um plano que permitiria a Fanny ver o segundo-tenente da *HMS Tordo* sob outra luz, em toda a sua glória.

De acordo com o plano, quando William voltasse para Portsmouth, a irmã o acompanharia e passaria algum tempo com a família. Sir Thomas pensara em adotar essa medida durante uma de suas ponderosas meditações e, embora a considerasse correta e desejável, resolveu consultar o filho antes de tomar a decisão definitiva. Edmund analisou o plano sob todos os aspectos e considerou-o perfeito. A ideia em si era ótima e não poderia ter ocorrido em melhor momento; e Fanny sem dúvida ficaria radiante. Foi o suficiente para o baronete se decidir; e com um categórico “pois assim será” ele encerrou essa parte da história; estava satisfeito e confiante em outros resultados além dos que expusera ao filho, pois seu principal motivo para afastar a sobrinha tinha bem pouco a ver com a vontade de reaproximá-la dos pais e absolutamente nada a ver com qualquer intenção de fazê-la feliz. Sir Thomas por certo desejava que ela viajasse de bom grado, mas também por certo desejava que quisesse regressar antes mesmo de sua estadia terminar; e que uma pequena abstinência dos requintes e dos luxos de Mansfield Park lhe desse um pouco mais de juízo e a levasse a uma estimativa mais justa do valor daquela casa igualmente confortável que lhe fora oferecida como residência permanente.

Tratava-se de um projeto terapêutico para o discernimento da sobrinha, que lhe parecia prejudicado no momento. Oito ou nove anos de convivência com a riqueza e a fartura afetaram sua capacidade de comparar e julgar. O lar paterno certamente lhe mostraria o valor de uma boa renda; e a experiência concebida pelo tio haveria de torná-la mais sensata e mais feliz pelo resto da vida.

Se fosse dada a arreios, Fanny os teria tido em profusão quando tomou conhecimento do que o baronete pretendia, quando ele lhe ofereceu a oportunidade de visitar os pais e os irmãos longe dos quais vivera quase a metade da vida, de voltar por alguns meses ao cenário de sua infância com William como protetor e companheiro de viagem e de continuar vendo William até o último instante de sua permanência em terra. Se fosse dada a explosões de alegria, ela as teria tido nessa ocasião, pois estava exultante, mas sua felicidade era tranquila, profunda, do tipo que dilata o coração; e, embora não fosse mesmo de falar muito, preferia manter-se em silêncio quando seus sentimentos eram muito intensos. No momento, só conseguiu agradecer e aceitar. Depois, quando se acostumou com a visualização das delícias que a aguardavam, pôde conversar com William e Edmund sobre o que sentia; mas ainda havia emoções que a ternura suscitava e as palavras não poderiam expressar. A lembrança de todos os seus prazeres de infância e do que sofrera ao ser afastada deles ressurgiu com força redobrada, e pareceu-lhe que a volta para casa curaria todas as dores causadas pela separação. Estar no centro do círculo familiar, querida por muitos e mais querida que antes, amar sem medo nem restrição, sentir-se igual aos que a rodeavam, estar em paz, livre de qualquer menção aos Crawford e de todo olhar que pudesse interpretar como reprimenda! Essa era uma perspectiva para ser saboreada com uma satisfação que era melhor calar.

E Edmund... dois meses longe *dele* (talvez três, se lhe permitissem) por certo lhe fariam bem. Longe, ao abrigo de seus olhares e de sua bondade, livre da tortura constante que era conhecer seus sentimentos e esforçar-se para evitar suas confidências, ela poderia, através da razão, chegar a um estado de espírito mais propício; conseguiria imaginá-lo em Londres, resolvendo seus assuntos, sem sofrimento. O

que seria difícil suportar em Mansfield devia tornar-se um mal menor em Portsmouth.

O único problema era saber se a tia Bertram passaria bem sem ela. Era a *única* que precisava de seus préstimos, e ela não queria nem pensar na falta que poderia lhe fazer; na verdade, essa parte foi a mais difícil de resolver, e só mesmo Sir *Thomas* poderia resolvê-la.

Mas ele era o dono da casa. Sempre levava a cabo as decisões que tomava; e, agora, tanto falou sobre o assunto, tanto explicou e frisou que era obrigação de Fanny visitar a família de vez em quando que acabou obtendo a concordância da esposa — mais por submissão que por convicção, pois Lady Bertram só estava convencida de que, se Sir Thomas achava que Fanny devia ir, Fanny tinha de ir. No sossego de seu quarto de vestir, no curso de suas imparciais meditações, sem sofrer a influência das alegações desconcertantes do marido, ela não via a menor necessidade de a sobrinha ir visitar um pai e uma mãe que durante tanto tempo viveram muito bem sem ela, enquanto a pobre tia precisava tanto dela. E, quanto a não sentir sua falta, o que a sra. Norris tentou provar ao longo da discussão, Lady Bertram se recusou terminantemente a admitir semelhante coisa.

Sir Thomas apelou para sua razão, sua consciência e sua dignidade. Falou de um sacrifício que demandava bondade e autocontrole. Já a sra. Norris procurou persuadi-la de que podia muito bem abrir mão de Fanny (estando *ela* disposta a dedicar-lhe todo o seu tempo, se necessário fosse) e de que, em suma, a sobrinha não lhe faria a menor falta.

“Pode ser”, Lady Bertram limitou-se a dizer. “Acho que você tem razão; mas com certeza vou sentir muita falta dela.”

O passo seguinte foi informar Portsmouth. Fanny escreveu, anunciando a visita; e a resposta da sra. Price, apesar de breve, umas poucas linhas simples, foi tão carinhosa, expressou uma alegria tão natural e tão maternal ante a perspectiva do reencontro que confirmou todas as previsões da filha quanto à felicidade que teria ao lado dela e a convenceu de que agora encontraria uma amiga afetuosa na “mamãe” da qual até então certamente não recebera grandes demonstrações de amor; o que achava que era culpa sua ou mero fruto de sua imaginação. Provavelmente afastara o amor com a

fraqueza e a suscetibilidade de um temperamento temeroso ou tivera a insensatez de querer mais do que qualquer um entre tantos poderia merecer. Agora que sabia ser útil e calar-se, agora que a mãe não precisava mais atender às incessantes demandas de uma casa cheia de crianças pequenas, teriam mais tempo e disposição para conversar à vontade e logo seriam o que mãe e filha devem ser uma para a outra.

William estava contente com o projeto quase tanto quanto a irmã. Teria o maior prazer em ficar com ela até a hora de embarcar e talvez a encontrasse ao voltar de seu primeiro cruzeiro!* Além disso, queria muito que ela visse a *Tordo* antes de zarpar (tratava-se, certamente, da melhor chalupa em atividade). E também ansiava por mostrar-lhe as várias melhorias feitas nos estaleiros.

E não hesitou em acrescentar que a presença de Fanny no seio da família seria de grande serventia para todos.

“Acho que precisamos de seus bons hábitos e de sua disciplina”, disse. “Aquela casa é um caos. Você vai colocar as coisas nos trilhos, com certeza. Vai explicar para nossa mãe como tudo deve ser, vai ser muito útil a Susan, vai ensinar Betsey, vai fazer os meninos amarem você e lhe obedecerem. Tudo vai ficar organizado e confortável!”

Quando chegou a resposta da sra. Price, restavam-lhes poucos dias em Mansfield; e os dois irmãos passaram parte desses dias apreensivos, pois, ao discutir-se como realizariam a viagem, a sra. Norris descobriu que todo o seu esforço para economizar o dinheiro do cunhado havia sido inútil e que, apesar de seus desejos e de suas insinuações sobre um transporte menos caro para Fanny, eles iriam em carruagem expressa; depois, ao ver Sir Thomas dar a William o dinheiro das passagens, pensou que talvez houvesse um terceiro lugar disponível e sentiu uma repentina vontade de visitar a pobre e querida irmã, a sra. Price. E expôs o que tinha em mente. Disse que gostaria de acompanhar os sobrinhos; seria um imenso prazer; fazia mais de vinte anos que não via a pobre e querida irmã, a sra. Price; seria bom para os jovens terem por perto alguém mais velho para cuidar das coisas; e a pobre e querida irmã, a sra. Price, poderia achar que era muita maldade de sua parte não aproveitar tamanha oportunidade.

William e Fanny ficaram horrorizados com semelhante ideia.

Toda a satisfação de uma viagem tranquila desapareceria num instante. Os irmãos se entreolharam, desolados. Sua aflição durou uma hora ou duas. Ninguém interferiu para encorajar ou dissuadir a sra. Norris. Deixaram-na inteiramente livre para decidir; e para infinita alegria dos sobrinhos ela lembrou que, no momento, não poderia se ausentar de Mansfield Park, pois era tão necessária para Sir Thomas e Lady Bertram que não poderia deixá-los nem mesmo por uma semana; e concluiu que devia sacrificar qualquer prazer ao prazer de ser-lhes útil.

Na verdade, ocorrera-lhe que, embora não tivesse de gastar nada para ir a Portsmouth, dificilmente escaparia de pagar do próprio bolso a viagem de volta. Assim, abandonou a pobre e querida irmã, a sra. Price, à decepção por vê-la perder tamanha oportunidade; e tiveram início, talvez, outros vinte anos de separação.

Essa viagem a Portsmouth, essa ausência de Fanny afetaram os planos de Edmund. Ele também tinha de fazer um sacrifício por Mansfield Park, como a tia. Pretendia ir a Londres nessa data, porém não queria deixar os pais num momento em que as criaturas mais importantes para o bem-estar de ambos se ausentavam; assim, com uma tristeza que não manifestou, adiou por uma semana ou duas uma viagem que aguardava ansiosamente, na esperança de com ela assegurar para sempre sua felicidade.

Conversou com Fanny sobre isso. Ela já sabia de tanta coisa que precisava saber de tudo. O que se seguiu foi, em substância, mais um discurso confidencial sobre a srta. Crawford; e Fanny se entristeceu ao pensar que era a última vez que mencionavam o nome dela com alguma liberdade. Mas depois disso Edmund ainda aludiu a ela. À noite, quando Lady Bertram pediu à sobrinha que lhe escrevesse com frequência e prometeu-lhe ser uma boa correspondente, Edmund sussurrou, no momento oportuno: “E eu vou escrever para você, Fanny, quando tiver alguma coisa que valha a pena informar; alguma coisa que acho que você vai gostar de saber e que tão cedo não vai saber através de outra pessoa”. Se tivesse alguma dúvida sobre o significado dessas palavras, ela a teria dirimido ao erguer os olhos e ver o rosto radiante do primo.

Precisava tentar se preparar para essa carta. Nunca imaginara que uma carta de Edmund pudesse ser motivo de pavor. Começou a pensar que ainda não havia passado por todas as mudanças de opinião e sentimento que o tempo e as diferentes circunstâncias ocasionam neste mundo de mudanças. Ainda não esgotara as vicissitudes da mente humana.

Pobre Fanny! Estava contente e ansiosa com a viagem, mas sua última noite em Mansfield Park foi de sofrimento. Despediu-se com profunda tristeza. Chorou por todos os cômodos da casa e muito mais por seus amados moradores. Abraçou a tia fortemente, porque ela sentiria sua falta; beijou a mão do tio reprimindo os soluços, porque o contrariara; no último instante com Edmund, não conseguiu falar, olhar, pensar, e só quando tudo terminou se deu conta de que ele se despedira com o carinho de um irmão.

Tudo isso ocorreu à noite, pois os viajantes partiriam muito cedo, na manhã seguinte; e, quando se reuniram à mesa do desjejum, os remanescentes do reduzido grupo familiar falaram de William e Fanny como se já tivessem concluído uma etapa da viagem.

* Missão de patrulhamento. (N. T.)

VII

A novidade da viagem, a felicidade de estar com William não demoraram a surtir efeito no ânimo de Fanny, à medida que se afastavam de Mansfield Park; e foi com um semblante alegre que, quando deixaram a carruagem de Sir Thomas, ela se despediu do velho cocheiro e encarregou-o de transmitir suas mensagens aos que ficaram para trás.

A prazerosa conversa entre os irmãos não tinha fim. Tudo era divertimento para o radiante rapaz, que preenchia com brincadeiras e pilhérias os intervalos de suas trocas de ideias sobre temas mais elevados, todas as quais terminavam, se não começavam, em louvores à *Tordo*, conjecturas sobre o uso da chalupa, planos para uma batalha com forças superiores (supondo a remoção do primeiro-tenente, e William nem sempre era piedoso para com o primeiro-tenente) que lhe permitiria avançar mais um passo na carreira ou especulações sobre o dinheiro resultante do butim,¹ que ele distribuiria generosamente entre os seus, reservando uma parte para tornar confortável a casinha onde moraria com Fanny desde a meia-idade até o fim de seus dias.

As preocupações imediatas de Fanny, na medida em que se referiam ao sr. Crawford, não faziam parte da conversa. William sabia do que acontecera e lamentava profundamente que a irmã fosse tão fria com um homem que lhe parecia a melhor das criaturas; mas estava numa idade em que o amor era tudo e, portanto, não podia criticá-la; e, ciente de que ela não queria tocar no assunto, não fez a menor alusão que pudesse aborrecê-la.

Fanny tinha motivo para imaginar que o sr. Crawford ainda não a esquecera. A irmã dele escreveu-lhe várias vezes ao longo das três semanas que se seguiram à partida de ambos, e cada carta continha algumas linhas escritas por Henry com o mesmo ardor e a mesma determinação que imprimia a suas falas. Era uma correspondência que

Fanny achava tão desagradável quanto temera. O estilo vivo e afetuoso da srta. Crawford era um mal em si mesmo; como se não bastasse, Edmund ainda a fazia ler também o que o irmão escrevera, pois estava sempre ansioso para tomar conhecimento do teor de cada carta, e não se cansava de expressar admiração pela linguagem e pela afetividade da missivista. Na verdade, havia em cada carta tantas mensagens, tantas alusões, tantas lembranças, tantas referências a Mansfield que Fanny não podia deixar de pensar que foram escritas de propósito para o primo se inteirar do conteúdo; e ter de prestar-se a isso, ver-se forçada a manter uma correspondência que lhe trazia as atenções do homem que ela não amava e a obrigava a testemunhar a adversa paixão do homem que ela amava era uma cruel humilhação. Também nesse aspecto seu afastamento era promissor. Fanny acreditava que, quando não estivesse mais sob o mesmo teto que Edmund, a srta. Crawford não encontraria motivo suficientemente forte para se dar o trabalho de escrever e que, em Portsmouth, a correspondência haveria de minguar até chegar ao fim.

Refletindo sobre essas coisas e sobre outras mil, seguia viagem, segura e contente, e na velocidade compatível com o chuvoso mês de fevereiro. Em Oxford, a carruagem passou em frente à faculdade de Edmund, mas só parou em Newbury, onde os prazeres e as fadigas do dia se encerraram numa substancial refeição, misto de almoço e jantar.

Partiram bem cedo na manhã seguinte e, avançando normalmente, sem incidentes nem atrasos, chegaram aos arredores de Portsmouth ainda com luz do dia, o que proporcionou a Fanny a oportunidade de ver e admirar os novos edifícios. Atravessaram a ponte levadiça² e entraram na cidade; começava a escurecer quando, guiados pela voz poderosa de William, enveredaram, aos solavancos, por uma rua estreita que saía da rua principal e pararam diante de uma casinha onde agora morava o sr. Price.

Fanny era toda emoção e nervosismo, toda esperança e apreensão. No momento em que pararam, uma empregada imunda que aparentemente os aguardava deu um passo à frente e, mais interessada em contar as novidades que em ajudá-los, disparou: “A *Tordo* saiu do porto, e um oficial esteve aqui...”. Foi interrompida por um bonito menino de onze anos que saiu da casa correndo, empurrou-a e,

enquanto William abria a porta da carruagem, gritou: “Chegou bem na hora. Faz meia hora que estamos esperando. A *Tordo* saiu do porto hoje de manhã. Eu vi. Foi lindo. E eles acham que daqui um dia ou dois vão receber ordem de partir. E o sr. Campbell esteve aqui às quatro horas, perguntando por você; ele está com um bote da chalupa e vai embarcar às seis e esperava que você chegasse a tempo de ir junto”.

Um par de olhares espantados foi toda a atenção que por iniciativa própria esse irmão dedicou a Fanny, ao vê-la descer da carruagem com a ajuda de William; porém deixou que ela o beijasse, embora ainda estivesse inteiramente ocupado em fornecer mais detalhes sobre a saída da *Tordo*, pela qual tinha todo o direito de interessar-se tanto, pois estava para começar sua carreira de marujo nesse navio.

Mais um instante, e Fanny se viu no estreito corredor de entrada e nos braços da mãe, que a acolheu com todo o carinho e cujo rosto bondoso ela amou ainda mais, por lembrar-lhe o de tia Bertram; e ali estavam também as duas irmãs: Susan, uma bela mocinha de catorze anos, e Betsey, uma menina de cinco, a caçula da família, e ambas ficaram contentes de vê-la, embora não a recebessem com boas maneiras. Mas Fanny não estava preocupada com boas maneiras. Desde que a amassem, estaria satisfeita.

Na sequência, viu-se conduzida a uma sala tão pequena que lhe pareceu uma simples passagem para um cômodo maior e se deteve por um instante, esperando que a convidassem a prosseguir; mas, ao constatar que não havia outra porta, ao deparar com vários sinais de uso, entendeu, recriminou-se e temeu que tivessem percebido seu equívoco. Porém a mãe não se demorara o suficiente para perceber o que quer que fosse. Voltara para a entrada da casa, para receber William. “Ah, meu filho querido, como estou feliz de ver você! Mas está sabendo da *Tordo*? Já saiu do porto, três dias antes do previsto; e não sei o que fazer com as coisas de Sam; nunca vou conseguir arrumar tudo a tempo, pois a ordem para zarpar deve chegar amanhã. Isso me pegou desprevenida. E agora você tem de ir para Spithead. Campbell esteve aqui, muito preocupado com você; e agora, o que vamos fazer? Eu pensava que ia passar uma noite agradável com vocês, e de repente acontece isso.”

William respondeu, animado, que tudo que acontecia sempre era para melhor; e procurou mostrar que não dava importância ao inconveniente de ter de partir às pressas.

“Eu preferia que a chalupa estivesse no porto e que eu pudesse passar algumas horas com vocês, é claro; mas, como o bote está na praia, é melhor eu ir andando, não há o que fazer. A *Tordo* está onde em Spithead? Perto do *Canopo*? Mas não importa... Fanny está em casa. E por que estamos aqui parados? Venha, mamãe, a senhora ainda nem olhou direito para sua querida Fanny.”

Os dois foram para a sala, e, depois de mais uma vez beijar a filha carinhosamente e comentar que estava tão crescida, a sra. Price começou, com uma solicitude muito natural, a demonstrar preocupação com o cansaço e as necessidades dos viajantes.

“Coitadinhos! Vocês devem estar exaustos! O que gostariam de comer? Faz meia hora que Betsey e eu estamos esperando vocês. Quando foi que comeram pela última vez? E o que gostariam de comer agora? Eu não sabia se iam querer carne ou só um chá, depois da viagem; se soubesse, teria preparado alguma coisa. E agora estou com medo de que Campbell apareça antes que eu consiga fazer um assado, e não temos açougue aqui por perto. É um transtorno não termos açougue nesta rua. Na outra casa era bem melhor. Ou, se quiserem um chá, vou providenciar.”

Ambos disseram que preferiam um chá. “Então, Betsey, meu bem, vá correndo até a cozinha e veja se Rebecca pôs a água para ferver; e diga para ela trazer o chá assim que estiver pronto. Seria bom que a sineta estivesse funcionando... mas Betsey é ótima mensageira.”

Betsey saiu prontamente, orgulhosa de mostrar suas habilidades para a nova irmã.

“Ai, que fogo fraquinho!”, prosseguiu a mãe, ansiosa. “E vocês devem estar morrendo de frio. Chegue mais perto, meu bem. Não sei o que Rebecca tem na cabeça. Eu falei para ela trazer mais carvão meia hora atrás. Susan, *voce* devia ter cuidado do fogo.”

“Eu estava lá em cima, mudando minhas coisas de lugar”, Susan se defendeu num tom destemido que surpreendeu Fanny. “A senhora resolveu que minha irmã Fanny e eu vamos ficar no outro quarto; e Rebecca não podia me ajudar.”

Vários incidentes evitaram que a discussão se prolongasse; primeiro, o cocheiro foi receber sua paga; depois, Sam e Rebecca se desentenderam sobre a maneira de carregar o baú de Fanny escada acima, o que ele queria fazer sozinho; por fim, o sr. Price apareceu, precedido por seu vozeirão, pois, ainda no corredor, proferiu algo como um xingamento, ao chutar a mala do filho e a chapeleira da filha que estavam no caminho, e pediu uma vela, que ninguém lhe levou.

Fanny se levantara, hesitante, para ir a seu encontro, mas sentou-se de novo, ao perceber que o pai não a via na penumbra e tampouco pensava nela. Apertando a mão do filho amistosamente, ele começou, impaciente: “Ah, seja bem-vindo, meu rapaz. Prazer em vê-lo. Já soube da novidade? A *Tordo* saiu do porto hoje de manhã. Fique atento. Por D..., você chegou bem a tempo. O médico andou perguntando por você; ele ficou com um bote e tem de rumar para Spithead às seis; portanto, é melhor ir com ele. Passei lá no Turner³ para ver suas coisas; estão bem encaminhadas; mas não é possível navegar com esse vento, se vocês vão para o oeste; e o capitão Walsh está certo de que vão para o oeste, com o *Elefante*.⁴ Por D..., tomara que sim. Mas o velho Scholey estava dizendo ainda agora que acha que vocês devem ir primeiro para Texel.⁵ Bom, bom, seja como for, estamos preparados para o que der e vier. Mas, por D..., hoje de manhã você perdeu um belo espetáculo, que foi a *Tordo* saindo do porto. Eu não perderia isso nem por mil libras. O velho Scholey veio correndo, na hora do desjejum, para dizer que ela estava levantando âncora. Eu dei um pulo e com duas passadas cheguei ao desembarcadouro.⁶ Se algum dia já existiu uma beleza flutuante, é a *Tordo*; e lá está ela, em Spithead; e, aqui na Inglaterra, qualquer um a tomaria por uma fragata de vinte e oito canhões. Fiquei duas horas lá na plataforma,⁷ olhando para ela. Está bem atrás do *Endimião*, com o *Cleópatra* a bombordo.”

“Ah!”, William exclamou. “*Exatamente* onde eu a colocaria.⁸ Mas aqui está minha irmã, aqui está Fanny”, acrescentou, conduzindo-a ao pai. “Está tão escuro que o senhor não a viu.”

Admitindo que a esquecera por completo, o sr. Price recebeu a filha; e, depois de abraçá-la cordialmente e comentar que ela agora era uma

mulher e logo haveria de querer casar, pareceu bem inclinado a esquecê-la de novo.

Fanny voltou a sentar-se, profundamente triste com a linguagem do pai e com seu cheiro de álcool; e ele passou a falar apenas com o filho, e apenas sobre a *Tordo*, embora William, apesar de muito interessado no assunto, mais de uma vez tentasse fazê-lo pensar em Fanny, na longa ausência e na longa viagem dela.

Depois de algum tempo, apareceu uma vela; mas, como ainda não havia sinal de chá, nem grande esperança de vê-lo surgir tão cedo, segundo informação de Betsey, William resolveu trocar de roupa e cuidar dos preparativos para o embarque, pois assim, mais tarde, poderia tomar o chá com tranquilidade.

Quando deixou a sala, dois meninos de faces coradas, esfarrapados e sujos, com cerca de oito e nove anos de idade, entraram correndo; tinham acabado de sair da escola e estavam ansiosos para ver a irmã e contar-lhe que a *Tordo* saíra do porto; Tom e Charles; Fanny não conhecia Charles, que nasceu depois de sua ida para Mansfield Park, porém muitas vezes ajudara a cuidar de Tom e agora sentiu um prazer especial em revê-lo. A ambos beijou com todo o carinho, mas queria ficar junto de Tom para tentar reencontrar em seu rosto as feições do bebê que tanto amara e para falar-lhe de sua preferência por ela. Mas Tom não queria esse tipo de tratamento; estava em casa não para ficar ali parado e ouvir a irmã falar, e sim para correr de um lado a outro e fazer barulho; e logo os dois meninos se afastaram e bateram a porta de tal modo que ela sentiu as têmporas latejarem.

Fanny já tinha visto todos os moradores da casa; havia ainda dois irmãos entre ela e Susan: um era escriturário de uma repartição pública em Londres e o outro era aspirante num navio mercante que fazia a rota da Índia. No entanto, se já tinha *visto* todos os membros da família, ainda não *escutara* todo o barulho que eles conseguiam fazer. Quinze minutos depois, teve uma boa amostra. William se pôs a chamar a mãe e Rebecca a altos brados desde o patamar do segundo andar. Estava desesperado porque não encontrava uma coisa que havia deixado lá. Perdeu-se uma chave; Betsey foi acusada de pegar o chapéu novo do irmão; e ninguém se lembrara de fazer a pequena mas essencial modificação no colete do uniforme que fora prometida.

A sra. Price, Rebecca e Betsey subiram para defender-se, falando todas ao mesmo tempo e nenhuma tão alto quanto Rebecca, e a modificação foi feita às pressas, da melhor forma possível; William inutilmente mandava Betsey descer ou tentava impedir que os estorvasse; como praticamente todas as portas estavam abertas, podia-se ouvir tudo isso na sala, menos quando Sam, Tom e Charles encobriam esse vozerio com um barulho maior, perseguindo uns aos outros escada acima e escada abaixo, dando cambalhotas, gritando.

Fanny estava zozna. A casa era tão pequena e as paredes tão finas que toda essa balbúrdia parecia ter lugar bem perto dela e, somando-se ao cansaço da viagem e a toda a agitação recente, tornava-se praticamente insuportável. *Dentro* da sala estava bem tranquilo, pois Susan saíra com os outros, deixando-a sozinha com o pai; e ele pegou um jornal, empréstimo habitual de um vizinho, e se pôs a ler, como se a filha não existisse. A vela solitária foi colocada entre ele e o jornal, sem a menor consideração pela possível conveniência de Fanny; mas, como não tinha nada para fazer, ela ficou contente de ter aquele anteparo protegendo da luz sua cabeça dolorida e permaneceu ali sentada, aturdida e triste, entregue a desalentada reflexão.

Estava em casa. Mas, infelizmente, não era esse lar, não era essa recepção que... conteve-se; não estava sendo razoável. Que importância poderia ter para a família? Nenhuma, depois de tão longa ausência! William era mais importante; sempre foi; e tinha pleno direito. Contudo, falaram tão pouco sobre ela, perguntaram-lhe tão pouco, mal quiseram saber alguma coisa de Mansfield! Doía-lhe ver que esqueceram Mansfield; os amigos que fizeram tanto... os caros, caríssimos amigos! Ali um tema prevalecia sobre todos os outros. Talvez devesse ser assim. A destinação da *Tordo* tinha de ser a questão predominante. Dentro de um dia ou dois tudo seria diferente. A *chalupa* era a única culpada. Mas em Mansfield não seria assim. Não, na casa do tio se levaria em consideração o momento, se trataria o assunto com moderação, com boas maneiras, com uma atenção para com todos que não havia ali.

A única interrupção que pensamentos como esses sofreram no decorrer de quase meia hora deveu-se a uma brusca explosão do pai, certamente sem a menor intenção de tranquilizá-la. Quando a

algazarra no corredor atingiu um grau de intensidade extraordinário, ele exclamou: “O diabo que carregue esses baderneiros! Isso lá é maneira de cantar? E Sam berra mais que todos juntos! Esse menino está bom para ser contramestre. Ei... você... Sam... pare com essa maldita cantoria, ou vai se haver comigo”.

O desprezo por essa ameaça foi tão evidente que, embora cinco minutos depois os três meninos irrompessem sala adentro e se sentassem, Fanny só pôde ver isso como prova de que estavam exaustos, conforme indicavam seus rostos vermelhos e sua respiração ofegante; mesmo assim, eles continuaram chutando a perna uns dos outros e gritando bem na frente do pai.

Quando a porta se abriu novamente foi para algo mais agradável: o chá, que ela já estava perdendo a esperança de tomar. Susan e uma serviçal cuja aparência humílima fez Fanny compreender, com enorme surpresa, que a empregada que tinha visto antes ocupava uma posição mais elevada entraram com todo o material necessário; ao colocar a chaleira no fogo e olhar de relance para a irmã, Susan parecia dividida entre a satisfação de mostrar-se ativa e útil e o temor de se rebaixar com a execução desse trabalho. “Ela estava na cozinha”, explicou, “apressando Sally e ajudando a preparar as torradas, a passar manteiga no pão... se não tivesse feito isso, sabe-se lá quando iriam tomar o chá... e com certeza a irmã queria comer alguma coisa, depois da viagem.”

Fanny ficou muito agradecida. Teve de admitir que gostaria muito de um chazinho, e Susan imediatamente se pôs a prepará-lo, contente por encarregar-se de todo o serviço; e, apesar de uma afobação um tanto desnecessária e algumas tentativas descabidas de fazer os irmãos se comportarem melhor, saiu-se muito bem. Fanny se sentiu reconfortada por dentro e por fora; a cabeça e o coração logo se revigoraram com esse oportuno gesto de bondade. Susan tinha um semblante franco e sensato; era como William; e Fanny esperava que fosse igual ao irmão também em termos de temperamento e boa vontade para com ela.

Foi com esse ambiente mais tranquilo que William deparou quando voltou para a sala, seguido de perto pela mãe e por Betsey. Com seu uniforme completo de tenente, que o fazia parecer mais alto, mais seguro, mais garboso, e com seu sorriso mais radiante, dirigiu-se a

Fanny, que se levantou, contemplou-o por um instante com muda admiração e depois o abraçou, para extravasar, chorando, desencontrados sentimentos de pesar e alegria.

Ansiosa para mostrar que não estava triste, logo se controlou; e, enxugando as lágrimas, conseguiu examinar e admirar todos os detalhes mais notáveis da farda, enquanto, com ânimo renovado, ouvia-o expressar a esperança de passar algumas horas em terra todos os dias e até levá-la a Spithead para conhecer a chalupa antes de zarparem.

Um novo estardalhaço ocorreu com a chegada do sr. Campbell, o médico da *Tordo*, um jovem muito educado, que foi buscar o amigo e para quem, com alguma dificuldade, conseguiu-se encontrar uma cadeira, além de uma xícara e um pires, lavados às pressas pela pequena encarregada do chá; e, depois de mais uns quinze minutos de animada conversa entre os cavalheiros, em meio a uma balbúrdia e outra, um alvoroço e outro, homens e meninos se levantaram ao mesmo tempo: chegara a hora de partir; tudo pronto, William se despediu, e todos se foram — pois os três meninos, apesar das súplicas da mãe, resolveram acompanhar o irmão e o sr. Campbell até o bote e o sr. Price foi devolver o jornal ao vizinho.

Agora se poderia esperar algo parecido com tranquilidade; e, assim, depois que Rebecca finalmente se dignou levar a louça do chá e Betsey encontrou numa gaveta da cozinha a manga de camisa que a sra. Price passara algum tempo procurando pela sala, o pequeno grupo de mulheres ficou em paz, e a mãe, após lamentar mais uma vez a impossibilidade de arrumar as coisas de Sam a tempo, estava livre para pensar na filha mais velha e nos amigos que ela deixara para trás.

Então, deu início a uma série de perguntas, e uma das primeiras — “Como a tia Bertram se saía com a criadagem? Penava tanto quanto ela para arrumar serviços razoáveis?” — logo a fez esquecer Northamptonshire e concentrar-se em seus problemas domésticos; e o caráter chocante de todas as empregadas de Portsmouth, das quais acreditava que as suas eram as piores, absorveu-a inteiramente. Ela se esqueceu dos Bertram ao relatar os defeitos de Rebecca, contra quem Susan também tinha muito a dizer e a pequena Betsey tinha muito mais, e que parecia tão desprovida de uma única qualidade que a

recomendasse que Fanny não pôde deixar de pensar que a mãe pretendia demiti-la quando completasse um ano de serviço.

“Um ano!”, a sra. Price exclamou. “Espero me livrar dela antes de um ano, que só vai se completar em novembro. As empregadas em Portsmouth são tão ruins que é um milagre alguém aguentá-las por mais de seis meses. Não tenho esperança de que isso se resolva um dia; e, se demitisse Rebecca, só arrumaria uma pior. E, no entanto, não acho que eu seja uma patroa muito difícil de agradar... tenho certeza de que é bem fácil cuidar desta casa, pois ela sempre tem uma ajudante e muitas vezes eu mesma faço metade do trabalho.”

Fanny permaneceu em silêncio; não porque estivesse convencida de que não se poderia encontrar solução para alguns desses problemas. Olhando para Betsey, não conseguia deixar de pensar em outra irmã, uma linda menininha que tinha mais ou menos a idade da que estava agora a sua frente quando ela foi para Northamptonshire e que morrera anos depois. Uma menininha adorável. Fanny a amava mais que a Susan, naquela época; e, ao saber de sua morte, já em Mansfield, sofreu muito durante algum tempo. A presença de Betsey lhe trazia à mente a imagem da pequena Mary, mas por nada no mundo faria a mãe sofrer com a menção de seu nome. Enquanto refletia sobre isso, Betsey, a pequena distância, procurava atrair sua atenção para uma coisa que tentava esconder de Susan.

“O que é que você tem aí, meu amor?”, Fanny perguntou. “Venha me mostrar.”

Era um canivete de prata. Susan se levantou de um salto, afirmando que o canivete era seu, e tentou pegá-lo; mas Betsey correu a buscar a proteção da mãe, e a irmã não pôde fazer nada, além de reclamar com veemência e com a evidente intenção de conquistar o apoio de Fanny. “Era uma pena que não pudesse pegar o *próprio* canivete; o canivete era dela; a pequena Mary o dera a ela, antes de morrer, e ela já devia tê-lo em seu poder há muito tempo. Mas a mamãe não pensava assim e sempre deixava Betsey pegá-lo; e com isso Betsey iria acabar estragando-o e se apoderando dele, apesar de que a mamãe tinha *prometido* a ela, Susan, que Betsey nunca iria pôr as mãos no canivete.”

Fanny estava chocada. O discurso da irmã e a resposta da mãe feriram todos os seus sentimentos de dever, honra, ternura.

“Ora, Susan”, a sra. Price começou, num tom de lamento, “como pode ser tão rabugenta? Você vive brigando por causa desse canivete. Eu queria que você não fosse tão briguenta. Você implica demais com a pobrezinha da Betsey! Mas, Betsey, você também não devia ter pegado o canivete quando abriu a gaveta. Eu falei para você não tocar nesse canivete, porque Susan fica furiosa com isso. Vou ter de escondê-lo mais uma vez. Pobre Mary! Como poderia imaginar que esse canivete, que me pediu para guardar duas horas antes de morrer, ia ser um pomo de discórdia? Coitadinha! Mal consegui ouvir, quando ela me falou: ‘Susan deve ficar com o canivete, quando eu estiver morta e enterrada’. Coitadinha! Gostava tanto desse canivete que ficou com ele na cama durante toda a doença. Ganhou-o da madrinha dela, uma senhora muito boa, esposa do almirante Maxwell, seis semanas antes de morrer. Coitadinha! Mas a morte a livrou de males futuros. Minha Betsey (acariciando-a), você não tem a sorte de ter uma madrinha tão boa. A tia Norris mora longe demais para se lembrar de criaturinhas como você.”

Realmente, tudo que a tia Norris enviara por meio de Fanny foi uma mensagem em que expressava a esperança de que a afilhada fosse uma boa menina e estudasse muito. Ainda em Mansfield Park, até houve um vago murmúrio sobre mandar um livro de orações, porém não se tocou mais no assunto. Com essa ideia em mente, a sra. Norris até chegou a separar dois velhos livros de orações que haviam sido do marido, mas, depois de examiná-los, a generosidade se esvaeceu. Um tinha letras muito miúdas para uma criança, e o outro era pesado demais para ela levar de um lado a outro.

Fanny estava tão cansada que de bom grado aceitou a primeira sugestão para ir deitar-se; e, antes de Betsey parar de reclamar por lhe terem permitido ficar acordada só uma hora a mais em homenagem à irmã, já havia deixado a sala, onde a confusão e o barulho voltaram a reinar, com os meninos implorando queijo quente, o pai exigindo, aos berros, rum e água e ninguém conseguindo encontrar Rebecca, que nunca estava onde devia estar.

Não havia nada capaz de animá-la no quarto exíguo e parcamente mobiliado onde ficaria com Susan. Na verdade, a falta de espaço em todos os cômodos, o corredor apertado, a escada estreita impressionavam-na mais do que teria imaginado. E, nessa casa pequena demais para oferecer algum conforto a quem quer que fosse, ela aprendeu a pensar com respeito em seu pequeno sótão de Mansfield Park.

VIII

Se soubesse o que a sobrinha sentia quando escreveu à tia pela primeira vez, Sir Thomas não se desesperaria; pois, embora uma boa noite de sono, uma aprazível manhã, a esperança de logo rever William e a relativa tranquilidade da casa, com Tom e Charles na escola, Sam entretido com os próprios afazeres e o pai ocioso como de hábito, lhe permitissem discorrer com alegria sobre o tema do lar paterno, ainda havia muitos inconvenientes que ela preferiu não mencionar. Se soubesse apenas a metade do que a sobrinha sentia antes de encerrar-se uma semana, Sir Thomas daria por certo o sucesso do sr. Crawford e ficaria encantado com a própria sagacidade.

Antes de uma semana, tudo era decepção. Para começar, William se fora. A *Tordo* recebera ordem de zarpar, o vento havia mudado, e ele partiu quatro dias depois da chegada a Portsmouth; e ao longo daqueles dias Fanny o viu apenas duas vezes, às pressas e por pouco tempo, quando ele esteve em terra firme a serviço. Não conversaram livremente, não caminharam pelas muralhas, não visitaram o estaleiro e ela não viu a *Tordo* — não fizeram nada do que haviam planejado e esperavam fazer. Tudo a desapontara nesse lugar, exceto o amor de William. Quando ele se despediu, seu último pensamento foi para a irmã. Depois que saiu, voltou até a porta só para dizer: “Cuide bem de Fanny, mamãe. Ela é delicada e não está acostumada com desconforto, como nós. Cuide de Fanny, por favor”.

William se fora e a deixara numa casa que — Fanny não podia esconder isso de si mesma —, praticamente sob todos os aspectos, era o contrário do que ela desejava. Era a morada do barulho, da desordem, da falta absoluta de compostura. Ninguém estava onde devia estar, nada era feito como devia ser. Ela não conseguia respeitar os pais como gostaria. Nunca esperara grande coisa do pai, porém agora constatava que ele era mais negligente com a família, cultivava

hábitos piores e tinha modos mais rudes do que imaginara. Não lhe faltava capacidade, mas ele não tinha interesse por nada que não se relacionasse com sua profissão; tudo que lia era o jornal e o informativo da Marinha; só falava do estaleiro, do porto, de Spithead e de Motherbank;¹ praguejava e bebia, era sujo e grosseiro. Fanny não conseguia se lembrar de nenhuma ocasião em que a tivesse tratado com algo parecido com ternura. A imagem que lhe ficara era de um homem bruto e ruidoso; e agora ele só se dava conta de sua presença para dirigir-lhe uma brincadeira de mau gosto.

A decepção com a mãe era maior; Fanny esperara muito e encontrara quase nada. Não demorou a entender que sua lisonjeira expectativa de ser importante para ela fora vã. Não a considerava má pessoa, porém não conseguia conquistar sua afeição e sua confiança, não conseguia tornar-se mais e mais querida, não conseguia receber mais carinho que no dia em que chegara. Satisfeito o instinto maternal, não havia outra fonte para alimentar o amor da sra. Price. Ela já estava com o coração e os dias inteiramente ocupados; não tinha tempo nem afeto para dedicar a Fanny. Nunca fora muito apegada às filhas. Adorava os filhos, sobretudo William, mas tinha grande estima por Betsey, a primeira de suas meninas a despertar-lhe esse sentimento, e com ela era excessivamente indulgente. William era seu orgulho; Betsey, sua queridinha; e John, Richard, Sam, Tom e Charles repartiam entre si o restante de sua solicitude materna, ora inspirando-lhe preocupações, ora proporcionando-lhe alegrias. Essas criaturas preenchiavam seu coração; enquanto a casa e as empregadas preenchiavam a maior parte de seu tempo. A sra. Price vivia numa espécie de afobação vagarosa; sempre atarefada, nunca chegava a nada; sempre atrasada, lamentava-se por isso, mas não modificava seus hábitos; querendo ser econômica, não tinha plano nem método; descontente com as criadas, carecia de competência para corrigi-las e para se fazer respeitar, por mais que tentasse ajudá-las, repreendê-las ou agradá-las.

Comparada com as irmãs, parecia-se muito mais com Lady Bertram que com a sra. Norris. Era dona de casa por necessidade, sem a disposição ou a energia da sra. Norris. Como Lady Bertram, era de natureza bonachona e indolente; e uma vida de riqueza e ociosidade

seria muito mais condizente com suas aptidões do que aquela vida de esforço e abnegação à qual seu imprudente casamento a conduziria. Faria o papel de dama importante tão bem quanto Lady Bertram; porém a sra. Norris seria uma mãe de nove filhos com renda escassa mais respeitável que ela.

Fanny tinha consciência de quase tudo isso. Não verbalizava essas coisas, talvez por escrúpulo, mas percebia claramente que a mãe era parcial e injusta, uma mulher lerda e desmazelada que não ensinava nem controlava os filhos, não sabia manter a casa arrumada e confortável, não tinha disposição para conversar com ela, não lhe dedicava nenhuma afeição, não desejava sua amizade, não estava curiosa para conhecê-la melhor, não procurava sua companhia — enfim, não fazia nada que pudesse atenuar o rigor de seu julgamento.

Ansiosa para ser útil e não dar a impressão de que se julgava superior à própria família ou de que, por causa de sua educação diferente, não tinha capacidade ou vontade de contribuir para o conforto de todos, Fanny imediatamente se encarregou do enxoval de Sam e, trabalhando da manhã à noite com afinco e ligeireza, fez tanta coisa que o rapaz enfim pôde embarcar com mais da metade da roupa que deveria levar. Ela teve grande prazer em ajudar e não imaginava como teriam se arranjado sem sua colaboração.

E lamentou vê-lo partir, pois, apesar de barulhento e mandão, Sam era esperto e inteligente, e de bom grado se prontificava a cumprir qualquer tarefa na cidade; e, embora desdenhasse as repreensões de Susan, que eram muito razoáveis, porém feitas no momento inoportuno e com desnecessária veemência, começava a ser influenciado pelos préstimos e pela gentil persuasão de Fanny; e ela descobriu que quem partiu foi o melhor dos três meninos; Tom e Charles, sendo mais novos que Sam, ainda estavam longe daquela idade em que a sensibilidade e a razão mostrariam a importância de fazer amigos e de esforçar-se para ser menos desagradável. Fanny logo perdeu a esperança de produzir *neles* a menor impressão; percebeu que não conseguiria domá-los, nem mesmo recorrendo a toda a habilidade que tivesse tempo e disposição para utilizar. Suas turbulentas brincadeiras pela casa se repetiam todas as tardes; e a folga do sábado logo a fazia suspirar.

Quanto a Betsey, criança mimada que aprendera a ver o alfabeto como seu maior inimigo, que ficava com as empregadas para fazer o que bem entendesse e depois era incentivada a relatar todas as falhas que elas cometessem, Fanny estava quase perdendo a esperança de amar e ajudar. E o temperamento de Susan lhe inspirava muitas dúvidas. As contínuas desavenças com a mãe, as brigas com Tom e Charles, a impaciência com Betsey angustiavam-na a tal ponto que, mesmo admitindo que não ocorriam sem provocação, ela temia que a índole capaz de levá-la a tanto estivesse longe de ser amável e proporcionar-lhe alguma serenidade.

Essa era a casa que devia tirar-lhe Mansfield Park da cabeça e ensiná-la a pensar no primo Edmund com moderação. E, no entanto, ela só pensava em Mansfield, em seus amados moradores, em seus bons hábitos. Tudo que a rodeava agora era o oposto disso. A elegância, a educação, a regularidade, a harmonia — e, acima de tudo talvez, a paz e a tranquilidade de Mansfield lhe vinham à lembrança em todas as horas do dia justamente por serem o *contrário* do que havia em Portsmouth.

Para uma natureza delicada e nervosa como a de Fanny viver em meio ao barulho incessante era um mal que não havia elegância ou harmonia capaz de neutralizar. Esse era o maior tormento. Em Mansfield nunca se ouviam discussões, vozes alteradas, rompantes intempestivos, passos furiosos; tudo seguia um curso estabelecido, uma ordem prazerosa; todas as pessoas tinham importância; todas eram consultadas. Se às vezes faltava carinho, o bom senso e a boa educação supriam a falta; e, quanto aos pequenos aborrecimentos, às vezes provocados pela tia Norris, eram breves, insignificantes, uma gota de água no oceano, comparados com o tumulto constante do atual domicílio. Aqui, todos eram ruidosos, todas as vozes eram estentóreas (exceto, talvez, a da mãe, que lembrava a voz branda e monótona de Lady Bertram, apesar do mau humor). Pedia-se aos berros qualquer coisa que se precisasse, e aos berros se escusavam as empregadas na cozinha. As portas eram abertas e fechadas com estrondo, o movimento na escada era incessante, nada era feito sem estrépito, ninguém parava quieto e ninguém prestava atenção no que os outros diziam.

Ao comparar as duas casas tal como as via antes do fim de uma semana, Fanny sentiu-se tentada a aplicar-lhes a célebre frase do dr. Johnson sobre o matrimônio e o celibato² e dizer que em Mansfield Park podia haver sofrimento, mas em Portsmouth não poderia haver prazer.

IX

Fanny estava certa ao pensar que a srta. Crawford já não lhe escreveria tão amiúde como no início de sua correspondência; só recebeu a carta seguinte depois de um intervalo bem mais longo em relação à anterior; porém se enganou ao supor que esse intervalo lhe proporcionaria grande alívio. Mais uma estranha revolução ocorria em seus sentimentos! Foi realmente um prazer receber essa carta. Em seu exílio, distante da boa sociedade e de tudo que lhe interessava, uma carta de alguém que pertencia ao círculo onde morava seu coração, escrita com carinho e com certa elegância, era muito bem-vinda. O habitual argumento de compromissos mais numerosos foi apresentado como desculpa por não ter escrito antes, “e agora que comecei”, continuava:

não valerá a pena você ler minha carta, pois não vai terminar com uma pequena declaração de amor, nem incluir três ou quatro linhas apaixonadas do mais devotado H. C. do mundo, pois Henry está em Norfolk; os negócios o levaram a Everingham dez dias atrás, ou talvez ele tenha usado isso como pretexto, só para viajar na mesma época que você. Mas lá está ele, e sua ausência pode bem explicar a demora da irmã em escrever, pois não tem havido o incentivo do “e então, Mary, quando vai escrever para Fanny? Já não está na hora de escrever para Fanny?”. Finalmente, depois de várias tentativas, consegui ver suas primas, a querida Julia e a queridíssima sra. Rushworth; elas me visitaram, ontem, e ficamos contentes com o reencontro. Parecíamos muito contentes, e creio que realmente ficamos um pouco contentes. Tínhamos muito que conversar. Devo lhe contar como a sra. Rushworth reagiu, ao ouvir seu nome? Nunca pensei que lhe faltasse autocontrole, mas ontem ela mostrou que não o tem em grau suficiente. De modo geral, Julia foi das duas a que melhor resistiu,

depois que mencionei você. A sra. Rushworth não recuperou a cor a partir do momento em que falei de “Fanny”, e falei como uma irmã deve falar. Mas logo ela há de brilhar em toda a sua beleza; convidou-nos para sua primeira recepção, dia 28. Então há de estar linda, pois abrirá uma das melhores casas da Wimpole Street. Estive lá, dois anos atrás, quando era de Lady Lascelles, e é minha favorita, dentre todas que conheço em Londres; e com certeza ela vai ver — para usar uma expressão vulgar — que valeu a pena o esforço. Henry não poderia lhe dar uma casa como aquela. Espero que ela se lembre disso e, na medida do possível, se contente com seu papel de rainha do palácio, ainda que o rei fique melhor no segundo plano; e, como não quero aborrecê-la, nunca mais vou obrigá-la a ouvir seu nome. Aos poucos, ela vai se tornar uma pessoa sensata. Segundo o que dizem e o que suponho, o barão Wildenhaim continua cortejando Julia, mas não sei se ela o encoraja. Ela devia ser mais exigente. Um simples honorável não é um bom partido, e não creio que exista alguma afeição nesse caso, pois, tirando o verbo empolado, não sobra nada. Que diferença faz uma simples vogal! Se a verba do pobre barão fosse igual a seu verbo! Seu primo Edmund tem demorado a aparecer; deve estar ocupadíssimo com a paróquia. Deve haver alguma velha para converter em Thornton Lacey. Eu me recuso a imaginar que esteja me deixando de lado por uma moça. Adeus, minha querida e doce Fanny; esta é uma longa carta de Londres; escreva-me uma bem bonita para alegrar os olhos de Henry, quando ele voltar; e conte-me tudo sobre os garbosos e jovens capitães que você anda desprezando por causa dele.

A carta forneceu-lhe muito material para meditação, sobretudo para uma desagradável meditação; e, apesar de toda a inquietude que causou, colocou-a em contato com os ausentes, falou-lhe de pessoas e coisas que nunca lhe despertaram tanta curiosidade como agora; e ela gostaria muito de receber uma carta assim toda semana. Só a correspondência com a tia Bertram lhe suscitava maior interesse.

Quanto a novas amizades capazes de compensar as deficiências do lar paterno, não via no círculo de relações dos pais ninguém que pudesse proporcionar-lhe a mínima satisfação, ninguém que a motivasse a superar a própria timidez. Os homens de Portsmouth lhe

pareciam grosseiros; as mulheres, petulantes; e todos, vulgares; e a apresentação a velhos e novos conhecidos era motivo de pouco prazer para ambas as partes. As moças que a princípio se aproximavam com certo respeito, por causa de sua ligação com a família de um baronete, logo se ofendiam com o que chamavam de “ares”, pois, ao constatar que ela não tocava piano nem usava belas peliças, recusavam-lhe todo direito à superioridade.

A primeira coisa que realmente a consolou dos inconvenientes do lar, o primeiro conforto que sua sensatez pôde aprovar sem reservas e que lhe deu alguma perspectiva de continuidade, foi conhecer melhor Susan e acalantar a esperança de ser útil à irmã. Susan era sempre gentil com ela, mas demonstrava uma determinação que de início a surpreendera e assustara; e só depois de uns quinze dias Fanny começou a entender uma índole tão diferente da sua. Susan percebia os erros da família e queria corrigi-los. Que uma mocinha de catorze anos, guiada apenas pelos próprios critérios, sem ajuda de ninguém, adotasse um método errado para empreender sua reforma nada tinha de espantoso; e Fanny logo tendia mais a admirar o discernimento natural de uma pessoa tão jovem que conseguia ver com tanta clareza que a criticar com rigor as falhas de conduta decorrentes dessa qualidade. Susan agia com base nas mesmas verdades que Fanny reconhecia como tais e buscava a mesma ordem que ela desejava e que seu temperamento mais passivo e submisso não lhe permitia defender. Susan procurava ser útil em circunstâncias das quais *ela* própria se afastaria aos prantos; e Susan era útil; sem sua intervenção, o que já era ruim seria pior e a mãe e Betsey certamente se entregariam a vergonhosos excessos de comodismo e vulgaridade.

Em toda discussão com a mãe, Susan levava vantagem no tocante à razão, e não havia carinho que a subornasse. *Nunca* sentira o amor cego que causava tantos males a seu redor. Não existia gratidão por afeto passado ou presente que a fizesse suportar melhor os excessos sentimentais dos outros.

Pouco a pouco, tudo isso se tornou evidente, e, pouco a pouco, Susan se tornou para Fanny objeto de compaixão e respeito. Seus modos eram impróprios — às vezes, muito impróprios —, suas decisões geralmente eram desavisadas e descabidas, sua aparência e

seu linguajar eram quase sempre indefensáveis; e, não obstante, Fanny começava a ter esperança de corrigir tudo isso. Susan a respeitava e queria causar-lhe boa impressão; e, embora exercer autoridade fosse algo novo para Fanny, imaginar-se capaz de orientar ou ensinar alguém constituísse novidade, ela resolveu dar algumas sugestões à irmã e esforçar-se para inculcar-lhe noções de um comportamento mais adequado e de um procedimento mais sensato — noções que sua educação privilegiada inculcara em sua mente.

Sua influência, ou pelo menos a consciência e o uso dessa influência, teve origem num gesto de bondade para com Susan que, depois de muitas hesitações devidas a sua delicadeza, Fanny por fim executou. Ocorrera-lhe que uma pequena quantia de dinheiro talvez pudesse restabelecer a paz para sempre no que se referia ao canivete de prata, objeto de constante discussão, e a fortuna que tinha em seu poder, tendo ganhado dez libras do tio ao partir, permitia-lhe ser tão generosa quanto desejava. Contudo, estava tão pouco habituada a dar presentes, exceto aos paupérrimos, era tão inexperiente no tocante a eliminar males ou obsequiar seus iguais e temia tanto que a julgassem pretensiosa a ponto de querer posar de grande dama perante a família que demorou algum tempo para convencer-se de que não seria nenhum despropósito oferecer esse mimo. Então, comprou um canivete de prata para Betsey, que o aceitou com imenso prazer, pois o fato de ser novo o tornava muito melhor que o outro sob todos os aspectos, e declarou que, tendo agora um canivete muito mais bonito, nunca mais haveria de querer *aquela*; Susan por fim tomou plena posse do canivete velho; e a mãe também ficou contente por não ter mais de ouvir reclamações — o que Fanny achava quase impossível. O gesto surtiu efeito; eliminou uma fonte de desavença e proporcionou-lhe o meio de chegar ao coração de Susan e oferecer a ela mais alguma coisa para amar, mais um foco de interesse. Susan demonstrou que tinha delicadeza de sentimentos; embora estivesse contente de ser proprietária exclusiva do objeto pelo qual havia lutado durante pelo menos dois anos, ainda temia que a irmã se colocasse contra ela e a repreendesse por ter brigado tanto que tornou a aquisição necessária para a tranquilidade da casa.

Sincera por natureza, Susan reconheceu seus temores e criticou a si mesma pelo ardor com que lutara; entendendo o valor de seu caráter, percebendo sua disposição para consultá-la e acatar o que ela lhe dizia, a partir desse momento Fanny começou a sentir novamente os benefícios do afeto e a alimentar a esperança de ser útil a quem precisava tanto de ajuda e merecia tanto ser ajudada. E dava-lhe conselhos tão sensatos que, em sã consciência, ela não podia recusá-los; aconselhava-a com brandura e bondade, para não irritar uma índole imatura; e muitas vezes teve a felicidade de constatar os bons efeitos desses conselhos; mais não podia esperar quem considerava a submissão e a paciência virtudes obrigatórias e convenientes, porém, ao mesmo tempo, via com simpatia e compreensão tudo que devia ser constante motivo de desgosto para uma mocinha como Susan. O que mais a surpreendeu não foi o fato de certas provocações levarem Susan a ser desrespeitosa e impaciente, apesar de seu discernimento, mas que ela tivesse tanto discernimento e tão boas ideias; e que, criada no erro e na negligência, sem um primo Edmund para guiar-lhe os pensamentos ou estabelecer seus princípios, tivesse chegado a uma visão tão correta de como as coisas deveriam ser.

A intimidade que assim teve início entre elas foi vantajosa para ambas. Refugiadas no andar de cima, evitavam grande parte do tumulto reinante na casa; Fanny tinha sossego, e Susan aprendia a pensar que ocupar-se tranquilamente de algo não era nenhum infortúnio. Não tinham lareira, mas Fanny estava acostumada com *essa* privação e a suportava melhor porque lhe lembrava da sala leste. Era a única semelhança. Em termos de espaço, claridade, mobiliário e vista, os dois aposentos nada tinham em comum; e muitas vezes ela suspirava, com saudade de seus livros, suas caixas, seu conforto. Pouco a pouco, as duas irmãs acabaram passando a maior parte da manhã lá em cima, costurando e conversando; porém, depois de alguns dias, a saudade dos livros se tornou tão intensa e instigante que Fanny resolveu providenciar alguns. Na casa do pai não havia um livro sequer; mas a riqueza é dada ao luxo e à ousadia, e ela investiu parte da sua numa biblioteca circulante.¹ Inscreveu-se, admirada de fazer alguma coisa por si mesma, admirada desse ato em todos os sentidos; poder alugar e escolher livros! E com suas escolhas poder

contribuir para o aprimoramento de outra pessoa! Mas assim era. Susan não lia nada, e Fanny queria partilhar com ela seus primeiros prazeres e inculcar-lhe o gosto por biografia e poesia, gêneros que tanto apreciava.

Com essa ocupação, ademais, esperava enterrar algumas recordações de Mansfield que ameaçavam tomar conta de sua mente, se apenas seus dedos se mantinham ativos; e, sobretudo nesse momento, esperava com isso não pensar em Edmund, que, segundo a última carta da tia, estava em Londres. Não tinha dúvida do que aconteceria a seguir. A prometida notificação pendia-lhe sobre a cabeça. A presença do carteiro na vizinhança começava a ser motivo diário de terror — e, se a leitura conseguia afastar essa ideia ao menos por meia hora, já era um ganho.

X

Fazia uma semana que Edmund devia estar em Londres e ainda não mandara notícias. Desse silêncio a prima tirava três conclusões e hesitava entre as três, pois cada uma por seu turno lhe parecia a mais provável: ou a partida para a capital fora adiada mais uma vez, ou ele ainda não tivera a oportunidade de conversar a sós com a srta. Crawford, ou estava feliz demais para escrever!

Certa manhã, quase um mês depois que deixara Mansfield — ela não parava de pensar nisso e contava todos os dias —, Fanny se dirigia à escada com Susan para refugiarem-se no andar de cima, como de hábito, quando uma batida na porta as deteve; ambas sabiam que não poderiam escapar do visitante, pois Rebecca sempre corria a abrir a porta, tarefa que lhe interessava mais que todas.

A voz de um cavalheiro fez Fanny empalidecer; e um segundo depois o sr. Crawford entrou na sala.

O bom senso sempre responde, quando requisitado; e foi graças a seu bom senso que ela conseguiu apresentar o recém-chegado à mãe, lembrar o nome dele e explicar que se tratava de um “amigo de William”, embora pouco antes se julgasse incapaz de pronunciar uma única sílaba em tais circunstâncias. Serviu-lhe de alento saber que, ao menos por ora, ali só o conheciam como amigo de William. No entanto, terminada a apresentação, estando todos sentados, o pavor do que poderia resultar dessa visita dominou-a de tal modo que ela por pouco não desmaiou.

Enquanto ela lutava para manter-se consciente, o sr. Crawford, animado como sempre, aproximou-se, porém amavelmente desviou o olhar, dando-lhe tempo para recobrar-se, e passou a dedicar-se por inteiro à sra. Price, conversando com ela, ouvindo-a com toda a atenção, tratando-a com extrema gentileza e também com certo grau

de amizade — de interesse, pelo menos —, o que tornava suas maneiras perfeitas.

As maneiras da sra. Price também estavam em sua melhor forma. Contente com a presença de um amigo do filho e desejosa de causar-lhe boa impressão, ela transbordava de gratidão, de sincera gratidão materna, o que não podia ser desagradável. Informou que o sr. Price não estava em casa e lamentou muito sua ausência. Fanny acabava de recobrar-se o suficiente para pensar que *ela mesma* não lamentava; pois às muitas outras fontes de constrangimento acrescentava-se a vergonha do lugar onde morava. Bem que se repreendia por essa fraqueza, mas nem por isso conseguia evitá-la. Tinha vergonha, e o pai a envergonharia ainda mais que todo o resto.

Falaram de William, tema do qual a sra. Price nunca se cansava; e o sr. Crawford elogiou o rapaz com todo o entusiasmo que um coração de mãe poderia desejar. Ela concluiu que nunca na vida havia conhecido um homem tão amável; e ficou perplexa ao descobrir que esse cavalheiro tão importante e amável estava em Portsmouth não para visitar o almirante do porto ou o comissário, nem com a intenção de ir até a ilha ou conhecer o estaleiro.¹ Nada do que se habituara a ver como prova de importância ou forma de aplicar riqueza o levava a Portsmouth. Ele chegara na véspera, a altas horas, pretendia ficar um dia ou dois, estava hospedado no Crown, encontrara casualmente um ou outro oficial conhecido, porém não viajara com tal finalidade.

Quando terminou de fornecer todas essas informações, considerou razoável olhar para Fanny e dirigir-lhe a palavra; e ela conseguiu suportar seu olhar e ouvi-lo contar que, na noite anterior a sua partida, passara meia hora com a irmã, em Londres; que Mary lhe enviava lembranças com todo o carinho, mas não tivera tempo de escrever; que ele se dava por feliz com essa meia hora, pois, entre chegar de Norfolk e tomar novamente a estrada, ficara em Londres apenas vinte e quatro horas; que o primo Edmund se encontrava na capital, onde, pelo que lhe disseram, permaneceria alguns dias; Henry não o viu, mas soube que estava bem e deixara todos bem em Mansfield.

Fanny se manteve imperturbável até mesmo à menção dessa última circunstância; na verdade, foi um alívio para sua mente exausta ter

alguma certeza; e as palavras “então, a esta altura, deve estar tudo resolvido” passaram-lhe pela cabeça, porém a única evidência de sua emoção foi um leve rubor.

Depois de falar mais um pouco sobre Mansfield, assunto pelo qual Fanny demonstrava o maior interesse, Crawford começou a insinuar que seria ótimo dar um passeio. “A manhã estava linda, e, como naquela época do ano as belas manhãs geralmente não duravam muito, era melhor não adiar o exercício”; e, percebendo que tais insinuações não surtiavam efeito, recomendou à sra. Price e às filhas que saíssem sem mais delongas. Então chegaram a um acordo. A sra. Price praticamente não punha o pé na rua, a não ser aos domingos; com uma família tão grande, eram raras suas oportunidades de passear. “Então, será que não poderia convencer as filhas a aproveitarem o bom tempo e lhe concederem o prazer de acompanhá-las?” A sra. Price aquiesceu, imensamente agradecida. “As filhas viviam confinadas em casa. Portsmouth era um lugar horrível. Elas quase não saíam. E, como queriam fazer umas comprinhas na cidade, ficariam contentes de fazê-las na companhia do sr. Crawford.” E o resultado, por mais estranho que fosse — estranho, embaraçoso e aflitivo —, foi que, dez minutos depois, Fanny se viu caminhando na direção da rua principal juntamente com Susan e o sr. Crawford.

E logo foi um desgosto atrás do outro, um constrangimento atrás do outro; pois, mal chegaram à rua principal, depararam com o sr. Price, que não estava com melhor aparência por ser sábado. Ele se deteve; e, apesar de seu aspecto nada distinto, Fanny foi obrigada a apresentá-lo ao sr. Crawford. Não teve dúvida da impressão que lhe causou. O sr. Crawford devia estar envergonhado e aborrecido. Logo desistiria dela, perderia todo o interesse em esposá-la; e, conquanto ela quisesse muito curá-lo desse afeto, esse tipo de cura parecia-lhe tão ruim quanto a doença; e acredito que não haverá uma única jovem em todo o Reino Unido que não prefira suportar o infortúnio de ser cortejada por um homem inteligente e simpático a vê-lo afugentado pela vulgaridade de seus parentes mais próximos.

O sr. Crawford dificilmente tomaria o futuro sogro como um modelo de elegância; porém (como Fanny de imediato percebeu, para seu grande alívio), na presença desse estranho digno do maior respeito, o

sr. Price adotou uma conduta muito diferente da que tinha em casa, no seio da família. Suas maneiras, embora não fossem refinadas, agora eram mais que passáveis; eram agradáveis, animadas, viris; suas expressões eram as de um pai afetuoso, de um homem sensato; seu vozeirão soava bem na via pública; e ele não praguejou nem uma vez. Esse foi seu instintivo cumprimento às boas maneiras do sr. Crawford; e, quaisquer que fossem as consequências, uma calma infinita se instalou no coração de Fanny.

A troca de cortesias entre os dois cavalheiros culminou na oferta do sr. Price para levar o sr. Crawford ao estaleiro; desejoso de aceitar como um favor o que lhe era oferecido como tal, embora já tivesse visto o estaleiro várias vezes em outras ocasiões, e esperançoso de desfrutar por mais tempo a companhia de Fanny, o sr. Crawford agradeceu muitíssimo a oferta e se dispôs a aproveitá-la, desde que as jovens Price não temessem o cansaço; e, como de um modo ou de outro ficou claro que elas absolutamente não tinham esse temor, decidiu-se que todos iriam ao estaleiro; e, se não fosse pelo sr. Crawford, o sr. Price rumaria direto para lá, sem a menor consideração pelo que as filhas pretendiam fazer na rua principal. Contudo, graças à intervenção do rapaz, elas puderam visitar as lojas que tinham em mente, objetivo de sua ida à cidade; e não demoraram muito, pois Fanny detestava tanto suscitar impaciência ou fazer-se esperar que, antes que os dois homens, parados na porta, comessem a conversar sobre os últimos regulamentos navais ou sobre o número dos navios de três pontes em atividade, as duas moças estavam prontas para seguir caminho.

Assim, tocaram sem mais delongas para o estaleiro, e o passeio teria sido conduzido de modo singular (na opinião do sr. Crawford), se dependesse do sr. Price, a quem não parecia importar que as filhas ficassem para trás, esforçando-se para alcançá-los, enquanto eles mesmos avançavam a passos largos. O sr. Crawford conseguiu implantar algumas melhorias, embora bem menos do que desejava; não se afastava delas e as ajudava sempre que precisavam atravessar uma rua ou uma multidão, enquanto o sr. Price simplesmente gritava: “Venham, meninas... venha, Fan... venha, Sue... tomem cuidado... prestem atenção”.

Uma vez no estaleiro, o sr. Crawford vislumbrou uma boa possibilidade de conversar a sós com Fanny, pois logo se juntou ao grupo um colega do sr. Price, que estava ali para verificar o andamento das coisas e se revelou uma companhia muito mais agradável que ele; logo os dois oficiais pareciam muito satisfeitos em caminhar lado a lado, discorrendo sobre assuntos de comum e inesgotável interesse, enquanto os jovens descansavam por alguns instantes numa pilha de madeira ou numa embarcação que iam ver de perto nos picadeiros.² Fanny precisava muito de descanso. E Crawford exultava com isso; queria mesmo que estivesse cansada e ansiosa para sentar-se; mas também gostaria que Susan se afastasse. Uma menina daquela idade, esperta como ela só, era a pior companhia do mundo — completamente diferente de Lady Bertram —, toda olhos e ouvidos; e, em sua presença, não havia como tocar no assunto principal. Assim, ele teve de contentar-se com ser amável para com ambas, dar atenção a Susan e, de quando em quando, dirigir um olhar ou uma palavra a Fanny, mais apta a interpretá-los. Falou sobretudo de Norfolk, onde havia passado um tempo e onde tudo adquiria maior importância em função de seus atuais projetos. Era o tipo de homem que trazia algo divertido de qualquer lugar que visitasse, de qualquer círculo social que frequentasse, e agora, fazendo bom uso de todo esse material, proporcionava a Susan um entretenimento que constituía absoluta novidade para ela. Mas incluiu em seus relatos algo além da eventual amenidade das reuniões que descrevia. Buscando a aprovação de Fanny, explicou o motivo que o levava a Norfolk nessa inusitada época do ano. Fora tratar de negócios, da renovação de um arrendamento do qual dependia o bem-estar de uma família numerosa e (acreditava) trabalhadeira. Desconfiado de que seu administrador estivesse envolvido em falcaturas e intentasse colocá-lo contra gente honesta, resolvera ir investigar o caso. Acabara fazendo mais bem do que esperava, ajudando mais pessoas do que imaginava e agora podia congratular-se por isso com a certeza de que, ao cumprir um dever, garantira para si mesmo gratas recordações. Apresentara-se a alguns arrendatários que nunca tinha visto na vida e visitara algumas casas cuja existência ignorava até então, embora estivessem em suas próprias terras. Esse

relato tinha em mira Fanny e acertou o alvo. Era um prazer ouvi-lo falar com tanta pertinência; nesse caso, ele agira como devia. Ser amigo dos pobres e oprimidos! Nada poderia agradá-la mais, e ela estava prestes a brindá-lo com um olhar de aprovação, porém recuou, assustada, quando ele acrescentou que esperava em breve ter a seu lado uma pessoa amiga que o ajudasse em todos os projetos utilitários ou caritativos concebidos para Everingham, alguém que fizesse de Everingham e de tudo que se relacionava com a propriedade um objeto mais querido do que sempre fora.

Fanny se afastou, desejando que ele não dissesse esse tipo de coisa. Queria admitir que ele tinha mais qualidades do que supunha até então. Começava a vislumbrar a possibilidade de Crawford acabar se tornando um homem de bem; mas gostaria que parasse de pensar nela, pois considerava insuperável a incompatibilidade existente entre ambos.

Tendo falado o suficiente sobre Everingham, ele achou de bom alvitre mudar de assunto e escolheu Mansfield. Não poderia ter feito melhor escolha, pois com isso imediatamente atraiu a atenção e o olhar de Fanny. Para ela era um prazer falar ou ouvir falar de Mansfield. Depois de tanto tempo longe de todos que conheciam o lugar, pareceu-lhe escutar a voz de um amigo quando ele mencionou a mansão, suscitando-lhe exclamações de carinho e louvores às belezas e ao conforto de Mansfield, e prestou honroso tributo a seus moradores, alegrando-lhe o coração e levando-a a tecer calorosos elogios ao tio, o homem mais inteligente e bondoso do mundo, e à tia, a mais doce das doces criaturas.

Crawford declarou que também gostava muito de Mansfield e esperava ter em breve a oportunidade de passar grande parte da vida na mansão ou nos arredores. Ali pretendia desfrutar, ainda naquele ano, um feliz verão e um delicioso outono; tinha certeza disso; contava com isso; um verão e um outono infinitamente melhores que os anteriores. Tão cheios de animação, de novidades e de reuniões sociais quanto os outros, porém em circunstâncias de indescritível superioridade.

“Mansfield, Sotherton, Thornton Lacey”, ele prosseguiu. “Que grupo se formará com essas casas! E, no dia de São Miguel, talvez se

acrescente uma quarta, um pequeno pavilhão de caça nas proximidades desses lugares tão queridos, pois, quanto a qualquer parceria em Thornton Lacey, como Edmund Bertram sugeriu uma vez, vejo duas objeções, duas justas, excelentes, irresistíveis objeções.”

Fanny se manteve em silêncio por dois motivos; mas depois lamentaria não ter se esforçado para mostrar que entendera a metade da insinuação e não o ter incentivado a falar mais da irmã e de Edmund. Precisava aprender a lidar com esse assunto, e a fraqueza que a impediu de fazê-lo logo seria imperdoável.

Quando o sr. Price e seu amigo acabaram de ver tudo que queriam ou tiveram tempo de ver, os outros estavam prontos para tomar o caminho de volta; e foi então que o sr. Crawford conseguiu um minuto a sós com Fanny para revelar-lhe que se deslocara até Portsmouth unicamente para vê-la, pretendia passar um dia ou dois na cidade só por causa dela e não suportava mais a separação. Fanny sentia muito, muito mesmo; e, no entanto, apesar disso e das duas ou três coisas que preferia que ele não tivesse dito, achava que o sr. Crawford havia melhorado desde a última vez que o vira: estava muito mais gentil, solícito e preocupado com os sentimentos alheios do que já estivera em Mansfield; estava agradável, ou *perto* de ser agradável; fora corretíssimo com seu pai e particularmente amável e atencioso com Susan. Decididamente, melhorara. Fanny gostaria que o dia seguinte já tivesse terminado, que ele ficasse ali um dia apenas, mas não era tão ruim como imaginara; seu prazer em falar de Mansfield era imenso!

Antes de se despedirem, ela teve de agradecer-lhe mais um prazer, nada trivial. O sr. Price o convidou a comer carneiro em sua casa, e Fanny teve apenas um arrepio de horror, antes de ouvi-lo explicar que já tinha outro compromisso. Ele prometera jantar naquele dia e no seguinte com uns conhecidos que encontrara no Crown; mas teria a honra de visitá-los novamente pela manhã etc.; e assim se despediram. Fanny ficou feliz da vida por haver escapado de tamanha calamidade!

O sr. Crawford participando da refeição doméstica, vendo todas as deficiências da família seria horrível! A culinária de Rebecca, o serviço de Rebecca, os maus modos de Betsey, que devorava tudo que queria, eram coisas com as quais a própria Fanny ainda não se acostumara o

bastante para comer com razoável tranquilidade. *Ela* era delicada por natureza, mas *ele* se formara na escola do luxo e do epicurismo.

XI

No dia seguinte, os Price estavam saindo para ir à igreja quando depararam com o sr. Crawford. Ele não pretendia visitá-los, mas acompanhá-los; e recebeu exatamente o convite que desejava: assistir ao culto, com a família, na capela da guarnição.¹ E para lá rumaram todos juntos.

Agora os Price estavam bem mais apresentáveis. A natureza os brindara com um generoso quinhão de beleza, e, aos domingos, eles sempre se esmeravam na higiene pessoal e na indumentária. Era um consolo que os domingos sempre proporcionavam a Fanny e que, nesse domingo específico, foi maior que nunca. Agora sua pobre mãe já não parecia tão indigna de ser irmã de Lady Bertram como de hábito. Fanny se angustiava ao pensar no contraste entre as duas; ao pensar que, onde a natureza fizera tão pouca diferença, as circunstâncias tiveram um peso tão grande; ao pensar que sua mãe, tão bonita quanto Lady Bertram e alguns anos mais jovem, parecia muito mais velha, era tão murcha, tão triste, tão desleixada, tão maltrapilha. Aos domingos, porém, quando deixava para trás as preocupações da semana e saía com sua bela prole, ela se tornava uma louvável e até alegre sra. Price e só perdia a compostura se via os meninos correrem algum risco ou Rebecca passar com uma flor no chapéu.

Na capela, foram obrigados a separar-se, porém o sr. Crawford tomou todo o cuidado para não se afastar da ala feminina; e depois do culto permaneceu junto das mulheres e participou do passeio da família pelas muralhas.²

Todo domingo, se o tempo estava bom, a sra. Price ia para as muralhas logo após o ofício matinal e lá permanecia até a hora do almoço. Era seu logradouro público, onde encontrava os conhecidos, ficava sabendo das novidades, conversava sobre a incompetência da

criadagem em Portsmouth e recuperava energia para enfrentar os seis dias restantes da semana.

Para lá tocaram; o sr. Crawford estava felicíssimo em seu papel de acompanhante das jovens Price; e não demorou muito tempo para, de um modo ou de outro, não há como saber, colocar-se entre as duas e caminhar de braço dado com ambas; Fanny não conseguia acreditar, nem teve como escapar. Sentiu-se desconfortável por alguns instantes, mas logo estava desfrutando os prazeres que o dia e a paisagem lhe ofereciam.

O dia estava maravilhoso. Era março, porém mais parecia abril, com a temperatura agradável, a brisa suave, o sol intenso, às vezes encoberto por uma nuvem passageira; e sob a influência desse céu tudo era belíssimo: as sombras que se perseguiam mutuamente sobre os navios ancorados em Spithead e na ilha mais além, os tons cambiantes do mar, que, agora em maré alta, dançava de alegria e quebrava contra as muralhas com um murmulho tão bonito, formavam um conjunto tão deslumbrante que pouco a pouco Fanny chegou quase a esquecer as circunstâncias em que apreciava tudo isso. Ademais, se não tivesse o braço do sr. Crawford para apoiá-la, logo descobriria que precisava dele, pois ao cabo de uma semana de inatividade não tinha forças para duas horas de caminhada. Em Portsmouth, suspendera seus exercícios habituais, em detrimento de sua saúde, e agora, se não fosse pelo sr. Crawford e pelo tempo magnífico, estaria exausta.

Ele também admirava a beleza do dia e da paisagem. Com frequência ambos se detinham e se apoiavam na muralha para contemplar o panorama, unidos pelo mesmo sentimento e pelo mesmo gosto; e Fanny teve de reconhecer que, embora não fosse Edmund, o sr. Crawford era sensível aos encantos da natureza e sabia expressar muito bem sua admiração. Cá e lá, ela se entregava a gratas recordações; ele se aproveitava desses momentos de abandono para fitá-la longamente e assim constatou que seu rosto, conquanto adorável como sempre, estava menos viçoso que de hábito. Fanny disse que estava muito bem e não queria que pensassem o contrário; mas, tudo somado, ele concluiu que sua atual residência não lhe oferecia o devido conforto, carecendo, portanto, de condições

favoráveis a sua saúde, e desejou ardentemente que ela voltasse logo a Mansfield, onde seria muito mais feliz e lhe proporcionaria a imensa felicidade de poder vê-la.

“Já faz um mês que a senhorita está aqui, não?”, ele perguntou.

“Ainda não. Amanhã faz quatro semanas que saí de Mansfield.”

“Essa contagem é muito rigorosa. Eu diria que faz um mês.”

“Eu cheguei aqui na terça-feira à noite.”

“E vai ficar dois meses, não?”

“Sim. Meu tio falou em dois meses. Suponho que não há de ser menos.”

“E como vai voltar? Quem virá buscá-la?”

“Não sei. Minha tia ainda não disse nada sobre isso. Pode ser que eu fique mais tempo. Talvez seja inconveniente virem me buscar assim que se completarem dois meses.”

O sr. Crawford refletiu por um instante e replicou: “Eu conheço Mansfield, conheço os costumes da casa, sei das injustiças cometidas contra *a senhorita*. Sei que são bem capazes de esquecê-la a ponto de sacrificar seu conforto à comodidade imaginária de um único integrante da família. São bem capazes de deixá-la aqui semanas a fio, se Sir Thomas não conseguir tomar as providências necessárias para vir buscá-la pessoalmente ou mandar a empregada de sua tia vir buscá-la sem que isso acarrete a mínima alteração nos planos estabelecidos para o próximo trimestre. Não pode ser assim. Dois meses é muito tempo. Acho que seis semanas seriam suficientes. Estou pensando na saúde de sua irmã”, disse para Susan; “não é bom para ela ficar confinada em Portsmouth. Ela precisa de ar puro, de exercícios constantes. Quando a conhecer tão bem quanto eu, tenho certeza de que vai concordar comigo que nunca se deveria privá-la do ar puro e da liberdade do campo. Portanto (dirigindo-se novamente a Fanny), se a senhorita se sentir pior, fraca ou indisposta, se perceber que estão colocando empecilhos a seu retorno, não espere completarem-se os dois meses, pois *isso* não tem a menor importância, para informar minha irmã, ainda que seja com uma leve insinuação; nós dois viremos buscá-la imediatamente para levá-la a Mansfield. A senhorita sabe que faríamos isso sem dificuldade e com prazer. Sabe o que sentiríamos em tais circunstâncias.”

Fanny agradeceu-lhe, mas tentou levar a oferta na brincadeira.

“Estou falando sério”, ele rebateu. “A senhorita sabe muito bem disso. E espero que não esteja me escondendo nenhuma indisposição. Na verdade, não vai esconder, não poderá esconder, e, enquanto afirmar ‘estou bem’ em toda carta que enviar a Mary, vamos acreditar que está bem, pois sabemos que é incapaz de mentir.”

Fanny agradeceu-lhe novamente, mas estava tão comovida e angustiada que não conseguiu falar muito e tampouco atinava com o que deveria falar. Isso ocorreu já no final do passeio. O sr. Crawford acompanhou-as até a porta da casa, onde se despediu, pois, ciente de que iam almoçar, alegou que o esperavam em outro lugar.

“Eu gostaria que não estivesse tão cansada”, disse para Fanny, detendo-a por um instante, enquanto os outros entravam. “Gostaria de deixá-la em melhores condições de saúde. Há alguma coisa que eu possa fazer pela senhorita em Londres? Creio que logo irei a Norfolk. Não estou contente com Maddison. Tenho certeza de que ele ainda vai tentar me engabelar e colocar um primo num moinho que pretendo dar a outra pessoa. Preciso ir lá me entender com ele e dizer-lhe com todas as letras que não me deixarei enganar nem no sul nem no norte de Everingham, e mostrar-lhe que quem manda em minhas terras sou eu. Ainda não fui bastante claro com relação a isso. O dano que um homem desses pode causar a uma propriedade, tanto à reputação do patrão, quanto ao bem-estar dos pobres, é inconcebível. Estou com muita vontade de voltar logo a Norfolk e organizar tudo de tal modo que ninguém possa mais sair da linha. Maddison é inteligente; não quero demiti-lo... contanto que não tente me passar para trás... Mas seria burrice me deixar enganar por um indivíduo que não tem nenhum poder para isso... e pior que burrice aceitar como locatário o sujeito insensível e interesseiro que ele quer me impingir e romper o compromisso que assumi com um homem honesto. Não seria pior que burrice? Devo ir? É o que me aconselha?”

“Aconselhá-lo! O senhor sabe muito bem o que é certo.”

“Sim. Quando a senhorita me dá sua opinião, sempre sei o que é certo. Seu parecer determina o que é certo.”

“Ah, não! Não diga isso. Cada um de nós tem dentro de si um guia melhor do que qualquer pessoa poderia ser; basta escutá-lo. Adeus.

Desejo-lhe boa viagem amanhã.”

“Não há nada que eu possa fazer pela senhorita em Londres?”

“Nada, muito obrigada.”

“Não quer mandar nenhum recado?”

“Minhas recomendações a sua irmã, por favor; e, quando vir meu primo... meu primo Edmund, tenha a bondade de dizer que... espero receber notícias dele em breve.”

“Sem dúvida; e, se Edmund é preguiçoso ou negligente, eu mesmo vou escrever as desculpas dele...”

O sr. Crawford não pôde falar mais nada, pois não conseguiu reter Fanny por mais tempo. Apertou-lhe a mão, fitou-a e afastou-se. Teria de passar as três horas seguintes na companhia de um conhecido, até que a melhor comida que uma excelente estalagem podia oferecer estivesse pronta, para delícia de ambos; e ela entrou imediatamente para participar de um repasto mais simples.

Sua alimentação em geral era muito diferente; e, se ele soubesse das privações, além da privação de exercício, que ela sofria na casa do pai, acharia surpreendente que não estivesse ainda mais debilitada. Fanny tinha tanta dificuldade para engolir os pudins de Rebecca e os guisados de Rebecca, levados à mesa com pratos meio limpos e talheres sequer meio limpos, que com muita frequência se via obrigada a adiar sua principal refeição até a noite, quando podia mandar os irmãos comprarem biscoitos e bolinhos. Tendo sido educada em Mansfield, era tarde demais para endurecer em Portsmouth; e, embora Sir Thomas, se tivesse conhecimento de tudo isso, talvez acreditasse que a fome da mente e do corpo seria o melhor caminho para levar a sobrinha a uma apreciação mais justa da boa companhia e da boa fortuna do sr. Crawford, provavelmente hesitaria em prosseguir com a experiência, por medo de vê-la morrer em função do remédio.

Fanny passou o resto do dia entregue ao desalento. Embora tivesse quase certeza de que não voltaria a encontrar o sr. Crawford, não conseguia superar o desânimo. Era como se tivesse se despedido de um amigo; estava contente com sua partida, mas sentia-se abandonada por todos, como se tivesse se afastado de Mansfield mais uma vez; e, ao pensar que, em Londres, ele estaria frequentemente com Mary e Edmund, sentia algo muito próximo da inveja e se odiava por isso.

Nada do que ocorria a seu redor minorava tamanho esmorecimento; um ou dois amigos de seu pai passaram ali a longa e interminável noite, como sempre faziam quando não se reuniam em outro lugar; e das seis horas até as nove e meia o vozerio e a bebedeira foram praticamente ininterruptos. Ela estava prostrada. A maravilhosa melhora que ainda acreditava perceber no sr. Crawford era a única coisa capaz de confortá-la entre todos os seus pensamentos. Sem levar em conta a diferença do ambiente em que acabara de vê-lo, nem o que talvez se devesse ao contraste, tinha plena convicção de que ele agora estava surpreendentemente mais gentil e atencioso que antes. E, se era assim nas coisas pequenas, não haveria de ser também nas grandes? Tão preocupado com sua saúde e seu bem-estar, tão sensível como agora se mostrava e de fato parecia, não seria razoável supor que em breve desistiria de uma corte que tanto a angustiava e a deixaria em paz?

XII

Na manhã seguinte, como o sr. Crawford não foi visitá-los, os Price concluíram que estaria a caminho de Londres; e, dois dias depois, chegou a confirmação numa carta da srta. Crawford que, por outro motivo, Fanny abriu e leu com muita curiosidade:

Devo informá-la, caríssima, que Henry foi a Portsmouth para vê-la; que adorou passear com você pelo estaleiro, no último sábado, e não para de falar na caminhada que fizeram juntos pelas muralhas no dia seguinte, quando a brisa suave, o mar cintilante, seu rosto meigo e sua agradável conversação estavam na mais deliciosa harmonia e suscitavam sensações que até agora o extasiam. Esta é, se entendi bem, a essência do que me cabe informar-lhe. Ele me obriga a escrever, porém não sei o que mais devo dizer, além da citada visita a Portsmouth e dos citados passeios e da apresentação de Henry a sua família, sobretudo a sua bonita irmãzinha de quinze anos que os acompanhou no passeio pelas muralhas e, suponho, lá recebeu sua primeira lição de amor. Não tenho tempo para escrever muito, nem seria o caso, pois esta carta deve ser como as cartas comerciais: escrita para transmitir uma informação necessária, cujo adiamento poderia ser danoso. Minha querida, se você estivesse aqui, quanta coisa eu haveria de lhe contar! Você teria de me escutar até cansar e me aconselhar até cansar ainda mais; porém, como é impossível colocar no papel até mesmo a centésima parte de tudo que me passa pela cabeça, vou me abster totalmente e deixá-la imaginar o que lhe aprouver. Não tenho nenhuma novidade para lhe comunicar. Seria muita maldade de minha parte atormentá-la com toda uma relação das pessoas e das festas que preenchem meu tempo. Eu deveria ter lhe contado como foi a primeira recepção oferecida por sua prima, porém na época fiquei com preguiça e agora já se passou muito tempo; basta

informar que tudo correu como devia, para satisfação de todos os presentes, e que o traje e as maneiras da anfitriã foram dignos de elogio. Minha amiga sra. Fraser está louca por uma casa como aquela, e eu também não acharia nada mau ter uma assim. Vou passar uns dias com Lady Stornaway, depois da Páscoa. Parece que ela está muito animada, muito feliz. Imagino que Lord S. seja muito bem-humorado e simpático quando está com a família; já não o acho tão feio como achava; muitos são piores. Mas ele nem se compara com seu primo Edmund. O que hei de dizer sobre esse herói? Se eu não o mencionasse, levantaria suspeitas. Portanto, vou dizer que o vimos duas ou três vezes e que minhas amigas ficaram encantadas com tamanha distinção. A sra. Fraser (que não é leiga na matéria) declara que não conhece em Londres mais que três homens com tão boa aparência, tão boa estatura, tão bom porte; e devo confessar que, quando Edmund jantou aqui, dias atrás, não havia um só comparável a ele, e éramos dezesseis à mesa. Ainda bem que, hoje, não existe diferença de traje para revelar o que está por trás, mas... mas... mas.

Com todo o carinho.

Estava quase esquecendo (culpa de Edmund, que não me sai da cabeça) uma coisa muito importante que tenho para dizer de minha parte e da parte de Henry sobre sua volta a Northamptonshire. Minha cara criaturinha, não fique em Portsmouth até perder sua linda aparência. Essa abominável brisa marinha é a ruína da beleza e da saúde. Minha pobre tia sempre sofria com ela, quando se encontrava a menos de vinte quilômetros do mar; o almirante não acreditava, claro, mas eu sei que era assim. Estou a sua disposição e à disposição de Henry em qualquer momento. Gostei da ideia; podemos dar uma pequena volta para lhe mostrar Everingham no caminho e, se você não se importar, passar por Londres e visitar a St. George's, na Hanover Square. Mas então mantenha seu primo Edmund longe de mim, para eu não cair em tentação. Que carta comprida! Só mais uma coisa. Sei que Henry pretende ir a Norfolk para resolver um assunto que você aprova, mas isso tem de ser lá pelo final da próxima semana, pois não posso dispensá-lo até o dia 14, quando vamos dar uma festa. Você não imagina o valor de um homem como Henry numa ocasião dessas; portanto, acredite em mim: é inestimável. Ele vai ver os Rushworth, o

que não lamento, pois tenho uma leve curiosidade e creio que ele também tem, apesar de não querer admitir.

Era uma carta para ser devorada com os olhos, avidamente, e relida com atenção, pois fornecia material para muita reflexão e suscitava incerteza como nunca. Tudo que permitia concluir com segurança era que nada de decisivo tivera lugar. Edmund ainda não havia falado. O que a srta. Crawford realmente sentia, o que pretendia fazer ou o que acabaria fazendo, mesmo contra a vontade, se a importância que Edmund tinha para ela ainda era a que havia sido antes da última separação, se diminuía e continuaria diminuindo ou, ao contrário, voltaria a crescer eram temas para conjecturas intermináveis que se estenderiam por todo aquele dia e por muitos dias mais, sem levar a nenhuma conclusão. A ideia mais recorrente era que, embora se mostrasse fria e hesitante em função de seu retorno aos costumes londrinos, a srta. Crawford acabaria provando que ainda gostava demais dele para desistir de conquistá-lo. Tentaria ser mais ambiciosa do que o coração lhe permitiria. Hesitaria, insistiria, imporá condições, exigiria muito, porém no fim aceitaria. Esse era o desfecho que Fanny considerava mais provável. Uma casa na capital! *Impossível*. Mas não havia como saber o que a srta. Crawford poderia querer. As perspectivas para o primo pareciam-lhe cada vez piores. Uma mulher que podia falar dele e só falava de sua aparência! Que amor indigno! Buscar apoio nos elogios da sra. Fraser! Logo *ela*, que o conhecia havia seis meses! Que vergonha! Em comparação, os trechos da carta que se referiam apenas ao sr. Crawford e a Fanny tocaram-na ligeiramente. Se o sr. Crawford ia a Norfolk antes ou depois do dia 14 era algo que pouco lhe importava, embora lhe parecesse que *iria* logo. E o empenho da srta. Crawford em promover seu encontro com a sra. Rushworth era extremamente maldoso e descabido; mas Fanny esperava que *ele* não se deixasse levar por uma curiosidade tão degradante. Ele não admitiria esse tipo de motivação, e a irmã teria de reconhecer que seus sentimentos eram melhores que os dela.

Agora Fanny aguardava outra carta de Londres com mais impaciência que nunca; e, durante alguns dias, esteve tão preocupada com isso, com o que acontecera e o que poderia ocorrer, que

praticamente parou de ler e conversar com Susan. Não conseguia concentrar a atenção como desejava. Se o sr. Crawford se lembrasse de transmitir a mensagem que enviara a Edmund, era bastante provável, *muito* provável, que ele lhe escrevesse, de acordo com sua bondade habitual; e até abandonar essa ideia, visto que nos três ou quatro dias subsequentes não recebeu nenhuma carta, ela permaneceu num estado de extrema inquietação e imensa ansiedade.

Por fim encontrou algo parecido com serenidade. Conseguiu superar a impaciência, conseguiu impedir que a expectativa a exaurisse e a tornasse inútil. O tempo ajudou, seus esforços ajudaram ainda mais, e ela voltou a dar atenção a Susan com o carinho de sempre.

Susan se afeiçoava cada vez mais à irmã, e, embora a leitura não lhe proporcionasse o prazer que, desde cedo, era tão intenso em Fanny, embora as atividades sedentárias e a busca do saber pelo saber lhe interessassem muito menos, sua vontade de não *parecer* ignorante e sua viva inteligência faziam dela a mais atenta, aplicada e agradecida das alunas. Fanny era seu oráculo. As explicações e os comentários de Fanny constituíam um acréscimo importante a todo ensaio ou todo capítulo de história. O que Fanny dizia sobre épocas passadas se fixava mais em sua mente que as páginas de Goldsmith;¹ e Susan lhe prestava homenagem preferindo o estilo da irmã ao de qualquer autor publicado. Faltava-lhe o hábito precoce da leitura.

Mas suas conversas nem sempre giravam em torno de temas tão elevados como história ou princípios morais. Elas também abordavam assuntos menos grandiosos, dentre os quais o que ressurgia com maior frequência e as absorvia por mais tempo era Mansfield Park: a descrição dos moradores, das boas maneiras, dos divertimentos, dos costumes de Mansfield Park. Susan, com seu gosto inato por tudo que era fino e luxuoso, escutava avidamente; e Fanny se deliciava com a oportunidade de discorrer sobre um tema que lhe era tão caro. Esperava que disso não resultasse nenhum mal; porém, algum tempo depois, a imensa admiração de Susan por tudo que se dizia ou fazia na casa do tio e seu ardente desejo de ir a Northamptonshire pareciam quase repreendê-la por despertar anseios que não poderiam ser satisfeitos.

A pobre Susan não tinha muito mais condições de adaptar-se ao lar paterno que a irmã; e, quando entendeu isso, Fanny começou a pensar que, ao ver-se livre de Portsmouth, não seria inteiramente feliz deixando-a para trás. Uma menina tão capaz de aprimorar-se permanecer naquele ambiente era algo que a angustiava cada vez mais. Se tivesse uma casa para poder convidá-la seria uma bênção! E se fosse possível retribuir o amor do sr. Crawford, ele provavelmente não se oporia a sua ideia, o que haveria de aumentar sua felicidade. Era realmente um rapaz de boa índole e decerto aprovaria um projeto desse tipo com o maior prazer.

XIII

Já haviam transcorrido quase sete semanas quando a única carta, a carta de Edmund, a carta tão aguardada chegou às mãos de Fanny. Ao abri-la e ver como era extensa, ela se preparou para uma descrição minuciosa de felicidade, inúmeras expressões de amor e uma profusão de elogios à afortunada criatura que era agora a senhora do destino de seu primo. O conteúdo era este:

Mansfield Park

Querida Fanny,

Perdoe-me por não ter escrito antes. Crawford me disse que você queria receber notícias minhas, mas foi impossível lhe escrever em Londres, e pensei que você entenderia meu silêncio. Se eu pudesse lhe mandar umas poucas linhas cheias de alegria, não me omitiria, porém não era o caso. Voltei para Mansfield menos confiante do que quando parti. Minhas esperanças estão muito mais frágeis. Provavelmente você já sabe disso. A srta. Crawford gosta tanto de você que naturalmente deve ter lhe falado o bastante de seus sentimentos para lhe dar uma ideia razoável dos meus. Mas nem por isso deixarei de fazer meu relato. Nossas confidências a você não têm necessariamente de colidir. Não pergunto nada. Há algo de confortante na ideia de que temos a mesma amiga e, sejam quais forem nossas divergências de opinião, estamos unidos no amor por você. Será um consolo para mim contar-lhe como estão as coisas no momento e quais são meus planos, se é possível dizer que tenho planos. Voltei no sábado. Passei três semanas em Londres e a vi com muita frequência (em se tratando de Londres). Recebi dos Fraser toda a atenção que poderia esperar. Não foi razoável de minha parte pensar que nosso relacionamento seria igual ao que era em Mansfield. Mas o problema foi a maneira como ela agiu, não o número de vezes em que nos encontramos. Se ela não estivesse

diferente quando a vi, eu não reclamaria; porém, desde o primeiro contato, estava mudada; recebeu-me de modo tão diferente do que eu esperava que por pouco não decidi partir imediatamente — não há necessidade de entrar em detalhes. Você conhece o ponto fraco do caráter dela e pode imaginar os sentimentos e as expressões que me torturaram. Ela estava animadíssima, cercada de pessoas que apoiavam com o próprio desatino sua desmedida vivacidade. Não gosto da sra. Fraser. É uma mulher insensível, fútil, que se casou por mera conveniência e, embora evidentemente infeliz no casamento, atribui sua decepção não à falta de entendimento, à incompatibilidade de gênios ou à diferença de idade, mas ao fato de ser menos rica que muitas de suas conhecidas, sobretudo sua irmã, Lady Stornaway, e apoia com determinação todo projeto mercenário e ambicioso, desde que seja suficientemente mercenário e ambicioso. A amizade com essas criaturas é, em minha opinião, a maior desgraça da vida dela e da minha. Há anos que a levam para o mau caminho. Se ela se afastasse dessa dupla... às vezes ainda tenho esperança de que isso aconteça, pois me parece que o afeto é bem maior da parte das duas irmãs. Ambas gostam muito dela; mas estou certo de que ela não as estima tanto quanto estima você. Quando penso na grande afeição que lhe dedica e, de modo geral, em sua conduta judiciosa e correta como irmã, vejo-a como outra pessoa, capaz de tudo que é nobre, e me repreendo por ser tão severo com um caráter brincalhão. Não posso desistir, Fanny. Ela é a única mulher no mundo com quem eu pensaria em me casar. Se não acreditasse que ela sente alguma coisa por mim, eu não diria isso, é claro, mas acredito. Estou convencido de sua preferência por mim. Não tenho ciúme de ninguém. É da influência do mundo elegante como um todo que tenho ciúme. São os hábitos da riqueza que me dão medo. As ideias dela estão de acordo com sua fortuna, porém ultrapassam o que nossas rendas somadas poderiam permitir. Mas existe consolo até nisso. Seria mais suportável perdê-la por não ser rico bastante do que por causa de minha profissão. Isso apenas mostraria que o afeto dela não chega a ponto de aceitar sacrifícios, o que, realmente, não tenho o direito de pedir; e, se ela me recusar, creio que esse será o verdadeiro motivo. Acredito que os preconceitos dela não são tão fortes como já foram. Transcrevo meus

pensamentos à medida que vão surgindo, minha querida Fanny; às vezes, talvez sejam contraditórios, porém o retrato de minha mente não é menos fiel. Depois que comecei, tenho prazer em lhe contar tudo que sinto. Não posso desistir. Considerando o que já nos une e o que, espero, há de nos unir ainda mais, desistir de Mary Crawford significaria renunciar à companhia de algumas das criaturas que mais amo, afastar-me das casas e dos amigos aos quais, em qualquer outro infortúnio, eu recorreria em busca de consolo. Perder Mary implicaria perder Crawford e Fanny. Se a decisão estivesse tomada, se houvesse uma recusa concreta, creio que saberia suportá-la e me esforçaria para diminuir o poder que ela tem sobre meu coração... e ao longo de alguns anos... Mas estou dizendo tolice... se eu fosse recusado, teria de suportar; e, enquanto não o for, tentarei conquistá-la. Esta é a verdade. A única pergunta é: como? Qual seria a melhor maneira? Às vezes penso ir a Londres depois da Páscoa; às vezes resolvo não fazer nada até ela voltar a Mansfield. Mesmo agora, ela fala com prazer em voltar a Mansfield em junho; mas junho está muito longe, e creio que vou escrever a ela. Estou quase decidido a me explicar por carta. Chegar logo a uma certeza é o principal objetivo. O estado em que me encontro é exasperante. Tudo somado, acho que uma carta será a melhor forma de me explicar. Poderei escrever muita coisa que não consegui dizer pessoalmente e lhe darei tempo para refletir antes de responder e tenho menos medo do resultado da reflexão que de um impulso impensado; acho que sim. O maior perigo seria ela consultar a sra. Fraser enquanto estou longe, impossibilitado de defender minha própria causa. A carta envolve o risco da consulta, e, se o consulente é incapaz de tomar uma decisão acertada, o conselheiro pode levá-lo a fazer o que mais tarde talvez venha a lamentar. Tenho de pensar mais sobre isso. Esta longa carta, repleta de minhas preocupações, será suficiente para cansar até mesmo uma amiga como Fanny. A última vez que vi Crawford foi na recepção da sra. Fraser. Estou cada vez mais satisfeito com o que vejo e com o que escuto falar dele. Não há sombra de hesitação. Ele sabe muito bem o que quer e age de acordo com suas resoluções — uma qualidade inestimável. Quando o vi na mesma sala que minha irmã mais velha, não pude deixar de lembrar o que você me disse um dia e reconheço que não se encontraram como

amigos. Ela o tratou com muita frieza. Mal se falaram. Percebi que ele se afastou, surpreso, e lamentei que a sra. Rushworth ainda se ressentisse de uma suposta ofensa à srta. Bertram. Você há de querer saber minha opinião sobre o grau de felicidade que o casamento proporciona a Maria. Ela não me parece infeliz. Espero que ambos se deem bem. Jantei duas vezes na Wimpole Street e poderia visitá-los com maior frequência, se não fosse tão embaraçoso conviver com Rushworth como irmão. Ao que tudo indica, Julia está adorando Londres. Eu me diverti pouco por lá; mas me divirto menos por aqui. Não somos muito animados. Você nos faz muita falta. Sinto mais saudade do que consigo expressar. Minha mãe lhe envia as mais carinhosas lembranças e espera receber notícias suas em breve. Fala de você praticamente a toda hora, e me entristece pensar que ainda há de passar muitas semanas sem você. Meu pai pretende ir buscá-la, mas só depois da Páscoa, quando deve resolver uns assuntos em Londres. Espero que você esteja feliz em Portsmouth, mas essa visita não pode ser anual. Preciso de você aqui para me dizer o que acha de Thornton Lacey. Não me animo a fazer grandes melhorias, sem saber se existirá uma dona da casa. Creio que vou escrever. Os Grant resolveram ir para Bath; viajam na segunda-feira. Fico contente. Não estou em condições de ver ninguém; mas sua tia parece muito triste por ser minha pena, e não a dela, que lhe transmite essa informação sobre Mansfield. Sempre seu, queridíssima Fanny.

“Nunca mais... nunca mais, com certeza, vou querer receber cartas”, Fanny declarou para si mesma, ao concluir a leitura. “Só trazem decepção e tristeza. Só depois da Páscoa! Como hei de aguentar até lá? E a pobre titia, falando de mim a toda hora!”

Fanny reprimiu como pôde esses pensamentos, porém meio minuto depois já começava a achar que Sir Thomas estava sendo muito cruel com sua tia e com ela. Quanto ao assunto principal da carta, em nada contribuiu para diminuir sua irritação. Ao contrário, enfureceu-a de tal modo que por pouco não a fez detestar Edmund. “Nada de bom vai resultar dessa demora”, disse ela. “Por que não resolvem logo? Ele está cego, e nada vai lhe abrir os olhos, nada pode abrir-lhe os olhos, pois durante tanto tempo a verdade se mostrou com tanta clareza e de

nada adiantou. Vai casar com ela e ser infeliz. Deus queira que não deixe de ser respeitável, apesar da influência dela!” E releu a carta. “A srta. Crawford gosta tanto de mim”! Bobagem! Ela só ama a si mesma e ao irmão. ‘Há anos que a levam para o mau caminho’! É bem provável que *ela* é que leva as amigas para o mau caminho. Talvez todas se corrompam mutuamente; no entanto, se a estimam muito mais do que ela as estima, é pouco provável que a prejudiquem, a não ser com suas lisonjas. ‘Ela é a única mulher no mundo com quem eu pensaria em me casar.’ Acredito piamente. Esse é um amor que há de dominá-lo pela vida afora. Se ela o aceita ou o recusa, o coração de Edmund pertence a ela para sempre. ‘Perder Mary implicaria perder Crawford e Fanny.’ Primo, você não me conhece. As duas famílias nunca estariam unidas, se você não as unisse. Ah, escreva, escreva. Acabe com isso de uma vez. Acabe com essa agonia. Decida-se, entregue-se, condene-se.”

Tais emoções, porém, aproximavam-se demais do ressentimento para continuar orientando esses solilóquios por muito tempo. Logo ela estava mais calma e mais triste. O carinho de Edmund, suas ternas expressões, suas confidências comoveram-na profundamente. Ele era muito bondoso com todos. E a carta que lhe enviara era algo que ela não trocava por nada no mundo, era algo de valor inestimável. Era o fim.

Todas as pessoas que adoram escrever cartas sem ter muito que dizer — o que inclui grande parte da população feminina — concordarão com Lady Bertram que uma novidade tão importante como a ida dos Grant a Bath ocorrer num momento em que ela não podia aproveitá-la de modo algum foi muita falta de sorte e não de entender que ver tamanha preciosidade cair nas mãos do filho ingrato e ser tratada com a maior concisão possível no final de uma longa missiva deve ter sido péssimo para a pobre senhora, que lhe teria dedicado uma página inteira. Pois, embora Lady Bertram brilhasse na arte epistolar, já que, no início de sua vida conjugal, por falta de outra ocupação e por causa das atividades parlamentares de Sir Thomas, adquirira o hábito de corresponder-se com uns e outros e desenvolvera um estilo apreciável, prolixo e tão repleto de banalidades que lhe bastava um tema insignificante, precisava de algum assunto para escrever a

respeito, ainda que fosse para a sobrinha; portanto, não poder mais utilizar os sintomas da gota do dr. Grant e as visitas matinais da sra. Grant para fins epistolares foi um rude golpe para ela.

Aguardava-a, porém, uma régia compensação. Sua hora de sorte chegou. Dias depois de receber a carta de Edmund, Fanny tinha em mãos uma carta da tia, que começava assim:

Minha querida,

Tomo da pena para transmitir uma notícia alarmante, que sem dúvida há de suscitar-lhe grande preocupação.

Era muito melhor que tomar da pena para informá-la de todos os detalhes da viagem dos Grant, pois a presente notícia era de uma natureza que prometia manter sua pena ocupada por muitos dias: nada menos que a perigosa enfermidade de seu primogênito, da qual havia tomado conhecimento horas antes pelo correio expresso.

Tom fora de Londres para Newmarket com um grupo de rapazes e lá adoecera, em decorrência de uma queda à qual não dera atenção e de muita bebedeira; quando os outros partiram, ficou sozinho na casa de um deles, entregue aos cuidados da criadagem, pois não tinha condições de acompanhá-los. Esperava melhorar logo para reunir-se aos amigos, mas piorou consideravelmente e não demorou a sentir-se tão mal que, assim como o médico, achou conveniente avisar a família.

“Essa péssima notícia, como você pode imaginar”, Lady Bertram prosseguiu, depois de colocá-la a par da situação:

abalou-nos profundamente, e estamos muito assustados e apreensivos com o pobre inválido, cujo estado Sir Thomas receia que seja crítico; e Edmund amavelmente se prontificou a socorrer o irmão sem tardar; mas tenho a satisfação de acrescentar que Sir Thomas não me abandonará nesta difícil conjuntura, o que seria demasiado angustiante para mim. Vamos sentir muita falta de Edmund em nosso pequeno círculo, porém confio e espero que ele encontre o pobre inválido num estado menos alarmante do que tememos e em breve possa trazê-lo para Mansfield, o que Sir Thomas considera a melhor

coisa a fazer; tenho esperanças de que o pobrezinho logo esteja em condições de viajar sem muito desconforto e que a viagem não lhe faça nenhum mal. Como não duvido de seus sentimentos por nós nessas terríveis circunstâncias, minha querida, voltarei a escrever em breve.

Os sentimentos de Fanny nessa ocasião eram muito mais intensos e verdadeiros do que o estilo epistolar da tia. Ela realmente sentia muito por todos. Tom gravemente enfermo, Edmund à cabeceira do irmão e o grupo familiar de Mansfield triste e minguado preocupavam-na mais que tudo, ou quase tudo. Fanny só encontrou em si mesma egoísmo suficiente para se perguntar se o primo *escrevera* à srta. Crawford antes dessa emergência, porém seus únicos sentimentos duradouros eram puro afeto e desprendida solicitude. Lady Bertram não a esqueceu; escreveu-lhe mais vezes; recebia notícias do filho com frequência e as transmitia à sobrinha no mesmo estilo difuso e com a mesma mistura de fé, esperança e temor, tudo se encadeando ao acaso. Parecia brincar de ter medo. Os sofrimentos que não presenciava tinham pouco poder sobre sua imaginação; e era fácil escrever sobre inquietude, ansiedade e pobres inválidos até o momento em que Tom por fim chegou a Mansfield e ela viu com os próprios olhos como o filho estava mudado. Então concluiu num estilo diferente, na linguagem do sentimento verdadeiro e do medo real, uma carta que começara a escrever para Fanny; então escreveu da maneira como falaria.

Ele acabou de chegar, minha querida, e o levaram para cima; e fiquei tão chocada ao vê-lo que não sei o que fazer. Ele está muito doente, sem dúvida. Pobre Tom, estou muito aflita e assustada, como Sir Thomas; e ficaria muito contente se tivesse você aqui para me consolar. Mas Sir Thomas tem esperança de que amanhã ele melhore e diz que não podemos esquecer o cansaço da viagem.

A verdadeira solicitude que agora despertou no peito materno não desapareceu tão cedo. A extrema impaciência de Tom para retornar a Mansfield e desfrutar o conforto do lar e da família, nos quais pouco

pensara enquanto estava com saúde, provavelmente resultou numa viagem prematura, pois a febre voltou e durante uma semana seu estado foi mais preocupante que nunca. Todos estavam apavorados. Lady Bertram mantinha a sobrinha a par de seus terrores diários, e pode-se afirmar que agora Fanny vivia de cartas e passava todo o tempo sofrendo pela de hoje e aguardando a de amanhã. Sem nenhuma estima especial pelo primo mais velho, a ternura de seu coração não lhe permitia pensar em perdê-lo; e a pureza de seus princípios redobrava-lhe a solicitude, quando ela refletia sobre a vida de escassa utilidade e pouca abnegação que Tom (aparentemente) levava até então.

Susan era sua única companhia e sua única ouvinte, como em ocasiões mais corriqueiras. Estava sempre disposta a escutar e compartilhar suas apreensões. Ninguém mais se interessava por uma desgraça tão longínqua como uma doença numa família que morava a quase duzentos quilômetros dali — nem mesmo a sra. Price, que se limitava a perguntar uma coisa ou outra, quando via a filha com uma carta na mão, e cá e lá comentava: “A coitadinha de minha irmã Bertram deve estar muito agoniada”.

Fazia tanto tempo que as duas irmãs estavam separadas e viviam em mundos tão diferentes que os laços de sangue eram pouco mais que nada. O afeto que a princípio era tão tranquilo quanto o temperamento de ambas agora não passava de um nome. A sra. Price se importava tanto com Lady Bertram quanto Lady Bertram se importaria com a sra. Price. Três ou quatro Price, qualquer um deles ou até mesmo todos, com exceção de Fanny e William, poderiam desaparecer sem que Lady Bertram se abalasse; ou talvez dissesse, repetindo o comentário hipócrita da sra. Norris, que era uma sorte e uma bênção para a pobre e querida irmã Price tê-los tão bem encaminhados.

XIV

Cerca de uma semana depois que Tom retornara a Mansfield, declarou-se que o pior havia passado e que ele estava fora de perigo; e tanto se falou nisso que Lady Bertram ficou absolutamente tranquila; pois, já habituada a ver o filho naquele estado lamentável, ouvindo apenas coisas boas sem nunca pensar no que poderia estar além do que ouvia, não tendo a menor disposição para alarmar-se nem a menor aptidão para entender insinuações, ela era a criatura mais feliz do mundo com as pequenas mentiras dos médicos. A febre cedera; e, como a febre havia sido o grande problema, em breve ele estaria bem; Lady Bertram não esperava menos que isso, e Fanny partilhou sua esperança até receber umas poucas linhas de Edmund, que lhe escrevia justamente para dar-lhe uma ideia mais clara do estado do irmão e informar-lhe que ele e o pai estavam apreensivos com fortes sintomas de tísica, que, segundo o médico, surgiram após o desaparecimento da febre. Achavam melhor não aborrecer Lady Bertram com temores que por certo se revelariam infundados; mas não havia motivo para Fanny ignorar a verdade. Estavam preocupados com os pulmões de Tom.

Essas poucas linhas foram suficientes para mostrar-lhe o paciente e seu quarto com maior precisão que todas as páginas de Lady Bertram. Qualquer morador daquela casa era capaz de descrever a situação melhor que ela e de ser mais útil ao doente em determinadas ocasiões. Tudo que ela sabia fazer era entrar em silêncio e olhar para o filho; no entanto, quando estava em condições de conversar ou de escutar uma leitura, o rapaz preferia a companhia do irmão. A tia o importunava com seus desvelos, e o pai não conseguia encontrar um assunto ou um tom de voz adequados ao estado de irritação e debilidade do enfermo. Edmund era tudo para ele. Assim pensava Fanny, estimando-o mais que nunca, ao tomar conhecimento dos serviços que prestava ao doente, assistindo-o, confortando-o, animando-o. Não era só a

fraqueza decorrente da moléstia que exigia cuidados; agora ela sabia que havia ainda nervos muito abalados para acalmar e ânimos muito abatidos para levantar; e imaginava que também haveria uma cabeça necessitada de boa orientação.

Não existiam tísicos na família, e Fanny tendia mais a alimentar esperanças que a temer pelo primo; exceto quando pensava na srta. Crawford, pois a considerava uma pessoa de sorte e lhe parecia que Edmund tornar-se filho único seria uma sorte para o egoísmo e a vaidade da srta. Crawford.

Nem mesmo no quarto do enfermo ele esquecia a afortunada Mary. E acrescentou a sua carta o seguinte pós-escrito: “Com relação ao assunto que mencionei, realmente comecei a escrever, mas tive de parar por causa da doença de Tom; porém agora mudei de ideia e receio a influência das amigas. Quando Tom melhorar, vou falar com ela pessoalmente”.

Assim estavam as coisas em Mansfield e assim se mantiveram, praticamente inalteradas, até a Páscoa. Uma linha que Edmund eventualmente incluía numa carta da mãe bastava para transmitir uma informação à prima. Tom se restabelecia com alarmante lentidão.

Chegou a Páscoa, bem mais tarde nesse ano, para tristeza de Fanny, que só depois dessa data poderia deixar Portsmouth. Chegou a Páscoa, e ninguém falava nada sobre seu retorno, nem mesmo sobre sua ida a Londres, que precederia seu retorno. Lady Bertram com frequência lhe dizia que a queria a seu lado, porém Sir Thomas, de quem tudo dependia, não lhe enviava nenhuma notícia, nenhuma mensagem. Talvez não pudesse afastar-se do filho, mas a espera era cruel, terrível. Aproximava-se o fim de abril; logo faria três meses, e não dois, que ela estava longe de todos, vivendo cada dia como se cumprisse penitência, porém sofrendo calada, pois amava-os demais para aborrecê-los com suas agruras; e quando teriam tempo para pensar nela ou ir buscá-la?

Sua ansiedade, sua impaciência, seu desejo de estar com eles eram tão profundos que constantemente lhe traziam à lembrança trechos do *Tirocínio* de Cowper. “A intensidade com que ele anseia por seu lar”¹ era um verso que estava sempre em seus lábios como a expressão mais

fiel de um anelo que não haveria de ser mais ardente no peito de um escolar.

Quando estava a caminho de Portsmouth, Fanny gostava de pensar que lá ficava sua casa, gostava de dizer que estava indo para casa; essa palavra sempre lhe fora muito cara; e ainda o era, só que agora se referia a Mansfield. Sua casa agora era *lá*. Portsmouth era Portsmouth; Mansfield era a casa. Assim ela decidira ao longo de suas meditações secretas; e nada a confortava mais que ver a tia utilizar os mesmos termos. “Só posso dizer que lamento muito você não estar em casa nesta hora tão difícil, tão dolorosa para mim. Confio e espero e desejo sinceramente que nunca mais você fique tanto tempo longe de casa” eram frases deliciosas, mas Fanny as saboreava em segredo. Por delicadeza para com os pais tomava cuidado para não demonstrar tamanha preferência pela casa do tio; sempre dizia: “Quando eu voltar para Northamptonshire, quando eu voltar para Mansfield, vou fazer isso e aquilo”. Durante muito tempo foi assim; porém a saudade acabou crescendo tanto que suplantou a cautela, e ela se pôs a falar do que faria quando fosse para casa. Ao dar-se conta disso, repreendia a si mesma, corava e olhava temerosa para o pai e para a mãe. Não tinha por que se preocupar. Eles não pareciam aborrecidos com isso; não pareciam sequer escutá-la. Não tinham ciúme de Mansfield. Pouco lhes importava o lugar onde ela queria ficar.

Foi muito triste para Fanny perder todos os prazeres da primavera. Até então ela não sabia que prazeres *perderia* por passar os meses de março e abril numa cidade. Até então não percebera como a encantava o ressurgimento da vegetação. Como se sentia revigorada, física e mentalmente, ao observar o avanço dessa estação que, apesar de seus caprichos, sempre é fascinante; ao contemplar suas crescentes belezas, das primeiras flores, nas áreas mais ensolaradas do jardim da tia, às novas folhas que brotavam nas plantações do tio e aos gloriosos bosques de Mansfield. Perder esses prazeres já não era fácil; perdê-los por estar num lugar fechado e barulhento, onde o confinamento, o ar viciado, o mau cheiro substituíam a liberdade, o frescor, a fragrância, o verdor era infinitamente pior; porém até mesmo esses motivos de pesar eram frágeis, comparados com os decorrentes da convicção de

que os amigos sentiam sua falta e do desejo de ajudar as pessoas que precisavam de seus préstimos!

Se estivesse em casa, ela poderia ser útil a todos que lá moravam. Sabia que seria. A todos pouparia algum esforço, físico ou mental; ainda que fosse apenas para confortar a tia Bertram, para livrá-la dos males da solidão ou do mal ainda maior de uma companhia irrequieta e oficiosa, disposta a exagerar os riscos para destacar a própria importância, seria bom para todos que estivesse lá. Era uma satisfação imaginar-se lendo para a tia, conversando com ela, procurando fazê-la aceitar o que acontecera e preparando-a para o que poderia acontecer, poupando-a de muitas idas e vindas escada acima, escada abaixo, transmitindo suas mensagens.

Era espantoso que as irmãs de Tom permanecessem tranquilamente em Londres enquanto, em Mansfield, uma doença com vários graus de gravidade persistia por semanas a fio. *Elas* podiam voltar quando quisessem; não teriam dificuldade para viajar; e era incompreensível que se mantivessem ausentes. Se a sra. Rushworth tinha obrigações que a impediam de partir, Julia certamente estava livre para deixar Londres quando bem entendesse. Segundo uma carta de Lady Bertram, Julia se prontificara a voltar, se precisassem dela; mas foi só. Era evidente que preferia ficar onde estava.

Fanny começava a pensar que a influência de Londres era contrária a todos os afetos respeitáveis. Via a prova disso nas primas e na srta. Crawford, cujo afeto por Edmund era respeitável, era o que havia de mais respeitável em seu caráter; e cuja amizade por ela tinha sido irrepreensível. Onde estavam agora esses sentimentos? Fazia tanto tempo que a srta. Crawford não lhe escrevia que Fanny tinha motivo para duvidar de uma amizade que fora tão alardeada. Fazia semanas que só tinha notícia da srta. Crawford e das primas através de Mansfield e já supunha que só descobriria se o sr. Crawford voltara a Norfolk ou não quando se encontrassem e que provavelmente não saberia mais nada da irmã dele nessa primavera, quando recebeu a seguinte carta, que reavivou antigos sentimentos e suscitou novas emoções.

Perdoe-me, querida Fanny, o longo silêncio; perdoe-me assim que puder e aja como se tivesse me perdoado de imediato. É esse meu humilde pedido, é essa minha esperança, pois você é tão boa que acredito que há de me tratar melhor do que mereço; e escrevo agora para suplicar que me responda sem demora. Quero saber como estão as coisas em Mansfield Park, e sem dúvida você pode me informar. Só mesmo um coração de pedra ficaria insensível ao sofrimento pelo qual estão passando; e disseram-me que o pobre sr. Bertram tem pouca probabilidade de se curar totalmente. A princípio, não dei maior importância a essa doença. Sempre achei que ele era o tipo de pessoa que se apavora e apavora todo mundo quando tem qualquer indisposição, por mais insignificante que seja; e fiquei mais preocupada com quem iria cuidar dele; mas agora se afirma com absoluta certeza que ele está no fim, que os sintomas são alarmantes e que pelo menos uma parte da família sabe disso. Se realmente é assim, creio que você pertence a essa parte, a essa parte ciente, e por isso imploro que me diga se recebi a informação correta. Naturalmente, seria uma imensa alegria descobrir que tudo não passou de um engano; mas se fala tanto nisso que não consigo deixar de estremecer. Um rapaz tão bonito morrer na flor da idade é triste demais. O pobre Sir Thomas vai sofrer muito. Estou realmente muito abalada. Fanny, Fanny, imagino-a sorrindo, como quem compreende bem minhas intenções, mas, palavra de honra, nunca desejei o sofrimento dele para meu próprio bem. Pobre rapaz! Se ele morrer, haverá dois pobres rapazes a menos no mundo; e de cabeça erguida e voz firme eu diria a qualquer um que não existe ninguém mais merecedor de riqueza e posição. Foi uma tola precipitação que ocorreu no Natal, mas pode-se apagar, em parte, o mal de alguns dias. Verniz e dourado escondem muitas manchas. Ele só vai perder o “fidalgo rural” depois do nome. Com um afeto sincero como o meu, pode-se fechar os olhos para mais coisas. Escreva-me logo, avalie minha ansiedade e não zombe de mim. Diga-me a verdade, que você sabe de fonte segura. E, agora, não se envergonhe de meus sentimentos ou dos seus. Acredite: além de naturais, eles são filantrópicos e virtuosos. Deixo a critério de sua consciência decidir se “Sir Edmund” não faria mais bem com toda a propriedade dos Bertram do que qualquer outro “Sir”. Se os Grant

estivessem em casa, eu não incomodaria você, mas agora você é a única pessoa a quem posso recorrer para saber a verdade, pois não tenho acesso a suas primas. A sra. R. foi passar a Páscoa com os Aylmer em Twickenham (como certamente é de seu conhecimento) e ainda não voltou; e Julia está com as primas que moram perto da Bedford Square, mas esqueci o nome delas e da rua. No entanto, ainda que pudesse recorrer a uma delas, eu iria preferir você, porque me parecem tão pouco dispostas a abrir mão do divertimento que não querem ver a verdade. Suponho que as férias pascais da sra. R. não se estendam por mais tempo; para ela são férias completas, sem dúvida. Os Aymmler são simpáticos; e, longe do marido, ela deve estar se divertindo. É admirável que o tenha convencido a ir buscar a mãe em Bath; mas como as duas haverão de se entender na mesma casa? Henry não está aqui e, portanto, não me incumbiu de lhe transmitir nenhum recado. Você não acha que, se não fosse essa doença, Edmund já teria voltado para Londres? Sua amiga de sempre, Mary.

Eu tinha começado a dobrar esta carta quando Henry chegou; mas não me trouxe nenhuma notícia que me impeça de enviá-la. A sra. R. sabe que se teme o pior; conversou com Henry pela manhã; ainda hoje volta para a Wimpole Street, onde a sogra já está. Agora, não fique imaginando coisas só porque ele passou uns dias em Richmond. Ele sempre vai para lá na primavera. E só gosta de você; não se preocupe. Neste exato momento, está louco para vê-la, tentando encontrar um jeito de fazer isso e proporcionar-lhe prazer. Prova disso é que vive repetindo, com maior ansiedade, o que falou em Portsmouth sobre levá-la para casa; e eu partilho inteiramente seus sentimentos. Querida Fanny, escreva logo, dizendo para irmos buscá-la. Será bom para todos nós. Podemos ficar no presbitério, sem incomodar nossos amigos em Mansfield Park. Seria uma alegria rever a todos, e ter mais companhia pode ser benéfico para eles; quanto a você, deve saber que precisam muito de seus préstimos e, portanto, em sã consciência (conscienciosa como você é), não pode continuar longe, já que tem a possibilidade de voltar. Não tenho tempo nem paciência para lhe transmitir sequer a metade dos recados de Henry; basta informar-lhe que todos se devem a imutável afeição.

Aborrecida com a maior parte dessa carta e relutante em associar a autora com o primo Edmund, Fanny não se julgava capaz de decidir imparcialmente se aceitava ou não a oferta final. A tentação era muito grande. Voltar para Mansfield dentro de três dias seria a maior felicidade; porém haveria o inconveniente de dever essa felicidade a pessoas cujos sentimentos e cuja conduta lhe pareciam condenáveis sob vários aspectos; os sentimentos da irmã, a conduta do irmão, a fria ambição *dela*, a desmedida vaidade *dele*. Continuar visitando, talvez cortejando, a sra. Rushworth! Fanny estava chocada. Já tivera melhor opinião sobre ele. Felizmente, porém, não teve de continuar ponderando desejos opostos e duvidosas noções de certo e errado para tomar uma decisão; não era hora de determinar se devia ou não manter Edmund e Mary afastados um do outro. Podia utilizar uma regra que resolveria tudo. Seu medo do tio, seu medo de tomar liberdades com ele mostraram-lhe claramente o que devia fazer. Tinha de recusar a oferta. Se o tio quisesse, mandaria buscá-la; ela não poderia propor um retorno para breve: seria uma presunção injustificável. Fanny agradeceu à srta. Crawford, mas apresentou-lhe uma decidida negativa. “Sir Thomas pretendia ir buscá-la, pelo que sabia; e, como a doença de Tom persistia já por várias semanas e durante esse tempo ninguém sentiu necessidade de seus préstimos, só lhe restava concluir que, no momento, seu retorno seria indesejado e sua presença seria um estorvo.”

Sua descrição do atual estado do primo correspondia exatamente ao que acreditava e por certo transmitiria a sua otimista destinatária a esperança de que tudo acabaria como desejava. Edmund seria perdoado por sua condição de clérigo, uma vez que se tornasse rico; e nisso se resumiria a vitória sobre o preconceito pela qual ele sonhava congratular-se. Mary aprendera a dar importância unicamente ao dinheiro.

XV

Fanny não tinha dúvida de que sua resposta seria uma decepção e, pelo que sabia do temperamento da srta. Crawford, estava quase convencida de que ela voltaria a insistir; e, embora não chegassem mais notícias no decorrer de uma semana, foi com a mesma convicção que recebeu uma nova carta.

Ao pegá-la, percebeu que era breve, como uma carta comercial escrita às pressas. O objetivo era evidente; e dois segundos foram suficientes para levá-la a supor que se tratava de comunicar-lhe que os irmãos estavam em Portsmouth naquele dia e para deixá-la novamente indecisa sobre o que deveria fazer nesse caso. Entretanto, se dois segundos podem nos cercar de dificuldades, um terceiro pode dispersá-las; e, antes mesmo de abrir a carta, Fanny começou a acalmar-se, pensando que os Crawfords bem podiam ter pedido permissão a Sir Thomas. Eis o que leu:

Acabo de tomar conhecimento de um boato chocante e maldoso e escrevo, querida Fanny, para alertá-la: não acredite nessa história, se por acaso ela chegar aí. Trata-se de um equívoco, pode ter certeza, e dentro de um dia ou dois tudo será esclarecido; de qualquer modo, Henry é inocente e, apesar de uma étourderie passageira, só pensa em você. Não diga nada sobre isso, não dê ouvidos a nada, não imagine nada até eu lhe escrever de novo. Estou convencida de que se há de calar esse falatório e de que nada ficará provado, além da estultícia de Rushworth. Se eles foram embora, aposto que estão em Mansfield Park e levaram Julia. Mas por que você não nos deixa ir buscá-la? Espero que não se arrependa.

Sua amiga etc.

Fanny estava perplexa. Como não tomara conhecimento de nenhum boato chocante e maldoso, não conseguiu entender grande parte dessa estranha carta. Só entendeu que tinha relação com a Wimpole Street e o sr. Crawford e deduziu que nessa rua ocorrera algo muito imprudente que chamou a atenção de todo mundo e que, temia a srta. Crawford, poderia suscitar-lhe ciúme. Era um temor desnecessário. Fanny só lamentava pelas pessoas envolvidas e por Mansfield, se o boato chegasse lá; mas esperava que não chegasse. Se os Rushworth foram para Mansfield, como acreditava a srta. Crawford, provavelmente não os precedera nenhuma notícia desagradável ou suscetível de causar má impressão.

Quanto ao sr. Crawford, Fanny esperava que a partir desse episódio passasse a conhecer-se melhor, se convencesse da própria incapacidade de sentir amor constante por qualquer mulher no mundo e se envergonhasse de continuar cortejando-a.

Era muito estranho! Fanny até começara a acreditar que ele a amava, a imaginar que esse sentimento seria maior que o usual; e a srta. Crawford ainda dizia que o irmão não gostava de mais ninguém. No entanto, ele devia ter sido particularmente atencioso para com a sra. Rushworth, devia ter cometido uma grave indiscrição, já que a missivista não era do tipo que se importa com pequenas indiscrições.

Fanny estava aflita e assim permaneceria até receber novas notícias de sua correspondente. Não conseguia tirar a carta da cabeça e não podia conversar sobre isso com ninguém. A srta. Crawford não precisava pedir-lhe segredo com tanto empenho; devia confiar em seu bom senso, em sua consciência do dever para com a prima.

O dia seguinte não trouxe nenhuma carta. Foi uma decepção para Fanny. Ela praticamente não conseguiu pensar em outra coisa a manhã inteira; porém, à tarde, quando viu o pai chegar com o jornal, como de hábito, tinha tão pouca esperança de que a leitura do periódico contribuísse para esclarecer alguma coisa que esqueceu o assunto por um instante.

Estava imersa em outras reflexões. Lembrava-se de sua primeira noite naquela sala, do pai com o jornal. *Agora* não havia necessidade de vela. O sol ainda ficaria uma hora e meia acima do horizonte. Ela se deu conta de que fazia realmente três meses que estava ali; e, em vez

de animá-la, o sol que batia em cheio na sala deixava-a ainda mais melancólica; pois, na cidade, sua luz parecia-lhe totalmente diferente do que era no campo. Aqui, era apenas um clarão, um clarão sufocante e doentio que só servia para destacar manchas e sujidades que bem podiam passar despercebidas. O sol urbano não trazia saúde nem alegria. Ela permanecia sentada num calor opressivo, envolta numa nuvem de poeira em movimento; e seus olhos só conseguiam vagar das paredes marcadas pela cabeça do pai à mesa riscada pelos irmãos, onde estava a louça do chá nunca completamente limpa, as xícaras e pires mal enxugados, o leite com uma mistura de ciscos boiando na superfície meio azulada e o pão com manteiga tornando-se a cada instante mais gorduroso do que quando saiu das mãos de Rebecca. O pai lia o jornal e, enquanto se preparava o chá, a mãe lamentava o tapete rasgado, como sempre, e desejava que Rebecca o remendasse; e Fanny despertou de seu devaneio quando ele lhe perguntou, depois de resmungar e refletir sobre determinado parágrafo: “Como se chamam seus importantes primos de Londres, Fan?”.

Ela precisou pensar um pouco para responder: “Rushworth, papai”.

“E eles não moram na Wimpole Street?”

“Sim, senhor.”

“Então, estão em maus lençóis. Veja (entregando-lhe o jornal). Faça bom proveito de parentes tão ilustres. Não sei o que Sir Thomas vai achar dessa história; ele deve ser fidalgo demais, fino demais, para gostar menos da filha por causa disso. Mas, por Deus, se fosse minha filha, eu lhe daria uma surra de corda até não ter mais forças. Uma boa sova, para homem e para mulher, é a melhor maneira de evitar esse tipo de coisa.”

Fanny leu em silêncio que “é com imensa tristeza que este jornal comunica ao mundo um escândalo matrimonial na família do sr. R., da Wimpole Street; a bela sra. R., cujo nome há pouco tempo foi incluído na lista dos himeneus, e que prometia tornar-se uma figura de proa no mundo elegante, abandonou o teto conjugal em companhia do conhecido e sedutor sr. C., amigo íntimo e sócio do sr. R., e ninguém, nem mesmo o editor deste jornal, sabe para onde foram”.¹

“Estão enganados, meu pai”, ela afirmou. “Só pode ser engano... não pode ser verdade... deve ter acontecido com outras pessoas.”

Falava levada pelo instintivo desejo de adiar a vergonha, falava com uma resolução que era fruto do desespero, pois não acreditava, não podia acreditar no que dizia. Teve o choque da certeza, ao ler a notícia. A verdade a golpeou; e, depois, foi motivo de assombro para ela mesma ter conseguido falar, ter conseguido até mesmo respirar nesse momento.

O sr. Price estava tão pouco interessado no assunto que se satisfez com a resposta. “Pode ser tudo mentira”, concordou. “Mas hoje em dia tanta senhora finíssima anda saindo dos trilhos que não se pode pôr a mão no fogo por nenhuma.”

“Espero que não seja verdade”, disse a sra. Price, chorosa. “Seria péssimo! Não foi uma vez nem duas que falei com Rebecca sobre esse tapete; foram pelo menos vinte vezes; não foi, Betsey? Em dez minutos ela poderia resolver isso.”

O horror que se apossou de Fanny ao convencer-se de que tamanha falta fora cometida e ao entender o sofrimento que disso resultaria era indescritível. A princípio, ela ficou estupefata; depois, a cada instante, percebia com maior clareza o pavoroso delito. Não tinha dúvida; não podia ter esperança de que fosse mentira. A carta da srta. Crawford, que lera tantas vezes a ponto de decorar linha por linha, estava em terrível consonância com a notícia. A veemente defesa do irmão, a esperança de *calar* o falatório, a evidente inquietação, tudo apontava para algo muito grave; e, se havia no mundo uma mulher capaz de tratar como uma bagatela esse pecado de primeira grandeza, capaz de desculpá-lo e desejar que permanecesse impune, certamente era a srta. Crawford! Agora Fanny compreendia que se enganara em relação às *pessoas* que foram embora ou que se *dizia* que foram embora. Não eram o sr. e a sra. Rushworth, e sim a sra. Rushworth e o sr. Crawford.

Nunca na vida Fanny levara um choque dessa magnitude. Não conseguia acalmar-se. Passou o resto do dia sem encontrar alívio para sua aflição e à noite não dormiu um instante sequer. Oscilava entre sensações de náusea e estremecimentos de horror, entre acessos de febre e calafrios. O fato era tão chocante que em alguns momentos seu

coração se revoltava, considerava-o impossível, e ela pensava que semelhante coisa não podia ter acontecido. Uma mulher que se casara havia apenas seis meses, um homem que se declarava apaixonado por outra, até mesmo *comprometido* com outra — sendo esta parente próxima daquela —, a família inteira, as duas famílias unidas por múltiplos laços, tão amigas, tão íntimas! Era uma combinação de ofensas medonha demais, uma conjugação de maldades torpe demais para serem engendradas por qualquer ser humano egresso da barbárie absoluta! No entanto, a razão lhe dizia que assim era. As afeições inconstantes de *Henry*, variando de acordo com sua vaidade; o afeto decidido de *Maria*, e a insuficiência de princípios em ambas as partes possibilitaram tudo isso; a carta da srta. Crawford selava o fato.

Qual seria a consequência? Quem sairia ileso? Que projetos não seriam prejudicados? Quem não perderia a paz para sempre? A própria srta. Crawford; Edmund; mas talvez fosse perigoso enveredar por esse caminho. Ela se limitou, ou tentou limitar-se, à simples e indubitável desgraça familiar que envolveria a todos, se a culpa fosse comprovada e exposta publicamente. O sofrimento da mãe, do pai — Fanny fez uma pausa. De Julia, de Tom, de Edmund — outra pausa, ainda mais longa. Os dois seriam os mais duramente atingidos. A solicitude paterna, o elevado senso de honra e decoro de Sir Thomas; os sólidos princípios, o caráter confiante, os sentimentos sinceros e intensos de Edmund faziam-na pensar que seria muito difícil para eles suportar a vida e preservar a razão sob o peso de tamanha ignomínia; e, no que se referia unicamente a este mundo, parecia-lhe que a maior bênção para todos os parentes da sra. Rushworth seria a aniquilação imediata.

Nada aconteceu no dia seguinte, nem no outro, para atenuar seu pavor. Dois correios chegaram sem trazer refutação alguma, pública ou privada. A srta. Crawford não enviou outra carta para explicar melhor a anterior; Mansfield não mandou notícias, embora já houvesse passado tempo suficiente para a tia escrever-lhe novamente. Era um mau presságio. Só lhe restava um fio de esperança para proporcionar-lhe algum alívio, e ela se encontrava num estado de prostração e tremor que nenhuma mãe razoavelmente amorosa, com exceção da sra. Price, poderia deixar de perceber, quando, no terceiro

dia, soou a fatal batida na porta e uma carta foi colocada em suas mãos. Tinha o carimbo de Londres e era de Edmund.

Querida Fanny,

Você já está ciente de nossa desgraça. Deus a ajude a suportar sua parte. Estamos aqui há dois dias, mas nada podemos fazer. Eles não deixaram rastro. Talvez você não saiba do último golpe que sofremos: Julia fugiu para a Escócia com Yates. Partiu horas antes de chegarmos. Em qualquer outro momento, ficaríamos estarecidos. Agora nos parece algo insignificante, embora constitua um agravamento da atual situação. Meu pai não se deixou abater. Não poderíamos esperar mais que isso. Ele ainda consegue pensar e agir; e é a pedido dele que lhe escrevo para propor que volte para casa. Ele quer muito que você volte, por causa de minha mãe. Estarei em Portsmouth no dia seguinte ao recebimento desta carta e espero encontrá-la pronta para partir. Meu pai quer que você convide Susan para passar uns meses em Mansfield. Faça como achar melhor; diga o que lhe parece mais indicado; tenho certeza de que você apreciará esse gesto de bondade num momento tão difícil. Entenda a intenção dele, por mais que eu esteja sendo confuso em minha forma de expressá-la. Você há de imaginar meu presente estado. Não tem fim a desgraça que desabou sobre nós. Chegarei cedo, na mala-posta. Seu etc.

Nunca Fanny precisou tanto de um conforto. Nunca se sentiu tão confortada como depois de ler essa carta. Amanhã! Deixar Portsmouth amanhã! Corria o sério risco de sentir-se infinitamente feliz, enquanto outras pessoas estavam sofrendo. O mal que resultara em tamanho bem para ela! Temia tornar-se insensível a esse mal. Partir logo, ser chamada com tanto carinho, ser requisitada como um amparo e ter permissão para levar Susan era um conjunto de dádivas que lhe inundou de alegria o coração e por um tempo afastou toda dor e a impossibilitou de partilhar como devia até mesmo o sofrimento daqueles com quem mais se preocupava. A fuga de Julia afetava-a relativamente pouco; era surpreendente e chocante, porém não chegava a absorvê-la, a fixar-se em sua mente. Ela precisava obrigá-la a pensar nisso e a reconhecer que era algo terrível e atroz

para não o esquecer em meio aos urgentes e alegres preparativos para a partida.

Não existe nada como uma ocupação, uma atividade indispensável para aliviar as penas. Uma ocupação, ainda que triste, pode banir a melancolia; e as ocupações de Fanny eram cheias de esperança. Havia tanto a fazer que nem mesmo a horrenda história da sra. Rushworth (agora plenamente confirmada) conseguia abalá-la como antes. Ela não tinha tempo para ser infeliz. Dentro de vinte e quatro horas estaria a caminho; precisava avisar os pais, preparar Susan, deixar tudo pronto. As tarefas se sucediam; o dia não era suficientemente longo. A felicidade que ela também estava proporcionando, felicidade muito pouco prejudicada pela funesta notícia que a precedera, o alegre consentimento dos pais para a viagem de Susan, a satisfação geral que a ida de ambas suscitava — tudo isso contribuía para animá-la.

A família não se condoeu muito da aflição dos Bertram. A sra. Price falou sobre a pobre irmã durante alguns minutos, porém estava mais interessada em saber onde iria colocar a roupa de Susan, pois Rebecca pegava e destruía todas as caixas; quanto a Susan, que de repente via realizar-se o maior desejo de seu coração e não conhecia pessoalmente nem os que haviam pecado nem os que estavam sofrendo, mal cabia em si de alegria, como era de se esperar numa mocinha de catorze anos.

Já que nada dependia das decisões da sra. Price ou dos préstimos de Rebecca, tudo foi feito como devia, e as duas irmãs estavam prontas para partir na manhã seguinte. Mas não conseguiram dormir muito a fim de preparar-se para a viagem. Pensando sem parar no primo que ia buscá-las, uma era só felicidade, enquanto a outra era pura inquietação.

Edmund chegou por volta das oito horas. As jovens, no andar de cima, ouviram-no entrar, e Fanny desceu. A ideia de que logo ia vê-lo e o fato de saber o quanto ele estava sofrendo reavivaram seus primeiros sentimentos. Ele estava tão perto e tão infeliz. Ela quase desmaiou, ao entrar na sala. Ele estava sozinho e imediatamente foi a seu encontro; estreitando-a contra o coração, mal pronunciou estas palavras: “Minha Fanny... minha única irmã... meu único conforto”.

Ela não conseguiu dizer nada; e por alguns instantes ele também foi incapaz de abrir a boca.

Edmund se afastou para recompor-se e, quando voltou a falar, embora com a voz ainda hesitante, demonstrava a vontade de controlar-se e a determinação de evitar novas alusões. “Você já tomou o desjejum? Já está pronta? Susan vem conosco?” foram perguntas que formulou em rápida sequência. Queria sair dali o mais depressa possível. Em se tratando de Mansfield, o tempo era precioso; e só no movimento ele poderia encontrar algum alívio. A carruagem chegaria dentro de meia hora; Fanny respondeu que tomariam o desjejum e estariam prontas em meia hora. Ele já havia comido e declinou o convite para partilhar a refeição com as primas. Preferia caminhar pelas muralhas e esperá-las na carruagem. E saiu, contente por afastar-se até mesmo de Fanny.

Parecia muito doente, sofrendo sob o peso de violentas emoções que estava decidido a reprimir. Não poderia ser de outro modo, mas era terrível para Fanny.

A carruagem chegou; no mesmo instante, Edmund entrou na casa a tempo de passar alguns minutos com a família, presenciar (embora não visse nada) a tranquila despedida das duas jovens e impedi-las de sentar-se à mesa do desjejum, que só ficou completamente arrumada quando a carruagem já ia se afastando. A última refeição de Fanny na casa do pai foi no mesmo estilo da primeira; dispensaram-na com a mesma hospitalidade com que a tinham recebido.

Não é difícil imaginar que seu coração transbordava de alegria e gratidão quando ela cruzou os limites de Portsmouth. Nem que Susan exibisse seus sorrisos mais rasgados, embora ninguém os visse, pois estava no banco da frente e com o rosto meio encoberto pela touca.

Tudo indicava que a viagem transcorreria em silêncio. Com frequência Fanny ouvia os profundos suspiros do primo. Se estivessem a sós, ele lhe abriria o coração, apesar de sua determinação; mas a presença de Susan o inibia, e suas tentativas para falar de assuntos que lhe eram indiferentes nunca duravam muito.

Fanny o observava com inesgotável solicitude e, às vezes, recebia o conforto de um sorriso afetuoso; porém, no primeiro dia de viagem, ele não proferiu uma única palavra sobre os temas que o

acabrunhavam. Na manhã seguinte, houve um ligeiro progresso. Pouco antes de deixarem Oxford, enquanto Susan espiava pela janela da hospedaria, observando atentamente a partida de uma extensa família, os outros dois estavam de pé junto à lareira; impressionado com a alteração na aparência de Fanny e, por desconhecer os danos diários decorrentes da estadia na casa dos Price, atribuindo-a em grande parte, ou melhor, em sua *totalidade* aos recentes acontecimentos, Edmund tomou-lhe a mão e, em voz baixa porém muito expressiva, disse: “Não admira... você deve estar muito abalada... deve estar sofrendo. Como o homem que a amou um dia foi capaz de abandoná-la! Mas seu... *seu* afeto era recente, comparado com... Fanny, pense em *mim!*”.

A primeira etapa da viagem ocupou um dia inteiro e os levou a Oxford, onde se apearam exaustos; a segunda se encerrou bem mais cedo. Muito antes da hora habitual do jantar, estavam nos arredores de Mansfield, e, à aproximação desse lugar tão querido, o coração das duas irmãs se apertava. Fanny temia o encontro com as tias e com Tom em circunstâncias tão humilhantes; e Susan pensava, com certa apreensão, que logo teria de pôr em prática todas as suas boas maneiras, tudo que acabara de aprender sobre o estilo de vida na mansão. Imagens de boa e má educação, de antigas vulgaridades e novos refinamentos passavam-lhe pela cabeça, fazendo-a refletir sobre garfos de prata, guardanapos e lavandas. Fanny já vinha observando as diferenças operadas no campo desde fevereiro; no entanto, ao entrar no parque, sua percepção e seu prazer se intensificaram. Fazia três meses, três meses inteiros, que deixara a mansão; e a mudança era a que ocorre entre o inverno e o verão. Por toda parte avistava gramados e canteiros do mais viçoso verdor; e as árvores, embora ainda não tivessem recuperado todas as folhas, encontravam-se naquele esplêndido momento em que sabemos que está por vir uma beleza maior e em que, se muito se oferece aos olhos, mais ainda se reserva à imaginação. Porém a alegria era só dela. Edmund não podia partilhá-la. Fanny o fitava, recostado no banco, mergulhado na mais profunda tristeza, as pálpebras cerradas como se a visão do contentamento alheio o desgostasse e ele se recusasse a contemplar os encantadores arredores do lar.

Fanny se entristeceu novamente; e sua consciência do sofrimento ali reinante revestiu de um aspecto melancólico até mesmo o moderno, arejado e bem localizado casarão.

Um dos sofredores em especial os aguardava com inusitada impaciência. Fanny mal havia passado pela solene criadagem quando Lady Bertram saiu da sala de estar para ir a seu encontro sem a indolência habitual; e, abraçando-a, disse: “Querida Fanny! Agora fico tranquila”.

XVI

Eram três infelizes, cada qual julgando-se o mais infeliz. Na verdade, por ser mais apegada a Maria, a sra. Norris era quem mais sofria. Maria era sua favorita, a mais querida de todos; o casamento fora ideia sua, como ela pensava e dizia com tanto orgulho, e esse desenlace deixou-a praticamente aniquilada.

Ela mudou muito: estava quieta, entorpecida, indiferente a tudo. Desperdiçara a oportunidade de cuidar da irmã e do sobrinho e assumir o controle da casa; fora incapaz de comandar ou até mesmo de considerar-se útil. Ao ser realmente golpeada pelo sofrimento, perdera a capacidade de agir; e não prestara a menor ajuda, nem mesmo tentara prestar ajuda a Lady Bertram e a Tom. Não fizera por eles mais do que fizeram um pelo outro. Todos estavam sozinhos, sentindo-se impotentes, abandonados; e, agora, a chegada dos outros apenas confirmou a superioridade da sra. Norris em termos de infortúnio. Foi um alívio para os demais, porém não para *ela*. Edmund foi recebido pelo irmão quase tão bem quanto Fanny pela tia Bertram; no entanto, em vez de confortar-se na companhia de um deles, a sra. Norris irritou-se ainda mais com a presença da criatura que, na cegueira de sua raiva, via como a vilã da história. Se Fanny tivesse aceitado o sr. Crawford, nada disso teria acontecido.

Susan também foi motivo de irritação. A sra. Norris apenas se dignou a lançar olhares de repulsa à sobrinha que considerava uma espiã, uma intrusa, uma indigente e tudo que havia de mais odioso. A outra tia recebeu-a com bondade. Não pôde dedicar-lhe muito tempo nem muitas palavras, porém, acreditando que a irmã de Fanny tinha direito a Mansfield, beijou-a e se dispôs a gostar dela. Susan ficou mais que satisfeita, pois sabia muito bem que da tia Norris só podia esperar azedume; e estava tão feliz, sentia-se tão abençoada por ter

escapado de tantos males que suportaria uma indiferença muito maior do que a que encontrou.

Agora passava grande parte do tempo sozinha, procurando conhecer a casa e os arredores, o que lhe proporcionava grande alegria, enquanto aqueles que em outras circunstâncias poderiam acompanhá-la se ocupavam da pessoa cujo bem-estar, no momento, dependia inteiramente deles; Edmund tentava sepultar seus sentimentos nos esforços para aliviar o sofrimento do irmão; e Fanny, dedicada à tia Bertram, retomava suas antigas tarefas com mais empenho que antes, convencida de que nunca poderia fazer o bastante por alguém que precisava tanto dela.

Conversar com Fanny sobre o terrível acontecimento e lamentar-se era todo o consolo de Lady Bertram. Ouvi-la com paciência e dizer-lhe uma palavra de carinho e compaixão era tudo que Fanny podia fazer por ela. Confortá-la de outro modo estava fora de cogitação. Não havia possibilidade de conforto nesse caso. Lady Bertram não refletia profundamente sobre nada, mas, orientada por Sir Thomas, refletiu com acerto sobre todos os pontos importantes e, assim, via o que acontecera em toda a sua enormidade e não procurava atenuar a culpa e a infâmia, nem queria que Fanny lhe aconselhasse isso.

Seus afetos não eram intensos, nem sua mente era tenaz. Depois de algum tempo, Fanny percebeu que não era impossível direcionar seus pensamentos para outros assuntos e reavivar-lhe o interesse por suas ocupações habituais; no entanto, sempre que se punha a refletir sobre o caso, Lady Bertram só conseguia vê-lo sob uma única luz: a perda de uma filha e a desonra indelével.

Através dela, Fanny se inteirou de todos os detalhes que até então haviam transpirado. A tia não era uma narradora muito metódica, porém, com a ajuda de algumas cartas de Sir Thomas e do que já era de seu conhecimento, ela conseguiu reunir elementos suficientes para entender a história.

A sra. Rushworth fora passar a Páscoa em Twickenham com uma família que acabava de incluir em seu rol de amizades; uma família animada, de maneiras agradáveis e, provavelmente, princípios morais e discrição compatíveis, pois a qualquer momento o sr. Crawford tinha acesso à casa. Fanny já sabia que ele estava por lá. O sr.

Rushworth tinha ido ficar uns dias com a mãe em Bath, antes de levá-la para Londres, e Maria estava inteiramente livre, sem nada que a coibisse, nem mesmo a presença de Julia, pois fazia duas ou três semanas que Julia deixara a Wimpole Street para ir visitar uns parentes de Sir Thomas — ou para atender à conveniência do sr. Yates, como os pais agora começavam a acreditar. Pouco depois que os Rushworth retornaram à Wimpole Street, Sir Thomas recebeu uma carta de um velho amigo que, tendo visto e ouvido muita coisa alarmante, aconselhou-o a ir a Londres e usar sua autoridade paterna para pôr um fim numa amizade que já expunha a filha a comentários desairosos e evidentemente colocava o sr. Rushworth numa posição incômoda.

O baronete se preparava para viajar, sem comunicar a nenhum morador de Mansfield o conteúdo dessa mensagem, quando o mesmo amigo lhe enviou outra carta, pelo correio expresso, a fim de informar-lhe que a situação chegara a um ponto de extrema gravidade. A sra. Rushworth abandonara o teto conjugal; furioso e aflito, o sr. Rushworth foi pedir conselho a *ele* (o sr. Harding); o sr. Harding receava que tivesse ocorrido *pelo menos* uma gritante indiscrição. A criada da velha sra. Rushworth fazia ameaças assustadoras. O sr. Harding se desdobrava para abafar o caso, com a esperança de que a sra. Rushworth voltasse, porém a influência da mãe dele na Wimpole Street invalidava seus esforços, de modo que havia motivo para temer o pior.

Não foi possível esconder da família essa terrível notícia. Sir Thomas partiu, Edmund o acompanhou, e os demais ficaram numa aflição que novas cartas de Londres só fizeram aumentar. A história agora era irremediavelmente pública e notória. A criada da sra. Rushworth mãe sabia de tudo e, apoiada pela patroa, não se calou. Em sua breve convivência, as duas damas muitas vezes se desentenderam; e o rancor da sogra contra a nora talvez se devesse tanto ao desrespeito com que fora tratada quanto a seu amor pelo filho.

De qualquer modo, a velha senhora estava irredutível. Porém, ainda que fosse menos obstinada ou exercesse menor influência sobre o filho, que sempre se deixava levar pela última palavra que ouvia, pela pessoa que conseguia dominá-lo e reduzi-lo ao silêncio, a situação

continuaría sendo desesperadora, pois a sra. Rushworth não voltou e tudo indicava que estaria escondida em algum lugar com o sr. Crawford, que, a pretexto de viajar, deixara a casa do almirante no mesmo dia em que ela se ausentara.

Não obstante, Sir Thomas demorou-se um pouco mais em Londres, na esperança de encontrá-la e arrancá-la da depravação, embora tudo estivesse perdido no tocante a reputação.

Pensar no estado de espírito em que o *tio* se encontrava era quase insuportável para Fanny. No momento, só um de seus filhos não constituía uma fonte de angústia para ele. Tom havia piorado muito, ao saber da conduta da irmã, e parecia tão distante da cura que até mesmo Lady Bertram ficou impressionada e transmitia ao marido todos os seus temores; e a fuga de Julia, esse golpe adicional que o aguardava em Londres, apesar de atenuado na ocasião, por certo o abalara profundamente. Fanny sabia que era assim. As cartas do tio expressavam sua desolação. Em quaisquer circunstâncias, seria uma união indesejada, porém o fato de ter sido planejada às escondidas e consumada nesse instante lançava uma luz desfavorável sobre os sentimentos de Julia e acrescentava um sério agravante à loucura de sua escolha. Para Sir Thomas tratava-se de um mau passo, dado da pior maneira e no pior momento; e, embora Julia fosse mais perdoável que Maria, tanto quanto a loucura é mais perdoável que a depravação, sua escolha provavelmente a levaria ao mesmo fim da irmã. Assim ele via a situação em que a caçula se colocara.

Fanny sentia muito por ele. Edmund era a única pessoa capaz de confortá-lo. Os outros filhos lhe partiram o coração. E, num raciocínio diferente do da sra. Norris, ela acreditava que o desgosto que lhe causara já havia se dissipado. Estava justificada. O sr. Crawford a absolvía inteiramente de tê-lo recusado — o que, embora crucial para ela, triste consolo seria para o tio. O desgosto de Sir Thomas era terrível para Fanny; mas o que sua justificação, sua gratidão ou seu amor poderiam fazer por ele? Só Edmund podia servir-lhe de esteio.

Mas ela estava enganada ao pensar que Edmund não fazia o pai sofrer. Fazia-o, sim, embora com menor intensidade que os outros. Pois Sir Thomas pensava que a felicidade de Edmund fora tão afetada

pela ofensa da irmã e do amigo que ele devia afastar-se da mulher que cortejara com verdadeiro amor e grandes probabilidades de êxito e que em tudo, exceto por esse irmão desprezível, seria uma excelente escolha. Sabia que essa era mais uma fonte de sofrimento para o filho, além de todo o resto; quando estiveram em Londres, viu ou imaginou o que ele sentia e, ciente de que se encontrara com a srta. Crawford *uma* vez e saíra desse encontro ainda mais aflito, por esse e outros motivos resolveu tirá-lo da cidade e encarregou-o de ir buscar Fanny em Portsmouth e levá-la para casa, para junto da tia, o que acreditava que seria um bem e um alívio não só para ele, mas igualmente para elas. Fanny ignorava os sentimentos de Sir Thomas, assim como o baronete desconhecia o caráter da srta. Crawford. Se tivesse presenciado sua conversa com Edmund, ele não haveria de querer que se casassem, ainda que suas vinte mil libras fossem quarenta mil.

Fanny não tinha dúvida de que Edmund se afastaria da srta. Crawford para sempre; porém só ficaria plenamente convencida quando soubesse que ele pensava da mesma forma. Acreditava que sim, mas queria ter certeza. Se agora o primo lhe falasse com a franqueza que às vezes lhe parecera excessiva seria um imenso consolo; mas *isso* não ocorreria. Fanny raramente o via e nunca a sós; Edmund evitava ficar sozinho com ela. O que deduzir disso? Que ele aceitava sua parte dessa tribulação familiar, porém sofria demais para falar sobre isso. Assim devia sentir-se. Aceitava, mas num tormento que não conseguia expressar com palavras. Demoraria muito tempo para voltar a pronunciar o nome da srta. Crawford ou para fazer confidências à prima como antes fazia.

Foi uma longa espera. Chegaram a Mansfield na quinta-feira, e só no domingo à noite Edmund tocou no assunto. Sentado junto a Fanny nessa noite de domingo, uma chuvosa noite de domingo, o melhor momento para, tendo por perto uma amiga, abrir-lhe o coração e dizer-lhe tudo, não havendo ninguém mais na sala, exceto Lady Bertram, que, após escutar um comovente sermão, chorara até adormecer, era impossível não falar; e, assim, depois dos habituais preâmbulos, que não deixavam muito claro o que viria a seguir, e da habitual declaração de que, se a prima se dignasse a escutá-lo por alguns minutos, ele seria muito breve e nunca mais abusaria de sua

bondade — não havia por que temer que isso se repetisse, pois o assunto seria terminantemente proibido —, Edmund começou a descrever para a pessoa de cuja afetuosa compreensão tinha plena certeza circunstâncias e sensações de fundamental importância para ele.

Podemos imaginar como Fanny o escutava, com que curiosidade e interesse, com que tristeza e com que prazer, e como se empenhava em fixar o olhar em qualquer objeto, menos nele. O início foi alarmante. Edmund se avistara com a srta. Crawford. Fora convidado. Recebera um bilhete de Lady Stornaway, suplicando-lhe que fosse vê-la; e, considerando que essa seria sua última conversa como amigos, atribuindo à irmã de Crawford todos os sentimentos de vergonha e pesar que ela deveria ter, fora a seu encontro num estado de espírito tão terno e devotado que, por alguns segundos, Fanny julgou impossível que se tratasse da derradeira entrevista. No entanto, à medida que a narrativa prosseguia, seus temores se dissiparam. Edmund lhe contou que a srta. Crawford estava séria, realmente séria, e até mesmo transtornada; mas, antes que ele conseguisse formular uma frase inteligível, abordou o assunto de um modo que, tinha de admitir, deixou-o chocado. “Eu soube que o senhor estava em Londres”, disse ela. “Queria vê-lo. Queria conversar sobre essa história deplorável. Existe alguma coisa que se compare com a loucura de nossos irmãos?”

“Não encontrei resposta, mas creio que meu rosto falou por mim. Ela percebeu minha reprovação. Às vezes percebe tudo tão rápido! Então, com maior seriedade no semblante e na voz, acrescentou: ‘Não vou defender Henry em detrimento de sua irmã’. Foi assim que começou... mas o que veio depois... não convém... não convém lhe contar. Não me lembro de todas as palavras. E, mesmo que lembrasse, não ficaria repisando-as. O que expressavam, na essência, era muita raiva da *loucura* dos dois. Ela estava furiosa com a loucura do irmão, que por causa de uma mulher da qual nem gostava acabou perdendo a mulher que adorava; e ainda mais com a loucura da pobre Maria, que sacrificou uma excelente posição e se meteu em grandes dificuldades por acreditar no amor de um homem que sempre lhe demonstrou indiferença. Imagine como eu me sentia. Ouvir a mulher que... não

achar uma palavra mais forte que ‘loucura’! Analisar tudo isso com tanto desembaraço, tanta frieza! Sem repugnância, sem indignação, sem... posso falar?... sem o nojo decorrente do recato feminino! Obra do mundo. Onde mais encontraríamos uma mulher tão bem-dotada pela natureza? Perdida, perdida...!”

Após uma breve reflexão, ele prosseguiu com uma espécie de calma desesperada: “Vou lhe contar tudo e nunca mais tocar nesse assunto. A srta. Crawford via tudo isso como uma loucura, e uma loucura só por causa do escândalo. A falta de discernimento, de cuidado... ele ir a Richmond enquanto Maria estava em Twickenham... ela se colocar nas mãos de uma criada; era a descoberta, em suma... Ah, Fanny, era a descoberta que ela reprovava, não a ofensa. Era a imprudência, que levou a situação a esse extremo e obrigou o irmão a desistir de seus sonhos mais caros para fugir com Maria”.

Edmund fez uma pausa. “E o que você falou?”, Fanny perguntou, sentindo-se na obrigação de dizer alguma coisa.

“Nada... nada de inteligível. Eu estava pasmo. Ela começou a falar de você... isso mesmo: começou a falar de você e a lamentar a perda de... E falou com muita propriedade. E sempre lhe fez justiça. ‘Ele jogou fora uma mulher como nunca vai encontrar outra igual. Ela lhe daria estabilidade, ela o faria feliz para sempre.’ Minha querida, espero estar lhe proporcionando mais alegria que tristeza com essa retrospectiva do que poderia ter sido... e nunca poderá ser. Prefere que eu me cale? Basta um olhar, uma palavra, e não abro mais a boca.”

Não houve olhar nem palavra.

“Graças a Deus!”, ele exclamou. “Estávamos perplexos... mas parece que por uma misericordiosa determinação da Providência Divina o coração inocente não deve sofrer. Ela falou de você com admiração e carinho; mas nem nisso se eximiu de uma ponta de maldade, pois de repente disparou: ‘Por que ela o recusou? Tudo isso é culpa dela. Que imbecil! Nunca vou perdoá-la. Se o tivesse aceitado, como devia, agora estariam prestes a se casar, e Henry estaria feliz demais, ocupado demais para querer outras coisas. Não teria se dado o trabalho de fazer as pazes com a sra. Rushworth. Tudo teria terminado num flerte sem consequências, nos encontros anuais em

Sotherton e Everingham’. Você acredita? Mas o encanto se rompeu. Eu abri os olhos.”

“É cruel!”, disse Fanny. “Muito cruel! Brincar desse jeito, falar com essa displicência numa hora dessas e, ainda por cima, com você...! É muita crueldade.”

“Crueldade? Não, quanto a isso discordamos. A natureza dela nada tem de cruel. Não creio que ela quisesse ferir meus sentimentos. O mal está mais no fundo; na absoluta ignorância desses sentimentos, de cuja existência ela sequer desconfia; numa perversão mental que a faz achar natural tratar o assunto dessa forma. Ela só falou o que estava acostumada a ouvir dos outros, o que imaginava que todos fariam. Os defeitos dela não são falhas de caráter. Ela não faria mal a ninguém deliberadamente; e, talvez eu esteja enganado, mas não posso deixar de pensar que por mim, por meus sentimentos, ela... Os defeitos dela se devem à falta de princípios, à sensibilidade embotada, à mente corrompida. Talvez seja melhor para mim... já que não tenho muito a lamentar. Mas não é bem assim. De bom grado eu sofreria toda a dor de perdê-la, se a visse com outros olhos. Eu disse isso a ela.”

“Você disse?”

“Sim, quando me despedi.”

“Quanto tempo vocês conversaram?”

“Vinte e cinco minutos. Ela falou que o que restava a fazer agora era providenciar o casamento. Falou com a voz mais firme que a minha.” Ao prosseguir com seu relato, Edmund foi obrigado a interromper-se mais de uma vez. “‘Temos de convencer Henry a casar com Maria’, ela começou; ‘o que não é impossível, considerando o senso de honra de meu irmão e sua certeza de que perdeu Fanny para sempre. Ele precisa desistir de Fanny. Acho que, agora, nem mesmo *ele* teria esperança de conquistar uma moça como Fanny; portanto, creio que não vamos esbarrar em nenhuma dificuldade insuperável. Para isso vou usar toda a minha influência, que não é pouca; e, quando estiverem casados, com o devido apoio da família, que é das mais respeitáveis, ela poderá recuperar, em parte, seu lugar na sociedade. Sabemos que nunca será admitida em alguns círculos, mas com bons jantares e grandes festas sempre haverá quem tenha prazer em

conhecê-la; e, sem dúvida, hoje em dia existem mais liberalidade e franqueza com relação a isso. Meu conselho é que seu pai não faça nada. Não permita que ele prejudique a própria causa com uma interferência indevida. Convença-o a deixar as coisas como estão. Se ele conseguir induzir Maria a afastar-se de Henry, a probabilidade de se casarem é menor do que se ficarem juntos. Sei como se pode influenciar meu irmão. Sir Thomas deve confiar no senso de honra e na compaixão de Henry para que tudo acabe bem; no entanto, se convencer a filha a afastar-se, estará destruindo o maior trunfo.”

Nesse ponto, Edmund se emocionou de tal modo que, observando-o em silêncio, mas com terna preocupação, Fanny quase lamentou que tivesse tocado no assunto. Durante muito tempo, ele foi incapaz de pronunciar uma só palavra. Por fim, continuou: “Já estou terminando. Eu lhe contei o essencial do discurso dela. Assim que consegui falar, eu disse que, no estado de espírito em que me encontrava ao entrar naquela casa, achava impossível que alguma coisa me fizesse sofrer mais e que, no entanto, ela me feriu ainda mais fundo a cada uma de suas frases. Que ao longo de nossa amizade muitas vezes discordamos acerca de temas importantes, mas nunca pensei que essa discordância fosse tão grande como ela acabava de demonstrar. Que a maneira como ela via o crime hediondo cometido por nossos respectivos irmãos... não sei qual dos dois teria exercido maior sedução... a maneira como se referia ao crime em si, condenando-o de todas as formas, exceto da forma correta; considerando suas nefastas consequências apenas para concluir que era preciso enfrentá-las ou superá-las com um desafio à decência e uma insolente perseverança no erro; e, ainda por cima, recomendando-nos complacência, transigência, aquiescência com o pecado para não dificultar a realização de um casamento que, pelo que agora eu pensava de Henry, melhor seria impedir... diante de tudo isso, dolorosamente me dei conta de que não a tinha compreendido até então e de que foi com a criatura de minha imaginação, não com a srta. Crawford, que sonhei durante tantos meses. Que talvez fosse melhor para mim; que eu tinha menos a lamentar, sacrificando uma amizade... sentimentos... esperanças que, de qualquer modo, agora me foram tirados. E que, no entanto, eu precisava confessar que, se pudesse voltar a vê-la como

antes, eu preferiria mil vezes sofrer mais com a despedida, pois assim teria o direito de lhe dedicar minha ternura e minha estima. Isso foi o que eu disse... a essência do que eu disse... mas, como você bem pode imaginar, não falei com tanta calma e tanta ordem como agora. Ela ficou pasma, incrivelmente pasma... mais que pasma. Mudou de expressão. Ficou rubra. Acho que vi uma mistura de muitos sentimentos... uma luta intensa, porém breve... de um lado, uma vontade de admitir essas verdades... do outro, certa vergonha; o hábito venceu. Ela teria rido, se pudesse. Mas respondeu com uma espécie de risada: ‘Belo discurso! Foi isso que falou em seu último sermão? Nesse ritmo, o senhor logo vai regenerar todos os moradores de Mansfield e Thornton Lacey; e, quando eu ouvir falar do senhor, talvez seja como um pregador famoso numa grande sociedade de metodistas ou como um missionário em terra estrangeira’. Ela procurava demonstrar indiferença, mas não parecia indiferente. Eu só respondi que desejava, de todo o coração, que ela fosse feliz, que em breve aprendesse a pensar com mais acerto e não devesse o conhecimento mais precioso que podemos adquirir... o conhecimento de nós mesmos e de nosso dever... às lições do sofrimento; e saí. Nem bem me afastei alguns passos, ouvi a porta se abrir. ‘Sr. Bertram’, ela chamou. Olhei para trás. ‘Sr. Bertram’, ela repetiu, com um sorriso, mas um sorriso incompatível com o que havíamos conversado, um sorriso atrevido, brincalhão, que parecia me convidar para me dominar; pelo menos foi o que pensei. Resisti; o impulso do momento foi resistir; e continuei andando. Às vezes... por um instante... eu me arrependo de não ter voltado; mas sei que fiz bem; e assim terminou nossa amizade! E que amizade! Como me enganei! Como me enganei com aqueles dois irmãos! Obrigado pela paciência, Fanny. Foi um grande alívio. E não vamos mais falar nisso.”

E Fanny acreditava tanto nele que por cinco minutos achou que *realmente* não falariam mais nisso. Porém o mesmo assunto, ou algo muito parecido, voltou à baila e só se encerrou de fato quando Lady Bertram despertou. Até então, continuaram conversando sobre a srta. Crawford, sobre a forma como ela o conquistara, sobre as qualidades que a natureza lhe dera, sobre a excelente pessoa que ela seria, se desde pequena estivesse em boas mãos. Agora livre para falar

francamente e ajudá-lo a conhecer melhor o verdadeiro caráter da srta. Crawford, Fanny insinuou que o estado de saúde de Tom talvez tivesse contribuído para levá-la a desejar uma completa reconciliação. Não era uma hipótese muito agradável. A natureza resistiu por um instante. Seria muito mais lisonjeiro pensar que ela lhe dedicava uma afeição desinteressada; mas a vaidade não era tão grande que lutasse por muito tempo com a razão. Edmund admitiu que a doença do irmão pesara na decisão da srta. Crawford e só reservou para si mesmo esta ideia consoladora: considerando a influência de muitos hábitos contrários, ela certamente o estimara mais do que se poderia esperar e por causa dele chegara mais perto de uma conduta correta. Fanny era da mesma opinião; e ambos estavam de pleno acordo quanto ao efeito duradouro, à impressão indelével que essa decepção deixaria no ânimo de Edmund. O tempo lhe aliviaria o sofrimento, porém nunca o eliminaria totalmente; e, quanto a encontrar um dia outra mulher que... era impossível falar nisso sem se indignar. A amizade de Fanny era a única coisa à qual ele podia se agarrar.

XVII

Que outras penas se detenham nos erros e nas dores. Agora deixo de lado esses temas odiosos, pois estou impaciente para devolver alguma tranquilidade a todos que não cometeram grandes faltas e para concluir meu relato no que tange aos demais.

Tenho a satisfação de saber que, nessa época, minha Fanny era feliz, apesar de tudo. Era uma criatura feliz, apesar de tudo que sentia ou pensava que sentia pelo sofrimento dos que a rodeavam. Muitas fontes de alegria começavam a jorrar. Ela voltara para Mansfield Park, era útil, amada; estava livre do sr. Crawford; e, quando Sir Thomas retornou, recebeu todas as demonstrações de absoluta aprovação e redobrada estima que, em sua imensa tristeza, o tio foi capaz de lhe dar; era feliz por tudo isso, mas sem nada disso também o seria pelo fato de Edmund ter se libertado da srta. Crawford.

Quanto a Edmund, estava longe da felicidade. Sofria com a decepção, suspirava de saudade, lamentava o que havia acontecido e desejava o que não poderia acontecer. Fanny sabia disso e tinha muita pena; mas essa pena estava tão misturada com satisfação, tão próxima da paz de espírito, em tamanha harmonia com as mais deliciosas sensações que pouca gente não abriria mão das maiores alegrias só para senti-la.

Sir Thomas, o pobre Sir Thomas, consciente de seus erros como pai, foi quem sofreu por mais tempo. Dizia a si mesmo que não devia ter consentido no casamento, que conhecia os sentimentos da filha suficientemente bem para negar sua permissão, que ao autorizar essa união sacrificara o justo ao conveniente, que se deixara levar pelo egoísmo e por sua experiência da vida. Essas eram reflexões que só com o tempo se abrandariam; mas o tempo consegue quase tudo; e, se não encontrou muito consolo para o sofrimento que a sra. Rushworth lhe causara, com os outros filhos ele se confortaria mais do que

poderia imaginar. O casamento de Julia não era o desastre que a princípio lhe parecera. Ela demonstrava humildade e vontade de ser perdoada; e o sr. Yates, desejoso de ser recebido no seio da família, estava disposto a tratar o sogro com todo o respeito e aceitar sua orientação. O rapaz não era dos mais sérios; porém havia esperança de que se tornasse menos frívolo ou, no mínimo, razoavelmente caseiro e tranquilo; e, de qualquer modo, era um consolo para o baronete saber que os bens do genro eram maiores e as dívidas menores do que temia e ser consultado como o amigo capaz de dar conselhos valiosos. Igualmente era um consolo ver seu primogênito recuperar a saúde pouco a pouco, sem retomar a imprudência e o egoísmo do passado. Com a doença Tom se tornara uma pessoa melhor para sempre. Sofrera e aprendera a pensar, duas coisas que até então desconhecia; e a autocrítica suscitada pelo deplorável acontecimento da Wimpole Street, do qual se considerava cúmplice por causa da perigosa intimidade estabelecida por seu injustificável teatro, produziu efeitos duradouros e positivos nesse jovem de vinte e seis anos, não de todo destituído de bom senso e agora cercado de boas companhias. Tom passou a ser útil ao pai, sensato e sereno, como sempre devia ter sido, e deixou de viver apenas para si mesmo.

Era realmente um consolo! E, para completar a satisfação de Sir Thomas com o bom andamento das coisas, Edmund estava conseguindo eliminar o único motivo de sofrimento que dera ao pai: o desânimo. Depois de passar as tardes do verão perambulando ou descansando com Fanny à sombra das árvores, conformara-se o bastante para voltar a sentir alguma alegria.

Essas eram as circunstâncias e as esperanças que pouco a pouco tranquilizavam o baronete, atenuando-lhe a dor pelo que perdera e, em parte, reconciliando-o consigo mesmo; mas ele nunca superaria completamente a angústia inerente à consciência dos erros que cometera na educação das filhas.

Tarde demais se dava conta do mal que causara ao caráter de ambas o tratamento contraditório que sempre receberam: de um lado, a excessiva indulgência e os mimos da tia; de outro, sua própria severidade. Percebia como se enganara ao pensar que contrabalançava a influência da sra. Norris assumindo uma atitude totalmente oposta;

agora via com absoluta clareza que apenas aumentara o dano, ensinando-as a reprimir-se em sua presença, pois isso o impediu de conhecer a verdadeira índole das filhas, e deixando a satisfação das vontades de ambas a cargo de quem só conseguira atraí-las com cega afeição e exagerados elogios.

Quanto a isso, fora lamentavelmente inábil; contudo, apesar do péssimo resultado, pouco a pouco chegou à conclusão de que esse não fora o pior erro de seu projeto educacional. Deve ter havido uma falha mais *profunda*, pois, do contrário, o tempo teria neutralizado grande parte desses efeitos nocivos. Temia que tivesse negligenciado um princípio, um princípio ativo; que as filhas nunca tivessem aprendido realmente a dominar suas vontades e seus humores com aquele senso de dever que por si só pode ser suficiente. Elas foram instruídas na teoria da religião, mas nunca foram solicitadas a colocá-la em prática. Destacar-se pela elegância e pelo talento — lídimo objetivo da juventude — não exerceu nenhuma influência útil nesse aspecto, não produziu nelas nenhum efeito moral. Sir Thomas queria que fossem boas pessoas, porém se preocupara mais com instrução e refinamento do que com índole; e temia que ninguém nunca lhes tivesse dito que abnegação e humildade poderiam ser-lhes úteis.

Lamentava amargamente uma deficiência que, agora, muito o surpreendia. Admitia com tristeza que, apesar dos gastos e do cuidado que tivera para dar-lhes uma educação esmerada e cara, criara as filhas sem incutir-lhes uma noção de seus deveres básicos e sem conhecer seu caráter e seu temperamento.

Só percebeu a natureza ardente e as fortes paixões da sra. Rushworth através de suas nefastas consequências. Ninguém conseguiu convencê-la a abandonar o sr. Crawford. Ela esperava se tornar sua esposa e permaneceu a seu lado até ser obrigada a admitir que sua esperança era vã, até a decepção e a infelicidade resultantes dessa certeza lhe azedarem o humor e tornarem seus sentimentos por ele tão parecidos com ódio que ambos passaram a punir-se mutuamente e por fim decidiram separar-se.

Durante o tempo em que viveram juntos, era constantemente acusada de haver arruinado a felicidade que ele teria com Fanny; e, ao

deixá-lo, só levou o consolo de tê-los separado. Existe sofrimento maior que o de uma pessoa como essa em semelhante situação?

O sr. Rushworth não encontrou dificuldade para obter o divórcio; e assim terminou um casamento que, pelas circunstâncias em que se realizara, só com muita sorte teria dado certo. Ela o desprezava e amava outro; e ele sabia muito bem disso. As indignidades da estupidez e as decepções da paixão egoística não despertam grande compaixão. Sua conduta recebeu o devido castigo, assim como o delito mais grave de sua esposa foi punido com maior rigor. *Ele* se libertou do vínculo conjugal para viver humilhado e infeliz até que outra moça bonita o atraia novamente para o matrimônio, encorajando-o a uma segunda tentativa que, espera-se, seja mais feliz que a primeira; se há de ser enganado, que pelo menos o seja com bom humor e boa sorte; quanto a *ela*, recriminada por todos, carregada de sentimentos infinitamente mais intensos, teve de refugiar-se na solidão, sem a menor esperança de recuperar a reputação.

Onde instalá-la foi tema de melancólica discussão. A sra. Norris, cujo amor parecia aumentar com os deméritos da sobrinha, propôs que a recebessem de volta e lhe dessem todo o apoio. Sir Thomas não quis nem ouvir falar nisso, e a sra. Norris ficou ainda mais furiosa com Fanny, por atribuir essa recusa à presença *dela* na mansão. Argumentou que os escrúpulos do cunhado se deviam unicamente a *isso*, e Sir Thomas solenemente respondeu que, ainda que não houvesse na casa nenhuma moça, nenhum jovem de qualquer um dos sexos que a companhia ou a reputação da sra. Rushworth pudesse prejudicar, ele nunca faria tamanha ofensa aos vizinhos. Estava disposto a proteger a filha (arrependida, esperava), a proporcionar-lhe todo o conforto e a incentivá-la a agir corretamente, na medida do possível; mas não iria além *disso*. Maria arruinara a própria reputação; e ele não iria sancionar o erro, tentando inutilmente restabelecer o que nunca poderia ser restabelecido, nem buscaria diminuir a desonra, contribuindo para levar à família de outro homem a desgraça que atingira a sua.

A discussão terminou com a sra. Norris anunciando que deixaria Mansfield para dedicar-se a sua infortunada Maria, com quem pretendia instalar-se num lugar distante e isolado, onde, sem a

companhia de mais ninguém, sem afeto de um lado e sem discernimento do outro, acabariam atormentando-se mutuamente com suas respectivas maneiras de ser.

A partida da sra. Norris foi mais um grande consolo para Sir Thomas. Desde que voltara de Antígua, a cada dia ele tinha pior opinião sobre a cunhada; desde então, na convivência cotidiana, nas conversas sobre coisas importantes ou trivialidades, prezava-a cada vez menos e pensava que ou superestimara seu bom senso e suportara seu mau gênio com espantosa paciência ou o tempo não a beneficiara em nada. Agora a via como um mal constante, um mal que o acompanharia pelo resto da vida, como se a tivesse tornado parte de si mesmo e fosse obrigado a suportá-la para sempre. Livrar-se dela foi, portanto, uma felicidade tão imensa que, se não fossem as amargas lembranças, ele talvez corresse o risco de aplaudir o mal que resultara em tamanho bem.

Ninguém em Mansfield lamentou a ausência da sra. Norris. Ela não conseguira conquistar o afeto nem sequer das criaturas que mais amava e, desde a fuga da sra. Rushworth, andava tão irritada que atormentava todo mundo. Nem mesmo Fanny chorou por ela; nem mesmo quando ela se foi para sempre.

Julia teve mais sorte que Maria graças a uma favorável diferença de temperamento e circunstâncias e, sobretudo, ao fato de ter sido menos querida, menos adulada, menos mimada pela tia. Sempre ocupou o segundo lugar, em termos de beleza e talento. Sempre se considerou um pouco inferior à irmã. Era, por natureza, mais tranquila; tinha sentimentos intensos, porém mais controláveis; e não recebera uma educação que lhe desse uma ideia exagerada da própria importância.

Ela suportou melhor a decepção com Henry Crawford. Depois que superou a mágoa de ter sido desprezada, demorou relativamente pouco para parar de pensar nele; e, quando o reencontrou, em Londres, e constatou que frequentar a casa do sr. Rushworth se tornara um objetivo para Crawford, teve o mérito de afastar-se e ir visitar outros amigos para não sentir de novo a antiga atração. Foi por esse motivo que decidiu ficar com os primos. A conveniência do sr. Yates nada teve a ver com isso. Fazia algum tempo que se dignava a receber suas atenções, porém não lhe passava pela cabeça aceitá-lo um

dia; e, não fosse a conduta intempestiva da irmã, que só lhe aumentou o medo de voltar para casa, pois imaginou que, em decorrência do escândalo, passariam a tratá-la com maior severidade e a impor-lhe mais restrições, não teria tomado a precipitada decisão de correr todos os riscos para evitar esses horrores, e provavelmente o sr. Yates não teria tido êxito. O sentimento que a levara a fugir nada mais era que temor egoísta. Parecera-lhe que essa era a única coisa a fazer. O erro de Maria suscitara a sandice de Julia.

Corrompido pela prematura independência financeira e pelo mau exemplo da família, Henry Crawford se entregou por muito tempo aos caprichos de sua insensível vaidade. Um dia, graças a uma imprevista e imerecida conjunção de circunstâncias favoráveis, ela o conduziu ao caminho da felicidade. Se lhe bastasse conquistar o afeto de uma mulher amável, se lhe parecesse suficientemente empolgante vencer a relutância, esforçar-se para ganhar a estima e o carinho de Fanny Price, com toda probabilidade teria sucesso e seria feliz. Seu amor já conseguira alguma coisa. A influência de Fanny sobre ele já lhe permitira exercer alguma influência sobre ela. Se merecesse mais, sem dúvida obteria; sobretudo depois que se realizasse o casamento e ela extinguisse sua primeira paixão. Se perseverasse, talvez recebesse Fanny como prêmio — e prêmio de bom grado concedido — pouco depois de Edmund e Mary se casarem.

Se tivesse feito o que pretendia e o que sabia que devia fazer, ou seja, se tivesse ido para Everingham ao voltar de Portsmouth, talvez tivesse decidido a própria felicidade. Mas foi pressionado a ficar para a festa da sra. Fraser; e ficou, em parte porque a insistência o deixou lisonjeado, em parte porque a sra. Rushworth estaria lá. Curiosidade e vaidade se reuniram, e a tentação do prazer imediato foi grande demais para quem nunca sacrificara nada ao que é correto; ele resolveu adiar a viagem a Norfolk, resolveu que bastava uma carta para tratar do assunto que o levaria até lá, resolveu que esse assunto não tinha a menor importância — e ficou. Viu a sra. Rushworth, foi recebido por ela com uma frieza que deveria desencorajá-lo e estabelecer para sempre a indiferença entre ambos; mas sentiu-se humilhado, não suportou ser rejeitado pela mulher cujos sorrisos estiveram um dia sob seu comando; e decidiu esforçar-se para eliminar

aquela orgulhosa demonstração de ressentimento; estava com raiva de Fanny; tinha de levar a melhor; tinha de fazer a sra. Rushworth tratá-lo como Maria Bertram o tratava.

Com tais sentimentos deu início ao ataque; e com perseverança logo restabeleceu o tipo de intimidade — de galantaria —, de flerte à qual se limitavam seus propósitos, porém, ao triunfar sobre a discricção, que, embora originada na raiva, poderia salvar a ambos, tornou-se refém de sentimentos mais fortes do que imaginara. Ela o amava e adorava receber suas atenções; não havia como parar de cortejá-la. Crawford estava enredado na própria vaidade, sem a desculpa do amor, sem o menor esmorecimento em seu afeto por Fanny. Agora seu primeiro objetivo era esconder de Fanny e dos Bertram o que estava acontecendo. Convinha guardar segredo para salvaguardar a reputação da sra. Rushworth e seu bom nome. Ao voltar de Richmond, Crawford preferia não vê-la mais. Tudo que aconteceu depois disso foi resultado da imprudência dela; e por fim partiram juntos, porque ele não conseguiu evitar, porém nesse momento lamentou perder Fanny e infinitamente mais o lamentou quando cessou o falatório em torno do escândalo e uns poucos meses o ensinaram, por meio do contraste, a valorizar ainda mais a doçura de caráter, a pureza de pensamento, a excelência de princípios da amada.

Sabemos que a punição — nesse caso, a punição pública da desonra, que, em justa medida, se estendeu a *ele* por sua parte no delito — não é uma das barreiras que a sociedade impõe à virtude. Neste mundo, não se aplicam penalidades com a imparcialidade desejável; todavia, sem ter a pretensão de esperar um julgamento mais justo no além, podemos imaginar que um homem sensível como Henry Crawford reservasse para si mesmo uma boa provisão de pesar e arrependimento, que às vezes deve levá-lo à autorrecriinação e à mais profunda tristeza por ter retribuído a hospitalidade dessa forma, por ter perturbado a paz de uma família, por ter perdido as melhores, mais preciosas, mais queridas amizades, por ter perdido a mulher que amara com a razão e o coração.

Depois do acontecimento que afligira e separara as duas famílias, teria sido extremamente penoso para os Bertram e os Grant continuarem morando tão perto uns dos outros; porém a ausência

destes últimos, deliberadamente prolongada por alguns meses, por sorte resultou na necessidade ou pelo menos na conveniência de um afastamento definitivo. Graças à influência de um conhecido do qual praticamente já não esperava nada, o dr. Grant conseguiu uma conezia em Westminster, o que significou uma oportunidade de deixar Mansfield, um pretexto para residir em Londres e um aumento de renda para cobrir as despesas decorrentes da mudança; e foi muito bom para os que partiram e para os que ficaram.

A sra. Grant, amorosa e amável por natureza, despediu-se com pesar dos lugares e das pessoas com que se habituara, mas em qualquer local, em qualquer companhia, essa predisposição à felicidade a faria encontrar muitos motivos de alegria; e ela tinha novamente uma casa para oferecer a Mary; e, nos últimos seis meses, Mary se cansara a tal ponto dos amigos, da vaidade, da ambição, do amor e da desilusão que agora precisava da verdadeira bondade e da racional tranquilidade da irmã. Passaram a morar juntas; e, quando o dr. Grant faleceu, vítima de uma apoplexia relacionada com sua participação em três grandes jantares institucionais numa única semana, continuaram morando juntas; pois, embora firmemente decidida a nunca mais se apaixonar por um caçula, Mary demorou muito a encontrar entre os garbosos primogênitos e herdeiros ociosos encantados com sua beleza e suas vinte mil libras um que satisfizesse o gosto mais refinado que adquirira em Mansfield, e justificasse, pelo caráter e pelas maneiras, a esperança da felicidade doméstica que ela aprendera a apreciar ou lhe tirasse Edmund Bertram do pensamento.

Nesse campo, Edmund levou grande vantagem sobre ela. Não precisou esperar e desejar, de coração vazio, que aparecesse uma jovem digna de sucedê-la em sua vida. Nem bem parou de suspirar por Mary Crawford, nem bem comentou com Fanny que achava impossível encontrar outra mulher como aquela, começou a ponderar se uma mulher completamente diferente não seria uma boa escolha ou uma escolha muito melhor; se Fanny, com todos os seus sorrisos, todo o seu jeito, não estaria se tornando tão importante para ele quanto Mary Crawford havia sido; e se não conseguiria convencê-la de que seu amor fraternal por ele poderia ser uma base suficiente para o amor conjugal.

Abstenho-me, deliberadamente, de mencionar datas, pois quero deixar o leitor à vontade para estabelecê-las, tendo em mente que, com relação ao tempo, a cura de paixões indomáveis e a transferência de amores imutáveis variam muito de um indivíduo para outro. Só peço a todos que acreditem que, no momento exato, não uma semana antes, em que se tornou perfeitamente natural que isso ocorresse, Edmund parou de pensar na srta. Crawford e passou a ansiar por esposar Fanny tanto quanto a própria Fanny poderia desejar.

Com o afeto que desde muito lhe dedicava, afeto que a inocência e a fragilidade suscitaram e méritos crescentes contribuíram para intensificar, não era perfeitamente natural que seus sentimentos mudassem? Amando-a, guiando-a, protegendo-a sem cessar desde que Fanny tinha dez anos de idade; tendo participado em larga medida da formação de sua mente; tendo sempre zelado com toda a bondade por seu bem-estar, objeto de constante e especial interesse; e sendo para ela a pessoa mais importante de Mansfield, só lhe faltava aprender a preferir olhos claros e doces a olhos negros e faiscantes. E, como estava sempre com ela, e lhe fazia confidências, e tinha os sentimentos naquele estado propício que resulta de uma desilusão recente, esses olhos claros e doces não demoraram muito para prevalecer.

Tendo tomado com absoluta certeza o caminho da felicidade, não havia nada que, em nome da prudência, pudesse detê-lo ou retardar-lhe os passos; nenhuma dúvida quanto ao merecimento de Fanny, nenhum receio de gostos contrários, nenhuma necessidade de acalantar novas esperanças em função de temperamentos opostos. A mentalidade, a índole, as opiniões, os hábitos de Fanny não precisavam se esconder, não lhe davam motivo para se iludir no presente ou esperar melhorias no futuro. Mesmo quando estava apaixonado por Mary Crawford, ele reconhecia a superioridade mental da prima. Portanto, como a via agora? Naturalmente, considerava-a boa demais para ele; no entanto, como ninguém lamenta ter algo que considera bom demais, perseguia essa bênção com perseverança e ardor e achava impossível que ela demorasse muito para encorajá-lo. Fanny certamente era tímida, ansiosa, insegura, porém, com sua meiguice, não poderia deixar de dar-lhe grande esperança de sucesso, conquanto retardasse o momento de

contar-lhe toda a deliciosa e surpreendente verdade. A felicidade de Edmund ao saber que havia tanto tempo era amado por um coração como aquele deve ter sido suficientemente grande para justificar a veemência com que ele tentou descrevê-la; deve ter sido uma felicidade extraordinária! Mas a felicidade da outra parte também era indescritível. Não há como descrever os sentimentos de uma jovem ante a revelação de um amor que julgava impossível.

Depois disso, não surgiu nenhuma dificuldade, nenhum obstáculo de ordem financeira ou familiar. Sir Thomas até havia previsto e desejado essa união. Farto de parentes ambiciosos e interesseiros, valorizando cada vez mais os bons princípios e o bom temperamento e, sobretudo, ansioso para preservar a felicidade doméstica que lhe restava, avaliara com sincera satisfação a enorme possibilidade de os dois jovens amigos consolarem-se mutuamente de suas respectivas decepções; e o alegre consentimento que deu a Edmund, a certeza de ter realizado uma grande aquisição ao receber Fanny como filha formavam com a opinião que emitira quando se falou pela primeira vez na mudança da pobre menina para Mansfield o tipo de contraste que o tempo está sempre produzindo entre os planos e as decisões dos mortais para aprendizado de uns e diversão de outros.

Fanny era realmente a filha que Sir Thomas queria. Com sua caridade ele acabara proporcionando um excelente conforto para si mesmo. Sua generosidade era regamente compensada, e suas boas intenções em relação a ela faziam jus a essa recompensa. Ele pode ter lhe dado uma infância mais feliz; porém um erro de avaliação o levava a assumir uma postura severa e o privava do amor da menina; e, agora que de fato se conheciam mutuamente, unia-os profunda afeição. Depois de instalá-la em Thornton Lacey com todo o conforto, o que ele mais queria era visitá-la quase todos os dias ou conduzi-la à mansão.

Com a estima egoísta que desde muito dedicava a Fanny, Lady Bertram lamentou sua partida. Nem mesmo a felicidade do filho e da sobrinha a fazia desejar o casamento. A separação só foi possível porque Susan preencheu o lugar da irmã. Susan se tornou a sobrinha estacionária — ficou encantada com isso! —, papel para o qual estava tão qualificada pelo temperamento vivo e pela vontade de ser útil

quanto Fanny pela meiguice e pela gratidão. Susan se tornou indispensável. Primeiro, como um conforto para a irmã; depois, como sua ajudante; e, por fim, como sua substituta, ficaria em Mansfield, ao que tudo indicava, por tempo indeterminado. Graças a seu caráter mais destemido e seus nervos mais firmes, tudo ali era fácil para ela. Com capacidade para entender rapidamente a índole dos que a rodeavam e sem timidez para abster-se de manifestar os desejos que considerava importantes, foi bem acolhida e logo se mostrou útil a todos; e, após a partida de Fanny, assumiu com tanta naturalidade a função de zelar pelo bem-estar da tia que, pouco a pouco, acabou se tornando, talvez, a mais querida das duas. Na solicitude de Susan, nas excelentes qualidades de Fanny, na correção e na fama crescente de William, no bom procedimento e no sucesso dos outros membros da família, todos ajudando-se mutuamente e merecendo seu encorajamento e seu apoio, Sir Thomas encontrava motivo para felicitar-se pelo que fizera por todos e reconhecer as vantagens de enfrentar dificuldades ainda cedo na vida e ter consciência de que nascemos para lutar e sofrer com resignação.

Com tanto mérito genuíno e tanto amor verdadeiro e sem necessidade de fortuna ou de amigos, a felicidade dos recém-casados há de ser tão duradoura quanto a felicidade neste mundo pode ser. A morada dessas criaturas feitas para a vida doméstica e os prazeres do campo era um ninho de amor e paz; e, para completar, a aquisição do presbitério de Mansfield após a morte do dr. Grant ocorreu quando o jovem casal começava a precisar de um aumento de renda e a considerar incômoda a distância que o separava do lar paterno.

Então, mudaram-se para Mansfield, e o presbitério, do qual Fanny nunca conseguira se aproximar sem constrangimento e temor, na época dos antigos moradores, logo se tornou tão querido a seu coração e tão perfeito a seus olhos como sempre havia sido tudo que existia sob a proteção de Mansfield Park.

Notas

VOLUME I

CAPÍTULO I

1. Intrigado com essa afirmação, Chapman fornece um exemplo (*MP* (Chapman), p. 541) para mostrar como a recomendação de um indivíduo influente podia garantir uma promoção na Marinha. Mas a explicação pode ser a data em que se inicia a ação do romance, “há cerca de trinta anos”, ou seja, no começo da década de 1780. A Guerra Americana terminara em 1783 e a guerra com a França revolucionária eclodiu em 1793. Nos dez anos intermediários, cruciais para a carreira do tenente Price, o primeiro-ministro Pitt não só não fez nada para aumentar o poderio naval dos ingleses, como o diminuiu: em 1783 havia 110 mil marinheiros e, em 1793, apenas 16 mil. Mais tarde, durante a guerra napoleônica, num momento importante para a Marinha inglesa, Sir Thomas duvida que consiga a promoção de William Price (v. III, cap. I), talvez por ter perdido influência e prestígio nesse meio-tempo. Em outras palavras, ambas as afirmações constituem sutis indicações da sensibilidade com que o romance trata a trajetória familiar num complexo contexto histórico. (Ver meu Prefácio.)
2. A sra. Price pergunta se haveria uma oportunidade para o filho no comércio ou na carreira militar. Apesar dos transtornos da guerra, no começo do século XIX a Inglaterra estava no centro de um sistema imperial que se estendia para o Ocidente e o Oriente. A propriedade canavieira de Sir Thomas nas Índias Ocidentais podia empregar escriturários e administradores europeus. Woolwich, em Kent, era, como Portsmouth, uma cidade fortificada e provida de estaleiros. O Oriente, por meio da Companhia Inglesa das Índias Orientais, oferecia emprego na administração, na marinha mercante e na proteção militar do comércio da Inglaterra com a Índia.

CAPÍTULO II

1. Austen pode ter tirado esse nome do poema narrativo *The Parish Register* (1807), de George Crabbe, um estudo moralista dos vários níveis da vida provinciana em termos dos três acontecimentos que enchem os registros paroquiais (nascimentos, casamentos e óbitos). Na parte II, “Casamentos”, Crabbe apresenta Sir Edward Archer, “cavaleiro amoroso”, que corteja Fanny Price, “filha de seu administrador”.

- “Encantadora” e “casta”, Fanny Price está comprometida com outro e o rejeita com as palavras: “Meu propósito é firme, ao céu me submeto”. Crabbe era um dos poetas favoritos de Austen, e o homem que Fanny Price ama sem esperança descobre que ela está lendo sua obra mais recente (v. I, cap. XVI).
2. Desde a década de 1760 ensinava-se geografia com a ajuda de mapas recortados em várias partes para o aluno montar, como no quebra-cabeça. Em *Aids to Reflection* (1825), no aforisma introdutório 26, Coleridge menciona esse exercício comumente aplicado às crianças: “Contorne com diferentes cores os vários condados da Inglaterra e recorte-os, como nos mapas que as crianças desmembram e montam”.
 3. Quando chega a Mansfield Park, Fanny sabe apenas “ler, costurar e escrever”, enquanto a instrução das primas segue os melhores modelos da época. Seu currículo de história antiga e moderna, história natural, estudo dos planetas, geografia e cronologia é recomendado pelas grandes educadoras Hester Chapone e Anna Laetitia Barbauld como o mais adequado para as meninas. Em 1812, *Letters on the Improvement of the Mind, Addressed to a Young Lady* (1773), obra influente de Chapone, já havia sido editada várias vezes. E as duas cartas de Barbauld “Sobre estudos femininos” foram reunidas, após sua morte, em *A Legacy for Young Ladies* (1826). Explicitamente preocupado com a educação feminina, *Mansfield Park* analisa a distância intelectual e moral entre meras “prendas” e o saber mais profundo que indica autoconhecimento. Nos capítulos iniciais do romance, Austen se esforça para mostrar a diferença entre instrução aparente e instrução verdadeira. Mediante o contraste entre a formação das srtas. Bertram e a de Fanny, confirma a diferença, estabelecida também por Chapone, Barbauld e outros (em especial Maria e Richard Edgeworth, em *Practical Education* (1798)), entre a simples exibição de conhecimento (que as srtas. Bertram dominam) e esse conhecimento interior que só Fanny alcança e que denota a verdadeira aplicação (em oposição ao mero acúmulo) do saber. (Ver meu Prefácio para uma análise mais detalhada dessa passagem.)
 4. Provavelmente num livro escolar muito comum na época, como as duas histórias da Inglaterra (1764, 1774) de Oliver Goldsmith, que Susan Price lê mais adiante (ver nota 1, v. III, cap. XII).

CAPÍTULO III

1. Sir Thomas esperava reservar para Edmund, num futuro próximo, a renda de dois presbitérios. Porém a estroinice de Tom obrigou-o a ceder o presbitério de Mansfield (vago após a morte do reverendo Norris) a outro clérigo em caráter vitalício. Um clérigo podia assumir vários presbitérios (pluralismo), mas essa era uma questão controversa no início do século XIX: por um lado, justificava-se como uma necessidade, já que, em geral, um único presbitério apresentava poucos resultados financeiros; por outro lado, podia significar descumprimento do dever, já que era impossível residir em todos os presbitérios ao mesmo tempo. Edmund, que encara com profissionalismo e seriedade seus deveres clericais, mais tarde resolve (com a plena aprovação de Sir Thomas) residir na paróquia de Thornton Lacey (ver v. II, cap. VII).
2. A sra. Norris sabe dos “prejuízos” que Sir Thomas “sofrera recentemente em sua propriedade das Índias Ocidentais” (v. I, cap. III). Uma das primeiras colônias inglesas nas Índias Ocidentais, fundada em 1632, Antígua começou a perder

importância econômica no final do século XVIII. Nessa época, o empobrecimento do solo e a concorrência de ilhas colonizadas mais recentemente (em especial a ilha francesa de Saint Domingue) representaram um duro golpe para a fortuna dos fazendeiros ingleses. Em 1800, os lucros com o açúcar foram de apenas 2,5%, e, em 1807, os fazendeiros ingleses produziam com prejuízo. A abolição do tráfico negreiro (ver nota 1, v. II, cap. III), em 1807, estava intimamente relacionada com a necessidade de restringir a produção das novas ilhas mais bem-sucedidas. Ver Eric Williams, *Capitalism and Slavery* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1944), pp. 145-52; e Robin Blackburn, *The Overthrow of Colonial Slavery, 1776-1848* (Londres: Verso, 1988), pp. 304-5.

CAPÍTULO IV

1. O termo envolve posição política e interesses econômicos. Entre os “interesses” que sempre tinham de ser levados em conta na política do final do século XVIII e começo do XIX estavam os das Índias Orientais, os das Índias Ocidentais, os do centro financeiro e comercial de Londres e os dos proprietários de terras, que eram os mais antigos e mais “naturais”. É importante notar que “interesses” não era a mesma coisa que partidos políticos. Nesse caso, o que provavelmente está em pauta são os interesses dos velhos proprietários de terras em oposição aos interesses dos novos-ricos. No entanto, convém não estabelecermos diferenças muito simplistas entre terra e comércio, e, sim, lembrarmos que a riqueza de Sir Thomas provém de Antígua e que Mary Crawford descreve Mansfield Park como “uma casa moderna, espaçosa” (v. I, cap. V). Como vários críticos observaram, Sir Thomas tem algo de inseguro; aqui, essa insegurança se expressa em sua ansiedade para unir Maria e Rushworth, o que sugere que sua posição social talvez seja recente e precise de uma aliança com famílias tradicionais.
2. John Milton, *Paraíso perdido*, Livro 5, verso 19.

CAPÍTULO V

1. Henry Crawford se refere à sra. Grant, e não a Mary Crawford.
2. O mercado de gravuras de mansões e palácios situados no campo cresceu no século XVIII, junto com a moda das visitas a esse tipo de residência. Entre 1715 e 1725, por exemplo, Colen Campbell publicou os três volumes de *Vitruvius Britannicus*, sua grande obra sobre a arquitetura nacional que, em parte, celebra os solares campestres ingleses. Ver também nota 1, v. I, cap. IX.
3. As moças que haviam debutado iam a festas à noite e, frequentando a sociedade dos adultos, anunciavam que estavam disponíveis para casar. A situação ambígua de Fanny só se esclarece no baile (v. II, cap. IX) que muitos consideram seu baile de debutante: “Contudo, a srta. Price não fora treinada para o papel de *debutante*”. E, naturalmente, segue-se a esse baile o pedido de casamento de Henry Crawford.

CAPÍTULO VI

1. No século XVIII, “fazer melhorias” era uma prática comum entre grandes e médios proprietários. O presbitério de Steventon, berço natal de Jane Austen, passou por

“melhorias” em 1800 (*Letters*, p. 51). Segundo o historiador J. H. Plumb, “‘melhoria’ era a palavra mais usada na Inglaterra do século XVIII — falava-se, com frequência, de melhorias feitas na paisagem, nos jardins, na agricultura, na ciência, na indústria, na música, na arte, na literatura, na instrução secular e religiosa” (“The Acceptance of Modernity”, em Neil McKendrick, John Brewer e J. H. Plumb, *The Birth of a Consumer Society: The Commercialization of Eighteenth-Century England*, Londres: Europa Publications, 1982, p. 332). Mas, enquanto os mundanos Crawford são criticados por seus atos de “melhoria” irresponsáveis e cínicos, seu desrespeito a valores estabelecidos e a tudo que não envolve prazer, a filosofia e a prática da “melhoria” não são universalmente condenadas; outra interpretação da palavra abrange a avaliação final de Fanny Price, objeto do ato de “melhoria” realizado pela família Bertram. Ao discorrer sobre o sentido da educação, a narrativa estabelece uma comparação entre duas interpretações da ideia de melhoria: como consumo conspícuo e como dever pessoal, público e social.

2. Humphry Repton (1752-1818), paisagista profissional e sucessor de “Capability” Brown como o principal paisagista inglês. Rejeitando o estilo pitoresco de Richard Payne Knight e Uvedale Price, com seus extravagantes princípios de irregularidade estudada, Repton enfatizou a utilidade e a conveniência social. Alguns editores procuraram estabelecer uma relação entre o insípido sr. Rushworth e o paisagismo funcional de Repton, mas, na verdade, a alameda e os caminhos de cascalho em Mansfield Park e no presbitério e nossa ideia do parque e do jardim como extensões dos espaços sociais da casa são típicos da filosofia reptoniana. A admiração de Fanny Price pela alameda dos Grant (“seria difícil julgar se vale mais pelo conforto que proporciona ou pela beleza que oferece” (v. II, cap. IV)) e a reflexão subsequente sobre mudança e memória estão em harmonia com a convicção de Repton de que o bom design inspira considerações de ordem social e moral.
3. Variedade de abricó que recebeu o nome da casa de Sir William Temple (m. 1699), que cultivava essa fruta. Chapman cita W. Forsyth, *Treatise on Fruit Trees* (1802): “O *moor park* [...] é uma boa fruta e amadurece no final de agosto”.
4. O usuário do presbitério tinha de mantê-lo em boas condições. Caso contrário, seu sucessor podia mover uma ação contra ele ou seus testamentários por “deterioração”. Nesse contexto — a sra. Norris se gaba de seus projetos de melhoria no presbitério —, o termo tem uma boa carga de ironia.
5. Repton discute os prós e os contras da moda contemporânea de derrubar alamedas em *An Enquiry into the Changes of Taste in Landscape Gardening* (Londres, 1806):

O amor à ordem, à unidade, à antiguidade e à continuidade nos proporciona um prazer intenso, quando contemplamos uma longa e majestosa alameda [...]. No entanto, a maior objeção à alameda é que (sobretudo num terreno irregular) ela geralmente funciona como uma cortina que esconde o cenário mais interessante: é na abertura dessa cortina nos lugares adequados que consiste a utilidade da chamada interrupção de alameda [...]. Se fosse possível mudar a moda no *paisagismo* como no *vestuário*, sem outro inconveniente além dos gastos, poderíamos seguir seus ditames sem outras considerações; poderíamos ousar na modernização de lugares antigos e adequar toda melhoria ao capricho e à veneta do momento e no dia seguinte modificar tudo de novo; porém mudar a moda no paisagismo significa destruir o trabalho de séculos, derrubar esplêndidas

alamedas só porque foram plantadas em linha reta, de acordo com a moda da época. (pp. 25-7)

6. William Cowper, *The Task* (1785), Livro 1, versos 338-9. Durante seu exílio em Portsmouth, ao recordar outros versos do poeta, Fanny volta a encontrar no nostálgico tradicionalismo e na melancólica sensibilidade de Cowper sintonia com seus próprios sentimentos (ver nota 1, v. III, cap. XIV). Um dos poetas favoritos de Austen, Cowper também é admirado pela romântica Marianne Dashwood, em *Razão e sensibilidade* (1811).
7. A Marinha compreendia três esquadras: Vermelha, Branca e Azul, por ordem de antiguidade e importância. No passado, havia apenas nove almirantes, mas, em 1807, havia 166 chefes de esquadra — almirantes com bandeira própria. Em cada frota, o grau mais baixo de chefe de esquadra era o contra-almirante da Azul e o mais alto (e mais bem pago) era o almirante da Vermelha (ou almirante de esquadra). O almirante comandava os navios que ficavam no meio da frota; o vice-almirante, os que iam na frente; e o contra-almirante, os que seguiam na retaguarda. Nelson tornou-se contra-almirante da Azul em 1797, contra-almirante da Vermelha em 1799 e vice-almirante da Branca em 1801. Os irmãos marinheiros de Jane Austen se tornaram almirante de esquadra (Sir Francis Austen) e contra-almirante (Charles Austen) no reinado da rainha Vitória.

CAPÍTULO VII

1. Cesta de costura com material para fazer roupa para os pobres da paróquia. Na época, esperava-se que as senhoras da classe alta se dedicassem a obras de caridade, sobretudo nas décadas seguintes à Revolução Francesa, quando as relações entre as diversas camadas da sociedade inglesa estavam mais tensas. Ver, por exemplo, a exortação de Sarah Trimmer em seu influente tratado *The Oeconomy of Charity* (1787; ampliado e relançado em 2 v., Londres, 1801):

Atualmente, todos os ocupantes dos mais altos níveis da comunidade são chamados a atentar nas condições do povo simples, e acredito que as damas desta nação desejam, de coração, fazer sua parte pelo bem e pela melhoria de seus semelhantes indigentes e ignorantes. Com essa convicção e com a ajuda de advogados mais competentes, submeto a sua imparcial consideração minha proposta sobre o tema da caridade. (v. I, pp. xii-xiii)

2. *MP* (Chapman), p. 542, explica que, aqui, Groom não é o sobrenome, mas a profissão da personagem em questão: John, the Groom, ou seja, John, o Cavalariço.

CAPÍTULO VIII

1. Referência aos antigos direitos que os vassallos tinham de realizar assembleias e julgamentos sob a presidência do senhor feudal ou de seu intendente.

CAPÍTULO IX

1. A visita a Sotherton, embora tenha uma conotação familiar, guarda certa semelhança com uma visita mais impessoal, como a que Elizabeth Bennet e os Gardiner fazem a Pemberley, em *Orgulho e preconceito* (v. III, cap. I). O costume de visitar propriedades rurais teve início após a Restauração (1660) como um passatempo sério da pequena nobreza e difundiu-se a partir do século XVIII. Entre os primeiros relatos desse tipo de excursão estão *Journey Through England* (1722-3), de John Macky, e *Tour Through the Whole Island of Great Britain* (1724-6), de Daniel Defoe. Porteiros, jardineiros e governantas mostravam as casas e esperavam ganhar boas gorjetas. Mesmo com o acesso liberado pelo proprietário, visitar grandes mansões envolvia gastos, de modo que era uma atividade restrita a membros da pequena nobreza para cima. Ver John Harris, “English Country House Guides, 1740-1840”, em *Concerning Architecture: Essays on Architectural Writers and Writing presented to Nikolaus Pevsner*, org. de John Summerson (Londres: Allen Lane, 1968), pp. 58-74.
2. Imposto cobrado pela primeira vez na Inglaterra em 1696. Praticamente todas as casas habitadas pagavam dois xelins por ano mais o imposto correspondente ao número de janelas (quatro xelins para dez a dezenove janelas, por exemplo). No século XVIII, vários ministros interessados em aumentar a arrecadação aumentaram esse valor, notadamente Pitt, em 1784. O imposto foi reduzido em 1823 e abolido em 1851.
3. MP (Chapman), p. 543, chama atenção para o possível anacronismo. A sra. Rushworth informa aos visitantes que a capela, “tal como estão vendo-a, data do reinado de Jaime II”; no entanto, o *Oxford English Dictionary* menciona a palavra *mahogany* [mogno] pela primeira vez em 1671, e sua primeira referência a móveis feitos com ela está em Bramston, *Man of Taste* (1733). O breve reinado de Jaime II começou em 1685; portanto, se não é um erro, é um notável exemplo de luxo numa propriedade rural da remota Midlands, a região central da Inglaterra. Se é um erro, deve-se ao parco conhecimento da sra. Rushworth sobre sua propriedade — e, portanto, faz parte da crítica implícita a sua fuga das responsabilidades sociais e morais — ou (mais provavelmente) a um anacronismo de Austen; de qualquer modo, a decoração da capela sugere que ao longo de várias gerações o consumo conspicuo e os elementos luxuosos substituíram valores tradicionais e a devoção familiar. O ambiente é, portanto, adequado à discussão subsequente sobre o papel do clero na sociedade contemporânea.
4. Walter Scott, *The Lay of the Last Minstrel* (1805), Canto 2. Os versos que Fanny cita com algumas imprecisões são das estrofes 10 e 12, que descrevem os esplendores góticos da abadia de Melrose ao luar, onde

Muitos brasões e rotos estandartes
tremulavam ao frio vento noturno do céu

e

Sentaram-se numa lápide de mármore
(ali embaixo dormia um monarca escocês;)

The Lay, último poema narrativo de Scott relacionado com a Idade Média, foi um sucesso de vendas (15 mil exemplares em três anos) e estabeleceu a moda do romance histórico e da poesia de aventura. A familiaridade de Fanny com essa obra constitui mais uma indicação de sua sensibilidade romântica. Como seu entusiasmo por Cowper, sua leitura de Scott revela sua sensibilidade à natureza e sua melancólica consciência da passagem do tempo, tal como a percebe na mutabilidade dos sentimentos humanos, na mudança das estações, na transição das gerações. Essas são preocupações recorrentes em Fanny e na narrativa.

5. Com um “traçado excessivamente regular”, em parte natural, em parte artificial, como era moda no final do século XVII (cf. o Jardim do Éden, *Paraíso perdido*, Livro 5, verso 294: “Um jardim de delícias”), o labirinto de Sotherton é o cenário adequado para a “tentação” altamente alegórica dos jovens apaixonados.
6. O reverendo Hugh Blair (1718-1800) era professor de retórica e belas-letas na Universidade de Edimburgo e famoso por seu estilo. Seus *Sermões*, publicados em cinco volumes entre 1777 e 1801, eram objeto de tão grande admiração que o primeiro volume teve dezenove edições até 1794. Diz-se que Jorge III queria que todo jovem do reino tivesse um exemplar da Bíblia e um de Blair. O elogio de Mary Crawford talvez sugira sua convicção de que, em termos de religião, o estilo (e não o conteúdo) é tudo.
7. Recorria-se ao valado para delimitar um jardim ou parque sem prejudicar a contemplação do cenário.

CAPÍTULO X

1. Referência a Laurence Sterne, *Uma viagem sentimental através da França e da Itália* (1768). Em função das circunstâncias, é curiosa e pungente a alusão de Maria. Ameaçado com o encarceramento na Bastilha, Yorick, o herói de Sterne, tenta conseguir um passaporte e, portanto, a liberdade de viajar pela França. Suas reflexões sobre o caráter ilusório do encarceramento (quando a mente está livre) são ironicamente interrompidas e redirecionadas pelos gritos do estorninho engaiolado (“Não posso sair — Não posso sair”), cuja condição ele vê como emblemática da sua. O incidente conduz a uma crítica da escravidão e uma celebração da liberdade na Inglaterra. (Ver o capítulo intitulado “The Passport — The Hotel at Paris”.) Vários críticos (com destaque para Q. D. Leavis e Margaret Kirkham) escreveram sobre os aspectos confinantes de Sotherton. Ver também o comentário de Rushworth: “Ontem, quando voltei, Sotherton parecia uma prisão... uma prisão velha e sombria” (v. I, cap. VI).
2. Nas primeiras décadas do século XIX, a *Quarterly Review* (1809-) e a *Edinburgh Review* (1802-) eram os dois grandes periódicos que definiam as opiniões políticas e o gosto literário de um número crescente de leitores de uma classe média refinada. Enquanto a *Edinburgh* era liberal, a *Quarterly* era conservadora. Foi a *Quarterly* que, em 1816, publicou a primeira grande crítica a uma obra de Austen: a resenha de *Emma* escrita por Walter Scott, o romancista mais respeitado da época. John Murray, o editor de *Emma*, também era proprietário da *Quarterly*.

CAPÍTULO XI

1. Numa carta de 9 de janeiro de 1799 a sua irmã Cassandra, Austen ri de suas oportunidades de aprimorar seus dons: “Vou ser uma sumidade em música, quando sarar do resfriado [...]. De meu talento para o desenho já lhe mandei alguns exemplos nas cartas que lhe enviei, e não tenho nada a fazer, além de inventar uns nomes difíceis para as estrelas” (*Letters*, p. 34).

CAPÍTULO XII

1. Provavelmente, uma referência às complexas Leis da Caça que, como qualquer outra forma de legislação no século XVIII, definiam privilégios e status na sociedade rural, estabelecendo distinções entre homens “qualificados” e “não qualificados”. Segundo uma lei de 1670, só quem tinha muitas terras e um solar ou uma boa renda proveniente da terra podia matar uma lebre em seus domínios. A preocupação de Rushworth revela uma mistura de arrogância e apreensão quanto a seu lugar nessa hierarquia de privilégios relacionados com a propriedade de terras. Também é possível, considerando a data, que sua preocupação se deva a uma lei de 1808, segundo a qual o grande proprietário podia autorizar quem bem entendesse a caçar em seus domínios.
2. Dependendo da cronologia da narrativa (e várias datas foram propostas), muitos fatos que estavam ocorrendo no conturbado mundo da época podem ter suscitado esse comentário. Se datamos as peripécias de acordo com a referência aos *Contos* de Crabbe (v. I, cap. XVI), publicados em setembro de 1812, Tom poderia estar pedindo a opinião do dr. Grant sobre os primeiros acontecimentos da Guerra Anglo-Americana (junho de 1812-dezembro de 1814). Em parte relacionada com agravos ao comércio e à navegação, era uma “coisa esquisita”, talvez, porque os Estados Unidos declararam guerra à Inglaterra sem saber que a Inglaterra já havia retirado alguns dos embargos mais revoltantes ao comércio americano com a Europa. Frank, o irmão de Austen que era então capitão do navio inglês *Elefante*, envolveu-se na guerra com os Estados Unidos no outono de 1812.

CAPÍTULO XIII

1. Adaptação da comédia *Das Kind der Liebe* (1791), do alemão August von Kotzebue, feita por Elizabeth Inchbald e apresentada pela primeira vez no Covent Garden, em 1798. A peça teve muito sucesso em Londres e em grandes estações de água, entre 1798 e 1805: nada menos que seis montagens foram levadas ao Theatre Royal de Bath na época em que Austen morava lá (1801-5). “Intertexto” mais complexo de *Mansfield Park*, a peça desempenha no romance uma função estrutural e ideológica que tem sido objeto de numerosas discussões críticas. Embora acabe não sendo encenada, *Juras de amor* estabelece padrões de comportamento e linhas de ação que se mantêm até o final da narrativa. O enredo se resume no seguinte: a paupérrima Agatha Friburg (papel de Maria Bertram) reencontra Frederick (Henry Crawford), seu filho ilegítimo, que perdera anos antes e que agora é um soldado ansioso para dar baixa; os dois se unem e são hospedados por bondosos camponeses (Tom Bertram e a sra. Grant; na ausência da sra. Grant, Fanny por fim concorda em fazer o papel). Agatha fica chocada ao saber que o proprietário local é seu antigo sedutor, o barão Wildenhaim (o sr. Yates), agora viúvo com uma filha, Amelia (Mary

Crawford). Amelia está secretamente apaixonada por Anhalt (Edmund Bertram), capelão e conselheiro espiritual do barão arrependido. Porém o pai quer casá-la com o rico e vaidoso conde Cassel (o sr. Rushworth) e pede a Anhalt que a aconselhe sobre o amor e o casamento. Isso leva a cenas previsíveis, em que Amelia e Anhalt inevitavelmente acabam descobrindo que se amam. Entrementes, Frederick, mendigando pela mãe, ameaça o barão com sua espada e é preso. Amelia intercede pelo jovem prisioneiro, e ao saber que Frederick é seu filho ilegítimo, o barão decide corrigir seu erro, casando com Agatha. Agora desinteressado de riqueza e posição social, consente no casamento de Amelia e Anhalt; e a peça termina em reconciliação.

2. Farsa musical escrita por Prince Hoare e publicada em 1794.
3. Peças alemãs como as de Kotzebue se popularizaram na Inglaterra a partir da década de 1790; os conservadores as associavam com radicalismo político e individualismo exacerbado, sentimentalismo e subjetividade e as condenavam por colocar os sentimentos acima da autoridade paterna, da lei e da moralidade.
4. Herói de *Douglas, a Tragedy* (1757), de John Home, muito aplaudida no final do século XVIII. Tom refere-se à fala mais famosa da peça, no segundo ato: “Meu nome é Norval; nos montes Grampian, meu pai apascenta seus rebanhos”.

CAPÍTULO XIV

1. *O jogador* (1753), tragédia de Edward Moore, estreou com o famoso ator David Garrick no papel de Beverley, o protagonista; foi apresentada no Covent Garden em 1797 e 1803. *Os rivais* (1775) e *A escola da maledicência* (1777) são comédias de Richard Brinsley Sheridan. *A roda da fortuna* (1795) é uma comédia de Richard Cumberland, e *O herdeiro legítimo* (1808) é uma comédia de George Colman, o Jovem.

CAPÍTULO XVI

1. Lord George Macartney (1737-1806). *Plates to his Embassy to China* foi publicado em 1796; mas o *Journal of the Embassy* apareceu pela primeira vez em *Some Account of the Public Life, and a Selection from the Unpublished Writings of the Earl of Macartney* (1807), de Sir John Barrow. Ver Austen, *Letters*, p. 199.
2. Os *Contos* de George Crabbe foram publicados em setembro de 1812. Crabbe era um dos poetas favoritos de Austen, que aqui parece mostrar como Fanny estava atualizada na leitura.
3. *The Idler*, no original. Série de artigos sobre temas diversos, mas geralmente edificantes, que Samuel Johnson escreveu para a *Universal Chronicle or Weekly Gazette* entre 1758 e 1760. Mais adiante, Fanny aparentemente alude ao texto sobre a memória (ver nota 2, v. II, cap. IV).

CAPÍTULO XVII

1. Isaac Hawkins Browne, *A Pipe of Tobacco: in Imitation of Six Several Authors* (1736), sendo os autores: Cibber, Philips, Thomson, Young, Pope e Swift. O poema

aparece na popular *Collection of Poems. By Several Hands*, de Robert Dodsley (v. 2, 1748), pp. 276-83. (Ver também nota 1, v. II, cap. XII.)

VOLUME II

CAPÍTULO I

1. Os perigos habituais de uma longa viagem marítima como a de Sir Thomas teriam sido agravados pela guerra naval com a França napoleônica. As possessões inglesas das Índias Ocidentais eram vulneráveis a ataques durante as guerras da Independência americana e napoleônicas. Corsário era um navio armado, comandado por seu proprietário particular, mas com autorização do governo para agir contra nações hostis, sobretudo capturando navios mercantes.

CAPÍTULO III

1. A pergunta aparentemente simples de Fanny vem dando margem a significativos comentários críticos e sua interpretação é de grande importância para as leituras pós-coloniais do romance realizadas a partir do final da década de 1980. Como em muitas outras passagens cruciais, a cronologia interna é difícil de determinar e fundamental para estabelecer com precisão as associações contemporâneas e o contexto da pergunta. Se aceitamos a cronologia de Chapman, que situa o baile de Fanny em dezembro de 1808, Sir Thomas parte para Antígua em outubro de 1806 e volta em outubro de 1808. Outras datas propostas para a ação do romance situam a viagem em 1803-6, 1805-7, 1808-9 e 1808-10. Com base no fato de Fanny estar lendo os *Contos* de Crabbe, publicados em setembro de 1812, poderíamos propor uma data contemporânea à elaboração do romance e situar a viagem de Sir Thomas entre outubro de 1810 e outubro de 1812. As datas são importantes, porque, dependendo da cronologia escolhida, a pergunta de Fanny sobre o tráfico negreiro é anterior ou posterior à abolição e, neste caso, pode ter sido feita logo após a abolição ou bem depois; e essas diferenças implicam perguntas bem distintas. A Lei da Abolição foi aprovada em março de 1807 e implantada em duas etapas: a partir de 1º de maio de 1807, nenhum navio podia partir de qualquer porto das possessões britânicas com escravos a bordo; e a partir de março de 1808, nenhum escravo podia ser desembarcado. A lei não aboliu a escravidão, só o tráfico de escravos. Esses acontecimentos políticos suscitam uma série de indagações: o interesse de Fanny pelo tráfico negreiro contém uma crítica a esse tráfico? Devemos estabelecer uma comparação entre a situação dos escravos e a colonização de Fanny? E qual é a relação (se existe alguma) entre as duas? Para uma análise detalhada da pergunta de Fanny à luz da provável cronologia do romance, ver Brian Southam, “The Silence of the Bertrams: Slavery and the Chronology of *Mansfield Park*”, *Times Literary Supplement*, 17 de fevereiro de 1995, pp. 13-4.

CAPÍTULO IV

1. Em geral, acredita-se que a referência a “uma total mudança de assunto — ordenação” na carta que Austen enviou a sua irmã Cassandra em janeiro de 1813 tem a ver com seu projeto mais recente, *Mansfield Park*. Alguns críticos até acham — equivocadamente, pois o romance estava bem avançado nessa data — que “ordenação” é o tema da obra, e não, como parece aqui, mais um tema dentro do romance. Apenas uma frase separa a referência do pedido: “Se você puder descobrir se Northamptonshire é uma terra de sebes, eu ficarei muito contente” (*Letters*, p. 202).
2. Essa passagem é interessante sobretudo por causa da inesperada eloquência de Fanny. Com alusões ao texto de Johnson sobre a arte da memória (*The Idler* 74, 15 de setembro de 1759), lembra-nos as leituras de Fanny (*The Idler* está entre os livros da sala leste, v. I, cap. XVI). A observação final de Johnson — “A verdadeira arte da memória é a arte da atenção” — ironicamente se confirma na indiferença de Mary Crawford às reflexões de Fanny: “Impassível e desatenta, a srta. Crawford não teve o que dizer”.
3. A história está em *Le siècle de Louis XIV* (1752), de Voltaire. Quando lhe perguntaram o que achava mais notável em Versalhes, o doge respondeu: “C’est de m’y voir” [É que eu esteja aqui]. Chapman observa que Austen pode ter encontrado essa história na carta que Johnson escreveu à sra. Thrale em 30 de setembro de 1773. (Ver *The Letters of Samuel Johnson*, org. de Bruce Redford, 5 v., Princeton, NJ: Princeton University Press, 1992-4, v. 2, p. 94.)
4. *MP* (Chapman), p. 545, remete à carta de Austen datada de 14 de outubro de 1813: “Dizem que ele se chama Henry. Prova da desigualdade com que a Fortuna distribui seus dons. Já conheci muitos John e Thomas bem mais simpáticos” (*Letters*, p. 237).
5. A parte fornecida pelo viveirista e pelo avicultor. O mirto era consagrado a Vênus e tradicionalmente simboliza o amor.

CAPÍTULO V

1. Ou Austen, ou Lady Bertram, esqueceu que Fanny jantou no presbitério pouco após a chegada dos Crawfords (ver v. I, cap. V).
2. Pequenos luxos (lit. “pequenos prazeres”); ou seja, a renda será suficiente para despesas miúdas.

CAPÍTULO VI

1. O famoso ancoradouro deve seu nome a um banco de areia que começa no lado oeste da entrada do porto de Portsmouth, estende-se por cerca de três quilômetros para o sudeste e termina numa ponta chamada Spit.
2. Escrevendo para a irmã Cassandra em 24 de janeiro de 1813, Austen comenta: “Sir J. Carr me informou que não há palácio do governo em Gibraltar. Tenho de mudar para comissariado” (*Letters*, p. 198). Refere-se a Sir John Carr, *Descriptive Travels in the Southern and Eastern Parts of Spain* (1811), e mostra a preocupação de Austen com detalhes alheios a seu entorno.

CAPÍTULO VII

1. Sempre que Austen acrescenta um carteadado (nessa ocasião envolvendo seis participantes), o leitor pode ter certeza de que ela vai utilizar as regras e sutilezas sociais do jogo escolhido para elucidar um jogo social que está ocorrendo nesse ponto da narrativa. É o que acontece aqui. A principal característica do *speculation* era “comprar e vender trunfos; quem tem o maior trunfo ganha a partida” (*Oxford English Dictionary*). É uma oportunidade de mostrar as energias “especulativas” dos Crawford, cuja participação no jogo é pontuada por sugestões de melhorias na futura moradia de Edmund e por manobras para chamar a atenção de Fanny. Para Mary, pelo menos, o jogo é infrutífero: “Todo o prazer que tivera com a partida de *speculation* desaparecera”. Sabemos que Austen gostava desse jogo (*Letters*, pp. 163-4 e 167).

CAPÍTULO VIII

1. Em 27 de maio de 1801, Austen escreveu a Cassandra sobre os presentes que Charles, o irmão marinhoiro, comprara com o dinheiro do último butim: “Ele recebeu trinta libras pelo corsário e espera receber mais dez; mas de que adianta ganhar esse dinheiro se o gasta com presentes para as irmãs? Ele anda comprando correntes de ouro e cruzeiros de topázio para nós; precisamos repreendê-lo” (*Letters*, p. 91). Na época, Charles servia no *Endimion*, navio que Austen menciona na parte do romance referente a Portsmouth (v. III, cap. VII). Acredita-se que suas experiências como aspirante nas Índias Ocidentais e suas peripécias no início da carreira serviram de modelo para a criação de William Price. (Ver J. H e Edith Hubback, *Jane Austen’s Sailor Brothers*, 1906, p. 21.)

CAPÍTULO IX

1. Carruagem de aluguel, com troca de cavalos a intervalos regulares; era um meio de transporte rápido, porém caro, como a sra. Norris insinua mais adiante (v. III, cap. VI).

CAPÍTULO X

1. Segunda referência a Walter Scott, *The Lay of the Last Minstrel* (1805) (ver nota 4, v. I, cap. IX). Ver Canto 1, estrofe 20:

A dama esqueceu seu intento
por um instante, não mais;
por um instante olhou como mãe
sob o arco da porta detendo-se

No contexto, a alusão é estranha: a orgulhosa e vingativa Dama de Branksome (ou Branksome) não é a contraparte medieval da tímida Fanny. Contudo, como indicação de seus entusiasmos secretos, a menção a esse poema de altas proezas constitui um comentário jocoso sobre seu triunfo nessa noite.

CAPÍTULO XII

1. Verso de “Je ne scai Quoi. A Song”, de William Whitehead (1715-85), poeta e dramaturgo menor que, em 1757, se tornou Poeta Laureado:

Sim, estou apaixonado, agora sinto,
e CAELIA me desgraçou;
e, no entanto, juro que não sei como
o doce mal de mim se apoderou.

Como *A Pipe of Tobacco*, de Hawkins Browne (ver nota 1, v. I, cap. XVII), o poema aparece na *Collection of Poems*, de Dodsley, v. 2, p. 260, onde Austen possivelmente o leu.

CAPÍTULO XIII

1. Em *Memoir of Jane Austen and Other Family Recollections* (1870; rev. 1871), James Edward Austen-Leigh, sobrinho da romancista, fala do “interesse maternal” de Austen por suas personagens e informa que, “se solicitada, ela nos contava muitos detalhes sobre algumas”. Foi assim que ela revelou que a soma “considerável” que a sra. Norris deu a William Price foi “uma libra”. Lady Bertram, naturalmente, lhe dá “apenas dez libras” (*Memoir of Jane Austen*, org. de R. W. Chapman, Oxford: Clarendon, 1926, pp. 157-8).

VOLUME III

CAPÍTULO III

1. De *Henrique VIII*, de Shakespeare. Sobre a importância intertextual da peça em *Mansfield Park*, ver Isobel Armstrong, *Mansfield Park*, pp. 85-9.
2. Sobre a importância que se dava, na época, ao talento para ler em voz alta, comparar, por exemplo, os seguintes comentários. “A senhorita acha que ler bem é mais raro que pregar bem. Realmente, minha cara srta. Mulso. Por que não ocorreu a algum digno benfeitor criar em todas as universidades uma cátedra de leitura na língua materna, como as de grego e das várias ciências? O que não fizeram os franceses pela deles, muito menos importante, no século passado?” (*The Correspondence of Samuel Richardson [...] selected from the original manuscripts*, org. de Anna Laetitia Barbauld, 6 v., Londres, 1804, v. 3, p. 237, carta à srta. Mulso, 2 de agosto de 1757.) Em *The Female Reader*, que compilou em 1789 “para o aprimoramento das jovens”, Mary Wollstonecraft incluiu trechos de várias obras para incentivar as moças a lerem em voz alta, argumentando: “As mulheres não são treinadas para se tornar oradoras ou atrizes [...] porém saber ler com propriedade certamente é um objetivo desejável: para facilitar essa tarefa e exercitar a voz foram selecionados muitos diálogos” (*The Female Reader*, Londres, 1789, p. V).

CAPÍTULO V

1. Em *Juras de amor*, ato III, cena 2. A fala de Anhalt que começa com “Quando dois corações em harmonia” descreve o casamento ideal e feliz. Mas a longa fala seguinte descreve um casamento infeliz: “Quando a conveniência e a bela aparência, junto com a insensatez e o mau humor, forjam os grilhões do matrimônio, com seu peso atormentam o casal”. Significativamente, considerando a narrativa mais extensa dos casamentos fracassados, Mary ignora a segunda fala.

CAPÍTULO VII

1. O dinheiro obtido com a venda do navio ou da carga do inimigo apreendidos era dividido entre os que realizaram a apreensão. Com sua parte, Charles Austen comprou cruzeiros de topázio e correntes de ouro para as irmãs, em 1801 (ver nota 1, v. II, cap. VIII). Dependendo da patente, podia-se ganhar uma quantia considerável capturando navios estrangeiros particulares. Em *Persuasão* (1818), entre soldo e butim, o capitão Wentworth ganhou “vinte e cinco mil libras” durante a guerra com a França e “subiu tanto na carreira quanto o mérito e a atividade poderiam permitir”.
2. Portsmouth era desde muito um lugar de grande importância estratégica para a defesa e as campanhas ofensivas da Inglaterra. Belos edifícios e extensas fortificações demonstravam a prosperidade e a importância militar de Portsmouth no final do século XVIII e começo do XIX. Fanny e William entram na cidade pelo parque público, cruzam a porta principal, Landport Gate, com sua ponte levadiça sobre o fosso, e vão ter à High Street, a rua principal. Atualmente, não é possível entrar em Portsmouth por esse caminho.
3. Provavelmente um agente ou fornecedor naval de Portsmouth. Austen menciona Turner em duas ocasiões, relacionando-o com remessas para seus irmãos marinheiros: em 11 de abril de 1805, para enviar uma carta a Frank, “que agora está à espera em Spithead”; e em 11 de janeiro de 1809, para enviar um tapete a Charles (*Letters*, pp. 102 e 164). Deirdre Le Faye questiona Chapman quanto à identificação de Turner como William Turner, estabelecido na High Street, 85 (*Letters*, p. 580).
4. “Tenho uma coisa em andamento que, espero [...], vai vender bem, embora esteja longe de ser divertida. Por falar nisso, você acha ruim que eu mencione o *Elefante* e mais dois ou três navios em que você serviu? Eu *mencionei*, mas não vou além disso, para não aborrecê-lo. Apenas mencionei” (*Letters*, p. 217, 6 de julho de 1813, a Frank Austen, que, na época, estava no Báltico e era capitão do *Elefante*). Neste capítulo, Austen cita quatro navios dos irmãos: o *Elefante*; o *Canopo*, no qual Frank serviu em 1805-6 e participou da batalha de Santo Domingo; e dois navios de Charles: o *Endimião*, em que ele atuou como aspirante e, depois, como tenente, e o *Cleópatra*, cujo comando ele assumiu em setembro de 1810.
5. A maior e mais meridional das ilhas da Frísia Ocidental, ao norte da Holanda, e ponto estratégico no bloqueio dos mares europeus.
6. Situado no final da Broad Street, era o mais utilizado por quem chegava a Portsmouth pelo mar (*The New Portsmouth, Southsea, Anglesey, and Hayling Island Guide*, 1834, p. 21).
7. “A Grand Parade se situa na parte mais baixa da High Street e é bem espaçosa; pode-se passar em revista dois regimentos com facilidade. De um lado fica a casa da guarda da guarnição. Um suave alicive conduz à plataforma, onde está a principal

bateria de salva e de onde se tem uma esplêndida vista de Spithead e da ilha de Wight” (*The Portsmouth Guide; Or, A Description of the Ancient and Present State of the Place...*, Portsmouth, 1775, p. 8).

8. O comentário de William Price encerra uma passagem na qual as edições de 1814 e 1816 divergem sensivelmente. O que as distingue é a escolha da terminologia náutica. Uma tradição atribui aos irmãos de Austen, tecnicamente mais habilitados, as variantes mais significativas em *Mansfield Park*, assim como as que se referem a lei em *Razão e sensibilidade*. A restauração da forma de 1814, feita pela primeira vez numa edição moderna, indica a preferência pela autoridade pessoal “incorreta” de Austen. Incorreta, mas não desinformada; pois as cartas aos irmãos deixam claro que ela seguiu os conselhos que considerou adequados a suas necessidades antes da publicação. (Ver, por exemplo, nota 4, v. III, cap. VII.) *MP* (1816), a segunda edição geralmente adotada, traz o seguinte texto:

“Já soube da novidade? A *Tordo* saiu do porto hoje de manhã. Assim, de repente [...]. O velho Scholey veio correndo, na hora do desjejum, para dizer que ela tinha soltado as amarras e estava saindo. Eu dei um pulo e com duas passadas cheguei à plataforma. [...] Ela está perto do *Endimião*, entre este e o *Cleópatra*, bem a leste daquele navio abandonado.”

“Ah!”, William exclamou. “*Exatamente* onde eu a colocaria. É o melhor lugar de Spithead.” (*MP* (1816), v. III, pp. 150-1)

Parece que Sir Geoffrey Keynes foi o primeiro a apontar a revisão de termos náuticos no romance, em “The Text of *Mansfield Park*”, *TLS*, 30 de agosto de 1923, p. 572.

CAPÍTULO VIII

1. “A oeste de Spithead há outro ancoradouro, chamado Motherbank, onde os navios mercantes ficam, quando são detidos pelo mau tempo” (*The New Portsmouth, Southsea, Anglesey, and Hayling Island Guide*, 1834, p. 49).
2. Em *The History of Rasselas, Prince of Abissinia* (1759), cap. 26: “No matrimônio há muito sofrimento, porém no celibato não há nenhum prazer”.

CAPÍTULO IX

1. As bibliotecas circulantes, que geralmente cobravam uma taxa de inscrição elevada e uma assinatura anual, proliferaram pelas cidades inglesas a partir do final do século XVIII em função da crescente procura, pois, na época, o preço dos livros chegava a ser proibitivo. A maioria dessas bibliotecas se concentrava em gêneros populares; era o caso da Minerva Library, de William Lane, que oferecia romances góticos e sentimentais. Evidentemente, o gosto de Fanny por “biografia e poesia” é mais apurado. Portsmouth ganhou uma biblioteca circulante em 1805, e *The New Portsmouth, Southsea, Anglesey, and Hayling Island Guide* registra duas bibliotecas circulantes em 1834.

CAPÍTULO X

1. O estaleiro

é considerado o maior e mais esplêndido do mundo conhecido. Parece uma cidade pelo número de moradias, escritórios, armazéns, paióis e outros edifícios construídos para diversas finalidades. Contém quantidades inacreditáveis de tudo que é necessário para a Marinha real. Nunca emprega menos de 2 mil homens e, em tempo de guerra, emprega mais de 2500; na última guerra, todos eram disciplinados e compunham uma unidade regular, pronta para entrar em ação, se houvesse necessidade. Estavam sob o comando do diretor, que atuava como seu coronel; o mestre de obras era o tenente-coronel; o chefe do escritório era o major; os capitães e subalternos eram escolhidos entre os demais funcionários. (*The Portsmouth Guide*, 1775, pp. 23-4)

No começo do século XIX, durante as guerras napoleônicas, foram instaladas nos estaleiros as máquinas inventadas por Isambard Brunel para a produção maciça de roldanas.

2. “As belonaves nos picadeiros e as que estão sendo reparadas nos estaleiros muito impressionam os visitantes, assim como a facilidade para deixar a terra firme a bordo desses castelos flutuantes que saem dos estaleiros e aguardam no cais” (*The Portsmouth Guide*, 1775, pp. 27-8).

CAPÍTULO XI

1. Frequentada pelos integrantes da guarnição no começo do século XIX, essa capela é hoje uma ruína, preservada como memorial de guerra. Lembranças de infância dessa capela medieval podem ser a causa da romântica decepção de Fanny com a capela da família Rushworth em Sotherton (v. I, cap. IX). Segundo um guia antigo, havia na capela da guarnição monumentos aos mortos nas guerras da Independência americana e napoleônicas:

Na extremidade leste da Grand Parade, ergue-se a Capela da Guarnição, chamada *Domus Dei*, único remanescente de um antigo hospital, construído e dotado em 1238 para anciãos [...] a capela, ou melhor, a parte da capela-mor, é tudo que restou do antigo edifício. Nessa capela-mor, há o suficiente para despertar admiração ao belo estilo arquitetônico da época de sua construção; e há uma espécie de história monumental das guerras da Inglaterra que pode ser lida em numerosos e esplêndidos monumentos ali colocados em homenagem a um grande número dos bravos guerreiros: “que, tendo pela pátria morrido, repousam em paz e silêncio”. (*The New Portsmouth, Southsea, Anglesey, and Hayling Island Guide*, 1834, p. 16).

2. “As muralhas são um belo passeio elevado, com dois quilômetros de extensão, margeado de elmos e mantido na mais perfeita ordem. Dessa altura a vista ilimitada do mar, em contraste com a vista da terra e dos campos, é uma das mais impressionantes que se poderia imaginar. Na verdade, tem sido objeto da maior admiração dos visitantes e podemos dizer que assim será enquanto as belezas da

natureza e da arte continuarem merecendo nossa atenção” (*The Portsmouth Guide*, 1775, p. 9).

A apreciação convencional da paisagem, primeiro pela narradora, depois por Fanny e Henry Crawford, tem algo de guia de turismo.

CAPÍTULO XII

1. Oliver Goldsmith escreveu duas histórias da Inglaterra que se tornaram muito populares. *An History of England, in a series of letters from a nobleman to his son* (2 v., 1764), publicada por John Newbery, livreiro especializado em obras para crianças, foi muito usada nas escolas. A *History of England* (4 v., 1771) foi, na forma resumida de 1774, a mais bem-sucedida, com mais de cinquenta edições no século seguinte. Acredita-se que as histórias de Goldsmith foram a única referência externa para a “History of England” (1791), da própria Austen.

CAPÍTULO XIV

1. William Cowper, *Tirocinium: or, A Review of Schools* (1785), v. 562:

A vara denteada, que, dia após dia, perde
dente após dente até ficar lisa,
atesta, muito antes da liberação,
a intensidade com que ele anseia por seu lar.

CAPÍTULO XV

1. No início do século XIX, os escândalos da alta sociedade já estavam na pauta dos jornais. Os editores se protegiam de problemas legais com artifícios facilmente compreensíveis, como o uso de iniciais em lugar de nomes, mas se esmeravam nos detalhes. Em sua edição das cartas de Austen (*Letters*, 2. ed., 1952, p. 197 e nota), Chapman identifica o que considera uma possível inspiração para esse episódio; mas as circunstâncias e a forma de publicação eram tão comuns na época que não há necessidade de confirmar um caso específico.

Cronologia

- 1775 Jane Austen nasce em 16 de dezembro, segunda filha e sétimo rebento do reverendo George Austen, pároco de Steventon, em Hampshire, e de sua esposa, Cassandra Leigh. A família era bem relacionada, mas não era rica. Dois de seus irmãos entraram para a Marinha e um deles chegou ao posto de almirante de esquadra.
- 1776 Declaração de Independência dos Estados Unidos.
- 1778 Frances Burney publica *Evelina*.
- 1785-6 Jane Austen e a irmã Cassandra frequentam a Abbey School, em Reading, Berkshire.
- 1787 Jane Austen começa a escrever obras de ficção curtas e paródicas conhecidas como sua *Juvenilia*.
- 1789 Eclode a Revolução Francesa.
- 1792 Mary Wollstonecraft publica *Reivindicação dos direitos da mulher*.
- 1793 A Inglaterra entra em guerra com a França revolucionária.
- 1794 Ann Radcliffe publica *Os mistérios de Udolfo*.
- 1795 Jane Austen escreve *Elinor e Marianne*, uma primeira versão de *Razão e sensibilidade*.
- 1796 Ascensão de Napoleão Bonaparte na França.
- 1796-7 Jane Austen escreve *Primeiras impressões*, uma primeira versão de *Orgulho e preconceito*.
- 1797 *Primeiras impressões* é levado a um editor e recusado.
- 1798-9 Jane Austen escreve *Susan*, uma primeira versão de *A abadia de Northanger*.
- 1801 O pai de Jane Austen se aposenta, e a família se muda para Bath.
- 1802 Jane Austen aceita a proposta de casamento de Harris Bigg-Wither, mas muda de ideia no dia seguinte.
Na França, Napoleão é nomeado cônsul vitalício.
- 1803 *Susan* é vendido por dez libras ao editor Crosby, que não o publica.
- 1804 Jane Austen escreve *The Watsons*, romance inacabado.
Napoleão é coroado imperador.
- 1805 O pai de Jane Austen morre. Batalha de Trafalgar.
- 1806 Jane Austen se muda para Southampton com a mãe e a irmã.
- 1809 Jane Austen se muda com a mãe e a irmã para Chawton, em

- Hampshire, onde mora até o fim da vida numa casa de seu irmão Edward.
- 1811 *Razão e sensibilidade* é publicado.
O rei Jorge III adoece, e o príncipe de Gales é nomeado regente.
- 1813 *Orgulho e preconceito* é publicado.
- 1814 *Mansfield Park* é publicado.
- 1815 *Emma* é publicado em dezembro com data de 1816 e dedicado ao príncipe regente.
Wellington e Blücher derrotam os franceses na batalha de Waterloo, pondo fim às guerras napoleônicas.
- 1816 A saúde de Jane Austen começa a deteriorar-se; ela conclui *Persuasão*. *Susan* é comprado de volta de Crosby. Walter Scott faz uma crítica lisonjeira de *Emma* na *Quarterly Review*.
- 1817 De janeiro a março, Jane Austen trabalha em *Sanditon*. Em 18 de julho, morre em Winchester, para onde fora a fim de receber tratamento médico, e é enterrada na catedral da cidade. Em dezembro, seu irmão Henry supervisiona a publicação de *A abadia de Northanger* e *Persuasão* (datada de 1818), com uma nota biográfica sobre a autora.

Outras leituras

OPINIÕES CONTEMPORÂNEAS

Considerando o prestígio que *Mansfield Park* conquistou em tempos recentes, é curioso que não tenha recebido nenhuma crítica por ocasião do lançamento. O *British Critic* e a *Critical Review* publicaram opiniões sobre *Razão e sensibilidade* e *Orgulho e preconceito*, os dois romances anteriores. Walter Scott também se referiu a esses romances em sua resenha de *Emma* — a primeira crítica importante de Jane Austen, publicada na *Quarterly Review* 14, de 1815, nas pp. 188-201 —, mas sequer mencionou *Mansfield Park*. A explicação mais simples para esse silêncio está na informação contida no frontispício de *Emma*, em que aparece “da autora de *Orgulho e preconceito* etc. etc.”. É, portanto, uma sorte termos os 38 comentários que a própria Austen reuniu e transcreveu sob o título “Opiniões acerca de *Mansfield Park*”. Variando de algumas palavras a um parágrafo, esses comentários são os primeiros de uma série de opiniões de amigos e parentes que Austen registrou. Ver R. W. Chapman (Org.), *The Works of Jane Austen*, 6 v., *Minor Works*, v. 6, Londres: Oxford University Press, 1954 (revisado por B. C. Southam, 1972), pp. 431-5, e Index 2, pp. 469-73.

BIBLIOGRAFIA

Os “Jane Austen Studies”, incluídos regularmente no *Jane Austen Society Reports* (1949-), uma publicação da Jane Austen Society (Chawton, Hants), fornecem uma atualização anual da bibliografia básica. *Persuasions On-Line*, a versão eletrônica de *Persuasions*, uma publicação da Jane Austen Society of North America (JASNA), contém, a partir do v. 22 (inverno de 2001), bibliografias atualizadas periodicamente. Ver: <<http://www.jasna.org/index.html>>.

GILSON, David, *A Bibliography of Jane Austen*. Oxford: Clarendon, 1982; ed. rev., Winchester, Hants: St. Paul's Bibliographies, 1997.

- GREY, J. David; LITZ, A. Walton Litz; SOUTHAM, Brian (Orgs.). *The Jane Austen Companion*. Nova York, 1986.
- LITTLEWOOD, Ian (Org.). *Jane Austen: Critical Assessments*, 4 v. Mountfield: Helm Information Ltd, 1998.
- ROTH, Barry; WEINSHEIMER, Joel. *An Annotated Bibliography of Jane Austen Studies*, 1952-72. Charlottesville, VA: University Press of Virginia, 1973.
- ROTH, Barry. *An Annotated Bibliography of Jane Austen Studies*, 1973-83. Charlottesville, VA: University Press of Virginia, 1985.
- . *An Annotated Bibliography of Jane Austen Studies*, 1984-1994. Athens: Ohio University Press, 1996.

BIOGRAFIA

- AUSTEN, Henry. “Biographical Notice of the Author”, publicada como prefácio de *Northanger Abbey* e *Persuasion*. Londres: John Murray, 1818.
- AUSTEN, Jane. “Memoir of Miss Austen”, publicada como prefácio de *Sense and Sensibility*. Londres: Richard Bentley, 1833.
- . *Jane Austen’s Letters*. 3. ed. Org. de Deirdre Le Faye. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- AUSTEN-LEIGH, James Edward. *A Memoir of Jane Austen* (1870; rev. 1871). In: SUTHERLAND, Kathryn (Org.). *A Memoir of Jane Austen and Other Family Recollections*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- AUSTEN-LEIGH, William; AUSTEN-LEIGH, Richard Arthur. *Jane Austen: A Family Record* (1913), rev. e ampl. por Deirdre Le Faye. Londres: British Library, 1989.
- CHAPMAN, R. W. *Jane Austen: Facts and Problems*. Oxford: Clarendon, 1948.
- FERGUS, Jan. *Jane Austen: A Literary Life*. Londres: Macmillan, 1991.
- HONAN, Park. *Jane Austen: Her Life*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1987.
- HUBBACK, J. H.; HUBBACK, Edith C. *Jane Austen’s Sailor Brothers: Being the Adventures of Sir Francis Austen, G. C. B., Admiral of the Fleet, and Rear-Admiral Charles Austen*. Londres: John Lane, 1906.
- JENKINS, Elizabeth. *Jane Austen: A Biography*. Londres: Gollancz, 1938; ed. rev., 1948.
- NOKES, David. *Jane Austen: A Life*. Londres: Fourth Estate, 1997.
- SHIELDS, Carol. *Jane Austen*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 2001.
- TOMALIN, Claire. *Jane Austen: A Life*. Londres: Viking, 1997.
- TUCKER, George Holbert. *A History of Jane Austen’s Family*. Stroud: Sutton Publishing Ltd, 1998. Publicada anteriormente como *A Goodly Heritage: A History of Jane Austen’s Family* (Manchester: Carcanet New Press, 1983).
- WOOLF, Virginia. “Jane Austen”. In: *The Common Reader, First Series*. Londres: Hogarth Press, 1925. Baseado na resenha original de Woolf, “Jane Austen at Sixty”, em *The Nation*, em 15 de dezembro de 1923.

CRÍTICA

Jane Austen: The Critical Heritage, em 2 volumes, organizado por B. C. Southam (Londres: Routledge and Kegan Paul, 1968, 1987), contém opiniões de importantes escritores e críticos sobre Austen (v. 1, 1811-70; v. 2, 1870-1938). Segue-se uma lista altamente seletiva de algumas das obras de crítica mais recentes.

ARMSTRONG, Isobel. *Mansfield Park*, Penguin Critical Studies. Harmondsworth: Penguin, 1988.

AUERBACH, Nina. "Jane Austen's Dangerous Charm: Feeling as One Ought about Fanny Price". In: TODD, Janet (Org.). *Jane Austen: New Perspectives*. Women and Literature, NS 3. Londres: Holmes and Meier, 1983.

BUTLER, Marilyn. *Jane Austen and the War of Ideas*. Oxford: Clarendon, 1975; reimpr. com nova introdução, 1987.

COPELAND, Edward; MCMASTER, Juliet McMaster (Orgs.). *The Cambridge Companion to Jane Austen*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

DUCKWORTH, Alistair M. *The Improvement of the Estate: A Study of Jane Austen's Novels*. Londres: Johns Hopkins University Press, 1971.

EASTON, Fraser. "The Political Economy of *Mansfield Park*: Fanny Price and the Atlantic Working Class", *Textual Practice* 12, 1998, pp. 459-88.

FERGUSON, Moira. "*Mansfield Park*: Slavery, Colonialism, and Gender". *Oxford Literary Review* 13, 1991, pp. 118-39.

FLEISHMAN, Avrom. *A Reading of Mansfield Park: An Essay in Critical Synthesis*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1967.

GILES, Paul, "‘Another World Must Be Unfurled’: Jane Austen and America". In: *Transatlantic Insurrections: British Culture and the Formation of American Literature, 1730-1860*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2001.

JOHNSON, Claudia L. *Jane Austen: Women, Politics, and the Novel*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

KAPLAN, Deborah. *Jane Austen among Women*. Londres: Johns Hopkins University Press, 1992.

KIRKHAM, Margaret. *Jane Austen, Feminism, and Fiction*. Brighton: Harvester Press, 1983.

LASCELLES, Mary. *Jane Austen and Her Art*. Oxford: Clarendon, 1939.

LEAVIS, Q. D. Introdução a *Mansfield Park*. Londres: Macdonalds Illustrated Classics, 1957; reimpr. como "The First Modern Novel in England", em B. C. Southam, *Jane Austen, Sense and Sensibility, Pride and Prejudice, and Mansfield Park: A Casebook*. Londres e Basingstoke: Macmillan, 1976.

LYNCH, Deidre (Org.). *Janeites: Austen's Disciples and Devotees*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2000.

MACDONAGH, Oliver. *Jane Austen: Real and Imagined Worlds*. New Haven: Yale University Press, 1991.

MUSSELWHITE, David E. "Return to *Mansfield Park*". In: *Partings Welded Together: Politics and Desire in the Nineteenth-Century English Novel*. Londres: Methuen, 1987.

PARK, You-me; RAJAN, Rajeswari Sunder (Orgs.). *The Post-colonial Jane Austen*. Londres: Routledge, 2000.

POOVEY, Mary. *The Proper Lady and the Woman Writer: Ideology as Style in the Works of Mary Wollstonecraft, Mary Shelley, and Jane Austen*. Chicago: Chicago University Press,

- 1984.
- ROBERTS, Warren. *Jane Austen and the French Revolution*. Londres: Macmillan 1979.
- SAID, Edward W. "Jane Austen and Empire". In: EAGLETON (Org.). *Raymond Williams: Critical Perspectives*. Boston: Northern University Press, 1989. ["Jane Austen e o império". In: *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2001.]
- SALES, Roger. *Jane Austen and Representations of Regency England*. Londres: Routledge, 1994.
- SOUTHAM, B. C. *Jane Austen's Literary Manuscripts: A Study of the Novelist's Development through the Surviving Papers*. Londres: Oxford University Press, 1964.
- STEWART, Maaja A. *Domestic Realities and Imperial Fictions: Jane Austen's Novels in Eighteenth-Century Contexts*. Londres: University of Georgia Press, 1993.
- TANNER, Tony. *Jane Austen*. Basingstoke: Macmillan, 1986.
- TRILLING, Lionel. "Jane Austen and *Mansfield Park*". In: *The Opposing Self*. Nova York: Viking Press, 1955.
- TUITE, Clara. *Romantic Austen: Sexual Politics and the Literary Canon*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- WALDRON, Mary. *Jane Austen and the Fiction of Her Time*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- WILTSHIRE, John. *Jane Austen and the Body*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- WOOD, Nigel (Org.). *Mansfield Park*. Theory in Practice Series. Buckingham: Open University Press, 1993.
- YEAZELL, Ruth Bernard. "Fanny Price's Modest Loathings". In: *Fictions of Modesty: Women and Courtship in the English Novel*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

Copyright do prefácio e das notas © 1996 by Kathryn Sutherland
Copyright da introdução original Penguin Classics © 1966
by Tony Tanner
Copyright da nota sobre o texto e da cronologia © 1995, 2003
by Claire Lamont

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered
and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Mansfield Park

PREPARAÇÃO
Lígia Azevedo

REVISÃO
Ana Maria Barbosa
Carmen T. S. Costa

ISBN 978-85-438-0127-8

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br